



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGL

MARIA IVANETE DE SANTANA FELIX

**ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS FALADO
PELOS BARÉ, TUKANO E BANIWA EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA (AM)
TOMO I**

BELÉM/PARÁ

2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

F316e Felix, Maria Ivanete de Santana
Estudo Geossociolinguístico do Léxico do Português falado pelos Baré, Tukano e Baniwa em São Gabriel da Cachoeira(AM) TOMOS I e II / Maria Ivanete de Santana Felix. — 2019.
517 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Abdelhak Razky Coorientação: Prof^a.
Dra. Eliete de Jesus Bararuá Solano
Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

1. Geossociolinguística, Área Indígena, Variação Lexical. I.
Título.

MARIA IVANETE DE SANTANA FELIX

**ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS FALADO
PELOS BARÉ, TUKANO E BANIWA EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA (AM)
TOMO I**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará como requisito para a obtenção do título de Doutor em Linguística.

Linha de Pesquisa: Análise, descrição e documentação das línguas naturais.

Orientador: Prof. Dr. Abdelhak Razky

Co-orientadora: Profa. Dra. Eliete de Jesus Bararuá Solano.

BELÉM/PARÁ

2019

MARIA IVANETE DE SANTANA FELIX

**ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS FALADO
PELOS BARÉ, TUKANO E BANIWA EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA
(AM)
TOMO I**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará como requisito para a obtenção do título de Doutor em Linguística.

Linha de Pesquisa: Análise, descrição e documentação das línguas naturais.

Orientador: Prof. Dr. Abdelhak Razky

Co-orientadora: Profa. Dra. Eliete de Jesus Bararú Solano.

Aprovado em ____/____/____.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Abdelhak Razky (Orientador)
Universidade Federal do Pará (UnB/UFPA)

Profa. Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral (membro externo)
Universidade de Brasília (UnB)

Profa. Dra. Carmem Lúcia Reis Rodrigues (membro externo)
Universidade Estadual do Pará (UFPA-Castanhal)

Profa. Dra. Regina Célia Fernandes Cruz (membro interno)
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Prof. Dr. Sidney da Silva Facundes (membro interno)
Universidade Federal do Pará (UFPA)

À minha querida família

Roberto, Flávia, Roberto

Heitor e Bento.

AGRADECIMENTOS

Expressarei aqui minha gratidão aos que participaram diretamente da realização desta etapa de minha vida. A Deus, por intercessão de N. S. de Nazaré, que me deu forças para executar esta tarefa e também por colocar em meu caminho pessoas especiais. Às mãos fortes de minha família, meu marido, minha filha, meu filho, meus netos pelos conselhos bem-vindos, pelo cuidado no dia-a-dia, pela compreensão, pelas distrações. Sem vocês, tudo seria bem mais difícil. Obrigada à Professora Ana Suelly por me direcionar ao GeoLinTerm. Obrigada ao Professor Razky pela orientação e pela confiança no meu trabalho. Obrigada à minha amiga-irmã e co-orientadora Eliete Solano por me apresentar à pesquisa de campo e saber soltar minha mão no momento certo. Obrigada aos colegas do projeto, Eliane, Regis, Romário, Amanda, Diego, Gabriela, Jaqueline pela ajuda sempre que necessário, pelo carinho com que me receberam e pelo apoio no decorrer desta pesquisa. Obrigada ao Professor Edilson Baniwa e à Ângela Silva que abriram caminhos para que fôssemos bem-vindas a São Gabriel da Cachoeira. Obrigada a todas da Casa Uka Surí pela hospedagem. Obrigada à Dalva Costa e à Sílvia Benchimol pela assessoria com as línguas estrangeiras. Obrigada à Carla Soares, José Damasceno e Vanda Amin pelo companheirismo profissional. Obrigada à Cristina Caldas pelas palavras de incentivo. Obrigada aos meus colaboradores entrevistados. Obrigada à Walciane Liz pelo apoio na organização estrutural do trabalho. Obrigada ao Edson Maia, que me enviou sua tese, indispensável para minha pesquisa, antes mesmo de defendê-la. Obrigada ao Raimundo Nonato Mattar Júnior e ao Thalisson Assis pelo pronto atendimento em todas as minhas idas à Secretaria do PPGL. Obrigada à minha banca de qualificação, professoras Ana Suelly, Socorro Cardoso, professor Razky pelas contribuições e pela gentileza de compartilharem conhecimentos para meu crescimento acadêmico. Obrigada à minha Banca de Defesa, professores Razky, Ana Suelly, Regina Cruz, Carmem Rodrigues e Sidney Facundes. Obrigada a todos que participaram pelo menos em parte deste percurso, e não foram poucos, meu muitíssimo obrigada!

RESUMO

O reconhecimento das diferenças ou das igualdades que a língua de uma comunidade reflete é uma forma de responder aos fatores extralinguísticos inerentes aos falantes, indo além do aspecto espacial, essa é uma concepção atual considerada pela Dialectologia Pluridimensional Relacional; e, a presente tese de doutorado, inserida nesta perspectiva, apresenta como objetivo geral investigar a variação lexical do Português falado pelos índios Baré, Tukano e Baniwa, na Sede do Município São Gabriel da Cachoeira, no estado do Amazonas (AM), registrando-a em cartas linguísticas com enfoque na identificação das dimensões diatópica, diageracional, diassexual e diastrática. As principais referências teórico-metodológicas que servem como base para o presente estudo são: Thun (1998, 2000); Razky (1996, 2013) e Cardoso (1999), no que diz respeito aos trabalhos dialetológicos e geossociolinguísticos propriamente ditos, e Rodrigues (1963, 1985, 1986); Rodrigues e Cabral (2002); Felix (2002), no que diz respeito às línguas indígenas. O método geolinguístico priorizou o *locus* da pesquisa para a aplicação, principalmente, de questionários: o primeiro, Questionário Sociolinguístico (QS) do projeto Atlas Sonoro das Línguas Indígenas do Brasil (ASLIB); o segundo, o Questionário metalinguísticos/epilinguísticos; e o terceiro, o Questionário Semântico-Lexical do projeto Atlas Linguístico do Brasil (QSL-ALiB-2001). Foram selecionados três pontos de inquérito, sendo entrevistados oito colaboradores de cada língua das duas faixas etárias, de diferentes sexos e de diferentes graus de escolaridade, totalizando 24 consultantes. Por meio dos dados coletados e tratados, foram selecionados 40 itens lexicais referentes a treze campos semânticos. Considerando-se a análise das quatro dimensões, constatou-se que neste espaço geográfico há uma forte pluralidade lexical para designar um mesmo item lexical, no entanto, não há uma delimitação geográfica restrita à realização das variantes lexicais encontradas entre os pontos de inquérito. Sobre a comparação com os dados dos Atlas: Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM), Atlas Linguístico do Sul Amazonense (ALSAM) e Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), a maioria dos dados comparados evidenciam maior aproximação em relação as variantes registradas no ALSAM que, influenciadas por fatores sócio-históricos, apontam para traços lexicais específicos de uma micro área, diferindo-se do Português falado em outras áreas da região amazônica e do Português padrão. Esta pesquisa proporcionará contribuições tanto para os estudos da Geossociolinguística de Razky e da Dialectologia Pluridimensional de Thun, quanto para os Atlas amazônicos ALAM e ALSAM, bem como para o ASLIB e o GeoLinTerm, projetos aos quais este trabalho está vinculado.

Palavras-chave: Geossociolinguística. Área Indígena. Variação Lexical.

ABSTRACT

The awareness of the differences or similarities existing in a community's language is a response to the extralinguistic factors inherent to the speakers. Searching beyond the geographical aspect, we attest this assertion corresponds to a current conception within the scope of Pluridimensional and Relational Dialectology. This doctoral thesis, in line with this perspective, has as its general objective, to investigate the lexical variation of the Portuguese language spoken by the Baré, Tukano and Baniwa indigenous groups, in São Gabriel da Cachoeira (SGC) municipality, located in the state of Amazonas (AM), registering its features by means of linguistic maps with emphasis upon the diatopic, diagerational, diasexual and diastratic dimensions. The main theoretical and methodological contributions to this investigation rely on the studies of Thun (1998, 2000); Razky (1996, 2013) and Cardoso (1999), concerning the fields of dialectology and geosociolinguistics; Rodrigues (1963, 1985, 1986); Rodrigues and Cabral (2002); and Felix (2002), in respect of indigenous languages. The geolinguistic method accounts for the definition of the research locus and for the data collection procedures, mainly through questionnaires. The first one was the Sociolinguistic Questionnaire (SQ) from the project *Atlas Sonoro das Línguas Indígenas do Brasil* (ASLIB); the second, was the Metalinguistic/Epilinguistic Questionnaire; and the third one was the Lexical-Semantic Questionnaire from the project *Atlas Linguístico do Brasil* (QSL-ALiB-2001). Three enquiry points have been set, and eight speakers from each language, either sex, distinct educational levels and two different age ranges were interviewed, totaling 24 consultants. Forty lexical items referring to thirteen semantic fields were picked out of the collected and treated data. Results stemming from the analysis of the four dimensions, demonstrated that in this geographical area there is a significant lexical plurality to designate one same lexical item; however, there is no geographical delimitation restricted to the realization of the lexical variants found among the enquiry points. Considering the data from the Linguistic Atlas of Amazon (ALAM), Linguistic Atlas of Southern Amazon State (ALSAM) and Linguistic Atlas of Brazil (ALiB), the majority of the compared data provide evidences that there is more accentuated proximity of the variants registered in the ALSAM atlas. The Portuguese currently spoken in SGC, despite the socio historical factors, does not point to specific lexical items of a micro area, and presents slight distinction from the Portuguese spoken in other areas of the Amazon region and from the standard Portuguese language. This research will provide contributions to the fields of Geosociolinguistics and Pluridimensional Dialectology, having Razky and Thun as lead researchers respectively, as well as to the studies developed in the state of Amazon and to the ASLIB and GeoLinTerm projects to which this investigation is linked.

Keywords: Geosociolinguistics. Indigenous Area. Lexical Variation.

RÉSUMÉ

La reconnaissance des différences ou des similitudes que la langue d'une communauté présente c'est une manière de répondre aux facteurs extralinguistiques inhérente aux parlours qui dépasse l'aspect spatial, c'est une conception actuelle considérée par la Dialectologie Multidimensionnelle Relationnelle. Ce travail de thèse, que s'insère dans cette perspective, porte sur l'étude de la variation lexicale du Portugais parlé par les indiens/indigènes Baré, Tukano et Baniwa, dans la ville de São Gabriel da Cachoeira, à l'état d'Amazonas (AM), en l'enregistrant dans des cartes linguistique axé sur l'identification des dimensions diagenérationnelle, diassexuelle et diastratique. Les références théoriques et méthodologiques de cette thèse ce sont : Thun (1998, 2000); Razky (1996, 2013) et Cardoso (1999), concernat les œuvres dialectologiques et géosociolinguistiques elles-mêmes, et e Rodrigues (1963, 1985, 1986); Rodrigues e Cabral (2002); Felix (2002), en ce qui concerne les langues autochtones. La méthode géolinguistique a donné la priorité au locus de la recherche pour l'application, surtout, de questionnaires : le premier, le Questionário Sociolinguístico (QS) du projet Atlas Sonoro das Línguas Indígenas do Brasil (ASLIB); le deuxième, le Questionnaire metalinguistiques/épilinguistiques; et le troisième, le Questionário Semântico-Lexical du projet Atlas Linguístico do Brasil (QSL-ALiB-2001). Trois points d'enquête ont été sélectionnés : huit collaborateurs de chaque langue de deux différentes groupes d'âge, de différents sexes et de différents niveaux de scolarisation, ont été interrogés, soit un total de 24 consultants. À partir des données collectés et traités, 40 items lexicaux de treize champs sémantiques ont été sélectionnés. L'analyse des quatre dimensions, on a constaté que, dans cet espace géographique, il existe une très forte pluralité lexicale pour désigner un seul élément lexical. Cependant, il n'existe aucune délimitation géographique restreinte à la réalisation des variantes lexicales trouvées entre les points d'enquête. Concernant la comparaison avec les données de Atlas Linguístico do Amazonien (ALAM), Atlas Linguístico do Sud Amazonien (ALSAM) et Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), la plupart des données comparés montrent une approximation plus grande par rapport aux variantes enregistrés dans l'ALSAM. En dépit de facteurs historiques et sociaux, la langue portugaise actuelle de la SGC, ne fait pas ressortir les caractéristiques lexicales d'une microrégion, qui diffèrent peu du portugais parlé dans d'autres régions de l'Amazonie et du portugais standard. Cette thèse contribuera aux études sur la Géosociolinguistique de Razky aussi et à la Dialectologie Multidimensionnelle de Thun, ainsi que pour l'Atlas amazônicos ALAM et ALSAM et aussi pour ASLIB e o GeoLinTerm, projets auxquels ce travail est lié.

Mots-clés: Géosociolinguistique. Zone Indigène. Variation Lexiale.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Espaço variacional e disciplinas da variação.....	42
Figura 2 - Mapa fonético sonoro do ALiSPA do item noite	45
Figura 3 - Especificações fonéticas do mapa fonético sonoro do ALiSPA referente ao item noite	46
Figura 4 - Rede de pontos do ALAM.....	56
Figura 5 - Rede de pontos do ALSAM.....	58
Figura 6 - São Gabriel da Cachoeira	62
Figura 7 - Foto aérea de São Gabriel da Cachoeira.....	63
Figura 8 - São Gabriel Da Cachoeira (AM)	82
Figura 9 - Parque Nacional do Pico da Neblina	82
Figura 10 - Rede de Pontos	84
Figura 11 - Carta Base.....	90
Figura 12 - CL001 Campo Semântico Acidentes geográficos: Pinguela.....	96
Figura 13 - Ponte	101
Figura 14 - CL002 Campo Semântico Acidentes geográficos: Redemoinho (de água).....	102
Figura 15 - Panelão.....	107
Figura 16 - CL003 Campo Semântico Fenômenos atmosféricos: Onda de rio.....	107
Figura 17 - Banheiro em SGC	112
Figura 18 - Banheiro do Conhecimento.....	112
Figura 19 - CL004 Campo Semântico Fenômenos atmosféricos: Chuva de pedra.....	112
Figura 20 - Alto Rio Negro-inavegável.....	118
Figura 21 - Chuva de granizo Alto Rio Içana.....	118
Figura 22 - CL005 Campo Semântico Fenômenos atmosféricos: Garoa.....	118
Figura 23 - Chuvisco (Garoa).....	123
Figura 24 - CL006 Campo Semântico: Astros e tempo: Via Láctea.....	123
Figura 25 - Constelações	129
Figura 26 - CL007 Campo Semântico Atividades Agropastoris: Banana dupla.....	129
Figura 27 - Banana dupla	134
Figura 28 - CL008 Campo Semântico Atividades Agropastoris: Inflorescência da bananeira	134
Figura 29 - Inflorescência da bananeira	139
Figura 30 - CL009 Campo Semântico Atividades Agropastoris: Mandioca.....	140
Figura 31 - Processamento da mandioca	144
Figura 32 - Mandioca	145
Figura 33 - CL010 Campo Semântico Atividades Agropastoris: Jacá/Balaio	146
Figura 34 - Jacá/ Balaio.....	151
Figura 35 - CL0011 Campo Semântico Atividades Agropastoris: Bolsa.....	151
Figura 36 - Bolsa	156
Figura 37 - CL0012 Campo Semântico Atividades Agropastoris: Picada.....	156
Figura 38 - Picada.....	161
Figura 39 - CL013 Campo Semântico Fauna: Cotó	161

Figura 40- Cotó.....	166
Figura 41- CL014 Campo Semântico Fauna: Gambá	166
Figura 42- Mucura.....	171
Figura 43- CL015 Campo Semântico Fauna: Libélula.....	171
Figura 44- Libélula	176
Figura 45- CL016 Campo Semântico Fauna: Pernilongo	176
Figura 46- Carapanã	180
Figura 47- CL017 Campo Semântico Corpo humano: Perneta.....	181
Figura 48- Aleijada.....	185
Figura 49- CL018 Campo Semântico Ciclos da vida: Ama de leite	186
Figura 50- Mãe de leite.....	190
Figura 51- CL019 Campo Semântico Ciclos da vida: Menina.....	191
Figura 52- Menina	195
Figura 53- CL020 Campo Semântico Convívio e comportamento social: Prostituta	195
Figura 54- CL021 Campo Semântico Convívio e comportamento social: Xará.....	200
Figura 55 - Xará.....	203
Figura 56 - CL022 Campo Semântico Convívio e comportamento social: Designações para Bêbado.....	204
Figura 57- Pinguço	210
Figura 58 - CL023 Campo Semântico Convívio e comportamento social: Cigarro de Palha	210
Figura 59 - Porronca.....	214
Figura 60 - CL024 Campo Semântico Religião e crenças: Diabo.....	215
Figura 61- CL025 Campo Semântico Religião e crenças: Feitiço	220
Figura 62 - Feitiço	224
Figura 63 - CL026 Campo Semântico Religião e crenças: Amuleto	225
Figura 64 - Amuleto	229
Figura 65 - CL027 Campo Semântico Religião e crenças: Benzedeira	230
Figura 66 - Benzedeira	234
Figura 67 - CL028 Campo Semântico Religião e crenças: Curandeiro	235
Figura 68 - Curandeira/ Pajé.....	240
Figura 69 - CL029 Campo Semântico Jogos e diversões infantis: Cambalhota	240
Figura 70 - Cambalhota.....	244
Figura 71 - CL030 Campo Semântico Jogos e diversões infantis: Bolinha de gude	245
Figura 72 - Peteca.....	249
Figura 73 - CL031 Campo Semântico Jogos e diversões infantis: Estilíngue	250
Figura 74 - Baladeira.....	253
Figura 75 - CL0032 Campo Semântico Habitação: Tramela	254
Figura 76 - Tramela.....	258
Figura 77 - CL033 Campo Semântico Habitação: Veneziana.....	259
Figura 78 - Veneziana	262
Figura 79 - CL034 Campo Semântico Habitação: Vaso sanitário	263
Figura 80 - Vaso	267
Figura 81 - CL035 Campo Semântico Vestuário e acessórios: Rouge	268

Figura 82 - Rouge/Maquiagem.....	272
Figura 83 - CL036 Campo Semântico Vida Urbana: Sinaleiro.....	272
Figura 84 - Semáforo.....	277
Figura 85 - CL037 Campo Semântico Vida Urbana: Lombada.....	277
Figura 86 - Quebra-mola	281
Figura 87 - CL038 Campo Semântico Vida urbana: Rotatória	281
Figura 88 - Bola (Rotatória)	285
Figura 89 - CL039 Campo Semântico Vida urbana: Lote.....	286
Figura 90 - Lote (Terreno).....	289
Figura 91 - CL040 Campo Semântico Vida urbana: Ônibus Interurbano.....	290
Figura 92 - Barco.....	294
Figura 93 – Ônibus Interestadual	294

LISTA DE CARTAS

CL001 Campo Semântico Acidentes geográficos: Pinguela.....	96
CL002 Campo Semântico Acidentes geográficos: Redemoinho (de água)	102
CL003 Campo Semântico Fenômenos atmosféricos: Onda de rio.....	107
CL004 Campo Semântico Fenômenos atmosféricos: Chuva de pedra.....	112
CL005 Campo Semântico Fenômenos atmosféricos: Garoa.....	118
CL006 Campo Semântico: Astros e tempo: Via Láctea.....	123
CL007 Campo Semântico Atividades Agropastoris: Banana dupla.....	129
CL008 Campo Semântico Atividades Agropastoris: Inflorescência da bananeira.....	134
CL009 Campo Semântico Atividades Agropastoris: Mandioca.....	140
CL010 Campo Semântico Atividades Agropastoris: Jacá/Balaio	146
CL0011 Campo Semântico Atividades Agropastoris: Bolsa	151
CL0012 Campo Semântico Atividades Agropastoris: Picada.....	156
CL013 Campo Semântico Fauna: Cotó.....	161
CL014 Campo Semântico Fauna: Gambá	166
CL015 Campo Semântico Fauna: Libélula	171
CL016 Campo Semântico Fauna: Pernilongo	176
CL017 Campo Semântico Corpo humano: Perneta.....	181
CL018 Campo Semântico Ciclos da vida: Ama de leite	186
CL019 Campo Semântico Ciclos da vida: Menina	191
CL020 Campo Semântico Convívio e comportamento social: Prostituta	195
CL021 Campo Semântico Convívio e comportamento social: Xará.....	200
CL022 Campo Semântico Convívio e comportamento social: Designações para Bêbado	204
CL023 Campo Semântico Convívio e comportamento social: Cigarro de Palha.....	210
CL024 Campo Semântico Religião e crenças: Diabo	215
CL025 Campo Semântico Religião e crenças: Feitiço	220
CL026 Campo Semântico Religião e crenças: Amuleto	225
CL027 Campo Semântico Religião e crenças: Benzedeira	230
CL028 Campo Semântico Religião e crenças: Curandeiro	235
CL029 Campo Semântico Jogos e diversões infantis: Cambalhota	240
CL030 Campo Semântico Jogos e diversões infantis: Bolinha de gude	245
CL031 Campo Semântico Jogos e diversões infantis: Estilíngue	250
CL0032 Campo Semântico Habitação: Trâmela.....	254
CL033 Campo Semântico Habitação: Veneziana	259
CL034 Campo Semântico Habitação: Vaso sanitário	263
CL035 Campo Semântico Vestuário e acessórios: Rouge	268
CL036 Campo Semântico Vida Urbana: Sinaleiro.....	272
CL037 Campo Semântico Vida Urbana: Lombada.....	277
CL038 Campo Semântico Vida urbana: Rotatória	281
CL039 Campo Semântico Vida urbana: Lote.....	286
CL040 Campo Semântico Vida urbana: Ônibus Interurbano.....	290

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Pinguela	97
Tabela 2 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Pinguela	97
Tabela 3 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Pinguela	98
Tabela 4 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Redemoinho.....	103
Tabela 5 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Redemoinho.....	103
Tabela 6 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Redemoinho.....	104
Tabela 7 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Onda de rio	108
Tabela 8 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Onda de rio	108
Tabela 9 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Onda de rio	109
Tabela 10 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Chuva de pedra..	113
Tabela 11 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Chuva de pedra.....	114
Tabela 12 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Chuva de Pedra.....	115
Tabela 13 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Garoa	119
Tabela 14 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Garoa	120
Tabela 15 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Garoa	120
Tabela 16 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Via Láctea.....	124
Tabela 17 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Via láctea.....	125
Tabela 18 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Via láctea.....	126
Tabela 19 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Banana gêmea....	130
Tabela 20 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Banana gêmea.....	131
Tabela 21 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Banana gêmea.....	131
Tabela 22 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Inflorescência da bananeira.....	135
Tabela 23 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Inflorescência da bananeira.....	136
Tabela 24 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Inflorescência da bananeira.....	137
Tabela 25 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Mandioca	141
Tabela 26 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Mandioca	141
Tabela 27 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Mandioca.....	142
Tabela 28 – Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Jacá/Balaio	147
Tabela 29 – Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Jacá/Balaio	147
Tabela 30 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Jacá/Balaio.....	148
Tabela 31 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Bolsa	152
Tabela 32 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Bolsa.....	153
Tabela 33 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Bolsa.....	153
Tabela 34 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Picada	157
Tabela 35 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Picada	158
Tabela 36 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Picada	158
Tabela 37 – Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Cotó.....	162
Tabela 38 – Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Cotó.....	163

Tabela 39 – Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Cotó.....	163
Tabela 40 – Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Gambá.....	167
Tabela 41 – Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Gambá.....	168
Tabela 42 – Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Gambá.....	168
Tabela 43 – Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Libélula	172
Tabela 44 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Libélula.....	173
Tabela 45 – Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Libélula	173
Tabela 46 – Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Pernilongo	177
Tabela 47 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Pernilongo	178
Tabela 48 – Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Pernilongo.....	178
Tabela 49 – Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Perneta	182
Tabela 50 – Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Perneta	182
Tabela 51 – Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Perneta	183
Tabela 52 – Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Ama de leite.	187
Tabela 53 – Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Ama de leite	187
Tabela 54 – Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Ama de leite.....	188
Tabela 55 – Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Menina	192
Tabela 56 – Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Menina	192
Tabela 57 – Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Menina	193
Tabela 58 – Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Prostituta	196
Tabela 59 – Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Prostituta	197
Tabela 60 – Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Prostituta.....	197
Tabela 61 – Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Xará.....	201
Tabela 62 – Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Xará.....	201
Tabela 63 – Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Xará.....	202
Tabela 64 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Designações de bêbado.....	205
Tabela 65 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Designações de bêbado	205
Tabela 66 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Designações de bêbado	206
Tabela 67 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Cigarro de Palha	211
Tabela 68 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Cigarro de Palha.	212
Tabela 69 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Cigarro de Palha.	212
Tabela 70 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Diabo	216
Tabela 71 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Diabo	216
Tabela 72 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Diabo	217
Tabela 73 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Feitiço	221
Tabela 74 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Feitiço.....	221
Tabela 75 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Feitiço.....	222
Tabela 76 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Amuleto	226
Tabela 77 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Amuleto	226
Tabela 78 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Amuleto.....	227
Tabela 79 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Benzedeira	231

Tabela 80 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Benzedeira	231
Tabela 81 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Benzedeira	232
Tabela 82 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Curandeiro	236
Tabela 83 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Curandeiro	236
Tabela 84 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Curandeiro	237
Tabela 85 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Cambalhota	241
Tabela 86 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Cambalhota.....	242
Tabela 87 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Cambalhota.....	242
Tabela 88 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Bolinha de gude .	246
Tabela 89 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Bolinha de gude	246
Tabela 90 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Bolinha de gude	247
Tabela 91 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Estilíngue	251
Tabela 92 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Estilíngue	251
Tabela 93 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Estilíngue	252
Tabela 94 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Tramela.....	255
Tabela 95 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Tramela.....	255
Tabela 96 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Tramela.....	256
Tabela 97 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Veneziana	260
Tabela 98 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Veneziana	260
Tabela 99 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Veneziana	261
Tabela 100 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Vaso sanitário ..	264
Tabela 101 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Vaso sanitário	264
Tabela 102 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Vaso sanitário	265
Tabela 103 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Rouge.....	269
Tabela 104 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Rouge.....	269
Tabela 105 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Rouge.....	270
Tabela 106 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Sinaleiro.....	273
Tabela 107 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Sinaleiro.....	274
Tabela 108 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Sinaleiro.....	274
Tabela 109 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Lombada	278
Tabela 110 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Lombada	279
Tabela 111 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Lombada	279
Tabela 112 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Rotatória	282
Tabela 113 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Rotatória	283
Tabela 114 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Rotatória	283
Tabela 115 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Lote	287
Tabela 116 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Lote.....	287
Tabela 117 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Lote.....	288
Tabela 118 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Ônibus Interstadual.....	291
Tabela 119 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Ônibus Interstadual	291
Tabela 120 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Ônibus Interstadual	292

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Povos e línguas indígenas do alto e médio rio Negro.....	49
Quadro 2 - Distinções entre Guarani e a Língua Geral.....	51
Quadro 3 - Línguas da família Tupí-Guaraní no Brasil.....	51
Quadro 4 - Distinções entre as línguas do Tukano Oriental.....	53
Quadro 5 - Línguas das famílias Tukano, Maku e Yanomami no Brasil.....	55
Quadro 6 - Censo 2010.....	69
Quadro 7 - Estratificação dos colaboradores.....	86
Quadro 8 - Variáveis controladas.....	89
Quadro 9 - Variantes de Pinguela – ALiB, ALAM, ALSAM.....	93
Quadro 10 - Variantes de Pinguela nos Dicionários.....	93
Quadro 11 - Variantes de Pinguela – ALiB, ALAM, ALSAM.....	98
Quadro 12 - Variantes de Pinguela nos Dicionários.....	99
Quadro 13 - Variantes de Redemoinho – ALiB, ALAM, ALSAM.....	105
Quadro 14 - Variantes de Redemoinho nos Dicionários.....	105
Quadro 15 - Variantes de Onda de rio – ALiB, ALAM e ALSAM.....	109
Quadro 16 - Variantes de Onda de rio nos Dicionários.....	110
Quadro 17 - Variantes de Chuva de pedra – ALiB, ALAM e ALSAM.....	115
Quadro 18 - Variantes de Chuva de pedra nos Dicionários.....	116
Quadro 19 - Variantes de Garoa - ALiB, ALAM e ALSAM.....	121
Quadro 20 - Variantes de Garoa nos Dicionários.....	122
Quadro 21 - Variantes de Via láctea – ALiB, ALAM e ALSAM.....	126
Quadro 22 - Variantes de Via láctea nos Dicionários.....	127
Quadro 23 - Variantes de Banana dupla - ALiB, ALAM e ALSAM.....	132
Quadro 24 - Variantes de Banana dupla nos Dicionários.....	133
Quadro 25 - Variantes de Inflorescência da bananeira - ALiB, ALAM e ALSAM.....	137
Quadro 26 - Variantes de Inflorescência da bananeira nos Dicionários.....	138
Quadro 27 - Variantes de Mandioca - ALiB, ALAM e ALSAM.....	142
Quadro 28 - Variantes de Mandioca nos Dicionários.....	143
Quadro 29 - Variantes de Jacá/ Balaio - ALiB, ALAM e ALSAM.....	149
Quadro 30 - Variação de Jacá/ Balaio nos Dicionários.....	149
Quadro 31 - Variante de Bolsa - ALiB, ALAM e ALSAM.....	154
Quadro 32 - Variantes de Bolsa nos Dicionários.....	155
Quadro 33 - Variante de Picada - ALiB, ALAM e ALSAM.....	159
Quadro 34 - Variantes de Picada nos Dicionários.....	160
Quadro 35 - Variação de Cotó – ALiB, ALAM, ALSAM.....	164
Quadro 36 - Variação de Cotó nos Dicionários.....	165
Quadro 37 - Variação de Gambá – ALiB, ALAM, ALSAM.....	169
Quadro 38 - Variação de Gambá nos Dicionários.....	170
Quadro 39 - Variação de Libélula – ALiB, ALAM, ALSAM.....	174
Quadro 40 - Variação de Libélula nos Dicionários.....	174
Quadro 41 - Variação de Pernilongo – ALiB, ALAM, ALSAM.....	179

Quadro 42- Variação de Pernilongo nos Dicionários.....	179
Quadro 43- Variação de Perneta – ALiB, ALAM, ALSAM	183
Quadro 44- Variação de Perneta nos Dicionários	184
Quadro 45- Variação de Ama de leite – ALiB, ALAM, ALSAM.....	189
Quadro 46- Variação de Ama de leite nos Dicionários.....	189
Quadro 47- Variação de Menina – ALiB, ALAM, ALSAM	193
Quadro 48- Variação de Menina nos Dicionários	194
Quadro 49- Variação de Prostituta – ALiB, ALAM, ALSAM	198
Quadro 50- Variação de Prostituta nos Dicionários.....	199
Quadro 51- Variação de Xará – ALiB, ALAM, ALSAM.....	202
Quadro 52- Variação de Xará nos Dicionários	203
Quadro 53- Variantes de Bêbado – ALiB, ALAM, ALSAM	207
Quadro 54- Variantes de Bêbado nos Dicionários	207
Quadro 55- Variantes de Cigarro de Palha – ALiB, ALAM, ALSAM.....	213
Quadro 56- Variantes de Cigarro de Palha nos Dicionários	214
Quadro 57- Variantes de Diabo – ALiB, ALAM, ALSAM.....	218
Quadro 58- Variantes de Diabo nos Dicionários	218
Quadro 59- Variantes de Feitiço – ALiB, ALAM, ALSAM	222
Quadro 60- Variantes de Feitiço nos Dicionários	223
Quadro 61- Variantes de Amuleto – ALiB, ALAM, ALSAM.....	228
Quadro 62- Variantes de Amuleto nos Dicionários	228
Quadro 63- Variantes de Benzedeira – ALiB, ALAM, ALSAM.....	233
Quadro 64- Variantes de Benzedeira nos Dicionários	233
Quadro 65- Variantes de Curandeiro – ALiB, ALAM, ALSAM.....	238
Quadro 66- Variantes de Curandeiro nos Dicionários	238
Quadro 67- Variantes de Cambalhota – ALiB, ALAM, ALSAM	243
Quadro 68- Variantes de Cambalhota nos Dicionários.....	244
Quadro 69- Variantes de Bolinha de gude – ALiB, ALAM, ALSAM	248
Quadro 70- Variantes de Bolinha de gude nos Dicionários	248
Quadro 71- Variantes de Estilíngue – ALiB, ALAM, ALSAM	252
Quadro 72- Variantes de Estilíngue nos Dicionários	253
Quadro 73- Variantes de Tramela – ALiB, ALAM, ALSAM	257
Quadro 74- Variantes de Tramela nos Dicionários.....	257
Quadro 75- Variantes de Veneziana – ALiB, ALAM, ALSAM.....	261
Quadro 76- Variantes de Veneziana nos Dicionários	262
Quadro 77- Variantes de Vaso sanitário – ALiB, ALAM, ALSAM.....	266
Quadro 78- Variantes de Vaso sanitário nos Dicionários	266
Quadro 79- Variantes de Rouge – ALiB, ALAM, ALSAM	271
Quadro 80- Variantes de Rouge nos Dicionários.....	271
Quadro 81- Variantes de Sinaleiro – ALiB, ALAM, ALSAM	275
Quadro 82- Variantes de Sinaleiro nos Dicionários.....	276
Quadro 83- Variantes de Lombada – ALiB, ALAM, ALSAM	280
Quadro 84- Variantes de Lombada nos Dicionários	280
Quadro 85- Variantes de Rotatória – ALiB, ALAM, ALSAM.....	284

Quadro 86- Variantes de Rotatória nos Dicionários	284
Quadro 87- Variantes de Lote – ALiB, ALAM, ALSAM	288
Quadro 88- Variantes de Lote nos Dicionários	289
Quadro 89- Variantes de Ônibus Interestadual – ALiB, ALAM, ALSAM	293
Quadro 90- Variantes de Ônibus Interestadual nos Dicionários	293
Quadro 91- Resultados apresentados em SGC comparados aos resultados do ALAM	295
Quadro 92- Resultados apresentados em SGC comparados aos resultados do ALSAM.....	296
Quadro 93 - Resultados apresentados em SGC comparados aos resultados do ALiB.....	297
Quadro 94- Origem etimológica dos itens lexicais investigados em SGC	298
Quadro 95 - Itens Lexicais registrados somente em SGC.....	300
Quadro 96 - Variação Lexical: item mais frequente em SGC.....	318
Quadro 97 - Itens lexicais com respostas em língua indígena	319

LISTA DE SIGLAS

AFBAM - Atlas dos Falares do Baixo Amazonas
ALAM- Atlas Linguístico do Amazonas
ALeSPA- Atlas Léxico Sonoro do Pará
ALiB- Atlas Linguístico do Brasil
ALiSPA- Atlas Linguístico Sonoro do Pará
ALiPA- Atlas Geossociolinguístico do Pará
ALiPAI- Atlas Linguístico do Português em Áreas Indígenas
ALFARiN - Atlas Linguístico dos falares do alto rio Negro
ASLAM- Atlas Linguístico Sul Amazonense
ASLIB- Atlas Linguístico Sonoro das Línguas Indígenas do Brasil
BEC - Batalhão de Engenharia de Construção de Caicó
FOIRN- Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro
FUNASA – Fundação Nacional de Saúde
GeoLinTerm – Geossociolinguística e Terminologia
IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ISA- Instituto Socioambiental
LALLI- Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas do Brasil da UnB
LGA- Língua Geral Amazônica
LGP – Língua Geral Paulista
PB- Português Brasileiro
SGVCLin - Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas
QS - Questionário Sociolinguístico
QSL- Questionário Semântico-Lexical
SGC- São Gabriel da Cachoeira

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	31
2	REVISÃO DA LITERATURA	37
2.1	Contato Linguístico e Plurilinguístico	37
2.2	Dialetologia Pluridimensional e Relacional	39
2.3	A Geossociolinguística	43
2.4	A Lexicologia	47
2.5	As Famílias de Línguas Indígenas sob Investigação	48
2.5.1	A Família Tupí-Guaraní	50
2.5.2	A Família Tukano	52
2.5.3	A Família Aruak	53
2.5.4	A Família Maku.....	54
2.5.5	A Família Yanomami	54
2.6	Estudos Dialetais no Estado do Amazonas	55
2.6.1	Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM)	56
2.6.2	Atlas Linguístico do Sul Amazonense (ALSAM).....	58
3	CONTEXTUALIZAÇÃO ETNOLINGUÍSTICA DO MUNICÍPIO DE SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA-AM	61
3.1	O Município de São Gabriel da Cachoeira	61
3.1.1	Aspectos históricos	63
3.1.2	Aspectos Socioculturais: multilinguismo na região do Rio Negro.....	68
3.2	Situação Etnolinguística em São Gabriel da Cachoeira	72
3.2.1	O Tukano	74
3.2.2	O Baniwa	75
3.2.3	O Baré.....	76
3.2.4	O Português	77
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	80
4.1	Locus de Pesquisa	81
4.2	Definição da Rede de Pontos de Inquéritos	83
4.3	Perfil dos Colaboradores	85
4.4	Instrumento de Coleta de Dados	87
4.5	Dimensões e Parâmetros da Variação Linguística Analisados	89

4.6	Base Cartográfica.....	89
4.7	Procedimentos para Comparação de Dados.....	92
5	APRESENTAÇÃO GEOSOCIOLINGUÍSTICA DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA.	95
5.1	Item lexical Pinguela.....	96
5.1.1	Dimensão Diatópica	96
5.1.2	Dimensão Diageracional.....	97
5.1.3	Dimensão Diassexual	97
5.1.4	Dimensão Diastrática.....	98
5.1.5	As variantes de Pinguela nos Atlas Linguísticos e Dicionários	98
5.2	Item lexical Redemoinho (de água)	102
5.2.1	Dimensão Diatópica	102
5.2.2	Dimensão Diageracional.....	103
5.2.3	Dimensão Diassexual	103
5.2.4	Dimensão Diastrática.....	104
5.2.5	As variantes de Redemoinho nos Atlas Linguísticos e Dicionários	105
5.3	Item lexical Onda de Rio	107
5.3.1	Dimensão Diatópica	107
5.3.2	Dimensão Diageracional.....	108
5.3.3	Dimensão Diassexual	108
5.3.4	Dimensão Diastrática.....	109
5.3.5	As variantes de Onda de rio nos Atlas e Dicionários	109
5.4	Item lexical Chuva de Pedra	112
5.4.1	Dimensão Diatópica	112
5.4.2	Dimensão Diageracional.....	113
5.4.3	Dimensão Diassexual	114
5.4.4	Dimensão Diastrática.....	115
5.4.5	As variantes de Chuva de pedra nos Atlas e Dicionários	115
5.5	Item lexical Garoa.....	118
5.5.1	Dimensão Diatópica	118
5.5.2	Dimensão Diageracional.....	119
5.5.3	Dimensão Diassexual	120
5.5.4	Dimensão Diastrática.....	120
5.5.5	As variantes de Garoa em SGC, nos Atlas Linguísticos e Dicionários	121

5.6	Item lexical Via Láctea	123
5.6.1	Dimensão Diatópica	124
5.6.2	Dimensão Diageracional.....	124
5.6.3	Dimensão Diassexual	125
5.6.4	Dimensão Diastrática.....	126
5.6.5	As variantes de Via láctea nos Atlas Linguísticos e Dicionários	126
5.7	Item lexical Banana Dupla	129
5.7.1	Dimensão Diatópica	130
5.7.2	Dimensão Diageracional.....	130
5.7.3	Dimensão Diassexual	131
5.7.4	Dimensão Diastrática.....	131
5.7.5	As variantes de Banana dupla nos Atlas Linguísticos	132
5.8	Item lexical Inflorescência da Bananeira.....	134
5.8.1	Dimensão Diatópica	135
5.8.2	Dimensão Diageracional.....	135
5.8.3	Dimensão Diassexual	136
5.8.4	Dimensão Diastrática.....	137
5.8.5	As variantes de Inflorescência da bananeira nos Atlas Linguísticos e Dicionários.....	137
5.9	Item lexical Mandioca.....	140
5.9.1	Dimensão Diatópica	140
5.9.2	Dimensão Diageracional.....	141
5.9.3	Dimensão Diassexual	141
5.9.4	Dimensão Diastrática.....	142
5.9.5	As variantes de Mandioca nos Atlas Linguístico	142
5.10	Item Lexical Jacá/Balaio	146
5.10.1	Dimensão Diatópica	146
5.10.2	Dimensão Diageracional.....	147
5.10.3	Dimensão Diassexual	147
5.10.4	Dimensão Diastrática.....	148
5.10.5	Variação de Jacá/Balaio nos Atlas Linguísticos e Dicionários	149
5.11	Item lexical Bolsa	151
5.11.1	Dimensão Diatópica	152
5.11.2	Dimensão Diageracional.....	152

5.11.3	Dimensão Diassexual	153
5.11.4	Dimensão Diastrática.....	153
5.11.5	As variantes de Bolsa nos Atlas Linguísticos e Dicionários	154
5.12	Item lexical Picada	156
5.12.1	Dimensão Diatópica	157
5.12.2	Dimensão Diageracional.....	157
5.12.3	Dimensão Diassexual	158
5.12.4	Dimensão Diastrática.....	158
5.12.5	As variantes de Picada nos Atlas Linguísticos	159
5.13	Item lexical Cotó	161
5.13.1	Dimensão Diatópica	162
5.13.2	Dimensão Diageracional.....	162
5.13.3	Dimensão Diassexual	163
5.13.4	Dimensão Diastrática.....	163
5.13.5	Variação do item lexical Cotó nos Atlas e nos Dicionários	164
5.14	Item lexical Gambá	166
5.14.1	Dimensão Diatópica	167
5.14.2	Dimensão Diageracional.....	167
5.14.3	Dimensão Diassexual	168
5.14.4	Dimensão Diastrática.....	168
5.14.5	Variação do item lexical Gambá nos Atlas e Dicionários	169
5.15	Item lexical Libélula	171
5.15.1	Dimensão Diatópica	172
5.15.2	Dimensão Diageracional.....	172
5.15.3	Dimensão Diassexual	173
5.15.4	Dimensão Diastrática.....	173
5.15.5	Variação do item lexical Libélula nos Atlas e Dicionários	174
5.16	Item lexical Pernilongo	176
5.16.1	Dimensão Diatópica	177
5.16.2	Dimensão Diageracional.....	177
5.16.3	Dimensão Diassexual	178
5.16.4	Dimensão Diastrática.....	178
5.16.5	Variação do item lexical Pernilongo nos Atlas e Dicionários	179

5.17	Item lexical Perneta	181
5.17.1	Dimensão Diatópica	181
5.17.2	Dimensão Diageracional.....	182
5.17.3	Dimensão Diassexual	182
5.17.4	Dimensão Diastrática.....	183
5.17.5	Variação do item lexical Perneta nos Atlas e Dicionários.....	183
5.18	Item lexical Ama de Leite.....	186
5.18.1	Dimensão Diatópica	186
5.18.2	Dimensão Diageracional.....	187
5.18.3	Dimensão Diassexual	187
5.18.4	Dimensão Diastrática.....	188
5.18.5	Variação do item lexical Ama de leite nos Atlas e Dicionários	189
5.19	Item lexical Menina.....	191
5.19.1	Dimensão Diatópica	191
5.19.2	Dimensão Diageracional.....	192
5.19.3	Dimensão Diassexual	192
5.19.4	Dimensão Diastrática.....	193
5.19.5	Variação do item lexical Menina nos Atlas e Dicionários	193
5.20	Item lexical Prostituta.....	195
5.20.1	Dimensão Diatópica	196
5.20.2	Dimensão Diageracional.....	196
5.20.3	Dimensão Diassexual	197
5.20.4	Dimensão Diastrática.....	197
5.20.5	Variação do item lexical Prostituta nos Atlas e Dicionários	198
5.21	Item lexical Xará	200
5.21.1	Dimensão Diatópica	200
5.21.2	Dimensão Diageracional.....	201
5.21.3	Dimensão Diassexual	201
5.21.4	Dimensão Diastrática.....	202
5.21.5	Variação do item lexical Xará nos Atlas e Dicionários.....	202
5.22	Item lexical Bêbado.....	204
5.22.1	Dimensão Diatópica	204
5.22.2	Dimensão Diageracional.....	205

5.22.3	Dimensão Diassexual	205
5.22.4	Dimensão Diastrática.....	206
5.22.5	As variantes de Bêbado nos Atlas Linguísticos e Dicionários	207
5.23	Item lexical Cigarro de Palha	210
5.23.1	Dimensão Diatópica	211
5.23.2	Dimensão Diageracional.....	211
5.23.3	Dimensão Diassexual	212
5.23.4	Dimensão Diastrática.....	212
5.23.5	As variantes de Cigarro de palha nos Atlas Linguísticos e Dicionários.....	213
5.24	Item lexical Diabo	215
5.24.1	Dimensão Diatópica	215
5.24.2	Dimensão Diageracional.....	216
5.24.3	Dimensão Diassexual	216
5.24.4	Dimensão Diastrática.....	217
5.24.5	As variantes de Diabo nos Atlas Linguísticos e Dicionários.....	218
5.25	Item lexical Feitiço	220
5.25.1	Dimensão Diatópica	220
5.25.2	Dimensão Diageracional.....	221
5.25.3	Dimensão Diassexual	221
5.25.4	Dimensão Diastrática.....	222
5.25.5	As variantes de Feitiço nos Atlas Linguísticos e Dicionários	222
5.26	Item lexical Amuleto	225
5.26.1	Dimensão Diatópica	225
5.26.2	Dimensão Diageracional.....	226
5.26.3	Dimensão Diassexual	226
5.26.4	Dimensão Diastrática.....	227
5.26.5	As variantes de Amuleto nos Atlas Linguísticos e Dicionários	228
5.27	Item lexical Benzedeira.....	230
5.27.1	Dimensão Diatópica	230
5.27.2	Dimensão Diageracional.....	231
5.27.3	Dimensão Diassexual	231
5.27.4	Dimensão Diastrática.....	232
5.27.5	As variantes de Benzedeira nos Atlas Linguísticos e Dicionários	233

5.28	Item lexical Curandeiro.....	235
5.28.1	Dimensão Diatópica	235
5.28.2	Dimensão Diageracional.....	236
5.28.3	Dimensão Diassexual	236
5.28.4	Dimensão Diastrática.....	237
5.28.5	As variantes de Curandeiro nos Atlas Linguísticos e Dicionários	238
5.29	Item lexical Cambalhota.....	240
5.29.1	Dimensão Diatópica	241
5.29.2	Dimensão Diageracional.....	241
5.29.3	Dimensão Diassexual	242
5.29.4	Dimensão Diastrática.....	242
5.29.5	As variantes de Cambalhota nos Atlas Linguísticos e Dicionários	243
5.30	Item lexical Bolinha de Gude	245
5.30.1	Dimensão Diatópica	245
5.30.2	Dimensão Diageracional.....	246
5.30.3	Dimensão Diassexual	246
5.30.4	Dimensão Diastrática.....	247
5.30.5	As variantes de Bolinha de gude nos Atlas Linguísticos e Dicionários	248
5.31	Item lexical Estilíngue.....	250
5.31.1	Dimensão Diatópica	250
5.31.2	Dimensão Diageracional.....	251
5.31.3	Dimensão Diassexual	251
5.31.4	Dimensão Diastrática.....	252
5.31.5	As variantes de Estilíngue nos Atlas Linguísticos e Dicionários	252
5.32	Item lexical Tramela	254
5.32.1	Dimensão Diatópica	254
5.32.2	Dimensão Diageracional.....	255
5.32.3	Dimensão Diassexual	255
5.32.4	Dimensão Diastrática.....	256
5.32.5	As variantes de Tramela nos Atlas Linguísticos e Dicionários	257
5.33	Item lexical Veneziana	259
5.33.1	Dimensão Diatópica	259
5.33.2	Dimensão Diageracional.....	260

5.33.3	Dimensão Diassexual	260
5.33.4	Dimensão Diastrática.....	261
5.33.5	As variantes de Veneziana nos Atlas Linguísticos e Dicionários	261
5.34	Item lexical Vaso Sanitário	263
5.34.1	Dimensão Diatópica	263
5.34.2	Dimensão Diageracional.....	264
5.34.3	Dimensão Diassexual	264
5.34.4	Dimensão Diastrática.....	265
5.34.5	As variantes de Vaso sanitário nos Atlas Linguísticos e Dicionários	266
5.35	Item lexical Rouge.....	268
5.35.1	Dimensão Diatópica	268
5.35.2	Dimensão Diageracional.....	269
5.35.3	Dimensão Diassexual	269
5.35.4	Dimensão Diastrática.....	270
5.35.5	As variantes de Rouge nos Atlas Linguísticos e Dicionários.....	271
5.36	Item lexical Sinaleiro	272
5.36.1	Dimensão Diatópica	273
5.36.2	Dimensão Diageracional.....	273
5.36.3	Dimensão Diassexual	274
5.36.4	Dimensão Diastrática.....	274
5.36.5	As variantes de Sinaleiro nos Atlas Linguísticos e Dicionários.....	275
5.37	Item lexical Lombada	277
5.37.1	Dimensão Diatópica	278
5.37.2	Dimensão Diageracional.....	278
5.37.3	Dimensão Diassexual	279
5.37.4	Dimensão Diastrática.....	279
5.37.5	As variantes de Lombada nos Atlas Linguísticos e Dicionários	280
5.38	Item lexical Rotatória	281
5.38.1	Dimensão Diatópica	282
5.38.2	Dimensão Diageracional.....	282
5.38.3	Dimensão Diassexual	283
5.38.4	Dimensão Diastrática.....	283
5.38.5	As variantes de Rotatória nos Atlas Linguísticos e Dicionários	284

5.39	Item lexical Lote.....	286
5.39.1	Dimensão Diatópica	286
5.39.2	Dimensão Diageracional.....	287
5.39.3	Dimensão Diassexual	287
5.39.4	Dimensão Diastrática.....	288
5.39.5	As variantes de Lote nos Atlas Linguísticos e Dicionários	288
5.40	Item lexical Ônibus Interurbano	290
5.40.1	Dimensão Diatópica	290
5.40.2	Dimensão Diageracional.....	291
5.40.3	Dimensão Diassexual	291
5.40.4	Dimensão Diastrática.....	292
5.40.5	As variantes de Ônibus Interestadual nos Atlas Linguísticos e Dicionários ...	293
5.41	Síntese dos Resultados das Variantes Lexicais mais frequentes em SGC	295
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	301
	REFERÊNCIAS.....	306
	WEBGRAFIA	317
	APÊNDICES	318
	APÊNDICE A – QUADRO VARIAÇÃO LEXICAL EM SGC.....	318
	APÊNDICE B – ITENS LEXICAIS COM RESPOSTAS EM LÍNGUA INDÍGENA.....	319
	ANEXOS.....	320
	ANEXO A – FICHA DO INFORMANTE	320
	ANEXO B – QUESTIONÁRIO SOCIOLINGUÍSTICO.....	322
	ANEXO C – QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL	323
	ANEXO D - LEI DE CO-OFICIALIZAÇÃO EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA...	339

A photograph of four people standing in a room. From left to right: a man in a white tank top and shorts, a woman in a blue shirt and jeans, an older woman in a pink top and blue skirt, and a woman in a white tank top and shorts. The room has a tiled floor, a white plastic chair, and some items on the floor. The text 'CAPÍTULO I' is overlaid in pink serif font across the middle, and 'INTRODUÇÃO' is overlaid in pink serif font at the bottom.

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

1 INTRODUÇÃO

A constituição do Português Brasileiro (PB) se fez, desde a colonização do Brasil, principalmente, por meio de contatos linguísticos entre línguas indígenas e africanas. E, naturalmente, os vários registros documentais, tanto históricos quanto linguísticos, atestam que o contato entre o PB e as línguas indígenas, em diferentes regiões, foi de tamanha extensão que hoje milhares de palavras indígenas pertencem ao vocabulário comum de uso corrente no país, de modo que muitos falantes não têm consciência da origem indígena dessas palavras.

Dentro do cenário linguístico atual, em que a escolarização chega aos lugares mais distantes, a intercomunicabilidade está facilitada devido ao acesso à tecnologia. Desse modo, especialmente entre a nova geração, há um maior contato com outras culturas provenientes de migrações. Existem, portanto, poucas regiões do país que conservam o uso singular de um léxico resultante dessas inevitáveis relações. Esse é o caso de São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas (SGC)-AM, local eleito para ser investigado.

A escolha deste tema, o estudo do léxico do Português em área indígena, surgiu a partir deste questionamento: como seria um ambiente linguístico em que há vinte cinco línguas indígenas circulando, isto é, sendo faladas em um único Distrito? Como estaria o Português, na condição de língua oficial, ao lado das três línguas indígenas escolhidas, dentre as vinte duas, para serem co-oficializadas no Município?

Essa singular diversidade linguística de São Gabriel da Cachoeira justifica o estudo no lócus selecionado. Os posicionamentos teóricos de Thun, que embasaram esta pesquisa, apontaram um percurso metodológico baseado em dimensões que, sob o ponto de vista linguístico, facilitaram o conhecimento e o entendimento do Português usado nessa valiosa região em pluralidade linguística.

A opção pela Sede do município de São Gabriel da Cachoeira-AM, legitima-se, em primeiro lugar, pelo fato de a língua Nheengatu já ter sido estudada por nós e ser viva e falada na região, logo, passível de verificação dos objetivos por nós almejados e, ainda, por essa cidade reunir moradores das mais diferentes etnias da região da Cabeça do Cachorro, como Tukano, Baniwa, Baré, Werekena, Tariana, Kuripako dentre outros; em segundo lugar, por serem três línguas indígenas, e não somente o Português, as línguas oficializadas no Município, configurando um espaço multilíngue; e, em terceiro, por não haver ainda estudos geossociolinguísticos que considerem o critério semântico-lexical no espaço geográfico selecionado.

Assim, nesta tese, foi feito um *Estudo Geossociolinguístico do Léxico do Português falado pelos Baré, Tukano e Baniwa em São Gabriel da Cachoeira (AM)*, por meio do mapeamento da variação semântico-lexical do Português proveniente da relação com essas línguas, cuja co-oficialização no município foi concedida por serem as três línguas mais faladas dentre as vinte e sete existentes na região (22 no Brasil e 05 na Colômbia), com o propósito de investigar o estágio atual do Português e a vitalidade do uso específico de um léxico característico de um espaço multilinguístico resultante de aspectos sociolinguísticos.

Para isso, objetivou-se especificamente:

- i) analisar o grau de influência das dimensões diatópica (geográfico), diageracional (faixa etária), diassexual (sexo) e diastrático (escolaridade) na concepção do falar do são-gabrielense;
- ii) realizar estudo comparativo das variantes lexicais de treze campos semânticos com os dados dos Atlas regionais amazônicos: Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM) e Atlas Linguístico Sul Amazonense (ALSAM); e com o Atlas Linguístico do Brasil (ALiB);
- iii) verificar a entrada desses itens lexicais em dicionários do Português atual, Índigenas e Históricos para verificação da vitalidade e origem etimológica deles, na perspectiva de encontrar especificidades léxicas advindas de fatores extralinguísticos que caracterizem, se possível, a região em questão, contribuindo, assim, com os estudos sobre o falar amazonense.

Inicialmente, nossas hipóteses se assentam no fato de que os fatores pluridimensionais exercerão influência sobre as variantes faladas em SGC, por isso pautaremos nossas análises nas dimensões diatópicas, diageracionais, diassexuais e diastráticas. Nossa segunda hipótese é a de que o uso linguístico em SGC, por ser um ambiente indígena, é diferenciado dentro do Estado do Amazonas, portanto as comparações com os Atlas amazônicos explicitarão essa questão. Nossa terceira hipótese é a de que os fatores histórico-culturais influenciaram no falar do são-gabrielense, havendo, provavelmente, um equilíbrio no uso linguístico do Português e das três outras línguas co-oficializadas.

No Brasil, os estudos geolinguísticos do PB vêm se configurando em avanços consideráveis, principalmente a partir de 1996, com a criação do Comitê Nacional do Atlas

Linguístico do Brasil (ALiB), marco inicial para a elaboração dos vários Atlas que hoje retratam as mais diversas realidades dos falares brasileiros. Entretanto, há poucos trabalhos realizados sobre o PB falado em áreas indígenas. Felix (2002) apresentou uma dissertação de cunho dialetológico, fonético e lexical, mostrando o percurso da língua Nheengatu do Maranhão ao Amazonas, mas não relacionado ao PB. Guedes (2017) apresentou uma das primeiras investigações, senão a primeira, do Português em área indígena com o Perfil Geossociolinguístico do Português em Contato com as Línguas Tupí-Guaraní, em Áreas Indígenas dos Estados do Pará e do Maranhão, focalizando aspectos fonéticos.

Além desta tese, outros trabalhos encontram-se em fase de publicação, como a tese a evidenciar o aspecto lexical do Português em área indígena, o da Prof^a Dr.^a Eliane Oliveira da Costa, intitulado “Estudo Geossociolinguístico do Léxico do Português falado em Áreas Indígenas de Língua Tupí-Guaraní nos Estados do Pará e Maranhão”. Há ainda a dissertação de mestrado de Doraci Guedes intitulada “Mapeamento Lexical do Português falado pelos Wajãpi no Estado do Amapá”. Esses trabalhos citados estão ligados ao Projeto Geossociolinguístico e Socioterminologia (GeoLinTerm). Em andamento há também o Projeto pioneiro Atlas Linguístico do Português em Áreas Indígenas (ALiPAI), com o propósito de preencher a lacuna de mapear o Português falado em áreas indígenas do território brasileiro.

Portanto, a relevância desta pesquisa reside no fato de se investigar uma realidade multilíngue em uma microárea geográfica representativa, visto que se optou pelo mapeamento por bairros reconhecidos como um ambiente característico de cada comunidade, em que, proporcionalmente, o número de indígenas se sobrepõe aos não indígenas, conforme o censo de 2010. Deve-se deixar claro, ainda, que cada Bairro é composto por indígenas multilíngues (inclusive com a presença da língua espanhola), bem como de não indígenas, nos três pontos pesquisados; além disso, embora essa representatividade no conjunto da estrutura social da região noroeste da Amazônia se verifique como uma constante, isto é, a proporção de indígenas ser maior, intensa e cotidiana, o Português se apresenta como língua de forte notoriedade social.

Considerando as características da colonização na região noroeste do Amazonas, com a presença da Língua Geral ou Nheengatu e sua crescente expansão à época, e observando, além disso, as consequências dessa expansão, as quais levaram à transformação ou mortalidade de outras línguas indígenas, é necessário aprofundar as investigações sobre a situação do Português, no período em que ele passou a ser obrigatoriamente a língua de catequese, substituindo o Nheengatu, nessa área multilíngue e peculiar, a fim de que devidamente seja documentado o estágio atual do Português nesse ambiente indígena.

Na sede do município, a paisagem linguística constitui a característica mais marcante, senão a mais significativa, de SGC, pois lá convivem cotidianamente mais de vinte línguas indígenas, além do Português e do Espanhol, e a natural existência de diferentes situações e graus de bilinguismo, multilinguismo. Por esse motivo, o Português, em convívio com essas línguas, assumiu traços específicos que refletem a constituição histórica, social e étnica dessa microárea geográfica.

As variedades de Português oriundas dessas relações apresentam um repertório de elementos semântico-lexicais que são espontaneamente percebidos por alguns falantes da microrregião e por nós, pesquisadores, como ora associados a línguas indígenas e ora a não indígenas. Para realização de nossa pesquisa, levamos em conta o fato de que, na hipótese da manutenção de certos traços característicos oriundos da relação do Português com as três línguas indígenas, não interagem apenas aspectos relacionados às línguas em si, mas também ao contexto pluridimensional (diatópico, diageracional, diassexual, diastrático) e extralinguísticos em que se dá a interação. Dessa forma, os estudos de Thun (1998, 2000), de Razky (1996, 2013) e de Cardoso (1999) foram as bases teóricas que sustentaram nossos passos nos caminhos dialetológicos e geossociolinguísticos. E para os estudos indígenas, Rodrigues (1963, 1985, 1986) e Rodrigues e Cabral (2002).

Portanto, por exemplo, para se explicar o uso homogêneo de um item lexical entre o Português e as três línguas indígenas, deve-se investigar além das variedades dialetais resultantes dessas relações, os aspectos dos diferentes domínios de ordem geográfica e social da região. Em vista disso, para estudar a variedade dialetal do Português falado no mesmo espaço geográfico em área indígena multilíngue, sendo as línguas cooficiais ao Português, como é aqui o caso, é preciso contextualizar antes a formação dessa variedade numa perspectiva sócio-histórico-cultural.

Em relação às línguas indígenas, vale ressaltar que, segundo Rodrigues (2005), os índios eram bilíngues, plurilíngues e essa era uma condição natural, por causa das diferentes relações contextuais a que eram submetidos em um espaço em que se falam diversas línguas. A aquisição do Português, nessa região do Amazonas, conforme Cabalzar e Ricardo (1998), aconteceu somente cem anos após o contato, dessas e de várias outras comunidades indígenas da região, com as ações missionárias carmelitas no período da colonização, em que o Nheengatu, naquele momento, era a língua de catequese. A situação sociolinguística começou a se modificar quando, além de vários outros fatores, ocorreu a proibição de qualquer língua indígena nos internatos das missões religiosas salesianas. E o Português, então mandatório, passou a ocupar

mais espaço em SGC, ainda que o contingente indígena fosse superior na região em relação aos não indígenas, como ainda o é na atualidade.

As várias línguas indígenas do local seguiram seus cursos na história, conforme seus espaços geográficos de estabelecimento e suas inter-relações linguísticas na região, e o Português passou a ser a principal língua resultante dessas inter-relações sócio-históricoculturais; hoje, pela força exercida na região pelo contingente prevalentemente indígena, as três línguas indígenas mais faladas foram cooficializadas nessa região, e recuperaram parte do espaço que os acontecimentos históricos lhes negaram.

É de grande valor a contribuição desse tipo de estudo não só para uma compreensão das relações sociais nessas áreas plurilíngues otimizadas pelo fluxo diário de migrações internas, como também para o registro e a compreensão do léxico de uma localidade ainda não investigada, nesse aspecto, estimulando o incremento de novos estudos dialetológicos que ampliem o conhecimento do PB na região amazônica.

Os resultados dessa movimentação em prol da investigação dessas variantes e a discussão a partir das hipóteses estabelecidas que compreendem este trabalho levaram-nos a organizar esta tese em cinco capítulos dispostos da seguinte maneira:

A Introdução, seguida do segundo capítulo, em que expomos a Revisão da Literatura que embasou nossas análises: a Lexicologia, a Dialectologia Pluridimensional Relacional, a Geossociolinguística, as Famílias de Línguas Indígenas sob investigação, o Contato Linguístico e o Plurilinguismo e os Estudos Dialetais no Estado do Amazonas. No terceiro capítulo, apresentamos a contextualização etnolinguística do município de SGC-AM em seus aspectos históricos e socioculturais, bem como as presenças das línguas indígenas Tukano, Baniwa, Nheengatu e do idioma Português todos envolvidos na pesquisa. No quarto capítulo, demonstramos os Procedimentos Metodológicos, apresentando o *Locus* de pesquisa, Definição da rede de pontos de inquérito, o Perfil dos colaboradores, os Instrumentos de coleta de dados e a Base cartográfica; e no quinto capítulo, expomos a Apresentação e a Discussão dos resultados, evidenciando as Cartas e os resultados que apontam para um Léxico influenciado pela língua oficial do país. Por fim, as Considerações Finais, as Referências, os Apêndices, os Anexos e o Tomo II, este último foi composto a fim de se considerar também os resultados advindos das cartas sociolinguísticas inviáveis de serem apresentados e discutidos no capítulo de análise desta tese. Compõem essa segunda parte, o Tomo II, de 160 cartas sendo 40 diatópicas; 40 diageracionais; 40 diassexuais e 40 diastráticas todas com dados apresentados em formato de pizza, realçando que as diatópicas foram todas analisadas.



CAPÍTULO II

REVISÃO DA LITERATURA

2 REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo, buscou-se fazer um breve levantamento das orientações teórico-metodológicas da Geolinguística, da Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional (RADTKE; THUN, 1996) e do método da Geossociolinguística (RAZKY, 1998), bem como uma breve contextualização acerca das famílias a que as línguas indígenas em estudo se inserem. Ademais, fez-se considerações acerca de Multilinguismo e Plurilinguismo para se compreender melhor as características do espaço geográfico da pesquisa e apresentou-se ainda os Estudos Dialectais no Estado do Amazonas a fim de apresentar o contexto atual desse tema de estudos na região. Nessa perspectiva, objetivou-se mostrar brevemente a abordagem acerca dos princípios e caminhos que seguem os estudos de caráter dialetal, enfatizando a abordagem geolinguística que se preocupa em estudar a variação linguística pela perspectiva pluridimensional, além de enfatizar o contexto das línguas indígenas em estudo, colocando em relevo, principalmente, a relação semântico-lexical dessas línguas com o Português.

2.1 Contato Linguístico e Plurilinguístico

A história de ocupação e variação linguística da América Latina é, sobretudo, uma história de migração, como assinala Radtke e Thun (1996). Para o autor, a tendência migratória feita na América Latina gerou, conseqüentemente, contato linguístico, aspecto esse que tem sido negligenciado pelos estudos da linguagem atualmente.

A entrada da Língua Portuguesa nas comunidades indígenas é inevitável, e, dentre os fatores que contribuem para sua entrada nessas comunidades, há necessidade de reivindicação e preservação de direitos às idas ao Distrito Federal, a venda de artesanatos em centros urbanos e reunião com membros de outras comunidades indígenas a fim de discutir assuntos de interesse comum como saúde, educação etc. A Língua Portuguesa, dessa forma, constitui-se como uma ferramenta com a qual os indígenas fazem uso para estabelecer relações que auxiliem no crescimento político-econômico de sua própria comunidade.

Embora a entrada da Língua Portuguesa em comunidades indígenas forneça benefícios, ela também constitui “efeitos colaterais” diretamente ligados a língua materna de cada comunidade. A partir do momento em que a Língua Portuguesa adentra em uma comunidade e se instaura, sua tendência é de que essa force o abandono da língua indígena falada na comunidade, fenômeno esse apontado por Calvet (2007), que afirma que, em situação de

colonização, o contato de uma língua europeia com uma língua minoritária leva ao processo de diglossia. Ainda que Calvet (2007) estivesse se referindo às línguas africanas quando observou o processo de diglossia, o mesmo fenômeno pode ser observado nas línguas indígenas. Guedes (2017), quanto a isso, afirma que

A falta de vontade política de manter vivas as línguas e culturas tradicionais dos povos indígenas, tanto nos primórdios do contato, na época colonial, passando pela imposição legal do Marquês de Pombal no século XVIII, pelas políticas de “ocupação” do território amazônico no século XX, até o atual contexto de contato linguístico nas comunidades indígenas, salvos os casos dos grupos remanescentes de isolados, é a causa do caótico quadro de mortandade das línguas indígenas brasileiras, e da difusão voraz da língua portuguesa nas áreas indígenas brasileiras. (GUEDES, 2017, p. 55).

Ademais, o Português, enquanto língua originariamente europeia e, portanto, uma língua de colonização, tem o *status* de língua que se sobrepõe quase que violentamente às línguas indígenas, tanto no processo de colonização quanto atualmente (ALTENHOFEN, 2014). O que se busca, hodiernamente, é a preservação tanto da língua falada por essas comunidades indígenas quanto a sua própria cultura e identidade, objetivando, dessa forma, a proteção e demarcação das terras indígenas por meio de leis, as quais vão configurar uma forma institucionalizada de preservação e criação dos direitos indígenas. Nessa conjuntura, pode-se afirmar que

O contato linguístico diz respeito à interação entre duas ou mais línguas. Essa é uma realidade de que, em nosso país encontramos vários exemplos, pois a língua portuguesa falada no Brasil, desde a colonização, iniciada pelos portugueses, foi marcada pela convivência com outras línguas. Podemos dizer que o português brasileiro é resultado do contato de várias línguas que coexistiam (e ainda coexistem) no período colonial, a que se somaram todas as línguas de imigrantes de nações variadas que aqui se estabeleceram ao longo dos tempos, com maior ou menor expressão, seja pelo volume de indivíduos, seja pela extensão territorial que ocuparam. Assim, a língua portuguesa no Brasil é resultado de vários contatos linguísticos, seja de falantes do português como língua nativa, seja de falantes de outras línguas. (OLIVEIRA, 2007, pág. 98)

Heye e Vandresen (2006) afirmam que o contato linguístico sempre tem sido alvo de estudos que tendem a colocá-lo em segundo plano. O trabalho com a descrição de línguas indígenas, segundo os autores, leva a afirmações muito amplas que induzem a poucas informações concisas sobre esse processo linguístico, ressaltando que não há um estudo que se preocupe em descrever um quadro geral do contato linguístico de línguas indígenas e a língua portuguesa.

Apesar do conceito de Ilha Linguísticas¹ (COUTO, 2009), no que concerne o português falado pelas comunidades indígenas, não se poderia falar em delimitações espaciais imersas para um determinado espaço geográfico em que uma comunidade linguística fala uma língua diferente da língua falada pela maioria da população, tendo em vista que essas comunidades de fala estabelecem um *continuum* linguístico² (RAZKY, 2013) em relação ao português e as línguas indígenas faladas em cada comunidade, levando-se em conta seu aspecto rural, bem como sua distância em relação aos centros urbanos.

Acreditou-se, desde o século XIX, período em que eram confeccionados, na Europa, os primeiros atlas linguísticos, que a fala do indivíduo que reside na zona rural era mais pura (CARDOSO, 2010), isto é, preservava características primárias da língua, tendo em vista que não havia sofrido a “corrupção” do dialeto urbano. Desse modo, buscou-se registrar, com base na metodologia da Dialetoлогия do período, essa fala desse informante rural, no entanto, com o advento da Dialetoлогия moderna, passou-se a levar em consideração os meios urbanos, observando, dessa forma, que era clara a dicotomia urbano e rural e que, na realidade, estava-se diante de um *continuum linguístico* estabelecido pela fala das pessoas que residiam na zona rural e a fala das pessoas que residiam na zona urbana.

2.2 Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional

A Geolinguística, a partir do momento em que se instaura enquanto ciência e ao longo de sua existência, apresenta aprimoramentos tanto em relação às suas orientações teóricas quanto em relação às suas orientações metodológicas. É de amplo conhecimento da comunidade científica que, em uma pesquisa, a metodologia é construída diretamente proporcional aos objetivos a serem alcançados, definidos pelo pesquisador, essa máxima não é diferente nos estudos de natureza geolinguística.

Embora, durante muito tempo, a Dialetoлогия de orientação unicamente horizontal tenha se dedicado a descrever um dialeto em uma determinada região com base em uma metodologia que privilegiava somente o fator diatópico, sem, desse modo, ter controle sobre as estratificações dos informantes. Muitos trabalhos, ao longo da história da Geografia

¹ Ilhas Linguísticas são comunidades linguísticas que dividem um espaço geográfico relativamente pequeno e fechado que emergem em um determinado território maior em que uma outra língua é falada.

² *Continuum linguístico* ou *continuum dialetal* é um termo utilizado para designar um conjunto de dialetos específicos falados ao longo de uma micro ou macroárea geográfica que apresentam apenas estreitas diferenças e que perdem gradualmente a inteligibilidade mútua à medida que as distâncias se tornam maiores, ou seja, quanto mais distantes esses dialetos, semelhantes vão ficando geograficamente, mais distintos eles se tornam.

Linguística, demonstraram aspectos inovadores quanto à metodologia. Na América do Norte, Hans Kurath (1939) elaborou o *Linguistic Atlas New of England* (LANE), o qual levou em consideração não somente a dimensão diatópica, mas também aspectos socioculturais de seus informantes, tendo em vista que foram selecionados de acordo com escolaridade e faixa etária. Acerca disso, Cardoso (2001) afirma:

Se com Wenker e no atlas da Alemanha se consagra a relevância da intercomparabilidade de dados e com o atlas de Gilliéron se assenta a importância da inquirição *in loco*, ao passo etnolinguístico dado por Jud e Jaberg no atlas ítalo-suíço se pode acrescentar outro avanço significativo trazido por Hans Kurath: a escolha de informantes que não apenas representassem os pontos constituintes da rede de localidades definida por região a partir de uma única faixa etária ou de um estrato social também único, mas que trouxessem também um aporte sociocultural e etário (CARDOSO, 2001, p. 114).

Desse modo, “a partir dos anos 60, os estudos geolinguísticos tomaram uma nova orientação, pois passaram a inserir alguns pressupostos metodológicos da Sociolinguística, agregando, a variável diatópica, variáveis sociais” (ROMANO, 2014, p. 145). Esse novo direcionamento dado aos trabalhos desenvolvido no âmbito da Geolinguística leva a se repensar os caminhos tradicionalmente seguidos pela Dialetoлогия. Acerca disso, Coimbra (2018) afirma que

Tradicionalmente, a Dialetoлогия se debruçou sobre os fenômenos linguísticos nos espaços geopolíticos e, nesse contexto, as características sociais dos informantes e suas implicações no uso da língua não têm sido alheias aos estudos dialetais e geolinguísticos. [...] o destino da *Dialetoлогия horizontal* depende do uso que essa faz dos preceitos teórico-metodológicos da Sociolinguística, o que acaba por refletir diretamente em uma falha tentativa de criação de uma geolinguística social (COIMBRA, 2018, p. 14)

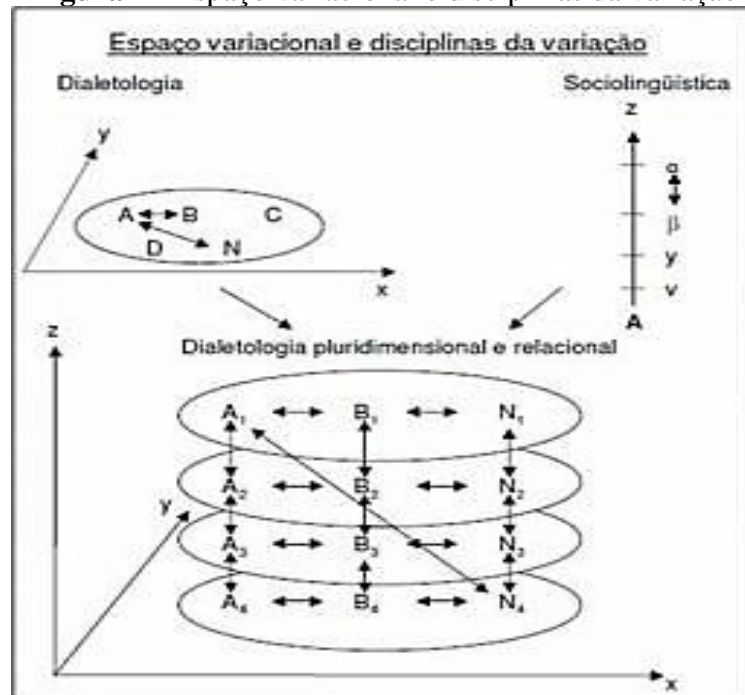
Essa nova tendência dos estudos geolinguísticos de trabalhar com a variação linguística passa a constituir a Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional (RADTKE; THUN, 1996), a qual “propõe uma análise geográfica das variáveis idade, sexo, escolaridade, renda, profissão etc. e as relação de coexistência entre os falantes e o espaço geográfico em que existem, apresentando seus resultados em cartas estratificadas” (COIMBRA, 2018, p. 16). Portanto, Thun (2005) divide os atlas linguístico conforme dimensões que são elencadas em cada estudo, isto é, um atlas linguístico que se preocupe apenas com a dimensão diatópica será considerado, dentro dessa perspectiva, monodimensional, ao passo que dois atlas que considerem, um, a diatopia associada a uma estratificação social e, o outro, a diatopia associada a duas

estratificações serão considerados, respectivamente, bidimensional e tridimensional ou pluridimensionais.

Segundo Thun (2005), um atlas pluridimensional pode abranger até oito dimensões, as quais são:

- a) **dimensão dialingual:** atlas que levam em consideração duas línguas;
- b) **dimensão diatópica relacionada à topoestaticidade dos informantes:** atlas que levam em consideração que os informantes sejam naturais da região estudada;
- c) **dimensão diatópica-cinética:** atlas que levam em consideração tanto informantes topoestáticos quanto informantes topodinâmicos (informantes que migram pendularmente entre regiões);
- d) **dimensão diastrática:** atlas que levam em consideração informantes de classes sociais distintas;
- e) **dimensão diageracional:** atlas que levam em consideração duas ou mais faixas etárias;
- f) **dimensão diassexual:** atlas que levam em consideração ambos os sexos dos informantes;
- g) **dimensão diafásica:** atlas que levam em consideração graus de interlocução (discurso policiado, discurso livre, leitura etc.);
- h) **dimensão diarreferencial:** atlas que levam em consideração aspectos metalinguísticos.

Dessa forma, em síntese, a Dialetoologia Pluridimensional e Relacional idealizada por Radtke e Thun (1996) se concretiza no “intercruzamento entro o eixo horizontal da Dialetoologia com o eixo vertical da Sociolinguística, buscando, dessa forma, expandir o campo de análise para que se possa elaborar um retrato mais preciso da variação linguística em determinado espaço geográfico” (COIMBRA, 2018, p. 15). Esse intercruzamento se apresenta conforme a figura 1:

Figura 1 - Espaço variacional e disciplinas da variação

Fonte: Radtke e Thun (1996)

Nesse esquema, Thun (1998) sistematiza as relações que a Dialetoleologia Pluridimensional estabelece, afirmando que unindo aspectos de uma superfície ou eixo, além de analisar as relações de uma superfície com superfícies análogas de outra superfície, aos aspectos diagonais, verticais e horizontais – os quais são tradicionalmente controlados pela Dialetoleologia e pela Sociolinguística –, tem-se como produto uma gama de possibilidades de aplicação metodológicas que visem alcançar resultados consistentes acerca de um determinado fenômeno linguístico.

Desse modo, compreende-se que a Dialetoleologia e a Sociolinguística são duas subáreas da Linguística que não se opõem, ao contrário, completam-se. Callou (2010, p. 33) afirma que a Dialetoleologia preocupada somente como o espaço rural “sofreu adaptações para dar conta da análise linguística nos grandes centros urbanos”, o que a levou a ser confundida por muitos estudiosos da linguagem com a Sociolinguística. No entanto, Campoy (1993), ressalta que

Después de la Segunda Guerra Mundial observaron que limitando los estudios a áreas rurales estaban ignorando el habla de la inmensa mayoría de la población, esto es, el habla de las grandes áreas urbanas, que no podían ser investigadas aplicando los métodos de la tradicional dialectología rural. De este modo, lá Dialectología Urbana apareció combinando una función tanto lingüística como social y una dimensión sincrónica. (CAMPOY, 1993, p. 162)³

³ “Depois da Segunda Guerra Mundial observaram que limitando os estudos dialetais a áreas rurais estavam ignorando a fala da imensa maioria da população, isto é, a fala das grandes áreas urbanas, que não poderiam

Segundo Coimbra (2018), com o advento dessa nova perspectiva, “a elaboração de cartas isoléxicas (ou monodimensionais) que vem sendo tradicionalmente produzidas pela *dialetalização horizontal* – a qual preocupa-se prioritariamente com produção cartográfica diatópica – cede espaço à produção de cartas pluridimensionais” (COIMBRA, 2018, p. 16), o que permite uma nova perspectiva que pode revelar a produtividade linguística de diversificadas formas de realização em um mesmo espaço geográfico (RAZKY, 2010).

Entretanto, o tradicionalismo e as inovações coexistem no que diz respeito à Dialetologia Pluridimensional e Relacional. Embora essa seja uma área de atuação inovadora na atualidade, muitos pesquisadores conservam a metodologia tradicional de se estudar dos dialetos no espaço geográfico, o que, segundo Thun (2009), não pode ser considerado menos eficiente. Para o autor, a Dialetologia Monodimensional não possui uma perspectiva dispensável, porém não é completa. E estabelece a crítica na metodologia do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), o qual não contempla o conhecimento lateral das línguas indígenas, tratando os dados como se o Brasil fosse um país monolíngue. Rodrigues (2006) afirma que no Brasil são faladas cerca de 180 línguas indígenas, as quais coexistem em diferentes contextos situacionais de contato.

2.3 A Geossociolinguística

Enquanto se discutia no Brasil a importância e necessidade de abranger aspectos sociolinguísticos nas orientações metodológicas da Dialetologia tradicional ou Dialetologia horizontal, no Pará, o projeto de atlas estadual fundamentava-se, a priori, na metodologia da Sociolinguística Quantitativa (GUY; ZILLER, 2007), como demonstra Razky (1998). No entanto, a necessidade de aprimoramento de uma metodologia mais rigorosa quanto ao tratamento de dados geolinguísticos que possibilitasse uma descrição mais precisa de um retrato da variação do português falado no território paraense levou Razky (2003) a criar o neologismo Geossociolinguística, que “não significava (nem significa) uma nova área ou subárea da linguística, mas designava (e assim continua) uma conjunção de metodologias (a Geolinguística e a Sociolinguística) que, juntas, podem permitir melhores resultados na investigação da variação linguística” (RAZKY; OLIVEIRA; GUEDES; COSTA, 2016, p. 47).

Pelo prisma da Geossociolinguística, pode-se transpassar os limites tanto da Sociolinguística e da Geolinguística, tendo em vista que a primeira se detém, na maioria das

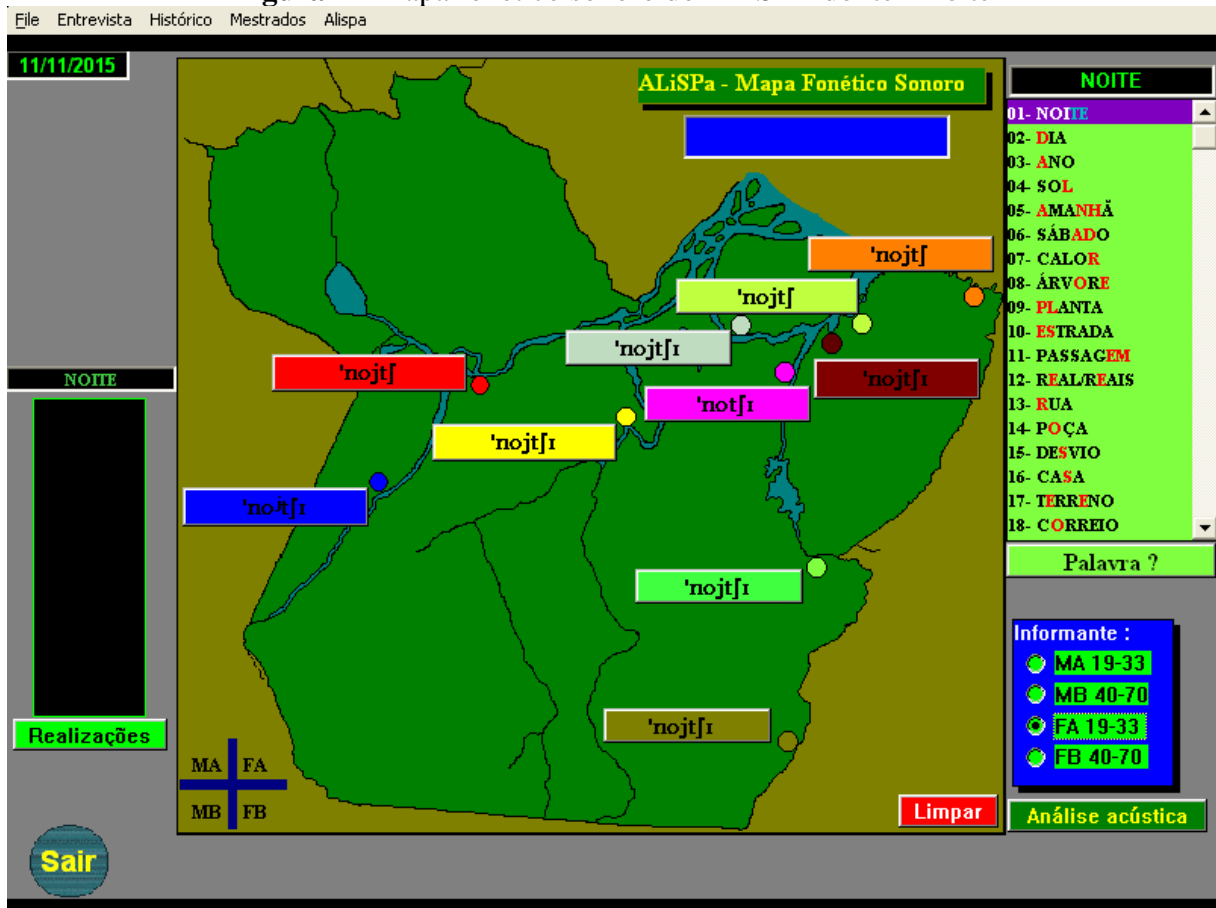
ser investigadas aplicando os métodos da dialetologia tradicional rural. Desse modo, a Dialetologia Urbana apareceu combinando uma função tanto linguística como social e uma dimensão sincrônica”. (Tradução nossa)

vezes, aos aspectos sociais e locais; e a segunda, detém-se exclusivamente aos aspectos espaciais.

Destarte, a Geossociolinguística se apresenta como um caminho a ser seguido no que concerne ao tratamento de dados de variação linguísticas coletados com o intuito de serem analisados por uma perspectiva geográfica, como foi o caso do *Atlas Geossociolinguístico do Pará (ALiPA)* que, por sua vez, foi subdividido em *Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALiSPA)* e em *Atlas Léxico Sonoro do Pará (ALeSPA)*, os quais usaram a metodologia da Sociolinguística ao utilizar as estratificações sociais (sexo, idade, escolaridade e renda) como um dos requisitos para a recolha de dados, bem como utilizaram a metodologia da Geolinguística ao mapear a variação desses dados nas localidades do estado do Pará elencadas, tendo o ALiSPA se preocupado com as áreas urbanas e o ALeSPA com as áreas rurais do território paraense.

O Atlas Geossociolinguístico do Pará, o qual está sob coordenação de Abdelhak Razky, comporta dois volumes em que é subdividido, a saber: *Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALiSPA)*, publicado em 2004, o qual “mapeou a variação fonética do português nas dez maiores cidades do estado do Pará, sendo, portanto, uma pesquisa urbana de cunho sociolinguístico, na qual foram coletadas narrativas orais de 42 informantes em cada ponto de inquérito” (RAZKY; OLIVEIRA; GUEDES; COSTA, 2016, p. 48); e o *Atlas Léxico Sonoro do Pará (ALeSPA)* que se encontra em andamento, visando mapear a variação lexical do português em 38 pontos na zona rural paraense. A publicação do ALiPA busca “considerar o processo de mudança em curso a favor de uma variação lexical não estável por conta da atuação de fatores de ordem diagenérica e diageracional nele considerados” (RAZKY; OLIVEIRA; GUEDES; COSTA, 2016, p. 59).

Figura 2 - Mapa fonético sonoro do ALiSPA do item noite

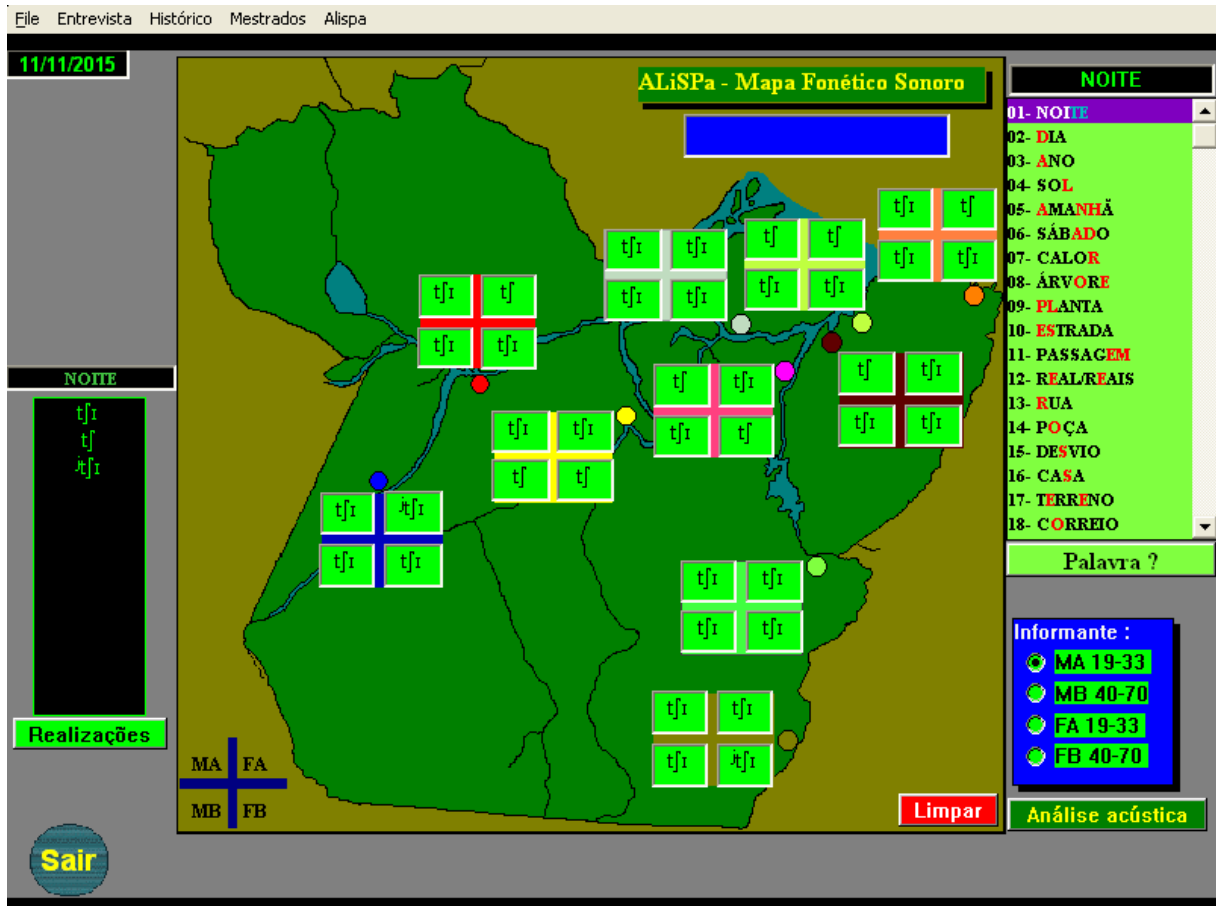


Fonte: Disponível em: http://geolinterm.com.br/amostra/photo_archive/index.php?folder=01%20-%20Noite

A produção de atlas linguísticos a partir da perspectiva geossociolinguística levou a produção de um atlas “falante”, sendo o primeiro atlas dessa natureza publicado no Brasil, demonstrando seu alto grau de inovação. Esse atlas disponibiliza digitalmente um acervo de fenômenos fonéticos geograficamente situados e socialmente estratificados, dando, portanto, liberdade ao usuário de selecionar os itens lexicais que, porventura, interessem-se em conhecer suas variantes. Desse modo, atlas linguísticos dessa natureza

Torna a apresentação cartográfica mais próxima da realidade linguística descrita, uma vez que o grau de subjetividade que envolve qualquer transcrição fonética é superado pela apresentação dos dados reais que podem ser ouvidos mais de uma vez e retranscritos, caso seja necessário. (RAZKY, 2003, p. 174)

Figura 3 - Especificações fonéticas do mapa fonético sonoro do ALiSPA referente ao item noite



Fonte: Disponível em: http://geolinterm.com.br/amostra/photo_archive/index.php?folder=01%20-%20Noite

A perspectiva geossociolinguística, portanto, dá uma imagem mais precisa, a partir da cartografia, da variação linguística do português brasileiro, mantendo o controle social dos dados geolinguísticos “en fonction de variables comme l’âge, le sexe et le niveau de scolarité, que le développement sociétal a imposé depuis l’accélération de flux, de l’industrialisation et l’implantation des médias en tous genres, nous permet de mieux cartographier les données géolinguistiques”⁴ (RAZKY; GUEDES, 2015, p. 150).

Desse modo, as perspectivas da Geossociolinguística (RAZKY, 1996) e da Dialectologia Pluridimensional e Relacional (RADTKE; THUN, 1996) poderiam se confundir. A esse respeito, Guedes (2017) afirma que

⁴ “de acordo com variáveis como idade, sexo e nível de educação, que o desenvolvimento social impôs desde a aceleração dos fluxos, a industrialização e o estabelecimento de meios de comunicação de todos os tipos, nos permite mapear melhor os dados geolinguísticos” (tradução nossa).

Seria possível confundir-se a perspectiva Geossociolinguística e a Dialectologia Pluridimensional e Relacional, uma vez que esta última ocupa-se em estudar tanto a variação diatópica, quanto a diastrática. Contudo, para Thun, a Dialectologia Pluridimensional não pode ser entendida como Geossociolinguística, uma vez que há fatores como os estilos de fala e a variação diafásica, por exemplo, que não poderiam se encaixar, ou ser classificados como geográficos ou sociais, já o termo Dialectologia seria mais etimologicamente abrangente, *dialectus* (do grego, todas as falas) e Pluridimensional (que abrange diversas dimensões), assim, essa constituiria uma definição mais adequada para um mecanismo de descrição e análise das variáveis linguísticas e sociais imbrincadas no processo de variação linguística. (GUEDES, 2017, p. 48-49)

2.4 A Lexicologia

A Lexicologia estuda o léxico de uma língua. Segundo Biderman (1978), o léxico de uma língua abrange o conjunto de signos linguísticos por meio dos quais o homem além de se expressar e de se comunicar, também cria novos conhecimentos e/ou assimila conhecimentos que outros homens criaram, tanto em sua civilização quanto em outras civilizações.

Um dos mais incisivos reflexos culturais de um povo é a sua língua. E essa língua é organizada por palavras que se organizam em frases para formar um enunciado. Cada palavra selecionada nesse processo espelha as características sociais, culturais, etárias, históricas etc. de quem a pronuncia. Portanto, a partir dessa colocação, estudar o léxico de uma língua é abrir caminho para se conhecer a história geossociolinguística do povo que a utiliza. A lexicologia como ciência do léxico estuda as suas diversas relações com os outros sistemas da língua e, sobretudo as relações internas do próprio léxico. Essa ciência abrange diversos domínios como a fonologia, a morfologia, a sintaxe e, particularmente no nosso caso, a semântica.

Os diversos autores que se ocuparam do estudo do léxico posicionam-se de formas variadas. Conforme Faulstich (1997), “léxico é uma unidade linguística dotada de características sistemáticas e que têm a propriedade de se referirem a entidades da realidade”. Para Barros (2004, p. 40), “a unidade lexical é um signo linguístico, composto de expressão e de conteúdo, que pertence uma das grandes classes gramaticais.” Cabré (1993, p. 87), registra que, “uma palavra é uma unidade descrita por um conjunto de características linguísticas sistemáticas e dotada de propriedade de referências a um elemento da realidade”. Segundo Leiria (2001, p. 71), “é um repertório de conhecimento declarativo sobre as palavras da língua. Esse conhecimento é constituído, pelo menos, por 4 tipos de propriedades relacionadas com o significado, a sintaxe, a morfologia e a fonologia.” Para Basílio (2003, p. 10), “do ponto de vista interno, ou mental, o léxico corresponde não apenas a palavras que um falante conhece,

mas também ao conhecimento de padrões gerais de estruturação, que permitem a interpretação ou a produção de novas formas.”

A Lexicologia é uma ciência recente, posto que as preocupações eram voltadas aos estudos fonéticos, morfológicos e sintáticos, ficando os estudos lexicais em segundo plano. Foi somente no final do século XIX, com a presença marcante da Geografia Linguística e, conseqüentemente o florescimento da onomasiologia, que o interesse linguístico passa pouco a pouco da investigação fonética para a perquisição dos problemas lexicais. E em concordância com a visão ampliada de Basílio (2003), apoiaremos-nos nesta pesquisa, na diligência lexicológica que estabelece seu estudo com base em hipóteses, preestabelecidas de acordo com bases teóricas que as aprovam ou rejeitam, e que utilizam amostras de uma língua.

2.5 As Famílias de Línguas Indígenas sob Investigação

Os índios brasileiros não são um povo, como afirma Rodrigues (1994), são muitos povos que se diferem dos brancos ou não-indígenas e se diferem entre si. “Cada qual tem usos e costumes próprios, com habilidades tecnológicas, atitudes estéticas, crenças religiosas, organização social e filosófica peculiares, resultantes de experiências de vida acumuladas e desenvolvidas em milhares de anos” (RODRIGUES, 1994, p. 17).

Assim como as demais línguas do mundo, as línguas dos povos indígenas do Brasil são a expressão do meio em que vivem e de como veem e experimentam o mundo. A capacidade comunicativa é uma capacidade desenvolvida pelo ser humano e “se caracteriza por princípios e propriedades que, presentes em todo homem, facultam a qualquer criança, desenvolver tato com falantes dessa língua. Da mesma forma, permitem a qualquer adulto, com maior ou menor esforço, aprender línguas diferentes da sua própria” (RODRIGUES, 1994, p. 17).

O alto e médio rio Negro é um rico tesouro linguístico e cultural:

Existe uma grande riqueza cultural e lingüística, sendo faladas atualmente mais de vinte línguas, de quatro grandes famílias lingüísticas: TUKANO ORIENTAL, ARUAK, MAKU e YANOMAMI. Algumas delas, como o tukano e o baniwa, são usadas por alguns milhares de pessoas, e outras, como o tariana e o dow, são faladas por poucas dezenas. Frequentemente os índios da região falam várias línguas indígenas, além do português e do espanhol. Algumas etnias, ou partes delas, deixaram de falar suas línguas de origem, adotando outros idiomas indígenas, como é o caso dos Tariana no Uaupés, que atualmente falam tukano; ou dos TUKANO que foram para o médio rio Negro e adotaram o *nheengatu*. (CABALZAR & RICARDO, 1998, p.29)

O quadro seguinte, organizado por Cabalzar e Ricardo (1998), mostra a riqueza de línguas e povos indígenas dessa Região.

Quadro 1 - Povos e línguas indígenas do alto e médio rio Negro

Grupos étnicos/lingüísticos	Família lingüística	Principais áreas de ocupação
Tukano Desana Kubeo Wanana Tuyuka Pira-tapuya Miriti-tapuya Arapaso Karapanã Bará Siriano Makuna Tatuyo* Yuruti* Barasana (Panenoá)* Taiwano (Eduria)*	TUKANO ORIENTAL (TUKANO)	<ul style="list-style-type: none"> • rio Uaupés • rio Tiquié • rio Papuri • rio Querari • curso alto do rio Negro (principalmente entre Santa Isabel e a foz do rio Uaupés, inclusive na cidade de São Gabriel da Cachoeira) • povoados em trecho da estrada que liga S. Gabriel a Cucuí • rio Curicuriari • rio Apapóris e seu afluente Traíra • Departamento do Vaupés e Guaviare (Colômbia)
Baniwa Kuripako Baré Werekena Tariana	ARUAK	<ul style="list-style-type: none"> • rio Içana • rio Aíari • rio Cuiari • rio Xié • curso alto do rio Negro (a montante da cidade de Santa Isabel, sobretudo acima da foz do Uaupés) • médio curso do rio Uaupés, entre Ipanoré e Periquito • Departamento de Guainia (Colômbia) • Estado Amazonas (Venezuela)
Hupda Yuhupde Dow Nadób Kakwa* Nukak*	MAKU	<ul style="list-style-type: none"> • região entre o Tiquié, Uaupés e Papuri • afluentes da margem direita do rio Tiquié (principalmente os grandes igarapés Castanha, Cunuri e Ira) • rios Apapóris e Traíra • proximidades da cidade de São Gabriel (do outro lado do rio) até a foz do rio Curicuriari e do rio Marié • rio Uneixui e no paranã Boá-Boá (médio Japurá) • rio Téa • Departamento do Vaupés e Guaviare (Colômbia)
Yanomami	YANOMAMI	<ul style="list-style-type: none"> • região das bacias dos rios Padauri, Marauaiá, Inambú, Cauaburi (ao norte do rio Negro)

Fonte: Cabalzar e Ricardo (1998, p. 31).

São faladas nessa região além do Português e do Espanhol (este falado nas regiões fronteiriças com a Colômbia e a Venezuela) línguas de cinco agrupamentos genéticos: Aruák, Tukano, Yanomami, Nadahup (Makú) e Tupí-Guaraní. Deste último agrupamento genético, o Nheengatú, que a versão contemporânea do Tupinambá, é uma língua franca falada pela maioria dos indígenas do médio e alto Rio Negro e seus tributários.

As línguas, de forma geral, são classificadas em famílias seguindo os princípios dos critérios genéticos do Método Histórico-Comparativo (RODRIGUES, 1994). Segundo os critérios desse método, cria-se uma hipótese de que um grupo de línguas tem origem comum, isto é, diz-se que uma língua é pertencente a uma família lingüística quando essa língua possui

manifestações semelhantes a uma língua comum e apresenta características semelhantes a um outro grupo, também originado de uma mesma língua.

No que segue, fazemos algumas observações sobre esses agrupamentos genéticos.

2.5.1 A Família Tupí-Guaraní

A família Tupí-Guaraní pertence ao tronco linguístico Tupí (RODRIGUES 1984-1985). Enquanto a família Tupí-Guaraní abarca as línguas faladas em cinco países da América do Sul – Brasil, Guiana Francesa, Bolívia, Argentina e Paraguai –, as demais famílias do tronco Tupí se localizam exclusivamente no Brasil, situadas, especificamente, ao sul do rio Amazonas e ao norte do paralelo 14° S. Essas línguas estão distribuídas da seguinte forma, como mostra Rodrigues (1994):

Quatro dessas famílias têm suas línguas no Estado de Rondônia: as famílias Arikém, Mondé, Ramaráma e Tuparí. A família Mundurukú, que se estendia anos atrás entre as bacias do Xingu e do Madeira, hoje está restrita a alguns afluentes do Tapajós e do Madeira. A família Jurúna, antes no baixo e no médio Xingu e no afluente Iriri, está hoje limitada a uma só língua, o Jurúna, no alto Xingu. Além dessas seis (pequenas) famílias e da Tupí-Guaraní, o tronco Tupí abrange ainda algumas línguas isoladas ao nível de família, as quais podem ser consideradas como famílias de um só membro. Nesse caso, estão as línguas Awetí, no alto Xingu, e Mawé ou Sateré, entre o baixo Tapajós, o baixo Madeira e o Amazonas. (RODRIGUES, 1994, p. 42)

Consoante (RODRIGUES, 1994, p. 32). a família Tupí-Guaraní “se destaca, entre outras famílias lingüísticas da América do Sul pela notável extensão territorial sobre a qual estão distribuídas suas línguas”. Rodrigues fala destaca a distribuição diatópica das línguas Tupí-Guaraní, por serem faladas em várias regiões do Brasil, o que corresponde a expansão destes povos desde tempos imemoriais:

Hoje falam-se línguas dela no Maranhão, no Pará, no Amapá, no Amazonas, em Mato Grosso, em Mato Grosso do Sul, em Goiás, em São Paulo, no Paraná, em Santa Catarina, no Rio Grande do Sul, no Rio de Janeiro e no Espírito Santo, assim como, fora do Brasil, na Guiana Francesa, na Venezuela, na Colômbia, no Peru, na Bolívia, no Paraguai e na Argentina. (RODRIGUES, 1994, p. 32)

Rodrigues (1986) ilustra, por meio de cognatos, as correspondências que permitem agrupar as línguas Tupí-Guaraní em uma família específica dentro do tronco Tupí:

Quadro 2 - Distinções entre Guaraní e a Língua Geral

	M	T	P	W	LG
pedra	itá	itã	itá	takúru	itá
fogo	tatá	tātã	tatá	táta	tatá
jacaré	djakaré	txākāré	djakaré	iakáre	iakaré
pássaro	gwyrá	wyrã	gwyrá	wýra	wirá
onça	djagwāreté	txāwārã	dja'gwára	íáwa	iawareté
ele morreu	omanõ	amãñõ	omanõ	ománo	umanú
mão dele	ipó	ipá	ipó	ípo	ipú

Fonte: Rodrigues (1994).

Da família Tupí-Guaraní, ainda são faladas aproximadamente 20 línguas (quadro 2) no território brasileiro por cerca de 50.000 pessoas. Dentre essas línguas, as que possuem maior quantidade de falantes são o Kaiwá, no Mato Grosso do Sul, e o Guajábara, no Maranhão.

O quadro seguinte, em que constam as línguas indígenas Tupí-Guaraní faladas em território brasileiro até a década de 1980, foi apresentado por Rodrigues (1994):

Quadro 3 - Línguas da família Tupí-Guaraní no Brasil

Línguas	N.º no mapa do Cimi	Estado	Falantes
Akwáwa			
Asuriní do Tocantins (A. do Trocará, Akwáwa)	50a	PA	131
Suruí do Tocantins (Mudjetire)	44	PA	101
Parakanã	51	PA	297
Amanayé	79	PA	?
Anambé (Turiwára?)	66	PA	61
Apiaká	64	MT	(65) 2
Arawetá	49	PA	136
Asuriní do Xingu (A. do Coatima, Awaeté)	50b	PA	53
Avá (Canoeiro)	220	GO	101
Guajá	46	MA	240
Guaraní			
Kaiwá (Kayová)	5	MS	7.000
Mbiá (Mbiúá, Mbyá, Guaraní)	1	RS, SC, PR, SP, RJ, ES	2.248
Nhandéva (Txiripá, Guaraní)	4	PR, SP, MS	4.900
Kamayurá	208	MT	207
Kayabi	63	MT	620
Kokáma	123	AM	(411) ?
Língua Geral Amazônica (Nheengatú, Tupí Moderno)	—	AM	3.000
Omágua (Kambéba)	126	AM	(240) ?
Parintintín			
Diahóí	152	AM	13
Júma	154	AM	9
Parintintín (Kagwahív)	159	AM	118
Tenharín	161	AM	256
Tapirapá	217	MT	202
Tenetehára			
Guajábara	36	MA	6.776
Tembé	48	MA, PA	410
Uruewauwáu	169	RO	215
Urubú (Urubú-Kaapór)	47	MA	494
Wayampí (Oyampí)	75	AP	291
Xetá	—	PR	5

Fonte: Rodrigues (1994).

Dessas línguas, apenas 21 continuam a ser faladas. O Amanajé, o Apiaká, o Anambé, o Diahój e o Xetá não são mais faladas. Do Xetá, restam dois conhecedores, uma mulher e um homem, mas o homem é surdo e a mulher já não tem mais com quem falar, tendo adotado a língua Mbyá de seu esposo como língua de comunicação (Cabral, comunicação pessoal).

A ampla dispersão geográfica das línguas dessa família indica que os antepassados dos povos que as falavam passaram por grandes processos de migração, como observa Rodrigues (1994):

Essa característica migratória pré-colombiana dos Tupí-Guaraní pôde ser observada também depois do início da colonização européia no Brasil e na América espanhola. Atualmente, ela ainda é observável nos Guaraní Mbiá que, em sucessivas levadas, se deslocam do sudeste do Brasil, do nordeste da Argentina e do Paraguai oriental em direção ao leste, até alcançar o litoral do atlântico, o qual passam a acompanhar em direção ao nordeste, refazendo mais de quinhentos anos mais tarde, as migrações que levaram seus parentes pré-históricos a ocupar a costa do Brasil, onde os encontraram os portugueses em 1500. Em consequência destas migrações mais recentes, a língua Mbiá é hoje o idioma tupí-guaraní mais distribuído geograficamente, encontrando-se nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo, assim como no Paraguai e na Argentina. (RODRIGUES, 1994, p. 33)

2.5.2 A Família Tukano

As línguas da família Tukano se dividem em dois ramos, quais sejam: o Tukano Ocidental e o Tukano Oriental. Segundo Rodrigues (1998, p. 29), “Existem pelo menos dezesseis diferentes línguas classificadas como TUKANO ORIENTAL, todas elas faladas por povos que habitam o noroeste do estado brasileiro do Amazonas e o departamento colombiano do Vaupés.”

No Brasil, os Tukano habitam na bacia do rio Uaupés e no trecho entre a foz do rio Negro e as imediações das cidades de Santa Isabel e de São Gabriel.

A língua mais falada da família Tukano Oriental é o Tukano propriamente dito, falada por outros grupos indígenas da região. O que se faz importante ressaltar em relação ao tukano é a importância que essa língua exerce entre povos de língua diferentes.

Na medida em que há várias línguas distintas, em muitos casos não inteligíveis entre si, o tukano passou a ser empregado como língua franca, permitindo a comunicação entre povos com línguas paternas bem diferenciadas. Em alguns contextos, o tukano passou a ser mais usado do que as próprias línguas locais. A língua tukano também é dominada pelos MAKU que vivem nesta bacia, já que necessitam dela em suas relações com os índios TUKANO. Considerando o significativo número de pessoas da bacia do Uaupés que estão residindo no rio Negro e nas cidades de São Gabriel e Santa Isabel, estima-se que cerca de vinte mil pessoas falem o tukano (CABALZAR & RICARDO, 1998, p. 29).

No Brasil, o ramo oriental possui línguas muito homogêneas, tendo, entre as línguas que mais se diferenciam, o Kubewa como sendo a língua que mais se distingue das demais, como mostra o quadro de Rodrigues (1994) reproduzido, em seguida:

Quadro 4 - Distinções entre as línguas do Tukano Oriental

	<i>Tukáno</i>	<i>Barasána</i>	<i>Yebamasã</i>	<i>Wanána</i>	<i>Desána</i>	<i>Kubéwa</i>
capim	ta	ta	ta	ta	tana	kória
peixe	wai	wai	wai	wai	wai	moã
cobra	pirõ	pinõ	hinõ	pinõno	pirõ	aiky
rabo	pikõno	pikõ	hikõ	pitxono	pingono	pikomo
cabelo	poari	hoa	hoari	poari	poari	pora
olho	kahpea	kahea	kahea	parieke	kuiru	diakory
barriga	paa	paga	hera	para	poaru	iapipy
osso	o'ári	oári	ngoã	koã	ngo'ã	koãro
flor	ori	ori	ngo	ko'oro	ngori	kowya
fogo	pehkame	pehkame	heame	pitxaka	peame	toabo
água	ahko	ohko	ide	ko	dehko	oko
pele	kahsero	kahero	wiro	kasero	ga'siro	kahe
homem	ymã	ymã	ymã	muinõ	ymã	ymã
mulher	numiõ	numiõ	numiõ	numinõ	nomeõ	numiõ
pai	pahky	ka'ky	haky	pahkyra	pagy	paky
mãe	pahko	ka'ko	hako	pahkoro	pago	pako

Fonte: Rodrigues (1994).

2.5.3 A Família Aruak

As línguas da família Aruak são faladas na costa guianesa da América do Sul, na Venezuela, na Guiana Francesa, no Suriname e na Guiana. São faladas também no Peru, na Colômbia e no Brasil.

A família Aruak expandiu-se a oeste, até “as cabeceiras dos afluentes esquerdos do rio Orinoco, e pra sudoeste, onde se encontram no rio Negro e nos seus afluentes mais setentrionais, especialmente no Içana” (RODRIGUES, 1994, p. 65). Mais ao sul, encontram-se línguas aparentadas entre o Japurá e o Solimões, e, mais ao sul desse último, em seus afluentes Purus e o Juruá, ou em afluentes do Marañón, no Peru. No nordeste amazônico da Bolívia, mais especificamente no sul, encontram-se mais línguas da família Aruak, bem como no oeste do Mato Grosso e no Brasil Central no alto Xingu.

No Brasil, os falantes de línguas Aruák encontram-se a bacia do rio Içana, o rio Xié e o rio Negro, desde o canal do Casiquiari até o Padauri (RODRIGUES, 1994), no Amapá, no Acre, em Rondônia e nos estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Das línguas Aruák, são faladas na região do Alto Rio Negro as línguas Baníwa/Kuripako, Warekéna e Tariana.

2.5.4 A Família Maku

As seis línguas Maku são aparentadas entre si, formando o que se pode chamar de família linguística Maku. Até onde se sabe, essa família nada tem a ver com as famílias Tukano ou Aruak, se excetuarmos alguns evidentes e poucos empréstimos.

Praticamente todos os Maku são falantes de suas línguas. Devido à proximidade dos Tukano, os Maku da área do Uaupés (Bara, Hupda e Yuhupde) falam línguas Tukano, dando curso ao multilinguismo característico da região. Por outro lado, os Tukano, conforme Ramos (1980), têm sido uma espécie de barreira aculturativa para os Maku do Uaupés, pois atuam como intermediários no contato com os brancos, de modo que apenas cerca de 20% desses Maku sabem se expressar em Português ou Espanhol. Os Nukak, de contato muito recente (1988), pouco falam o espanhol ou qualquer outra língua que não a deles. Quanto aos Dow e Nadöb, de contato antigo (século XVIII) e sem a "barreira Tukano" na vizinhança, a grande maioria se expressa bem em Português e Nheengatu.

2.5.5 A Família Yanomami

As línguas Yanomami são faladas no Brasil e na Venezuela. No Brasil, as línguas dessa família são faladas em Roraima e no Amazonas. É uma pequena família, constituída quatro de línguas: Yanam, Yanomam, Yanomamo e Sanumá, mais esse número pode aumentar, dada a existência de Yanomamis ainda isolados.

De forma geral, o quadro a seguir demonstra as línguas tanto da família Tukano quanto das famílias Maku e Yanomami (as quais são faladas em espaços geográficos muito próximos) no Brasil.

Quadro 5 - Línguas das famílias Tukano, Maku e Yanomami no Brasil

Línguas	N.º no Mapa do Cimi	Estado	Falantes
Família Tukáno			
Barasána (Barasáno, Bará)	109	AM	43
Desána (Desáno, Winá)	101	AM	960
Jurití (Yurití-tapúya, Wahyara)	107	AM	35
Karapanã (Karapanã-tapúya, Mehtã)	112	AM	49
Kubéwa (Kubéu, Kubewána, Pamíwa)	99	AM	150
Pirá-tapúya (Waíkana)	106	AM	613
Suriána (Surirá)	110	AM	10
Tukáno (Tukána, Dahseyé)	105	AM	2.635
(Arapáso, Koneá)	114	AM	268
(Mirití, Mirití-tapúya, Neenoá)	108	AM	49
(Tariána)	102	AM	1.586 ?
Tuyúka (Dohká-poára)	103	AM	465
Wanána (Wanáno, Kótiria)	100	AM	555
Yebá-masã (Yepa-mahsã, Yepá-matsó)	98	AM	55
Família Makú			
Bará (Makú-Bará)	97	AM	?
Guaríba (Wariwa-tapúya)	117	AM	180
Húpda	104	AM	1.431
Kamã	116	AM	?
Nadéb (Nadëb)	115	AM	300
Yahúp	111	AM	300
Família Yanomámi			
Ninám (Yanámi)	87	RR	466
Sanumá	89	RR	462
Yanomám (Yainomá)	88	RR	6.000
Yanomámi	91	AM, RR	2.000

Fonte: Rodrigues (1994).

As línguas da família Nadahup (Maku) são faladas no Brasil e na Colômbia. No Brasil, são faladas as línguas Dâw, Hupdá Iuhup e Nadeb.

A região em que foi realizada a pesquisa para a presente tese de doutorado é onde há o encontro de línguas desses cinco agrupamentos genéticos e destes com o Português, o que torna essa região privilegiada para os estudos linguísticos, seja das línguas indígenas, seja de contato linguístico, sendo esses temas cruciais para o presente estudo sobre aspectos lexicais do Português falado por indígenas da região em pauta.

2.6 Estudos Dialectais no Estado do Amazonas

A partir da elaboração do Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM), (CRUZ, 2004), primeiro trabalho no Estado na perspectiva da Dialetoлогия Pluridimensional, os estudos dialetais no Amazonas ganham um impulso significativo por meio de estudos monográficos ou de atlas linguísticos que buscam confirmar hipóteses ou ampliar aspectos estudados pelo

ALAM. Porém, conforme Maia (2018), o primeiro registro dialetal do Amazonas mais abrangente se deve à iniciativa de Hidelvídea Côrrea em sua dissertação de mestrado intitulada O Falar do “Caboco” Amazonense: aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves, defendida em 1980. Maia detalha esse precursor trabalho:

Essa pesquisa objetivou caracterizar o falar do amazonense de Itacoatiara e Silves por meio do registro de formas lexicais e alguns aspectos fonético-fonológicos. A pesquisadora aplicou, inicialmente, um pré-teste que consistiu em um levantamento do léxico que serviu de base para o QSL definitivo e para observações das variações fonético-fonológicas para a formulação de hipóteses. Após esse levantamento, para a confirmação das hipóteses, foram aplicados o QSL e o QFF definitivos a 42 informantes naturais das localidades estudadas e de família também originária da mesma localidade, iletrados (analfabetos ou com escolaridade mínima), com mais de 30 anos e de profissão variável, preferencialmente jateiros, roceiros e pescadores. (MAIA, 2018, p. 100)

Os resultados revelaram a produtividade dos fenômenos fonético-fonológicos, bem como de variação lexical em diversos campos semânticos.

A inspiração, anos depois, para a elaboração do importante trabalho de cunho geolinguístico moderno de Cruz (2004), o Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM), veio do reconhecido trabalho de Hidelvídea Côrrea, pioneiro no estudo linguístico da variação de duas localidades do Amazonas, retratando a fala amazonense.

2.6.1 Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM)

Figura 4 - Rede de pontos do ALAM



Fonte: Cruz, 2004.

Defendido como tese de doutoramento, o Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM), (CRUZ, 2004), investiga nove localidades representativas de cada uma das microrregiões do

Estado: Barcelos (Microrregião do Alto Rio Negro), Benjamin Constant (Microrregião do Alto Solimões), Eirunepé (Microrregião do Juruá), Humaitá (Microrregião do Madeira), Itacoatiara (Microrregião do Médio Amazonas), Lábrea (Microrregião do Purus), Manacapuru (Microrregião do Rio Negro-Solimões), Parintins (Microrregião do Baixo Amazonas) e Tefé (Microrregião do Jutáí-Solimões-Juruá), mapeando a variação linguística em seus aspectos fonético-fonológicos e semântico-lexicais.

Os inquéritos resultaram em 257 cartas, sendo 107 fonéticas e 150 semântico-lexicais que revelam a diversidade linguística amazonense. Maia (2018, p. 25) detalha o aspecto lexical:

No que se refere às cartas lexicais, estas foram organizadas em uma perspectiva propriamente onomasiológica e ainda por meio de arquiconceitos que reúnem diferentes conceitos (cartas derivadas) e revelam a variedade linguística amazonense de homens e mulheres, jovens, adultos e idosos, por meio dos campos semânticos Meio Físico (Terra, Rios e Fenômenos Atmosféricos), Meio Biótico (Fauna e Flora) e Meio Antrópico (Homem e suas Características Físicas, Relações Familiares, Alimentação, Saúde, Habitação, Vestuário, Crenças, Relações Sociais e Atividades de Produção).

O Atlas Linguístico do Amazonas impulsionou diversos trabalhos dialetais no Estado, seja por meio de atlas linguísticos, seja em monografias, dos quais se destacam os dois atlas fonéticos apresentados como dissertações de mestrado em programas de pós-graduação da Universidade Federal do Amazonas, orientados pela autora do ALAM, o Atlas dos Falares do Baixo Amazonas (BRITO, 2011) e o Atlas Linguístico dos Falares do Alto Rio Negro (JUSTINIANO, 2012). Essas pesquisas seguem a metodologia do ALAM, o que permite uma comparação entre eles, bem como é possível ainda considerá-las extensões do ALAM.

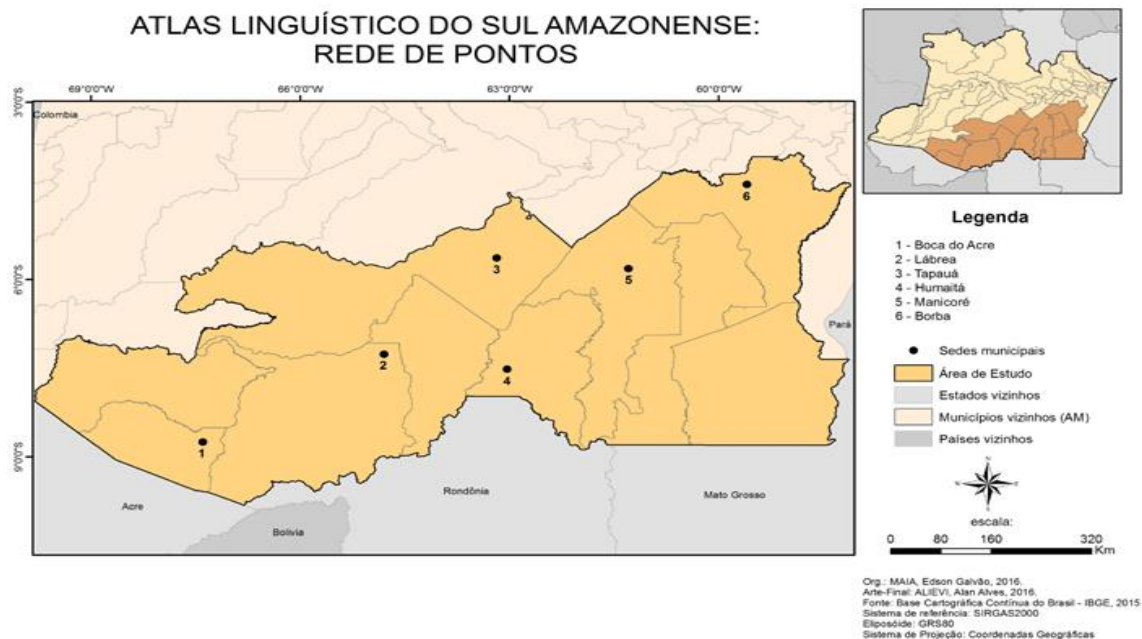
O Atlas dos Falares do Baixo Amazonas (AFBAM) investigou cinco municípios da microrregião do Baixo Amazonas: Barreirinha, Boa Vista do Ramos, Nhamundá, São Sebastião do Uatumã e Urucará e o Atlas Linguístico dos Falares do Alto Rio Negro (ALFARiN), dois municípios da microrregião do Alto Rio Negro: Santa Isabel do Rio Negro e São Gabriel da Cachoeira em seus aspectos fonéticos.

Os resultados apresentados no ALAM também despertaram o interesse de outros pesquisadores em estudar os fenômenos linguísticos no nível fonético, com a investigação de três fenômenos variáveis, apresentados por Maia (2018), considerados relevantes para a caracterização do falar amazonense a saber: o comportamento fonético-fonológico do /S/ em coda silábica de Martins (2007); Quara (2007); Martins e Margotti (2012); Maia (2012); Maia (2016), o alçamento da vogal média posterior tônica /o/ para [u] de Maia (2006); Martins (2006); Dias (2007); Silva (2009); Campos (2009) e a realização fonética das vogais médias

pretônicas /e/ e /o/ de Maia (2009); Silva (2009); Quara (2012); Azevedo (2013). Todavia, a alguns pesquisadores também interessou a investigação lexical de Barbosa (2013); Azevedo (2013); Silva (2015); Gonçalves (2015).

2.6.2 Atlas Linguístico do Sul Amazonense (ALSAM)

Figura 5- Rede de pontos do ALSAM



Fonte: Maia (2018)

Defendido como tese de doutoramento de Edson Galvão Maia em junho de 2018, o Atlas Linguístico do Sul Amazonense (ALSAM) é constituído por três volumes. O volume I apresenta as considerações sobre o trabalho realizado, no qual o autor discute o cumprimento dos objetivos e a confirmação ou não das hipóteses, à luz dos principais resultados obtidos na pesquisa. O volume II traz a apresentação do ALSAM com informações sobre as cartas, os informantes e a rede de pontos, as notações fonéticas, quatro cartas introdutórias e as 100 cartas fonéticas e 50 cartas-síntese fonéticas. O volume III, traz as 285 cartas semântico-lexicais do Atlas Linguístico do Sul Amazonense (ALSAM).

O autor também organizou um CD com uma versão estendida do ALSAM, contendo todas as 644 cartas linguísticas elaboradas antes que se selecionassem aquelas que seriam utilizadas para a versão impressa. São quatro cartas introdutórias, 400 cartas semântico-lexicais, 190 cartas fonéticas e 50 cartas-síntese fonéticas.

Este Atlas investiga seis dos dez municípios representativos da mesorregião do Sul Amazonense, que é constituída por três microrregiões, a microrregião de Boca do Acre, a microrregião do Purus e a microrregião do Madeira. São eles: Boca do Acre, Lábrea, Tapauá, Humaitá, Manicoré e Borba, mapeando a variação linguística em seus aspectos fonético-fonológicos e semântico-lexicais.

Esses Atlas citados, ALAM e ALSAM, serviram como base de referência comparativa para esta pesquisa de cunho semântico-lexical, estudo esse que até o presente momento, ainda não foi realizado na sede de SGC. A seguir, nossos passos metodológicos.



CAPÍTULO III

CONTEXTUALIZAÇÃO ETNOLINGUÍSTICA DO MUNICÍPIO DE SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM

3 CONTEXTUALIZAÇÃO ETNOLINGUÍSTICA DO MUNICÍPIO DE SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA-AM

Neste capítulo, em um primeiro momento, apresentaremos a Região do Noroeste Amazônico, em especial o município de São Gabriel da Cachoeira, como um espaço bastante interessante e peculiar por suas relações etnolinguísticas pouco conhecidas por parte dos brasileiros. Daremos uma visão geral da região, com a intenção de focalizar o alcance da imensa diversidade linguística, que a despeito do natural multilinguismo decorrente das diferenças culturais das 27 etnias (5 na Colômbia) que habitam a região, compõem uma mesma área cultural, estando em grande medida articuladas numa rede de trocas e identificadas no que diz respeito à cultura material e à organização social.

Em um segundo momento, apontaremos a motivação social como causa das relações multilíngues. Mostraremos as cinco famílias linguísticas e seus vinte e dois grupos étnicos, falaremos das línguas cooficializadas no município e evidenciaremos alguns dos mais citados fatores responsáveis pelo multilinguismo na região: a exogamia e a virilocalidade.

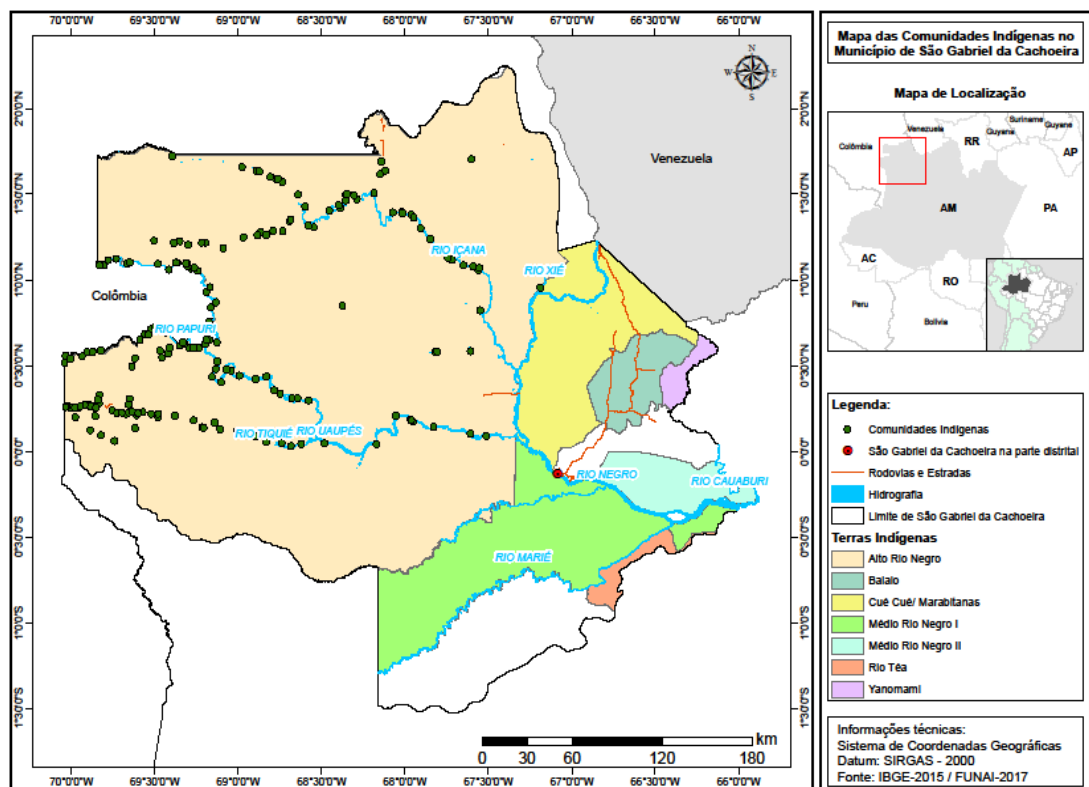
3.1 O Município de São Gabriel da Cachoeira

O município de SGC se estende por 112.255 km² e conta com 37.896 habitantes segundo o último CENSO/2010. A densidade demográfica é de 0,3 habitantes por km² no território do município. Situado a 93 metros de altitude, possui as seguintes coordenadas geográficas: Latitude: 0° 7' 48" Norte, Longitude: 67° 5' 20" Oeste. É um município do Parque Nacional do Pico da Neblina. Localizado na região conhecida como Alto Rio Negro, é o município com a maior população indígena do país, dos quais aproximadamente 90% se autodeclararam indígenas, vivendo em mais de 600 aldeias distribuídas em quatro grandes terras indígenas demarcadas, dispostas à margem esquerda do Rio Negro, estendendo-se até as fronteiras com a Colômbia e a Venezuela. É dividida em espaço rural e urbano. Além da Sede Distrital, onde foi realizada esta pesquisa, os distritos que se destacam dentro de seu imenso território são Cucuí, Iuaretê, Içana, Pari-Cachoeira, Maturacá, Taracuí, Querari (espaço urbano) e mais seiscentas comunidades espalhadas nos sulcos de seus rios (espaço rural).

O prefeito do Município e o vice-prefeito são indígenas. O primeiro, chama-se Clovis Moreira Saldanha (Clovis Curubão) e o segundo, Pascoal Gomes Alcântara. Ambos da etnia Tariana, da família linguística Tukano Oriental, eleitos para o mandato entre 2017 a 2021.

Atualmente, é um dos sessenta e dois Municípios que integram o maior Estado do Brasil, o Amazonas. Segundo o Relatório da Federação das organizações indígenas do alto Rio Negro (2016), dos 7,18% da área total do Estado, mais de 80% são terras indígenas demarcadas e regularizadas, posicionando-o em terceiro lugar dentre os demais Municípios do território brasileiro. A maior parte do município é de terras indígenas de acesso proibido sem autorização. São 430 povoados que abrigam 23 grupos distintos. São 35 mil índios, o que significa 10% da população indígena brasileira presente na cidade. É a última fronteira do noroeste da Amazônia, na região conhecida como “Cabeça do Cachorro”, limitando-se ao norte com a Colômbia e a Venezuela; e ao sul, com os Municípios de Santa Isabel do Rio Negro e Japurá (ver figura 6).

Figura 6 - São Gabriel da Cachoeira



Fontes: IBGE (2015); FUNAI (2017).

Dentre as várias instituições governamentais que atuam em SGC estão o Exército, a Fundação Nacional do Índio-FUNAI, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis-IBAMA. E como não governamentais e sempre atuantes estão a Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro-FOIRN, o Instituto Socioambiental-ISA e o Distrito Sanitário Especial Indígena-DSEI.

A principal atividade no município ainda é a agricultura de subsistência, planta-se mandioca, abacaxi, banana, limão e batata-doce. A alimentação é à base de mandioca e é

completada pela caça e pesca. A maior fonte de renda na cidade é vinda do Exército que abriga cerca de 1.500 homens e paga uma folha de soldos que chegam a cerca de 900 reais por mês, quase seis vezes maior que a do funcionalismo público.

Figura 7 - Foto aérea de São Gabriel da Cachoeira



Fonte: Disponível em: <https://barcelosnnet.com/cultura/>

Segundo a Secretária Municipal de Educação da etnia Baré, Professora Jeana Alice de Medeiros, há, na Sede, seis escolas estaduais e duas municipais, de Ensino Fundamental e de Ensino Médio, e nos rios mais 10 escolas de Ensino Fundamental (1ª a 4ª séries). Mesmo não sendo uma potência econômica, São Gabriel da Cachoeira conseguiu com que as escolas atingissem praticamente todos os povoados, são 10.000 alunos matriculados no Ensino Fundamental e Médio. O que confere alto grau de escolarização e consequente domínio de leitura em Português por parte da população indígena da região. Nestas escolas, mantidas por convênios entre Governo do Estado e a Prefeitura, ou a Missão Salesiana ou o Exército, lecionam mais de 300 professores indígenas.

3.1.1 Aspectos históricos

A Fundação da Cidade de São Gabriel da Cachoeira data de 1761. Conforme Alves (2015), ao longo de sua história, o Município recebeu quatro denominações: São Gabriel da Cachoeira, São Gabriel do Rio Negro (1891), São Gabriel e Uaupés (1943) e novamente o nome de origem, São Gabriel da Cachoeira (1966).

Como é sabido, por meio da história oficial, aos religiosos jesuítas e carmelitas coube a missão de catequizar os primeiros habitantes da atual sede do município. As origens de São Gabriel estão atreladas, principalmente, à presença dos carmelitas que venceram os trechos encachoeirados do rio Negro, precisamente no local, onde mais tarde viria a ser fundado o Município de São Gabriel da Cachoeira. Posteriormente, seguiram desbravando a região, alcançando os rios Uaupés, Tiquié e Içana, por onde fundaram vilas e povoados, apostolando pessoas espalhadas por essa região para “o cumprimento da missão da cruz” (ALVES, 2015).

A história do Município também está ligada diretamente à construção do Forte São Gabriel, o primeiro Destacamento Militar do Alto Rio Negro, o qual possuía a missão de defender a região contra as frequentes ameaças de invasões estrangeiras, em especial a espanhola.

O nome do povoado de São Gabriel da Cachoeira veio da homenagem prestada pelo seu fundador, o Capitão de granadeiros José da Silva Delgado, a um Tenente-Coronel de importante destaque na Capitania de São José do Rio Preto, atual Estado do Amazonas, Gabriel de Souza Filgueiras.

Para nos situarmos em sua história, há necessidade de voltarmos ao século XVI e apresentarmos fatos e a figura de importantes personalidades para a região do Alto Rio Negro.

Segundo o historiador Bento (2003), do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a América do Sul, conforme memória oficial, foi, por meio do Tratado de Tordesilhas, dividida entre dois reinos: Portugal (terras a leste) e Espanha (terras a oeste, abrangendo a atual Amazônia Brasileira).

Conforme o escritor Alves (2015), cidadão honorário de São Gabriel, a partir de 1500, ano do descobrimento do novo mundo, outros países da Europa, como Holanda, Inglaterra e França lançaram seus interesses cobiçosos e gananciosos pelo que é hoje a Amazônia, surgindo a necessidade de união em um único reino entre Portugal e Espanha em defesa desse território. À Portugal coube a missão de conquistar e povoar a costa do Pará e áreas próximas do que atualmente é a Amazônia Brasileira.

Em 1616, o então Forte do Presépio ou Forte do Castelo, onde estão as origens da cidade de Belém, serviu como apoio à expedição de Pedro Teixeira. Após prestar serviços à Coroa Portuguesa, como muitos combates contra holandeses, ingleses e franceses e com a notícia da chegada de espanhóis no Alto Amazonas, e ainda procurando antecipar-se à Espanha na conquista efetiva da Amazônia, parte com a missão de conquistar a maior porção da bacia Amazônica. Feito concretizado em 15/08/1639, à margem esquerda do rio Aquarico (atual rio do Ouro), ali plantou um marco e um povoado ao qual chamou de Franciscana, em homenagem

a dois padres franciscanos mortos pelos índios los encabelados. Foi a partir dessas expedições, explana Bento (2003) que as regiões do Rio Negro começaram a ser identificadas e descritas com mais detalhes, além dos outros afluentes do rio Amazonas.

Considerável era a população indígena dessa região no século XVII, e seus primeiros contatos se deram, principalmente, com os brancos portugueses. E a partir de então, a penetração no rio Negro se intensificou com a presença dos colonizadores movidos pela ganância em busca de riquezas e de escravos para o trabalho em lavouras e para a coleta das drogas do sertão. Se esta foi uma época de grandes feitorias, entretanto, muito duros foram os conflitos travados no campo do relacionamento entre brancos e índios.

As emboscadas, lutas, guerras, fugas, fome, escravidão, tragédias, mortes contribuíram para a fuga em massa de nativos da região para áreas mais seguras e de difícil acesso, trazendo como consequências o esvaziamento, o abandono e mesmo a extinção de determinadas povoações (ALVES, 2015). Como exemplo de atrocidades, faz-se referência às falsas tropas de resgate, que foram criadas, inicialmente, por piedade dos índios, isto é, com o intuito “de livrar seus corpos da morte e suas almas do inferno”, por meio da catequização nas verdades católicas por anos, com a aclamação dos portugueses, que nos índios resgatados tinham escravos e servos para as suas lavouras. As tropas de resgate eram sempre acompanhadas de um religioso jesuíta responsável pela “liberdade” ou escravidão dos índios. A região de atuação dessas tropas era comumente no vale do Rio Negro (BENTO, 2003).

De acordo com Cabalzar e Ricardo (1998), como consequências da atuação das falsas tropas de resgate, muitos índios foram apresados e descidos do Alto rio Negro. Entre tais escravos estavam, em grande número, indígenas das etnias Tukano, Baniwa, Baré, Maku, Werekena e outros que viviam na região e eram levados para trabalhar em Belém e São Luís.

Diante de tamanhas atrocidades, algumas etnias se revoltaram contra os brancos e somente após muitas batalhas é que foram dominadas, evidenciam-se os Manao de origem Aruak e os Tupinambá de origem Tupí-Guaraní.

Os Manao (de onde veio o nome da atual capital do Amazonas) eram os mais importantes nesta região, no século XVIII, por seu número, pela língua, pelos costumes e pelo valor. De natural espírito guerreiro, enfrentaram, durante anos, a soberania de Portugal combatendo as expedições, mantendo a imperiosidade no médio Rio Negro. A maioria da população dessa região era, até cinquenta anos atrás, seguramente, descendente desses indígenas.

Quanto aos Tupinambá, conforme Rodrigues (1996), dominavam as regiões entre Maranhão, Pará e Amazônia se estendendo até a boca do rio Tocantins.

Esses episódios provocaram ainda um rastro de barbaridade pelos atos de crueldade praticados pelas falsas tropas de resgate, seus abusos eram exorbitantes, intoleráveis e excessivos. Finalmente, em 1750, essas tropas, após várias vezes proibidas e retomadas, visto que afetavam a ganância dos portugueses que a praticavam, foram de todo proibidas.

Atualmente, a evolução do município segue seu ciclo normal, em que cada pessoa de sua população estimada em quase 38 mil habitantes, desde seus primeiros ao último dos emigrantes vem contribuindo para a construção de uma envolvente história.

Sobre a Língua Geral Amazônica (LGA), como era conhecida a língua Nheengatu, segundo Rodrigues (1986, p. 99), foi usada pelos portugueses e pelos espanhóis para qualificar línguas indígenas de grande difusão numa área, como eram os casos da América espanhola, em que o Quêchua foi chamado de Língua Geral do Peru e o Guaraní, de Língua Geral da província do Paraguai. Rodrigues ressalta que o Tupinambá, que era falado ao longo da costa brasileira, “não teve consagrada a designação de língua geral nos dois primeiros séculos da colonização” (RODRIGUES, 1986), e que o Pe. Anchieta chamou a gramática que elaborou sobre ela em 1595 de *Arte de Gramática da Língua mais usada na Costa do Brasil*, ao passo que outros autores referiram-se a ela como “língua do Brasil”, “língua da terra”, “língua do mar” e “língua brasílica” (RODRIGUES, 1986, p. 100). Por outro lado, o uso do nome Tupinambá para designar a língua Tupí-Guaraní falada na costa brasileira durante os séculos XVI, XVII e XVIII, surge, segundo Rodrigues, já tardiamente no século XVIII, com o propósito de diferenciá-la, como língua dos índios Tupinambá do Pará, da língua que se desenvolvera a partir dela e que era usada pela população mestiça, já bastante diferenciada da língua original. O Nheengatu é o tupinambá antigo trabalhado pelos Jesuítas para evangelizar os indígenas. Por meio do contato entre indígenas e missionários, a Língua Geral subiu o Brasil e chegou à Amazônia. Durante o processo de colonização coexistiram duas Línguas Gerais: a Língua Geral Paulista, derivada do Tupí e usada na costa do Brasil, e a Língua Geral Amazônica, derivada do Tupinambá e usada do Maranhão à Amazônia. Outra observação feita por Rodrigues (1986, p.101) sobre o desenvolvimento da LGA é a de que

foi nas áreas mais afastadas do centro administrativo da Colônia (que era a Bahia) que se intensificou e generalizou o uso da Língua Brasílica como língua comum entre os portugueses e seus descendentes, - predominantemente mestiços - e escravos (inclusive africanos), os índios Tupinambá e outros índios incorporados às missões, às fazendas e às tropas: em resumo, toda a população, não importa qual sua origem, que passou a integrar o sistema colonial.

Rodrigues (1986) observa, ainda, que a essa língua que era comum a índios missionados e aculturados e a não-índios é que foi mais sistematicamente aplicada o nome de Língua Geral.

Considerando o contexto sociohistórico, convém lembrar que a política de Portugal, até o final da década de 1720, foi de franco incentivo à expansão da Língua Geral, pelo que ela representava em termos de rentabilidade para a colônia. Em vários momentos, o rei de Portugal repreendeu duramente os carmelitas, os mercedários e os franciscanos da Amazônia, cujos missionários não eram tão fluentes na Língua Geral quanto os jesuítas (SWEET, 1974). Por meio da Carta Régia de 30 de novembro de 1689, Portugal reconheceu a LGA como língua oficial do estado do Maranhão e Grão-Pará, determinando que os missionários deviam ensiná-la não apenas aos índios, mas também aos próprios filhos dos portugueses concentrados nos embriões de núcleos urbanos que se formavam na região (KIEMEN, 1954).

Desta forma, com o incentivo oficial e por meio de métodos nada pacíficos, a Língua Geral subiu o rio Amazonas e penetrou em seus afluentes, levada por missionários e colonos portugueses, em canoas movidas pelas forças dos remos indígenas – e não em barcos à vela – alcançando, até mesmo, áreas da Amazônia atualmente ocupadas pela Venezuela, Colômbia e Peru, onde ficou conhecida como “lengua yeral” (cf. FREIRE, 2003, p. 56). Sua gramática foi estudada pelos jesuítas, que estavam preocupados em desenvolver algumas formas institucionais para reproduzi-la.

Freire (2003) ressalta que, embora em situação de bilinguismo com o português, a LGA continua sendo falada ainda hoje como língua materna de uma população restrita a uma área onde, originalmente, não existia nenhuma língua Tupí - o rio Negro – para onde foi levada pelos missionários. Lá, tornou-se conhecida, a partir do século XIX, como Nheengatu (fala boa), termo divulgado por Couto de Magalhães, que a considerou como “o francês ou inglês da imensa região amazônica” por ser entendida “em todas as nações, ainda mesmo nas que não falam o Tupi” (MAGALHÃES, 1876, p. 16).

Para Cabalzar e Ricardo (1998), a região do Alto Rio Negro é uma das regiões com maior diversidade étnica e linguística da Amazônia. Isso pode ser comprovado ao se verificar que só no município de São Gabriel da Cachoeira - AM, com extensão territorial de 112.115 km², 80% desse município é constituído por Terras Indígenas (Alto Rio Negro, Balaio, Médio Rio Negro I e II, Rio Tea e Yanomami) e nessas terras encontra-se uma população de aproximadamente 38 mil pessoas, das quais cerca de 95% da população são indígenas (85% dessa população na sede capital, o *locus* de nossa pesquisa).

Com base em informações do relatório de 2015 da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN), ressalva-se que essa população indígena do rio Negro

representa vinte e sete grupos etnolinguísticos (22 no Brasil e 5 na Colômbia) falantes de idiomas de quatro grandes famílias linguísticas distintas: a família Aruak, a família Tukano Oriental, a família Yanomami e a família linguística Maku .

Há ainda a presença de uma quinta família, a Tupí-Guaraní, representada nesta pesquisa pelos Baré, que embora façam parte da família Aruak, há cerca de trezentos anos são falantes de Nheengatu (antes Língua Geral) pertencente à família Tupí-Guaraní. Os Baré não falam mais sua língua original da família linguística Aruak, a língua Baré, bem como os Mura e os Werekena. Por ter sido um dos primeiros povos a entrar em contato com os missionários no período da colonização, e a partir dessa convivência, os Baré foram obrigados a adotar a Língua Geral como língua de uso, pois era a língua da colonização. Esclarece Silva (2014 apud SANTOS, 2014) “Entre os índios existe uma ideia de que você é mais índio quando fala uma língua indígena, por isso esses povos, mesmo tendo tido suas línguas extintas, adotaram o Nheengatu”.

Atualmente, o Nheengatu representa uma marca de sua identidade cultural. Para Cabalzar e Ricardo (2000), a Língua Geral, era falada em grande parte do Brasil nos primeiros séculos da colonização portuguesa, e que foi adaptada e amplamente difundida pelos missionários jesuítas. Como já foi aventado, o Nheengatu vem do tronco linguístico Tupí, que não tem origem na Amazônia, mas no litoral brasileiro. Com o tempo, o domínio do Português foi se firmando como língua nacional e a Língua Geral foi perdendo terreno. Porém, continua, agora Nheengatu, viva e muito usada por várias etnias na região do rio Negro, em seu curso médio e alto, em São Gabriel, e em alguns de seus afluentes, como no baixo Içana e no rio Xié.

3.1.2 Aspectos Socioculturais: multilinguismo na região do Rio Negro

Quando se fala sobre bilinguismo, trilinguismo ou mesmo multilinguismo, pensa-se logo na coexistência de sistemas linguísticos diferentes (língua, dialeto etc.) numa comunidade ou na utilização simultânea de várias línguas por uma pessoa ou por um grupo, com equivalente fluência ou com proeminência de uma delas. E é exatamente isso que se evidencia em São Gabriel da Cachoeira, as duas ocorrências acima, com uma singular diferença, no município, a proeminência não é de uma das línguas que lá coexistem, mas de três línguas indígenas. Visto que são cerca de 20 línguas faladas por mais de 30 etnias na região, onde está concentrada a maior população indígena do Brasil. Na localidade, 90% da população domina mais de uma língua. E se sempre teve muitos povos indígenas, consequentemente há uma pluralidade

linguística. A proeminência dentre tantas línguas não poderia ser somente de uma língua, porém acabou recaído sobre as três línguas mais faladas neste espaço tão diferenciado ao ponto de terem sido cooficializadas ao lado do Português.

Como foi colocado anteriormente, São Gabriel da Cachoeira possui uma população residente de 37.896 pessoas, sendo que 29.017 declararam-se indígenas, isto é, 76,57% do total da população. E, conforme, ainda, o CENSO/2010, a população indígena, na região, é de 50 mil pessoas, sendo essa pertencente a 22 diferentes grupos étnicos, são mais de 16 línguas indígenas faladas, a região possui cerca de 420 comunidades e 455 sítios. Ver quadro 6.

Quadro 6 - Censo 2010

CENSO DE 2010	População total	População indígena	Proporção de população indígena %
São Gabriel da Cachoeira-AM	37.896	29.017	76,57

Fonte: Censo (IBGE,2010)

Essa surpreendente característica da região do alto e médio rio Negro pode ser compreendida a partir de sua própria história e da dinâmica das relações sociolinguísticas entre as comunidades indígenas, já que o sistema social, de maior parte dessas comunidades (que envolve quinze grupos exógamos da família Tukano Oriental e quatro grupos Aruak), é baseado em exogamia linguística, em que os casamentos só são permitidos entre indivíduos que pertençam a grupos linguísticos diferentes, e a norma da virilocalidade, que junta no local de moradia do pai, numa mesma maloca ou comunidade, esposas de vários grupos exógamos. Como explanam as autoras:

Nesse sistema, cada indivíduo ‘fala’ a língua do pai enquanto, por mais proficiente que seja, apenas ‘imita’ outras, inclusive a língua da mãe. Essa distinção reflete o fato de que o uso ativo e exclusivo da língua do pai indica a identidade da pessoa como membro de um grupo social patrilinear e linguístico. Além da exogamia linguística, a norma da virilocalidade junta numa mesma maloca ou aldeia esposas de vários grupos exogâmicos. Assim, cada criança se forma num ambiente doméstico bilíngue e numa comunidade multilíngue, adquirindo primeiro a língua da mãe, mas depois adotando o uso exclusivo da língua do pai para afirmar a sua identidade social. Esses padrões de aquisição e uso linguístico tornam inevitáveis as influências mútuas entre as línguas em contato e criam um contexto rico para pesquisadores interessados em situações de mudança linguística. (STENZEL; GOMEZ-IMBERT, 2009, p.72).

Lasmar (2005), ressalta que a língua da mãe desempenha importante papel neste sistema multilíngue: “Ainda que a mãe use a língua do pai ao falar com seus filhos, as crianças são

primeiro expostas à língua da mãe e tende a entendê-la muito bem, visto que a língua da mãe pode ser muito importante no sistema preferencial de casamento.”

Sorensen (1967), expõe sobre esse sistema preferencial: “Há uma preferência, mas não obrigação, de se casar com sua prima cruzada, particularmente a filha do irmão da mãe. Além disso, ao longo dos anos, um indivíduo é exposto a pelo menos duas ou três línguas além das línguas do pai e da mãe.”

Há ainda, segundo Stenzel (2009), uma peculiaridade extremamente interessante, o fato de que embora as pessoas sejam expostas a diferentes contextos linguísticos ao longo de anos, além das línguas do pai e da mãe, ninguém tenta falar uma língua na qual não se tem competência. Ocorre o que a autora denomina de uma atitude “purista”, de acordo com a qual a mistura de línguas não é aconselhável.

Essa prática da exogamia linguística, muito comum entre os diferentes grupos indígenas, como exemplo a maior família linguística da região, a Tukano Oriental que possui quinze grupos linguísticos exógamos, pode ser um dos maiores fatores para se entender o alto grau de diversidade linguística na área. Portanto, como consequência dessas complexas relações, chega-se a acreditar ser bem natural de se esperar que um município como São Gabriel da Cachoeira possa apresentar quatro línguas oficiais.

Rodrigues (1986) relata que os povos indígenas sempre lidaram com contextos de multilinguismo. Por isso, que o número de línguas usadas por um indivíduo pode ser bastante variado. Há aqueles que falam e entendem mais de uma língua ou que entendem muitas línguas, mas só falam uma ou algumas delas. Conclui ele que não é difícil achar sociedades ou indivíduos indígenas em situação de bilinguismo, trilinguismo ou mesmo multilinguismo.

As comunidades indígenas da família Tukano Oriental, situadas em grande parte ao longo do rio Uaupés -um dos tributários do Rio Negro- são exemplos dessa afirmação, pois, como foi dito anteriormente, numa mesma comunidade indígena é bastante comum encontrar com pessoas que só falam a língua indígena, com outros que só falam a língua portuguesa e outros ainda que são bilíngues ou multilíngues. Comprovando que a diferença linguística não é, necessariamente, obstáculo para que os povos indígenas se inter-relacionem, quer por meio de casamentos, de seus costumes tradicionais de trocas, de suas festas ou que assistam aulas juntos, como ocorre cotidianamente nesta região. Conforme a seguinte observação de Rodrigues:

Entre esses povos habitantes do rio Negro, os homens costumam falar de três a cinco línguas, ou mesmo mais, havendo políglotas que dominam de oito a dez idiomas. Além disso, as línguas representam, para eles, elementos para a constituição da identidade pessoal. Um homem, por exemplo, deve falar a mesma língua que seu pai, ou seja, partilhar com ele o mesmo “grupo linguístico”. No entanto, deve se casar com uma mulher que fale uma língua diferente, ou seja, que pertença a um outro ‘grupo linguístico’ (RODRIGUES, 1986, pág. 93).

Os povos Tukano são, assim, tipicamente multilíngues. Eles demonstram como o ser humano tem capacidade para aprender em diferentes idades e dominar com perfeição numerosas línguas, independente do grau de diferença entre elas e mantê-las conscientemente bem distintas, apenas com uma boa motivação social para fazê-lo (RODRIGUES, 1986).

Assim como as línguas da família do Tukano Oriental, apresentadas aqui como exemplo dessa singularidade linguística (já que dentre elas, a língua Tukano tornou-se língua franca na área do rio Uaupés “servindo de veículo de comunicação entre falantes de línguas diferentes”, outras línguas são utilizadas a fim de superar entraves linguísticos. Os contextos de fala, como está se observando, nesta região, são muito variados, portanto, dependendo da relação linguística, uma outra língua vem à tona como língua de contato naquela situação de comunicação. Como é o caso do Nheengatu, do Português, do Espanhol (resultante de relações comerciais) ou das línguas das famílias Aruak e Maku.

Essas diversas comunidades indígenas distribuem-se nos bairros do Distrito municipal de São Gabriel, no núcleo urbano de Iuretê e ao longo dos rios que cortam o município, como o Uaupés, o Içana, o Xié, o Tiquié e o Negro. São mais de quatrocentas pequenas comunidades que vivem em terras indígenas.

Na parte distrital de São Gabriel, estão localizados os serviços básicos essenciais como os correios, grandes escolas, bancos etc. e, também, programas sociais do governo federal, como o Bolsa Família, portanto, atraindo indivíduos das mais diferentes comunidades e línguas que interagem entre si. Como se está constatando, São Gabriel é um município onde a maioria da população é multilíngue; cuja escolha da (s) língua (s) que cada um fala e em que se exprime socialmente assume uma importância capital no processo de identidade coletiva.

Na verdade, a relação que se estabelece entre as várias línguas é, ela própria, plurifacetada: se o Nheengatu tende a ser uma língua veicular complementar das demais línguas indígenas, ele é geralmente entendido, não como uma segunda, terceira língua, mas como uma língua usada para contatar falantes de outras línguas, não suscitando formas de concorrência, de rivalidade, de antagonismo. O mesmo se poderá afirmar das outras línguas em jogo. Há casos em que é o Português que funciona como língua franca. Em algumas regiões da Amazônia, por exemplo, há situações em que diferentes povos indígenas e a população ribeirinha falam o

Nheengatu, quando conversam entre si. A opção pelo Português, pelo Tukano ou pelo Baniwa não tende a ser mutuamente exclusiva, ou seja, a opção por uma ou por outra dependerá da relação social, isto é, uma boa motivação social, neste contexto cotidiano multilíngüístico. Praticamente, todo indivíduo conhece fluentemente três, quatro ou mais línguas. Apenas os Maku e alguns não-indígenas não são multilíngües Stenzel (2005).

3.2 Situação Etnolinguística em São Gabriel da Cachoeira

O município de SGC é habitado, há pelo menos 2.000 anos, por um conjunto diversificado de povos indígenas. Atualmente, lá convivem mais de vinte e cinco povos indígenas, que falam idiomas pertencentes a cinco famílias linguísticas distintas: TUKANO ORIENTAL, ARUAK, MAKU, YANOMAMI e TUPÍ-GUARANÍ, esta última conforme Rodrigues (1986) e Cabalzar, Ricardo (1998).

Essa singular diversidade linguística em SGC se apresenta da seguinte forma: a família Tukano Oriental é representada pelos povos Tukano, Desana, Kubeo, Kotiria/Wuanana, Karapanã, Utapinozona/Tuyuka, Wa'ikhana/Piratapuya, Miriti-Tapuya, Arapaso, Bará, Siriano, Makuna, Barasana (Panenoa) Tatuyuo*, Yuruti*, Taiwano (Eduria)* e são habitantes dos rios Uaupés, Tiquié, Papuri, Querari, Alto Rio Negro, Santa Izabel e São Gabriel da Cachoeira, rio Curicuriari, rio Apapóris, rio Traíra, Departamento de Vaupés e Guaviare (os dois últimos na Colômbia).

A família Aruak é representada pelos povos Baniwa, Baré, Werekena (falantes de Nheengatu, como identidade cultural), Kuripako e Tariana. Ocupam os rios Içana, Ayari, Cuari, Xié, Alto Rio Negro, médio curso do rio Uaupés, Departamento de Guainia (Colômbia), Estado Amazonas (Venezuela).

A família Maku (ou Nadahup) é representada pelos povos. Hupda, Yuhupde, Dow(Dâw), Nadöb, Kakwa*, Nukak*, habitam a região entre os rios Uaupés, Tiquié Papuri, os igarapés Castanha, Canuri e Ira, rio Apapóris, rio Traíra, nas proximidades de São Gabriel até a foz do rio Curicuriari e do rio Marié, rio Uneuxi, rio panará Boá-boá, rio Téa e no Departamento de Vaupés e Guaviare (os dois últimos na Colômbia).

A família Yanomami é representada pelas etnias Yanomami, Yanomam, Ninam e Sanumá. Ocupam a região das bacias dos rios Padauri, Maraiá, Inambú, Cauaburi ao norte do Rio Negro.

A família Tupí-Guaraní é representada por um grande número de indivíduos, de grupos étnicos diversos, que atualmente falam Nheengatu, língua que foi introduzida na região no século dezoito, portanto, sua abrangência é muito diversa.

Diante desse mosaico linguístico, em um caso incomum na federação brasileira, foram reconhecidas, após a aprovação da Lei Municipal 145, de 22 de novembro de 2002 como línguas cooficiais no município de São Gabriel da Cachoeira, ao lado do Português, três idiomas indígenas dessemelhantes, por possuírem um número maior de falantes e por serem consideradas línguas fortes da região, ou línguas francas, são eles: o Tukano, o Baniwa e o Nheengatu, línguas tradicionais faladas pela maioria dos habitantes desta região. O município foi a primeira localidade brasileira, em 2002, a reconhecer outros idiomas como oficiais, além do Português.

Como consequência desse reconhecimento, abriu-se jurisprudência para os demais casos semelhantes em outros municípios brasileiros. E o panorama, até 2017, de cooficialização de línguas ao lado do Português no Brasil conta com 11 línguas oficializadas em 19 municípios, 7 línguas indígenas e 4 línguas alóctones ou de imigração, em sete estados brasileiros nas regiões norte, centro oeste, sudeste e sul. A esse cenário, acrescenta-se a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) ser oficial ao lado do Português em todo o território brasileiro desde 2002. Consumando o Brasil como um país oficialmente bilíngue.

É importante chamar atenção para o fato de que não há, entre as línguas oficiais de São Gabriel, disputa, competição ou rivalidade.

A própria diversidade linguística, uma das maiores características do lugar, encarrega-se desse uso espontâneo nas relações cotidianas, isto é, na organização social e na ocupação dos territórios nos quais cada língua oficial assume o papel de língua franca.

Dentre as quatro línguas, o Português, a língua de colonização da Região, aí se instalou de forma coercitiva, trazida pelos missionários os quais até os dias atuais estão presentes na maioria das comunidades do município ao longo de seus rios, calhas e estreitos.

A Igreja Católica era uma das instituições que mais se apoiava na língua portuguesa (a língua da igreja), bem como a Administração Pública, o Ensino (“Colégio das irmãs”, “Colégio dos padres”) e o Exército. As gerações que foram à escola com os missionários no período entre 1930 a 1960 – e mesmo depois – fizeram a sua aprendizagem escolar básica em língua portuguesa. Em termos gerais, pode-se afirmar que, à medida que os níveis de instrução dessa população indígena ia crescendo, os serviços sociais públicos iam estendendo os seus ramos, o que representava uma modificação positiva relativamente ao momento da língua portuguesa,

então, esta ia se espalhando e assumindo um papel cada vez mais importante na intercomunicação entre os moradores do distrito gabrielense.

Como fatores explicativos do contraste entre o sucesso do Português e a relativa irrelevância da língua dos ancestrais, estão a Instituição Escolar e as relações familiares, esta última expressa pelo desejo de ver o filho inserido na sociedade de forma competente, isto é, dominando o idioma oficial do país. No Ensino Fundamental, ainda que se tenha no horário escolar espaço para as línguas indígenas, não há aplicabilidade prática dessas línguas na vida dos mais jovens, fato que os desmotiva e distancia-os desse importante resgate cultural.

Objetivando-se ampliar a compreensão sociocultural e linguística das línguas oficializadas ao lado do Português na região, descreveremos a seguir a realidade geossociolinguística de cada uma delas, apresentando suas características e peculiaridades.

3.2.1 O Tukano

Como sublinha Cabalzar e Ricardo (1998), a língua Tukano é falada pelos Tukano e por várias outras etnias que fazem parte do grupo indígena que fala línguas da família TUKANO ORIENTAL, são elas: Arapaso, Bará, Barasana, Desana, Karapanã, Kubeo, o próprio Tukano, Makuna, Miriti-tapuya, Pirá-tapuya, Siriano, Tariana-origem Aruak, Tuyuka, Kotiria, Taiwano, Tatuyo, Yuruti (sendo que as três últimas habitam na Colômbia). Dentre essas línguas, a Tukano é a mais falada pelos demais e pelos outros grupos do Uaupés brasileiro e em seus afluentes Tiquié e Papuri, passando a ser língua franca, permitindo a comunicação entre povos com línguas paternas bem diferenciadas e, em muitos casos, não compreensíveis entre si.

Ressalta ainda que em alguns contextos, o Tukano passou a ser mais usado do que as próprias línguas locais. Em sua maioria, organizam-se em fratrias e sibs patrilineares exogâmicos, isto é, os indivíduos pertencem ao grupo de seu pai e falam a sua língua, mas devem se casar com membros de outros grupos, idealmente falantes de outras línguas. Participam de uma ampla rede de trocas, que incluem casamentos, rituais e comércio, compondo um conjunto sociocultural definido, comumente chamado de “sistema social do Uaupés/Pira-Paraná” que se distribuem pela bacia do Rio Uaupés e outras bacias vizinhas ao sul. Os Tukano são bastante conhecidos pela confecção de seus bancos de madeira.

Os povos Tukano são, assim, tipicamente multilíngues. Eles demonstram como o ser humano tem capacidade para aprender em diferentes idades e dominar com perfeição

numerosas línguas, independente do grau de diferença entre elas, e mantê-las conscientemente bem distintas, apenas com uma boa motivação social para fazê-lo (RODRIGUES, 1986).

3.2.2 O Baniwa

Em conformidade com Wright (1981), os Baniwa autodenominam-se Walimanai ou Wakuenai e Kuripako, povos cujos idiomas pertencem à família linguística ARUAK. Ocupam toda a bacia do rio Içana e estão distribuídos em 93 povoados, entre comunidades e sítios, perfazendo, no ano de 2000, um total aproximado de 15 mil indivíduos, estando cerca de 4.026 no Brasil. Em solo brasileiro, os povoados estão localizados, além do Baixo e Médio Içana, nos rios Cubate, Cuiari e Aiari. Os Baniwa também estão presentes em comunidades do Alto Rio Negro, nas cidades de São Gabriel, Santa Isabel e Barcelos. Formaram comunidades no Rio Negro, estando presentes também nas cidades de São Gabriel, Santa Isabel e Barcelos; também migraram para a Colômbia e a Venezuela, espalhando-se pelos rios Inírida e Guainía.

Embora não existam grupos linguísticos diferentes, os Baniwa também se subdividem, organizando-se em várias fratrias, que são conjuntos de grupos locais aparentados como irmãos entre si, como os Oalipere-dakenai e os Dzauinai. Geralmente, as pessoas casam fora de sua fratria. Os Baniwa traçam descendência pela linha paterna e cada uma das fratrias consiste de quatro ou cinco sibs, como por exemplo os Tuke-dakenai, Kutherueni e outros que pertencem à fratria dos Oalipere-dakenai; ou os Kathapolitana que pertencem à fratria dos Dzauinai. Os sibs de uma fratria estão ordenados como uma família de irmãos, de mais velho a mais novo, de acordo com a história de criação. São excelentes artesãos. São os únicos fabricantes dos raladores de mandioca feitos de madeira e pontas de quartzo, que são distribuídos em toda a região, através das trocas interétnicas e dos comerciantes. Atualmente, são os principais produtores de urutus e balaios para venda, tecendo as peças nos mais diferentes tamanhos, tipos de desenho e coloração.

Conforme Cabalzar e Ricardo (1998), os Baniwa, falantes da língua baniwa, autodenominam-se, mais frequentemente, com os nomes das suas fratrias como Hohodene, Walipere-dakenai ou Dzauinai, Walimanai ou Wakuenai e Kuripako. São habitantes do Rio Içana e seus afluentes Cuiari, Aiari e Cubate, além de comunidades no Alto Rio Negro/Guainía e nos centros urbanos de São Gabriel da Cachoeira, Santa Isabel e Barcelos (AM).

Segundo Wright (1981), são falantes de língua da família Aruak, organizam-se em sibs e fratrias (que são conjuntos de grupos locais aparentados como irmãos entre si, como os Oalipere-dakenai e os Dzauinai) patrilineares exogâmicos, isto é, seus membros não podem

casar-se entre si, porém, conforme o autor, por vezes, as regras de casamento entre os Baniwa invalidam a exogamia fraterna e expressam uma predileção por casamento com os primos cruzados patrilaterais, por exemplo, a troca direta de irmãs frequentemente ocorre entre linhagens e sibs de afins preferidos e, em alguns casos, mostra-se uma propensão para casamentos entre pessoas de sibs concernentes a fratrias diferentes, contudo da mesma posição na hierarquia. Os casamentos geralmente são monógamos (embora existam casos de poligamia) e arranjados pelos pais dos noivos.

Ressalta Ricardo (2000), que os Baniwa são excelentes artesãos, notáveis na confecção de cestaria de arumã e os únicos fabricantes dos raladores de mandioca feitos de madeira e pontas de quartzo, que são distribuídos em toda a região aos comerciantes e por meio das trocas interétnica. Atualmente, são os principais produtores de urutus e balaios para venda, tecendo as peças nos mais diferentes tamanhos, tipos de desenho e coloração.

3.2.3 O Baré

Segundo Cabalzar e Ricardo (1998), os Baré, os Werekena, os Arapaso, os Baniwa do baixo Içana falavam a língua da família linguística de qual fazem parte, ARUAK. Hoje, como consequência do contato com missionários jesuítas e a colonização adotaram o Nheengatu e, atualmente, esta língua representa uma marca de sua identidade cultural de várias dessas etnias.

Dentre as três etnias aqui estudadas, os Baré foram um dos primeiros povos a entrar em contato com os missionários carmelitas no século XVIII ao lado dos índios Passé, Mapuri e Jurupixuna na época da fundação do Forte São Gabriel, o primeiro Destacamento Militar do Alto rio Negro, cuja missão, conforme Alves (2015), era de proteger a região e defendê-la principalmente dos espanhóis. E essa relação implicou drásticas consequências. E um desses impactos foi a perda da língua Baré pelos índios da etnia Baré que passaram a usar o Nheengatu.

Eles habitam, maiormente, as regiões do Rio Xié e do Alto Rio Negro para onde se deslocaram, forçosamente, em decorrência desse opressivo contato com o não-índio. Suas histórias foram marcadas pela violência e a exploração do trabalho extrativista. Essa população é em sua maioria protestante. Atualmente, os Baré falam somente uma das línguas francas, o Nheengatu. Mas, ainda há algumas comunidades Werekena do Alto Xié que falam Werekena, em algumas de suas relações sociais.

A despeito, com o tempo, do avanço do Português, como idioma nacional, o Nheengatu foi perdendo espaço, entretanto, continua vivo e muito usado na calha do Rio Negro, em seu

curso médio e alto, em alguns de seus afluentes, como no Baixo Içana e no Rio Xié e em São Gabriel da Cachoeira,

De acordo com Meira (1993), essa população indígena do Rio Xié costuma trabalhar nas cotidianas tarefas domésticas, como a caça, a pesca, a coleta, o trabalho na agricultura e a confecção de objetos de trabalho, como também na extração da fibra da piaçabeira. O que lhes confere relevância social, uma vez que piaçava representa, juntamente com o cipó, o principal recurso natural cuja comercialização permite o acesso dessa população a alguns itens industrializados de que necessitam, adquiridos em suas relações comerciais.

3.2.4 O Português

Nos séculos XVII e XVIII, na região amazônica, a Língua Geral se desenvolveu antes do Português. Segundo Weiss (1969, p. 34), uma carta do rei de Portugal aos jesuítas de Belém, datada de 1688 (Século XVII), daria provas de que o Português era falado naquela região, ao menos em Belém: “ordenando-lhes o ensino da Língua Geral também aos filhos dos portugueses”.

E a região do rio Negro foi missionada inicialmente, segundo Cabalzar e Ricardo (1998), pelos Carmelitas que “instalaram aldeamentos até o alto rio Negro, nas proximidades da atual cidade de São Gabriel da Cachoeira”. Suas práticas de catequese se realizaram nas “línguas dos índios” até meados do século XVIII, por meio do isolamento dos nativos nas aldeias de repartição. Nas palavras de Noll (2010) sobre esse isolamento: “...os quais queriam proteger das influências externas nocivas, ao mesmo tempo que os sabiam sob sua influência”. Os jesuítas se constituíam em entrave para o desenvolvimento da economia, pois a unidade administrativa (Estado do Maranhão e Grão-Pará), formada em entre 1621 e 1775 para promover a exploração do norte brasileiro, necessitava de mão de obra local, porém a mão de obra local, a indígena, estava sendo usufruída pelos jesuítas. Os privilégios tanto temporais quanto eclesiásticos dos jesuítas, então chegou ao fim pelas mãos do governador do Maranhão e Grão-Pará, Francisco Xavier de Mendonça Furtado nomeado por Marquês de Pombal, seu irmão.

As atividades missionárias no alto rio Negro reiniciaram por volta do ano de 1927 (século XX) agora com os salesianos, que se instalaram em pontos cruciais para o controle do território a fim de implantar seu projeto “civilizador”, isto é, destruir os sinais de diferenças, voltando-se para as crianças e os jovens por meio de uma formação cristã rigorosa e

disciplinadora aos extremos. E uma das regras, dentre várias, como a separação de sexos absoluta; olhar fixo no oficiante durante a celebração, sob pena de tapas ou castigos etc., estava o absurdo fato de ser proibido o uso de idiomas indígenas, “até mesmo para os recém-chegados que não falavam uma só palavra em português.” (CABALZAR & RICARDO, 2000, p. 95).

E assim, o Português chega à região de São Gabriel, obrigatório não apenas para crianças e jovens, mas também para todos os nativos que pudessem seguir uma instrução. Atualmente, na região de SGC, o Português, particularmente na sede do Município, é largamente usado, principalmente pelos mais jovens.

CAPÍTULO IV

PROCEDIMIENTOS METODOLÓGICOS



4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, detalharemos os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa geossociolinguística: descrição do *locus* da pesquisa, definição da rede de pontos, perfil dos colaboradores, instrumento de coleta de dados (questionários, atlas e dicionários) e explicaremos como foram realizadas as dimensões e os parâmetros da variação linguística analisados e a base cartográfica.

O capítulo está dividido nas seguintes subseções: descrição do *locus* da pesquisa, definição da rede de pontos, perfil dos colaboradores, instrumento de coleta de dados e base cartográfica.

O mapeamento lexical proposto na tese segue os passos do Método Geolinguístico e está dividido nas seguintes dimensões: a) Diatópica, relacionada à distribuição geográfica dos pontos de inquérito; b) Diageracional, pertinente à faixa etária dos colaboradores; c) Diassexual, referente ao sexo de tais colaboradores e d) Diastrática, referente ao nível de escolaridade dos colaboradores.

A pesquisa foi desenvolvida em quatro etapas. Na primeira, foi feita a revisão e consulta bibliográfica necessária ao tratamento do objeto da pesquisa. Na segunda etapa, a coleta de dados em que foram aplicados: primeiro, o Questionário Sociolinguístico (QS, Anexo B) do projeto Atlas Sonoro das Línguas Indígenas (ASLIB); o segundo, que corresponde à ficha do colaborador; e o terceiro, aplicação do Questionário Semântico-Lexical (QSL, Anexo C) do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB, 2001). A terceira etapa corresponde ao tratamento desses dados que foram organizados para constituição de *corpus* que futuramente servirão a outras pesquisas. Os arquivos sonoros, em formato MP3, foram tratados com o auxílio das ferramentas *Windows Media Player*, *Excel 13*, para que fossem elencados os itens lexicais constituintes do objeto de estudo desta tese.

E finalmente, a quarta etapa em que se organizou o Banco de dados em tabelas *Excel* e o uso do programa computacional Software para Geração e Visualização de cartas Linguísticas – SGVCLin, desenvolvido, no Instituto de Matemática e Computação da Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI), por Rodrigo Seabra (orientador) e Nathan Oliveira (bolsista), para atender à cartografia de dados da pesquisa de doutoramento de Romano (2015), como auxílio para elaboração das cartas linguísticas e, posteriormente, a confecção de gráficos para tais cartas. E após as análises e a sistematização, iniciou-se o processo da elaboração dos cartogramas

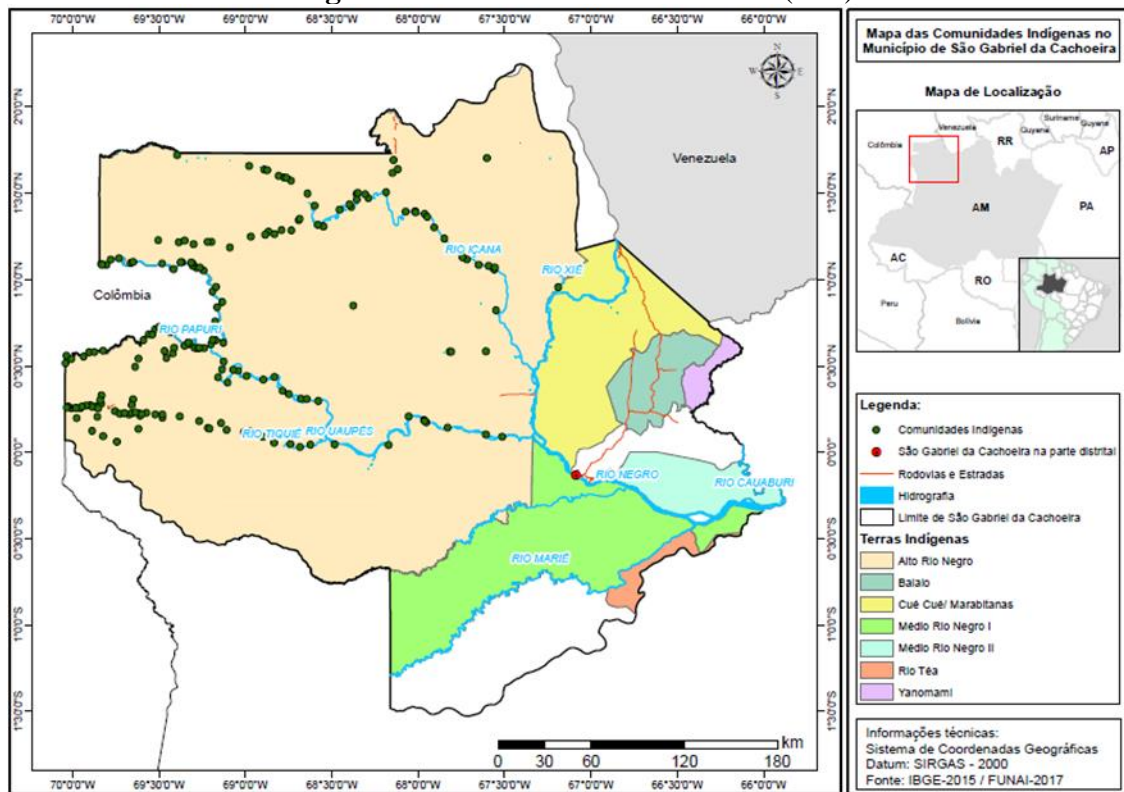
geolinguísticos com o mesmo programa referido para melhor visualização dos dados obtidos na pesquisa. Por fim, passou-se a redação da tese.

4.1 Locus de Pesquisa

No dia 05 de maio de 2017, desembarcamos no Aeroporto de Uaupés, na mística cidade de São Gabriel da Cachoeira no extremo norte do Brasil, na região da Cabeça do Cachorro à noroeste da selva amazônica, na linha de fronteira com a Colômbia e com a Venezuela, a fim de investigar o Português falado pelos índios Baré, Tukano e Baniwa, na área urbana de São Gabriel da Cachoeira (AM), à luz da Geolinguística Pluridimensional.

São Gabriel da Cachoeira é um município reconhecidamente indígena, visto que 90% da população dos 37.896 habitantes, conforme o último CENSO-2010, (estimativa de 2017 é de 44.553 habitantes) é formada por indígenas. Seu núcleo urbano é composto por vinte e duas línguas oriundas de cinco famílias linguísticas (Tukano Oriental, Aruak, Maku, Yanomami e Tup00ED). Essa é uma das principais características da cidade, e o que nos interessa destacar neste trabalho é a grande riqueza linguística do município e o fato de terem sido oficializadas ao lado do Português essas três línguas mais faladas neste extenso território. Do total de habitantes, 85% dessa população encontra-se na sede da capital, ambiente em que foi feita esta pesquisa (ver figura 8).

Figura 8 - São Gabriel Da Cachoeira (AM)



Fonte: ProDocult/IBGE/FUNAI (2015 - Adaptado).

A maior parte dessa região é constituída por terras da União, Terras Indígenas e um Parque Nacional.

Figura 9 - Parque Nacional do Pico da Neblina



Fonte: <https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-sao-gabriel-da-cachoeira.html>

A proposta do artigo do antropólogo Leiner (2014), contribui para uma reflexão sobre SGC em relação aos demais municípios do Estado do Amazonas, se ele é ou não um espaço

urbano isolado, por causa de sua distância dos demais municípios e por ser, “dito pela boca dos são gabrielenses”, um “município indígena”:

“Excetuando-se os brancos, todos entendem que vivem e são resultado de transformações de uma transformação que envolve dimensões e fabricações do tempo e do espaço. Nesse sentido, as cidades e as comunidades, os rios e a floresta, são todos parte de um processo que integra esse continente etnológico, separado por um oceano de hierarquia. De maneira geral, diria que esses outros locais são “extensões da sede por outros meios”; mas, para complicar a análise, diria que a própria sede é uma “extensão do Rio Negro e seus afluentes por outros meios”. Digo isso, sobretudo, para afastar a primeira noção de que a sede de São Gabriel é um “núcleo urbano isolado”, como um arquiteto ou urbanista desavisado poderia supor” (LEINER, 2014, pág. 63).

Leiner refere que esse fato é a maior diferença em relação a outros municípios amazônicos, “o grau de integração sociocosmológica desse arquipélago etnológico regional”, ou seja, ele chama a atenção para o convívio social, a relação flutuante de seus habitantes entre a sede e sítios (comunidades indígenas). As relações sociais que se desdobram de um sistema multi-hierárquico entre as várias etnias que se concentram ali, fazem convergir a cidade, a selva e o rio em um sistema indistinto ou híbrido, no qual a vida social navega em sentidos “ubíquos”, que está em todos os lugares ao mesmo tempo. Portanto, torna-se complexo separar o urbano do rural, e sede acaba por ser um apropriado espaço para estudos de ordem linguística.

4.2 Definição da Rede de Pontos de Inquéritos

Conforme Oliveira (2015), um dos motivos causadores da grande diversidade linguística na sede do município é o intenso fluxo de migrantes, que deixam suas aldeias devido a conflitos internos ou porque buscam serviços básicos na sede, como mais escolarização ou atendimento de saúde. Outro fator que contribui para o multilinguismo é a distribuição aleatória de terrenos, especialmente em três bairros considerados essencialmente indígenas: Centro, Areial e Dabarú, ou seja, a distribuição de terrenos não se dá por critérios étnicos ou de procedência, o que cria vizinhanças mistas, multiculturais e multilíngues.

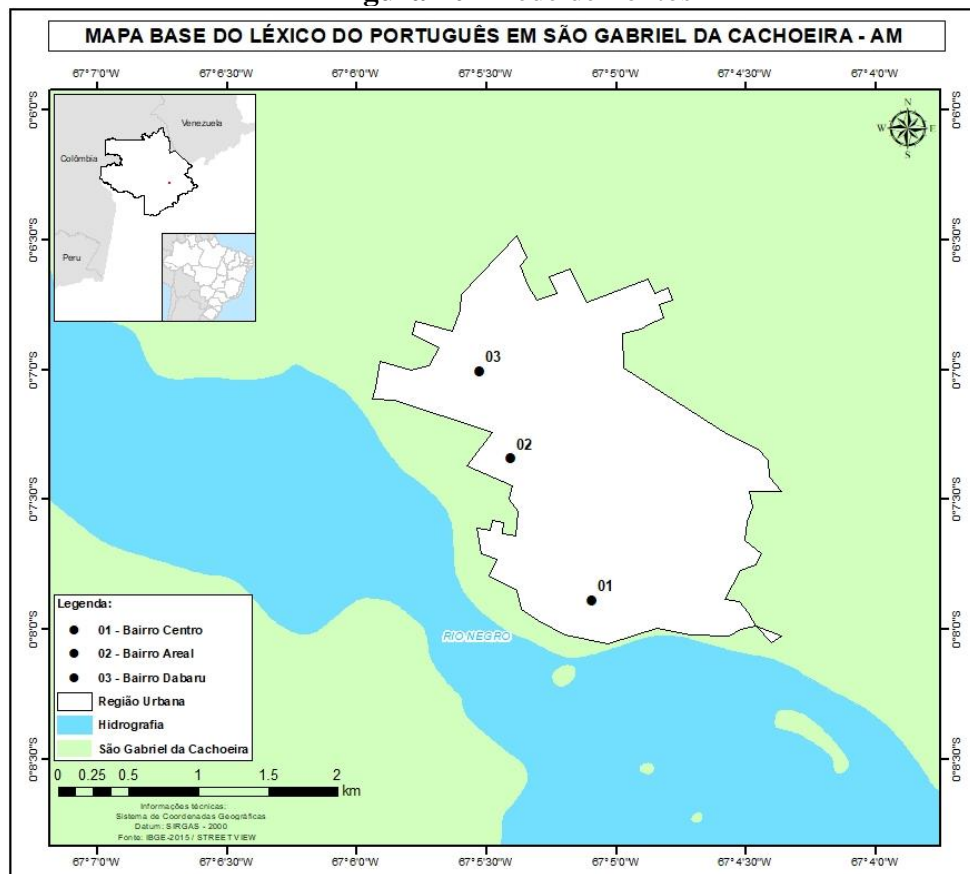
A escolha dos pontos de inquérito, por Bairros, justifica-se pelo fato de as comunidades das línguas em estudo serem muito distantes entre si dentro do município que possui uma área de 109.184,896 km² (o terceiro em extensão no Brasil), o que pode ser confirmado no mapa 1, e o difícil acesso ao longo dos rios impossibilitou-nos de chegar até elas. Por isso, foi necessário ir em busca da distribuição desses falantes na parte distrital do município e reorganizá-los a

partir da localização por Bairros, os quais são reconhecidos pelos moradores da sede municipal como um ambiente característico, embora não único, de cada língua em estudo.

A evolução do núcleo urbano do município de SGC iniciou-se a partir do século XVIII, quando foram instalados os primeiros assentamentos que deram origem ao Bairro Centro e ao Bairro da Praia. Em consequência do crescimento desses Bairros, surgiu o Bairro Fortaleza em 1970. Dez anos depois vieram os Bairros Padre Cícero, Graciliano Gonçalves e partes do Dabarú e Boa Esperança. Em 1990, esses dois últimos Bairros, com o aumento populacional, foram ampliados, e então surgiram os Bairros Tiago Montalvo, Nova Esperança, Areal, Miguel Quirino e outra parte do Dabarú e Boa Esperança.

Atualmente, a população estimada, segundo levantamento da prefeitura do município em 2017, é de 44.553 habitantes e o número de bairros subiu para mais de vinte. A distribuição desses pontos, desses domínios linguísticos podem ser visualizados na figura a seguir - Rede de pontos.

Figura 10 - Rede de Pontos



Fonte: Felix (2018).

No Bairro 01, Centro, concentram-se boa parte dos Baré, um dos primeiros moradores da sede do município no período de chegada dos missionários carmelitas com a catequização sendo feita incisivamente em Nheengatu, ao ponto de os Baré não falarem mais sua língua de origem, o Baré da família Aruak, e assumirem o Nheengatu como língua de identidade cultural. No Bairro 02, Aerial, onde reside um grande contingente de Tukano (entre as línguas de todo o município é a que possui maior número de falantes); e no Bairro 03, Dabarú, em que os Baniwa estão em maior número, o bairro mais recente entre os três.

Deve-se deixar claro, ainda, que cada bairro é composto de indígenas de diferentes etnias, não só das três línguas co-oficiais, bem como de não-indígenas, inclusive há a presença da língua espanhola nos três bairros pesquisados.

Cada bairro selecionado, como exemplo o Aerial (dos Tukano), dentre seis casas, com cerca de cinco moradores, quatro eram de famílias Tukano, falantes de Tukano, Português e Nheengatu; uma de família Baré falante de Nheengatu e Português; e uma de família Baniwa falante de Baniwa, Português, Nheengatu e Espanhol. Nos demais bairros, o comportamento linguístico se aproximava do exemplo citado, alterando apenas o percentual quantitativo a mais quando se chegava a um bairro notadamente considerado de maior incidência de determinada língua.

No transcurso da escolha dos pontos de inquérito, foram levados em conta os seguintes fatores: o pertencimento das línguas ao sub-ramo III da Família Linguística Tupí-Guaraní, no caso a Nheengatu, e as demais às línguas das Famílias Tukano Oriental e Aruak. O reconhecimento histórico-social de maior incidência de etnias por Bairro; e o acesso aos pontos de inquérito selecionados. Em relação ao último fator, as distâncias entre as comunidades das mais de vinte línguas do município são colossais ao longo dos rios, calhas e estreitos, portanto, a opção pelos bairros marcadamente conhecidos como de maior estabelecimento das línguas entrevistadas, além de bastante representativo para os propósitos da pesquisa, em função das distâncias, facilitou no deslocamento diário e nos custos da pesquisa.

4.3 Perfil dos Colaboradores

Para essa pesquisa, foram selecionados oito colaboradores indígenas em cada um dos três bairros dos pontos de inquérito, sendo estratificados em: 4 do sexo feminino e 4 do sexo masculino; em duas faixas etárias: de 18 a 37 anos e 47 a 75 anos, para que se pudesse

representar a fala tanto dos colaboradores da primeira faixa etária, quanto da segunda faixa etária.

No que se refere à dimensão diastrática⁵, a fim de se verificar usos diferenciados da língua, e se essa variação se faz reconhecida e considerada, foram contemplados dois níveis de escolaridade, no primeiro nível, do 1º ano à 8ª série (9ºano) do Ensino Fundamental, enquadram-se dois homens e duas mulheres; e no segundo nível, maior ou igual ao 1º ano do Ensino Médio ao Superior, enquadram-se dois homens e duas mulheres.

Em cada língua foram entrevistados 08 consultantes estratificados segundo bairro, sexo, faixa etária e escolaridade, perfazendo 24 entrevistados como mostra, a seguir, o quadro 7:

Quadro 7 - Estratificação dos colaboradores

ESCOLARIDADE	1º ano à 8ª série (9ºano) do Ensino Fundamental				1º ano do Ensino Médio ao Superior				Total
	1ª (18-37 anos)		2ª (47-75 anos)		1ª (18-37 anos)		2ª (47-75 anos)		
SEXO	M	F	M	F	M	F	M	F	
LÍNGUAS/ BAIRROS									
Nheengatu/Centro	1	1	1	1	1	1	1	1	8
Tukano/Areal	1	1	1	1	1	1	1	1	8
Baniwa/Dabarú	1	1	1	1	1	1	1	1	8
Total geral									24

Fonte: Felix (2018).

Para a seleção dos 08 indivíduos de cada língua foram considerados os seguintes critérios:

- a) ser multilíngue (falante de Português, Nheengatu, Baniwa; Tukano, outras);
- b) ser nativo do município;
- c) possuir relativa mobilidade entre a Sede e suas Comunidades.

⁵ Em relação à dimensão diastrática, foi muito difícil localizar colaboradores, que fazem parte da segunda faixa etária, com apenas o Ensino Fundamental, visto que o município de SGC conseguiu com que as escolas atingissem praticamente todos os povoados. São 10.000 alunos matriculados no Ensino Fundamental e Médio, restando poucos habitantes fora da faixa etária em relação à escolaridade.

A partir dos critérios citados anteriormente, foi possível delimitar o perfil dos colaboradores. O critério dos colaboradores serem nativos de São Gabriel, deve-se ao motivo de eles estarem em constante transição domiciliar, pois ora eles ficam na parte distrital da sede do município, ora eles voltam para suas comunidades indígenas que são locais distantes e de difícil acesso, o que poderia configurar mudança do espaço geográfico da pesquisa, mas essa intensa flutuação é uma característica natural dos habitantes do município.

4.4 Instrumento de Coleta de Dados

A coleta dos dados para esta tese foi realizada mediante aplicação, inicialmente da Ficha do Informante (Anexo A), que tem como objetivo registrar os dados de identificação pessoal, registro de domicílios (o ponto de inquérito a que pertencem), escolaridade, profissão principal e secundária, contatos com os meios de comunicação, preferências de lazer, registrou-se também durante a realização do inquérito linguístico, postura do colaborador, espontaneidade da elocução, ambiente onde se realizou a documentação e uma caracterização sumária de cada um deles. O segundo, corresponde ao Questionário Sociolinguístico (QS), que objetiva fazer o levantamento da situação sociolinguística de cada etnia em relação ao grau de bilinguismo e aos comportamentos linguísticos dos falantes em relação às línguas faladas em suas relações contextuais (Português, línguas Indígenas, Espanhol). E o terceiro, refere-se ao Questionário Semântico-Lexical (QSL) do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB-2001) composto por duzentas e duas questões, distribuídas em catorze campos semânticos, voltadas para a diversidade lexical da Língua Portuguesa. Ressalta-se ainda que a coleta dos dados além das gravações, contou com registros de fotografias e vídeos, os quais poderão ser utilizados em outras pesquisas linguísticas.

A coleta de dados foi feita na parte distrital urbana do município de São Gabriel nos Bairros Centro (etnia Baré falantes de Nheengatu), Areial (falantes de Tukano) e Dabarú (falantes de Baniwa), por meio de entrevistas armazenadas em gravadores digitais das marcas Zoom e Tascam para registrar com melhor qualidade os arquivos sonoros.

As entrevistas ocorreram no período de abril a junho de 2017. Nas primeiras semanas de abril, foi feito o levantamento dos colaboradores que se encaixavam no perfil proposto por essa pesquisa, nas semanas seguintes, deste mês, realizou-se a verificação dos bairros em que esses colaboradores residem. No mês de maio e início de junho foi feita a aplicação dos questionários aos vinte e quatro entrevistados da pesquisa.

Não houve adaptação das perguntas que compõem estes questionários. E embora a entrevista tenha se tornado cansativa para alguns colaboradores, é possível avaliar de forma positiva a aplicação dos questionários, visto que a maioria dos entrevistados se mostraram bastante simpáticos e solícitos. Houve também os que se policiavam (maior escolaridade), os que queriam se mostrar sábios, os saudosos, os apressados, os tímidos (algumas mulheres), os eloquentes (as respostas diversas para um único item lexical vinham entre histórias). Pela observação durante a coleta de dados, entre os 24 colaboradores, houve um equilíbrio entre as faixas etárias em relação à espontaneidade para responder, conseqüentemente tornado os inquéritos mais longos, entretanto muito rico em informações.

Ainda que os colaboradores apresentassem, de modo geral, versatilidade para respostas, mesmo sendo estimulados a responder fazendo-se uso de modos variados de designação para o item lexical, nem sempre obtivemos respostas para certas questões de alguns campos semânticos. A maioria dos colaboradores não possuíam conhecimento a que se refere, por exemplo, dentro do campo semântico “fauna”, as partes dianteiras de um cavalo, pelo fato de não terem contato com este animal. Bem como nos campos semânticos Atividades Agropastoris e Vida Urbana e, não obtivemos a resposta para várias questões como “camomila”; “lombada/quebra-molas” mesmo mostrando o questionário ilustrado e realizando a sugestão. Seguem respostas de dois colaboradores:

41. CAMOMILA

... umas florezinhas brancas com miolo amarelinho, ou florezinhas secas que se compram na farmácia ou no supermercado e servem para fazer chá amarelinho, cheiroso, bom para dor de barriga de nenê/bebê e até de adulto e também para acalmar? Mostrar.

- Não conheço, aqui não tem...eu dou erva-doce.

195. LOMBADA / QUEBRA-MOLAS

... aquele morrinho atravessado no asfalto para os carros diminuïrem a velocidade?

- Eu até sei o que é, mas como não ouço as pessoas falar, não consigo lembrar o nome.

4.5 Dimensões e Parâmetros da Variação Linguística Analisados

Adotou-se um padrão de apresentação iniciado por uma carta diatópica, seguida de tabelas que registram as demais dimensões controladas neste trabalho, são elas: diageracional, diassexual e diastrática.

Das nove dimensões, entre geográficas e sociais, apresentadas na introdução desta tese, foram controladas as quatro seguintes:

Quadro 8 - Variáveis controladas

DIMENSÕES	PARÂMETROS
Diatópica	-01-Bairro Centro -02-Bairro Areial -03-Bairro Dabarú
Diageracional	1ª Faixa etária (18 a 37 anos) 2ª Faixa etária (47 a 75 anos)
Diassexual	Mulheres Homens
Diastrática	1º ano à 8ª série (9ºano) do Ensino Fundamental 1º ano do Ensino Médio ao Superior

Fonte: Felix (2018).

A partir da organização desses dados é possível adotar a mesma orientação para as análises das cartas, visto que se seguirá um padrão linear para a sistematização e descrição das dimensões das variantes lexicais selecionadas.

4.6 Base Cartográfica

Os dados apresentados na carta-base demonstram os registros coletados em cada ponto de inquérito, apresentando cinco variantes lexicais, indo das mais produtivas a menos produtivas, as quais foram registradas e organizadas em tabelas, a partir da divisão dos campos semânticos e, posteriormente selecionadas para serem apresentadas conforme maior ou menor produtividade para nomear os itens lexicais elegidos.

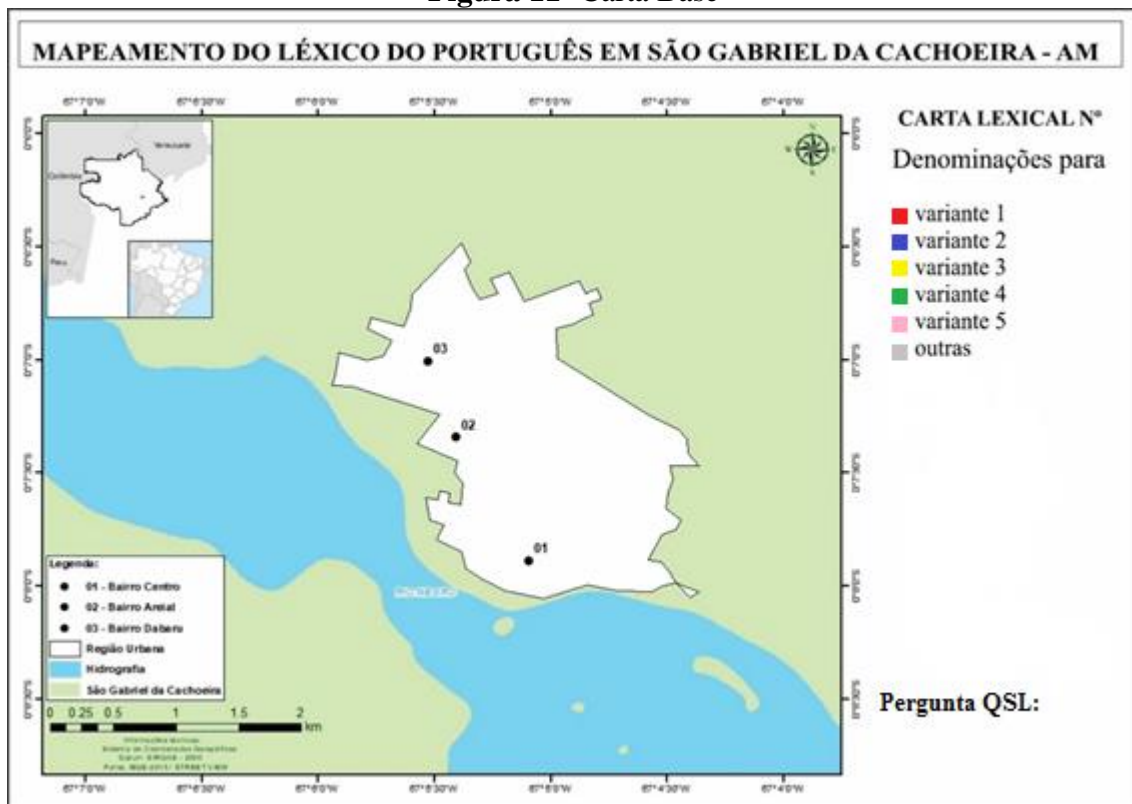
O mapa-base utilizado para a confecção das cartas linguísticas, foi gerado a partir do programa Quantum GIS (QGIS 2.14), contendo as escalas e os pontos de inquérito que estão

enumerados e georreferenciados. As cartas linguísticas produzidas neste estudo foram elaboradas a partir do programa computacional SGVCLin.

Para a elaboração das cartas linguísticas que compõem este trabalho, foi produzida uma carta-base com o intuito de registrar informações geográficas e linguísticas. Para as informações de natureza geográfica, figuram: escala, orientação geográfica, um mapa de localização da área em relação ao Brasil, ao estado do Amazonas e aos municípios. Para os aspectos de natureza linguística, figuram: título e número da carta, tipos de perguntas, pontos pesquisados, organização dos itens linguísticos e suas ocorrências.

Para a leitura das cartas linguísticas lexicais, houve necessidade da adoção de um esquema no interior da carta-base que se processou da seguinte forma (ver figura 11 - CARTA-BASE de SGC):

Figura 11- Carta Base



Fonte: Felix (2018).

Quanto ao mapa-base:

- a) foi utilizada a cor branca para dar mais destaque às demais cores apresentadas nos símbolos adotados para identificar as informações. Os três Bairros que nos serviram de

- pontos de inquérito, são enumerados de 01 a 03 (ponto 01: Bairro Centro; ponto 02: Bairro Aerial; ponto 03: Bairro Dabarú), destacados na cor preta;
- b) foi utilizado o mesmo mapa-base para a confecção das cartas linguísticas, com o objetivo de estabelecer um padrão de leitura delas, no que se refere à marcação dos pontos de inquérito, à marcação do rio ali delimitado na cor azul, aos títulos e às legendas;
 - c) acima do quadro, é identificado o item lexical em análise, no canto superior direito com letras em caixa alta, é registrado o número da carta léxica; logo abaixo é colocada a designação para determinado item lexical;
 - d) logo abaixo da designação, é disposto o quadro de variantes que foram elencadas das mais produtivas para as menos produtivas, dentro desse mesmo quadro é disposta a frequência de cada variante. Também foram colocados os itens “outras” para explicitar as variantes que excederam a capacidade do registro;
 - e) logo abaixo, está disposto o quadro com o número da questão que se refere ao item lexical analisado e à transcrição da pergunta.

Nas cartas diageracionais, diassexuais e diastráticas, acrescentam-se, em sequência, a legenda para a leitura diageracional dos dados, em que A representa os colaboradores da primeira faixa etária e B da segunda faixa etária; a legenda para leitura diassexual dos dados em que F representa os colaboradores do sexo feminino e M do sexo masculino; e, a legenda para leitura diastrática dos dados em que 1 representa os colaboradores menos escolarizados e 2 representa os mais escolarizados.

A cartografia deste estudo abrange 40 itens lexicais do QSL-ALiB-2001 selecionados, equivalendo a 20% do total geral das questões aplicadas, levando em conta os seguintes critérios: (i) produtividade, isto é, os itens que tiveram maior índice de variação realizados nos pontos de inquérito; (ii) estabelecimento de uma relação mais direta com as línguas indígenas, isto é, itens mais correlacionados às línguas indígenas em estudo e (iii) os estudos da variação realizados no âmbito do ALAM, ALSAM e ALiB-Norte. Na ausência de análise dos itens lexicais no ALiB-Norte, recorreu-se ao ALiB nacional.

A numeração das cartas lexicais segue a ordem crescente, conforme a numeração criada para essa pesquisa. A carta diatópica foi considerada, em nosso estudo, a primeira e as demais suas derivadas, por conseguinte: CL 001 – pinguela (diatópica); CL001a – pinguela (diageracional); CL001b – pinguela (diassexual); CL 001c – pinguela (diastrática). Todas as cartas diatópicas foram analisadas. As cartas estratificadas foram colocadas no Tomo II, tendo

em vista que não apresentaram resultados significativos, de maneira geral, e pelo seu elevado número, 160 cartas.

4.7 Procedimentos para Comparação de Dados

Para a realização deste estudo, as comparações dos dados se fizeram a partir da dimensão diatópica, e envolveu perguntas do Questionário Semântico-Lexical- QSL; dados da pesquisa da variação lexical realizada na Sede do Município de São Gabriel da Cachoeira; dados do Atlas Linguístico do Amazonas-ALAM; do Atlas Linguístico Sul Amazonense-ALSAM e do Atlas Linguístico do Brasil-ALiB-Norte e do ALiB nacional na ausência de análise do item lexical pelo ALiB-Norte. Bem como, a fim de serem observadas inserções dos itens lexicais, se de origem portuguesa ou indígena, foram verificados cinco Dicionários consistindo: um de Língua Portuguesa do Ferreira (2010); um de Nheengatu de Stradelli (1921); um de Línguas Indígenas de Barbosa Rodrigues (1894); um de Tupí de Lemos Barbosa (1951); e, um Histórico de palavras portuguesas de origem Tupí de Geraldo da Cunha (1978), com o propósito de investigar a vitalidade do uso específico de um léxico, característico de uma micro área, em um espaço multilinguístico resultante de aspectos socioculturais.

Em vista disso, dentre os itens lexicais analisados considerou-se, em princípio, os dados dos Atlas ALAM e ALSAM, por serem da região. Na ausência de análise de algum item lexical nos Atlas amazônicos, recorria-se ao ALiB-Norte, e na ausência de análise do item selecionado, recorria-se ao ALiB nacional. Com a intenção de investigar em quais campos semânticos havia maior ou menor coincidência entre os itens, selecionou-se, para comparação, variados campos semânticos: Acidentes geográficos, Fenômenos atmosféricos, Astros e tempo, Atividades agropastoris, Fauna, Corpo humano, Ciclos da vida, Convivência e comportamento social, Religião e crenças, Jogos e diversões infantis, Habitação, Vestuário e acessórios e Vida urbana.

A análise comparativa foi feita por meio de quadros, como os que se seguem, a partir de cartas elaboradas neste estudo, com os dados dos três Atlas e da consulta aos Dicionários referidos anteriormente.

Quadro 9 - Variantes de Pinguela – ALiB, ALAM, ALSAM

SGC	ALiB	ALAM	ALSAM
Ponte	X	-	X
Giral	0	-	0
Prancha	0	-	X
Madeira	0	-	0
Tronco de atravesso	0	-	0

Fonte: Felix (2018).

A primeira coluna se refere às variantes lexicais registradas em SGC. A primeira linha indica os Atlas consultados. O “X” indica a ocorrência da lexia no Atlas. O “0” indica a não ocorrência da lexia no Atlas. O “-” significa que o item lexical não foi analisado pelo Atlas.

Quadro 10 - Variantes de Pinguela nos Dicionários

VARIANTES	DICIONÁRIO Língua Portuguesa Aurélio	DICIONÁRIO Nheengatu Stradelli (1921)	DICIONÁRIO Línguas Indígenas Barbosa Rodrigues (1894)	DICIONÁRIO Tupi Lemos Barbosa (1951)	DICIONÁRIO Histórico Geraldo da Cunha (1978)
Ponte	X	0	0	0	0
Giral	X	X	X	X	X
Prancha	X	0	0	0	0
Madeira	X	X	0	0	0
Ponte de atravesso	0	0	0	0	0

Fonte: Felix (2018).

A primeira coluna se refere às variantes lexicais registradas em SGC. A primeira linha indica os dicionários consultados. O “X” indica a entrada da variante no dicionário. O “0” indica a não entrada da variante no dicionário. A preferência por essa maneira de apresentação das informações, justifica-se pela facilidade tanto pela organização quanto pela leitura dos dados.

CAPÍTULO V

APRESENTAÇÃO GEOSSOCIOLINGUÍSTICA DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA

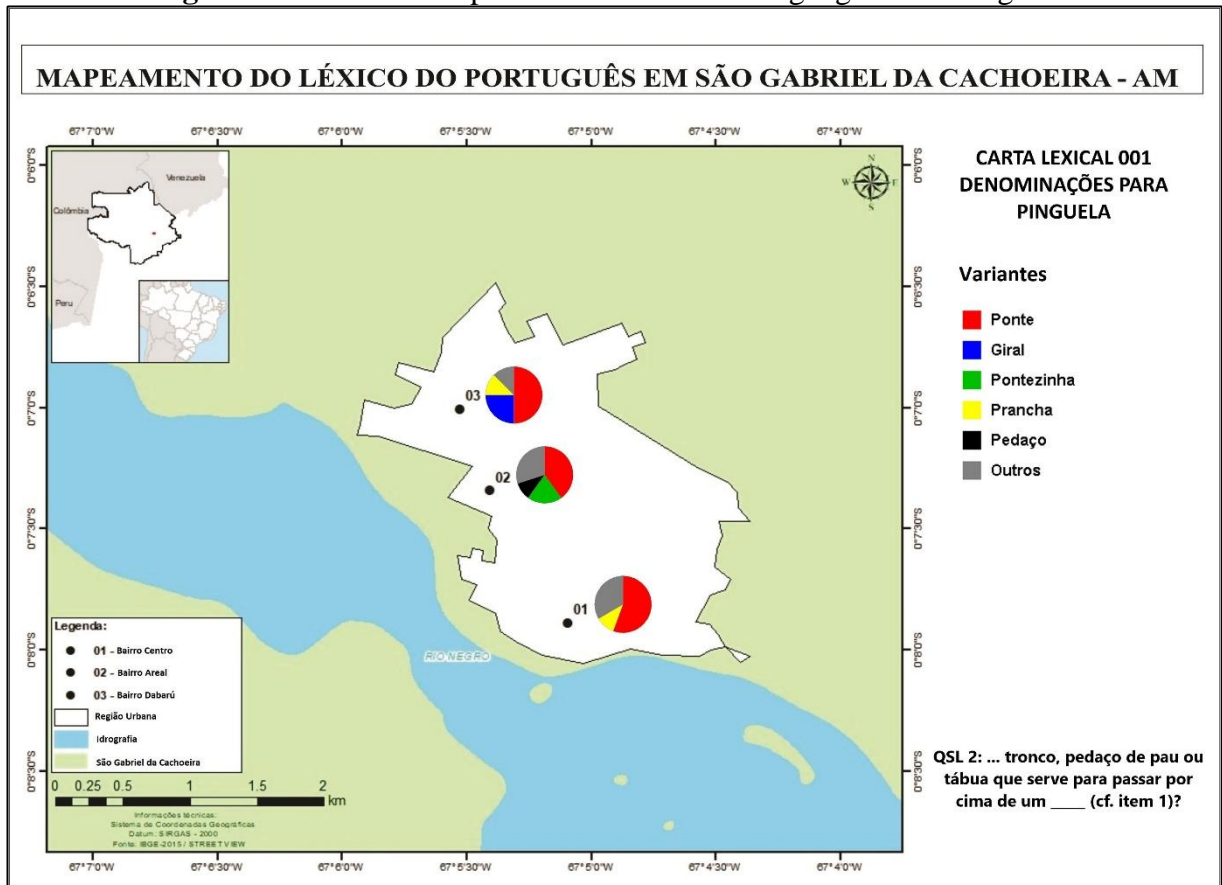


5 APRESENTAÇÃO GEOSOCIOLINGUÍSTICA DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA.

A análise que se faz a seguir prioriza a construção de um cenário, por amostragem, das variantes observadas em SGC em treze campos semânticos investigados, selecionados de modo a possibilitar o reconhecimento de um léxico produtivo motivado por fatores histórico-culturais que extrapolam as variáveis sociais consideradas nesta pesquisa. Portanto, evidenciam-se prioritariamente diferenças/semelhanças diatópicas entre as variantes coletadas, observando ainda a influência das dimensões sociais diasssexual, diageracional e diastrática assim como a comparação, principalmente, com as variantes observadas no ALAM, no ALSAM e, na ausência delas, no ALiB-Norte e, na ausência deste no ALiB nacional, conforme a Revisão da Literatura realizada na subseção 3.6 e ainda a entrada desses itens lexicais em cinco Dicionários, sendo um em Português atual, um em Línguas Indígenas, um em Nheengatu, um em Tupí Antigo e outro Histórico Português-Tupí. Foram elaboradas para apresentação, nesta pesquisa, cento e sessenta cartas linguísticas semântico-lexicais nas áreas semânticas: Acidentes geográficos, Fenômenos atmosféricos, Astros e tempo, Atividades agropastoris, Fauna, Corpo humano, Ciclos da vida, Convivência e comportamento social, Religião e crenças, Jogos e diversões infantis, Habitação, Vestuário e acessórios e Vida urbana. Ficando quarenta cartas no Tomo I e cento e sessenta no Tomo II.

5.1 Item lexical Pinguela

Figura 12 - CL001 Campo Semântico Acidentes geográficos: Pinguela



Fonte: Felix (2018).

5.1.1 Dimensão Diatópica

Observam-se dados diatópicos na carta 001: *pinguela*, cuja variante *ponte* tem predominância de modo geral nos três pontos. A ocorrência por ponto de inquérito foi: Bairro Centro: 55.56%; Bairro Areal: 40.00% e Bairro Dabarú: 50.00%. Os dados apontam que o Bairro 01, Centro, a predominância é da lexia *ponte* e dentre as quatro variantes mais produtivas, só foi proferida uma delas: *prancha*, porém apresentou várias lexias para *outras variantes*. No Bairro 02, Areal, a predominância é também da lexia *ponte* e dentre as quatro variantes mais produtivas, não foram proferidas duas delas: *giral* e *prancha*, e apresentou várias lexias para *outras variantes*. No Bairro 03, Dabarú, a predominância é igualmente da lexia *ponte* e dentre as quatro variantes mais produtivas, não foram proferidas duas delas: *pontezinha* e *pedaco*, e apresentou lexias para *outras variantes*.

5.1.2 Dimensão Diageracional

Tabela 1 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical *Pinguela*

FATOR DIAGERACIONAL				
Variantes	1ª faixa etária		2ª faixa etária	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Ponte	6	46.15%	7	50.00%
Giral	1	7.69%	1	7.14%
Pontezinha	1	7.69%	1	7.14%
Prancha	2	15.38%	-	0.00%
Pedaço	-	0.00%	1	7.14%
Outras	3	23.07%	4	28.56%
Total	13	100%	14	100%

Fonte: Felix (2018).

Os dados revelam que, na dimensão idade, a variante *ponte* foi a mais frequente na segunda faixa etária, com um sutil percentual a mais de produtividade de 3.85%. As demais variantes apresentaram o mesmo número de ocorrência. A variante *prancha* só foi proferida entre os mais jovens. Ambas as faixas etárias, proferiram lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator idade não contribui para a variação deste item lexical.

5.1.3 Dimensão Diassexual

Tabela 2 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical *Pinguela*

FATOR DIASSEXUAL				
Variantes	Feminino		Masculino	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Ponte	5	38.46%	8	57.14%
Prancha	1	7.69%	1	7.14%
Tronco de pau	1	7.69%	-	0.00%
Madeira	-	0.00%	1	7.14%
Pontezinha	-	0.00%	2	14.29%
Ponte de atravesso	-	0.00%	1	7.14%
Giral	2	15.38%	-	0.00%
Total	13	100%	14	100%

Fonte: Felix (2018).

A dimensão diassexual é evidenciada na carta 001, acerca da variável *pinguela*, cujos resultados mostram que a variante *ponte* foi a mais produtiva entre ambos os sexos, com o percentual de diferença a mais de 18.68% na fala dos homens. A lexia *tronco de pau* só ocorreu

entre as mulheres, e as variantes *madeira e pontezinha* só foram proferidas entre os homens. As demais variantes apresentaram baixa frequência. Os percentuais mostram que o fator diasssexual não contribui para a variação deste item lexical.

5.1.4 Dimensão Diastrática

Tabela 3 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Pinguela

FATOR DIASTRÁTICO				
Variantes	Fundamental		Médio	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Ponte	8	57.14%	5	38.46%
Giral	1	7.14%	1	7.69%
Pontezinha	1	7.14%	1	7.69%
Prancha	1	7.14%	1	7.69%
Tronco de atravesso	1	7.14%	1	7.69%
Outras	2	14.28%	4	30.76%
Total	14	100%	13	100%

Fonte: Felix (2018).

No que se refere à escolaridade, verifica-se que a variante *ponte* foi a mais frequente entre os dois níveis de Ensino, sendo mais produtiva no Ensino Fundamental, com o percentual de diferença a mais de 18.68%. Houve equilíbrio entre as demais variantes tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio. Essa variante apresentou baixa diferença na frequência de uso entre os níveis de ensino. Ambos os níveis apresentaram lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator diastrático não foi representativo para a variação deste item lexical.

5.1.5 As variantes de Pinguela nos Atlas Linguísticos e Dicionários

Quadro 11 - Variantes de Pinguela – ALiB, ALAM, ALSAM

SGC	ALiB	ALAM	ALSAM
Ponte	X	-	X
Giral	0	-	0
Prancha	0	-	X
Madeira	0	-	0
Tronco de atravesso	0	-	0

Fonte: Felix (2018).

Como é possível verificar no quadro 11 as variantes *ponte* e *prancha* são registradas pelo ALSAM (carta 103), sendo a variante *ponte* a de maior incidência na região. O ALSAM não apresentou análise para esse item lexical. O ALiB registrou apenas a variante *ponte* dentre as registradas em São Gabriel. A partir do que é visto no quadro acima, pode-se inferir que os dados pertencentes aos dois Atlas, ora se aproximam das variantes registradas em São Gabriel, ora se distanciam, porém observa-se proximidade, neste item lexical, com o ALSAM em relação às variantes registradas em SGC.

Quadro 12 - Variantes de *Pinguela* nos Dicionários

VARIANTES	DICIONÁRIO Língua Portuguesa Aurélio	DICIONÁRIO Nheengatu Stradelli (1921)	DICIONÁRIO Líguas Indígenas Barbosa Rodrigues (1894)	DICIONÁRIO Tupi Lemos Barbosa (1951)	DICIONÁRIO Histórico Geraldo da Cunha (1978)
Ponte	X	0	0	0	0
Giral	X	X	X	X	X
Prancha	X	0	0	0	0
Madeira	X	0	0	0	0
Ponte de atravesso	0	0	0	0	0

Fonte: Felix (2018).

O quadro acima que registrou a presença/ausência das variantes de *pinguela* nos dicionários consultados revela que o Aurélio registra quatro das variantes proferidas em SGC, embora, nem sempre com a mesma acepção semântica.

Quanto ao Stradelli, ele apresenta o vocábulo “iasapáua”, em nheengatu, significando ponte. Barbosa Rodrigues, Lemos Barbosa e Geraldo da Cunha não registram a entrada deste item lexical.

O uso da variante lexical *ponte* foi mais produtivo em todas as dimensões analisadas: na diatópica, na diasssexual, na diagenérico, bem como na diastrática, e esse uso justifica-se pela histórica presença do Exército em SGC.

Cabe aqui, um registro acerca da vida urbana em SGC sobre a lexia *ponte*. Na década de 70, o Governo planejava ampliar a presença militar na Amazônia, com intuito de implementar solução dos problemas de integração e desenvolvimento da Região Amazônica. Uma das soluções encontradas foi concretizada com a transferência do 1º Batalhão de Engenharia de Construção de Caicó (BEC), no Rio Grande do Norte, para Aupés, atualmente São Gabriel da Cachoeira-AM. O 1º Batalhão de Engenharia de Construção, iniciou sua nova missão de colaborar para o desenvolvimento da região da “Cabeça do Cachorro”, participando

de obras de grande relevância. Dentre as diversas obras de alta importância, a rodovia federal BR-210, também conhecida como Perimetral Norte, foi planejada no auge do desenvolvimentismo econômico dos governos militares para cortar a Amazônia brasileira desde o Amapá até a fronteira colombiana no Estado do Amazonas, fazendo parte do Plano de Integração Nacional - PIN. O traçado planejado para a rodovia BR-210 cruzava diversos territórios indígenas ainda não contatados pela FUNAI, inclusive grande extensão da porção sudoeste da atual Terra Indígena Yanomami. Porém, o projeto da Perimetral Norte não foi concretizado conforme o planejado, devido a diversas dificuldades encontradas, inclusive, na execução das obras.

A chegada da Engenharia do Exército deu um novo impulso à cidade de São Gabriel da Cachoeira que não estava preparada para receber um efetivo como o da cidade de Caicó-RN e das demais construtoras que vieram na mesma época para a Cidade. Várias foram as dificuldades para quem estava chegando, como se adaptar a um novo ritmo de vida no noroeste da Amazônia. Transporte, eletricidade, alimentação, lazer, comércio, educação, tudo era precário.

Em 1976, foi iniciada a construção da sede provisória do quartel sendo as primeiras a do Comando e alojamentos, com estrutura toda de madeira. Na mesma época, foram iniciadas as obras em alvenaria das instalações do quartel. Antes mesmo de concluir as suas instalações, no final de 1973, o 1º Batalhão de Engenharia de Construção iniciou seu trabalho na BR 307, no trecho Cucuí a São Gabriel da Cachoeira. Sem estradas, todo o transporte de pessoal, material, e equipamento foi feito pelo Rio Negro. Os integrantes desse encargo começaram a trabalhar em terreno totalmente inóspito e diferente do que encontravam no Rio Grande do Norte.

Nos anos de 1976 e 1977, as empresas que trabalhavam na região abandonaram suas tarefas permanecendo somente na região o 1º BEC, que recebeu do Departamento Nacional de Estradas e Rodagens a missão de terminar a estrada a partir do Km 80. O trabalho de implantação de uma estrada dentro de uma selva completamente fechada, virgem.

O trabalho prosseguia “na Cabeça do Cachorro”, desdobrando-se na execução da estrada e de várias outras obras assumidas no Município. Aos poucos foram vencendo os quilômetros da BR-307, rasgando a estrada, construindo 14 pontes de madeira num total de 642 metros, como a Ponte do Balaio no Km 100 e a Bustamante no Km 187, além das pontes mistas como a Cap Nobuo Oba no Km 28 e ponte Sargento Laércio no Km 3. Após quinze anos do início dessa empreitada, a BR-307, que liga São Gabriel a Cucuí, foi concluída e inaugurada no dia 23 de novembro de 1989.

Portanto, historicamente, a variante *ponte* teve sua importância no município. Seu uso está diretamente ligado à atuação de abertura de caminhos que visaram melhorar a condição de vida da população que se estabelecia na Sede. E então, como a predominância nas respostas de nossos colaboradores foi a variante ponte, registra-se a evidência da influência da língua oficial do país sobre esse uso linguístico em SGC.

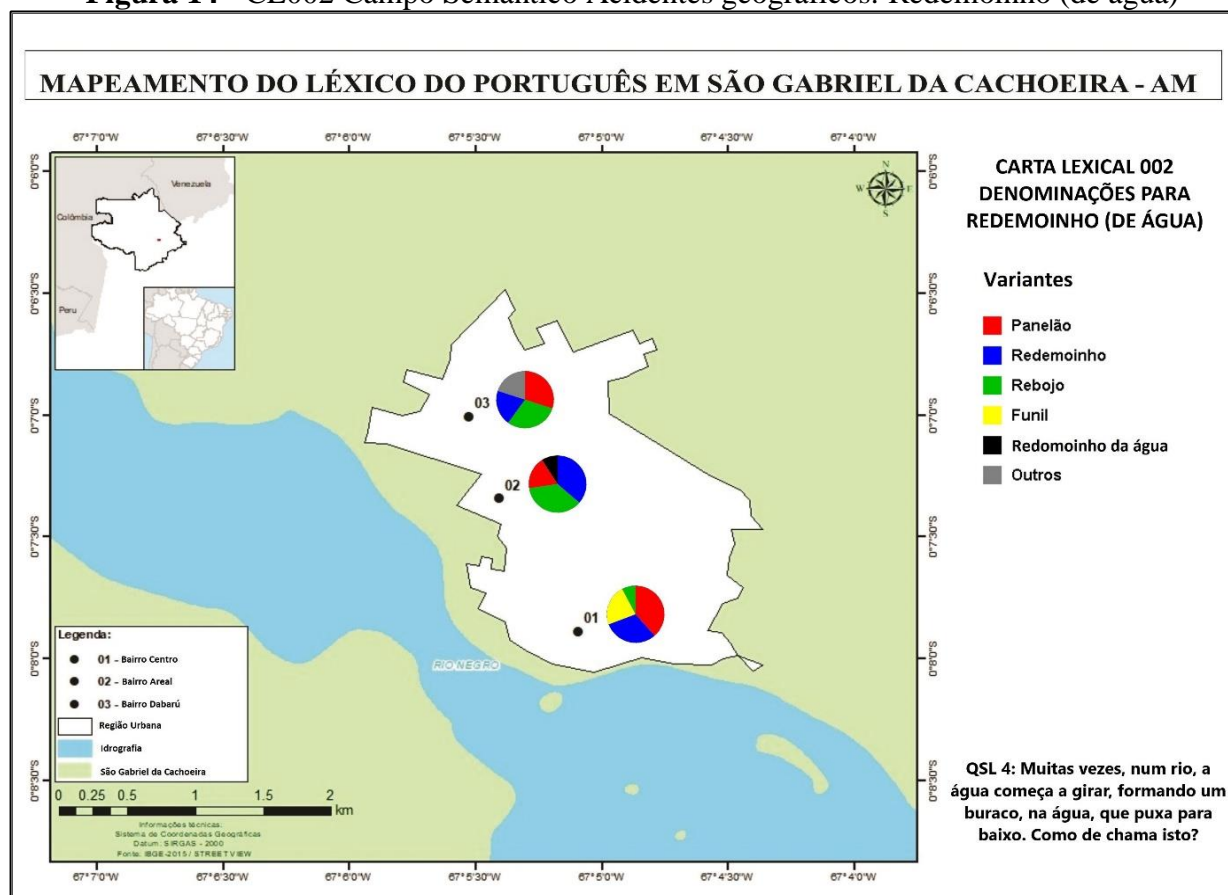
Figura 13 - Ponte



Fonte: Disponível em: <https://www.bing.com/images/search?q=foto+pontes+em+sao+gabriel+da+cachoeira>

5.2 Item lexical Redemoinho (de água)

Figura 14 - CL002 Campo Semântico Acidentes geográficos: Redemoinho (de água)



5.2.1 Dimensão Diatópica

Observam-se dados diatópicos na carta 002: *redemoinho (água)*, cuja variante *panelão* tem predominância em dois dos três pontos. A ocorrência por ponto de inquérito foi: Bairro Centro: 38,46%; Bairro Areal: 18,18% e Bairro Dabarú: 30,00%. Os dados apontam que o Bairro 01, Centro, a predominância é da lexia *panelão* e dentre as quatro variantes mais produtivas, só foi proferida uma delas: *redemoinho de água*, e não apresentou lexias para *outras variantes*. No Bairro 02, Areal, a predominância é também da lexia *rebojo* e dentre as quatro variantes mais produtivas, não foi proferida uma delas: *funil*, e também não apresentou lexias para *outras variantes*. No Bairro 03, Dabarú, a predominância é igualmente da lexia *panelão* seguida da variante *rebojo* e dentre as quatro variantes mais produtivas, não foram proferidas duas delas: *funil* e *redemoinho de água*, e apresentou lexias para *outras variantes*.

5.2.2 Dimensão Diageracional

Tabela 4 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Redemoinho

FATOR DIAGERACIONAL				
Variantes	1ª faixa etária		2ª faixa etária	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Panelão	4	28.57%	6	30%
Redemoinho	4	28.57%	6	30%
Rebojo	3	21.43%	5	25%
Funil	1	7.14%	2	10%
Redemoinho de água	1	7.14%	-	0.00%
Outras	1	7.14%	1	05%
Total	14	100%	20	100%

Fonte: Felix (2018).

Os dados revelam que ocorreu um equilíbrio entre as duas faixas etárias no emprego das duas variantes mais produtivas, *panelão* e *redemoinho*, a segunda faixa etária apresentou um percentual, embora baixo (1.43%) a mais no emprego dessas lexias. O mesmo ocorre com as terceira e quarta variantes. Uma diferença entre os dois grupos é que os pertencentes à segunda faixa etária apresentam maior número de variantes ao denominar redemoinho, enquanto os da primeira faixa etária fazem a manutenção das lexias mais produtivas. Os percentuais mostram que o fator diageracional não foi representativo para a variação deste item lexical.

5.2.3 Dimensão Diassexual

Tabela 5 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Redemoinho

FATOR DIASSEXUAL				
Variantes	Feminino		Masculino	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Panelão	3	21.43%	7	35.00%
Redemoinho	5	35.71%	5	25.00%
Rebojo	4	28.57%	4	20.00%
Funil	1	7.14%	2	10.00%
Redemoinho de água	1	7.14%	-	00%
Outras	1	7.14%	2	10%
Total	14	100%	20	100%

Fonte: Felix (2018).

A dimensão diassexual é evidenciada na carta 002, acerca da variável *redemoinho*, cujos resultados mostram que a variante *panelão* é mais recorrente na fala masculina, sendo

registrado o percentual de diferença a mais de 13.57% em relação à fala feminina. Entre as mulheres a variante *redemoinho* é mais recorrente. Houve um equilíbrio na ocorrência da variante *rebojo* entre ambos os sexos. As demais variantes apresentaram baixo número de ocorrência. Os homens apresentaram maior número de variantes que as mulheres. Os percentuais mostram que o fator diastrático não foi representativo para a variação deste item lexical

5.2.4 Dimensão Diastrática

Tabela 6 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Redemoinho

Variantes	FATOR DIASTRÁTICO			
	Fundamental		Médio	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Panelão	5	33.33%	5	26.32%
Redemoinho	4	26.67%	6	31.58%
Rebojo	3	20.00%	5	26.32%
Funil	2	13.33%	1	5.26%
Redemoinho de água	-	0.00%	1	5.26%
Outras	1	6.67%	1	5.26%
Total	15	100%	19	100%

Fonte: Felix (2018).

No que se refere à escolaridade, verifica-se que a variante *redemoinho* foi a mais frequente entre o Ensino Médio e a variante *panelão* foi a mais produtiva no Ensino Fundamental, porém com baixo percentual de diferença entre esse uso, 33.33% e 31.58% para cada nível escolar respectivamente. A segunda maior frequência no Ensino Fundamental foi a lexia *redemoinho*, e no Ensino Médio houve um equilíbrio entre as variantes *rebojo* e *panelão*. A lexia *funil* apresentou baixa diferença na frequência de uso entre os níveis de ensino, sendo um pouco mais usada pelos mais escolarizados, que também apresentaram mais lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator diastrático não foi representativo para a variação deste item lexical.

5.2.5 As variantes de Redemoinho nos Atlas Linguísticos e Dicionários

Quadro 13 - Variantes de Redemoinho – ALiB, ALAM, ALSAM

SGC	ALiB	ALAM	ALSAM
Panelão	0	-	0
Redemoinho	X	X	X
Rebojo	X	X	X
Funil	0	X	X
Redemoinho de água	X	X	X

Fonte: Felix (2018).

Quanto a Carta 002 (Redemoinho). Como é possível verificar no quadro 13 as variantes *redemoinho*, *rebojo* e *funil* são registradas tanto pelo ALSAM (carta 006), quanto pelo ALAM (carta 015) na região. No entanto, o ALSAM aponta a variante *redemoinho* como mais recorrente no Sul Amazonense, ao passo que no ALAM a variante mais frequente é *funil*. Não foram observadas no ALiB e nem no ALSAM a variante *panelão* registrada como a mais produtiva em SGC. Por outro lado, o ALSAM registra a forma *remanso*, não confirmada no ALAM, em SGC e nem no ALiB para o item em estudo. A partir do que é visto no quadro acima, pode-se inferir que os dados pertencentes aos três Atlas, ora se aproximam das variantes registradas em São Gabriel, ora se distanciam, porém observa-se distanciamento dos demais atlas neste item lexical com relação à variante mais frequente em SGC, *panelão*.

Quadro 14 - Variantes de Redemoinho nos Dicionários

VARIANTES	DICIONÁRIO Língua Portuguesa Aurélio	DICIONÁRIO Nheengatu Stradelli (1921)	DICIONÁRIO Línguas Indígenas Barbosa Rodrigues (1894)	DICIONÁRIO Tupi Lemos Barbosa (1951)	DICIONÁRIO Histórico Geraldo da Cunha (1978)
Panelão	X	0	0	0	0
Redemoinho	X	0	0	0	0
Rebojo	X	0	0	0	0
Funil	X	0	0	0	0
Redemoinho de água	X	0	0	0	0

Fonte: Felix (2018).

O quadro 14 demonstra a vitalidade do item lexical *redemoinho* (de água) dentre os dicionários, o registro é feito somente no Aurélio. E, a variante mais produtiva *panelão* não aparece em nenhum deles, é importante registrar que o item lexical *panelão*, mesmo não sendo

dicionarizado, e não sendo a forma padrão foi o mais citado pelos colaboradores, entretanto, a variante *panela* aparece como sinônimo de redemoinho de água no dicionário Aurélio. O uso exclusivo do item lexical *panelão* em SGC expressando uma marca local, não se trata de um regionalismo, mas justifica-se pela demonstração de maior conhecimento do que esse item lexical representa para os colaboradores, principalmente do sexo masculino, a sua relação com as águas dos rios da região.

Cabe aqui, um registro sobre a condição hidrográfica de SGC acerca da lexia *panelão*. A região de SGC é conhecida por suas cachoeiras, que, diferente do restante do Brasil, não acontecem como quedas d'água, mas como fortes correntezas, as corredeiras do rio Negro, verdadeiros panelões de água fervendo. Devido às dificuldades de navegação em certos trechos do rio Negro, especialmente no trecho entre o município de Barcelos e São Gabriel da Cachoeira, é necessária atenção, visto que na época da vazão do rio Negro os barcos não conseguem chegar até a cidade e o transporte é feito em botes e voadeiras. Os barcos de maiores portes aportam no Porto de Camanaus distante 20km do centro da cidade. No município, há, ainda, várias ilhas e as principais ilhas da região são Adana, dos Reis Buia-Cuara, do Cuaty e Maywa Kaapuon (ilha do majuba). Destaca-se aqui a Ilha Adana, localizada próxima à margem da cidade. Durante o período da seca do rio pode-se chegar de voadeira até ela. Próximo à Adana, são encontradas duas fortes correntezas em forma de grandes redemoinhos. Para ilustrar, conta a lenda que as duas corredeiras, Buburi e Curucui, representavam dois bravos índios guerreiros que disputavam o amor da linda índia Adana. Como ela havia fugido com Curucui de canoa, Buburi foi atrás do casal e os alcançou no meio do rio, mas os três se alagaram e morreram afogados, e seus corpos se transformaram nas respectivas corredeiras. A índia Adana, que se afogou no meio de seus pretendentes, teria se transformado numa ilha, que recebeu seu nome.

Portanto, tendo em vista o baixo número de respostas nos três pontos de inquérito, sete, bem como a baixa variedade observada de outras variantes (*panela* do rio e *moretá*) como se, na busca por uma resposta, cada falante encontrasse a mesma forma lexical que atendesse ao conceito que ele compreendeu advindo da relação do meio em que vive. Sim, para simplificar, os índios Tukano, Baniwa, Baré, apesar das diferenças entre línguas e de algumas características culturais, eles possuem muito em comum. Comparando-os com os grupos de fala Maku, habitantes da floresta, podem ser reconhecidos historicamente como os "índios do rio", daí sua relação com as cachoeiras, com os panelões. E evidenciando também a influência da língua oficial do país sobre o uso linguístico em SGC.

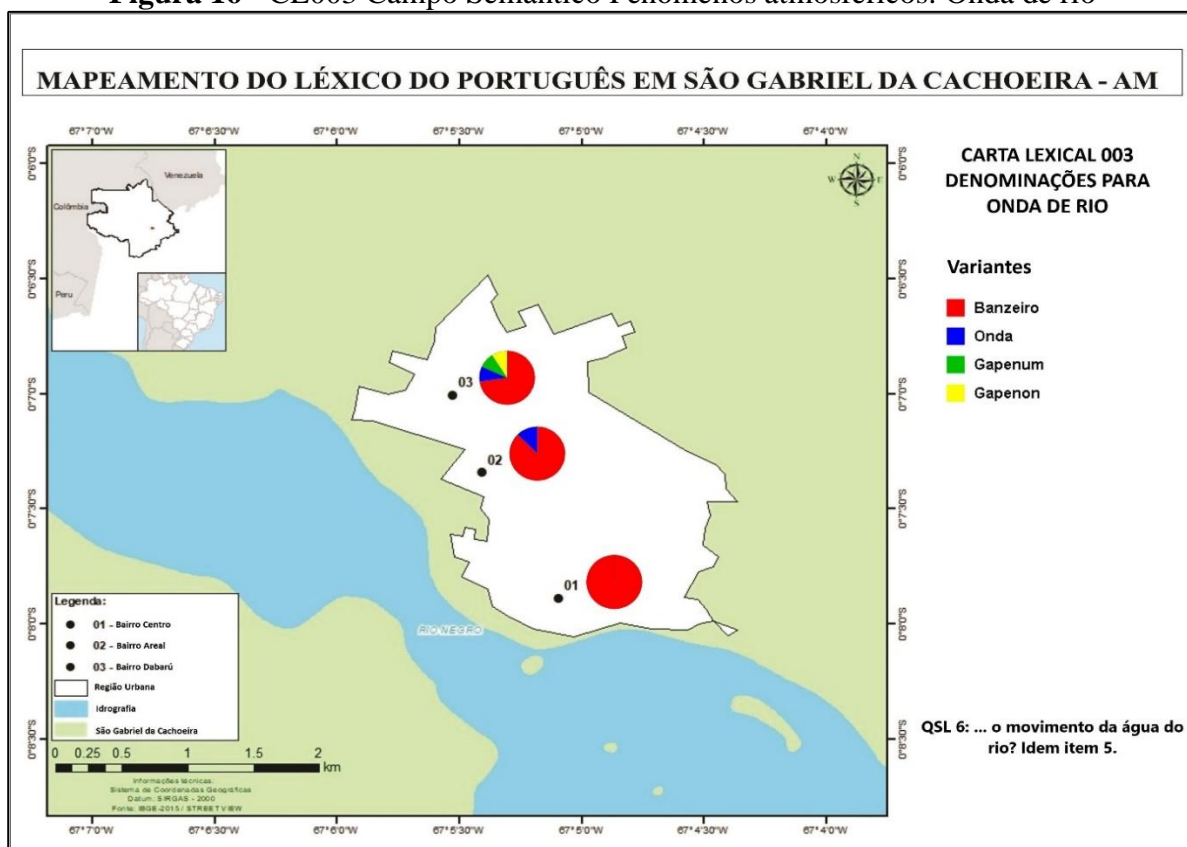
Figura 15 - Panelão



Fonte: Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=foto+redemoinho+sao+gabriel+da+cachoeira&>

5.3 Item lexical Onda de Rio

Figura 16 - CL003 Campo Semântico Fenômenos atmosféricos: Onda de rio



Fonte: Felix (2018).

5.3.1 Dimensão Diatópica

Observam-se dados diatópicos na carta 003: *onda de rio*, cuja variante *banzeiro* tem predominância de modo geral nos três pontos. A ocorrência por ponto de inquérito foi: Bairro

Centro: 100.00%; Bairro Areial: 87.50% e Bairro Dabarú: 72.73%. Os dados apontam que a variante *banzeiro* se apresenta no ponto 01 de forma totalmente produtiva; o ponto 02 apresenta também a lexia *onda* como a segunda variante. No ponto 03, além de *banzeiro*, ocorrem, equilibradamente, as variantes *onda*, *gapenum* e *gapenon*. O uso de *outras variantes* foi quase nulo nos três Bairros para denominar o item lexical *onda de rio*.

5.3.2 Dimensão Diageracional

Tabela 7 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical *Onda de rio*

DIMENSÃO DIAGERACIONAL				
Variantes	1ª faixa etária		2ª faixa etária	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Banzeiro	11	100%	12	75%
Onda	-	0.00%	2	12.50%
Gapenum	-	0.00%	1	6.25%
Gapenon	-	0.00%	1	6.25%
Total	11	100%	12	100%

Fonte: Felix (2018).

Os dados revelam que, na dimensão idade, a variante *banzeiro* foi a mais frequente nas duas faixas etárias, com um percentual representativo de produtividade a mais de 25.00% na primeira faixa etária, que inclusive é a única variante registrada na fala dessa faixa. As demais variantes apresentaram apenas uma ocorrência nas duas faixas etárias. Os percentuais mostram o quanto o fator idade não foi representativo para a variação deste item lexical.

5.3.3 Dimensão Diassexual

Tabela 8 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical *Onda de rio*

FATOR DIASSEXUAL				
Variantes	Feminino		Masculino	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Banzeiro	11	84.62%	12	85.71%
Onda	1	8.33%	1	7.14%
Gapenum	-	0.00%	1	7.14%
Gapenon	1	8.33%	-	0.00%
Total	13	100%	14	100%

Fonte: Felix (2018).

A dimensão diassexual é evidenciada na carta 003, acerca da variável *onda de rio*, cujos resultados mostram que a variante *banzeiro* é mais produtiva tanto na fala feminina quanto na masculina, sendo registrada uma sutil diferença no percentual de ocorrência a mais de 1.09% na fala masculina. Nas demais variantes, tanto os homens quanto as mulheres apresentaram a mesma frequência de execução, uma ocorrência. Os percentuais mostram que o fator diassexual não foi representativo para a variação deste item lexical.

5.3.4 Dimensão Diastrática

Tabela 9 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Onda de rio

FATOR DIASTRÁTICO				
Variantes	Fundamental		Médio	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Banzeiro	11	78.57%	12	92.31%
Onda	2	14.29%	-	0.00%
Gapenum	-	0.00%	1	7.69%
Gapenon	1	7.14%	-	0.00%
Total	14	100%	13	100%

Fonte: Felix (2018).

No que se refere à escolaridade, verifica-se que a variante *banzeiro* divide a frequência de ocorrência produtiva nos Ensinos Fundamental e Médio, com uma diferença de percentual de 13.74%. As demais variantes apresentaram baixa frequência de uso entre os níveis de ensino, que também apresentaram poucas lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator diastrático não foi representativo para a variação deste item lexical

5.3.5 As variantes de Onda de rio nos Atlas e Dicionários

Quadro 15 - Variantes de Onda de rio – ALiB, ALAM e ALSAM

SGC	ALiB	ALAM	ALSAM
Banzeiro	X	X	X
Onda	X	X	X
Gapenum	0	0	0
Gapenon	0	0	0

Fonte: Felix (2018).

Carta 003 (Onda de rio), como é possível verificar no quadro acima dentre as variantes *banzeiro*, *onda*, *gapenum* e *gapenon* apenas as duas primeiras são registradas no ALiB, sendo *onda* a mais frequente nas demais regiões brasileiras. No ALAM e no ALSAM embora apresentem outras variantes, a lexia *banzeiro* foi a mais frequente. A partir do que é visto no quadro acima, observa-se uma aproximação com os dois Atlas do Amazonas neste item lexical com relação à variante mais frequente em SGC, *banzeiro*.

Quadro 16 - Variantes de Onda de rio nos Dicionários

VARIANTES	DICIONÁRIO Língua Portuguesa Aurélio	DICIONÁRIO Nheengatu Stradelli (1921)	DICIONÁRIO Líguas Indígenas Barbosa Rodrigues (1894)	DICIONÁRIO Tupi Lemos Barbosa (1951)	DICIONÁRIO Histórico Geraldo da Cunha (1978)
Banzeiro	X	0	0	0	0
Onda	X	0	0	0	0
Gapenum	0	0	0	0	0
Gapenon	0	0	0	0	0

Fonte: Felix (2018).

O quadro 16, que registrou a presença/ausência das variantes de *onda de rio* nos dicionários consultados, revela que o Aurélio registra duas das variantes proferidas em SGC, embora, nem sempre com a mesma acepção semântica. Quanto ao Stradelli, há o registro da palavra *capenu-asú* (onda, vaga, maresia grande), apresentada como tradução para a lexia *banzeiro*. Barbosa Rodrigues, Lemos Barbosa e Geraldo da Cunha não registram a entrada deste item lexical.

Cabe aqui, um registro acerca dos fenômenos atmosféricos em SGC sobre a lexia *onda de rio*. Durante a organização da coleta de dados desta pesquisa, em relação a esse item lexical, ocorreu um baixo número de variantes proferidas pelos colaboradores, revelando proximidade com esse item lexical, *onda de rio*, visto que não havia, por trás da fala da maioria dos entrevistados, uma “procura pela palavra adequada” e a justificativa vinha das próprias respostas deles ao expor de que maneira essa palavra chegava até eles, os indígenas de SGC.

Como resultado dessa documentação, relevou-se dentre quase a totalidade das respostas, a descrição minuciosa, em uma expressão, das características dos movimentos das ondas dos rios, “sem perigo”. Então, ao expressarem suas respostas ao questionamento: *Como chamam o movimento das ondas do rio?* eles relacionam com suas viagens pelos igarapés e estreitos do Rio Negro, explicando que “o banzeiro pode ser fraco ou forte, dependendo do tamanho da embarcação que passar por perto”. Conforme o resultado das comparações com os demais

Atlas, a variante *banzeiro* é predominante na região amazônica. Existe ainda uma forte relação entre a variante *banzeiro* e a própria condição geográfica da Amazônia. O registro em SGC da variante mais frequente ser *banzeiro*, inclusive na forma padrão como ocorre no ALiB com a lexia *onda*, vem do fato de tanto a parte rural quanto a parte urbana de SGC estarem integradas pelos mais variados tipos de embarcações pelos veios de rios, de estreitos e de igarapés.

A título de informação, a palavra *banzeiro* é largamente utilizada em toda a região Amazônica. Assumindo os mais variados usos e caracterizações. Além da definição usual, sucessão de ondas provocadas por uma embarcação em deslocamento, ela pode significar: Pessoa que se encontra em estado de inércia, preguiça; Nostálgico, triste; Pessoa alcoolizada, bêbado.

Portanto, como se pôde verificar nesse estudo, as dimensões diatópica, diageracional, não apresentaram, significativamente, influência sobre o item lexical *banzeiro*, bem como as dimensões diassexual e diastrática que confirmaram que ambos os sexos e níveis de ensino não apresentam variabilidade com relação ao uso das variantes registradas do item lexical estudado. Os Atlas linguísticos do Amazonas comprovam sua regionalidade de emprego evidenciando peculiaridades de um dado espaço geográfico e uma das formas de registro da norma lexical de uma região.

Figura 18 - Banzeiro do Conhecimento



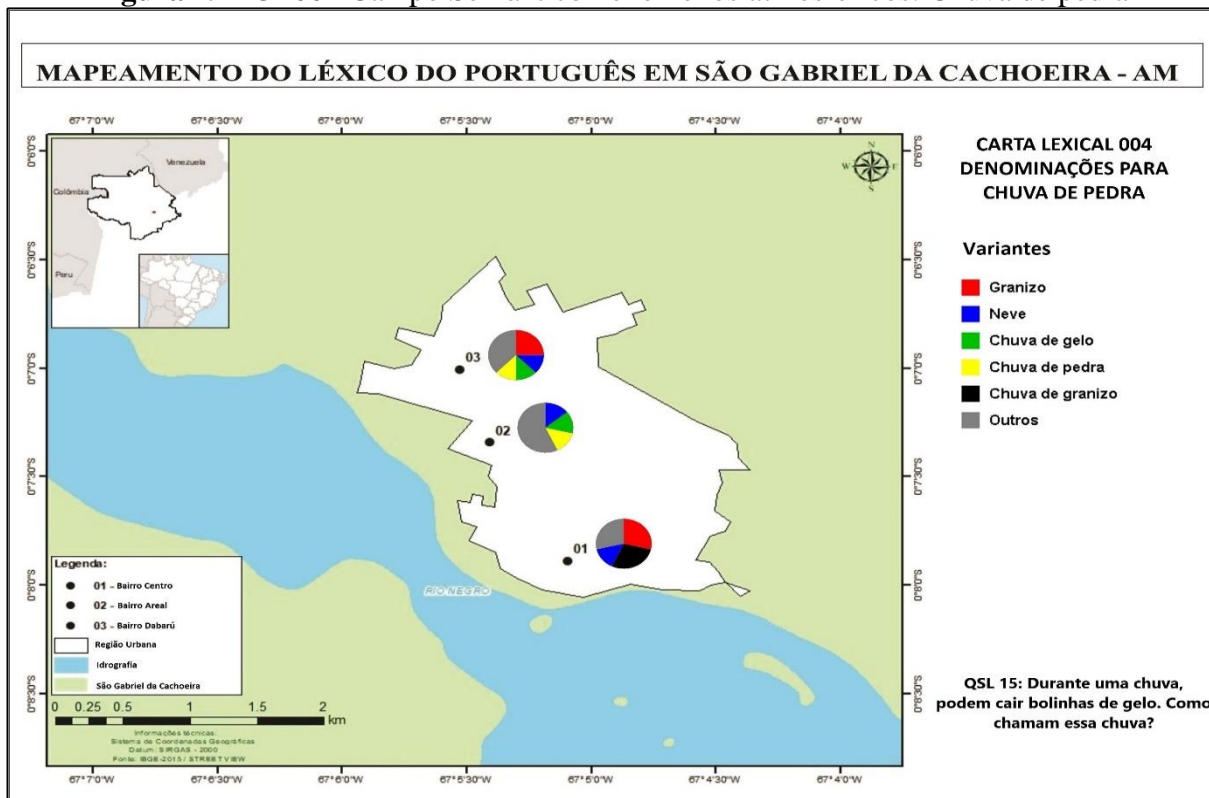
Fonte: Felix (2017)

Figura 17 - Banzeiro em SGC



5.4 Item lexical Chuva de Pedra

Figura 19 - CL004 Campo Semântico Fenômenos atmosféricos: Chuva de pedra



Fonte: Felix (2018).

5.4.1 Dimensão Diatópica

Observam-se dados diatópicos na carta 004: *chuva de pedra*, cuja variante *granizo* tem predominância de modo geral nos três pontos. A ocorrência por ponto de inquérito foi: Bairro

Centro: 28.57%; Bairro Areal: 0% e Bairro Dabarú:25%. Os dados apontam que a variante *granizo* se apresenta de forma produtiva nos pontos 01 e 03, entretanto não se apresenta no ponto 02. No ponto 02 predominam equilibradamente as variantes *neve*, *chuva de gelo* e *chuva de pedra*. A segunda maior ocorrência e a única a se apresentar em todos os pontos é a lexia *neve*. A variante *chuva de gelo*, apresenta a terceira maior frequência e ocorre somente nos Bairros 02 e 03. A lexia *chuva de pedra* só foi evidenciada também nos Bairros 02 e 03 e *chuva de granizo* é apenas pertinente ao Bairro 01. Os três pontos apresentaram várias lexias para *outras variantes*.

5.4.2 Dimensão Diageracional

Tabela 10 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Chuva de pedra

DIMENSÃO DIAGERACIONAL				
Variantes	1ª faixa etária		2ª faixa etária	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Neve	3	30%	-	00.00%
Granizo	2	20%	2	16.67%
Chuva de gelo	1	10%	1	8.33%
Chuva de pedra	-	00%	2	16.67%
Chuva de granizo	1	10%	2	16.67%
Outras	3	30%	5	41.66%
Total	10	100%	12	100%

Fonte: Felix (2018).

Os dados revelam que, na dimensão idade, a variante *neve* foi a mais frequente na primeira faixa etária, que inclusive só ocorre na fala dessa faixa. As variantes *granizo* e *chuva de gelo* apresentaram o mesmo número de ocorrência nas duas faixas etárias. A variante *chuva de pedra* só se apresentou na segunda faixa. A segunda faixa etária apresenta maior número de *outras variantes* para a lexia *chuva de pedra*, como *granito*, *chuva de chumbo*, *pedrinha de gelo*, enquanto os da primeira faixa etária faz uso de lexias mais produtivas. Os percentuais mostram que o fator idade não foi representativo para a variação deste item lexical.

5.4.3 Dimensão Diassexual

Tabela 11 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Chuva de pedra

Variantes	FATOR DIASSEXUAL			
	Feminino		Masculino	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Granizo	2	16.67%	2	20.00%
Neve	1	8.33%	2	20.00%
Chuva de gelo	1	8.33%	1	10.00%
Chuva de pedra	1	8.33%	1	10.00%
Chuva de granizo	1	8.33%	1	10.00%
Outras	6	50.01%	3	30.00%
Total	12	100%	10	100%

Fonte: Felix (2018).

A dimensão diassexual é evidenciada na carta 004, acerca da variável *chuva de pedra*, cujos resultados mostram que a variante *granizo* é mais produtiva tanto na fala feminina quanto na masculina, sendo registradas em suas respostas 2 execuções com 16.67% e 20.00% respectivamente, e, enquanto a segunda lexia mais produtiva, *neve* é mais recorrente na fala masculina. Para as demais variantes, tanto os homens quanto as mulheres apresentaram a mesma frequência de execução, uma ocorrência. Ambos apresentaram lexias para *outras variantes*, ficando com as mulheres o maior percentual. Os dados mostram que o fator diassexual não foi representativo para a variação deste item lexical.

5.4.4 Dimensão Diastrática

Tabela 12 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Chuva de Pedra

FATOR DIASTRÁTICO				
Variantes	Fundamental		Médio	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Granizo	2	18.18%	2	18.18%
Neve	2	18.18%	1	9.09%
Chuva de gelo	1	9.09%	2	18.18%
Chuva de pedra	1	9.09%	1	9.09%
Chuva de granizo	-	0.00%	2	18.18%
Outras	5	45.46%	3	27.28%
Total	11	100%	11	100%

Fonte: Felix (2018).

No que se refere à escolaridade, verifica-se que as variantes *granizo* e *neve* dividiram a frequência de ocorrência no Ensino Fundamental; e no Ensino Médio, as lexias *granizo*, *chuva de gelo* e *chuva de granizo* também dividiram as maiores produtividades, com o mesmo percentual de 18.18% para cada nível escolar no uso dessas variantes. A segunda maior frequência no Ensino Fundamental foi a lexia *gelo* e no Ensino Médio foi *granito*. As demais variantes mais produtivas apresentaram baixa frequência de uso entre os níveis de ensino, que também apresentaram poucas lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator diastrático não foi representativo para a variação deste item lexical.

5.4.5 As variantes de Chuva de pedra nos Atlas e Dicionários

Quadro 17 - Variantes de Chuva de pedra – ALiB, ALAM e ALSAM

SGC	ALiB	ALAM	ALSAM
Granizo	X	0	0
Neve	0	0	0
Chuva de gelo	X	0	0
Chuva de pedra	0	0	0
Chuva de granizo	X	0	0

Fonte: Felix (2018).

Carta 004 (Chuva de pedra), como é possível verificar no quadro 17 as variantes *granizo*, *chuva de granizo*, *chuva de pedra* e *chuva de gelo* são registradas no ALiB (carta L01a),

denominações registradas nas capitais da Região Norte, cuja lexia *granizo* foi a mais frequente. No entanto, nem o ALAM e nem o ALSAM embora apresentem várias cartas para esse campo semântico, não há o item lexical *chuva de pedra* em suas análises. A partir do que é visto no quadro acima, observa-se uma aproximação com o ALiB neste item lexical com relação à variante mais frequente em SGC, *granizo*.

Quadro 18- Variantes de Chuva de pedra nos Dicionários

VARIANTES	DICIONÁRIO Língua Portuguesa Aurélio	DICIONÁRIO Nheengatu Stradelli (1929)	DICIONÁRIO Líguas Indígenas Barbosa Rodrigues (1894)	DICIONÁRIO Tupi Lemos Barbosa (1951)	DICIONÁRIO Histórico Geraldo da Cunha (1978)
Granizo	X	0	0	0	0
Neve	X	0	0	0	0
Chuva de gelo	X	0	0	0	0
Chuva de pedra	X	0	0	0	0
Chuva de granizo	X	0	0	0	0

Fonte: Felix (2018).

O quadro 18, que registrou a presença/ausência das variantes de *chuva de pedra* nos dicionários consultados, revela que o Aurélio registra todas das variantes proferidas em SGC. Quanto ao Stradelli, Barbosa Rodrigues, Lemos Barbosa e Geraldo da Cunha não registram a entrada deste item lexical.

Cabe aqui, um registro acerca dos fenômenos atmosféricos em SGC sobre a lexia chuva de pedra. Durante a organização da coleta de dados desta pesquisa, registrou-se baixo número de variantes proferidas pelos colaboradores, revelando pouca familiaridade com esse item lexical, *chuva de pedra*, porém havia por trás da fala da maioria dos entrevistados uma “procura pela palavra adequada” e a justificativa vinha das próprias respostas deles ao expor de que maneira esse assunto chegava até eles, os indígenas de SGC.

Conforme exposto na seção 4, foram aplicados durante a pesquisa dois questionários e, inicialmente, a ficha do colaborador, cujo objetivo, desta última, é documentar dados de identificação pessoal, registro de domicílio atual e anteriores, escolaridade e profissão principal e secundária, contatos com os meios de comunicação, preferências de lazer. Também foram registradas características da realização do inquérito linguístico: postura do colaborador, espontaneidade na elocução, ambiente onde se realizou a documentação e uma caracterização sumária de cada um deles.

Como resultado dessa documentação, relevou-se dentre quase a totalidade das respostas, o prazer por assistir aos telejornais, “Jornal Nacional”, e pelos jogos de futebol. Então, ao expressarem suas respostas ao questionamento: *Durante uma chuva, podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?* elas vinham entre as justificativas de que lá, em SGC, nunca havia acontecido algo assim, mas que já haviam visto na televisão. Portanto, o registro em SGC da variante mais frequente ser *granizo*, inclusive na forma padrão como ocorre no ALiB e não as lexias *neve*, *chuva de pedra*, *chuva de gelo* vem do fato de tanto a parte rural quanto a urbana de SGC estar integradas aos mais variados meios de comunicação regional e nacional.

A título de informação, no momento em que o município de SGC, em março de 2018, decretou Estado de calamidade pública, por causa de uma forte seca, estiagem nunca presenciada pelos são gabrielenses, pela primeira vez, simultaneamente à seca, ocorreu uma chuva de granizo na comunidade indígena Baniwa, fenômeno jamais visto na região, o que causou bastante estranheza:

O comunicador indígena Plínio Baniwa, morador da comunidade de Tunuí Cachoeira, no Alto Rio Içana, enviou uma mensagem ao grupo de WhatsApp da Rede de Comunicadores Indígenas do Rio Negro, alertando para um fato inédito ocorrido em sua comunidade: “Uma chuva de gelo, com duração de 10 minutos, caiu às 17 horas do sábado, dia 17 de março. Essa foi a primeira vez que ocorreu essa chuva de gelo, segundo os nossos velhos conhecedores”, escreveu (RADLER, 2018).

A inédita chuva de granizo que caiu na comunidade indígena Baniwa este ano, ocorreu um dia depois da Defesa Civil emitir uma nota pública decretando “Estado de Alerta” para os três municípios da calha do Alto Rio Negro devido à forte estiagem. O Centro de Monitoramento e Alerta (Cemoa) do órgão, afirmou que a região enfrenta um déficit significativo de chuvas, refletindo diretamente no nível do Rio Negro em Barcelos, Santa Isabel do Rio Negro e em São Gabriel da Cachoeira. O Estado de Alerta é o segundo estágio em caso de desastre natural e é decretado para preparar as defesas civis e autoridades municipais para atuar de forma efetiva em uma situação emergencial.

Portanto, ao lado das variantes lexicais usadas pelos colaboradores, destaca-se o registro de uma variedade padrão, *granizo*, justificado pelos aspectos de sua realidade social, isto é, a inserção no universo tecnológico (televisão, internet) e outros meios de comunicação, que acabam por se constituir numa fonte de informação preciosa sobre a história cultural daquele espaço geográfico. Evidenciando também a influência da língua oficial do país sobre o uso linguístico em SGC.

Figura 20- Alto Rio Negro-inavegável



Fonte: (19/3) Juliana Radler-ISA

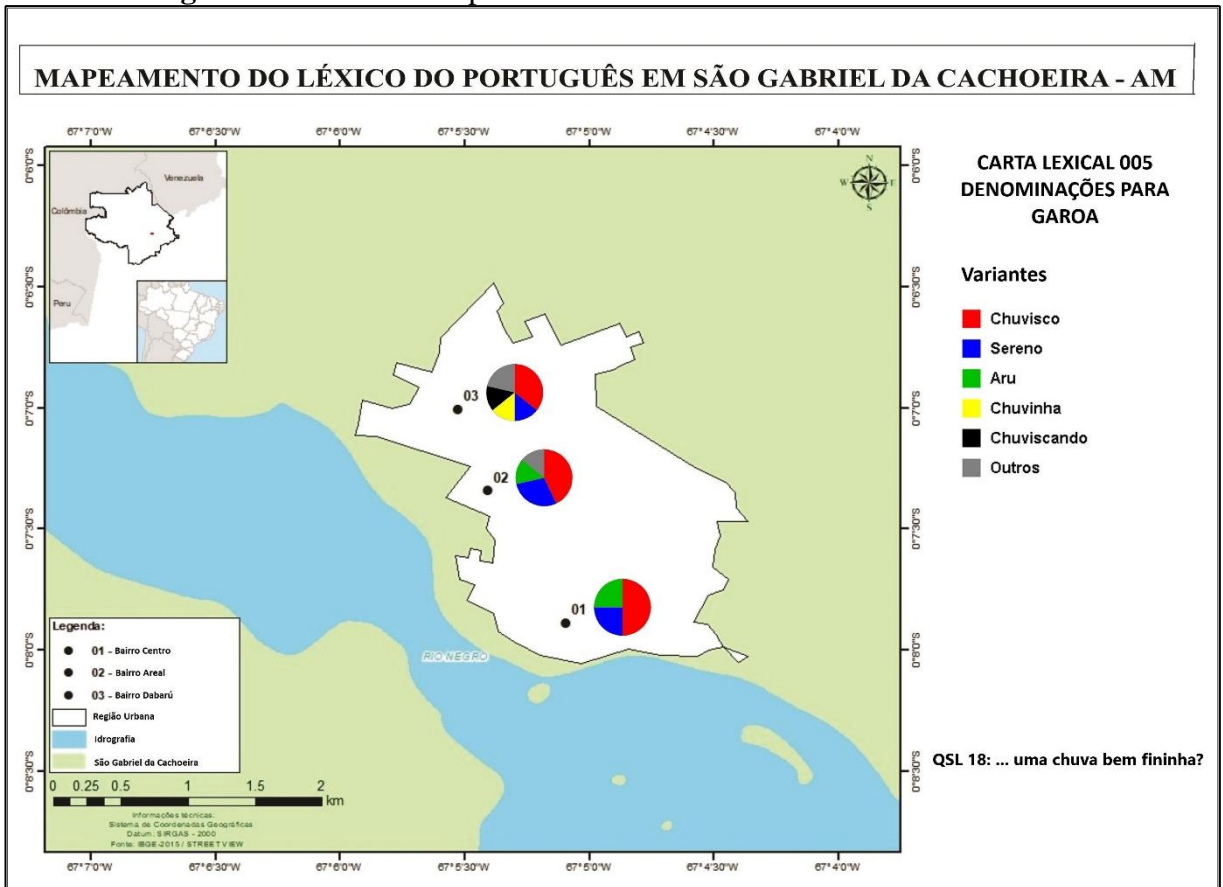
Figura 21- Chuva de granizo Alto Rio Içana



Fonte: Felix (2018)

5.5 Item lexical Garoa

Figura 22 - CL005 Campo Semântico Fenômenos atmosféricos: Garoa



Fonte: Felix (2018).

5.5.1 Dimensão Diatópica

Observam-se dados diatópicos na carta 005: *garoa*, cuja variante *chuvisco* tem predominância de modo geral, apresentando a maior frequência em todos os Bairros. A ocorrência por ponto de inquérito foi: Bairro Centro: 50%; Bairro Areal: 42.86% e Bairro

Dabarú: 35.71%. Os dados apontam que no Bairro 01, Centro, dentre as lexias mais produtivas não ocorreram as variantes *chuvinha* e *choviscando* e foi o único a não apresentar lexias para *outras variantes*. No ponto 02, Bairro Areial, também dentre as mais produtivas, não apresenta as lexias *chuvinha* e *choviscando*. No ponto 03, Bairro Dabarú, dentre as mais produtivas só não apresentou a lexia *aru*, entretanto foi o único a proferir as lexias *chuvinha* e *choviscando*. A segunda maior ocorrência de modo geral nos pontos é *sereno* que aparece em todos os Bairros. A variante *aru* apresenta a terceira maior frequência e ocorre somente nos Bairros 01 e 02. Os percentuais mostram que a dimensão diatópica não foi significativa para denominar o item lexical nos três pontos de inquérito.

5.5.2 Dimensão Diageracional

Tabela 13 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Garoa

FATOR DIAGERACIONAL				
Variantes	1ª faixa etária		2ª faixa etária	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Chuvisco	5	41.67%	7	41.18%
Sereno	3	25.00%	3	17.65%
Aru	1	8.33%	2	11.76%
Chuvinha	1	8.33%	1	5.58%
Choviscando	1	8.33%	1	5.58%
Outras	1	8.33%	3	17.65%
Total	12	100%	17	100%

Fonte: Felix (2018).

Os dados revelam que, na dimensão idade, a variante *chuvisco* foi a mais frequente entre as duas faixas, com uma sutil diferença a mais de duas ocorrências na segunda faixa etária. A variante *sereno* apresentou equilíbrio entre os mais jovens e os mais velhos. Ambas as faixas etárias proferiram várias lexias para *outras variantes*, como *chuva de sereno*, *amana mari*, *chuviscozinho*, *dia de aru*. Os percentuais mostram quanto o fator idade não contribui para a variação deste item lexical.

5.5.3 Dimensão Dياسsexual

Tabela 14 - Resultados quanto ao fator dياسsexual para o item lexical Garoa

FATOR DIASSEXUAL				
Variantes	Feminino		Masculino	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Chuvisco	7	50.00%	5	33.33%
Sereno	1	7.14%	5	33.33%
Aru	1	7.14%	2	13.33%
Chuvinha	2	14.29%	-	0.00%
Chuviscando	1	7.14%	1	6.67%
Outras	2	14.29%	2	13.33%
Total	14	100%	15	100%

Fonte: Felix (2018).

A dimensão dياسsexual é evidenciada na carta 005, acerca da variável *garia*, cujos resultados mostram que a variante *chuvisco* é mais recorrente na fala feminina, com o percentual de diferença de 16,67%. Enquanto *sereno* e *chuvisco* são mais recorrentes na fala masculina com o mesmo percentual de ocorrência. A variante *chuvinha* só ocorreu na fala feminina, assim como a lexia *chuviscozinho* só se apresentou na fala masculina. Ambos os sexos apresentaram apenas uma lexia para *outras variantes* (*amana mari* e *chuva de sereno*). Os percentuais mostram que o fator dياسsexual não contribuiu para a variação deste item lexical.

5.5.4 Dimensão Diastrática

Tabela 15 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Garoa

FATOR DIASTRÁTICO				
Variantes	Fundamental		Médio	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Chuvisco	4	26.67%	8	57.14%
Sereno	4	26.67%	2	14.29%
Aru	-	0.00%	3	21.43%
Chuvinha	1	6.67%	1	7.14%
Chuviscando	2	13.33%	-	0.00%
Outras	4	26.67%	-	0.00%
Total	15	100%	14	100%

Fonte: Felix (2018).

No que se refere à escolaridade, verifica-se que a variante *chuvisco* foi a mais frequente entre os níveis de ensino, sendo mais produtiva no Ensino Médio com o percentual de diferença de 30.47%. No Ensino Fundamental houve equilíbrio entre *chuvisco* e *sereno* com o percentual de ocorrência para cada variante. A lexia *aru* ocorreu como a segunda mais frequente somente no Ensino Médio. As demais variantes apresentaram baixa frequência de uso entre os níveis de ensino. O Ensino Fundamental apresentou poucas lexias para *outras variantes*, já o Ensino Médio não apresentou qualquer variante. Os percentuais mostram que o fator diastrático não contribuiu para a variação deste item lexical.

5.5.5 As variantes de Garoa em SGC, nos Atlas Linguísticos e Dicionários

Quadro 19 - Variantes de Garoa - ALiB, ALAM e ALSAM

SGC	ALiB	ALAM	ALSAM
Chuvisco	X	X	X
Sereno	X	X	X
Aru	X	0	0
Chuvinha	0	0	0
Chuviscando	0	0	0

Fonte: Felix (2018).

Carta 005 (garoa). Como é possível verificar no quadro 19 a variante *garoa* dentre os campos semânticos selecionados pelos pesquisadores no estudo do léxico no Estado do Amazonas, há lexias cujo significado não é tão contrastante, como podemos observar no campo semântico Fenômenos atmosféricos Carta 005: *Garoa*, que apresenta no ALiB (QSL 18) o item lexical *garoa*, no ALAM aparece a lexia *chuvisco* (carta 10) e no ALSAM a lexia *chuvisco* (carta 15) para o mesmo referente *garoa*. As variantes *sereno*, *chuvisco* são registradas tanto pelo ALSAM, quanto pelo ALAM na mesorregião, no entanto o ALAM aponta a variante *sereno* como mais recorrente no Sul Amazonense, ao passo que no ALSAM a variante mais frequente é *chuvisco*. Não foram observadas no ALAM e nem no ALSAM as variantes *aru*, *chuvinha* e *chuviscando* registradas em SGC. Por outro lado, o ALSAM registra as formas *chuva de molhar besta*, *brisa* e *burrisco*, não registradas em SGC, nem no ALiB e nem no ALAM para a região em estudo. A partir do que é visto no quadro acima, pode-se inferir que os dados pertencentes aos três Atlas, ora se aproximam das variantes registradas em São Gabriel, ora se distanciam, porém observa-se uma proximidade com o ALSAM neste item lexical com relação à variante mais produtiva em SGC, *chuvisco*.

Quadro 20- Variantes de Garoa nos Dicionários

VARIANTES	DICIONÁRIO Língua Portuguesa Aurélio	DICIONÁRIO Nheengatu Stradelli (1929)	DICIONÁRIO Líguas Indígenas Barbosa Rodrigues (1894)	DICIONÁRIO Tupi Lemos Barbosa (1951)	DICIONÁRIO Histórico Geraldo da Cunha (1976)
Chuvisco	X	0	0	0	0
Sereno	X	0	0	0	0
Aru	X	X	0	0	0
Chuvinha	0	0	0	0	0
Chuviscando	X	0	0	0	0

Fonte: Felix (2018).

O quadro 20, que registrou a presença/ausência das variantes para *garoa* nos dicionários consultados, revela que o Aurélio registrou quase todas as variantes, o Stradelli registrou uma delas (*aru*). Barbosa Rodrigues, Lemos Barbosa e Geraldo da Cunha não registraram a entrada deste item lexical.

A variante mais frequente em SGC foi *chuvisco*, porém o que diferencia esse espaço geográfico foram as outras variantes proferidas pelos colaboradores durante a explicação do fenômeno: *aru*, *dia de aru*, *amana mari*. A lexia *aru* é uma palavra de origem indígena, conforme Stradelli, cujo significado é sapo, uma espécie chamada de sapo-aru e sapo-de-surinã (Pipa pipa).

Há uma lenda, no Vocabulário de Stradelli, entre os índios do rio Negro, que fala sobre o pequeno sapo, conta que ele traz bons presságios para as roças. Oportunamente, *aru* se transforma em moço bonito, empunha um remo e vai buscar a Mãe da Mandioca, que mora nas cabeceiras do rio, para visitar as roças e as fazer prosperar, e a chuva cai sempre que necessário. Logo, *dia de aru*, deve significar uma chuva boa, quem sabe por ser breve, apenas um chuvisco. *Aru* é também um nome dado a uma cachoeira do rio Negro, localizada na fronteira do Brasil com a Venezuela. E a lexia *amana* significa chuva e *amana mari*, chuva rápida.

Essas *outras variantes* revelam que, embora nossos colaboradores estejam situados em um espaço considerado urbanizado da região, eles mantêm conservados antigos hábitos linguísticos adquiridos dentro de suas antigas comunidades, herdados de seus ancestrais na língua vivida por eles mesmos, o Nheengatú.

Portanto, como a predominância nas respostas de nossos colaboradores foi a variante *chuvisco*, registra-se a evidência da influência da língua Nheengatu sobre esse uso linguístico em SGC.

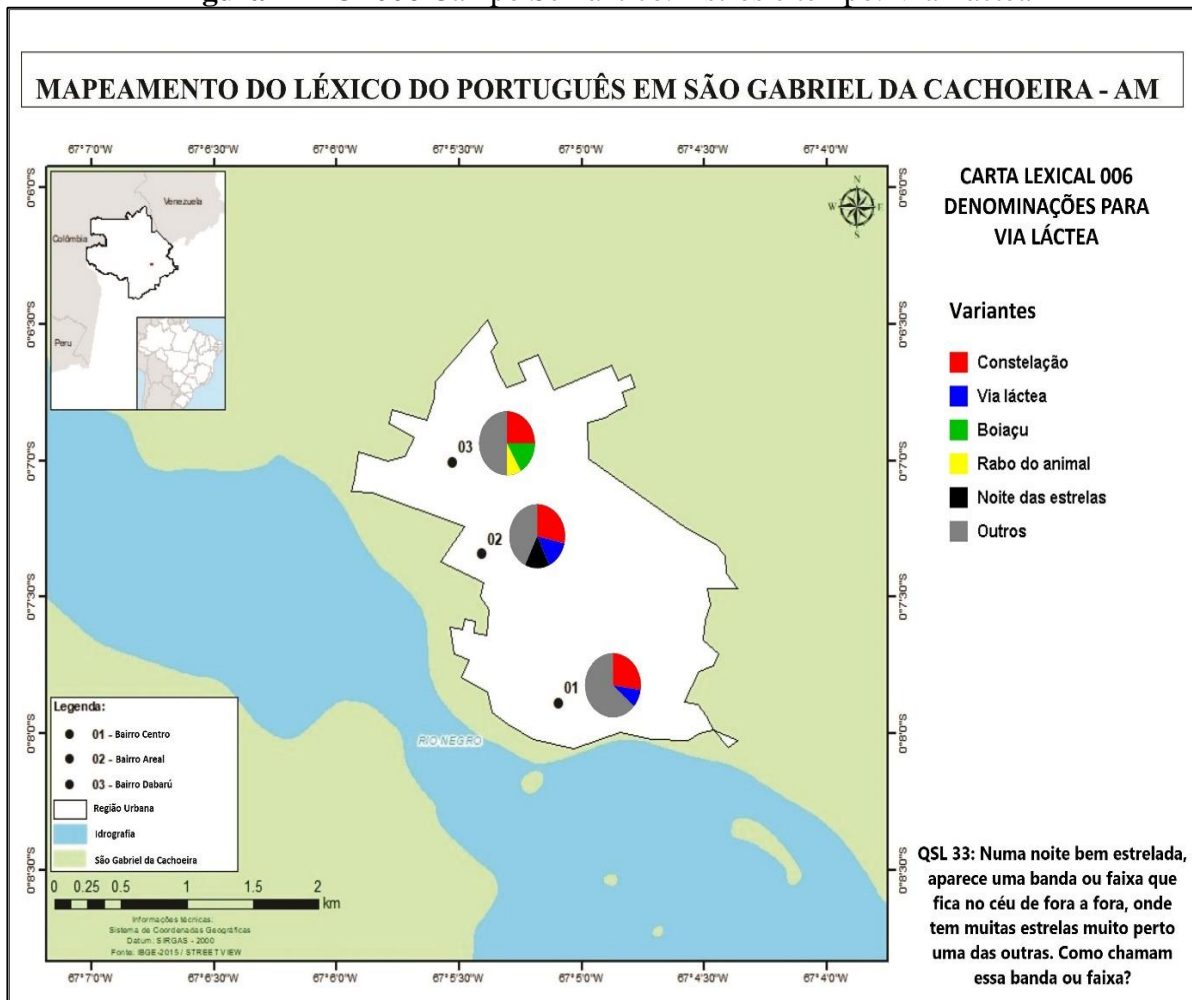
Figura 23- Chuvisco (Garoa)



Fonte: <https://trilhasetrips.blogspot.com/2013/05/relato-travessia>

5.6 Item lexical Via Láctea

Figura 24 - CL006 Campo Semântico: Astros e tempo: Via Láctea



Fonte: Felix (2018).

5.6.1 Dimensão Diatópica

Observam-se dados diatópicos na carta 006: *via láctea*, cuja variante *constelação* tem predominância de modo geral nos três pontos. A ocorrência por ponto de inquérito foi: Bairro Centro: 27.27%; Bairro Areial: 28.57% e Bairro Dabarú: 25%. Os dados apontam que a variante *constelação* além de ser a mais produtiva é a única que se apresenta em todos Bairros. O Bairro 01, Centro, apresentou somente as duas variantes mais produtivas, *constelação* e *via láctea*, e várias *outras variantes*. No Bairro 02, Areial, além das duas variantes mais produtivas, foi o único que proferiu *noite das estrelas*. No Bairro 03, Dabarú, predomina a mais produtiva, *constelação* e foi o único a referir *boiaçu* e *rabo do animal*. A segunda maior ocorrência nos pontos é *via láctea* que só se apresenta nos Bairros 01 e 02. A variante *boiaçu* apresenta a terceira maior frequência e ocorre somente no Bairro 03. A quarta lexia *rabo do animal* só foi evidenciada no Bairro 03 e *noite das estrelas* é apenas pertinente ao Bairro 02. Os três pontos apresentaram elevado percentual de lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que a dimensão diatópica não foi significativa para a variação deste item lexical.

5.6.2 Dimensão Diageracional

Tabela 16 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Via Láctea

FATOR DIAGERACIONAL				
Variantes	1ª faixa etária		2ª faixa etária	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Constelação	4	26.67%	4	26.67%
Via láctea	1	6.67%	1	6.67%
Boiaçu	-	0.00%	2	13.33%
Rabo do animal	-	0.00%	1	6.67%
Noite das estrelas	-	0.00%	1	6.67%
Outras	10	66.66%	6	39.99%
Total	15	100%	15	100%

Fonte: Felix (2018).

Os dados revelam que, na dimensão idade, a variante *constelação* foi a mais frequente em ambas faixas etárias e com o mesmo percentual de produtividade, e embora haja convergência entre as duas faixas etárias no uso das variantes mais produtivas, há também bastante disparidade entre as demais respostas. A variante *via láctea* foi a segunda mais frequente, com apenas uma ocorrência, na primeira faixa etária, e a lexia *boiaçu* foi a segunda mais frequente

entre os mais velhos. Ambas as faixas etárias proferiram várias lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram quanto o fator idade não foi significativo para a variação deste item lexical.

5.6.3 Dimensão Diassexual

Tabela 17 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Via láctea

Variantes	FATOR DIASSEXUAL			
	Feminino		Masculino	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Constelação	6	37.50%	2	14.29%
Via láctea	2	12.50%	-	0.00%
Boiaçu	1	6.25%	1	7.14%
Rabo do animal	-	0.00%	1	7.14%
Noite das estrelas	-	0.00%	1	7.14%
Outras	7	43.75%	9	64.27%
Total	16	100%	14	100%

Fonte: Felix (2018).

A dimensão diassexual é evidenciada na carta 006, acerca da variável *via láctea*, cujos resultados mostram que a variante *constelação* é mais recorrente na fala feminina, sendo registrado o percentual a mais de 23.21%. A lexia *via láctea* só é recorrente na fala feminina. E ambos os sexos apresentaram lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator diassexual não contribuiu para a variação deste item lexical.

5.6.4 Dimensão Diastrática

Tabela 18 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Via láctea

FATOR DIASTRÁTICO				
Variantes	Fundamental		Médio	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Constelação	2	16.67%	6	33.33%
Via láctea	-	0.00%	2	11.11%
Boiaçu	1	8.33%	1	5.56%
Rabo do animal	1	8.33%	-	0.00%
Noite das estrelas	-	0.00%	-	0.00%
Outras	8	66.64%	9	50.00%
Total	12	100%	18	100%

Fonte: Felix (2018).

No que se refere à escolaridade, verifica-se que a variante *constelação* foi a mais frequente entre os níveis de ensino, sendo mais produtiva no Ensino Médio com o percentual a mais de 16.66%. No Ensino Fundamental, embora seja a lexia de maior produtividade, apresentou baixo percentual de ocorrência, visto que foram apresentadas diversas variantes que acabaram por dividir os percentuais. A lexia *via láctea* só ocorreu no Ensino Médio e *rabo de animal* somente no Ensino Fundamental. Ambos os níveis de Ensino apresentaram diversas lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator diastrático não contribuiu para a variação deste item lexical.

5.6.5 As variantes de Via láctea nos Atlas Linguísticos e Dicionários

Quadro 21- Variantes de Via láctea – ALiB, ALAM e ALSAM

SGC	ALiB	ALAM	ALSAM
Constelação	X	X	0
Via láctea	X	X	0
Boiaçu	X	X	X
Rabo do animal	0	X	X
Noite das estrelas	0	X	X

Fonte: Felix (2018).

Carta 006 (via láctea). Como é possível verificar no quadro 21 a variante mais produtiva em SGC, *constelação*, é registrada no ALAM, no ALiB, mas não pelo ALSAM. Os Atlas do Amazonas não apresentam exatamente cartas linguísticas para esse item lexical, visto que foi feita uma adaptação no questionário aplicado por seus autores, e, portanto, aparece a seguinte pergunta: “Constelações e estrelas conhecidas”. Tanto o ALSAM (carta 022) quanto o ALAM apresentam *estrela d’alva, sete estrelas e três Marias* entre as estrelas e constelações mais conhecidas na região. O ALAM não registra *Cruzeiro do Sul* no Sul Amazonense, no entanto, no ALSAM essa constelação é a terceira mais citada pelos seus informantes. Como é possível verificar no quadro 21, mesmo a pergunta no ALiB ter sido feita de forma diferenciada, as variantes *constelação, via láctea, boiaçu, rabo do animal e noite de estrelas* são registradas pelo ALAM, e, pelo ALSAM, só não foram confirmadas as lexias *constelação* e *via láctea* registradas em SGC. A partir do que é visto no quadro acima, pode-se inferir que os dados pertencentes aos três atlas, ora se aproximam das variantes registradas em São Gabriel, ora se distanciam, porém observa-se uma proximidade com o ALAM em relação à variante mais frequente em SGC, *via láctea*.

Quadro 22-Variantes de Via láctea nos Dicionários

VARIANTES	DICIONÁRIO Língua Portuguesa Aurélio	DICIONÁRIO Nheengatu Stradelli (1921)	DICIONÁRIO Líguas Indígenas Barbosa Rodrigues (1894)	DICIONÁRIO Tupi Lemos Barbosa (1951)	DICIONÁRIO Histórico Geraldo da Cunha (1976)
Constelação	X	0	0	0	0
Via láctea	X	0	0	0	0
Boiaçu	0	0	0	0	X
Rabo do animal	0	0	0	0	0
Noite das estrelas	0	0	0	0	0

Fonte: Felix (2018).

O quadro 22, que registrou a presença/ausência das variantes de *via láctea* nos dicionários consultados, revela que somente o dicionário Aurélio apresentou o registro das duas variantes mais frequentes. O Stradelli registrou *iacy-tatá-rangáua* como uma tradução aproximada de constelação. Barbosa Rodrigues, Lemos Barbosa e Geraldo da Cunha não registraram a entrada deste item lexical. Como foi descrito nas dimensões anteriores, a carta 006 apresentou elevado número de variantes proferidas pelas três etnias sempre acompanhadas

de explicações passadas pelas gerações mais antigas e o fato de as respostas serem sesmalogias que a seguir serão analisadas do ponto de vista sociocultural.

Durante a organização da coleta de dados desta pesquisa, foi observado o alto número de variantes proferidas pelos colaboradores, revelando tentativas de responder com conhecimentos para além do que se supõe esperado pelo pesquisador para esse item lexical, *via láctea*, e havia ainda por trás da fala da maioria dos entrevistados uma “preocupação em lembrar e em descrever o fenômeno nomeando-o por meio de explicações e a justificativa vinha das próprias respostas deles ao expor de que maneira esse assunto chegava até eles.

Conforme Cabalzar e Ricardo (2000, p. 32), cada uma das vinte e duas etnias que vivem no alto e médio rio Negro se diferencia de todas as outras, ainda que em certos aspectos. Nesse conjunto de diferenciação cultural, encontram-se muitas características comuns, principalmente no que diz respeito aos mitos, à cultura material, à religião, à arquitetura tradicional, atividades de subsistência etc. Essas características comuns são mais próximas entre os tukano, os baniwa, os tariana e os baré. Os colaboradores das três etnias, é sabido, tiveram um passado comum ao lado das missões religiosas católicas e, posteriormente, evangélicas. A história de violência associada à exploração dos índios levou a vários escritores a se posicionarem em seus relatos de viagens, como se posiciona Stradelli em seu Vocabulário Português/Nheengatú, Nheengatú/Português: “o culto invasor que importava outro Tupana e que reduzia Jurupari (o ritual de iniciação masculina dos vários grupos indígenas do Alto Rio Negro, os instrumentos musicais e as máscaras usados nesse ritual não podem ser vistos nem ouvidos por mulheres ou crianças) a um simples ‘diabo’...”. Stradelli defendeu como filosofia e cosmogonia os testemunhos em nheengatú que o cristianismo (e a ciência da época) desprezava como “superstição primitiva”.

Então, o que ouvimos atualmente, em nossas entrevistas, dentre os colaboradores são tentativas de descrição de surgimento do mundo por meio das estrelas do céu que se reduziram a: “eu lembro mais ou menos; “minhas irmãs mais velhas é que sabem contar melhor”. Entretanto, alguns ainda citaram, boiaçu (cobra grande); buiacanga; siu-siu; ararapari; camarão de um braço; camarão de dois braços, ao lado de rosário de Maria; cruzeiro do sul; via láctea; imagem de Nossa Senhora; caminho de Santiago; cinturão do céu, não sem antes tentar explicar seu significado sem muita clareza.

Portanto, ao lado das variantes lexicais usadas pelos colaboradores, destaca-se o alto registro de *outras variantes* superando o uso das mais frequentes. Esse desempenho, provavelmente, justificado pelos aspectos de sua realidade social, isto é, o convívio com a

cultura mais forte, que acaba por definir a história cultural daquele espaço geográfico, evidenciando a influência da língua oficial do país sobre o uso linguístico em SGC.

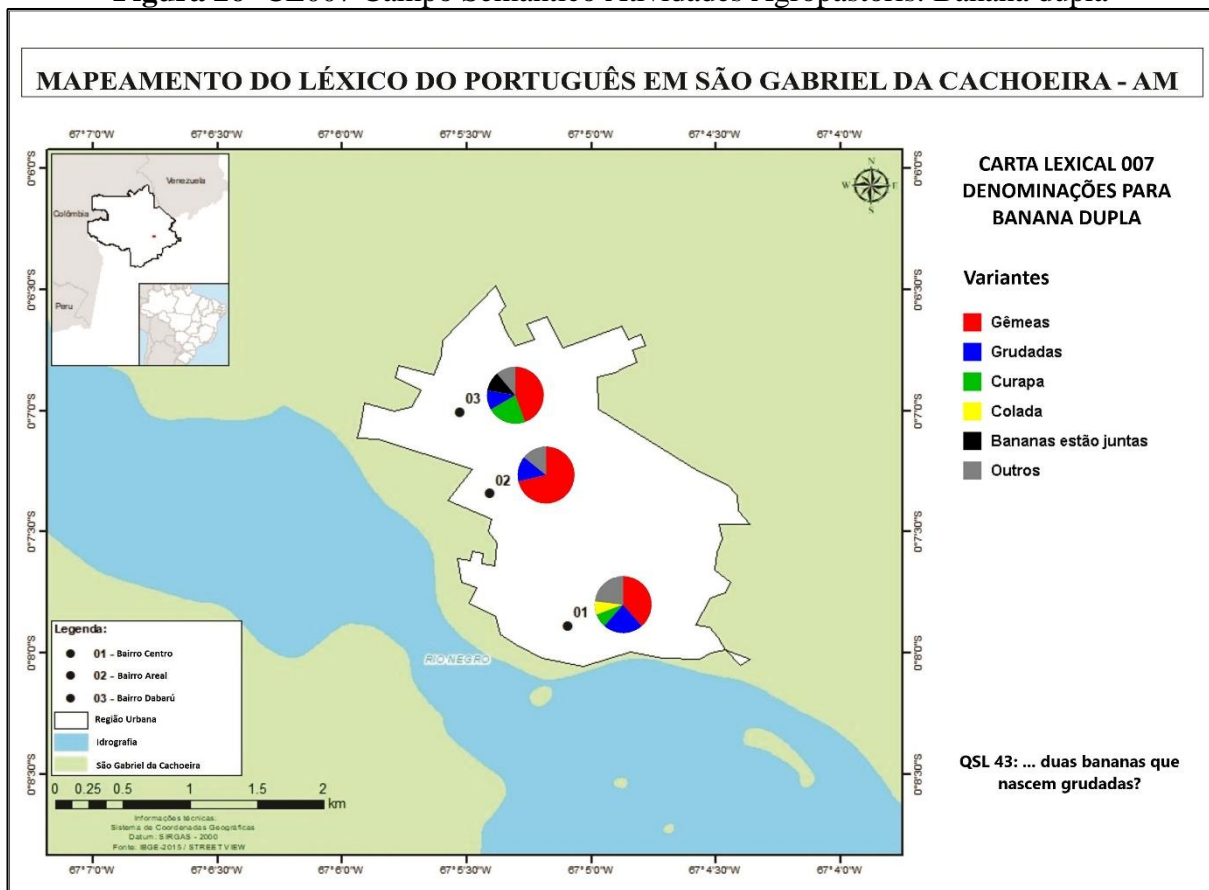
Figura 25- Constelações



Fonte: Disponível em: <https://www.google.com.br/telescopiosnaescola.pro.br>

5.7 Item lexical Banana Dupla

Figura 26- CL007 Campo Semântico Atividades Agropastoris: Banana dupla



Fonte: Felix (2018).

5.7.1 Dimensão Diatópica

Observam-se as disposições diatópicas na carta 007: *banana dupla*, cuja variante *gêmeas* é a predominante de maneira geral nos três pontos. A ocorrência por ponto de inquérito foi: Bairro Centro: 38,46%, o único ponto a expressar a lexia *colada*; Bairro Areal: 71,43% e Bairro Dabarú: 44,44%. A segunda maior ocorrência, a variante *grudadas*, é pertinente aos três pontos também. A terceira maior ocorrência entre os pontos de inquérito é *curapa*, sendo pertinente apenas aos pontos 01 e 03, este último, por sua vez, é o único ponto a proferir a expressão *bananas grudadas*. Foram enunciadas, em dois Bairros para denominar o item lexical *banana gêmea*, variantes em língua indígena antes das respostas em português (*curapa*, *muriti*, *taku atayuia*, *paku iariwa*). Os percentuais mostram que a dimensão diatópica não foi significativa para a variação deste item lexical

5.7.2 Dimensão Diageracional

Tabela 19 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical *Banana gêmea*

Variantes	FATOR DIAGERACIONAL			
	1ª faixa etária		2ª faixa etária	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Gêmeas	8	57.14%	6	40.00%
Grudadas	3	21.43%	2	13.33%
Curapa	1	7.14%	2	13.33%
Outras	2	14.28%	5	33.35%
Total	14	100%	15	100%

Fonte: Felix (2018).

Os dados revelam que, na dimensão idade, a variante *gêmeas* foi a mais frequente com um percentual a mais de produtividade de 17.14% na primeira faixa etária. A variante *grudadas* foi a segunda mais frequente nas duas faixas. Ambas as faixas etárias proferiram várias lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram quanto o fator idade não foi significativo para a variação deste item lexical.

5.7.3 Dimensão Diassexual

Tabela 20 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Banana gêmea

FATOR DIASSEXUAL				
Variantes	Feminino		Masculino	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Gêmeas	8	57.14%	6	40.00%
Grudadas	4	28.57%	1	6.67%
Curapa	-	0.00%	3	20.00%
Outras	2	14.28%	5	33.35%
Total	14	100%	15	100%

Fonte: Felix (2018).

A dimensão diassexual é evidenciada na carta 007, acerca da variável *banana gêmea*, cujos resultados mostram que a variante *gêmeas* é a mais recorrente na fala feminina. A variante *grudadas* foi a segunda maior frequência entre as mulheres e a lexia *curapa* entre os homens. As mulheres acrescentavam em suas respostas, a crença de que se a mulher que não dividisse esse tipo de banana, teria filhos gêmeos. O sexo masculino apresentou mais variantes em suas respostas e em língua indígena (*curapa*, *taku tayuia*), embora entre o sexo feminino também foram registradas duas execuções em língua indígena (*muriti*, *paku iariwa*). Todas as demais variantes, a despeito das duas mais recorrentes para cada sexo, tiveram apenas uma ocorrência revelando conhecimento do sentido que reflete esse item lexical por parte dos colaboradores. Os percentuais mostram que o fator diassexual não contribuiu para a variação deste item lexical.

5.7.4 Dimensão Diastrática

Tabela 21 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Banana gêmea

FATOR DIASTRÁTICO				
Variantes	Fundamental		Médio	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Gêmeas	6	35.29%	8	66.67%
Grudadas	3	17.65%	2	16.67%
Curapa	1	5.88%	2	16.67%
Outras	7	41.16%	-	00.00%
Total	17	100%	12	100%

Fonte: Felix (2018).

No que se refere à escolaridade, verifica-se que a variante *gêmeas* foi mais frequente nos dois níveis de ensino, com o percentual a mais de diferença no Ensino Médio de 31.38%. A lexia *grudadas* ocorreu nos dois níveis de instrução, sendo mais frequente no Ensino Fundamental com sutil diferença de 0.98%. O mesmo ocorreu com a lexia *curapa*, que se apresentou nos dois níveis de ensino, com 1 ocorrência no Fundamental, e 2 no Ensino Médio. Os colaboradores do nível Fundamental apresentaram várias lexias para *outras variantes*, o Ensino Médio não apresentou lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator diastrático não contribui para a variação deste item lexical.

5.7.5 As variantes de Banana dupla nos Atlas Linguísticos

Quadro 23- Variantes de Banana dupla - ALiB, ALAM e ALSAM

SGC	ALiB	ALAM	ALSAM
Gêmeas	X	-	-
Grudadas	X	-	-
Curapa	-	-	-
Paku iariwa	-	-	-
Taku atayuia	-	-	-

Fonte: Felix (2018).

Como é possível verificar no quadro 23, os atlas ALAM e ALSAM não apresentam variantes, porque não há cartas linguísticas para esse item lexical, *designação para banana dupla*, posto que foi feita uma adaptação no questionário aplicado por seus autores em seus atlas, portanto, em relação a esse item aparecem as seguintes perguntas das cartas 200 a 203 do ALSAM que correspondem no ALAM a: “menor espécie de banana cultivada na região, de casca amarela e polpa doce”, “maior espécie de banana, muito utilizada na culinária e que as pessoas preferem frita ou cozida” e “Outras espécies de banana conhecidas”. Sendo assim, apresentamos, para efeito comparativo, os resultados no ALiB para designar banana dupla. Na região Norte foram validadas nove das unidades lexicais fornecidas como resposta para a pergunta 43/QSL/ALiB como denominação para “...duas bananas que nascem grudadas?”, com predominância para *banana gêmea*. No Centro-oeste, também houve predominância da variante *banana gêmea*, bem como na região do ABC Paulista. Confirmando assim, a variante mais produtiva de SGC se aproxima do ALiB.

Quadro 24- Variantes de Banana dupla nos Dicionários

VARIANTES	DICIONÁRIO Língua Portuguesa Aurélio	DICIONÁRIO Nheengatu Stradelli (1921)	DICIONÁRIO Línguas Indígenas Barbosa Rodrigues (1894)	DICIONÁRIO Tupi Lemos Barbosa (1951)	DICIONÁRIO Histórico Geraldo da Cunha (1976)
Gêmeas	X	-	-	-	-
Grudada	X	-	-	-	-
Curapa	-	-	-	-	-
Paku iariwa	-	X	X	X	X
Taku atayuia	-	X	-	-	-
Muruti	-	X	-	-	-

Fonte: Felix (2018).

O quadro 24, que registrou a presença/ausência das variantes para *banana dupla* nos dicionários consultados, revela que eles não apresentam o registro das variantes para esse item lexical, não com o mesmo sentido, somente o Aurélio registrou duas variantes. O Stradelli registrou três delas (pacoua, pacoua atyua, pacoua muruti). Barbosa Rodrigues (pakoba), Lemos Barbosa (pacoba) e Geraldo da Cunha (pacova) registraram a entrada de apenas uma variante cada um.

As respostas eram demoradas, ou seja, os colaboradores preferiam variantes em meio a interrogações, visto que, para eles, não há um nome específico para o item lexical *banana dupla*, pois, o que afirmaram possuir foi somente a ideia de banana de forma geral, com uma ou outra especificação. Alguns tipos eram lembrados na língua indígena (nheengatu), como no caso de “muruti”, que no Dicionário de Stradelli, pág. 583, “pacoua muruti” significa banana branca.

As respostas, ainda, relacionaram esse item lexical a crenças e superstições. Boa parte das colaboradoras aconselharam que quando se encontra uma banana dupla, recomenda-se que não se deve comê-la, ou quem a comer arrisca-se a ter filhos gêmeos. Outra crença é a de que se uma mulher comer fruta gêmea, sendo estéril, imediatamente engravidará.

O número de variantes em língua indígena, mostram significativa influência do léxico de línguas do tronco tupi. Assim, reforça-se a importância dos estudos dialetológicos com fontes confiáveis para o desenvolvimento de estudos sobre a história social de SGC.

Portanto, suas respostas que apontam para uma estreita ligação com o meio natural, permitiu-lhes a criação de um saber específico, revelando familiaridade com o item lexical. Então, a variante mais produtiva em SGC, *gêmeas*, pode configurar uma propriedade característica de uso linguístico do espaço geográfico ligado ao convívio e ao conhecimento

consequente de experiências habituais, evidenciando também a influência da língua oficial do país sobre o uso linguístico em SGC.

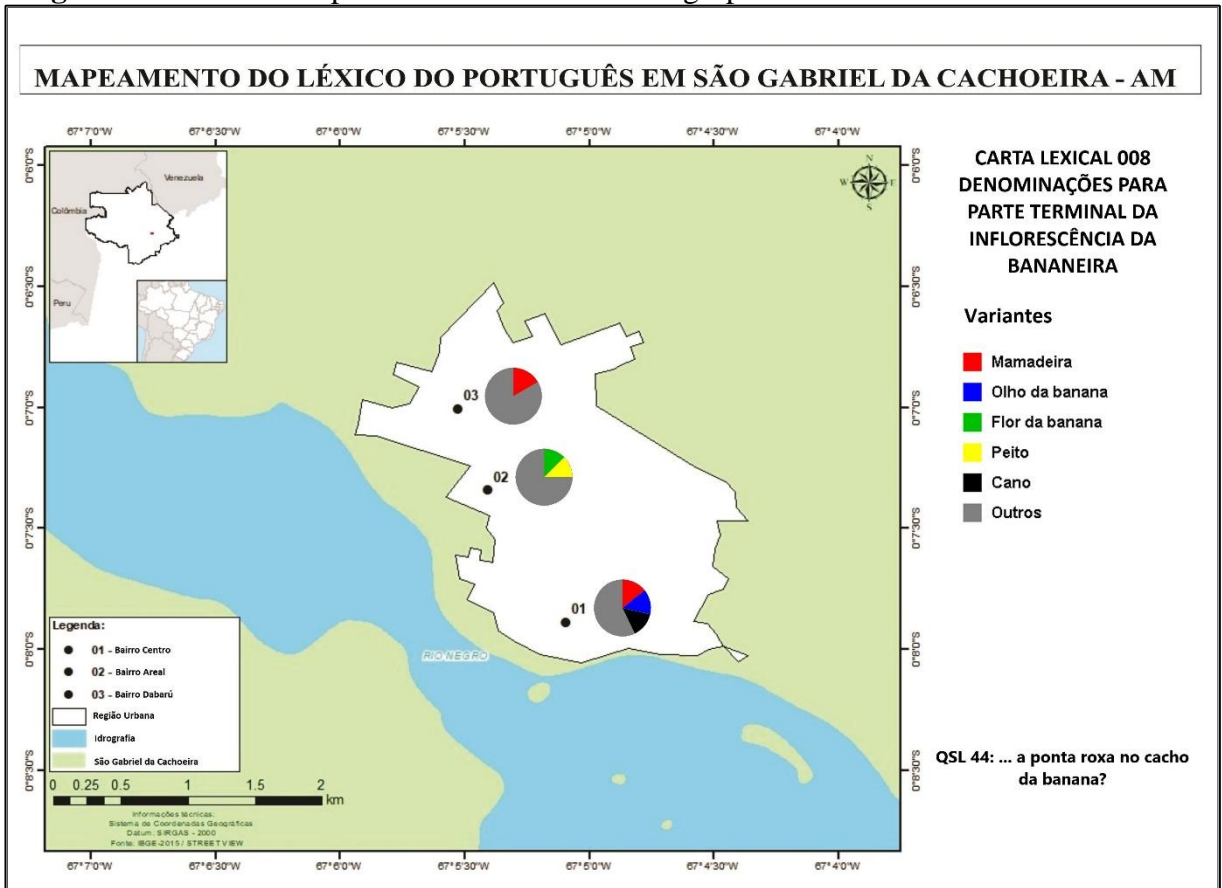
Figura 27- Banana dupla



Fonte: <https://www.google.com/search?biw=1366&bih=608&tbm>

5.8 Item lexical Inflorescência da Bananeira

Figura 28- CL008 Campo Semântico Atividades Agropastoris: Inflorescência da bananeira



Fonte: Felix (2018).

5.8.1 Dimensão Diatópica

Observam-se dados diatópicos na carta 008: *inflorescência da bananeira*, cuja variante *mamadeira* é a predominante, embora apresente a maior frequência, ocorre somente em dois pontos: Bairros 01 e 03. A ocorrência por ponto de inquérito foi: Bairro Centro: 14.29 e Bairro Dabarú: 16.67%. O Bairro 02, Areal, apresentou equilíbrio de 12.50% dentre as lexias proferidas pelos entrevistados. A segunda maior ocorrência, *olho da banana*, só é pertinente ao ponto 01, que apresenta também a única ocorrência da variante *cano*. A terceira maior ocorrência entre os pontos de inquérito é *flor da banana*, sendo pertinente apenas ao ponto 02, que por sua vez, também é o único ponto a proferir a lexia *peito*. Os três pontos apresentaram alto percentual do uso de lexias para *outras variantes* (bico, peito, ponta, mangará, umbigo, linakapá etc.) que foram proferidas nos três Bairros para denominar o item lexical *inflorescência da bananeira*. Os percentuais mostram que a dimensão diatópica não foi significativa para a variação deste item lexical.

5.8.2 Dimensão Diageracional

Tabela 22 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Inflorescência da bananeira

FATOR DIAGERACIONAL				
Variantes	1ª faixa etária		2ª faixa etária	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Mamadeira	1	9.09%	1	10.00%
Olho da banana	-	0.00%	1	10.00%
Flor da banana	1	9.09%	-	0.00%
Peito	-	0.00%	1	10.00%
Cano	1	9.09%	-	0.00%
Outras	8	72.73%	8	70.00%
Total	11	100%	11	100%

Fonte: Felix (2018).

Os dados revelam que, na dimensão idade, ocorreu somente um único uso da mesma variante entre as duas faixas etárias, *mamadeira*, o que há é a ocorrência de bastante disparidade entre as respostas. A primeira faixa etária apresenta quase o mesmo número de *outras variantes* que a segunda faixa etária para a lexia *inflorescência da bananeira*, como *mangará*, *umbido da banana*, *mama da banana*, *flor da banana*, *leite da banana*, enquanto a segunda faixa etária faz

uso também de diferentes variantes, como *bico*, *olho da banana*, *grelho da banana*. Pode-se inferir que para a variação desse item lexical, a dimensão diageracional foi bem divergente na medida em que, ambas as faixas etárias apresentaram respostas muito variadas e se distanciam bastante ao denominar o item *lexical inflorescência da bananeira* demonstrando, provavelmente, saber o sentido desse item, porém não uma denominação específica em relação a essa parte da bananeira. Os percentuais mostram quanto o fator idade não foi significativo para a variação deste item lexical.

5.8.3 Dimensão Diassexual

Tabela 23 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Inflorescência da bananeira

Variantes	FATOR DIASSEXUAL			
	Feminino		Masculino	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Mamadeira	2	18.18%	-	0.00%
Olho da banana	-	0.00%	1	10.00%
Flor da banana	-	0.00%	1	10.00%
Peito	1	9.09%	-	0.00%
Cano	1	9.09%	-	0.00%
Outras	6	63.64%	8	80.00%
Total	11	100%	10	100%

Fonte: Felix (2018).

A dimensão diassexual é evidenciada na carta 008, acerca da variável *inflorescência da bananeira*, cujos resultados mostram que a variante *mamadeira* é a mais recorrente e só ocorre na fala feminina. Todas as demais variantes proferidas nas respostas de ambos os sexos tiveram apenas uma ocorrência e ainda, o que as mulheres falavam os homens não confirmavam e vice-versa. O percentual de lexias para *outras variantes* foi bastante alto, revelando conhecimento do sentido que reflete esse item lexical por parte dos colaboradores, entretanto não o conceito padronizado para ele. Os percentuais mostram que o fator sexo não foi significativo para a variação deste item lexical.

5.8.4 Dimensão Diastrática

Tabela 24 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Inflorescência da bananeira

FATOR DIASTRÁTICO				
Variantes	Fundamental		Médio	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Mamadeira	1	9.09%	1	10.00%
Olho da banana	-	0.00%	1	10.00%
Flor da banana	1	9.09%	-	0.00%
Peito	-	0.00%	1	10.00%
Cano	1	9.09%	1	10.00%
Outras	9	81.81%	6	60.00%
Total	11	100%	10	100%

Fonte: Felix (2018).

No que se refere à escolaridade, verifica-se que não ocorreu produtividade representativa de uma única variante para ambos os níveis de instrução, já que tanto o Ensino Fundamental quanto o Ensino Médio proferiram tantas lexias que finalizou por dividir a produtividade em uma ocorrência por variante. Como ambos os níveis apresentaram diversas variantes, ora um nível apresenta uma lexia que o outro não confirma. As demais variantes mais produtivas apresentaram baixa frequência de uso entre os níveis de ensino. Tanto o Ensino Fundamental quanto o Ensino Médio apresentaram variadas lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator diastrático não contribuiu para a variação deste item lexical.

5.8.5 As variantes de Inflorescência da bananeira nos Atlas Linguísticos e Dicionários

Quadro 25- Variantes de Inflorescência da bananeira - ALiB, ALAM e ALSAM

SGC	ALiB	ALAM	ALSAM
Mamadeira	0	-	-
Olho da banana	X	-	-
Flor da banana	X	-	-
Peito	0	-	-
Cano	0	-	-

Fonte: Felix (2018).

Como é possível verificar no quadro 25 os atlas ALAM e ALSAM não apresentam cartas linguísticas para esse item lexical, *designação para a extremidade da inflorescência da bananeira*, visto que foi feita uma adaptação no questionário aplicado por seus autores em seus atlas, portanto, em relação a esse item aparecem as seguintes perguntas das cartas 200 a 203 do ALSAM que correspondem no ALAM a: “menor espécie de banana cultivada na região, de casca amarela e polpa doce”, “maior espécie de banana, muito utilizada na culinária e que as pessoas preferem frita ou cozida” e “Outras espécies de banana conhecidas”. Sendo assim, apresentamos para efeito comparativo os resultados no ALiB para designar a *extremidade da inflorescência da bananeira*. Na região Norte foram validadas nove das unidades lexicais fornecidas/como resposta para a pergunta 44/QSL/ALiB como denominação/da “inflorescência do cacho da banana”: *mangará/magará, flor, umbigo/badalo, olho da banana, talo, buzo, umbigo da banana e maçã da banana*. Os informantes de Manaus utilizaram mais frequentemente a variante *mangará*, variante não registrada em nenhuma capital das demais regiões. Em SGC a variante mais produtiva foi *mamadeira*.

Quadro 26- Variantes de Inflorescência da bananeira nos Dicionários

VARIANTES	DICIONÁRIO Língua Portuguesa Aurélio	DICIONÁRIO Nheengatu Stradelli (1921)	DICIONÁRIO Línguas Indígenas Barbosa Rodrigues (1894)	DICIONÁRIO Tupi Lemos Barbosa (1951)	DICIONÁRIO Histórico Geraldo da Cunha (1976)
Mamadeira	0	0	0	0	0
Olho da banana	0	0	0	0	0
Flor da banana	0	0	0	0	0
Peito	X	0	0	0	0
Cano	0	0	0	0	0

Fonte: Felix (2018).

O quadro acima que registrou a presença/ausência das variantes de *inflorescência da bananeira* nos dicionários consultados revela que o Aurélio registra apenas uma das variantes proferidas em SGC: *peito*, porém essa variante e as demais estão registradas nesse dicionário, mas não com a mesma acepção desta pesquisa. Quanto ao Stradelli, Barbosa Rodrigues, Lemos Barbosa e Geraldo da Cunha não apresentam a entrada deste item lexical.

A pergunta sugerida pelo ALiB teve de ser refeita por nós, pois *a parte terminal da inflorescência da bananeira* não foi de imediato compreendida pelos colaboradores. A partir das lexias utilizadas em suas falas, percebeu-se que eles entenderam a pergunta refeita (como

se chama aquela ponta roxa na parte final da bananeira, e ainda se mostrava o questionário ilustrado).

As respostas eram rápidas e únicas, ou seja, cada colaborador só proferiu uma variante. Suas réplicas conservam características específicas de um vocabulário pouco influenciado pela ação dos meios de comunicação: coração da banana, mama da bananeira, peito, ponta, umbigo, bico. Respostas que apontam para uma estreita ligação com o meio natural, permitiu-lhes a criação de um saber específico, revelando familiaridade com o item lexical

Portanto, a variante mais produtiva em SGC, *mamadeira*, pode configurar uma propriedade característica de uso linguístico do espaço geográfico ligado ao convívio e ao conhecimento consequente de experiências habituais. Evidenciando também a influência da língua oficial do país sobre o uso linguístico em SGC.

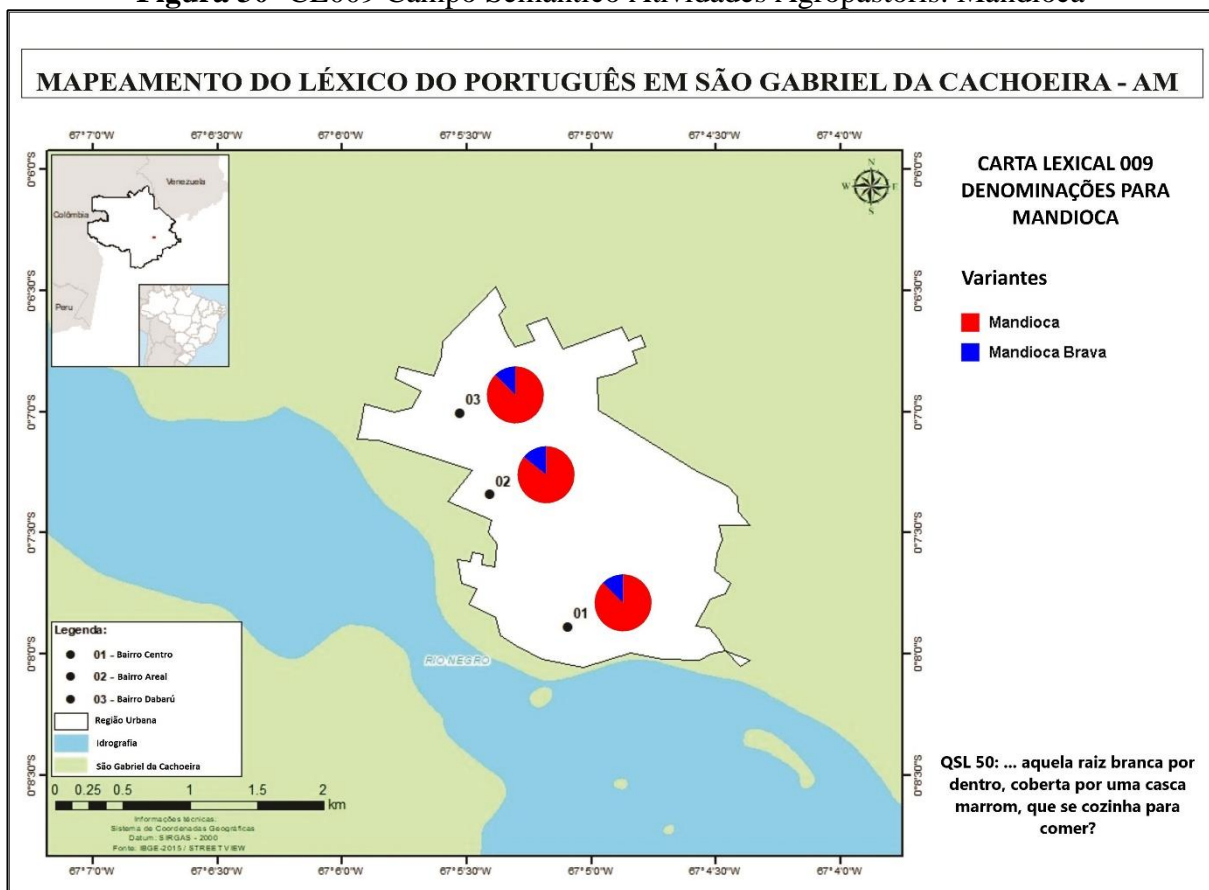
Figura 29- Inflorescência da bananeira



Fonte: Disponível em: <https://www.google.com/search?q=umbigo+da+bananeira&>

5.9 Item lexical Mandioca

Figura 30- CL009 Campo Semântico Atividades Agropastoris: Mandioca



Fonte: Felix (2018).

5.9.1 Dimensão Diatópica

Observam-se dados diatópicos na carta 009: *mandioca*, cuja variante *mandioca* é a predominante de maneira geral nos três pontos. A ocorrência por ponto de inquérito foi: Bairro Centro: 87.50%; Bairro Areal: 85.71% e Bairro Dabarú: 87.50%. A segunda ocorrência, *mandioca brava*, é pertinente também aos três pontos de inquérito, que não apresentam *outras variantes*. Nenhum ponto apresentou percentual lexias para *outras variantes* para denominar o item lexical *mandioca*. Os percentuais mostram que a dimensão diatópica foi significativa para a variação deste item lexical.

5.9.2 Dimensão Diageracional

Tabela 25 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Mandioca

FATOR DIAGERACIONAL				
Variantes	1ª faixa etária		2ª faixa etária	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Mandioca	11	100.00%	9	75.00%
Mandioca brava	-	0.00%	3	25.00%
Outras	-	0.00%	-	0.00%
Total	11	100%	12	100%

Fonte: Felix (2018).

Os dados revelam que, na dimensão idade, ocorreu predominantemente o uso da mesma variante entre as duas faixas etárias, *mandioca*. A primeira faixa etária apresenta somente uma variante, *mandioca*, de forma determinante e não apresenta *outras variantes*. Enquanto a segunda faixa etária faz uso também da variante *mandioca*, e também da lexia *mandioca brava*. Ressalta-se a ausência de *outras variantes* e o fato de somente a segunda faixa etária proferir a lexia *mandioca brava*. Pode-se inferir que para a variação desse item lexical, a dimensão diageracional foi bem convergente na medida em que, ambas as faixas etárias se aproximam bastante ao denominar o item lexical *mandioca* demonstrando, categoricamente, estreita ligação com o item lexical em estudo. Os percentuais mostram quanto o fator idade foi significativo para a variação deste item lexical.

5.9.3 Dimensão Diassexual

Tabela 26 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Mandioca

FATOR DIASSEXUAL				
Variantes	Feminino		Masculino	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Mandioca	10	90.91%	10	83.33%
Mandioca brava	1	9.09%	2	16.67%
Outras	0	0.00%	0	0.00%
Total	11	100%	10	100%

Fonte: Felix (2018).

A dimensão diassexual é evidenciada na carta 009, acerca da variável *mandioca*, cujos resultados mostram que a variante *mandioca* é a mais recorrente e ocorreu tanto na fala feminina quanto na masculina, com uma sutil diferença a mais de 7.58% entre as mulheres. Apresentou também equilíbrio no percentual de ocorrências do item lexical predominante e de ausência de lexias para *outras variantes*, revelando familiaridade no conceito padronizado desse item lexical por parte dos colaboradores. Os percentuais mostram que o fator diassexual não contribuiu para a variação deste item lexical.

5.9.4 Dimensão Diastrática

Tabela 27 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Mandioca

Variantes	FATOR DIASTRÁTICO			
	Fundamental		Médio	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Mandioca	10	90.91%	10	83.33%
Mandioca brava	1	9.09%	2	16.67%
Outras	0	0.00%	0	0.00%
Total	11	100%	10	100%

Fonte: Felix (2018).

No que se refere à escolaridade, verifica-se que a variante *mandioca* foi mais frequente entre os dois níveis de ensino, apresentando uma sutil diferença a mais de 7.58% no Ensino Fundamental, embora com o mesmo número de ocorrência. A segunda variante, *mandioca brava*, foi proferida por apenas três colaboradores dos dois grupos. Os dois níveis de ensino não apresentaram lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator diastrático não contribuiu para a variação deste item lexical.

5.9.5 As variantes de Mandioca nos Atlas Linguístico

Quadro 27- Variantes de Mandioca - ALiB, ALAM e ALSAM

SGC	ALiB	ALAM	ALSAM
Mandioca	X	-	-
Mandioca brava	X	-	-

Fonte: Felix (2018).

Como é possível verificar no quadro acima, os atlas ALAM e ALSAM não apresentam as variantes de SGC, pois a questão analisada nesses Atlas foi para o item lexical *macaxeira* (*aipim*) que apresentou variantes no ALAM (carta 100), mas não gerou cartas no ALSAM, por apresentarem ocorrência única de *macaxeira*. Sendo assim, apresentamos para efeito comparativo os resultados no ALiB para designar [...] *aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer?*, obtiveram-se como respostas as seguintes variantes: a) *Macaxeira* – Forma típica do Norte e Nordeste, não ocorrendo apenas em Salvador, nas capitais desta região. Não foi identificada no Centro-Oeste, no Sudeste, nem no Sul, dividindo o Brasil em duas grandes partes. b) *Mandioca* – É no Centro Oeste o resultado para 100% das respostas, assim como em Belo Horizonte e São Paulo. É reconhecida, ainda, em parte do Nordeste (Fortaleza João Pessoa Teresina), com discreta presença em Belém e Porto Velho, na região Norte. c) *Aipim* (do tupi ai'pi) – Tem um comportamento, por assim dizer, irregular no Brasil. Presente em Natal (30%), diminui a incidência em Maceió e Aracaju (10%), é categórica em Salvador, Florianópolis e Porto Alegre e com grande expressividade em Vitória, Rio de Janeiro e Curitiba. Aparece discretamente em Belém. Interessa reconhecer que, onde ocorre, mandioca é interpretada, exclusivamente como 'raiz venenosa', em Porto Alegre e Florianópolis, no Sul; em Salvador, Aracaju, Maceió, Recife, Natal e São Luís, no Nordeste; em Macapá Boa Vista, Manaus e Rio Branco, também, no Norte. No restante do país não há unanimidade significativa para esse item lexical, podendo ser interpretada como raiz venenosa ou não. Portanto, como em SGC a variante mais produtiva foi *mandioca*, a aproximação se faz com ALiB.

Quadro 28- Variantes de Mandioca nos Dicionários

VARIANTES	DICIONÁRIO Língua Portuguesa Aurélio	DICIONÁRIO Nheengatu Stradelli (1921)	DICIONÁRIO Líguas Indígenas Barbosa Rodrigues (1894)	DICIONÁRIO Tupi Lemos Barbosa (1951)	DICIONÁRIO Histórico Geraldo da Cunha (1976)
Mandioca	X	X	X	X	X
Mandioca brava	-	-	X	-	X

Fonte: Felix (2018).

O quadro 28, que registrou a presença/ausência das variantes para *mandioca* nos dicionários consultados, revela que todos eles apresentam o registro da variante mais produtiva em SGC para esse item lexical.

As respostas eram rápidas e únicas, quase não proferiram variantes. Suas réplicas apontam para uma estreita ligação com o meio natural, permitindo-lhes a criação de um saber específico, revelando familiaridade com o item lexical.

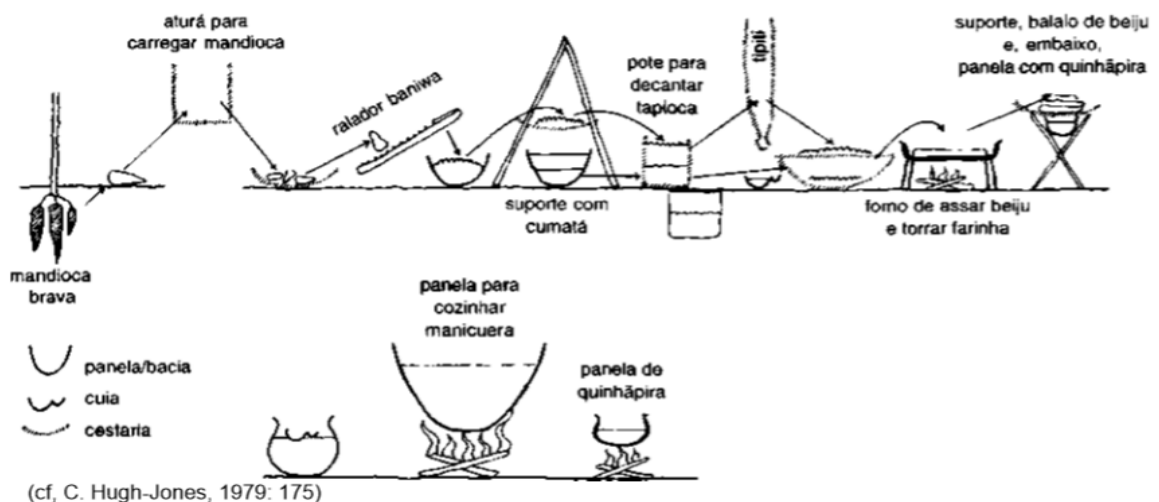
Embora haja diferenças de línguas e de algumas características culturais, os tukano, os baré e os baniwa apresentam muitos afazeres em comum. Conhecidos como “índios do rio”, trazem para a Sede o hábito básico alimentar do consumo da mandioca “brava” já relatado por Stradelli, 1921:

[...]A maniva, ao tempo da descoberta, foi encontrada cultivada em todo o paiz, formando como o que a base da alimentação do indígena, como ainda hoje o é da alimentação de todo o interior do Pará e Amazonas. O valor nutrieute da mandioca é devido em sua máxima parte ao princípio feculento que contem, á tapioca, e por via disso mesmo os diversos productos e as farinhas que della se obtem, valem na razão directa da tapioca que contem (STRADELLI, 1929, pág. 172)

Sobre o nome mandioca/manioca, palavra de origem Tupi/Nheengatu, há uma lenda que conta que do corpo de Maní, jovem que morre por sofrer de amor, nasce uma planta comestível a que foi dado o nome de Maní oca, significando Casa de Maní.

Na região do rio Negro, a palavra mandioca designa as variedades tóxicas da espécie *Manihot esculenta Crantz*, as quais precisam ser processadas antes do consumo. Então, os índios do alto rio Negro levaram o processamento da mandioca a um estágio muito desenvolvido, aproveitando-a ao máximo como pode ser observado no esquema de Hugh-Jones a seguir:

Figura 31- Processamento da mandioca



Como se pode observar, o desenho abrange desde a planta na roça até sua transformação em alimento. Essa tarefa é destinada às mulheres. Os homens ajudam as mulheres na capina e a carregar a mandioca⁶.

Portanto, como a predominância nas respostas de nossos colaboradores foi a variante *mandioca*, registrada em todos os dicionários, além de configurar uma propriedade característica de uso linguístico do espaço geográfico ligado ao convívio e ao conhecimento consequente de experiências habituais, pode evidenciar também da influência da língua Tupí sobre esse uso linguístico em SGC.

Figura 32- Mandioca

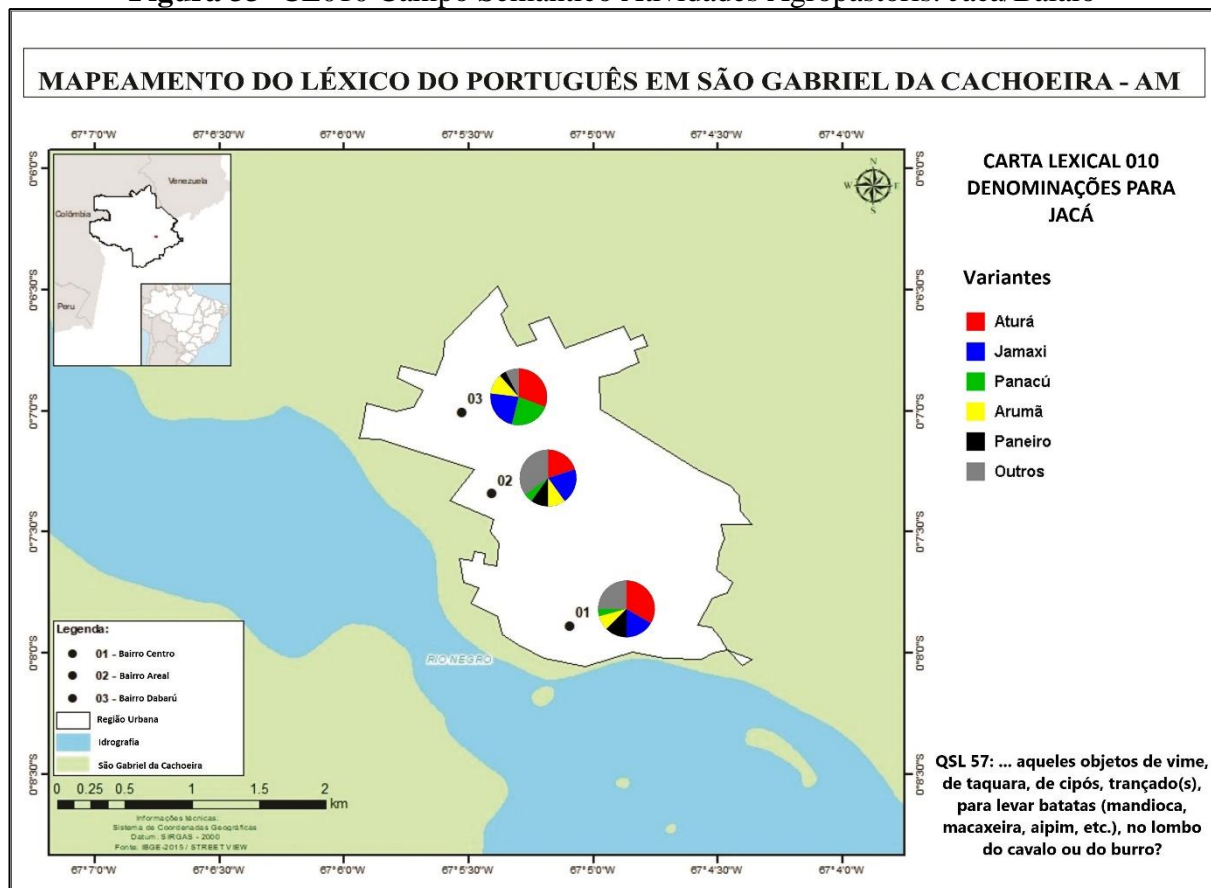


Fonte: Disponível em: <https://www.google.com/search?q=foto+mandioc>

⁶De acordo com Emperaire *et alli*, 1998 (in Cabalzar, 2000), diversos fatores como a migração para a cidade e mudança de hábitos alimentares contribuem para diminuição varietal da mandioca que, em pesquisas recentes, registrou-se 61 variedades de mandioca em cinco roças de um povoado no médio rio Negro.

5.10 Item Lexical Jacá/Balaio

Figura 33- CL010 Campo Semântico Atividades Agropastoris: Jacá/Balaio



Fonte: Felix (2018).

5.10.1 Dimensão Diatópica

Observam-se os dados diatópicos na carta 010: *jacá*, cuja variante *aturá* é a predominante de maneira geral nos três pontos. A ocorrência por ponto de inquérito foi: Bairro Centro: 33.33%; Bairro Areal: 20.00% e Bairro Dabarú: 30.77%. A segunda maior ocorrência *jamaxi*, também é pertinente aos três pontos, apresentando maior produtividade no ponto 03. A variante *panacú* se apresenta nos três Bairros e possui também maior pertinência no ponto 03. A quarta maior ocorrência entre os pontos de inquérito é *arumã*, ocorrendo com equilíbrio entre os pontos 01 e 02 e com maior incidência no ponto 03. A quinta lexia mais produtiva foi *paneiro* que é pertinente aos três Bairros, tendo maior frequência no ponto 01. Todos os pontos apresentaram lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que a dimensão diatópica não foi significativa para a variação deste item lexical.

5.10.2 Dimensão Diageracional0P9O

Tabela 28 – Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Jacá/Balaio

FATOR DIAGERACIONAL				
Variantes	1ª faixa etária		2ª faixa etária	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Aturá	9	22.12%	11	28.95%
Jamaxi	6	18.75%	8	21.05%
Panacú	3	9.38%	5	13.16%
Arumã	4	12.50%	4	7.89%
Paneiro	1	3.12%	5	13.16%
Outras	9	28.12%	6	15.79%
Total	32	100%	38	100%

Fonte: Felix (2018).

Os dados revelam que, na dimensão idade, a variante *aturá* foi a mais frequente com sutil percentual a mais de produtividade de 6,83% na segunda faixa etária. A variante *jamaxi* foi a mais frequente também na segunda faixa etária. A primeira faixa etária apresenta o mesmo número de ocorrência que a segunda faixa etária para a variante *arumã*. A segunda faixa etária apresentou maior produtividade para as lexias *panacú* e *paneiro*. Os colaboradores da primeira faixa etária utilizaram maior número de lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator idade não foi significativo para a variação deste item lexical.

5.10.3 Dimensão Diassexual

Tabela 29 – Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Jacá/Balaio

FATOR DIASSEXUAL				
Variantes	Feminino		Masculino	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Aturá	10	32.26%	10	25.64%
Jamaxi	5	16,13%	9	23.08%
Panacú	3	9.68%	5	12.82%
Arumã	4	12.90%	3	7.69%
Paneiro	2	6.45%	4	10.26%
Outras	7	22.58%	8	20.52%
Total	31	100%	39	100%

Fonte: Felix (2018).

A dimensão diassexual é evidenciada na carta 010, acerca da variável *jacá/balaio*, cujos resultados mostram que a variante *aturá* é a mais recorrente tanto na fala feminina quanto na fala masculina, embora haja uma sutil diferença no percentual de 6.62% foram registradas em suas respostas 10 execuções para cada sexo. A segunda maior lexia produtiva foi *jamaxi*, sendo mais recorrente entre os homens. As variantes *panacú* e *paneiro* também obtiveram maior frequência na fala dos homens, já a lexia *arumã* foi mais produtiva entre as mulheres. Ambos os sexos apresentaram lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator diassexual não contribuiu para a variação deste item lexical.

5.10.4 Dimensão Diastrática

Tabela 30 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Jacá/Balaio

VARIANTES	FUNDAMENTAL		MÉDIO	
Aturá	10	30.00%	10	27.03%
Jamaxi	8	24.24%	6	16.22%
Panacú	3	9.09%	5	13.51%
Arumã	5	15.15%	2	5.41%
Paneiro	1	3.03%	6	16.22%
OUTRAS	6	18.18%	8	21.63%
TOTAL	33	100%	37	100%

Fonte: Felix (2018).

No que se refere à escolaridade, verifica-se que a variante *aturá* foi a mais frequente, sendo produtiva em ambos os níveis de ensino com o sutil percentual de diferença de a mais de 3.27% no Ensino Fundamental. Seguida pela lexia *jamaxi* cuja maior ocorrência foi também no Ensino Fundamental. A variante *arumã*, apresenta-se mais produtiva no Ensino Fundamental, e enquanto o Ensino Médio apresentou a lexia *panacú* com mais produtividade. Os colaboradores de ambos os níveis de escolaridade apresentaram lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator diastrático não contribuiu para a variação deste item lexical.

5.10.5 Variação de Jacá/Balaio nos Atlas Linguísticos e Dicionários

Quadro 29- Variantes de Jacá/ Balaio - ALiB, ALAM e ALSAM

SGC	ALiB	ALAM	ALSAM
Aturá	-	X	X
Jamaxi	X	-	X
Panacú	-	-	-
Arumã	-	-	-
Paneiro	-	X	X

Fonte: Felix (2018).

A carta 010, *jacá/balaio*, que é apresentada no ALiB no questionamento QSL57 é encontrada no ALAM (carta 94) e no ALSAM (QSL249) com o seguinte questionamento: “Cesto onde se carrega mandioca”, as variantes registradas foram *caçuá*, *jamaxi*, *paneiro* e *uaturá*. Sendo *paneiro* a lexia mais produtiva no ALAM e a variante *caçuá* a mais produtiva no ALSAM. No ALiB, em outras áreas indígenas, a variante *cesto* foi a mais frequente. Em SGC, a mais frequente foi a variante *aturá*. A partir do que é visto no quadro acima, pode-se inferir que os dados pertencentes ao ALAM e ao ALSAM se aproximam, neste item lexical, da variante predominante registrada em SGC.

Quadro 30- Variação de Jacá/ Balaio nos Dicionários

VARIANTES	DICIONÁRIO Língua Portuguesa Aurélio	DICIONÁRIO Nheengatu Stradelli (1921)	DICIONÁRIO Líguas Indígenas Barbosa Rodrigues (1894)	DICIONÁRIO Tupi Lemos Barbosa (1951)	DICIONÁRIO Histórico Geraldo da Cunha (1976)
Aturá	X	X	X	-	X
Jamaxi	X	X	X	-	X
Panacú	X	X	X	X	X
Arumã	X	-	-	-	-
Paneiro	X	-	-	-	-

Fonte: Felix (2018).

O quadro acima que registrou a presença/ausência das variantes de *jacá/balaio* nos dicionários consultados revela que o Aurélio registra as três as variantes mais frequentes em SGC (*aturá*, *jamaxi/jamaxim*, *panacu/panacum*). Stradelli registra também três variantes (*aturá*, *iamasí*, *panacú*), Barbosa Rodrigues registra também três variantes (*aturá/uaturá*, *yamachy*, *panaku*), Lemos Barbosa uma variante (*panacú*) e Geraldo da Cunha registra também três variantes (*aturá*, *jamaxi*, *panacú*). Portanto, como a predominância nas respostas de nossos

colaboradores foi a variante *aturá*, registra-se a evidência da influência da língua indígena Tupí=Nheengatú sobre esse uso linguístico em SGC. Cabe aqui, um registro acerca da história linguística em SGC sobre a lexia *aturá*:

Como foi descrita nas dimensões anteriores, a carta 010 merece destaque pelo fato de as variantes mais produtivas proferidas pelos colaboradores serem claramente reconhecidas, por nós pesquisadores, como de origem indígena. O mesmo não ocorre da parte dos próprios indígenas que dizem ser língua portuguesa. Portanto, tal afirmação carece de uma análise mais apurada cujos dicionários acima dão conta de justificar. E mais uma vez, o fundamento vem acompanhado de um reconhecimento histórico.

Conforme afirmado no capítulo da Contextualização Histórica, as três línguas que são mais faladas em SGC, bem como várias outras que fazem parte dessa região, tiveram o mesmo passado histórico. O primeiro século da colonização da região foi feita com a chegada da missão religiosa carmelita, com a catequese sendo feita por meio do Nheengatú. Um dos primeiros povos a entrar em contato com a missão foram os baré. A influência sofrida por esse povo foi tão forte que sua língua, baré, foi substituída pelo Nheengatú. O mesmo ocorreu com os werenkena. Um século depois, chegou a missão salesiana que trouxe o Português como língua obrigatória, sendo proibidas nos internatos quaisquer línguas indígenas.

Quando a Língua Portuguesa foi fazendo parte do cotidiano de São Gabriel, inúmeras palavras de vários campos semânticos como da fauna, da flora, dos instrumentos de coleta, das atividades de subsistência comuns às línguas continuaram no vocabulário corrente das comunidades. E o cesto *aturá* foi e continua sendo uma forma de se transportar alimentos coletados pelos indígenas da região. Descrito minuciosamente pelos colaboradores, bem como sendo diferenciado do *jamaxi*, do *panacú* e do *arumã* com a precisão de conhecimento de uma relação bastante familiar.

Portanto, é compreensível que a variante *aturá*, a mais produtiva nos três pontos de inquérito, seja reconhecida pelas três línguas diferentes como sendo de origem portuguesa. Os dicionários confirmam sua etimologia ter vindo do Tupinambá+Língua Geral Amazônica = Nheengatu.

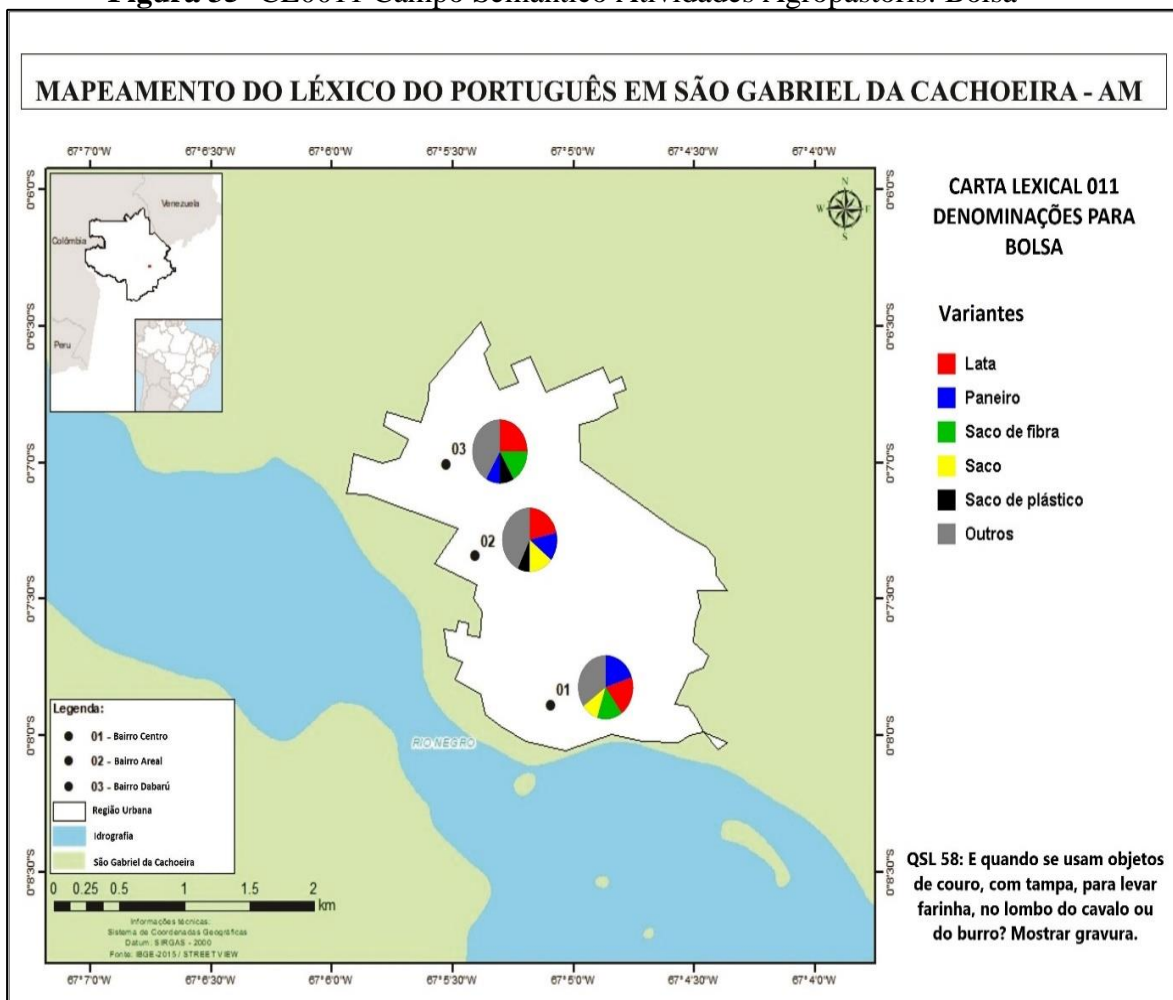
Figura 34- Jacá/ Balaio



Fonte: Felix (2017).

5.11 Item lexical Bolsa

Figura 35- CL0011 Campo Semântico Atividades Agropastoris: Bolsa



Fonte: Felix (2018).

5.11.1 Dimensão Diatópica

Observam-se dados diatópicos na carta 011: *bolsa*, cuja variante *lata* tem predominância nos três pontos. A ocorrência por ponto de inquérito foi: Bairro Centro: 20%; Bairro Areial: 21.43% e Bairro Dabarú: 25%. Os dados apontam que o Bairro 01, Centro, apresentou as quatro variantes mais produtivas, *lata*, *paneiro*, *saco de fibra* e *saco*. No Bairro 02, Areial, das quatro variantes mais produtivas, só não apresenta *saco de fibra*, entretanto profere *saco de plástico*. No Bairro 03, Dabarú, apresenta além da mais produtiva, *lata*, *saco de fibra*, *paneiro* e *saco de plástico*. Os três pontos apresentam várias lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que a dimensão diatópica não foi significativa para a variação deste item lexical.

5.11.2 Dimensão Diageracional

Tabela 31 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Bolsa

Variantes	FATOR DIAGERACIONAL			
	1ª faixa etária		2ª faixa etária	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Lata	4	21.05%	6	22.22%
Paneiro	2	10.53%	5	18.52%
Saco de fibra	3	15.79%	2	7.41%
Saco	-	0.00%	4	14.81%
Saco de plástico	1	5.26%	1	3.70%
Outras	9	47.37%	9	33.33%
Total	19	100%	27	100%

Fonte: Felix (2018).

Os dados revelam que, na dimensão idade, a variante *lata* foi a mais frequente entre as duas faixas etárias e mais produtiva entre os colaboradores da segunda faixa etária, com uma sutil diferença no percentual de 1.17%. A segunda faixa etária apresentou maior produtividade para a lexia *paneiro* e foi a única a proferir a variante *saco*. A primeira faixa etária apresenta o mesmo número de ocorrência que a segunda faixa etária para a variante *saco plástico* e foi produtiva para a variante *saco de fibra*. Ambas as faixas etárias proferiram o mesmo número de lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram quanto o fator idade não foi significativo para a variação deste item lexical.

5.11.3 Dimensão Diassexual

Tabela 32 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Bolsa

FATOR DIASSEXUAL				
Variantes	Feminino		Masculino	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Lata	5	22.73%	5	20.83%
Paneiro	3	13.64%	4	16.67%
Saco de fibra	3	4.55%	2	8.33%
Saco	2	9.09%	2	8.33%
Saco de plástico	1	4.55%	1	4.17%
Outras	8	36.37%	10	41.66%
Total	22	100%	24	100%

Fonte: Felix (2018).

A dimensão diassexual é evidenciada na carta 011, acerca da variável *bolsa*, cujos resultados mostram que a variante *lata* é mais recorrente tanto na fala feminina quanto na fala masculina, sendo registrada em suas respostas uma sutil diferença a mais de 1.9% entre as mulheres. E a segunda mais frequente é *paneiro* e é mais recorrente na fala masculina. As variantes *saco fibra* e *saco* ocorre tanto na fala feminina quanto na masculina. As demais variantes foram proferidas com apenas uma ocorrência. Ambos os sexos proferiram várias lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator diassexual não contribuiu para a variação deste item lexical.

5.11.4 Dimensão Diastrática

Tabela 33 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Bolsa

FATOR DIASTRÁTICO				
Variantes	Fundamental		Médio	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Lata	6	25.00%	4	18.18%
Paneiro	4	16.67%	3	13.64%
Saco de fibra	3	12.50%	2	9.09%
Saco	2	8.33%	2	9.09%
Saco de plástico	1	4.17%	-	0.00%
Outras	8	33.33%	11	50.00%
Total	24	100%	22	100%

Fonte: Felix (2018).

No que se refere à escolaridade, verifica-se que a variante *lata* foi a mais frequente em ambos os níveis de ensino, sendo mais produtiva no Ensino Fundamental com o sutil percentual a mais de 6.82%. Seguida pelas lexias *paneiro* e *saco de fibra* cuja maior ocorrência também se registrou no Ensino Fundamental, e enquanto que a lexia *saco* se apresentou de forma equilibrada entre os níveis de ensino. Os colaboradores de ambos os níveis de escolaridade apresentaram lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator diastrático não contribui para a variação deste item lexical.

5.11.5 As variantes de Bolsa nos Atlas Linguísticos e Dicionários

Quadro 31- Variante de Bolsa - ALiB, ALAM e ALSAM

SGC	ALiB	ALAM	ALSAM
Lata	0	-	-
Paneiro	0	-	-
Saco de fibra	0	-	-
Saco	0	-	-
Saco de plástico	0	-	-

Fonte: Felix (2018).

A carta 011, *bolsa*, que é apresentada no ALiB no questionamento QSL58 (E quando se usam objetos de couro, com tampa, para levar farinha, no lombo do cavalo ou do burro?) é encontrada no ALAM no ALSAM, com adaptação, o seguinte questionamento QSL219: “Recipiente onde se guarda a massa de mandioca”. As variantes registradas foram *garera*, *coxo*, *caixa*, *gamela*, *masseira*. A lexia mais produtiva no ALAM foi *gamela* e no ALSAM foi *garera*. E as variantes mais frequentes registradas pelo ALiB, nos trabalhos encontrados (carta 29), foram: *bruaca*, *badana*, *mala*, *bolsa*, *borná*, *guaiaca*. Sendo *bruaca* a lexia mais produtiva. Em SGC, a mais frequente foi a variante *lata*. Conforme o quadro anterior, as variantes encontradas na fala dos colaboradores de São Gabriel não são confirmadas em nenhum dos Atlas, ficando SGC com o registro único, a lexia *lata*.

Quadro 32- Variantes de Bolsa nos Dicionários

VARIANTES	DICIONÁRIO Língua Portuguesa Aurélio	DICIONÁRIO Nheengatu Stradelli (1921)	DICIONÁRIO Líguas Indígenas Barbosa Rodrigues (1894)	DICIONÁRIO Tupi Lemos Barbosa (1951)	DICIONÁRIO Histórico Geraldo da Cunha (1976)
Lata	X	0	0	0	0
Paneiro	X	0	0	0	0
Saco de fibra	0	0	0	0	0
Saco	0	0	0	0	0
Saco de plástico	0	0	0	0	0

Fonte: Felix (2018).

O quadro acima que registrou a presença/ausência das variantes para *bolsa* nos dicionários consultados revela que o Aurélio registra duas variantes proferidas em SGC: *lata* e *paneiro*, as demais estão registradas nesse dicionário, porém não com a mesma acepção desta pesquisa. Quanto ao Stradelli, a Barbosa Rodrigues, a Lemos Barbosa e a Geraldo da Cunha não apresentam a entrada deste item lexical. Portanto, como a predominância nas respostas de nossos colaboradores foi a variante *lata*, registra-se a evidência da influência da língua oficial sobre esse uso linguístico em SGC. Cabe aqui, um registro acerca do cotidiano em SGC sobre a lexia *lata*:

Nas atividades diárias dos indígenas, tanto no espaço urbano quanto nas comunidades, os animais como cavalo e burro não fazem parte, culturalmente, de sua realidade, posto que são os próprios indígenas que transportam a farinha à sua maneira, consequentemente as respostas dadas se distanciam do item lexical *bolsa*, configurando expressão de uso linguístico característico do espaço geográfico.

Portanto, as variantes *lata*, *saco de fibra*, *saco de plástico*, *balde*, *jarra*, *cesta*, *cumbuca*, *tubo*, em decorrência de mudanças culturais mais amplas aparecem ao lado das lexias como *paneiro*, *panacú*, *jamaxi*, *arumã* assinalando alterações no padrão tradicional dos hábitos indígenas. E evidenciando influência da língua oficial do país sobre o uso linguístico em SGC.

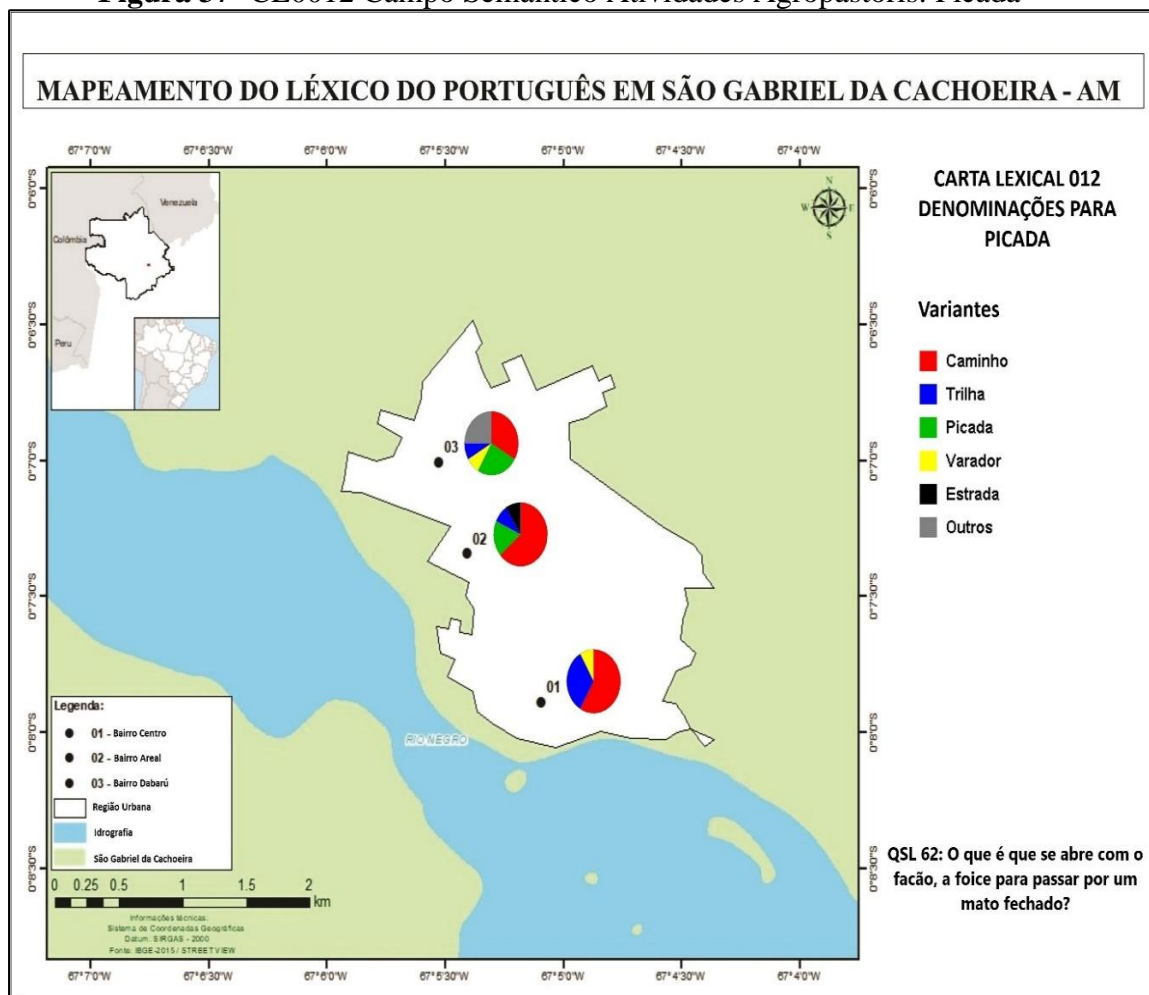
Figura 36- Bolsa



Fonte: <https://www.google.com/search?biw=1366&bih>

5.12 Item lexical Picada

Figura 37- CL0012 Campo Semântico Atividades Agropastoris: Picada



Fonte: Felix (2018).

5.12.1 Dimensão Diatópica

Observam-se os dados diatópicos na carta 012: *picada*, cuja variante *caminho* tem predominância nos três pontos. A ocorrência por ponto de inquérito foi: Bairro Centro: 58.33%; Bairro Areal: 63.64% e Bairro Dabarú: 33.33%. Os dados apontam que o Bairro 01, Centro, apresentou somente as três variantes, *caminho*, *trilha* e *varador*. No Bairro 02, Areal, das quatro variantes mais produtivas, só não apresenta *varador*, entretanto é o único a proferir *estrada*. No Bairro 03, Dabarú, além de apresentar as quatro variantes mais produtivas, é o único a expressar lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que a dimensão diatópica não foi significativa para a variação deste item lexical.

5.12.2 Dimensão Diageracional

Tabela 34 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical *Picada*

Variantes	FATOR DIAGERACIONAL			
	1ª faixa etária		2ª faixa etária	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Caminho	7	36.84%	11	68.75%
Trilha	5	26.32%	1	6.25%
Picada	3	15.79%	2	12.50%
Varador	1	5.27%	1	6.25%
Estrada	-	0.00%	1	6.25%
Outras	3	15.78%	-	0.00%
Total	19	100%	16	100%

Fonte: Felix (2018).

Os dados revelam que, na dimensão idade, a variante *caminho* foi a mais frequente entre as duas faixas etárias e mais produtiva entre os colaboradores da segunda faixa etária, com um considerável percentual de diferença de 31.91%. A primeira faixa etária apresenta número relevante de ocorrência para as lexias *trilha* e *picada*. Os colaboradores de ambas as faixas etárias, considerando uma única ocorrência, utilizaram o mesmo número de lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram quanto o fator idade foi significativo para a variação deste item lexical.

5.12.3 Dimensão Diassexual

Tabela 35 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Picada

FATOR DIASSEXUAL				
Variantes	Feminino		Masculino	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Caminho	9	60.00%	9	45.00%
Trilha	2	13.33%	4	20.00%
Picada	1	6.67%	4	20.00%
Varador	1	6.67%	1	5.00%
Estrada	-	0.00%	1	5.00%
Outras	2	13.34%	1	5.00%
Total	15	100%	20	100%

Fonte: Felix (2018).

A dimensão diassexual é evidenciada na carta 012, acerca da variável *picada*, cujos resultados mostram que a variante *caminho* é recorrente tanto na fala feminina quanto na fala masculina, e embora com mesmo número de ocorrências, apresenta a diferença no percentual de 15% entre as mulheres. E a segunda mais frequente é *trilha* e é mais recorrente na fala masculina juntamente com a lexia *picada*. Ambos os sexos proferiram lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator diassexual não contribuiu para a variação deste item lexical.

5.12.4 Dimensão Diastrática

Tabela 36 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Picada

FATOR DIASTRÁTICO				
Variantes	Fundamental		Médio	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Caminho	9	56.55%	9	43.37%
Trilha	2	12.50%	4	21.05%
Picada	2	12.50%	3	15.79%
Varador	-	0.00%	2	10.53%
Estrada	-	0.00%	1	5.26%
Outras	3	18.75%	-	0.00%
Total	16	100%	19	100%

Fonte: Felix (2018).

No que se refere à escolaridade, verifica-se que a variante *caminho* foi a mais frequente em ambos os níveis de ensino, e embora apresentem o mesmo número de ocorrência, é mais

produtiva no Ensino Fundamental, com o percentual a mais de 13.18%. Seguida pela lexia *trilha* cuja maior ocorrência se registrou no Ensino Médio. A variante *picada*, apresenta-se também mais produtiva no Ensino Médio, e enquanto que as lexias *varador* e *estrada* só foram registradas no Nível Médio. Os colaboradores de ambos os níveis de escolaridade apresentaram lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator diastrático não contribui para a variação deste item lexical.

5.12.5 As variantes de Picada nos Atlas Linguísticos

Quadro 33- Variante de Picada - ALiB, ALAM e ALSAM

SGC	ALiB	ALAM	ALSAM
Caminho	X	-	-
Trilha	X	-	-
Picada	X	-	-
Varador	-	-	-
Estrada	-	-	-

Fonte: Felix (2018).

A carta 012, *picada*, que é apresentada no ALiB no questionamento QSL62 (O que é que se abre com facão, a foice para passar por um mato fechado?) não é encontrada no ALAM e nem no ALSAM, visto que não apresentaram análise para esse item lexical. E as variantes mais frequentes registradas pelo ALiB, nos trabalhos encontrados foram: *picada*, *trilha* e *trilho*. Sendo *picada* a lexia mais produtiva. Em SGC, a mais frequente foi a variante *caminho*. Conforme o quadro anterior, as três variantes mais produtivas encontradas na fala dos colaboradores de São Gabriel são confirmadas pelo ALiB, embora a produtividade seja diferenciada das demais regiões do país.

Quadro 34- Variantes de Picada nos Dicionários

VARIANTES	DICIONÁRIO Língua Portuguesa Aurélio	DICIONÁRIO Nheengatu Stradelli (1921)	DICIONÁRIO Líguas Indígenas Barbosa Rodrigues (1894)	DICIONÁRIO Tupi Lemos Barbosa (1951)	DICIONÁRIO Histórico Geraldo da Cunha (1976)
Caminho	X	0	0	0	0
Trilha	X	0	0	0	0
Picada	X	0	0	0	0
Varador	0	0	0	0	0
Estrada	X	0	0	0	0

Fonte: Felix (2018).

O quadro acima que registrou a presença/ausência das variantes de *picada* nos dicionários consultados revela que o Aurélio registra todas as variantes, exceto a lexia *varador* com a acepção em análise. Quanto ao Stradelli, Barbosa Rodrigues, Lemos Barbosa e Geraldo da Cunha não apresentam a entrada deste item lexical. Portanto, como a predominância nas respostas de nossos colaboradores foi a variante *caminho*, registra-se a evidência da influência da língua oficial sobre esse uso linguístico em SGC. Cabe aqui, um registro acerca do cotidiano em SGC sobre a lexia *caminho*:

Os índios Tukano, Baniwa, Baré e outros são conhecidos como os “índios do rio” e a alimentação básica dos índios ribeirinhos, além da pesca, provém dos derivados da mandioca. E, como já foi dito anteriormente, são as mulheres que gastam praticamente todo o dia nas atividades diárias de coleta e plantio. Após a primeira refeição, elas vão à roça colher, fazer replantio e limpar o terreno; algumas vezes retornam às capoeiras das roças antigas, à procura de frutas que continuam produzindo depois que as roças são abandonadas. Os homens costumam acompanhar suas mulheres na capina, embora sua atividade principal seja contribuir com a outra parte da alimentação, o peixe ou a carne de caça.

Em geral, os homens saem todos os dias e durante a noite para pescar ou caçar. Assim como a pesca requer um bom conhecimento do rio, dos melhores locais, dos hábitos dos peixes, deslocar-se a pé para caçar, percorrer grandes distâncias à procura de algo com paciência e atenção, é fundamental saber abrir caminhos. Em Nheengatu, caminho significa pé, sapé.

Portanto, culturalmente, a partir de sua realidade, é natural que a variante *caminho* configure expressão de uso linguístico característico do espaço geográfico e evidencie influência da língua oficial do país sobre esse uso linguístico em SGC.

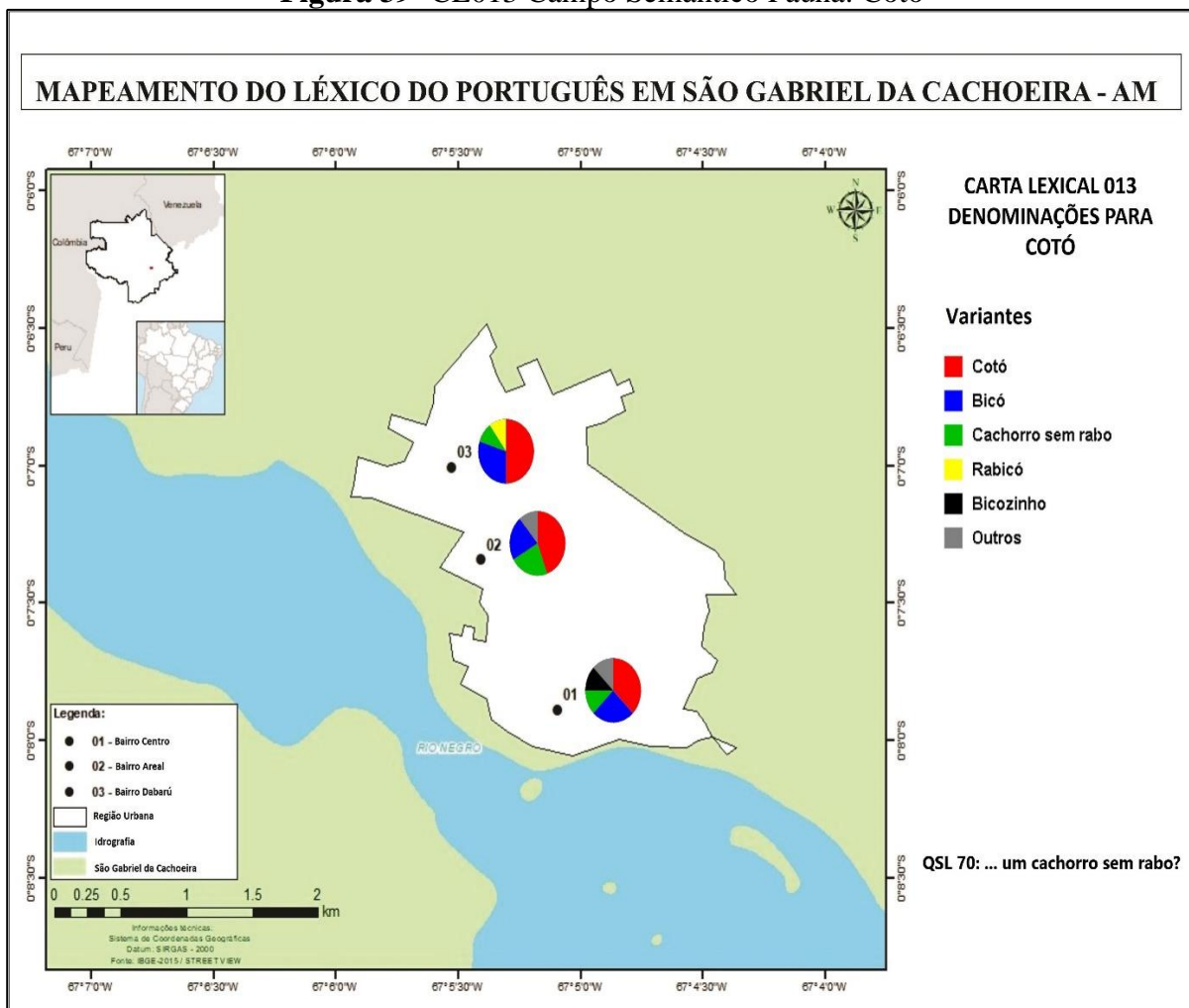
Figura 38- Picada



Fonte: Disponível em: <https://www.google.com/search?q=mata+fechada>

5.13 Item lexical Cotó

Figura 39- CL013 Campo Semântico Fauna: Cotó



Fonte: Felix (2018).

5.13.1 Dimensão Diatópica

Observam-se os dados diatópicos na carta 013: *cotó*, cuja variante *cotó* tem predominância nos três pontos. A ocorrência por ponto de inquérito foi: Bairro Centro: 37.50%; Bairro Areal: 44.44% e Bairro Dabarú: 50.00%. Os dados apontam que o Bairro 01, Centro, apresentou ainda as três variantes *bicó*, *cachorro sem rabo* e *bicozinho*. No Bairro 02, Areal, registrou-se das quatro variantes mais produtivas, *cachorro sem rabo* e *bicó*. No Bairro 03, Dabarú, apresentou as variantes *bicó*, *cachorro sem rabo* e *rabicó*. Somente o Bairro Dabarú não apresentou lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que a dimensão diatópica não foi significativa para a variação deste item lexical.

5.13.2 Dimensão Diageracional

Tabela 37 – Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical *Cotó*

FATOR DIAGERACIONAL				
Variantes	1ª faixa etária		2ª faixa etária	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Cotó	2	18.18%	10	62.50%
Bicó	3	27.27%	4	25.00%
Cachorro sem rabo	3	27.27%	1	6.25%
Rabicó	1	9.09%	-	0.00%
Bicozinho	1	9.09%	-	0.00%
Outras	1	9.09%	1	10.00%
Total	11	100%	16	100%

Fonte: Felix (2018).

Os dados revelam que, na dimensão idade, a variante *cotó* foi a mais frequente com o percentual a mais de produtividade de 44.32% na segunda faixa etária. A variante *bicó* foi a segunda mais frequente também na segunda faixa etária, essa lexia dividiu a frequência, na primeira faixa etária, com a variante *cachorro sem rabo*. Ambas as faixas etárias proferiram várias lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram quanto o fator idade não foi significativo para a variação deste item lexical.

5.13.3 Dimensão Diassexual

Tabela 38 – Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Cotó

FATOR DIASSEXUAL				
Variantes	Feminino		Masculino	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Cotó	7	58.33%	5	33.33%
Bicó	2	16.67%	5	33.33%
Cachorro sem rabo	3	25.00%	1	6.67%
Rabicó	-	00.00%	1	6.67%
Bicozinho	-	00.00%	1	6.67%
Outras	-	00.00%	2	13.34%
Total	12	100%	15	100%

Fonte: Felix (2018).

A dimensão diassexual é evidenciada na carta 013, acerca da variável *cotó*, cujos resultados mostram que a variante *cotó* é mais recorrente na fala feminina com o percentual de diferença a mais de 25.00%. A variante *bicó* foi a segunda maior frequência entre os homens e a lexia *cachorro sem rabo*, entre as mulheres. As demais variantes apresentaram baixo número de ocorrência. Somente o sexo masculino proferiu lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator diassexual não foi significativo para a variação deste item lexical.

5.13.4 Dimensão Diastrática

Tabela 39 – Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Cotó

VARIANTES	FUNDAMENTAL		MÉDIO	
Cotó	5	41.67%	7	46.67%
Bicó	3	25.00%	4	26.67%
Cachorro sem rabo	3	25.00%	1	6.67%
Rabicó	-	0.00%	1	6.67%
Bicozinho	1	8.33%	-	0.00%
OUTRAS	-	0.00%	2	13.34%
TOTAL	12	100%	15	100%

Fonte: Felix (2018).

No que se refere à escolaridade, verifica-se que a variante *cotó* foi a mais frequente nos dois níveis de ensino, com o sutil percentual a mais de produtividade de 5.00 % no Ensino Médio. A variante *bicó* foi a segunda mais frequente também no Ensino Médio, essa lexia dividiu a frequência, no Ensino Fundamental, com a variante *cachorro sem rabo*. Somente os

colaboradores do Ensino Médio apresentaram lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram quanto o fator diastrático não foi significativo para a variação deste item lexical.

5.13.5 Variação do item lexical Cotó nos Atlas e nos Dicionários

Quadro 35- Variação de Cotó – ALiB, ALAM, ALSAM

SGC	ALiB	ALAM	ALSAM
Cotó	X	-	-
Bicó	X	-	-
Cachorro sem rabo	0	-	-
Rabicó	X	-	-
Bicozinho	0	-	-

Fonte: Felix (2018).

A carta 013 (*cotó*) que é apresentada no ALiB no questionamento QSL70 não é encontrada no ALAM e nem no ALSAM, portanto, para efeitos comparativos, ficaremos com as variantes apresentadas pelo ALiB. As variantes mais frequentes registradas nos trabalhos encontrados (carta 19 e carta 72) foram: *bicó*, *pitoco*, *rabicó*, *cotó*, *rabo cortado*, *côto*, *cotoco*, *suruco*. Sendo *pitoco* a lexia mais produtiva. Em SGC, a mais frequente foi a variante *cotó*. Conforme o quadro 27, as variantes encontradas na fala dos colaboradores de São Gabriel não são confirmadas em nenhum dos Atlas, ficando SGC com o registro único, a lexia *cotó*.

Carta 013 (*cotó*). Como é possível verificar no quadro anterior, a variante *cotó* não é registrada nem pelo ALAM e nem pelo ALSAM, visto que esses Atlas não analisaram este item lexical, portanto, para efeitos comparativos, ficaremos com as variantes apresentadas pelo ALiB. As variantes mais frequentes registradas nos trabalhos encontrados (carta 19 e carta 72) foram: *bicó*, *pitoco*, *rabicó*, *cotó*, *rabo cortado*, *côto*, *cotoco*, *suruco*. Sendo *pitoco* a lexia mais produtiva. Em SGC, a mais frequente foi a variante *cotó*. A partir do que é visto no quadro acima, pode-se inferir que os dados pertencentes ao ALiB, não aproximam na totalidade das variantes registradas em São Gabriel, porém observa-se proximidade, neste item lexical, com esse Atlas em relação à variante predominante registrada em SGC.

Quadro 36- Variação de Cotó nos Dicionários

VARIANTES	DICIONÁRIO Língua Portuguesa Aurélio	DICIONÁRIO Nheengatu Stradelli (1921)	DICIONÁRIO Líguas Indígenas Barbosa Rodrigues (1894)	DICIONÁRIO Tupi Lemos Barbosa (1951)	DICIONÁRIO Histórico Geraldo da Cunha (1976)
Cotó	X	0	0	0	0
Bicó	X	0	0	0	0
Cachorro sem rabo	X	0	0	0	0
Rabicó	X	0	0	0	0
Bicozinho	X	0	0	0	0

Fonte: Felix (2018).

O quadro acima que registrou a presença/ausência das variantes de *cotó* nos dicionários consultados revela que o Aurélio registra todas as variantes proferidas em SGC. Quanto ao Stradelli, Barbosa Rodrigues, Lemos Barbosa e Geraldo da Cunha não apresentam a entrada deste item lexical. Portanto, como a predominância nas respostas de nossos colaboradores foi a variante *cotó*, registra-se a evidência da influência da língua oficial sobre esse uso linguístico em SGC. Cabe aqui, um registro acerca do cotidiano em SGC sobre a lexia *cotó*:

Durante a coleta de dados, observou-se que as respostas para esse item lexical foram diretas, porém carregadas de uma certa ternura e cuidado ao falar. Uma boa parte dos colaboradores referiram que entre eles, os cachorros são criados não só como um animal de estimação, mas como uma criança que traz alegria ao ambiente. Houve relatos que, antigamente, algumas mulheres amamentavam além de porquinhos, alguns cães também.

Portanto, entre as variantes *cotó*, *bicó*, *picó*, *bicozinho*, a mais produtiva pode até coincidir com a fala do resto do Brasil, *cotó*, entretanto, há um diferencial no sentimento que vai muito além de transformar, por meio de roupas, de apetrechos ou substituir a ausência de crianças, aproxima-se da brandura, do olhar diferenciado dispensado a esse animal. Configurando influência da língua oficial do país sobre esse uso linguístico em SGC.

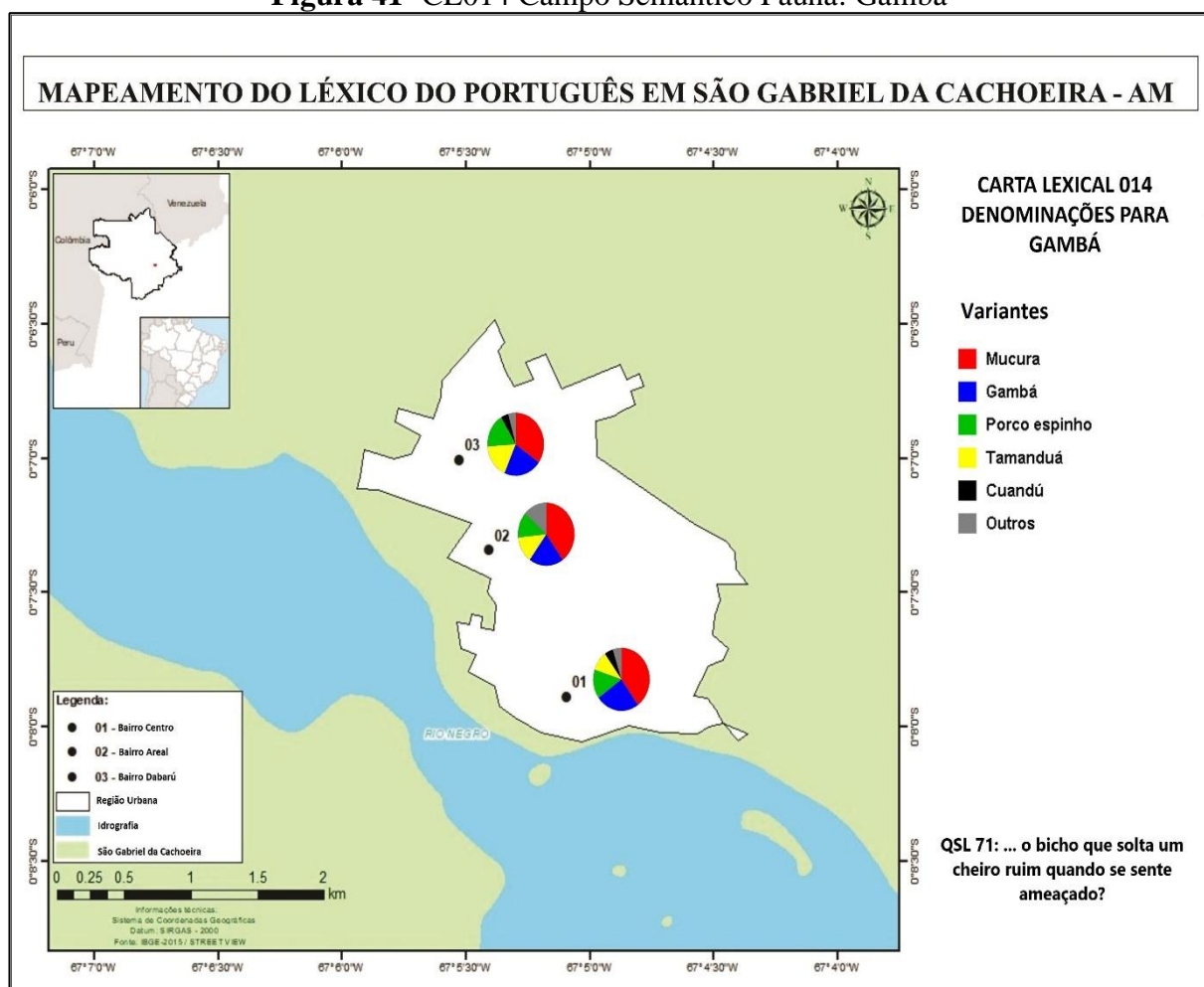
Figura 40- Cotó



Fonte: <https://www.google.com/search?q=cachorro+cotó&source=lnms&tbm>

5.14 Item lexical Gambá

Figura 41- CL014 Campo Semântico Fauna: Gambá



Fonte: Felix (2018).

5.14.1 Dimensão Diatópica

Observam-se dados diatópicos na carta 014: *gambá*, cuja variante *mucura* apresenta a maior frequência nos três pontos. A ocorrência por ponto de inquérito foi: Bairro Centro: 40%; Bairro Areial: 40% e Bairro Dabarú: 34.78%. Os dados apontam que o Bairro 01, Centro, registrou as quatro demais variantes mais produtivas. No Bairro 02, Areial, das quatro variantes mais produtivas, só não refere *cuandú*. No Bairro 03, Dabarú, apresentou também as quatro variantes mais produtivas. Os três pontos expressaram lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que a dimensão diatópica não foi significativa para a variação deste item lexical.

5.14.2 Dimensão Diageracional

Tabela 40 – Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Gambá

Variantes	FATOR DIAGERACIONAL			
	1ª faixa etária		2ª faixa etária	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Mucura	10	37.04%	12	38.71%
Gambá	8	29.63%	5	16.13%
Porco espinho	4	14.81%	5	16.13%
Tamanduá	4	14.81%	4	12.90%
Cuandú	1	3.70%	1	3.23%
Outras	-	0.00%	4	12.90%
Total	27	100%	31	100%

Fonte: Felix (2018).

Os dados revelam que, na dimensão idade, a variante *mucura* foi a mais frequente nas duas faixas etárias, com um sutil percentual a mais de produtividade de 6.67% na segunda faixa etária. A variante *gambá* foi a mais frequente na primeira faixa etária, e a segunda mais frequente entre os mais velhos ao lado da lexia *porco espinho*. Somente a segunda faixa etária proferiu lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram quanto o fator idade não foi significativo para a variação deste item lexical.

5.14.3 Dimensão Diassexual

Tabela 41 – Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Gambá

Variantes	FATOR DIASSEXUAL			
	Feminino		Masculino	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Mucura	11	45.83%	11	32.35%
Gambá	6	25.00%	7	20.59%
Porco espinho	2	8.33%	7	20.59%
Tamanduá	4	16.67%	4	11.76%
Cuandú	1	4.17%	1	2.94%
Outras	-	0.00%	4	11.76%
Total	24	100%	34	100%

Fonte: Felix (2018).

A dimensão diassexual é evidenciada na carta 014, acerca da variável *gambá*, cujos resultados mostram que a variante *mucura* é amais produtiva tanto na fala feminina quanto na masculina, com o percentual a mais de 13,48% entre as mulheres. A segunda lexia mais recorrente entre as mulheres foi *gambá* e entre os homens foi *porco espinho* e *gambá* com o mesmo percentual de ocorrência. A variante *tamanduá* foi a terceira ocorrência entre ambos os sexos. Somente os homens proferiram lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator diassexual não foi significativo para a variação deste item lexical.

5.14.4 Dimensão Diastrática

Tabela 42 – Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Gambá

VARIANTES	FUNDAMENTAL		MÉDIO	
Mucura	10	30.30%	12	48.00%
Gambá	7	21.21%	6	24.00%
Porco espinho	5	15.15%	4	16.00%
Tamanduá	5	15.15%	3	12.00%
Cuandú	2	6.06%	-	0.00%
OUTRAS	4	12.12%	-	0.00%
TOTAL	33	100%	25	100%

Fonte: Felix (2018)

No que se refere à escolaridade, verifica-se que a variante *mucura* foi a mais frequente entre os dois níveis de ensino, sendo mais produtiva entre os colaboradores do Ensino Médio

com o percentual de diferença a mais de 17,70%. A lexia *gambá* também ocorreu nos dois níveis de instrução e com maior frequência entre os mais escolarizados. As variantes *tamanduá* e *porco espinho* foram mais produtivas no Ensino Fundamental. *Cuandú* só ocorreu entre os colaboradores do Ensino Fundamental. Somente o Ensino Fundamental apresentou lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator diastrático não contribui para a variação deste item lexical.

5.14.5 Variação do item lexical Gambá nos Atlas e Dicionários

Quadro 37- Variação de Gambá – ALiB, ALAM, ALSAM

SGC	ALiB	ALAM	ALSAM
Mucura	X	-	-
Gambá	X	-	-
Porco espinho	-	-	-
Tamanduá	-	-	-
Cuandú	-	-	-
OUTRAS	-	-	-

Fonte: Felix (2018).

A carta 014, *gambá*, que é apresentada no ALiB no questionamento QSL71 não é encontrada no ALAM e nem no ALSAM, portanto, para efeitos comparativos, ficaremos com as variantes apresentadas pelo ALiB. A variante mais frequente registrada nos trabalhos encontrados foram *gambá*, *mucura*, *jaratataca/aracataca*, *mixila*, *raposa*. Sendo *gambá* a lexia mais produtiva. Em SGC, a mais frequente foi a variante *mucura*. A partir do que é visto no quadro acima, pode-se inferir que os dados pertencentes ao ALiB, não se aproximam na totalidade das variantes registradas em São Gabriel, porém observa-se proximidade, neste item lexical, com esse Atlas em relação à variante predominante registrada em SGC.

Quadro 38- Variação de Gambá nos Dicionários

VARIANTES	DICIONÁRIO Língua Portuguesa Aurélio	DICIONÁRIO Nheengatu Stradelli (1921)	DICIONÁRIO Línguas Indígenas Barbosa Rodrigues (1894)	DICIONÁRIO Tupi Lemos Barbosa (1951)	DICIONÁRIO Histórico Geraldo da Cunha (1976)
Mucura	X	X	0	0	X
Gambá	X	0	0	0	0
Porco espinho	X	0	0	0	0
Tamanduá	X	X	0	0	X
Cuandú	X	0	0	0	0

Fonte: Felix (2018).

O quadro 38, que registrou a presença/ausência das variantes para *gambá* nos dicionários consultados, revela que o Aurélio registra todas as variantes proferidas em SGC, porém não com a mesma acepção desta pesquisa. Quanto ao Stradelli registra a entrada das variantes *mycúra* e *tamanduá*; Barbosa Rodrigues, Lemos Barbosa não apresentam a entrada deste item lexical; Geraldo da Cunha também registra as variantes *mucura* e *tamanduá*. A variante *mucura*, a mais produtiva em SGC, é registrada no dicionário Aurélio, no Stradelli e no Geraldo da Cunha, como um vocábulo originário do Tupí. Cabe aqui, um registro acerca do cotidiano em SGC sobre a lexia *mucura*:

Nas atividades de caça dos indígenas, a *mucura*, a despeito do odor que exala ao ser ameaçada, é reputada pelos colaboradores como de carne muito saborosa, uma espécie peculiar do espaço amazônico, também conhecida como “*gambá do sul*” por alguns autores. É um dos animais bastante citados nas literaturas sobre a região como inimigo declarado das galinhas. José Veríssimo (1886 e 1895) em *Cenas da vida Amazônica* e em *A pesca na Amazônia*; Mário de Andrade (1928) em *Macunaíma*.

As características da *mucura* se aproximam das do *gambá*, visto que nas respostas dos colaboradores, havia sempre citação a ele, bem como ao *tamanduá*, ao *porco espinho* e ao *cuandú*, seguidas de explicações diferenciando-os, com bastante propriedade demonstrando conhecimento consequente de familiaridade. E embora as respostas dadas se distanciarem do item lexical *gambá*, este sempre vinha à tona configurando propriedade na expressão de uso linguístico característico do espaço geográfico ao referir a variante *mucura*. Portanto, como a predominância nas respostas de nossos colaboradores foi a variante *mucura*, registra-se a evidência da influência da língua Nheengatú sobre esse uso linguístico em SGC.

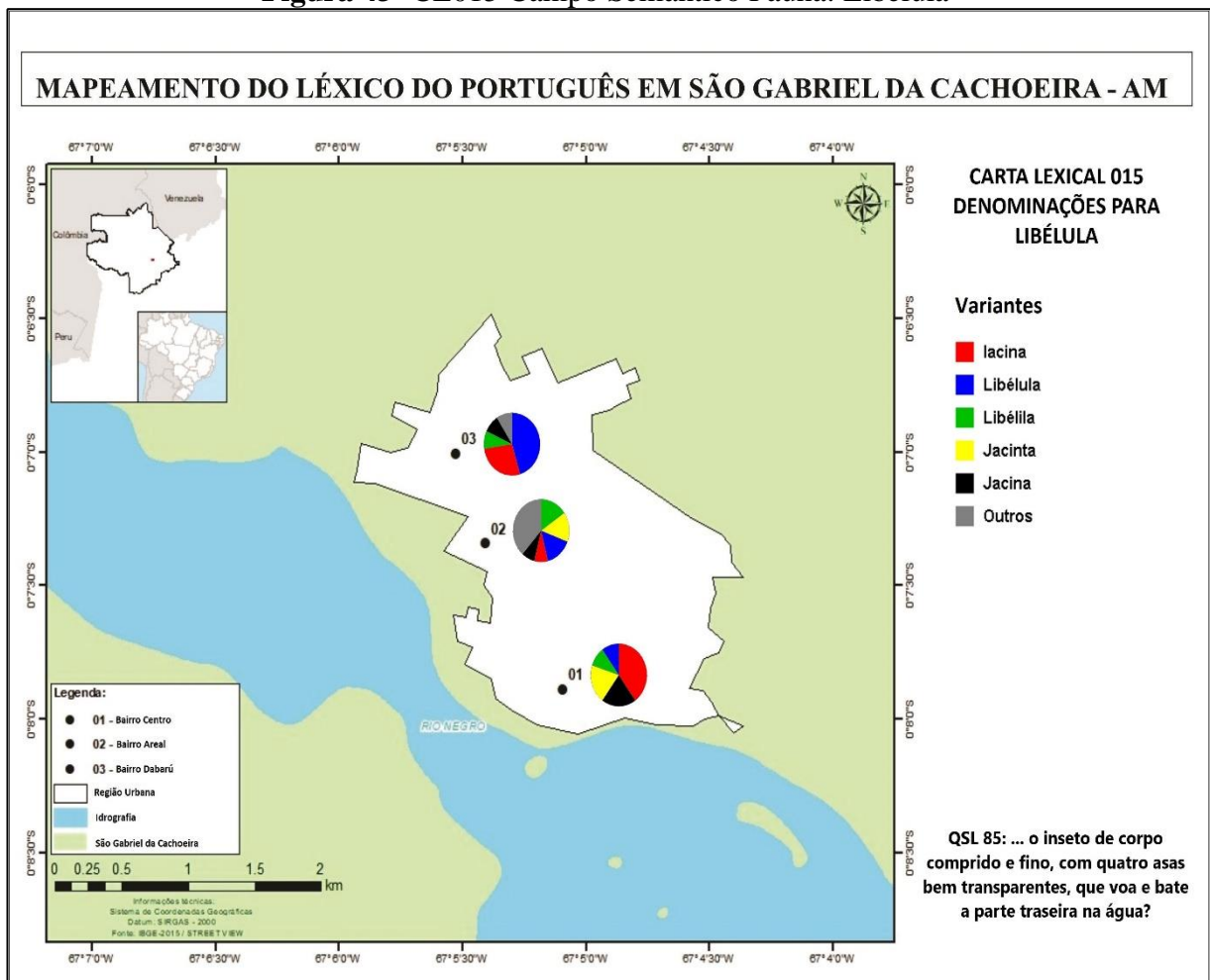
Figura 42- Mucura



Fonte: Dispo nível em: <https://www.google.com/search?q=mucura&source=lnms&tbm>

5.15 Item lexical Libélula

Figura 43- CL015 Campo Semântico Fauna: Libélula



Fonte: Felix (2018).

5.15.1 Dimensão Diatópica

Observam-se dados diatópicos na carta 015: *libélula*, cuja variante *iacina* tem predominância nos três pontos. A ocorrência por ponto de inquérito foi: Bairro Centro: 40%; Bairro Areial: 7.69% e Bairro Dabarú: 27.27%. Os dados apontam que o Bairro 01, Centro, apresentou as quatro outras variantes mais produtivas. No Bairro 02, Areial, também apresentou as quatro variantes mais produtivas, porém a predominante neste Bairro é *libélula*. No Bairro 03, Dabarú, predomina a lexia *libélula* e dentre as mais produtivas, só não apresenta *jacinta*. A lexia *libélila* não parece ser uma variante de *libélula* na fala dos entrevistados, percebe-se uma certa insegurança em relação à pronúncia da palavra, e, se assim se considerar, a variante *libélula* passa a ser a mais produtiva nos três pontos. Os percentuais mostram que a dimensão diatópica não foi significativa para a variação deste item lexical.

5.15.2 Dimensão Diageracional

Tabela 43 – Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Libélula

FATOR DIAGERACIONAL				
Variantes	1ª faixa etária		2ª faixa etária	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Iacina	3	18.75%	5	27.78%
Libélula	5	31.25%	3	16.67%
Libélila	4	25.00%	-	0.00%
Jacinta	2	12.50%	2	11.11%
Jacina	2	12.50%	2	11.11%
Outras	-	0.00%	6	33.33%
Total	16	100%	18	100%

Fonte: Felix (2018).

Os dados revelam que, na dimensão idade, as variantes *iacina* e *libélula* foram as mais frequentes, a primeira, na segunda faixa etária; e segunda, na primeira faixa etária. Houve também uma certa homogeneidade na apresentação das demais variantes mais frequentes e com certo equilíbrio entre os percentuais entre os níveis de instrução. Somente a segunda faixa etária preferiu lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram quanto o fator idade não foi significativo para a variação deste item lexical.

5.15.3 Dimensão Diassexual

Tabela 44 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Libélula

FATOR DIASSEXUAL				
Variantes	Feminino		Masculino	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Iacina	4	25.00%	4	22.22%
Libélula	6	37.50%	2	11.11%
Libélila	1	6.25%	3	16.67%
Jacinta	3	18.75%	1	5.56%
Jacina	-	0.00%	4	22.22%
Outras	2	12.50%	4	22.22%
Total	16	100%	18	100%

Fonte: Felix (2018).

A dimensão diassexual é evidenciada na carta 015, acerca da variável *libélula*, cujos resultados mostram que, se levarmos em conta que *libélila* não é uma variante, mas uma tentativa de pronúncia de *libélula*, a variante *libélula* é mais frequente tanto na fala feminina quanto na fala masculina. A segunda lexia mais produtiva entre as mulheres foi *iacina*, e entre os homens foi *libélila*. A variante *jacinta* foi a terceira ocorrência entre as mulheres e entre os homens foi a lexia *libélula*. Entre as mulheres não ocorreu a variante *jacina*. Ambos os sexos preferiram lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator diassexual não foi significativo para a variação deste item lexical.

5.15.4 Dimensão Diastrática

Tabela 45 – Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Libélula

VARIANTES	FUNDAMENTAL		MÉDIO	
Iacina	3	20.00%	5	26.32%
Libélula	2	13.33%	6	31.58%
Libélila	2	13.33%	2	10.53%
Jacinta	2	13.33%	2	10.53%
Jacina	2	13.33%	2	10.53%
OUTRAS	4	26.66%	2	10.53%
TOTAL	15	100%	19	100%

Fonte: Felix (2018).

No que se refere à escolaridade, verifica-se que as variantes *iacina* e *libélula* foram as mais frequentes no Ensino Médio; e no Ensino Fundamental, a lexia *iacina* foi a mais produtiva.

As variantes *libélula*, *jacinta* e *jacinas* e apresentaram nos dois níveis de instrução com a mesma frequência entre os dois graus de instrução. Os colaboradores de ambos os níveis de escolaridade apresentaram lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator diastrático não contribui para a variação deste item lexical.

5.15.5 Variação do item lexical Libélula nos Atlas e Dicionários

Quadro 39- Variação de Libélula – ALiB, ALAM, ALSAM

SGC	ALiB	ALAM	ALSAM
Iacina	0	-	-
Libélula	X	-	-
Libélila	0	-	-
Jacinta	X	-	-
Jacina	0	-	-

Fonte: Felix (2018).

A carta 015, *libélula*, que é apresentada no ALiB no questionamento QSL85 não é encontrada no ALAM e nem no ALSAM, portanto, para efeitos comparativos, ficaremos com as variantes apresentadas pelo ALiB para a região Norte. A variante mais frequente registrada nos trabalhos encontrados foram *jacinta*, *libélula*, *cigarra*, *cavalo-do-cão*, *helicóptero*, *lavadeira*. Sendo *jacinta* a lexia mais produtiva na região Norte. Em SGC, a mais frequente foi a variante *libélula*, registrada também como a mais produtiva em outras regiões brasileiras. A partir do que é visto no quadro acima, pode-se inferir que os dados pertencentes ao ALiB, não se aproximam na totalidade das variantes registradas em São Gabriel, porém observa-se proximidade, neste item lexical, com esse Atlas em relação à variante predominante registrada em SGC.

Quadro 40- Variação de Libélula nos Dicionários

VARIANTES	DICIONÁRIO Língua Portuguesa Aurélio	DICIONÁRIO Nheengatu Stradelli (1921)	DICIONÁRIO Línguas Indígenas Barbosa Rodrigues (1894)	DICIONÁRIO Tupi Lemos Barbosa (1951)	DICIONÁRIO Histórico Geraldo da Cunha (1978)
Iacina	0	0	0	0	0
Libélula	X	0	0	0	0
Libélila	0	0	0	0	0
Jacinta	0	0	0	0	0
Jacina	X	X	0	0	X

Fonte: Felix (2018).

O quadro 40, que registrou a presença/ausência das variantes para *libélula* nos dicionários consultados, revela que na maioria deles não ocorre o registro desse item lexical, exceto no Aurélio. Entretanto, a variante *jacina* é registrada em três deles. A variante *iacina*, a mais frequente em SGC, não tem seu registro em nenhum dos dicionários. Como foi citado em análises de dimensão anteriores, se somarmos os percentuais da lexia *libélula* com a lexia *libélila* (que mais nos pareceu insegurança de pronúncia do que uma variante para *libélula*) a mais produtiva em SGC passará a ser a variante *libélula*. O que se mostrou bastante interessante e diferenciado, uma área indígena apresentar um alto percentual para uma variante que é mais comum para outras regiões do Brasil, visto que em toda a região Norte, conforme o ALiB, a variante *libélula* não é a mais frequente, mas sim *jacinta*, *jacina*, *iacina*, *cigarra*.

Segundo os dicionários de Stradelli e de Geraldo da Cunha, a lexia *jacina* é um vocábulo originário do Tupi, logo seria de se esperar, pela história linguística de SGC, que essa deveria ser a variante mais frequente. O interessante é que a própria história das principais línguas de SGC dá conta da justificativa para esse uso nas comunidades. Portanto, como a predominância nas respostas de nossos colaboradores foi a variante *libélula*, registra-se a evidência da influência da língua oficial sobre esse uso linguístico em SGC. Cabe aqui, um registro acerca da história em SGC sobre a lexia *libélula*:

A história de vida escolar de todos os colaboradores, homens ou mulheres, passou pela experiência nos internatos dos missionários ou nas “escolas das irmãs”.

Ao serem questionados sobre o motivo do uso da variante *libélula/libélila* em suas respostas, a réplica era imediata: “aprendemos com as irmãs”, “os padres falavam assim”.

A distância de SGC em relação aos outros municípios dentro do próprio Estado do Amazonas, pode ser uma justificativa para os moradores não seguirem o comum dentro da região e resguardarem essa força linguística de herança histórico-social.

Portanto, as respostas dadas pelos colaboradores coincidem com item lexical *libélula*, padrão na maioria das regiões do Brasil, configurando propriedade na expressão de uso linguístico característico do espaço geográfico que sofreu influência da língua oficial do país.

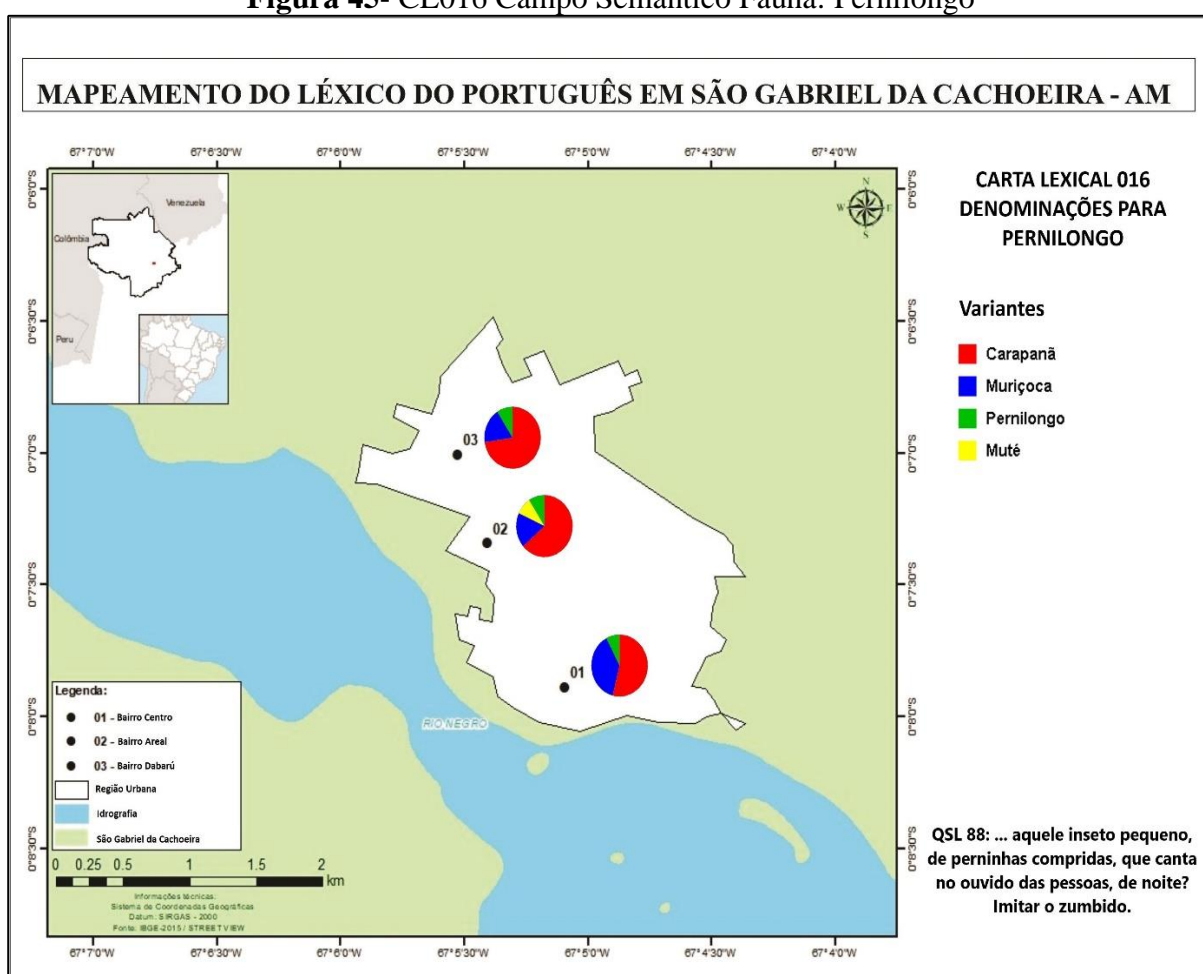
Figura 44- Libélula



Fonte: Disponível em: <https://www.google.com/search?q=libélula+foto>

5.16 Item lexical Pernilongo

Figura 45- CL016 Campo Semântico Fauna: Pernilongo



Fonte: Felix (2018).

5.16.1 Dimensão Diatópica

Observam-se dados diatópicos na carta 016: *pernilongo*, cuja variante *carapanã* tem predominância nos três pontos. A ocorrência por ponto de inquérito foi: Bairro Centro: 53.85%; Bairro Areal: 63.64% e Bairro Dabarú: 72.73%. Os dados apontam que o Bairro 01, Centro, apresentou as duas outras variantes mais produtivas, *muriçoca* e *pernilongo*. No Bairro 02, Areal, apresentou as três variantes mais produtivas, porém foi o único a apresentar a lexia, *muté*. No Bairro 03, Dabarú, predomina também a lexia *carapanã* e apresenta as outras duas mais produtivas, *muriçoca* e *pernilongo*. Nenhum dos três pontos proferiram lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que a dimensão diatópica não foi significativa para a variação deste item lexical.

5.16.2 Dimensão Diageracional

Tabela 46 – Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Pernilongo

FATOR DIAGERACIONAL				
Variantes	1ª faixa etária		2ª faixa etária	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Carapanã	10	55.56%	12	70.59%
Muriçoca	5	27.78%	4	23.53%
Pernilongo	2	11.11%	1	5.58%
Outras	1	5.56%	-	0.00%
Total	18	100%	17	100%

Fonte: Felix (2018).

Os dados revelam que, na dimensão idade, a variante *carapanã* foi a mais frequente nas duas faixas etárias, com o percentual de diferença a mais de 15.03% na segunda faixa etária. As variantes *muriçoca* e *pernilongo* foram as mais frequentes na primeira faixa etária. A primeira faixa etária foi a única a proferir lexia para *outras variantes*. Os percentuais mostram que fator idade não foi significativo para a variação deste item lexical.

5.16.3 Dimensão Diassexual

Tabela 47 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Pernilongo

FATOR DIASSEXUAL				
Variantes	Feminino		Masculino	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Carapanã	11	57.89%	11	68.75%
Muriçoca	5	26.32%	4	25.00%
Pernilongo	2	10.53%	1	6.25%
Outras	1	5.26%	-	0.00%
Total	19	100%	16	100%

Fonte: Felix (2018).

A dimensão diassexual é evidenciada na carta 016, acerca da variável *pernilongo*, cujos resultados mostram que a variante *carapanã* é a mais frequente entre os dois sexos, com um percentual de diferença a mais na fala masculina de 10.86%, embora com o mesmo número de ocorrências. A segunda lexia mais produtiva também apresentou equilíbrio entre as mulheres e os homens. A variante *pernilongo* foi a terceira ocorrência com baixa produtividade entre eles. As mulheres proferiram uma lexia para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator diassexual não foi significativo para a variação deste item lexical.

5.16.4 Dimensão Diastrática

Tabela 48 – Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Pernilongo

VARIANTES	FUNDAMENTAL		MÉDIO	
Carapanã	11	68.75%	11	57.89%
Muriçoca	3	18.75%	6	31.58%
Pernilongo	2	12.50%	1	5.26%
OUTRAS	-	0.00%	1	5.26%
TOTAL	16	100%	19	100%

Fonte: Felix (2018).

No que se refere à escolaridade, verifica-se que a variante *carapanã* foi a mais frequente entre os dois níveis de ensino, embora com o mesmo número de ocorrência, apresentou o percentual de diferença a mais 10.86% no Ensino Fundamental. A lexia *muriçoca* também ocorreu nos dois níveis de instrução e com maior frequência no Médio. A variante *pernilongo* se apresentou com baixa frequência nos dois níveis de ensino. Os colaboradores do Ensino

Médio apresentaram apenas uma lexia para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator diastrático não foi significativo para a variação deste item lexical.

5.16.5 Variação do item lexical Pernilongo nos Atlas e Dicionários

Quadro 41- Variação de Pernilongo – ALiB, ALAM, ALSAM

SGC	ALiB	ALAM	ALSAM
Carapanã	X	-	X
Muriçoca	X	-	X
Pernilongo	X	-	X
Muté	-	-	-

Fonte: Felix (2018).

A carta 016 (*pernilongo*). Como é possível verificar no quadro 41 as três variantes mais produtivas não são registradas pelo ALAM, visto que este atlas não analisou esse item lexical. O ALSAM, apresenta esse item em Meio Biótico: Fauna (Insetos) - QSL-051 (L047) cuja variante predominante é *carapanã*. O ALiB registra, para a região Norte, as seguintes variantes para *pernilongo* que se apresentam bem distribuídas pelas capitais brasileiras: *carapanã* predomina nas capitais da região Norte e *muriçoca* nas da região Nordeste, enquanto *mosquito* e *pernilongo* se concentram nas demais capitais.

A partir do que é visto no quadro acima, pode-se inferir que os dados pertencentes tanto ao ALiB quanto ao ALSAM, aproximam-se quase na totalidade das variantes registradas em São Gabriel, e como a variante mais frequente foi *carapanã* há maior proximidade com o ALSAM em relação à variante predominante registrada em SGC.

Quadro 42- Variação de Pernilongo nos Dicionários

VARIANTES	DICIONÁRIO Língua Portuguesa Aurélio	DICIONÁRIO Nheengatu Stradelli (1929)	DICIONÁRIO Línguas Indígenas Barbosa Rodrigues (1894)	DICIONÁRIO Tupi Lemos Barbosa (1951)	DICIONÁRIO Histórico Geraldo da Cunha (1978)
Carapanã	X	X	X	X	X
Muriçoca	X	X	X	X	X
Pernilongo	X	0	0	0	0
Muté	0	0	0	0	0

Fonte: Felix (2018).

O quadro 42, que registrou a presença/ausência das variantes para *pernilongo* revela que o Aurélio registra três das variantes proferidas em SGC. Quanto ao Stradelli, Barbosa

Rodrigues, Lemos Barbosa e Geraldo da Cunha registram a entrada das duas variantes mais frequentes. A variante *carapanã*, a mais frequente em SGC, tem seu registro em todos os dicionários. Essa lexia, que é típica da região Norte, pois o seu uso ficou circunscrito a uma área geográfica específica, gerou, inclusive, o fenômeno do regionalismo. Como a predominância nas respostas de nossos colaboradores foi a variante *carapanã*, registra-se a evidência da influência da língua Nheengatú (Tupi) sobre esse uso linguístico em SGC. Cabe aqui, um registro histórico em SGC sobre a lexia *carapanã*:

Segundo os dicionários de língua indígena examinados, a lexia *carapanã* é um vocábulo originário do Tupi (*karapa'na*), logo seria de se esperar, pela história linguística não só de SGC, mas também da região Norte, que essa deveria ser mesmo a variante mais frequente. Portanto, a própria história dos índios dá conta da justificativa para esse uso nas comunidades, configurando propriedade na expressão de uso linguístico característico do espaço geográfico ao referir essa variante como uma herança indígena que permanece viva na língua dos habitantes do Norte do país. Evidenciando influência da língua Tupí sobre esse uso linguístico em SGC.

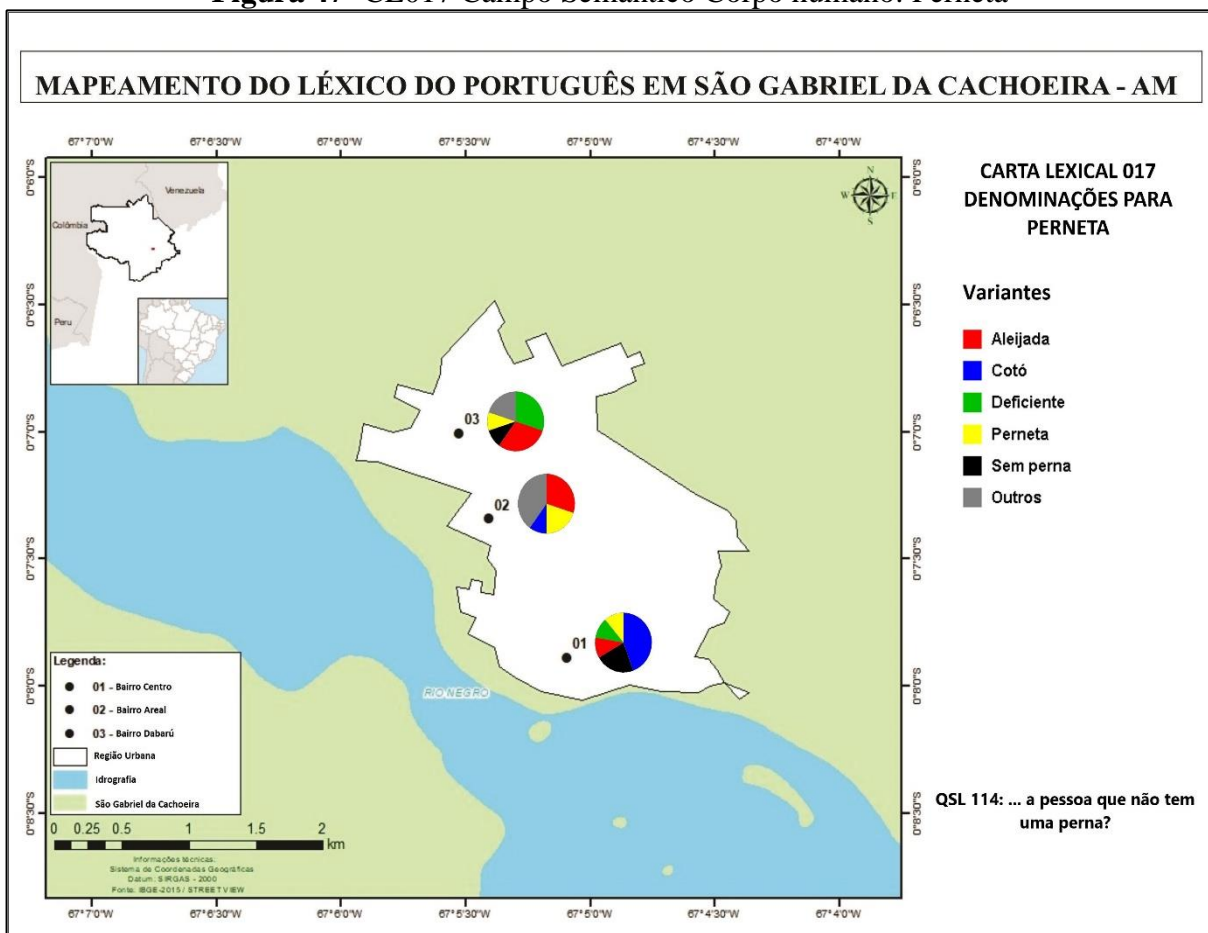
Figura 46- Carapanã



Fonte: <https://www.google.com/search?q=carapanã+foto&source>

5.17 Item lexical Perneta

Figura 47- CL017 Campo Semântico Corpo humano: Perneta



Fonte: Felix (2018).

5.17.1 Dimensão Diatópica

Observam-se dados diatópicos na carta 017: *perнета*, cuja variante aleijada tem predominância nos três pontos. A ocorrência por ponto de inquérito foi: Bairro Centro: 11.11%; Bairro Areal: 30.00% e Bairro Dabarú: 30.00%. Os dados apontam que o Bairro 01, Centro, a predominância é da lexia *cotó* com 44.44% de ocorrência e também apresentou as quatro outras variantes mais produtivas. No Bairro 02, Areal, a predominância é da variante *aleijada* e das quatro variantes mais produtivas, não foram proferidas duas delas: *deficiente* e *sem perna*. No Bairro 03, Dabarú, há um equilíbrio na predominância entre *aleijada* e *deficiente* e dentre as mais produtivas, só não apresenta *cotó*. Somente o Bairro Centro não proferiu lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que a dimensão diatópica não foi significativa para a variação deste item lexical.

5.17.2 Dimensão Diageracional

Tabela 49 – Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Perneta

FATOR DIAGERACIONAL				
Variantes	1ª faixa etária		2ª faixa etária	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Aleijada	2	14.29%	5	33.33%
Cotó	2	14.29%	3	20.00%
Deficiente	3	21.43%	1	6.67%
Perneta	1	7.14%	3	20.00%
Sem perna	3	21.43%	-	0.00%
Outras	3	21.43%	3	20.00%
Total	14	100%	15	100%

Fonte: Felix (2018).

Os dados revelam que, na dimensão idade, a variante *aleijada* foi a mais frequente na segunda faixa etária. As variantes *deficiente e sem perna* foram as mais frequentes na primeira faixa etária. As lexias *aleijada e cotó* dividiram a ocorrência como a segunda mais frequente na primeira faixa. E as lexias *cotó e pernetá* dividiram a ocorrência como a segunda mais frequente na segunda faixa etária. Ambas as faixas etárias proferiram lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram quanto o fator idade não foi significativo para a variação deste item lexical.

5.17.3 Dimensão Diassexual

Tabela 50 – Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Perneta

FATOR DIASSEXUAL				
Variantes	Feminino		Masculino	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Aleijada	3	21.43%	4	26.67%
Cotó	1	7.14%	4	26.67%
Deficiente	3	21.43%	1	6.67%
Perneta	2	14.29%	2	13.33%
Sem perna	2	14.29%	1	6.67%
Outras	3	21.43%	3	20.00%
Total	14	100%	15	100%

Fonte: Felix (2018).

A dimensão diassexual é evidenciada na carta 017, acerca da variável *pernetá*, cujos resultados mostram que as variantes *aleijada* foi a mais produtiva tanto na fala feminina quanto

na fala masculina. As variantes *aleijada* e *deficiente* foram as mais frequentes entre as mulheres. E entre os homens, as lexias mais frequentes foram *aleijada* e *cotó*. A segunda lexia mais recorrente entre as mulheres foram *perнета* e *sem perna*, e entre os homens foi *perнета*. Ambos os sexos proferiram várias lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator diasssexual não foi significativo para a variação deste item lexical.

5.17.4 Dimensão Diastrática

Tabela 51 – Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical *Perneta*

VARIANTES	FUNDAMENTAL		MÉDIO	
Aleijada	3	21.43%	4	26.67%
Cotó	2	14.29%	3	20.00%
Deficiente	2	14.29%	2	13.33%
Perneta	1	7.14%	3	20.00%
Sem perna	1	7.14%	2	13.33%
OUTRAS	5	35.72%	1	6.67%
TOTAL	14	100%	15	100%

Fonte: Felix (2018).

No que se refere à escolaridade, verifica-se que a variante *aleijada* foi a mais frequente entre os dois níveis de ensino, sendo mais produtiva no Ensino Médio com o sutil percentual a mais de 5.24%. A lexia *cotó* ocorreu nos dois níveis de instrução sendo mais frequente também entre os mais escolarizados. A lexia *deficiente* ocorreu com equilíbrio entre os níveis de ensino, já as variantes *perнета* e *sem perna* foram mais produtivas no Ensino Médio. Os colaboradores menos escolarizados apresentaram mais lexias para *outras variantes* do que os mais escolarizados. Os percentuais mostram que o fator diastrático não contribui para a variação deste item lexical.

5.17.5 Variação do item lexical *Perneta* nos Atlas e Dicionários

Quadro 43- Variação de *Perneta* – ALiB, ALAM, ALSAM

SGC	ALiB	ALAM	ALSAM
Aleijada	X	X	X
Cotó	-	X	-
Deficiente	X	X	-
Perneta	X	X	-
Sem perna	-	-	-

Fonte: Felix (2018).

Carta 017 (*perнета*). Como é possível verificar no quadro 43, há lexias cujo significado não é tão contrastante entre os atlas, como podemos observar também no campo semântico Corpo humano, em que o ALiB apresenta o item lexical *perнета*, e no ALAM é apresentado o item lexical *aleijado* (carta 35) e no ALSAM a lexia *aleijado (manco)* (carta 065) para o mesmo referente *perнета*. Como é possível verificar no quadro 33 a variante *aleijada(o)* é registrada tanto pelo ALSAM quanto pelo ALAM na região. No entanto, o ALAM aponta a variante *aleijado* como mais recorrente no Amazonas, e também no ALSAM a variante mais frequente é *aleijado*. Não foram observadas no ALiB, nem no ALAM e nem no ALSAM as variantes *cotó*, *perнета* e *sem perna* registradas em SGC. Por outro lado, o ALSAM registra a forma *manqueja*, não confirmada no ALAM, em SGC e nem no ALiB para o item em estudo. A partir do que é visto no quadro acima, comparando os dados que esse item lexical apresentou na fala dos colaboradores de São Gabriel com os dados dos demais atlas, é possível verificar que três das cinco principais variantes são pertinentes ao ALAM e em menor escala ao ALiB e ao ALSAM, observando-se uma vizinhança, neste item lexical, com o ALAM.

Quadro 44- Variação de Perneta nos Dicionários

VARIANTES	DICIONÁRIO Língua Portuguesa Aurélio	DICIONÁRIO Nheengatu Stradelli (1929)	DICIONÁRIO Líguas Indígenas Barbosa Rodrigues (1894)	DICIONÁRIO Tupi Lemos Barbosa (1951)	DICIONÁRIO Histórico Geraldo da Cunha (1978)
Aleijada	X	0	0	0	0
Cotó	X	0	0	0	0
Deficiente	X	0	0	0	0
Perneta	X	0	0	0	0
Sem perna	X	0	0	0	0

Fonte: Felix (2018).

O quadro 44, que registrou a presença/ausência das variantes para *perнета* nos dicionários consultados, revela que na maioria deles não apresentam o registro desse item lexical, exceto o Aurélio que registrou todas as variantes. A variante *aleijada* foi a mais frequente em SGC. As análises de dimensão anteriores, bem como a percepção do pesquisador no momento da entrevista, foram de extrema importância para se perceber nas respostas dos colaboradores, principalmente, entre aqueles que mais se monitoravam ao falar ou que mostravam bastante experiência em diversos campos, uma preocupação com a escolha da variante “adequada”, embora não foi percebido nenhum traço de pejoratividade nas réplicas entre todos os colaboradores, mesmo no uso de lexias como *saci-pererê*, *cotó*.

A variante *perneta* foi proferida quatro vezes dentre as 29 respostas dadas pelos colaboradores, porém sempre seguida da lexia *aleijada* que trazia a palavra “pessoa” antes de se proferir o vocábulo *aleijada* (pessoa aleijada), possivelmente colocando, inconscientemente, o indivíduo antes de seu problema, ligado, provavelmente, ao sentimento de consideração ao outro. Portanto, como a predominância nas respostas de nossos colaboradores foi a variante *aleijada*, registra-se a evidência da influência da língua oficial do país sobre esse uso linguístico em SGC.

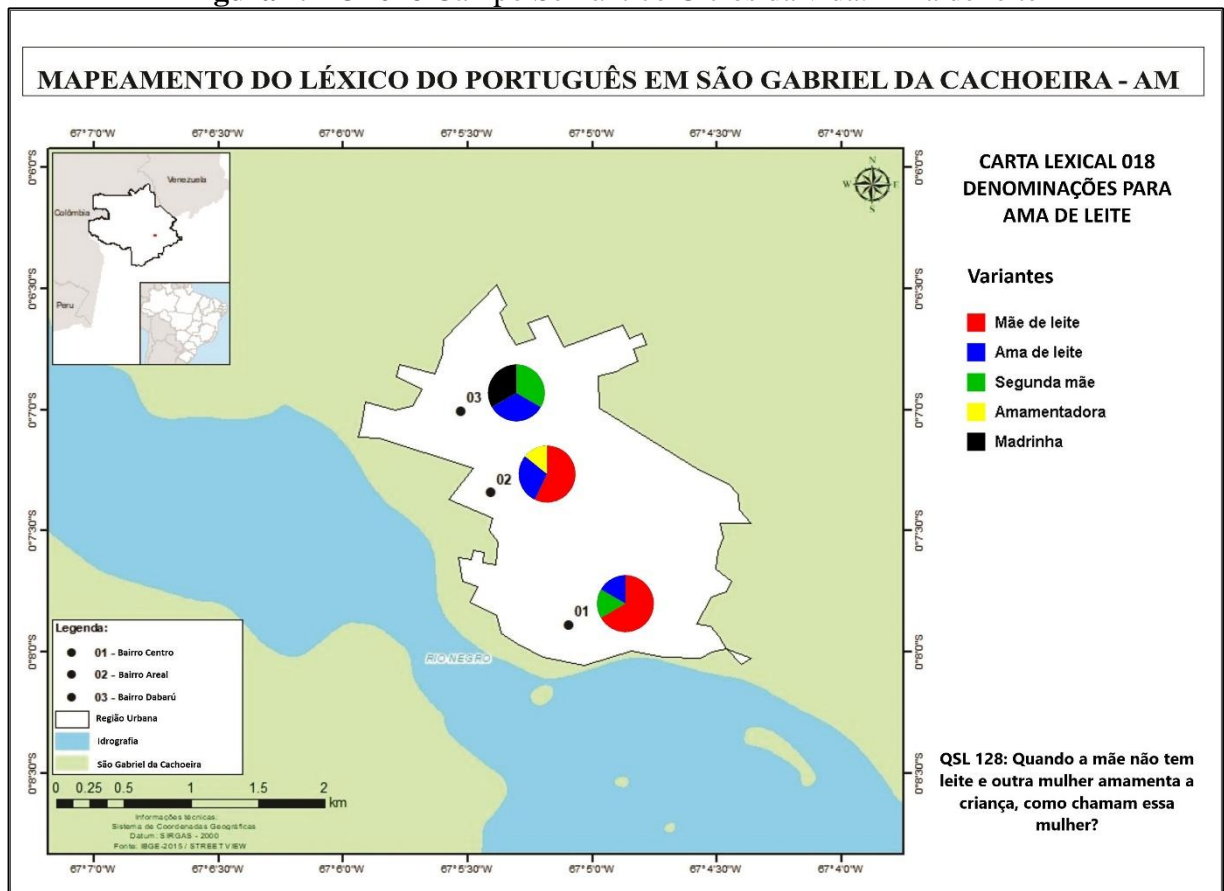
Figura 48- Aleijada



Fonte: <https://www.google.com/search?q=perneta&source>

5.18 Item lexical Ama de Leite

Figura 49- CL018 Campo Semântico Ciclos da vida: Ama de leite



Fonte: Felix (2018).

5.18.1 Dimensão Diatópica

Observam-se os dados diatópicos na carta 018: *ama de leite*, cuja variante *mãe de leite* tem predominância em dois pontos. A ocorrência por ponto de inquérito foi: Bairro Centro: 66.67%; Bairro Areal: 57.14%. No ponto 03, Bairro Dabarú, ocorre um equilíbrio entre as variantes *ama de leite*, *segunda mãe* e *madrinha*, com 33.33% para cada lexia, e apresentou a variante *madrinha*, que não foi registrada nos outros pontos. No Bairro 01, Centro, a predominância é da variante *mãe de leite*, seguida de *ama de leite* e de *segunda mãe*. No Bairro 02, Areal, as mais produtivas são *mãe de leite* e *ama de leite*, e apresenta também uma variante que não foi registrada nos outros Bairros, *amamentadora*. Nenhum dos três pontos preferiu lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que a dimensão diatópica não foi significativa para a variação deste item lexical.

5.18.2 Dimensão Diageracional

Tabela 52 – Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Ama de leite.

FATOR DIAGERACIONAL				
Variantes	1ª faixa etária		2ª faixa etária	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Mãe de leite	3	42.86%	5	55.56%
Ama de leite	2	28.57%	2	22.22%
Segunda mãe	2	28.57%	-	0.00%
Amamentadora	-	0.00%	1	11.11%
Madrinha	-	0.00%	1	11.11%
Outras	-	0.00%	-	0.00%
Total	7	100%	9	100%

Fonte: Felix (2018).

Os dados revelam que, na dimensão idade, a variante *mãe de leite* foi a mais frequente tanto na primeira quanto na segunda faixa, com o percentual de produtividade a mais de 12.70% na segunda faixa etária. Houve equilíbrio no número de ocorrência da segunda lexia, *ama de leite*, nas duas faixas etárias. A lexia *segunda mãe* não ocorreu entre os mais velhos. E as lexias *amamentadora* e *madrinha* não correram entre os mais novos. Ambas as faixas etárias preferiram várias lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram quanto o fator idade não foi significativo para a variação deste item lexical.

5.18.3 Dimensão Diassexual

Tabela 53 – Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Ama de leite

FATOR DIASSEXUAL				
Variantes	Feminino		Masculino	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Mãe de leite	5	50.00%	3	50.00%
Ama de leite	3	30.00%	1	16.67%
Segunda mãe	1	10.00%	1	16.67%
Amamentadora	-	0.00%	1	16.67%
Madrinha	1	10.00%	-	0.00%
Outras	-	0.00%	-	0.00%
Total	10	100%	6	100%

Fonte: Felix (2018).

A dimensão diassexual é evidenciada na carta 018, acerca da variável *ama de leite*, cujos resultados mostram que a variante *mãe de leite é a* mais produtiva entre os dois sexos, e mais frequente entre as mulheres, com duas ocorrências a mais, embora com o mesmo percentual. A segunda lexia mais recorrente entre mulheres e homens foi *ama de leite*, com maior frequência também entre o sexo feminino. A variante *segunda mãe* também foi referida pelos dois sexos com apenas uma ocorrência em cada sexo. A lexia *amamentadora* foi referida apenas entre os homens. A variante *madrinha* foi referida somente entre as mulheres. Ambos os sexos não preferiram lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator diassexual não foi significativo para a variação deste item lexical.

5.18.4 Dimensão Diastrática

Tabela 54 – Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Ama de leite.

VARIANTES	FUNDAMENTAL		MÉDIO	
Mãe de leite	5	62.50%	3	37.50%
Ama de leite	2	25.00%	2	25.00%
Segunda mãe	1	12.50%	1	12.50%
Amamentadora	-	0.00%	1	12.50%
Madrinha	-	0.00%	1	12.50%
OUTRAS	-	0.00%	-	0.00%
TOTAL	8	100%	8	100%

Fonte: Felix (2018).

No que se refere à escolaridade, verifica-se que a variante *ama de leite* foi a mais frequente entre os dois níveis de ensino, sendo mais produtiva no Ensino Fundamental com o percentual de diferença a mais de 25.00%. A lexia *ama de leite* ocorreu nos dois níveis de instrução de forma equilibrada com o percentual também de 25.00%. A lexia *segunda mãe* foi registrada nos dois níveis e as variantes *amamentadora* e *madrinha* só ocorreram no ensino Médio. Ambos os níveis de escolaridade não apresentaram lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator diastrático não foi significativo para a variação deste item lexical.

5.18.5 Variação do item lexical Ama de leite nos Atlas e Dicionários

Quadro 45- Variação de Ama de leite – ALiB, ALAM, ALSAM

SGC	ALiB	ALAM	ALSAM
Mãe de leite	X	-	X
Ama de leite	X	-	-
Segunda mãe	X	-	-
Amamentadora	-	-	-

Fonte: Felix (2018).

Carta 018 (ama de leite). Como é possível verificar no quadro 45 a variante *mãe de leite* é registrada pelo ALiB no campo semântico Ciclos da vida, em que apresenta o item lexical *ama de leite* na questão 128, porém não é registrada pelo ALAM; e o ALSAM, apresenta a carta L132, cuja variante mais produtiva é *mãe de leite*. Como é possível verificar no quadro 45, a variante mais frequente proferida em SGC está presente em um dos Atlas do Amazonas, coincidindo também com a maior frequência. A partir do que é visto no quadro acima, pode-se inferir que os dados pertencentes ao ALSAM, não se aproximam na totalidade das variantes registradas em São Gabriel, porém observa-se proximidade, neste item lexical, com esse Atlas em relação à variante predominante registrada em SGC.

Quadro 46- Variação de Ama de leite nos Dicionários

VARIANTES	DICIONÁRIO Língua Portuguesa Aurélio	DICIONÁRIO Nheengatu Stradelli (1929)	DICIONÁRIO Líguas Indígenas Barbosa Rodrigues (1894)	DICIONÁRIO Tupi Lemos Barbosa (1951)	DICIONÁRIO Histórico Geraldo da Cunha (1978)
Mãe de leite	X	-	-	-	-
Ama de leite	X	-	-	-	-
Segunda mãe	X	-	-	-	-
Amamentadora	X	-	-	-	-
Madrinha	X	-	-	-	-

Fonte: Felix (2018).

O quadro 46, que registrou a presença/ausência das variantes para *ama de leite* nos dicionários consultados, revela que a maioria deles não apresentam o registro desse item lexical, exceto o Aurélio que registrou todas as variantes, porém nem todas com a mesma acepção desta pesquisa. Quanto a Stradelli, a Barbosa Rodrigues, a Lemos Barbosa e a Geraldo da Cunha registraram as palavras mãe e leite (cy/sy e camby/kamy), mas não *mãe de leite*, ou seja, com a

acepção semântica da pesquisa. Cabe aqui, um registro acerca do cotidiano em SGC sobre a lexia *mãe de leite*:

Sabe-se que o ato de amamentar é consequência instintiva e genuína do parto natural entre as mulheres indígenas, que carregam, compativelmente, seus filhos durante toda a jornada diária de trabalho. A variante *mãe de leite* (icambysára/ camby-iára em Nheengatu) pode ainda configurar uma propriedade característica de uso linguístico do espaço geográfico ligado aos hábitos e aos costumes da cultura das mulheres indígenas. Portanto, como a predominância nas respostas de nossos colaboradores foi a variante *mãe de leite*, registra-se a evidência da influência da língua oficial do país sobre esse uso linguístico em SGC.

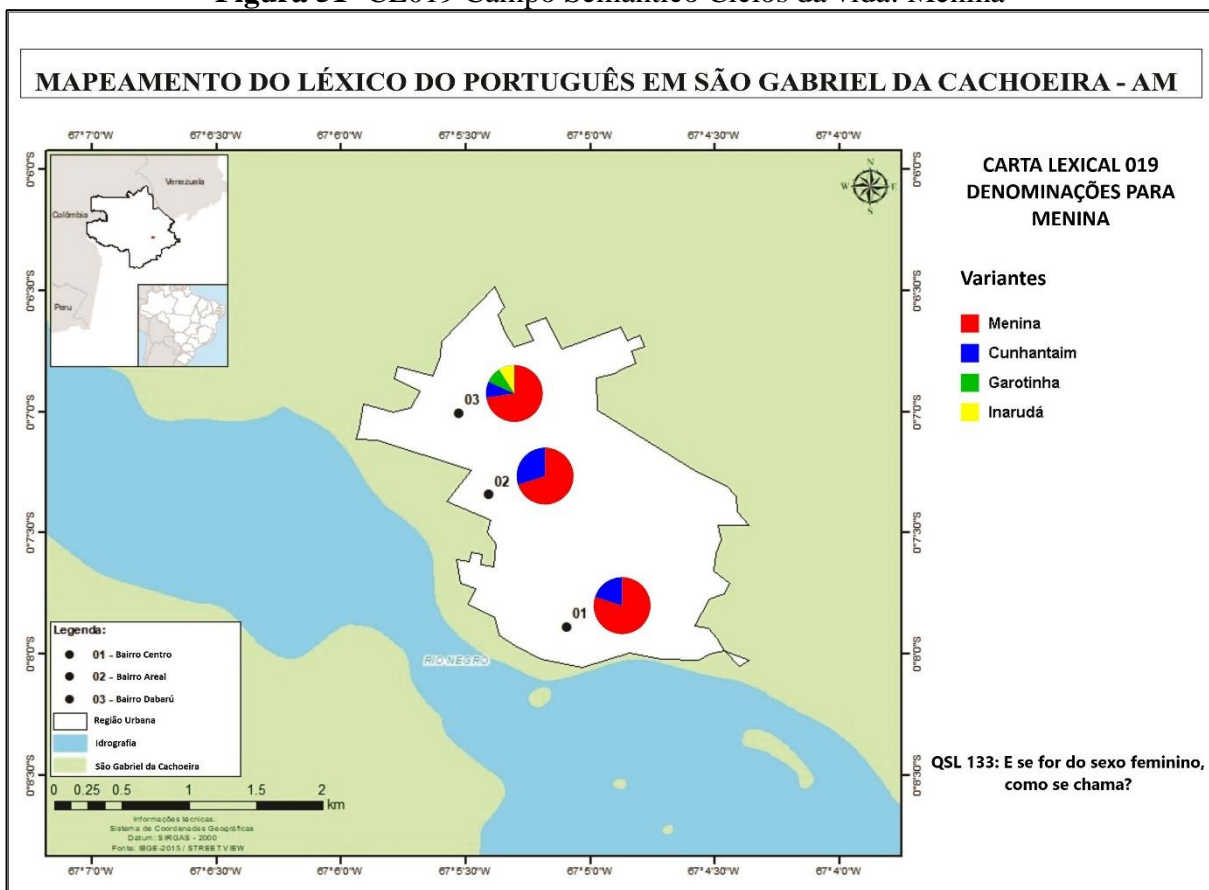
Figura 50- Mãe de leite



Fonte: <http://blogs.correiobraziliense.com.br/consultoriosentimental/mae-de-gente-e-de-bicho/>

5.19 Item lexical Menina

Figura 51- CL019 Campo Semântico Ciclos da vida: Menina



Fonte: Felix (2018).

5.19.1 Dimensão Diatópica

Observam-se dados diatópicos na carta 019: *menina*, cuja variante *menina* tem predominância nos três pontos. A ocorrência por ponto de inquérito foi: Bairro Centro: 80.00%; Bairro Areal: 70.00% e Bairro Dabarú: 72.73%. Os dados apontam que o Bairro 01, Centro, a predominância é da lexia *menina* seguida da variante *cunhantaim*, segunda mais produtiva. No Bairro 02, Areal, a predominância é também da variante *menina* seguida da lexia *cunhantaim*, como segunda mais produtiva. No Bairro 03, Dabarú, há também predominância da variante *menina* e apresenta equilíbrio entre as variantes *cunhantaim*, *garotinha* e *inarudá*. Nenhum ponto apresentou lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que a dimensão diatópica não foi significativa para a variação deste item lexical.

5.19.2 Dimensão Diageracional

Tabela 55 – Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical *Menina*

FATOR DIAGERACIONAL				
Variantes	1ª faixa etária		2ª faixa etária	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Menina	11	78.57%	12	70.59%
Cunhantaim	3	21.43%	3	17.65%
Garotinha	-	0.00%	1	5.88%
Inarudá	-	0.00%	1	5.88%
Total	14	100%	17	100%

Fonte: Felix (2018).

Os dados revelam que, na dimensão idade, a variante *menina* foi a mais frequente na primeira e na segunda faixa etária, com o número maior de ocorrência entre os mais velhos. As variantes *garotinha* e *inarudá* não ocorreram entre os mais jovens. Somente a segunda faixa etária apresentou lexias *para outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator idade não foi significativo para a variação deste item lexical.

5.19.3 Dimensão Diassexual

Tabela 56 – Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical *Menina*

FATOR DIASSEXUAL				
Variantes	Feminino		Masculino	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Menina	12	85.71%	11	64.71%
Cunhantaim	2	14.29%	4	23,53%
Outras	-	0.00%	2	11.16%
Total	14	100%	17	100%

Fonte: Felix (2018).

A dimensão diassexual é evidenciada na carta 019, acerca da variável *menina*, cujos resultados mostram que a variante *menina* é mais produtiva tanto na fala feminina quanto na masculina, sendo a maior frequência entre as mulheres com o percentual de diferença a mais de 21.00%. A variante *cunhantaim* foi a segunda maior frequência entre os sexos, sendo mais produtiva entre os homens. Somente os homens proferiram lexias *para outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator diassexual não foi significativo para a variação deste item lexical.

5.19.4 Dimensão Diastrática

Tabela 57 – Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Menina

VARIANTES	FUNDAMENTAL		MÉDIO	
Menina	12	70.59%	11	78.57%
Cunhantaim	3	17.65%	3	21.43%
OUTRAS	2	11.76%	-	0.00%
TOTAL	17	100%	14	100%

Fonte: Felix (2018).

No que se refere à escolaridade, verifica-se que a variante *menina* foi a mais frequente entre os dois níveis de ensino, sendo sutilmente mais produtiva no Ensino Médio com o percentual de diferença de 7.98%. A lexia *cunhantaim* ocorreu nos dois níveis de instrução com mesmo número de ocorrência. Somente os colaboradores do Ensino Fundamental proferiram lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator diastrático não contribui para a variação deste item lexical.

5.19.5 Variação do item lexical Menina nos Atlas e Dicionários

Quadro 47- Variação de Menina – ALiB, ALAM, ALSAM

SGC	ALiB	ALAM	ALSAM
Menina	X	-	X
Cunhantaim/Cunhantã	-	X	X
Garotinha	X	X	X
Inarudá	-	-	-

Fonte: Felix (2018).

Carta 019 (*menina*). Como podemos observar a seguir, no campo semântico Ciclos da Vida, o ALiB retrata o item lexical *menina*, na questão 133 do QSL, com suas ocorrências em três regiões brasileiras, as quais apresentam como mais produtiva, no universo de todas as respostas, a variante *menina*, nas três regiões: Sudeste (71,19%), Centro-Oeste (61,94%) e Sul (60,99%). No Centro-Oeste e no Sul, a segunda variante mais produtiva foi *guria* com 17,91% e 25,56%, respectivamente. A forma lexical *garota* foi a segunda variante mais produtiva nos municípios da região Sudeste, representando 16,10% das respostas, seguindo-se da variante *mocinha* (7,06%). As formas *garota* e *moleca*, no Centro Oeste, representam a terceira variante mais produtiva, ambas com 6,72% de produtividade, enquanto *mocinha* ocupa a quarta colocação, com 5,97% de produtividade.

O ALAM trabalhou com o item lexical *cunhantã* (Carta 40), de origem tupi, moça pequena de até 10 anos de idade, que parece estar em desuso, apresentando ocorrência apenas em quatro dos nove pontos de inquérito da pesquisa. E o ALSAM apresentou cinco variantes para o item lexical *menina* (L137): *menina*, *cunhantã*, *garota*, *mocinha/moça* e *guria*, sendo a mais produtiva a lexia *menina*.

Como é possível verificar no quadro 47 a variante *menina* é registrada pelo ALSAM e pelo ALiB. Como o ALAM analisa o item *cunhantã*, não é possível fazer relação com a variante mais produtiva de SGC. Foram confirmadas no ALAM e no ALSAM as variantes *cunhantaim/cunhantã* e *garota/garotinha* registradas em SGC. A partir do que é visto no quadro acima, comparando os dados que esse item lexical apresentou na fala dos colaboradores de São Gabriel com os dados dos demais atlas, é possível verificar que duas das quatro principais variantes são pertinentes ao ALSAM e ao ALiB e em menor escala ao ALAM. Portanto, observa-se proximidade com o ALSAM em relação à variante predominante registrada em SGC.

Quadro 48- Variação de Menina nos Dicionários

VARIANTES	DICIONÁRIO Língua Portuguesa Aurélio	DICIONÁRIO Nheengatu Stradelli (1929)	DICIONÁRIO Líguas Indígenas Barbosa Rodrigues (1894)	DICIONÁRIO Tupi Lemos Barbosa (1951)	DICIONÁRIO Histórico Geraldo da Cunha (1978)
Menina	X	-	-	-	-
Cunhantaim/Cunhantã	-	X	X	X	X
Garotinha	X	-	-	-	-
Inarudá	-	X	-	-	-

Fonte: Felix (2018).

O quadro 48, que registrou a presença/ausência das variantes para *menina* nos dicionários consultados, revela que a maioria deles não apresenta o registro desse item lexical, exceto no Aurélio que registrou duas variantes. Quanto aos dicionários indígenas, todos registraram a segunda variante mais produtiva: *cunhatã*. Stradelli, registrou *cunhantã/cunhã taína*; Barbosa Rodrigues, *kuñã tã*; Lemos Barbosa, *cunhãtaí* e Geraldo da Cunha, *cunhantã/cunhataí*. Essa é uma amostra de como o Português vem alcançando espaço cada vez maior, embora a variante *cunhantaim* seja a segunda mais frequente, é a lexia *menina* que vem se estabelecendo como uso habitual. Portanto, como a predominância nas respostas de nossos colaboradores foi a variante *menina*, registra-se a evidência da influência da língua oficial do país sobre esse uso linguístico em SGC.

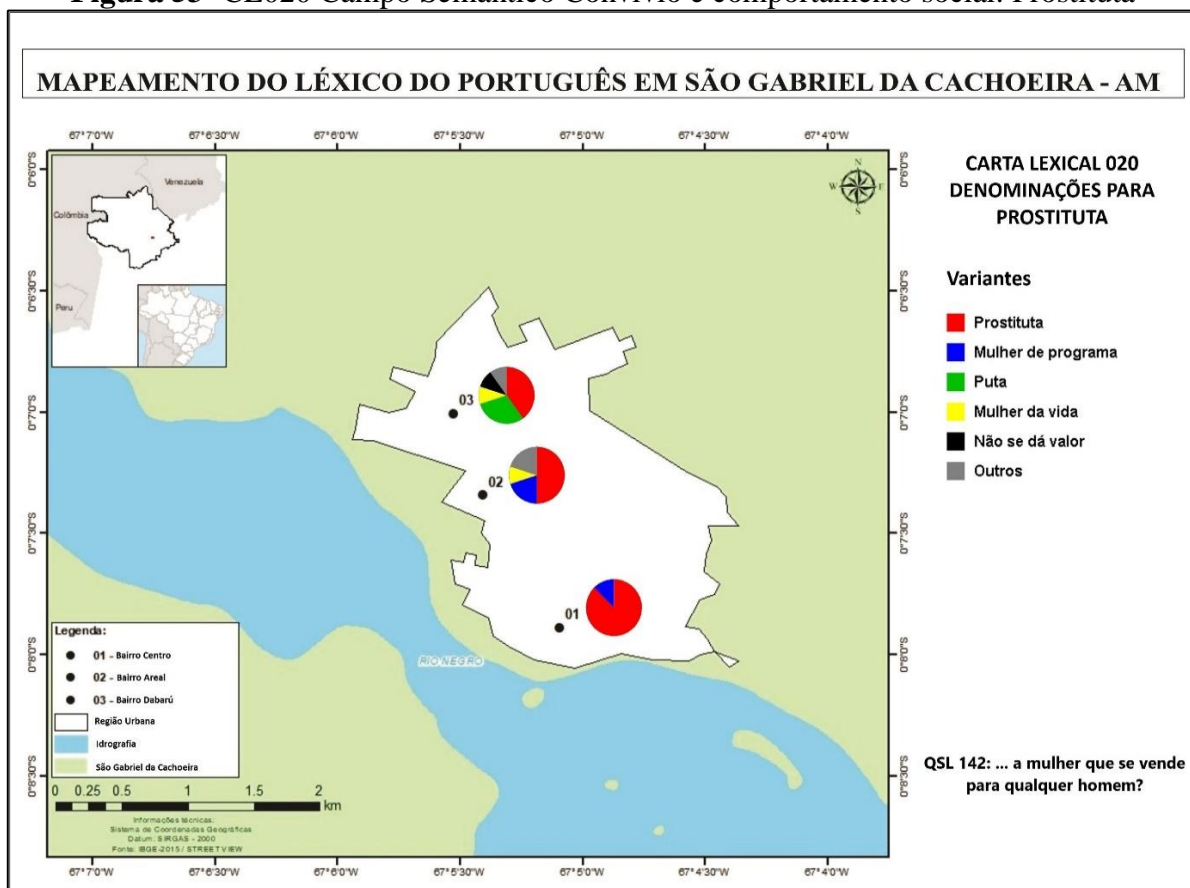
Figura 52- Menina



Fonte: Felix (2017)

5.20 Item lexical Prostituta

Figura 53- CL020 Campo Semântico Convívio e comportamento social: Prostituta



Fonte: Felix (2018).

5.20.1 Dimensão Diatópica

Observam-se dados diatópicos na carta 020: *prostituta*, cuja variante *prostituta* tem predominância nos três pontos. A ocorrência por ponto de inquérito foi: Bairro Centro: 87.50%; Bairro Areal: 50.00% e Bairro Dabarú: 40.00%. Os dados apontam que o Bairro 01, Centro, a predominância é da lexia *prostituta*, seguida da lexia *mulher de programa*. No Bairro 02, Areal, a predominância é igualmente da variante *prostituta* seguida de *mulher de programa* e *mulher da vida*. No Bairro 03, Dabarú, a predominância também é da variante *prostituta*, seguida de *puta*, *mulher da vida*. Somente o ponto 01 não preferiu lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que a dimensão diatópica foi significativa para a variação deste item lexical.

5.20.2 Dimensão Diageracional

Tabela 58 – Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Prostituta

FATOR DIAGERACIONAL				
Variantes	1ª faixa etária		2ª faixa etária	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Prostituta	8	57.14%	8	57.14%
Mulher de programa	1	7.14%	3	21.43%
Putas	2	14.29%	1	7.14%
Mulher da vida	1	7.14%	1	7.14%
Outras	2	14.29%	1	7.14%
Total	14	100%	14	100%

Fonte: Felix (2018).

Os dados revelam que, na dimensão idade, a variante *prostituta* foi a mais frequente com o mesmo percentual representativo de produtividade tanto na primeira quanto na segunda faixa etária. A segunda lexia, *mulher de programa*, apresentou na segunda faixa etária maior ocorrência, com 14.29% de diferença entre os mais velhos. Na segunda faixa etária, as demais variantes ocorreram com baixa frequência. Na primeira faixa etária, a variante *puta* foi a segunda mais frequente com baixa produtividade assim como as demais lexias. Ambas faixas preferiram poucas lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator idade não foi significativo para a variação deste item lexical.

5.20.3 Dimensão Diassexual

Tabela 59 – Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Prostituta

FATOR DIASSEXUAL				
Variantes	Feminino		Masculino	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Prostituta	8	50.00%	8	66.67%
Mulher de programa	2	12.50%	1	8.33%
Puta	2	12.50%	1	8.33%
Mulher da vida	2	12.50%	-	0.00%
Outras	2	25.00%	2	16.66%
Total	16	100%	12	100%

Fonte: Felix (2018).

A dimensão diassexual é evidenciada na carta 020, acerca da variável *prostituta*, cujos resultados mostram que a variante *prostituta é a* mais produtiva nas falas feminina e masculina com equilíbrio entre as ocorrências. Sendo registrados os percentuais de 50.00% entre as mulheres e 66.67% entre os homens. As demais variantes apresentaram baixo número de ocorrência. Ambos os sexos proferiram lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator diassexual não foi significativo para a variação deste item lexical.

5.20.4 Dimensão Diastrática

Tabela 60 – Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Prostituta

VARIANTES	FUNDAMENTAL		MÉDIO	
Prostituta	6	42.86%	10	71.43%
Mulher de programa	2	14.29%	1	7.14%
Puta	3	21.43%	-	0.00%
Mulher da vida	-	0.00%	2	14.29%
OUTRAS	3	21.42%	1	7.14%
TOTAL	14	100%	14	100%

Fonte: Felix (2018).

No que se refere à escolaridade, verifica-se que a variante *prostituta* foi a mais frequente entre os dois níveis de ensino, sendo mais produtiva no Ensino Médio com o percentual de diferença a mais de 28.57%. A lexia *mulher de programa* ocorreu nos dois níveis de instrução sendo mais frequente no Ensino Fundamental. A lexia *mulher da vida* só ocorreu no primeiro

nível de Ensino, assim como a variante *puta* só foi registrada no Ensino Médio. Os colaboradores de ambos os níveis de escolaridade proferiram lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator diastrático não contribui para a variação deste item lexical.

5.20.5 Variação do item lexical Prostituta nos Atlas e Dicionários

Quadro 49- Variação de Prostituta – ALiB, ALAM, ALSAM

SGC	ALiB	ALAM	ALSAM
Prostituta	X	X	X
Mulher de programa	X	-	-
Putá	X	X	X
Mulher da vida	X	-	X

Fonte: Felix (2018).

Carta 020 (*prostituta*). Como é possível verificar no quadro 49 a variante *prostituta* é registrada pelos três Atlas. Como podemos observar no campo semântico Convívio e Comportamento Social, no ALAM, é registrado igualmente o item lexical *prostituta* na Carta 74 e no ALSAM na carta L146 também apresenta o item *prostituta*. Como é possível verificar no quadro 49 a variante *prostituta* é registrada tanto pelo ALSAM quanto pelo ALAM na região. Ambos apontam a variante *prostituta* como a mais recorrente no Amazonas, assim como em SGC. No ALiB foram confirmadas todas as variantes proferidas em SGC. No ALAM, houve ocorrência de duas variantes, entretanto não apresentou as lexias *mulher de programa* e *mulher da vida* registradas em SGC. Por outro lado, o ALSAM confirma todas as variantes de SGC, exceto a lexia *mulher de programa*.

A partir do que é visto no quadro acima, comparando os dados que esse item lexical apresentou na fala dos colaboradores de São Gabriel com os dados dos demais atlas, é possível verificar que duas das quatro principais variantes são pertinentes ao ALAM e em maior escala ao ALiB e quase totalidade com o ALSAM. Observando-se proximidade, neste item lexical, com este Atlas em relação à variante predominante registrada em SGC.

Quadro 50- Variação de Prostituta nos Dicionários

VARIANTES	DICIONÁRIO Língua Portuguesa Aurélio	DICIONÁRIO Nheengatu Stradelli (1921)	DICIONÁRIO Líguas Indígenas Barbosa Rodrigues (1894)	DICIONÁRIO Tupi Lemos Barbosa (1951)	DICIONÁRIO Histórico Geraldo da Cunha (1976)
Prostituta	X	-	-	-	-
Mulher de programa	X	-	-	-	-
Putá	X	-	-	-	-
Mulher da vida	X	-	-	-	-

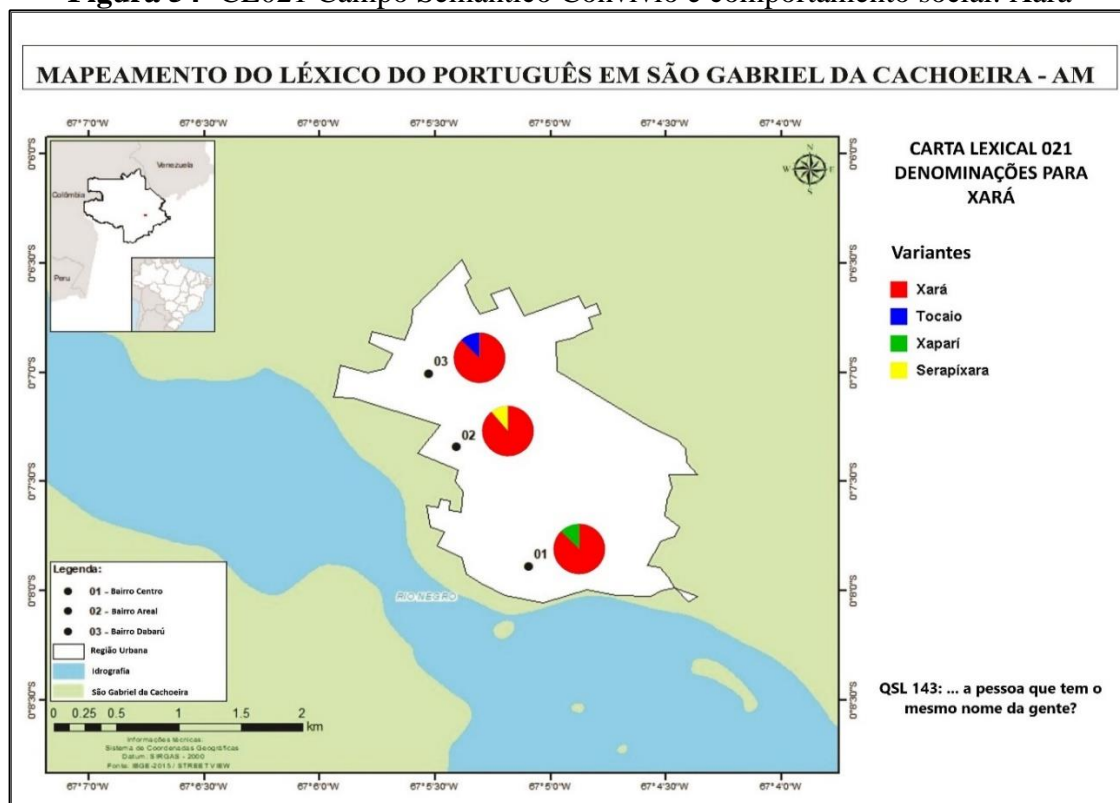
Fonte: Felix (2018).

O quadro 50, que registrou a presença/ausência das variantes para *prostituta* nos dicionários consultados, revela que o Aurélio é o único que registra todas variantes proferidas em SGC. Quanto aos dicionários indígenas, dois deles apresentaram a lexia *patacuéra* (Stradelli) e *patakira* (Barbosa Rodrigues). Lemos Barbosa e Geraldo da Cunha não apresentam a entrada deste item lexical. Ainda que as variantes indígenas iniciem pela letra “p”, não há relação da palavra prostituta seja de origem Tupi. Cabe aqui, um breve registro acerca do cotidiano em SGC sobre a lexia *prostituta*:

Em SGC, assim como em grande parte do país, há um sério problema de aliciamento de menores de idade para a prostituição, e conforme o relatado de vários dos entrevistados, em SGC também ocorre o aliciamento de índias menores de idade. E a percepção do pesquisador, no momento da entrevista, foi de extrema importância para se perceber nas respostas dos colaboradores, uma certa preocupação com a escolha da variante “adequada”, e não foi percebido também nenhum traço de depreciação nessa seleção. Portanto, essa é uma amostra de como o Português vem alcançando espaço cada vez maior, e a variante *prostituta* vem se estabelecendo como uso habitual entre os são-gabrielenses, registra-se a evidência da influência da língua oficial do país sobre esse uso linguístico em SGC.

5.21 Item lexical Xará

Figura 54- CL021 Campo Semântico Convívio e comportamento social: Xará



Fonte: Felix (2018).

5.21.1 Dimensão Diatópica

Observam-se dados diatópicos na carta 021: *xará*, cuja variante *xará* tem forte predominância nos três pontos. A ocorrência por ponto de inquérito foi: Bairro Centro: 87.50%; Bairro Areal: 88.89% e Bairro Dabarú: 87.50%. Os dados apontam que o Bairro 01, Centro, a predominância é da lexia *xará* com ocorrência acima de 80%. No Bairro 02, Areal, a predominância é igualmente da variante *xará* com quase 90%. No Bairro 03, Dabarú, assim como os demais Bairros, apresentou *xará* como a variante mais produtiva, também com percentual superior a 80%. Os três pontos apresentaram apenas uma lexia para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator diatópico foi significativo para a variação deste item lexical.

5.21.2 Dimensão Diageracional

Tabela 61 – Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Xará

FATOR DIAGERACIONAL				
Variantes	1ª faixa etária		2ª faixa etária	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Xará	11	84.62%	11	91.67%
Tocaió	-	0.00%	1	8.33%
Xaparí	1	7.69%	-	0.00%
Serapíxara	1	7.69%	-	0.00%
OUTRAS	-	0.00%	-	0.00%
Total	13	100%	12	100%

Fonte: Felix (2018).

Os dados revelam que, na dimensão idade, a variante *xará* foi a predominante com um percentual representativo de produtividade nas duas faixas etárias, com uma sutil diferença a mais no percentual de 7.05% para a segunda faixa. As demais variantes tiveram apenas uma ocorrência. Ambas as faixas não pronunciaram lexias para *outras variantes*.

5.21.3 Dimensão Diassexual

Tabela 62 – Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Xará

FATOR DIASSEXUAL				
Variantes	Feminino		Masculino	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Xará	10	90.91%	12	85.71%
Tocaió	-	0.00%	1	7.14%
Xaparí	-	0.00%	1	7.14%
Serapíxara	1	9.09%	-	0.00%
OUTRAS	-	0.00%	-	0.00%
Total	11	100%	14	100%

Fonte: Felix (2018).

A dimensão diassexual é evidenciada na carta 021, acerca do item lexical *xará*, cujos resultados mostram que a variante *xará* foi a mais produtiva tanto na fala feminina quanto na masculina, com uma sutil diferença de percentual a mais entre as mulheres de 5.20%. As demais lexias proferidas foram de baixa frequência para registro nesta dimensão. Os percentuais mostram que o fator diassexual não foi significativo para a variação deste item lexical.

5.21.4 Dimensão Diastrática

Tabela 63 – Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Xará

VARIANTES	FUNDAMENTAL		MÉDIO	
Xará	11	78.57%	11	100.00%
Tocaio	1	7.14%	-	0.00%
Xaparí	1	7.14%	-	0.00%
Serapíxara	1	7.14%	-	0.00%
TOTAL	14	100%	11	100%

Fonte: Felix (2018).

No que se refere à escolaridade, verifica-se que a variante *xará* foi a mais frequente entre os dois níveis de ensino, sendo mais produtiva no Ensino Médio atingindo o percentual de 100.00%, e no Ensino Fundamental com 78.57%. Os colaboradores do primeiro Nível de Ensino foram os únicos a apresentar lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator diastrático foi significativo para a variação deste item lexical.

5.21.5 Variação do item lexical Xará nos Atlas e Dicionários

Quadro 51- Variação de Xará – ALiB, ALAM, ALSAM

SGC	ALiB	ALAM	ALSAM
Xará	X	-	-
Tocaio	-	-	-
Xaparí	-	-	-
Serapíxara	-	-	-

Fonte: Felix (2018).

Carta 021 (*xará*). Como já foi assinado anteriormente, há lexias cujo significado não é tão contrastante entre os atlas, como podemos observar também no campo semântico Convívio e comportamento social, em que o ALiB apresenta o item lexical *xará* na questão 143 do QSL alcançou quase 100% de frequência na maioria das capitais. Nem o ALAM e nem o ALSAM apresentaram cartas para esse item lexical. A partir do que é visto no quadro acima, comparando os dados que esse item lexical apresentou na fala dos colaboradores de São Gabriel com os dados dos demais atlas, é possível verificar uma vizinhança, neste item lexical, com os dados do ALiB.

Quadro 52- Variação de Xará nos Dicionários

VARIANTES	DICIONÁRIO Língua Portuguesa Aurélio	DICIONÁRIO Nheengatu Stradelli (1921)	DICIONÁRIO Líguas Indígenas Barbosa Rodrigues (1894)	DICIONÁRIO Tupi Lemos Barbosa (1951)	DICIONÁRIO Histórico Geraldo da Cunha (1976)
Xará	X	-	-	-	-
Tocaio	X	-	-	-	-
Xaparí	-	-	-	-	-
Serapíxara	-	-	-	-	-

Fonte: Felix (2018).

O quadro 52, que registrou a presença/ausência das variantes para *xará* nos dicionários consultados, revela que na maioria deles não apresentam o registro desse item lexical, exceto no Aurélio que registrou duas variantes, *xará*, como vinda da expressão tupí-guaraní “sa rara”, um termo derivado de “se rera” significando no antigo idioma “aquele que tem meu nome”. A segunda lexia registrada no Aurélio foi *tocaio*, como sinônimo de *xará*, utilizada na região sul do Brasil próxima aos país de língua espanhola, justifica-se esse uso, visto que em SGC a língua espanhola é comum entre os índios, por causa das relações comerciais com a fronteira da Colômbia. Quanto ao Stradelli, igualmente registrou a variante *xará* (ce-cera / ce-cerauára) com o mesmo valor semântico da pesquisa. Barbosa Rodrigues, Lemos Barbosa e Geraldo da Cunha não apresentam a entrada deste item lexical.

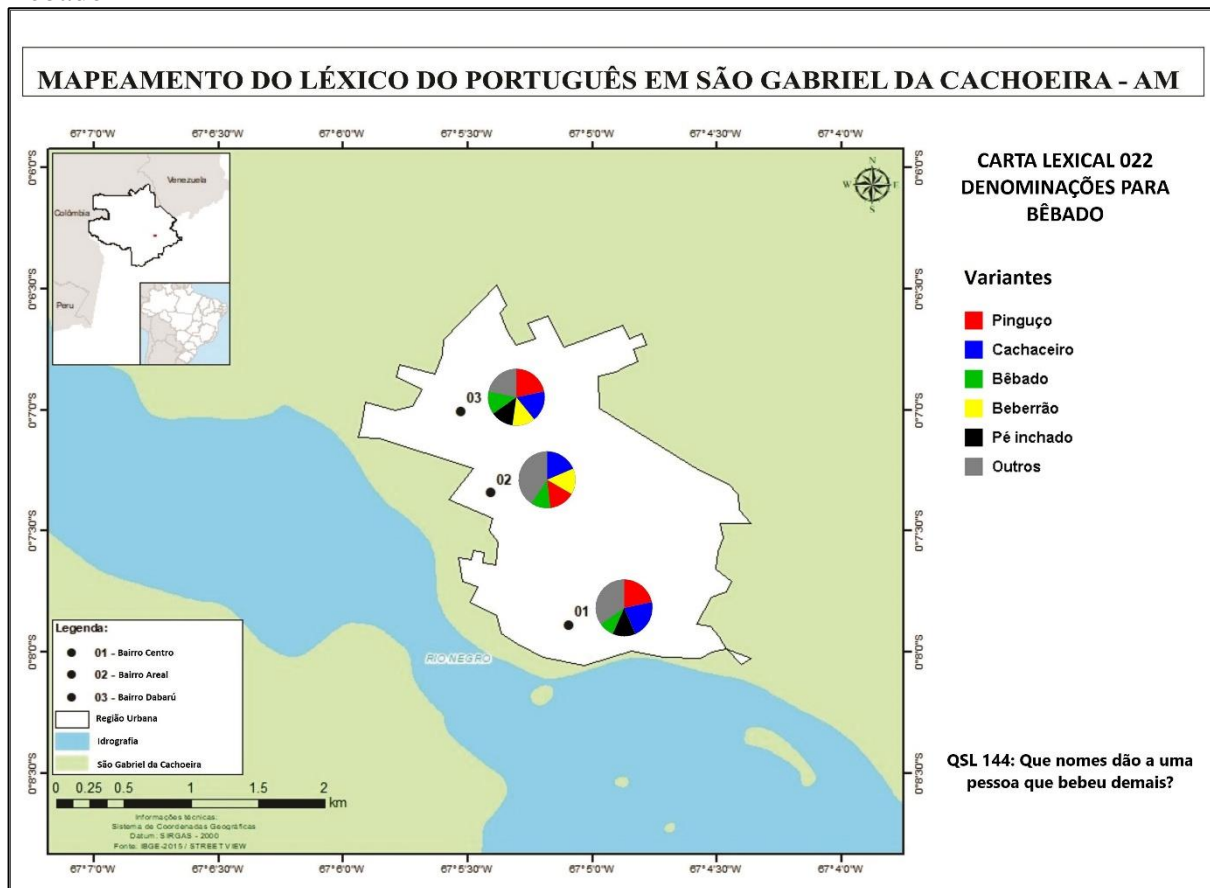
Portanto, com a variante mais produtiva em SGC, *xará*, registra-se a evidência da influência da língua oficial do país sobre esse uso linguístico em SGC.

Figura 55 - Xará

Fonte: <https://www.google.com/imgres?imgurl=https%3A%2F%>

5.22 Item lexical Bêbado

Figura 56 - CL022 Campo Semântico Convívio e comportamento social: Designações para Bêbado



Fonte: Felix (2018).

5.22.1 Dimensão Diatópica

Observam-se dados diatópicos na carta 022: *bêbado*, cuja variante *pinguço* tem predominância nos três pontos. A ocorrência por ponto de inquérito foi: Bairro Centro: 21.74%; Bairro Areal: 14.81% e Bairro Dabarú: 21.74%. Os dados apontam que o Bairro 01, Centro, a predominância é da lexia *pinguço* e das quatro outras variantes mais produtivas, só não ocorreu *pé inchado*. No Bairro 02, Areal, a predominância é da lexia *cachaceiro* e das quatro variantes mais produtivas, não foi proferida uma delas: *pé inchado*. No Bairro 03, Dabarú, a predominância também é de *pinguço* e apresenta a ocorrência de todas as lexias mais produtivas. Os três pontos apresentam elevado percentual do uso de *outras variantes*. Os percentuais mostram que a dimensão diatópica não foi significativa para a variação deste item lexical.

5.22.2 Dimensão Diageracional

Tabela 64 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Designações de bêbado

FATOR DIAGERACIONAL				
Variantes	1ª faixa etária		2ª faixa etária	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Pinguço	8	19.51%	6	18.75%
Cachaceiro	6	14.63%	8	25.00%
Bêbado	4	9.76%	4	12.50%
Beberrão	4	9.76%	3	9.38%
Pé inchado	4	9.76%	2	6.25%
Outras	15	36.58%	9	28.12%
Total	41	100%	32	100%

Fonte: Felix (2018).

Os dados revelam que, na dimensão idade, a variante *pinguço* foi a mais frequente com um percentual representativo de produtividade na primeira faixa etária. Na segunda faixa etária, a variante *cachaceiro* foi a mais frequente. A lexia *bêbado* apresentou o mesmo percentual de ocorrência nas duas faixas. As variantes *beberrão* e *pé inchado* foram mais frequentes entre os mais jovens. Ambas as faixas etárias proferiram várias lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram quanto o fator idade não contribui para a variação deste item lexical.

5.22.3 Dimensão Diassexual

Tabela 65 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Designações de bêbado

FATOR DIASSEXUAL				
Variantes	Feminino		Masculino	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Pinguço	7	16.67%	7	22.58%
Cachaceiro	7	16.67%	7	22.58%
Bêbado	5	11.90%	3	9.68%
Beberrão	4	9.52%	3	9.68%
Pé inchado	4	9.52%	2	6.45%
Outras	15	35.72%	9	29.03%
Total	42	100%	31	100%

Fonte: Felix (2018).

A dimensão diassexual é evidenciada na carta 022, acerca da variável *bêbado*, cujos resultados mostram que as variantes *cachaceiro* e *pinguço* são as mais produtivas tanto na fala

feminina quanto na fala masculina equilibradamente, sendo registrados os percentuais de 16.67% e 22.58% para cada lexia, respectivamente. A variante *bêbado* foi a segunda maior frequência entre as mulheres. E entre os homens ocorreu, na segunda maior frequência, também um equilíbrio entre as variantes *beberrão* e *bêbado* com o percentual de 9.68% cada. A terceira lexia mais recorrente entre as mulheres apresentou um equilíbrio entre *beberrão*, *alcoólatra* e *pé inchado*. Os colaboradores de ambos os níveis de escolaridade proferiram várias lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator diastrático não foi significativo para a variação deste item lexical.

5.22.4 Dimensão Diastrática

Tabela 66 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Designações de bêbado

FATOR DIASTRÁTICO				
Variantes	Fundamental		Médio	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Pinguço	6	19.35%	8	19.05%
Cachaceiro	9	29.03%	5	11.90%
Bêbado	3	9.68%	5	11.90%
Beberrão	3	9.68%	4	9.52%
Pé inchado	2	6.45%	4	9.52%
Outras	8	25.80%	16	38.11%
Total	31	100%	42	100%

Fonte: Felix (2018).

No que se refere à escolaridade, verifica-se que a variante *pinguço* foi a mais frequente entre os dois níveis de ensino, sendo mais produtiva no Ensino Médio com duas ocorrências a mais. A lexia *bêbado* ocorreu nos dois níveis de instrução sendo mais frequente entre os mais escolarizados. A lexia *beberrão* também ocorreu nos dois níveis, com maior frequência no Ensino Médio. O mesmo ocorreu com a lexia *pé inchado*, que se apresentou nos dois níveis de ensino, com maior produtividade no Ensino Médio. Os colaboradores de ambos os níveis de escolaridade apresentaram várias lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator diastrático não contribui para a variação deste item lexical.

5.22.5 As variantes de Bêbado nos Atlas Linguísticos e Dicionários

Quadro 53- Variantes de Bêbado – ALiB, ALAM, ALSAM

SGC	ALiB	ALAM	ALSAM
Pinguço	X	0	0
Cachaceiro	X	X	X
Bêbado	X	X	X
Beberrão	X	X	X
Pé inchado	0	X	X

Fonte: Felix (2018).

Carta 022 (*bêbado*). Como é possível verificar no quadro 53 as variantes *cachaceiro*, *bêbado* e *beberrão* são registradas tanto pelo ALAM (carta 50), quanto pelo ALSAM (carta 150) na região. No entanto, o ALSAM aponta a variante *alcoólatra* como mais recorrente no Sul Amazonense, ao passo que no ALAM a variante mais frequente é *beberrão*. Não foram observadas no ALAM e nem no ALSAM a variante registrada como a mais produtiva em SGC, a lexia *pinguço*. Por outro lado, o ALAM registra a forma *bêbo*, não confirmada no ALAM, e em SGC e nem no ALiB para o item em estudo. A partir do que é visto no quadro acima, pode-se inferir que os dados pertencentes aos três Atlas, ora se aproximam das variantes registradas em São Gabriel, ora se distanciam, porém observa-se proximidade, neste item lexical, com o ALiB em relação à variante predominante registrada em SGC.

Quadro 54- Variantes de Bêbado nos Dicionários

VARIANTES	DICIONÁRIO Língua Portuguesa Aurélio	DICIONÁRIO Nheengatu Stradelli (1921)	DICIONÁRIO Líguas Indígenas Barbosa Rodrigues (1894)	DICIONÁRIO Tupi Lemos Barbosa (1951)	DICIONÁRIO Histórico Geraldo da Cunha (1976)
Pinguço	X	0	0	0	0
Cachaceiro	X	0	0	0	0
Bêbado	X	0	0	0	0
Beberrão	X	0	0	0	0
Pé inchado	X	0	0	0	0

Fonte: Felix (2018).

O quadro acima que registrou a presença/ausência das variantes de bêbado nos dicionários consultados revela que o Aurélio registra todas das variantes proferidas em SGC. Quanto a Stradelli, a Barbosa Rodrigues, a Lemos Barbosa e a Geraldo da Cunha não

apresentam a entrada deste item lexical. Portanto, como a predominância nas respostas de nossos colaboradores foi a variante *pinguço*, registra-se a evidência da influência da língua Portuguesa sobre esse uso linguístico em SGC. Cabe aqui, um registro acerca do cotidiano em SGC sobre a lexia *bêbado*:

Durante a organização da coleta de dados desta pesquisa, o que nos chamou a atenção foi do elevado número de variantes proferidas espontaneamente pelos colaboradores, revelando uma “certa intimidade” com o assunto e a justificativa vinha das próprias respostas deles ao lamentar a presença do álcool entre os indígenas de SGC. O problema com essa droga lícita já vem há anos sendo acompanhado por diversas instituições e profissionais da cidade como um mal a ser combatido. A presença de bebidas alcoólicas em terras indígenas não é específica de SGC, mas do Amazonas, pois tem deixado espaço para a ocorrência de crimes como violência doméstica, homicídio e envolvimento com narcotráfico, de acordo com a coordenadora de pesquisa da Secretaria de Estado para os Povos Indígenas (Seind), Chris Lopes.

O acesso às aldeias é facilitado, principalmente, em cidades fronteiriças onde há fragilidade na fiscalização. "Há um monitoramento de vários órgãos, mas a situação é bem difícil ainda, já que 30% do território amazonense possui tribos indígenas. Muitas instituições têm déficit no quadro de funcionários ou de equipamentos e isso reflete na fiscalização", disse Chris Lopes. É o caso também dos municípios de Tabatinga e Benjamin Constant que são algumas das cidades, assim como SGC, situadas na fronteira internacional e, segundo a pesquisadora, exigem uma fiscalização maior. Nas comunidades ribeirinhas, o acesso a bebidas também acontece, mas nas cidades ocorrem mais facilmente, deixando vulneráveis as comunidades indígenas. “Essa cultura de dar bebida alcoólica é resultado da colonização que perdura até hoje”, acrescentou Chris Lopes.

Outra preocupação vem do Centro de Pesquisa Leônidas e Maria Deane, Fundação Cruz (Manaus), que realizou um Oswaldo Cruz, Manaus (AM), que realizou um estudo em comunidades rurais, de SGC, e evidenciou que o consumo de álcool líquido 96° Gay-Lussac ("álcool de farmácia") faz parte das substâncias alcoólicas lá ingeridas. Destaca-se, aqui, que também na área urbana de SGC o uso de "álcool de farmácia" intencional e não apenas acidental consiste em um problema de saúde pública a ser enfrentado, observa-se, inclusive, de forma recorrente, a exposição deste produto nas prateleiras onde estão as bebidas alcoólicas.

Conforme o pesquisador da Instituição acima citada, Maximiliano Loiola Ponte de Souza, colocar na prateleira cachaça e "álcool de farmácia", lado a lado, é rotina nos estabelecimentos comerciais de SGC. A força do hábito parece tão forte que, mesmo em situações nas quais o

produto a ser vendido era álcool na forma gel, ele era igualmente exposto na prateleira de bebidas.

Em outubro de 2015, no Plenário da Câmara Municipal de SGC aconteceu a Audiência pública sobre consumo de bebida alcoólica no município. A audiência foi organizada pelo promotor Dr. Paulo Alexander e contou com a parceria do exército e da Câmara Municipal de São Gabriel com a presença de instituições e da população.

O objetivo foi discutir e planejar ações com a sociedade, com a família e com as instituições sobre o papel de cada um no combate à prática da venda e do consumo de bebidas alcoólicas entre crianças e adolescentes. Segundo dados ingerir álcool precocemente tem se tornando comum e tem levado, cada vez mais, os jovens ao vício. Conseqüentemente a dependência, trazendo violência e prejuízos ao adolescente, à família e para a comunidade.

É sabido que há entre os rituais indígenas a presença do caxiri, bebida fermentada à base de mandioca. No entanto, o caxiri tem um nível muito menor de embebedamento. O problema chegou a um nível extremo que a Prefeitura Municipal criou o Centro de Atenção Psicossocial - CAPS Picassuara São Gabriel da Cachoeira, especializado em “Atenção Psicossocial Álcool e Drogas”. O Exército bem como a Igreja uniram-se nessa ação.

O primeiro, com apreensões de bebidas alcoólicas e drogas nas fronteiras de SGC. E a segunda, com um Centro de acolhimento a meninas em situação de risco, em sua maioria, causada pelo álcool. Esta Instituição chamada de Uka Surí, em Nheengatu: casa feliz, no período em que estivemos em SGC, era coordenado pela Irmã Dinair, natural do município de Barcelos-AM, com o apoio de mais quatro irmãs (Uma colombiana, uma espanhola, uma tukano e uma paraense). Havia vinte meninas, que contavam com apoio de psicólogas, estudavam, tinham acesso a lazer, a trabalhos manuais como costura, bordado, etc. Esse acolhimento dura o tempo necessário para se tentar solucionar seus problemas.

Portanto, ao lado das diversas variantes lexicais usadas pelos colaboradores - como se, na busca por uma resposta, cada falante encontrasse uma forma lexical diferente que atendessem ao conceito que ele compreendeu no momento - independentemente da sua produtividade, há uma triste realidade sociocultural que se reflete no aspecto linguístico.

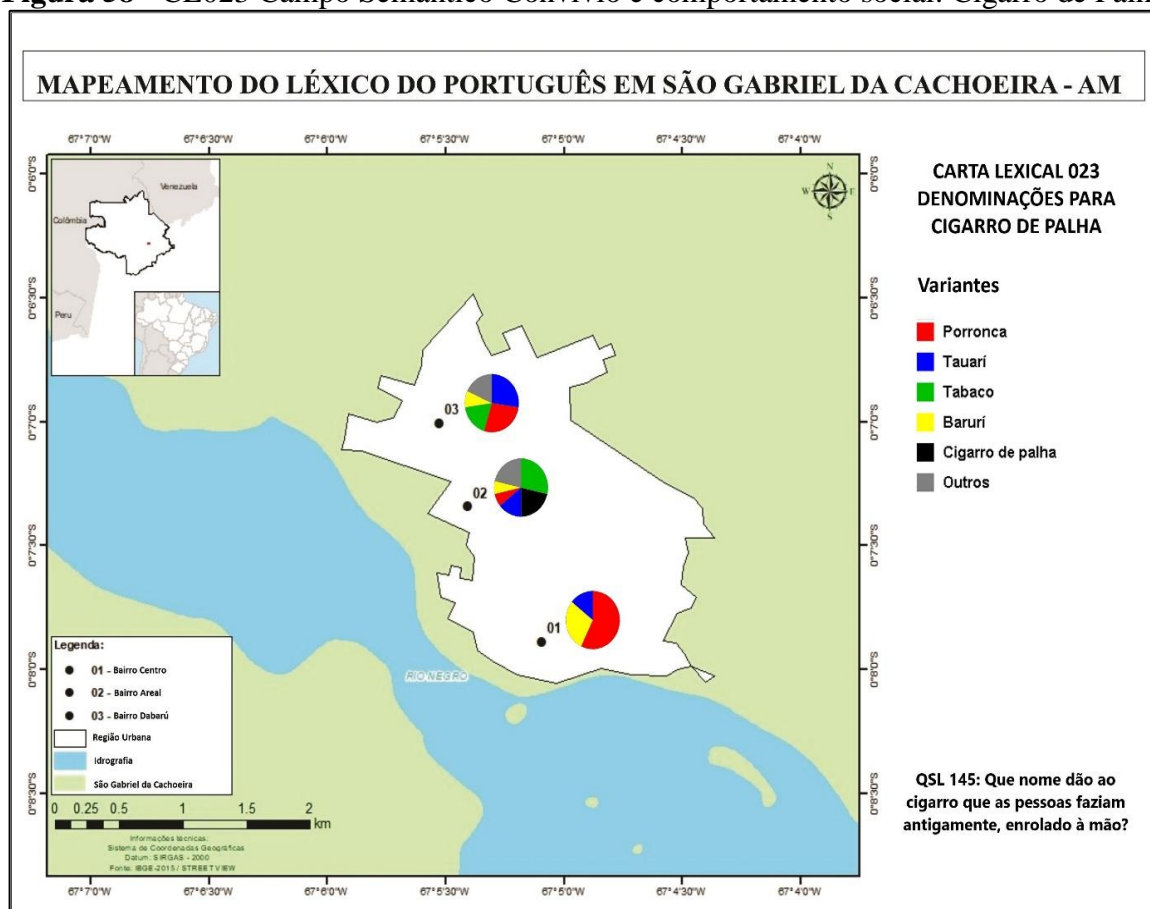
Figura 57- Pinguço



Fonte: <https://www.google.com/imgres?imgurl=http%3A%2F%2F>

5.23 Item lexical Cigarro de Palha

Figura 58 - CL023 Campo Semântico Convívio e comportamento social: Cigarro de Palha



Fonte: Felix (2018).

5.23.1 Dimensão Diatópica

Observam-se dados diatópicos na carta 023: *cigarro de palha*, cuja variante *porronca* tem predominância em dois dos três pontos em SGC. Das 32 variantes proferidas pelos colaboradores, três ocorreram nos três Bairros: *porronca*, *tauarí* e *baruí*. A ocorrência por ponto de inquérito foi bastante diversa. No Bairro Centro, a variante *porronca* atingiu 57.14%; no Bairro Areial: a lexia *tabaco* com 28.57% e no Bairro Dabarú, houve um equilíbrio entre as variantes *porronca* e *tauari*: com o percentual de 27.27% para as duas lexias. Os dados apontam que no Bairro 01, a predominância é da lexia *porronca* seguida de *baruri* e *tauari*. No Bairro 02, a predominância é da variante *tabaco* seguida de *cigarro de palha*. No Bairro 03, ocorreram também as quatro variantes mais frequentes. Somente o Bairro 01 não proferiu lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que a dimensão diatópica não foi significativa para a variação deste item lexical.

5.23.2 Dimensão Diageracional

Tabela 67 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Cigarro de Palha

Variantes	FATOR DIAGERACIONAL			
	1ª faixa etária		2ª faixa etária	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Porronca	3	21.43%	5	27.78%
Tauarí	4	28.57%	2	11.11%
Tabaco	2	14.29%	4	22.22%
Barurí	3	21.43%	1	5.56%
Cigarro de palha	1	7.14%	2	11.11%
Outras	1	4.14%	4	22.22%
Total	14	100%	18	100%

Fonte: Felix (2018).

Os dados revelam que, na dimensão idade, a variante *porronca* foi a mais frequente com um percentual representativo de produtividade na segunda faixa etária. Na primeira faixa etária, a variante *tauarí* foi a mais frequente. A lexia *tabaco* apresentou percentual de ocorrência mais elevado na segunda faixa, bem como a lexia *barurí* ocorreu mais entre os mais jovens. Os percentuais mostram que a segunda faixa etária apresentou mais lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator idade não foi significativo para a variação deste item lexical.

5.23.3 Dimensão Diassexual

Tabela 68 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Cigarro de Palha.

FATOR DIASSEXUAL				
Variantes	Feminino		Masculino	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Porronca	5	29.41%	3	20.00%
Tauarí	3	17.65%	3	20.00%
Tabaco	3	17.65%	3	20.00%
Barurí	1	5.58%	3	20.00%
Cigarro de palha	2	11.56%	1	6.67%
Outras	3	17.65%	2	13.34%
Total	17	100%	15	100%

Fonte: Felix (2018).

A dimensão diassexual é evidenciada na carta 023, acerca da variável *cigarro de palha*, cujos resultados mostram que a variante *porronca* é a mais frequente tanto na fala feminina quanto na fala masculina, com percentual de diferença a mais entre as mulheres de 9,41%. As variantes *tauari* e *tabaco* foram a segunda e a terceira maior frequência entre as mulheres. E entre os homens ocorreu equilíbrio de frequência entre as quatro variantes mais produtivas com o percentual de 20.00% cada lexia. As mulheres apresentaram um pouco mais de lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator diassexual não foi determinante para a variação deste item lexical,

5.23.4 Dimensão Diastrática

Tabela 69 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Cigarro de Palha.

FATOR DIASTRÁTICO				
Variantes	Fundamental		Médio	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Porronca	3	14.29%	5	45.45%
Tauarí	4	19.05%	2	18.18%
Tabaco	4	19.05%	2	18.18%
Barurí	3	14.29%	1	9.09%
Cigarro de palha	3	14.29%	-	0.00%
Outras	4	19.05%	1	9.09%
Total	21	100%	11	100%

Fonte: Felix (2018).

No que se refere à escolaridade, verifica-se que as variantes *tauarí* e *tabaco* foram as mais frequentes no Ensino Fundamental com o mesmo percentual de ocorrência. No Ensino Médio, a variante mais produtiva foi *porronca* com o percentual de diferença de 31.16%. As demais lexias ocorreram em ambos os níveis, exceto a variante *cigarro de palha*, que não foi registrada no segundo nível de ensino, e o percentual de frequência dessas lexias foi maior entre os entrevistados do Ensino Fundamental. Os colaboradores do primeiro nível de escolaridade proferiram o dobro de lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator diastrático não foi determinante para a variação deste item lexical.

5.23.5 As variantes de Cigarro de palha nos Atlas Linguísticos e Dicionários

Quadro 55- Variantes de Cigarro de Palha – ALiB, ALAM, ALSAM

SGC	ALiB	ALAM	ALSAM
Porronca	X	X	0
Tauarí	-	-	0
Tabaco	X	X	0
Barurí	-	-	0
Cigarro de palha	X	X	0

Fonte: Felix (2018).

Carta 023 (*cigarro de palha*). Como é possível verificar no quadro 55 as variantes *porronca*, *tabaco* e *cigarro de palha* são registradas pelo ALAM (Carta 51), sendo *porronca* a variante mais produtiva nos pontos de inquérito investigados. O ALSAM não apresentou análise para esse item lexical. No ALiB, Carta L16, a predominância é da variante *porronca* para a maioria das capitais da Região Norte. Não foram confirmadas pelo ALAM e nem pelo ALiB as variantes *tauarí* e *barurí* registradas em SGC.

Portanto, a comparação dos dados da pesquisa, na região Amazônica, aproximam os registros do ALAM aos de SGC em relação à variante predominante registrada em SGC.

Quadro 56- Variantes de Cigarro de Palha nos Dicionários

VARIANTES	DICIONÁRIO Língua Portuguesa Aurélio	DICIONÁRIO Nheengatu Stradelli (1921)	DICIONÁRIO Líguas Indígenas Barbosa Rodrigues (1894)	DICIONÁRIO Tupi Lemos Barbosa (1951)	DICIONÁRIO Histórico Geraldo da Cunha (1976)
Porronca	-	X	X	X	X
Tauarí	X	X	-	-	X
Tabaco	X	X	X	X	X
Barurí	-	-	-	-	-
Cigarro de palha	X	-	-	-	-

Fonte: Felix (2018).

O quadro acima que registrou a presença/ausência das variantes de *cigarro de palha* nos dicionários consultados revela que o Aurélio registra três das variantes que ocorrem em SGC: *tauari*, *tabaco* e *cigarro de palha*, porém nem todas com a mesma acepção semântica da pesquisa, nele a variante *tauarí* é anotada como “nome comum de diversas árvores da família das lecitidáceas”, como “fibra têxtil de algumas dessas árvores” e no “Amazonas como pequena choça dos seringais”. No Stradelli, são registradas também três variantes: *porronca* (pytyma), *tauarí* (tauarí) e *tabaco* (pytimacui). Barbosa Rodrigues, registrou *porronca* (petyma) e *tabaco* (petyma). Lemos Barbosa igualmente *porronca* (petyma) e *tabaco* (petyma). Geraldo da Cunha registrou três variantes *porronca* (Pe'tima/petimbabo/petigma), *tauarí* (taua' ari -planta da família das lecitidáceas, cuja casca serve como mortalha de cigarro (Tupi taua' ari)) e *tabaco* (petima).

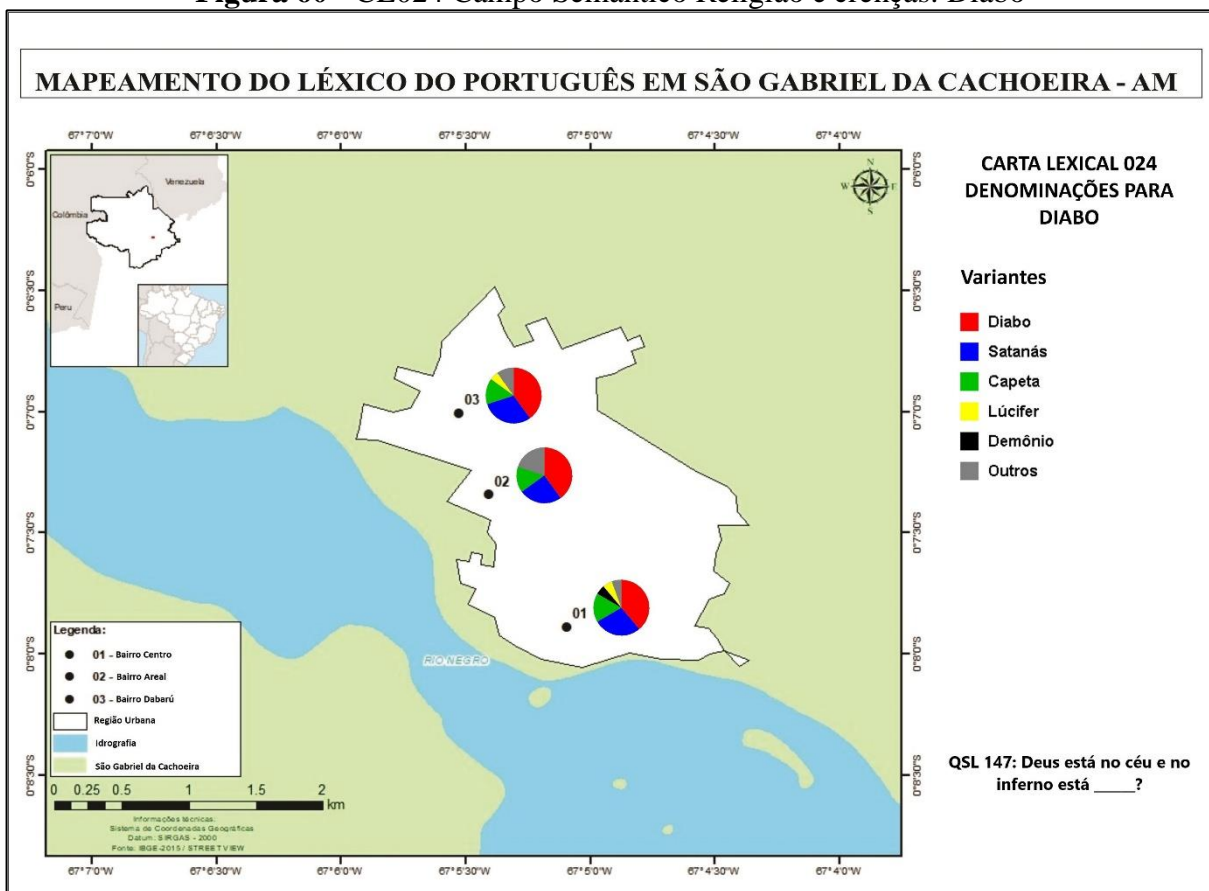
Portanto, a variante mais produtiva em SGC, *porronca*, pode configurar uma propriedade característica de uso linguístico do espaço geográfico ligado, provavelmente, à história de colonização pela qual passaram os colaboradores com a aquisição da língua Nheengatu.

Figura 59 - Porronca

Fonte: <https://www.google.com/search?q=fotos+de+cigarro+de+palha>

5.24 Item lexical Diabo

Figura 60 - CL024 Campo Semântico Religião e crenças: Diabo



Fonte: Felix (2018).

5.24.1 Dimensão Diatópica

Observam-se dados diatópicos na carta 024: *diabo*, cuja variante *diabo* tem predominância nos três pontos dentre 58 lexias proferidas pelos colaboradores. A ocorrência por ponto de inquérito foi: Bairro Centro: 38.89%; Bairro Areal: 40.00% e Bairro Dabarú: 40.00%. Os dados apontam que as três variantes mais frequentes: *diabo*, *satanás* e *capeta* foram registradas nos três pontos. Dentre as cinco variantes mais frequentes, somente o Bairro Areal registrou a ocorrência da lexia *demônio*. Os pontos três pontos proferiram lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que a dimensão diatópica não foi significativa para a variação deste item lexical.

5.24.2 Dimensão Diageracional

Tabela 70 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Diabo

FATOR DIAGERACIONAL				
Variantes	1ª faixa etária		2ª faixa etária	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Diabo	12	42.86%	11	36.67%
Satanás	8	28.57%	8	26.67%
Capeta	3	10.71%	6	20.00%
Lúcifer	-	0.00%	2	6.67%
Demônio	-	0.00%	1	3.33%
Outras	5	17.85%	2	6.67%
Total	28	100%	30	100%

Fonte: Felix (2018).

Os dados revelam que, na dimensão idade, a variante *diabo* foi a mais frequente com um percentual representativo de produtividade nas duas faixas etárias, com uma diferença a mais na primeira faixa de 6.19%. As duas faixas etárias, neste item lexical, apresentaram o mesmo número de ocorrência e quase o mesmo percentual na segunda faixa mais produtiva, *satanás*, com uma sutil diferença a mais de 1,9% para a primeira faixa etária. A terceira variante mais produtiva foi *capeta*, sendo proferida o dobro de ocorrência na segunda faixa etária. Ambas as faixas etárias proferiram várias lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator idade não foi representativo para a variação deste item lexical.

5.24.3 Dimensão Diassexual

Tabela 71 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Diabo

FATOR DIASSEXUAL				
Variantes	Feminino		Masculino	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Diabo	11	39.29%	12	40.00%
Satanás	7	29.00%	9	30.00%
Capeta	2	7.14%	7	23.33%
Lúcifer	2	7.14%	-	0.00%
Demônio	1	3.57%	-	0.00%
Outras	6	21.42%	2	6.67%
Total	28	100%	30	100%

Fonte: Felix (2018).

A dimensão diassexual é evidenciada na carta 024, acerca da variável *diabo*, cujos resultados mostram que a variante *diabo* é a mais produtiva tanto na fala feminina quanto na fala masculina, com uma sutil diferença de percentual a mais de ocorrência entre os homens de 0.71%. A variante *satanás* também apresentou o mesmo comportamento linguístico, com uma diferença menor de 1.00% a mais entre os homens. A variante *capeta* foi a terceira maior frequência entre os sexos, porém com frequência bem maior entre os homens, 16.19% de diferença. As mulheres proferiram mais lexias para *outras variantes*. Os dados mostram que essa dimensão não foi significativa para o item lexical em análise.

5.24.4 Dimensão Diastrática

Tabela 72 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Diabo

Variantes	FATOR DIASTRÁTICO			
	Fundamental		Médio	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Diabo	11	37.93%	12	41.38%
Satanás	8	27.59%	8	27.59%
Capeta	5	17.24%	4	13.79%
Lúcifer	1	3.45%	1	3.45%
Demônio	1	3.45%	-	0.00%
Outras	3	10.35%	4	13.80%
Total	29	100%	29	100%

Fonte: Felix (2018).

No que se refere à escolaridade, verifica-se que a variante *diabo* foi a mais frequente entre os dois níveis de ensino, sendo ligeiramente mais produtiva no Ensino Médio com o percentual de diferença de 3.45%. A lexia *satanás* ocorreu em ambos os níveis de instrução de forma equilibrada com o percentual de 27.59% em cada um. A lexia *capeta* igualmente se apresentou nos dois níveis, com maior frequência no Ensino Fundamental, com o percentual de diferença de 3.45%. Os colaboradores de ambos os níveis de escolaridade apresentaram várias lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator diastrático não foi significativo para a variação deste item lexical.

5.24.5 As variantes de Diabo nos Atlas Linguísticos e Dicionários

Quadro 57- Variantes de Diabo – ALiB, ALAM, ALSAM

SGC	ALiB	ALAM	ALSAM
Diabo	X	X	X
Satanás	X	X	X
Capeta	X	-	X
Lúcifer	X	-	X
Demônio	X	X	X

Fonte: Felix (2018).

Carta 024 (*diabo*). Como é possível verificar no quadro 57 as variantes *diabo*, *satanás* e *demônio* são registradas pelo ALAM (carta 072); e pelo ALSAM (L123/L124), todas as variantes que ocorreram em SGC são confirmadas pelo ALSAM. Os dois atlas apontam a variante *diabo*, como a mais produtiva, assim como em SGC. No ALiB, também foram confirmadas todas as variantes registradas em SGC. A partir do que é visto no quadro acima, pode-se inferir que os dados pertencentes ao ALAM, ora se aproximam das variantes registradas em São Gabriel, ora se distanciam, porém observa-se proximidade com o ALSAM, neste item lexical.

Quadro 58- Variantes de Diabo nos Dicionários

VARIANTES	DICIONÁRIO Língua Portuguesa Aurélio	DICIONÁRIO Nheengatu Stradelli (1921)	DICIONÁRIO Línguas Indígenas Barbosa Rodrigues (1894)	DICIONÁRIO Tupi Lemos Barbosa (1951)	DICIONÁRIO Histórico Geraldo da Cunha (1976)
Diabo	X	0	0	0	0
Satanás	X	0	0	0	0
Capeta	X	0	0	0	0
Lúcifer	X	0	0	0	0
Demônio	X	0	0	0	0

Fonte: Felix (2018).

O quadro acima que registrou a presença/ausência das variantes de *diabo* nos dicionários consultados revela que o Aurélio registra todas as variantes proferidas em SGC. Quanto ao Stradelli, apresenta o registro: “*demonio é o nome que deram os missionarios, applicando-lhe o nome do Legislador indígena, Iurupary/Yurupary/Jurupoar*”ⁱ. Rodrigues Barbosa, registra: añaang: phantasma, visão, alma do outro mundo, espectro, sombra aterradora, demonio. Lemos

Barbosa, registra: anhangá: nome de um gênio da floresta; demônio. E Geraldo da Cunha registra: do Tupi a' ñana (anhangá/anhangá), diabo, espécie curupira, taguaíba, jurupari, taúba, aguaçaí, etc.

Cabe aqui, um registro histórico de como os indígenas de SGC tiveram contato com a lexia *diabo*. Segundo Stradelli, demônio foi um nome dado pelos missionários ao Legislador indígena Iurupari, e a concepção de que o diabo era um ente sobrenatural que vinha visitar os homens em sonho, causando aflições com imagens de perigos horríveis, impedindo-os de gritar, tirando-lhes a faculdade da voz, é uma ideia supersticiosa talvez reforçada pelas amas de leite amalgamando as superstições indígenas com as do além mar, tanto vindo da África como da Europa, e essa ideia não representa a visão indígena.

Para o indígena, Iurupari é o Legislador, filho da virgem, concebido sem cópula pela virtude do “summo da cucura do mato” e que veio enviado pelo Sol para reformar os costumes da terra e encontrar nela uma mulher perfeita para se casar. Iurupari, segundo contam, ainda não a encontrou, embora ninguém saiba onde, continua a procurá-la e somente retornará ao céu quando a tiver encontrado.

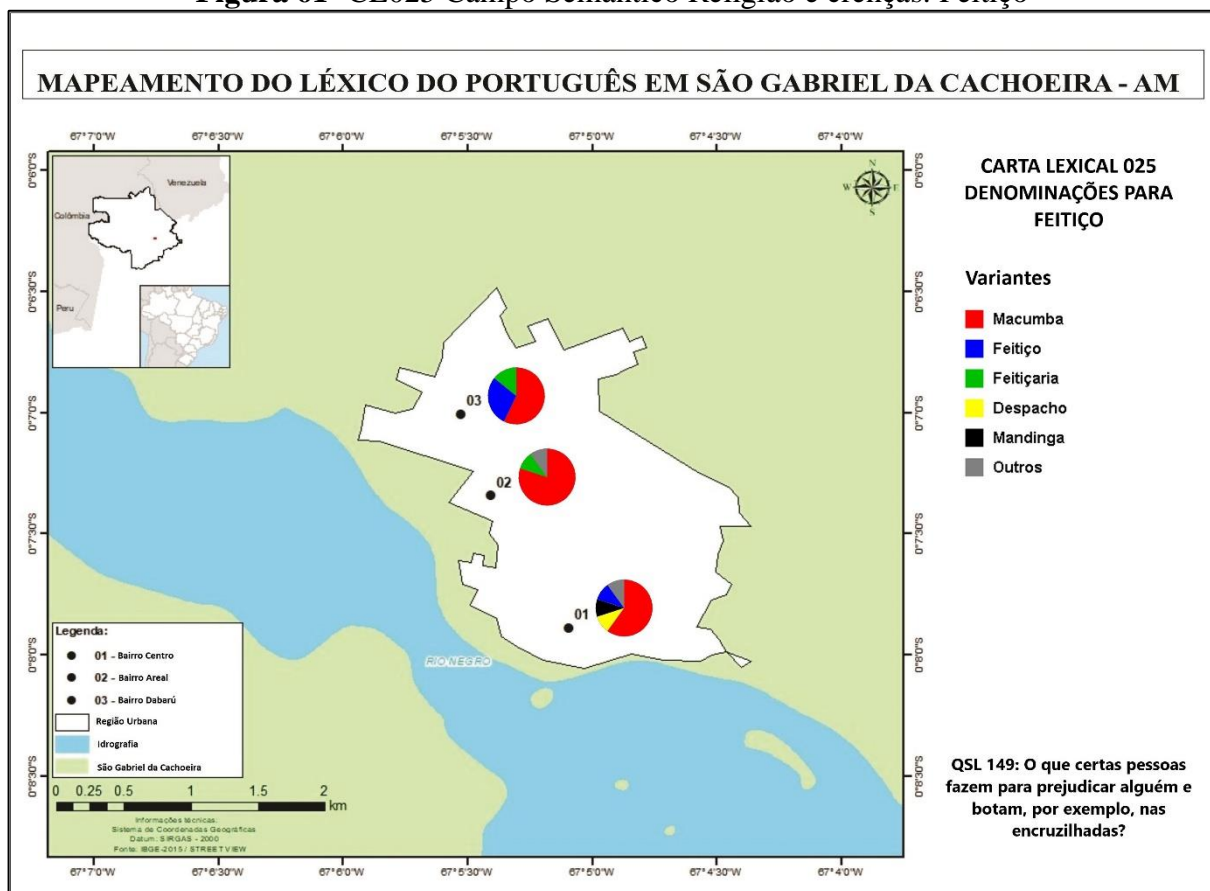
Iurupari é um legislador divinizado que se encontra como base em todas as religiões e mitos primitivos. Quando ele apareceu, eram as mulheres que mandavam e os homens obedeciam, e isso era contra as leis do Sol. Ele tirou o poder das mãos das mulheres e o restituiu aos homens. E para que eles seguissem de maneira independente, instituiu umas festas que somente os homens poderiam participar, e uns segredos que só poderiam ser conhecidos por eles. E acaso as mulheres surpreendessem esses momentos, pagariam com a morte, e em obediência a essa lei, veio a morrer Ceucy, a própria mãe de Iurupari.

E ademais, nem todos os homens conheciam os segredos, somente os iniciados, isto é, os que chegavam à puberdade e davam prova de suportar dor, de serem destemidos e saberem guardar segredos. Os usos, leis e preceitos ensinados pelo Iurupari foram conservados pela tradição entre os numerosos indígenas do Amazonas, mesmo após chegada do Cristianismo, eles subsistiram ao lado das novas leis e preceitos religiosos. Atualmente, essas cerimônias ainda ocorrem em muitas comunidades. Na sede de SGC, elas ocorrem em períodos festivos mais como uma amostra de tradição do que da prática real do ritual.

Portanto, no aspecto linguístico, a variante *diabo* e as demais lexias proferidas pelos colaboradores são uma amostra de como o Português vem alcançando espaço cada vez maior, e essas variantes vêm se estabelecendo como uso habitual entre os são-gabrielenses, configurando uma propriedade característica de uso linguístico que sofreu influência da língua oficial do país.

5.25 Item lexical Feitiço

Figura 61- CL025 Campo Semântico Religião e crenças: Feitiço



Fonte: Felix (2018).

5.25.1 Dimensão Diatópica

Observam-se dados diatópicos na carta 025: *feitiço*, cuja variante *macumba* tem predominância nos três pontos. A ocorrência por ponto de inquérito foi: Bairro Centro: 60.00%; Bairro Areal: 80.00% e Bairro Dabarú: 57.14%. Os dados apontam que o Bairro 01, Centro, a predominância é da lexia *macumba* e das quatro outras variantes mais produtivas, só não ocorreu *feitiçaria* e também apresentou lexias para *outras variantes*. No Bairro 02, Areal, a predominância é igualmente da lexia *macumba* e das quatro variantes mais produtivas, somente uma foi proferida: *feitiçaria*, porém apresentou várias lexias para *outras variantes*. No Bairro 03, Dabarú, a predominância também é da variante *macumba*, e apresenta somente duas das variantes mais produtivas e não há ocorrência de lexias *outras variantes*. Os percentuais mostram que a dimensão diatópica não foi significativa para a variação deste item lexical.

5.25.2 Dimensão Diageracional

Tabela 73 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Feitiço

FATOR DIAGERACIONAL				
Variantes	1ª faixa etária		2ª faixa etária	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Macumba	10	71.43%	8	61.54%
Feitiço	1	7.14%	2	15.38%
Feitiçaria	1	7.14%	1	7.69%
Despacho	1	7.14%	1	7.69%
Mandinga	1	7.14%	1	7.69%
Total	14	100%	13	100%

Fonte: Felix (2018).

Os dados revelam que, na dimensão idade, a variante *macumba* foi a mais frequente com um percentual representativo de produtividade nas duas faixas etárias, com o percentual de diferença a mais na primeira faixa de 9.89%. A lexia *feitiço* apresentou uma diferença de percentual de 8.24% a mais na segunda faixa. As demais variantes ocorreram em ambas as faixas etárias com apenas um registro cada lexia. Os percentuais mostram que o fator idade não foi representativo para a variação deste item lexical.

5.25.3 Dimensão Diassexual

Tabela 74 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Feitiço

FATOR DIASSEXUAL				
Variantes	Feminino		Masculino	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Macumba	8	57.14%	10	76.92%
Feitiço	2	14.29%	1	7.69%
Feitiçaria	2	14.29%	-	0.00%
Despacho	1	7.14%	-	0.00%
Mandinga	-	0.00%	1	7.69%
Outras	1	7.14%	1	7.69%
Total	14	100%	13	100%

Fonte: Felix (2018).

A dimensão diassexual é evidenciada na carta 025, acerca da variável *feitiço*, cujos resultados mostram que a variante *macumba* é a mais produtiva tanto na fala feminina quanto na fala masculina com um percentual de 19.78% de diferença a mais para o sexo masculino. As

lexias *feitiço e feitiçaria* foram a segunda e a terceira variantes proferidas entre as mulheres com baixo percentual de frequência. Entre os homens ocorreu um equilíbrio entre as demais variantes, com o percentual de 7.69% para cada lexia. Os percentuais mostram que o fator sexo não foi representativo para a variação deste item lexical.

5.25.4 Dimensão Diastrática

Tabela 75 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Feitiço

Variantes	FATOR DIASTRÁTICO			
	Fundamental		Médio	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Macumba	8	57.14%	10	76.92%
Feitiço	2	14.29%	1	7.69%
Feitiçaria	2	14.29%	-	0.00%
Despacho	-	0.00%	1	7.69%
Mandinga	-	0.00%	1	7.69%
Outras	2	14.28%	-	0.00%
Total	14	100%	13	100%

Fonte: Felix (2018).

No que se refere à escolaridade, verifica-se que a variante *macumba* foi a mais frequente entre os dois níveis de ensino, sendo mais produtiva no Ensino Médio com o percentual de diferença a mais de 19,78%. A lexia *feitiço* ocorreu nos dois níveis de instrução sendo mais frequente no Ensino Fundamental com o percentual de diferença a mais de 6.60%. A lexia *feitiçaria* só ocorreu no Ensino Fundamental. As variantes *despacho* e *mandinga* só foram registradas no Ensino Médio. Os percentuais mostram que o fator diastrático não foi representativo para a variação deste item lexical.

5.25.5 As variantes de Feitiço nos Atlas Linguísticos e Dicionários

Quadro 59- Variantes de Feitiço – ALiB, ALAM, ALSAM

SGC	ALiB	ALAM	ALSAM
Macumba	X	X	X
Feitiço	X	X	X
Feitiçaria	-	X	X
Despacho	X	X	X
Mandinga	-	-	-

Fonte: Felix (2018).

Carta 025 (*feitiço*). Como é possível verificar no quadro 59 as variantes *macumba*, *feitiço*, *feitiçaria* e *despacho* são confirmadas tanto pelo ALAM (carta 073) quanto pelo ALSAM (L125), nesses atlas, o item é registrado como *macumba*. O ALAM e o ALSAM apontam a variante *macumba* como mais recorrente. No ALiB, são registradas quase todas as variantes de SGC, sendo a variante *macumba* a mais produtiva. A partir do que é visto no quadro acima, pode-se inferir que os dados pertencentes aos três Atlas, ora se aproximam das variantes registradas em São Gabriel, ora se distanciam, porém observa-se proximidade, neste item lexical, com os dois atlas amazonenses em relação às variantes registradas.

Quadro 60- Variantes de Feitiço nos Dicionários

VARIANTES	DICIONÁRIO Língua Portuguesa Aurélio	DICIONÁRIO Nheengatu Stradelli (1921)	DICIONÁRIO Líguas Indígenas Barbosa Rodrigues (1894)	DICIONÁRIO Tupi Lemos Barbosa (1951)	DICIONÁRIO Histórico Geraldo da Cunha (1976)
Macumba	X	0	0	0	0
Feitiço	X	0	0	0	0
Feitiçaria	X	0	0	0	0
Despacho	X	0	0	0	0
Mandinga	X	0	0	0	0

Fonte: Felix (2018).

O quadro acima que registrou a presença/ausência das variantes de *feitiço* nos dicionários consultados revela que o Aurélio registra todas as variantes proferidas em SGC. Quanto ao Stradelli, apresenta os seguintes registros: “maracaimbára”, “peusáua”, “tetcasáua” para a variante *feitiço*, veneno preparado e “maracaimbara-yua” para a variante *feitiçaria*. Rodrigues Barbosa, registra: “marakayma” para a variante *feitiço*. Lemos Barbosa, registra: “possanga”/“possanguiguaba” para a variante *feitiço*. E Geraldo da Cunha registra: “puçanga”, “pocanga”, “pussanga” do Tupi: “po’sana” para a variante *feitiço*.

Cabe aqui, um registro histórico de como se relatou em SGC sobre a lexia *feitiço*. Segundo Cabalzar e Ricardo (2000), pág.91, instalou-se no início do século XX, na Ilha de Bela Vista no baixo rio Uaupés, a família Albuquerque vinda do nordeste do Brasil. Um de seus membros, Manduca, ficou famoso por infligir, aos índios da região, abusos e maus tratos como estupros e mortes. Morreu no Rio de Janeiro com uma doença desconhecida.

Conta-se na região que um pajé Desana do rio Tiquié teria feito contra ele uma “cerimônia”, provocando-lhe uma doença incurável. Muito doente, Manduca foi buscar tratamento de saúde em Manaus e, em seguida, no Rio de Janeiro, onde teria morrido, sem que conseguisse descobrir a natureza da sua doença. (BUCHILLET,1990 in CABALZAR)

Portanto, entre as diversas variantes lexicais proferidas pelos colaboradores, a lexia *macumba* foi a mais produtiva, embora nos dicionários indígenas não se tenha encontrado o registro da variante *macumba*, mas da variante *feitiço*. Segundo Aurélio, a variante *macumba* talvez seja proveniente do quimbundo ma’kumba, como brasileirismo, cujo significado remete ao “sincretismo religioso afro-brasileiro, derivado do Candomblé, com elementos de várias religiões africanas, de religiões indígenas brasileiras e do Cristianismo”. Como a predominância nas respostas de nossos colaboradores foi a variante *macumba*, registra-se a evidência da influência da língua oficial do país sobre o uso linguístico em SGC.

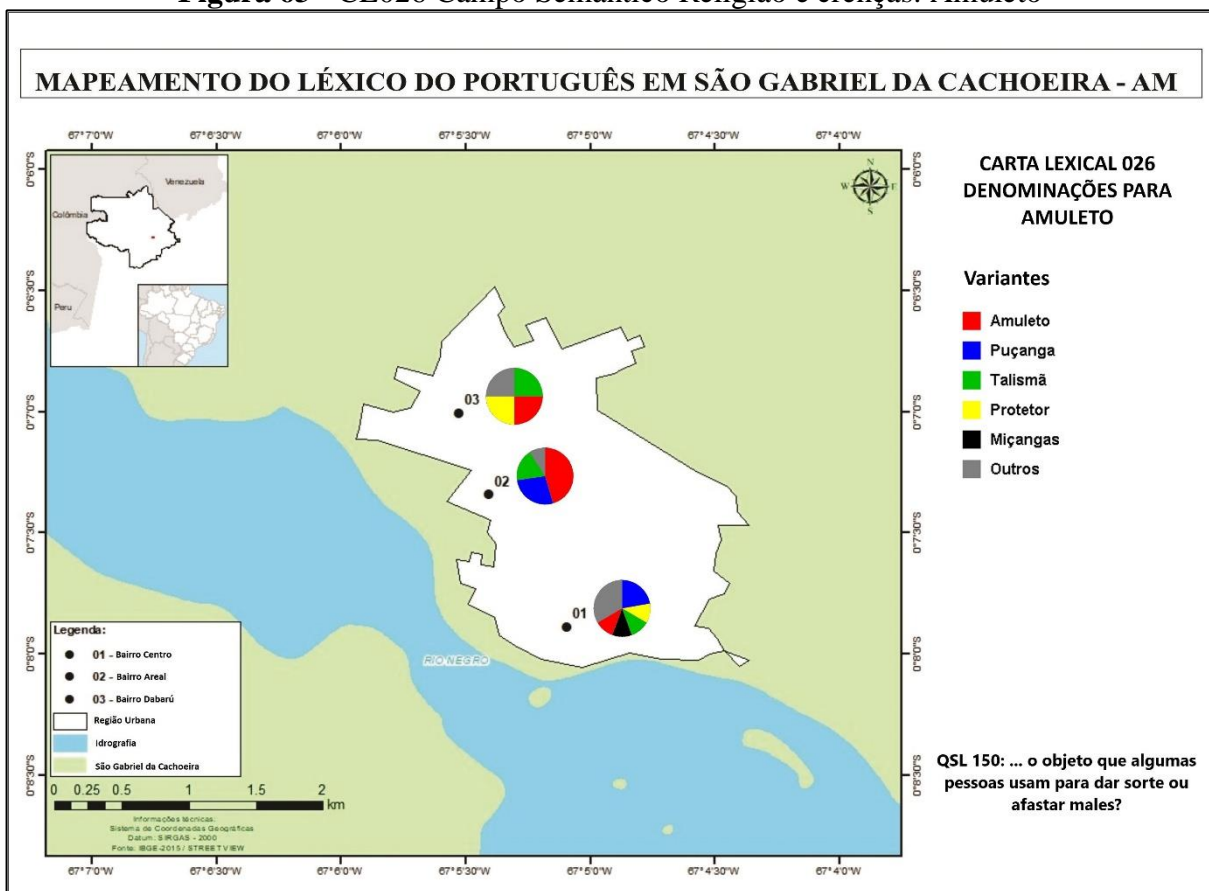
Figura 62 - Feitiço



Fonte: <https://www.google.com/search?q=feitiço>

5.26 Item lexical Amuleto

Figura 63 - CL026 Campo Semântico Religião e crenças: Amuleto



Fonte: Felix (2018).

5.26.1 Dimensão Diatópica

Observam-se dados diatópicos na carta 026: amuleto, cuja variante *amuleto* ocorre nos três pontos, porém não como a mais produtiva na maioria deles. A ocorrência por ponto de inquérito foi: no Bairro Centro, o registro foi bastante variado, a predominância é da lexia *puçanga* com 22.22%, seguida do percentual de 11.11% para cada uma das seguintes variantes: *protetor*, *talismã*, *miçangas* e *amuleto*. No Bairro Areial, as variantes *amuleto*, *talismã* e *protetor* dividem a frequência equilibrada de 25.00%. No Bairro Dabarú, a frequência de 25% é dividida entre as variantes *amuleto*, *crúz*, *protetor* e *talismã*. Os três pontos apresentam lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que a dimensão diatópica não foi significativa para a variação deste item lexical.

5.26.2 Dimensão Diageracional

Tabela 76 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Amuleto

FATOR DIAGERACIONAL				
Variantes	1ª faixa etária		2ª faixa etária	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Amuleto	3	23.08%	4	36.36%
Puçanga	3	23.08%	2	18.18%
Talismã	3	23.08%	1	9.09%
Protetor	-	0.00%	2	18.18%
Miçangas	1	7.69%	-	0.00%
Outras	3	23.07%	2	18.18%
Total	13	100%	11	100%

Fonte: Felix (2018).

Os dados revelam que, na dimensão idade, a variante *amuleto* foi a mais frequente com um percentual de 13.28% de produtividade a mais na segunda faixa etária. A lexia *puçanga* apresentou uma diferença de percentual de 4.90% a mais na primeira faixa. A variante *talismã* também foi mais produtiva entre os mais jovens, 13.99%. A variante *protetor* só ocorreu entre os mais velhos, assim como a variante *miçangas* só ocorreu entre os mais jovens. A primeira faixa etária apresentou mais lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator idade não foi representativo para a variação deste item lexical.

5.26.3 Dimensão Diassexual

Tabela 77 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Amuleto

FATOR DIASSEXUAL				
Variantes	Feminino		Masculino	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Amuleto	4	33.33%	3	25.00%
Puçanga	2	16.67%	3	25.00%
Talismã	3	11.90%	1	9.68%
Protetor	1	9.52%	1	9.68%
Miçangas	-	0.00%	1	6.45%
Outras	2	35.72%	3	29.03%
Total	12	100%	12	100%

Fonte: Felix (2018).

A dimensão diassexual é evidenciada na carta 026, acerca da variável *amuleto*, cujos resultados mostram que a variante *amuleto* é a mais produtiva na fala feminina, sendo registrado o percentual de diferença mais de 8.33% entre os sexos. Ocorreu um equilíbrio entre as demais variantes com apenas uma ocorrência para cada lexia para ambos os sexos. Os dois também apresentaram lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator diassexual não foi representativo para a variação deste item lexical.

5.26.4 Dimensão Diastrática

Tabela 78 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Amuleto

Variantes	FATOR DIASTRÁTICO			
	Fundamental		Médio	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Amuleto	2	18.18%	5	38.46%
Puçanga	5	45.45%	-	0.00%
Talismã	1	9.09%	3	23.08%
Protetor	2	18.18%	-	0.00%
Miçangas	-	0.00%	1	7.69%
Outras	1	9.09%	4	30.76%
Total	11	100%	13	100%

Fonte: Felix (2018).

No que se refere à escolaridade, verifica-se que a variante *amuleto* foi mais produtiva no Ensino Médio com o percentual de diferença de 20.28%. A variante *puçanga* foi a mais frequente no Ensino Fundamental e não houve registro dela no Ensino Médio. A lexia *puçanga* ocorreu somente no primeiro nível de instrução com o alto percentual de 45.45%, assim como a lexia *protetor*. A lexia *talismã* também ocorreu nos dois níveis, com maior frequência no Ensino Médio. A lexia *miçangas* só se apresentou no segundo nível de ensino. Os colaboradores de ambos os níveis de escolaridade apresentaram lexias para *outras variantes*, sendo que os mais escolarizados proferiram mais de variantes. Os percentuais mostram que o fator diastrático não foi representativo para a variação deste item lexical.

5.26.5 As variantes de Amuleto nos Atlas Linguísticos e Dicionários

Quadro 61- Variantes de Amuleto – ALiB, ALAM, ALSAM

SGC	ALiB	ALAM	ALSAM
Amuleto	X	0	0
Puçanga	-	0	0
Talismã	X	0	0
Protetor	-	0	0
Miçangas	-	0	0

Fonte: Felix (2018).

Carta 026 (*amuleto*). Como é possível verificar no quadro 61 as variantes registradas em SGC não são confirmadas nem pelo ALAM e nem pelo ALSAM, visto que eles não apresentaram cartas para este item lexical, portanto faremos comparações com o ALiB.

O ALiB confirma duas das cinco variantes mais frequentes em SGC. Dentre as cinco lexias mais produtivas, exceto *amuleto* e *talismã*, são bem característicos do uso linguístico do espaço geográfico em estudo. Portanto, a partir do que é observado no quadro acima, pode-se inferir que os dados pertencentes ao ALiB ora se aproximam das variantes registradas em São Gabriel, ora se distanciam, porém observa-se uma proximidade com esse Atlas em relação à variante mais frequente registrada em SGC.

Quadro 62- Variantes de Amuleto nos Dicionários

VARIANTES	DICIONÁRIO Língua Portuguesa Aurélio	DICIONÁRIO Nheengatu Stradelli (1921)	DICIONÁRIO Líguas Indígenas Barbosa Rodrigues (1894)	DICIONÁRIO Tupi Lemos Barbosa (1951)	DICIONÁRIO Histórico Geraldo da Cunha (1976)
Amuleto	X	0	0	0	0
Puçanga	0	X	X	X	X
Talismã	X	0	0	0	0
Protetor	X	0	0	0	0
Miçangas	X	0	0	0	0

Fonte: Felix (2018).

O quadro acima que registrou a presença/ausência das variantes de *amuleto* nos dicionários consultados revela que o Aurélio registra todas as variantes proferidas em SGC, entretanto, nem sempre com a mesma acepção semântica da pesquisa, é o caso da variante *miçangas* que é registrada como “conta de vidro pequena e colorida”: pulseira de miçangas,

enfeite feito com essas contas, miudezas, bugigangas, quinquilharia. Na Tipografia, letra de imprimir, muito pequena, de corpo quatro. A variante *miçangas*, entre os indígenas, além do sentido apresentado pelo Aurélio, há a ideia da proteção em relação a alguns adereços por eles produzidos. Quanto ao Stradelli, apresenta o seguinte registro com ideia de *amuleto*: “myrakyatán”, artefato de jade encontrado no Baixo Amazonas, nos arredores de Óbidos e nas praias entre as fozes dos rios Nhamundá e Tapajós a que se atribuem qualidades de amuleto. Cabe aqui, um registro histórico de como ele relatou sobre a lexia *muiraquitã*:

Segundo uma tradição ainda viva o *murakitan* teria sido o presente, que as Amazonas davam aos homens em lemb Pusanun-uéra (curandeiro(a)) rança de sua visita annual. Conta-se que para isso nas noites de lua cheia ellas extrahiam as pedras ainda molles do fundo do lago, em cuja margem viviam, dando-lhes as formas que entendiam, antes de ficarem duras com a exposição ao ar. (STRADELLI, 1921, pág. 569)

Por sua vez, Rodrigues Barbosa e Lemos Barbosa não confirmam a variante *amuleto*, mas registram a variante *possanga* no sentido também de proteção para a lexia *amuleto*. Geraldo da Cunha registra *baraquitã/buraquita/uuraquitan/uuruquitan/muiraquitã/muiraquitã/muirakitã*, do Tupi *m iraki'tã* para a ideia de amuleto.

Portanto, entre as diversas variantes lexicais proferidas pelos colaboradores, a lexia *amuleto* foi a mais produtiva, embora nos dicionários indígenas não se tenha encontrado o registro dessa lexia, mas da variante *muiraquitã/muirakitã*, do Tupi *m iraki'tã*. Como a predominância nas respostas de nossos colaboradores foi a variante *amuleto*, registra-se a evidência da influência da língua oficial do país sobre o uso linguístico em SGC.

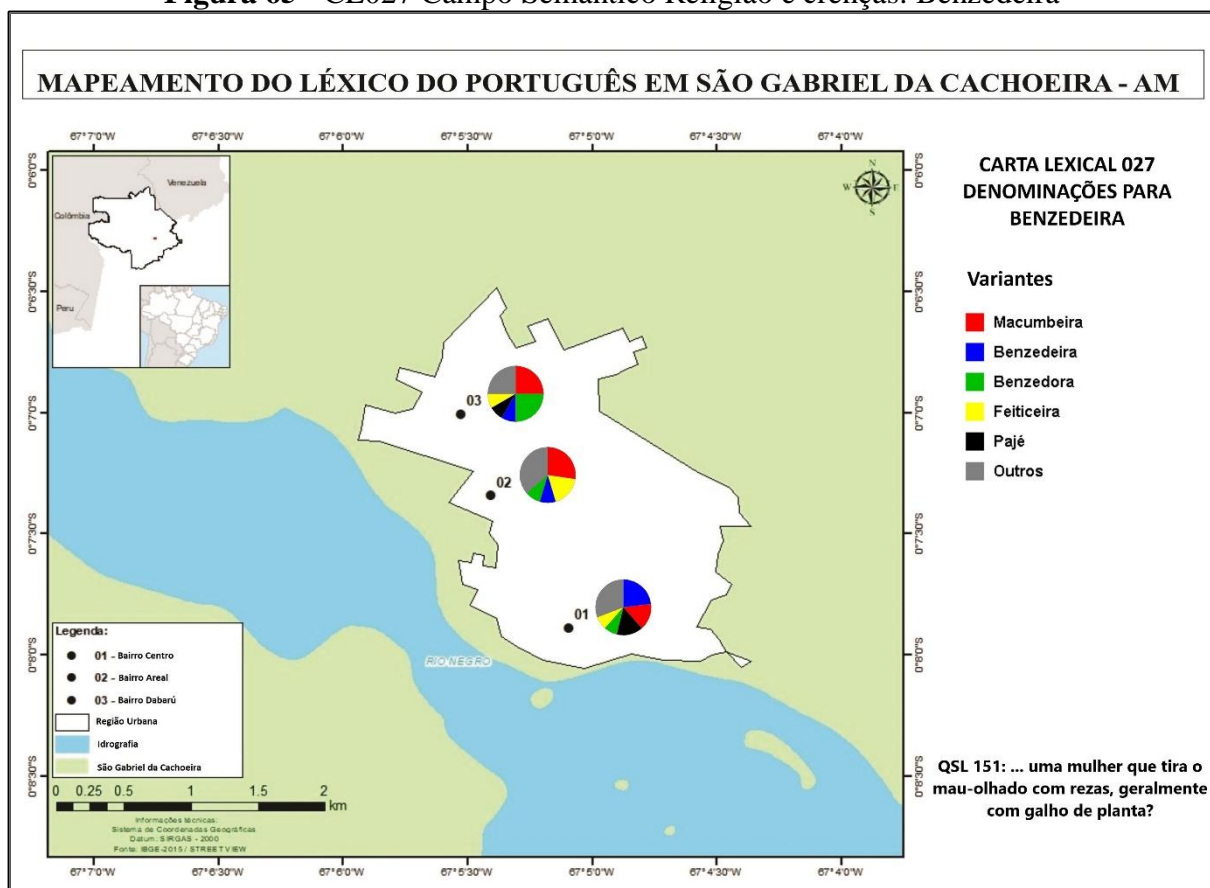
Figura 64 - Amuleto



Fonte: <https://www.google.com/search?q=amuleto+indígena>

5.27 Item lexical Benzedeira

Figura 65 - CL027 Campo Semântico Religião e crenças: Benzedeira



Fonte: Felix (2018).

5.27.1 Dimensão Diatópica

Observam-se dados diatópicos na carta 027: *benzedeira*, cuja variante *macumbeira* apresenta predominância em dois dos três pontos. A ocorrência por ponto de inquérito foi: Bairro Areal: 27.27% e Bairro Dabarú: 25.00%. Os dados apontam que o Bairro 01, Centro, a predominância é da lexia *benzedeira* e também ocorreu registro das quatro outras variantes mais produtivas, e apresentou lexias para *outras variantes*. No Bairro 02, Areal, a predominância é da lexia *macumbeira* e das quatro variantes mais produtivas, não foi proferida uma delas: *pajé*, porém apresentou várias lexias *outras variantes*. No Bairro 03, Dabarú, a predominância é igualmente de *macumbeira* e apresenta a ocorrência de todas as variantes mais produtivas e de lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que a dimensão diatópica não foi significativa para a variação deste item lexical.

5.27.2 Dimensão Diageracional

Tabela 79 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Benzedeira

FATOR DIAGERACIONAL				
Variantes	1ª faixa etária		2ª faixa etária	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Macumbeira	8	40.00%	-	0.00%
Benzedeira	3	15.00%	3	18.75%
Benzedora	2	10.00%	2	12.50%
Feiticeira	3	15.00%	1	6.25%
Pajé	1	5.00%	2	12.50%
Outras	3	15.00%	8	50.00%
Total	20	100%	16	100%

Fonte: Felix (2018).

Os dados revelam que, na dimensão idade, a variante *macumbeira* foi a mais frequente com um percentual representativo de produtividade de 40.00% na primeira faixa etária. Na segunda faixa etária, não ocorreu a variante *macumbeira*, e a lexia *benzedeira* foi a mais frequente. A lexia *benzedeira* apresentou o mesmo percentual de ocorrência nas duas faixas. Além de *macumbeira*, as variantes *benzedeira* e *feiticeira* foram as mais frequentes entre os mais jovens. E além de *benzedeira*, as variantes *benzedora* e *pajé* foram as mais frequentes entre os da segunda faixa etária, que apresentaram mais lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator idade não foi representativo para a variação deste item lexical.

5.27.3 Dimensão Diassexual

Tabela 80 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Benzedeira

FATOR DIASSEXUAL				
Variantes	Feminino		Masculino	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Macumbeira	3	15.79%	5	29.41%
Benzedeira	3	15.79%	2	11.76%
Benzedora	4	21.05%	1	5.58%
Feiticeira	2	10.56%	2	11.76%
Pajé	1	5.26%	2	11.76%
Outras	6	33.36%	5	29.41%
Total	19	100%	17	100%

Fonte: Felix (2018).

A dimensão diassexual é evidenciada na carta 027, acerca da variável *benzedeira*, cujos resultados mostram que a variante *macumbeira* é a mais produtiva na fala masculina, sendo registrados os percentuais de 13.62% de diferença em relação à fala feminina. A variante *benzedeira* foi a mais frequente entre as mulheres. E entre os homens ocorreu, na segunda maior frequência, um equilíbrio entre as variantes *benzedeira*, *feiticeira* e *pajé* com o percentual de 11.76% cada. A segunda lexia mais recorrente entre as mulheres apresentou um equilíbrio entre *macumbeira* e *benzedeira* com o percentual de 15.79% para cada variante. Ambos os sexos apresentaram várias lexias para *outras variantes*. O fator diassexual não foi representativo para a variação deste item lexical.

5.27.4 Dimensão Diastrática

Tabela 81 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Benzedeira

Variantes	FATOR DIASTRÁTICO			
	Fundamental		Médio	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Macumbeira	4	25.00%	4	20.00%
Benzedeira	3	18.75%	2	10.00%
Benzedora	4	25.00%	1	5.00%
Feiticeira	2	12.50%	2	10.00%
Pajé	2	12.50%	1	5.00%
Outras	1	6.25%	10	50.00%
Total	16	100%	20	100%

Fonte: Felix (2018).

No que se refere à escolaridade, verifica-se que a variante *macumbeira* foi a mais frequente entre os dois níveis de ensino, com o percentual de 25.00% e 20.00% respectivamente. A lexia *benzedeira*, *benzedora* e *pajé* foi mais produtiva no Ensino Fundamental. A lexia *feiticeira* se apresentou equilibradamente, em ocorrência, nos dois níveis. Os colaboradores do Ensino Médio apresentaram mais lexias para *outras variantes*. Os dados registram que o fator diastrático não foi representativo para a variação deste item lexical.

5.27.5 As variantes de Benzedeira nos Atlas Linguísticos e Dicionários

Quadro 63- Variantes de Benzedeira – ALiB, ALAM, ALSAM

SGC	ALiB	ALAM	ALSAM
Macumbeira	-	0	X
Benzedeira	X	0	X
Benzedora	-	0	X
Feiticeira	X	0	-
Pajé	-	0	-

Fonte: Felix (2018).

Carta 027 (*benzedeira*). Como é possível verificar no quadro 63, as variantes *macumbeira*, *benzedeira* e *benzedora* são registradas pelo ALSAM com o item lexical curandeira (L122) que foi a variante mais frequente, no ALAM não se encontrou análise para o item em estudo. Não foram observadas no ALSAM as variantes *feiticeira* e *pajé* registradas em SGC. No ALiB, as variantes *benzedeira* e *rezadeira* foram as mais frequentes.

A partir do que é visto no quadro acima, pode-se inferir que os dados pertencentes aos dois Atlas, ora se aproximam das variantes registradas em São Gabriel, ora se distanciam, porém observa-se proximidade, neste item lexical, com o ALSAM em relação à variantes mais frequentes registradas em SGC.

Quadro 64- Variantes de Benzedeira nos Dicionários

VARIANTES	DICIONÁRIO Língua Portuguesa Aurélio	DICIONÁRIO Nheengatu Stradelli (1921)	DICIONÁRIO Línguas Indígenas Barbosa Rodrigues (1894)	DICIONÁRIO Tupi Lemos Barbosa (1951)	DICIONÁRIO Histórico Geraldo da Cunha (1976)
Macumbeira	0	0	0	0	0
Benzedeira	X	0	0	0	0
Benzedora	0	0	0	0	0
Feiticeira	X	0	0	0	0
Pajé	0	X	0	X	X

Fonte: Felix (2018).

O quadro acima que registrou a presença/ausência das variantes de *benzedeira* nos dicionários consultados revela que o Aurélio registra duas das variantes proferidas em SGC, *benzedeira* e *feiticeira* como mulher que pretende curar doenças com benzeduras, bruxa, feiticeira. Quanto ao Stradelli, apresenta o seguinte registro com ideia de benzedeira: pusanun-

uéra, que possui o sentido tanto de curandeiro quanto curandeira. Cabe aqui, um registro histórico de como Stradelli relatou, em seu dicionário, sobre a lexia benzedeira:

A doença para o indígena não é um facto natural, é sempre producto de uma vontade contrária e malefica, e si algumas vezes é produzida pelas mãos de cousas más, na mor parte das vezes é o producto do querer de algum paié inimigo, que enfeitçou o doente, e a pusanga então é para desfazer o effeito deste. Para as doenças produzidas pelas mãos de cousas más, por via de regra, não ha pusanga. (1921, Pág.624)

Por sua vez, Rodrigues Barbosa confirma o item lexical *benzedeira* como poçanuera-curandeiro(a); Lemos Barbosa confirma a variante *benzedeira*, mas registrada como *possanguiguara-curador(a)*, *feiticeiro(a)* e *possanguijara-feiticeiro(a)* e Geraldo da Cunha confirma *feiticeiro(a)* como *pajeangaiba* e *pajé* como *pagé*, *paye*, *pa'ie*.

Portanto, entre as diversas variantes lexicais proferidas pelos colaboradores, as lexias *macumbeira* e *benzedeira/benedora* foram as mais produtivas, embora nos dicionários indígenas não se tenha encontrado o registro dessa lexia, mas da variante *curandeira*, do Nheengatu: *pusanun-uéra*. Como a predominância nas respostas de nossos colaboradores foi a variante *macumbeira*, registra-se a evidência da influência da língua oficial do país sobre o uso linguístico em SGC.

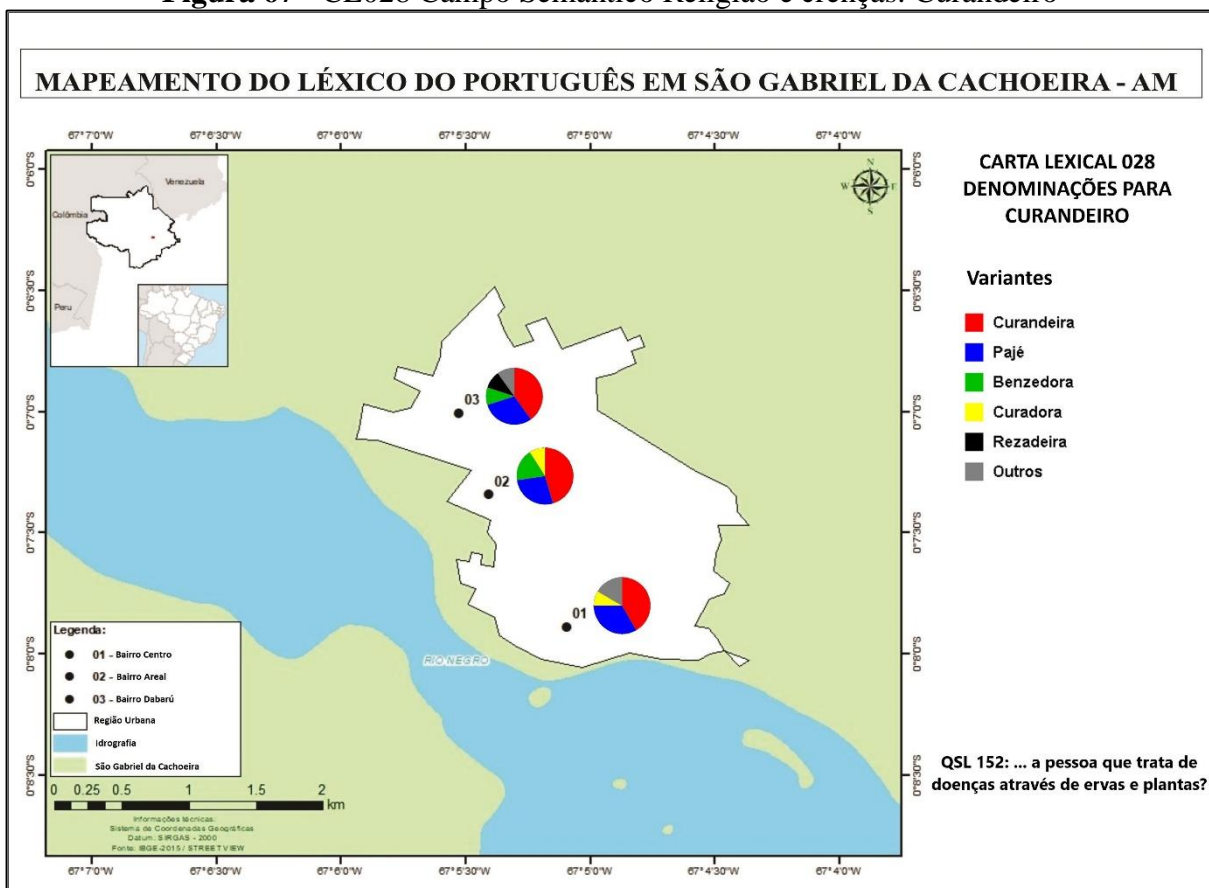
Figura 66 - Benzedeira



Fonte: <https://www.google.com/search?q=mulher+benzendo&source>

5.28 Item lexical Curandeiro

Figura 67 - CL028 Campo Semântico Religião e crenças: Curandeiro



Fonte: Felix (2018).

5.28.1 Dimensão Diatópica

Observam-se dados diatópicos na carta 028: *curandeiro*, cuja variante *curandeira* tem predominância nos três pontos. A ocorrência por ponto de inquérito foi: Bairro Centro: 41.67%; Bairro Areal: 45.45% e Bairro Dabarú: 40.00%. A variante *pajé* para homem apresentou a segunda maior frequência, questionados os colaboradores sobre as respostas no feminino, em sua maioria respondiam: “é mais a mulher que benze”. Os dados apontam que o Bairro 01, Centro, a predominância é da lexia *curandeira* e das quatro outras variantes mais produtivas, só não ocorreram *benzadora* e *rezadeira* e ainda apresentou várias lexias para *outras variantes*. No Bairro 02, Areal, a predominância é igualmente da lexia *curandeira* e das quatro variantes mais produtivas, não foi proferida uma delas: *rezadeira* e também apresentou várias lexias para *outras variantes*. No Bairro 03, Dabarú, a predominância também é de *curandeira* e apresenta a ocorrência das variantes mais produtivas, exceto *curadora*, esse ponto registrou lexias para

outras variantes. Os percentuais mostram que a dimensão diatópica não foi significativa para a variação deste item lexical.

5.28.2 Dimensão Diageracional

Tabela 82 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Curandeiro

FATOR DIAGERACIONAL				
Variantes	1ª faixa etária		2ª faixa etária	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Curandeira	6	35.29%	8	50.00%
Pajé	6	35.29%	4	25.00%
Benedora	2	11.76%	-	0.00%
Curadora	2	11.76%	-	0.00%
Rezadeira	-	0.00%	1	6.25%
Outras	1	5.88%	3	18.75%
Total	17	100%	16	100%

Fonte: Felix (2018).

Os dados revelam que, na dimensão idade, a variante *curandeira*, no feminino, foi a mais frequente nas duas faixas etárias com o percentual de diferença a mais de 24.61% entre os mais velhos. A lexia *pajé* foi, igualmente, a segunda mais produtiva nas duas faixas. As variantes no feminino foram frequentes tanto entre os mais jovens, quanto entre os mais idosos. Os percentuais mostram quanto o fator idade não contribui para a variação deste item lexical.

5.28.3 Dimensão Diassexual

Tabela 83 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Curandeiro

FATOR DIASSEXUAL				
Variantes	Feminino		Masculino	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Curandeira	7	38.89%	7	46.67%
Pajé	4	22.22%	6	40.00%
Benedora	3	16.67%	-	0.00%
Curadora	2	11.11%	-	0.00%
Rezadeira	-	0.00%	1	6.67%
Outras	1	5.56%	1	6.67%
Total	18	100%	15	100%

Fonte: Felix (2018).

A dimensão diassexual é evidenciada na carta 028, acerca da variável *curandeiro*, cujos resultados mostram que a variante *curandeira*, no feminino, é a mais produtiva tanto na fala feminina quanto na fala masculina em ocorrência, equilibradamente, embora seja registrado o percentual a mais entre os homens de 7.78%. A variante *pajé* foi a segunda maior frequência, sendo mais produtiva entre os homens. As variantes *benzedora* e *curadora* só foram registradas entre as mulheres. Assim como a variante *rezadeira* só ocorreu entre os homens. Os dados registram que o fator diassexual não foi representativo para a variação deste item lexical.

5.28.4 Dimensão Diastrática

Tabela 84 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Curandeiro

Variantes	FATOR DIASTRÁTICO			
	Fundamental		Médio	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Curandeira	7	35.00%	7	53.25%
Pajé	9	40.00%	1	7.69%
Benzedora	1	5.00%	2	15.38%
Curadora	-	0.00%	2	15.38%
Rezadeira	1	5.00%	-	0.00%
Outras	2	10.00%	1	7.69%
Total	20	100%	13	100%

Fonte: Felix (2018).

No que se refere à escolaridade, verifica-se que a variante *curandeira*, no feminino, foi a mais produtiva no Ensino Médio com o percentual de diferença a mais de 18.25%. No Ensino Fundamental, foi a segunda ocorrência com 35.00%. A lexia *pajé* ocorreu nos dois níveis de sendo bem mais produtiva no Ensino Fundamental com o percentual de diferença entre eles de 32.31%. A lexia *benzedora* também ocorreu nos dois níveis, com maior frequência no Ensino Médio. A lexia *curadora* apresentou-se somente no Ensino Médio e a lexia *rezadeira* só ocorreu no Ensino Fundamental. Ambos os níveis proferiram lexias para *outras variantes*. Os dados mostram que o fator diastrático não foi significativo para a variação deste item lexical.

5.28.5 As variantes de Curandeiro nos Atlas Linguísticos e Dicionários

Quadro 65- Variantes de Curandeiro – ALiB, ALAM, ALSAM

SGC	ALiB	ALAM	ALSAM
Curandeira	X	0	0
Pajé	0	0	0
Benzedora	X	0	0
Curadora	X	0	0
Rezadeira	0	0	0

Fonte: Felix (2018).

Carta 028 (*curandeiro*). Como é possível verificar no quadro 65 as variantes registradas em SGC não são confirmadas nem pelo ALAM e nem pelo ALSAM, visto que esse item lexical não foi analisado por esses atlas, logo a comparação dos dados registrados em SGC serão comparados aos do ALiB. São apontados no ALiB, em diversas regiões, as seguintes variantes raizeiro, curandeiro, naturalista, curandor, curador, remedieiro, homeopata, benzedor e a variante mais frequente é *curandeiro*. A partir do que é visto no quadro acima, pode-se inferir que os dados pertencentes ao ALiB não se aproximam das variantes registradas em São Gabriel, visto que foram apresentadas em SGC variantes no feminino.

Quadro 66- Variantes de Curandeiro nos Dicionários

VARIANTES	DICIONÁRIO Língua Portuguesa Aurélio	DICIONÁRIO Nheengatu Stradelli (1929)	DICIONÁRIO Línguas Indígenas Barbosa Rodrigues (1894)	DICIONÁRIO Tupi Lemos Barbosa (1951)	DICIONÁRIO Histórico Geraldo da Cunha (1978)
Curandeira	X	0	0	0	0
Pajé	X	X	X	X	X
Benzedora	X	0	0	0	0
Curadora	X	0	0	0	0
Rezadeira	X	0	0	0	0

Fonte: Felix (2018).

O quadro acima que registrou a presença/ausência das variantes de *curandeiro* nos dicionários consultados revela que o Aurélio registra todas as variantes proferidas em SGC, curandeira, benzedora, curadora e rezadeira como mulher que benze. Durante a organização da coleta de dados desta pesquisa, o que nos chamou a atenção foi o elevado número de variantes no feminino proferidas espontaneamente pelos colaboradores, revelando uma importante

informação em relação à diferença entre o masculino e o feminino em relação aos itens lexicais *curandeiro e pajé* entre os indígenas de SGC.

Quanto ao Stradelli, apresenta o seguinte registro das variantes com ideia de curandeiro, pajé, benzedor, curador e rezador: curandeiro-pusanun-uéra, pajé-pagé/pajé/paié, benzedor-curusá-munhangara, curador-pusanun-uéra, rezador-mbuesara, as quais possuem o sentido tanto de curandeiro quanto curandeira. Cabe aqui, um registro histórico de como Stradelli relatou as diferenças, em seu dicionário, sobre as lexias *curandeiro e pajé*:

... O pajé e o medico, o conselheiro da tribu, o padre, o feiticeiro, o depositario autorizado da sciencia tradicional. Pajé não é qualquer. Só os fortes de coração, os que sabem superar as provas da iniciação, que têm o folego necessario para aspirar a ser pajé. Com menos de cinco folegos não ha pajé que possa affrontar impunemente as cobras venenosas; é preciso ter mais de cinco folegos para poder curar as doenças com a simples imposição das mãos e com o cuspo as mordidelas das cobras venenosas. Os pajés que têm de sete folegos para cima, lêem claro no futuro, curam á distanacia, podem mudar-se á vontade no animal que lhes convém, tornar-se invisiveis e se transportar de um logar para outro com o simples exforço do proprio querer. “Hoje não ha mais paié”, me dizia o velho Taracúa, “somos todos curandeiros”. E eram queixas de collega a collega, porque eu passei sempre por muito bom pajé, graças á photographia, ao microscopio e as collecções de plantas, especies de Caladiums, que fazia durante o tempo que passei no meio dos indigenas no rio Uaupés. (STRADELLI, 1921, pág 585)

Por sua vez, Rodrigues Barbosa confirma as variantes para *curandeiro e pajé* como poçanuera- curandeiro(a), paye como o guia, o pai; Lemos Barbosa confirma as variantes para *curandeiro, pajé e curador*, registrando como possanguiguara (curandeiro/curador), pajé aíba (aliado ao espírito malfazejo), pajé catu (aliado a espírito bom) e Geraldo da Cunha: *curandeiro* como puçanguara, *pajé* como pagé, payée em Tupi: Pa’ie e *curador* como puçanguara.

Portanto, entre as diversas variantes lexicais proferidas pelos entrevistados, as lexias *curandeira* (no feminino, porque conforme o pronunciamento da maioria dos colaboradores, “é a mulher que benze” e *pajé* foram as mais produtivas. Como a predominância nas respostas de nossos colaboradores foram as variantes *curandeira e pajé*, registra-se a evidência da influência da língua oficial do país e das línguas indígenas Tupi e Nheengatú sobre esse uso linguístico em SGC.

Figura 68 - Curandeira/ Pajé

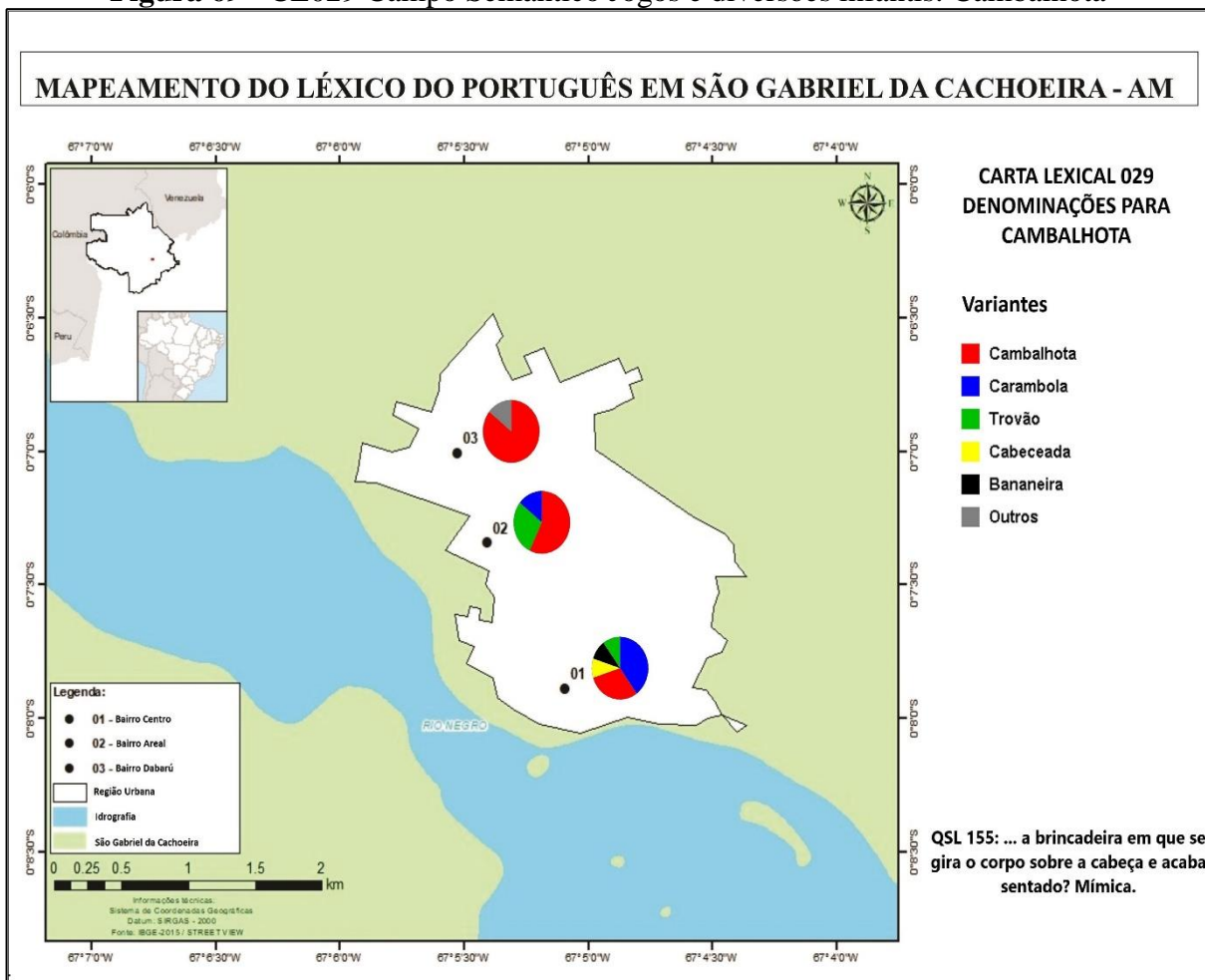


Fontes: <https://www.google.com/search?biw=1366&bih>

Fonte: <https://www.google.com/search?q=pajé>

5.29 Item lexical Cambalhota

Figura 69 - CL029 Campo Semântico Jogos e diversões infantis: Cambalhota



Fonte: Felix (2018).

5.29.1 Dimensão Diatópica

Observam-se dados diatópicos na carta 029: *cambalhota*, cuja variante *cambalhota* tem predominância em dois dos três pontos. A ocorrência por ponto de inquérito foi: Bairro Centro: 30.00%; Bairro Areial: 57.14% e Bairro Dabarú: 85.71%. Os dados apontam que o Bairro 01, Centro, a predominância é da lexia *carambola* seguida da ocorrência equilibrada das quatro outras variantes mais produtivas, e não apresentou outras lexias para *outras variantes*. No Bairro 02, Areial, a predominância é da lexia *cambalhota* e das quatro variantes mais produtivas, não foram proferidas duas delas: *cabeçada* e *bananeira*, e também não apresentou lexias para *outras variantes*. No Bairro 03, Dabarú, a predominância é de *cambalhota* e não houve registro das demais variantes, apresentou algumas lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que a dimensão diatópica não foi significativa para a variação deste item lexical.

5.29.2 Dimensão Diageracional

Tabela 85 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical *Cambalhota*

FATOR DIAGERACIONAL				
Variantes	1ª faixa etária		2ª faixa etária	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Cambalhota	6	50.00%	7	58.33%
Carambola	2	16.67%	3	25.00%
Trovão	1	8.33%	2	16.67%
Cabeçada	1	8.33%	-	0.00%
Bananeira	1	8.33%	-	0.00%
Outras	1	8.33%	-	0.00%
Total	12	100%	12	100%

Fonte: Felix (2018).

Os dados revelam que, na dimensão idade, a variante *cambalhota* foi a mais frequente nas duas faixas etárias com uma diferença de percentual de produtividade a mais na segunda faixa etária de 8.33%. As lexias *carambola* e *trovão* apresentaram também percentual de ocorrência a mais na segunda faixa de 8.33% e 8.34% respectivamente. As demais variantes *só ocorreram* entre os mais jovens. Os percentuais mostram quanto o fator idade não foi produtivo para a variação deste item lexical.

5.29.3 Dimensão Diassexual

Tabela 86 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Cambalhota

FATOR DIASSEXUAL				
Variantes	Feminino		Masculino	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Cambalhota	8	61.54%	5	45.45%
Carambola	2	15.38%	3	27.27%
Trovão	2	15.38%	1	9.09%
Cabeceada	1	7.69%	-	0.00%
Bananeira	-	0.00%	1	9.09%
Outras	-	0.00%	1	9.09%
Total	13	100%	11	100%

Fonte: Felix (2018).

A dimensão diassexual é evidenciada na carta 029, acerca da variável *cambalhota*, cujos resultados mostram que a variante *cambalhota* é a mais produtiva na fala feminina sendo registrado o percentual de diferença de 16.09% em relação à fala masculina. A variante *carambola* foi a segunda maior frequência entre os sexos, com percentual de diferença a mais entre os homens de 11.89%. A terceira lexia mais recorrente entre os sexos foi *trovão*, sendo mais recorrente entre as mulheres. Os percentuais mostram quanto o fator sexo não foi significativo para a variação deste item lexical.

5.29.4 Dimensão Diastrática

Tabela 87 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Cambalhota

FATOR DIASTRÁTICO				
Variantes	Fundamental		Médio	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Cambalhota	3	25.00%	10	83.33%
Carambola	4	33.33%	1	8.33%
Trovão	3	25.00%	-	0.00%
Cabeceada	1	8.33%	-	0.00%
Bananeira	-	0.00%	1	8.33%
Outras	1	8.33%	-	0.00%
Total	12	100%	12	100%

Fonte: Felix (2018).

No que se refere à escolaridade, verifica-se que a variante *cambalhota* foi a mais frequente entre os dois níveis de ensino, sendo mais produtiva no Ensino Médio com o percentual de diferença a mais de 58.33%. A lexia *carambola* ocorreu nos dois níveis de instrução sendo mais produtiva no Ensino fundamental com o percentual a mais de 25.00%. A lexias *trovão* e *cabeceada* só ocorreram no Ensino Fundamental. A variante *bananeira* ocorreu apenas no Ensino Médio. Somente o nível Fundamental proferiu uma lexia para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator diastrático foi significativo para a variação deste item lexical.

5.29.5 As variantes de Cambalhota nos Atlas Linguísticos e Dicionários

Quadro 67- Variantes de Cambalhota – ALiB, ALAM, ALSAM

SGC	ALiB	ALAM	ALSAM
Cambalhota	X	X	X
Carambola	X	X	X
Trovão	X	0	0
Cabeceada	X	0	0
Bananeira	0	0	0

Fonte: Felix (2018).

Carta 029 (*cambalhota*). Como é possível verificar no quadro 67 as variantes *cambalhota* e *carambola*, que foram registradas em SGC, são confirmadas pelo ALAM, Carta 76, sendo a variante *carambola* a mais frequente na região pesquisada. E no ALSAM, carta L160 (*Carambola*), também são confirmadas as variantes de SGC *cambalhota* e *carambola* e registra a variante *calambota* como a mais recorrente na mesorregião; e registra ainda *cangapé*, *cambalhota*, *mortal*, *carambola*, *calambiota* e *bunda-canastra*. O ALAM registra também *calambota*, *carambota*, *cangapé*, *salto mortal*, *pulo mortal*, *calhambiota*, *calambiota*, *bunda-canastra*. O ALiB registra quatro das cinco variantes mais frequentes de SGC.

A partir do que é visto no quadro acima, pode-se inferir que os dados pertencentes aos três Atlas, ora se aproximam das variantes registradas em São Gabriel, ora se distanciam, porém observa-se proximidade, neste item lexical, com os dois atlas da região Amazônica em relação às principais variantes registradas em SGC.

Quadro 68- Variantes de Cambalhota nos Dicionários

VARIANTES	DICIONÁRIO Língua Portuguesa Aurélio	DICIONÁRIO Nheengatu Stradelli (1929)	DICIONÁRIO Línguas Indígenas Barbosa Rodrigues (1894)	DICIONÁRIO Tupi Lemos Barbosa (1951)	DICIONÁRIO Histórico Geraldo da Cunha (1978)
Cambalhota	X	0	0	0	0
Carambola	0	0	0	0	0
Trovão	0	0	0	0	0
Cabeceada	0	0	0	0	0
Bananeira	0	0	0	0	0

Fonte: Felix (2018).

O quadro acima que registrou a presença/ausência das variantes de *cambalhota* nos dicionários consultados revela que o Aurélio registra apenas uma variante proferida em SGC. Quanto ao Stradelli, Barbosa Rodrigues, Lemos Barbosa e Geraldo da Cunha não apresentam este item lexical.

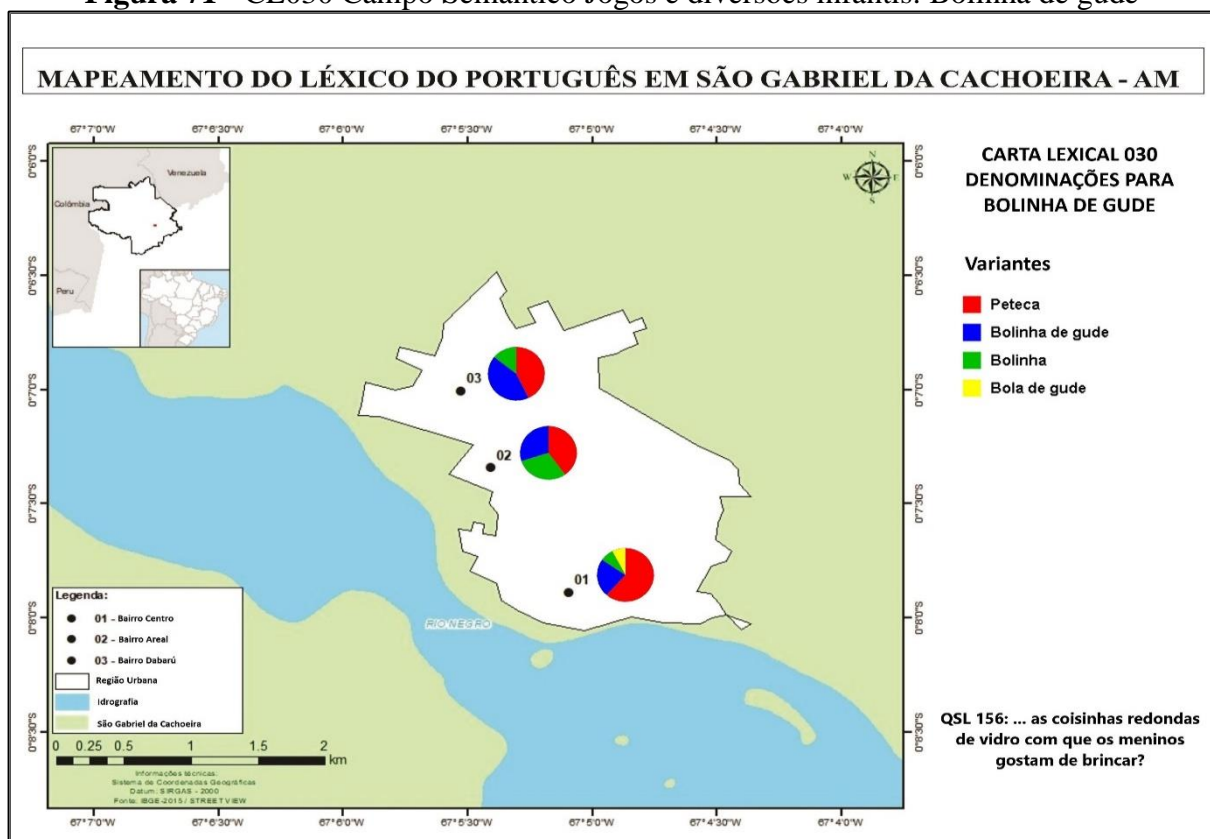
Portanto, como a predominância nas respostas de nossos colaboradores foi a variante *cambalhota*, registra-se a evidência da influência da língua oficial do país sobre esse uso linguístico em SGC.

Figura 70 - Cambalhota

Fonte: <https://www.google.com/search?q=cambalhot>

5.30 Item lexical Bolinha de Gude

Figura 71 - CL030 Campo Semântico Jogos e diversões infantis: Bolinha de gude



Fonte: Felix (2018).

5.30.1 Dimensão Diatópica

Observam-se dados diatópicos na carta 030: *bolinha de gude*, cuja variante *peteca* tem predominância em dois dos três pontos. A ocorrência por ponto de inquérito foi: Bairro Centro: 61.54%; Bairro Areal: 40.00% e Bairro Dabarú: 42.86%. Os dados apontam que o Bairro 01, Centro, a predominância é da lexia *peteca* e também apresentou as três outras variantes mais produtivas, porém não houve registro de lexias para *outras variantes*. No Bairro 02, Areal, a predominância é também da lexia *peteca* e apresentou equilíbrio de ocorrência, com percentual de 30%, entre a segunda e terceira lexias, *bolinha de gude* e *bolinha*, e não apresentou a variante *bola de gude* e nem lexias para *outras variantes*. No Bairro 03, Dabarú, houve equilíbrio de ocorrência entre as duas variantes mais frequentes, *peteca* e *bolinha de gude*, com o percentual de 42.86% para cada variante, e esse ponto não apresentou a variante *bola de gude* e nem lexias para *outras variantes*.

5.30.2 Dimensão Diageracional

Tabela 88 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Bolinha de gude

FATOR DIAGERACIONAL				
Variantes	1ª faixa etária		2ª faixa etária	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Peteca	9	60.00%	6	40.00%
Bolinha de gude	6	40.00%	3	20.00%
Bolinha	-	0.00%	5	33.33%
Bola de gude	-	0.00%	1	6.67%
Outras	-	0.00%	-	0.00%
Total	15	100%	15	100%

Fonte: Felix (2018).

Os dados revelam que, na dimensão idade, a variante *peteca* foi a mais frequente tanto na primeira quanto na segunda faixa etária, com percentual representativo de produtividade a mais na primeira faixa de 20%. A lexia *bolinha de gude* foi a mais frequente entre os mais jovens. As demais variantes só ocorreram na segunda faixa etária. Os percentuais mostram que o fator idade foi representativo para a variação deste item lexical. Os percentuais mostram que a dimensão diatópica não foi significativa para a variação deste item lexical.

5.30.3 Dimensão Diassexual

Tabela 89 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Bolinha de gude

FATOR DIASSEXUAL				
Variantes	Feminino		Masculino	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Peteca	8	53.33%	7	46.67%
Bolinha de gude	5	33.33%	4	26.67%
Bolinha	2	13.33%	3	20.00%
Bola de gude	-	0.00%	1	6.67%
Outras	-	0.00%	-	0.00%
Total	15	100%	15	100%

Fonte: Felix (2018).

A dimensão diassexual é evidenciada na carta 030, acerca da variável *bolinha de gude*, cujos resultados mostram que a variante *peteca* é a mais produtiva tanto na fala feminina quanto na fala masculina, com uma sutil diferença a mais entre as mulheres de 6.66%. A variante

bolinha de gude foi a segunda maior frequência entre as mulheres e os homens. A terceira lexia mais recorrente entre os sexos foi *bolinha* com o percentual de diferença a mais 6.67% entre os homens. Os percentuais mostram que o fator diastrático não contribuiu para a variação deste item lexical.

5.30.4 Dimensão Diastrática

Tabela 90 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Bolinha de gude

Variantes	FATOR DIASTRÁTICO			
	Fundamental		Médio	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Peteca	7	50.00%	8	50.00%
Bolinha de gude	4	28.57%	5	31.25%
Bolinha	3	21.43%	2	12.50%
Bola de gude	-	0.00%	1	6.25%
Outras	-	0.00%	-	0.00%
Total	14	100%	16	100%

Fonte: Felix (2018).

No que se refere à escolaridade, verifica-se que a variante *peteca* foi a mais frequente entre os dois níveis de ensino, sendo mais produtiva, com uma ocorrência, no Ensino Médio, entretanto com o mesmo percentual de 50.00%. A lexia *bolinha de gude* ocorreu nos dois níveis de instrução com o mesmo comportamento linguístico, apresentando uma sutil diferença entre os mais escolarizados de 2.62%. A lexia *bolinha* também ocorreu nos dois níveis, com maior frequência no Ensino Fundamental com percentual de diferença de 8.93%. A lexia *bola de gude* ocorreu somente no Ensino Médio. Os colaboradores de ambos os níveis de escolaridade não apresentaram lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator diastrático não foi significativo para a variação deste item lexical.

5.30.5 As variantes de Bolinha de gude nos Atlas Linguísticos e Dicionários

Quadro 69- Variantes de Bolinha de gude – ALiB, ALAM, ALSAM

SGC	ALiB	ALAM	ALSAM
Peteca	X	X	X
Bolinha de gude	X	-	-
Bolinha	-	X	X
Bola de gude	X	-	X

Fonte: Felix (2018).

Carta 030 (*bolinha de gude*). Como é possível verificar no quadro 69 as variantes *peteca* e *bolinha* são registradas pelo ALAM (carta 77); e pelo ALSAM (carta L161). Não foram observadas no ALAM as lexias *bolinha de gude* e *bola de gude*. Foram confirmadas ainda pelo ALSAM as variantes *peteca*, *bolinha* e *bola de gude* e só não foi registrada a variante *bolinha de gude*.

O ALiB registra as duas variantes mais frequentes (*peteca* e *bolinha de gude*): *peteca* no Norte (todas as capitais e 100% em todas elas, exceto em Manaus); Nordeste (São Luís e Teresina) e *bolinha de gude* no Norte (Manaus); Nordeste (São Luís, Teresina, Recife e Maceió); Sudeste (todas as capitais); Sul (Florianópolis e Porto Alegre); Centro-Oeste (Goiânia e Campo Grande). A partir do que é visto no quadro acima, pode-se inferir que os dados pertencentes aos três Atlas, ora se aproximam das variantes registradas em São Gabriel, ora se distanciam, porém observa-se proximidade, neste item lexical, com os ALSAM em relação à maioria das variantes registradas em SGC.

Quadro 70- Variantes de Bolinha de gude nos Dicionários

VARIANTES	DICIONÁRIO Língua Portuguesa Aurélio	DICIONÁRIO Nheengatu Stradelli (1929)	DICIONÁRIO Líguas Indígenas Barbosa Rodrigues (1894)	DICIONÁRIO Tupi Lemos Barbosa (1951)	DICIONÁRIO Histórico Geraldo da Cunha (1978)
Peteca	X	0	0	0	0
Bolinha de gude	0	0	0	0	0
Bolinha	X	0	0	0	0
Bola de gude	0	0	0	0	0

Fonte: Felix (2018)

O quadro acima que registrou a presença/ausência das variantes de *bolinha de gude* nos dicionários consultados revela que o Aurélio registra duas variantes proferidas em SGC: *peteca*

e *bolinha*. Quanto ao Stradelli, Barbosa Rodrigues, Lemos Barbosa e Geraldo da Cunha não apresentam este item lexical, apenas o vocábulo que expressa a ideia de redondo: *apuã*, no Stradelli; *apu'a* e *apuâ*, no Geraldo da Cunha.

Portanto, como a predominância nas respostas de nossos colaboradores foram as variantes *peteca* e *bolinha de gude*, registra-se a evidência da influência da língua oficial do país sobre esse uso linguístico em SGC.

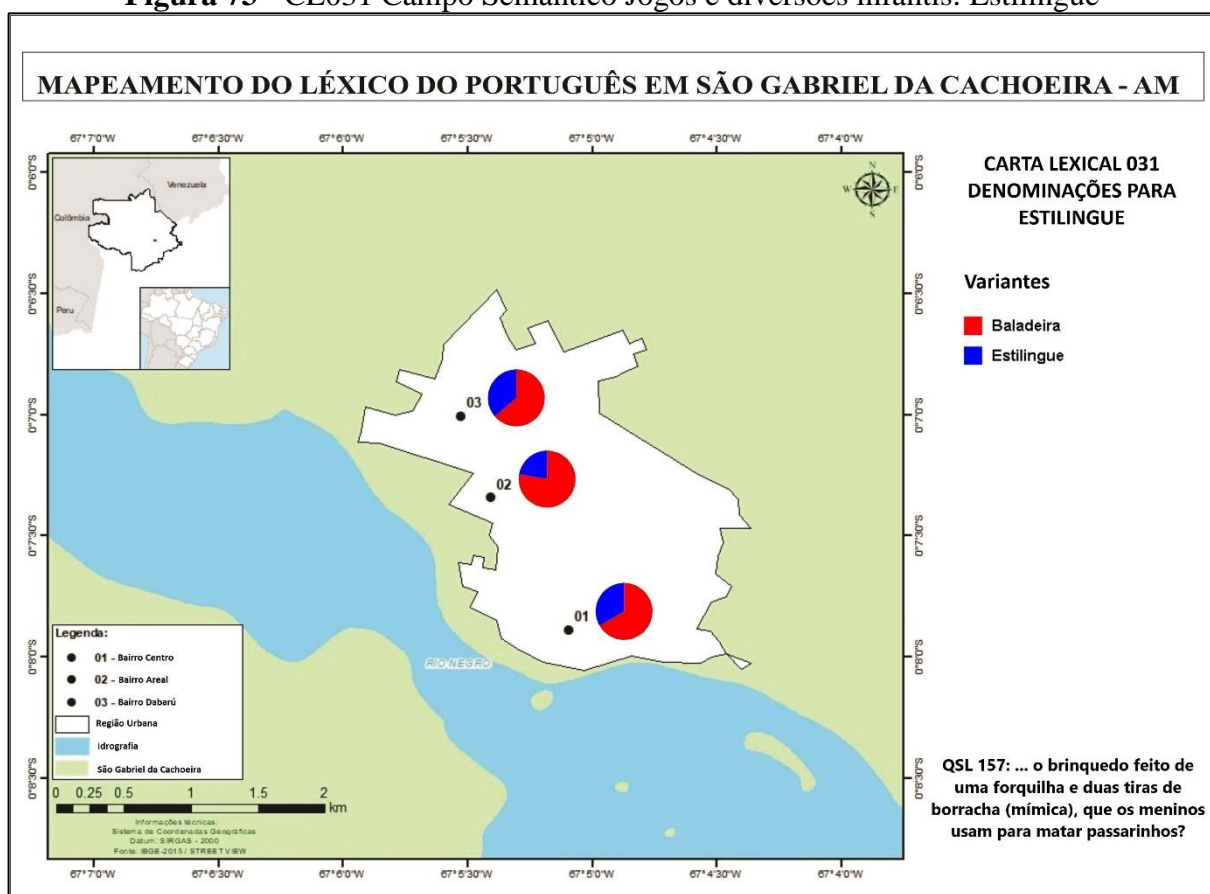
Figura 72 - Peteca



Fonte: <https://www.google.com/search?biw=1366&bih=608&tbn>

5.31 Item lexical Estilíngue

Figura 73 - CL031 Campo Semântico Jogos e diversões infantis: Estilíngue



Fonte: Felix (2018).

5.31.1 Dimensão Diatópica

Observam-se dados diatópicos na carta 031: *estilíngue*, cuja variante *baladeira* tem predominância nos três pontos. A ocorrência por ponto de inquérito foi: Bairro Centro: 66.67%; Bairro Areal: 77.78% e Bairro Dabarú: 63.64%. Os dados apontam que o Bairro 01, a predominância é da lexia *baladeira* seguida, como segunda mais frequente, da variante *estilíngue*. Nos Bairros 02 e 03, a ocorrência se dá igualmente ao do primeiro ponto. Não foram proferidas lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que a dimensão diatópica não foi significativa para a variação deste item lexical.

5.31.2 Dimensão Diageracional

Tabela 91 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical *Estilíngue*

FATOR DIAGERACIONAL				
Variantes	1ª faixa etária		2ª faixa etária	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Baladeira	10	66.67%	12	70.59%
Estilíngue	5	33.33%	5	29.41%
Outras	-	0.00%	-	0.00%
Total	15	100%	17	100%

Fonte: Felix (2018).

Os dados revelam que, na dimensão idade, a variante *baladeira* foi a mais frequente nas duas faixas etárias com o sutil percentual a mais na segunda faixa de acima de 3.9%. A lexia *estilíngue* apresentou o mesmo número de ocorrência nas duas faixas, embora com o percentual a mais de 3.92% na primeira faixa. Ambas as faixas etárias não apresentaram lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram o quanto o fator idade contribui, equilibradamente, nas duas faixas etárias para a variação deste item lexical.

5.31.3 Dimensão Diassexual

Tabela 92 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical *Estilíngue*

FATOR DIASSEXUAL				
Variantes	Feminino		Masculino	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Baladeira	12	70.59%	10	66.67%
Estilíngue	5	29.41%	5	33.33%
Outras	-	0.00%	-	0.00%
Total	17	100%	15	100%

Fonte: Felix (2018).

A dimensão diassexual é evidenciada na carta 031, acerca da variável *estilíngue*, cujos resultados mostram que a variante *baladeira* é a mais produtiva tanto na fala feminina quanto na fala masculina, sendo registrada uma sutil diferença de percentual de 3.92% a mais entre as mulheres. A variante *estilíngue* foi a segunda maior frequência entre os dois sexos, com o mesmo número de ocorrência. Ambos os sexos não apresentaram lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram o quanto o fator diassexual contribui, quase equilibradamente, nos dois sexos para a variação deste item lexical.

5.31.4 Dimensão Diastrática

Tabela 93 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Estilíngue

FATOR DIASTRÁTICO				
Variantes	Fundamental		Médio	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Baladeira	11	68.75%	11	68.75%
Estilíngue	5	31.25%	5	31.25%
Outras	-	0.00%	-	0.00%
Total	16	100%	16	100%

Fonte: Felix (2018).

No que se refere à escolaridade, verifica-se que a variante *estilingue* foi a mais frequente entre os dois níveis de ensino, equilibradamente em ocorrência e percentual. O mesmo ocorreu com a lexia *estilíngue* que se apresentou, nos dois níveis de ensino, com a mesma produtividade. Os colaboradores de ambos os níveis de escolaridade não apresentaram lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram o quanto o fator diastrático contribui, equilibradamente, nos dois níveis de instrução para a variação deste item lexical.

5.31.5 As variantes de Estilíngue nos Atlas Linguísticos e Dicionários

Quadro 71- Variantes de Estilíngue – ALiB, ALAM, ALSAM

SGC	ALiB	ALAM	ALSAM
Baladeira	X	X	X
Estilíngue	X	0	X

Fonte: Felix (2018).

Carta 031 (*estilíngue*). Como é possível verificar no quadro 71 as variantes *baladeira* e *estilingue* são registradas pelo ALSAM (carta L162) na região Amazônica, confirmando a predominância de *baladeira* no Sul Amazonense. O ALAM confirma a variante *baladeira*, porém não registra a variante *estilíngue* na mesorregião amazônica. Não foram observadas no ALAM e nem no ALSAM lexias para *outras variantes*. O ALiB apresenta, para o item em estudo, as seguintes variantes: *estilingue*, *baladeira*, *atiradeira*, *badogue*, *funda*, *estilete*, *peteca*, *seta*, *setra*. A partir do que é visto no quadro acima, pode-se inferir que os dados pertencentes aos três Atlas, ora se aproximam das variantes registradas em São Gabriel, ora se distanciam, porém observa-se proximidade, neste item lexical, com o ALSAM em relação às variantes registradas em SGC.

Quadro 72- Variantes de Estilíngue nos Dicionários

VARIANTES	DICIONÁRIO Língua Portuguesa Aurélio	DICIONÁRIO Nheengatu Stradelli (1929)	DICIONÁRIO Líguas Indígenas Barbosa Rodrigues (1894)	DICIONÁRIO Tupi Lemos Barbosa (1951)	DICIONÁRIO Histórico Geraldo da Cunha (1978)
Baladeira	X	0	0	0	0
Estilíngue	X	0	0	0	0

Fonte: Felix (2018).

O quadro acima que registrou a presença/ausência das variantes de estilíngue nos dicionários consultados revela que o Aurélio registra as duas variantes proferidas em SGC.

Quanto ao Stradelli, Barbosa Rodrigues, Lemos Barbosa e Geraldo da Cunha não apresentam este item lexical.

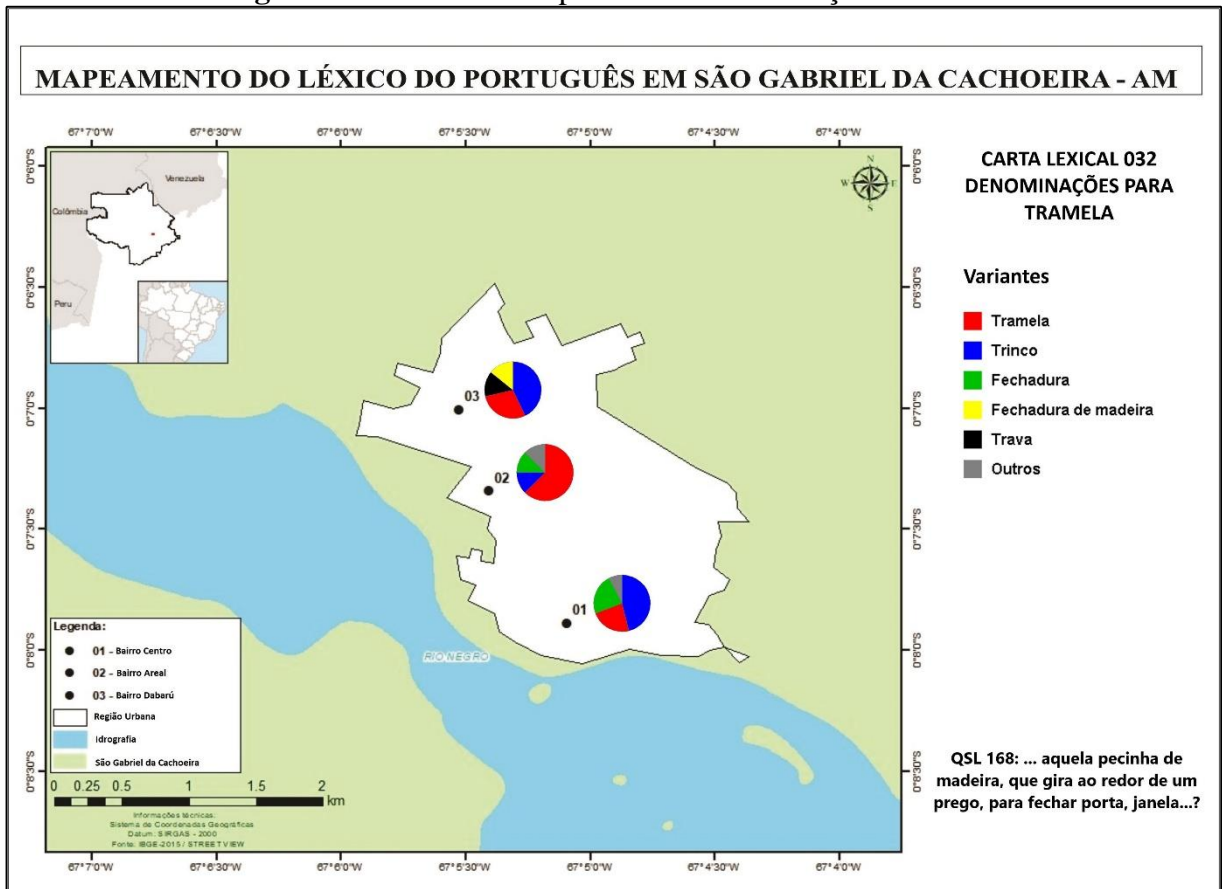
Portanto, como a predominância nas respostas de nossos colaboradores foram as variantes *baladeira* e *estilíngue*, registra-se a evidência da influência da língua oficial do país sobre esse uso linguístico em SGC.

Figura 74 - Baladeira

Fonte: <https://www.google.com/search?q=estilíngue&source>

5.32 Item lexical Tramela

Figura 75 - CL0032 Campo Semântico Habitação: Tramela



Fonte: Felix (2018).

5.32.1 Dimensão Diatópica

Observam-se dados diatópicos na carta 032: *tramela*, cujas variantes *tramela* e *trinco* dividem a predominância entre os pontos. A ocorrência das variantes, em sequência, por ponto de inquérito foi: Bairro Centro: 23.08% e 46.15%; Bairro Areal: 62.50% e 12.50% e Bairro Dabarú: 28.57% e 42.86%. Os dados apontam que o Bairro 01, Centro, a predominância é da lexia *trinco* e das quatro outras variantes mais produtivas, não ocorreram *fechadura* e *trava* e também apresentou lexias para *outras variantes*. No Bairro 02, Areal, a predominância é da lexia *tramela* e das quatro variantes mais produtivas, também não foram proferidas: *fechadura* e *trava*, porém apresentou lexias para *outras variantes*. No Bairro 03, Dabarú, a predominância é da variante *trinco* e apresenta a ocorrência de todas as lexias mais produtivas. Os percentuais mostram que a dimensão diatópica não foi significativa para a variação deste item lexical.

5.32.2 Dimensão Diageracional

Tabela 94 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Tramela

FATOR DIAGERACIONAL				
Variantes	1ª faixa etária		2ª faixa etária	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Tramela	5	38.46%	5	33.33%
Trinco	5	38.46%	5	33.33%
Fechadura	2	15.38%	2	13.33%
Fechadura de madeira	1	7.69%	1	6.67%
Trava	-	0.00%	1	6.67%
Outras	-	0.00%	1	6.67%
Total	13	100%	15	100%

Fonte: Felix (2018).

Os dados revelam que, na dimensão idade, as variantes *tramela* e *trinco* foram as mais frequentes nas duas faixas etárias com o mesmo número de ocorrência, apresentando uma sutil diferença a mais de 5.13% na primeira faixa etária. As demais variantes apresentaram igualmente o mesmo número de ocorrência. Somente a segunda faixa etária apresentou lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator idade não contribuiu para a variação deste item lexical.

5.32.3 Dimensão Diassexual

Tabela 95 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Tramela

FATOR DIASSEXUAL				
Variantes	Feminino		Masculino	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Tramela	4	33.33%	6	37.50%
Trinco	5	41.67%	5	31.25%
Fechadura	1	8.33%	3	18.75%
Fechadura de madeira	-	0.00%	1	6.25%
Trava	-	0.00%	1	6.25%
Outras	2	16.66%	-	0.00%
Total	12	100%	16	100%

Fonte: Felix (2018).

A dimensão diassexual é evidenciada na carta 032, acerca da variável *tramela*, cujos resultados mostram que a variante *tramela* foi um pouco mais produtiva na fala masculina,

sendo registrado o percentual de diferença de 4.17%. A variante *trinco* foi a segunda maior frequência entre ambos os sexos com igual número de ocorrência. A terceira lexia mais recorrente, *fechadura*, foi mais produtiva entre os homens. Somente as mulheres proferiram lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator diassexual não foi significativo para a variação deste item lexical.

5.32.4 Dimensão Diastrática

Tabela 96 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Tramela

Variantes	FATOR DIASTRÁTICO			
	Fundamental		Médio	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Tramela	6	42.86%	4	28.57%
Trinco	5	35.71%	5	35.71%
Fechadura	1	7.14%	3	21.43%
Fechadura de madeira	1	7.14%	-	0.00%
Trava	1	7.14%	-	0.00%
Outras	-	0.00%	2	14.28%
Total	14	100%	14	100%

Fonte: Felix (2018).

No que se refere à escolaridade, verifica-se que a variante *tramela* foi a mais frequente entre os dois níveis de ensino, sendo mais produtiva no Ensino Fundamental com o percentual de diferença de 14.29%. A lexia *trinco* ocorreu nos dois níveis de instrução sendo com ocorrência e percentual equilibrados. A lexia *fechadura* também ocorreu nos dois níveis, com maior frequência no Ensino Médio. As demais variantes tiveram pouca produtividade. Somente o Ensino Médio proferiu lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator diastrático não foi produtivo para a variação deste item lexical.

5.32.5 As variantes de Tramela nos Atlas Linguísticos e Dicionários

Quadro 73- Variantes de Tramela – ALiB, ALAM, ALSAM

SGC	ALiB	ALAM	ALSAM
Tramela	X	X	X
Trinco	X	0	X
Fechadura	X	0	X
Fechadura de madeira	0	0	0
Trava	X	0	0

Fonte: Felix (2018).

Carta 032 (tramela). Como é possível verificar no quadro 73, a variante mais produtiva em SGC é registrada pelo ALSAM (carta L111) na região Amazônica, confirmando a predominância da variante *tramela* no Sul Amazonense. O ALAM confirma a variante *tramela*, porém não registra as demais variantes na mesorregião amazônica. Não foram observadas no ALAM e nem no ALSAM lexias para outras variantes. O ALiB apresenta, para o item em estudo, as seguintes variantes: *tramela*, *trinco*, *trava*, *ferrolho*, *fechadura*, *maçaneta*. A partir do que é visto no quadro acima, pode-se inferir que os dados pertencentes aos três Atlas, ora se aproximam das variantes registradas em São Gabriel, ora se distanciam, porém observa-se proximidade, neste item lexical, com o ALSAM em relação às variantes registradas em SGC.

Quadro 74- Variantes de Tramela nos Dicionários

VARIANTES	DICIONÁRIO Língua Portuguesa Aurélio	DICIONÁRIO Nheengatu Stradelli (1929)	DICIONÁRIO Línguas Indígenas Barbosa Rodrigues (1894)	DICIONÁRIO Tupi Lemos Barbosa (1951)	DICIONÁRIO Histórico Geraldo da Cunha (1978)
Tramela	X	0	0	0	0
Trinco	X	0	0	0	0
Fechadura	X	0	0	0	0
Fechadura de madeira	0	0	0	0	0
Trava	X	0	0	0	0

Fonte: Felix (2018).

O quadro acima que registrou a presença/ausência das variantes de tramela nos dicionários consultados revela que o Aurélio registra quatro das variantes proferidas em SGC, embora, nem sempre com a mesma acepção semântica.

Quanto ao Stradelli, ele apresenta o vocábulo “cekindayua”, em nheengatu, significando a tramella da fechadura, que serve para fechar, a escora da porta. Barbosa Rodrigues, Lemos Barbosa e Geraldo da Cunha não registram a entrada deste item lexical.

Portanto, como a predominância nas respostas de nossos colaboradores foram as variantes *tramela* e *trinco*, registra-se a evidência da influência da língua oficial do país sobre esse uso linguístico em SGC.

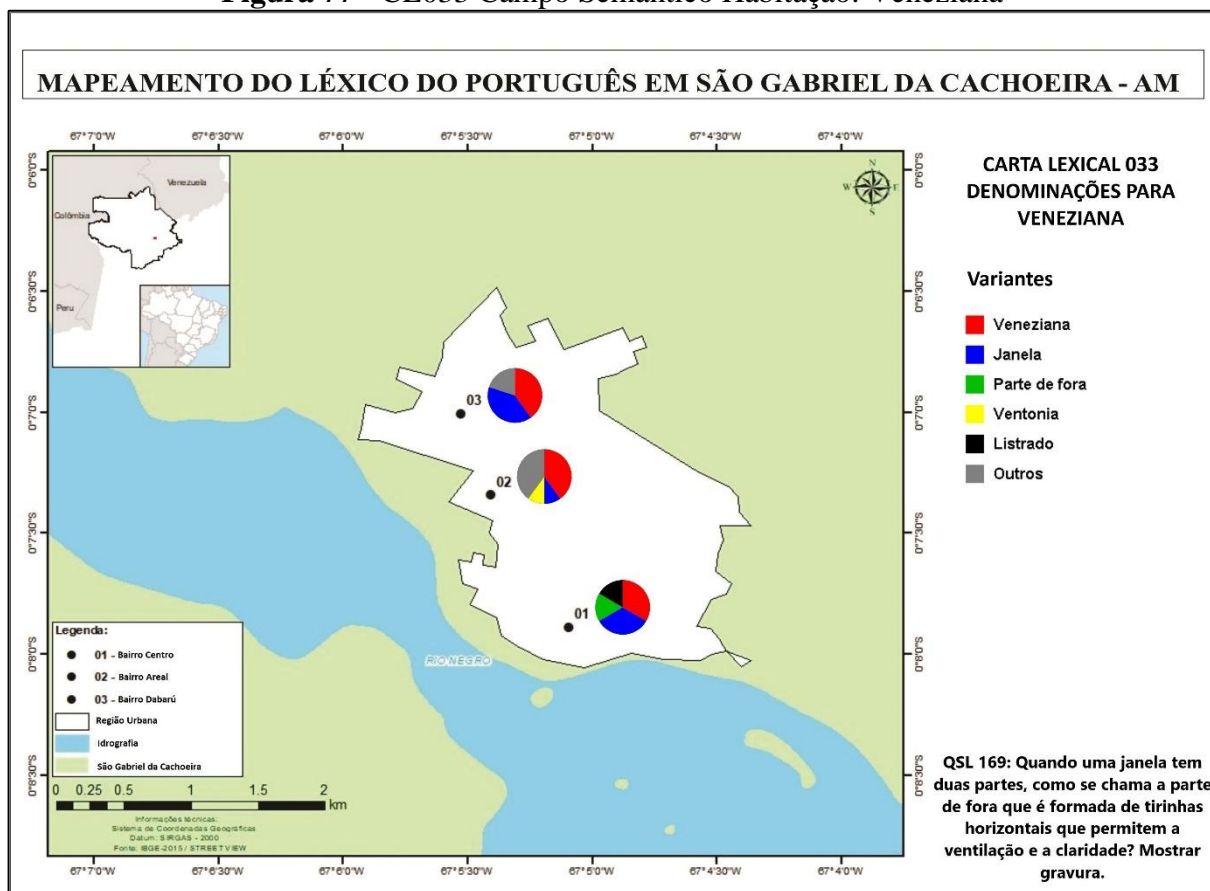
Figura 76 - Tramela



Fonte: <https://www.google.com/search?q=tramela>

5.33 Item lexical Veneziana

Figura 77 - CL033 Campo Semântico Habitação: Veneziana



Fonte: Felix (2018).

5.33.1 Dimensão Diatópica

Observam-se dados diatópicos na carta 033: *veneziana*, cuja variante *veneziana* tem predominância em dois dos três pontos. A ocorrência por ponto de inquérito foi: Bairro Centro: 33.33%; Bairro Areal: 40.00% e Bairro Dabarú: 40.00%. Os dados apontam que o Bairro 01, Centro, há um equilíbrio na ocorrência entre as variantes *veneziana* e *janela*, e, das três outras variantes mais produtivas, só não ocorreu a lexia *ventonia* e ainda não apresentou lexias para *outras variantes*. No Bairro 02, Areal, a predominância é da lexia *veneziana* e dentre as quatro variantes mais produtivas, não foram proferidas duas delas: *parte de fora* e *listrado*, porém apresentou várias lexias para *outras variantes*. No Bairro 03, Dabarú, a frequência é equilibrada entre as variantes *veneziana* e *janela* e também apresentou a ocorrência de várias lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que a dimensão diatópica não foi significativa para a variação deste item lexical.

5.33.2 Dimensão Diageracional

Tabela 97 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Veneziana

FATOR DIAGERACIONAL				
Variantes	1ª faixa etária		2ª faixa etária	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Veneziana	1	16.67%	7	46.67%
Janela	2	33.33%	3	20.00%
Parte de fora	-	0.00%	1	6.67%
Ventonia	1	16.67%	-	0.00%
Listrado	1	16.67%	-	0.00%
Outras	1	16.67%	4	26.68%
Total	6	100%	15	100%

Fonte: Felix (2018).

Os dados revelam que, na dimensão idade, a variante *veneziana* foi a mais frequente com um percentual a mais de produtividade de 30.00% na segunda faixa etária. A variante *janela* foi a mais frequente na primeira faixa etária, e a segunda mais frequente entre os mais velhos. Ambas as faixas etárias proferiram várias lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram quanto o fator idade contribui para a variação deste item lexical.

5.33.3 Dimensão Diassexual

Tabela 98 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Veneziana

FATOR DIASSEXUAL				
Variantes	Feminino		Masculino	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Veneziana	3	33.33%	5	41.67%
Janela	2	22.22%	3	25.00%
Parte de fora	-	0.00%	1	8.33%
Ventonia	-	0.00%	1	8.33%
Listrado	1	11.11%	-	0.00%
Outras	3	33.33%	2	16.66%
Total	9	100%	12	100%

Fonte: Felix (2018).

A dimensão diassexual é evidenciada na carta 033, acerca da variável *veneziana*, cujos resultados mostram que a variante *veneziana* é mais produtiva na fala masculina. A variante *janela* foi a segunda maior frequência entre as mulheres e os homens. As demais variantes

apresentaram baixo número de ocorrência. Os percentuais mostram que o fator diassexual não foi significativo para a variação deste item lexical.

5.33.4 Dimensão Diastrática

Tabela 99 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Veneziana

Variantes	FATOR DIASTRÁTICO			
	Fundamental		Médio	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Veneziana	3	27.27%	5	50.00%
Janela	4	36.36%	1	10.00%
Parte de fora	-	0.00%	1	10.00%
Ventonia	-	0.00%	1	10.00%
Listrado	1	9.09%	-	0.00%
Outras	3	27.27%	2	20.00%
Total	11	100%	10	100%

Fonte: Felix (2018).

No que se refere à escolaridade, verifica-se que a variante *veneziana* foi mais frequente no Ensino Médio com o percentual a mais de diferença de 22.76%. A lexia *janela* ocorreu nos dois níveis de instrução, sendo mais frequente no Ensino Fundamental com o percentual a mais de diferença de 26.36%. As variantes *parte de fora* e *ventonia* só ocorreram no Ensino Médio, e a variante *listrado* só ocorreu no Ensino Fundamental. Os colaboradores de ambos os níveis de escolaridade apresentaram lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator diastrático não contribui para a variação deste item lexical.

5.33.5 As variantes de Veneziana nos Atlas Linguísticos e Dicionários

Quadro 75- Variantes de Veneziana – ALiB, ALAM, ALSAM

SGC	ALiB	ALAM	ALSAM
Veneziana	X	-	-
Janela	X	-	-
Parte de fora	0	-	-
Ventonia	0	-	-
Listrado	0	-	-

Fonte: Felix (2018).

Carta 033 (veneziana). Como é possível verificar no quadro 75 a variante *veneziana* não é registrada nem pelo ALAM e nem pelo ALSAM, visto que esses Atlas não analisaram este item lexical, portanto as comparações serão feitas com o ALiB, que apresenta, para o item em estudo, as seguintes variantes: *veneziana, fresta, folha de janela, janela, parte fechada, persiana, quebra-sol, tela, vitrô e tampos*. A partir do que é visto no quadro acima, pode-se inferir que os dados pertencentes ao ALiB, não se aproximam na totalidade das variantes registradas em São Gabriel, porém observa-se proximidade, neste item lexical, com esse Atlas em relação à variante predominante registrada em SGC.

Quadro 76- Variantes de Veneziana nos Dicionários

VARIANTES	DICIONÁRIO Língua Portuguesa Aurélio	DICIONÁRIO Nheengatu Stradelli (1921)	DICIONÁRIO Línguas Indígenas Barbosa Rodrigues (1894)	DICIONÁRIO Tupi Lemos Barbosa (1951)	DICIONÁRIO Histórico Geraldo da Cunha (1976)
Veneziana	X	0	0	0	0
Janela	0	0	0	0	0
Porta de fora	0	0	0	0	0
Ventonia	0	0	0	0	0
Listrado	0	0	0	0	0

Fonte: Felix (2018).

O quadro acima que registrou a presença/ausência das variantes de veneziana nos dicionários consultados revela que o Aurélio registra apenas uma das variantes proferidas em SGC: *veneziana*, as demais estão registradas nesse dicionário, porém não com a mesma acepção desta pesquisa. Quanto ao Stradelli, Barbosa Rodrigues, Lemos Barbosa e Geraldo da Cunha não apresentam a entrada deste item lexical. Portanto, como a predominância nas respostas de nossos colaboradores foi a variante *veneziana*, registra-se a evidência da influência da língua oficial do país sobre esse uso linguístico em SGC.

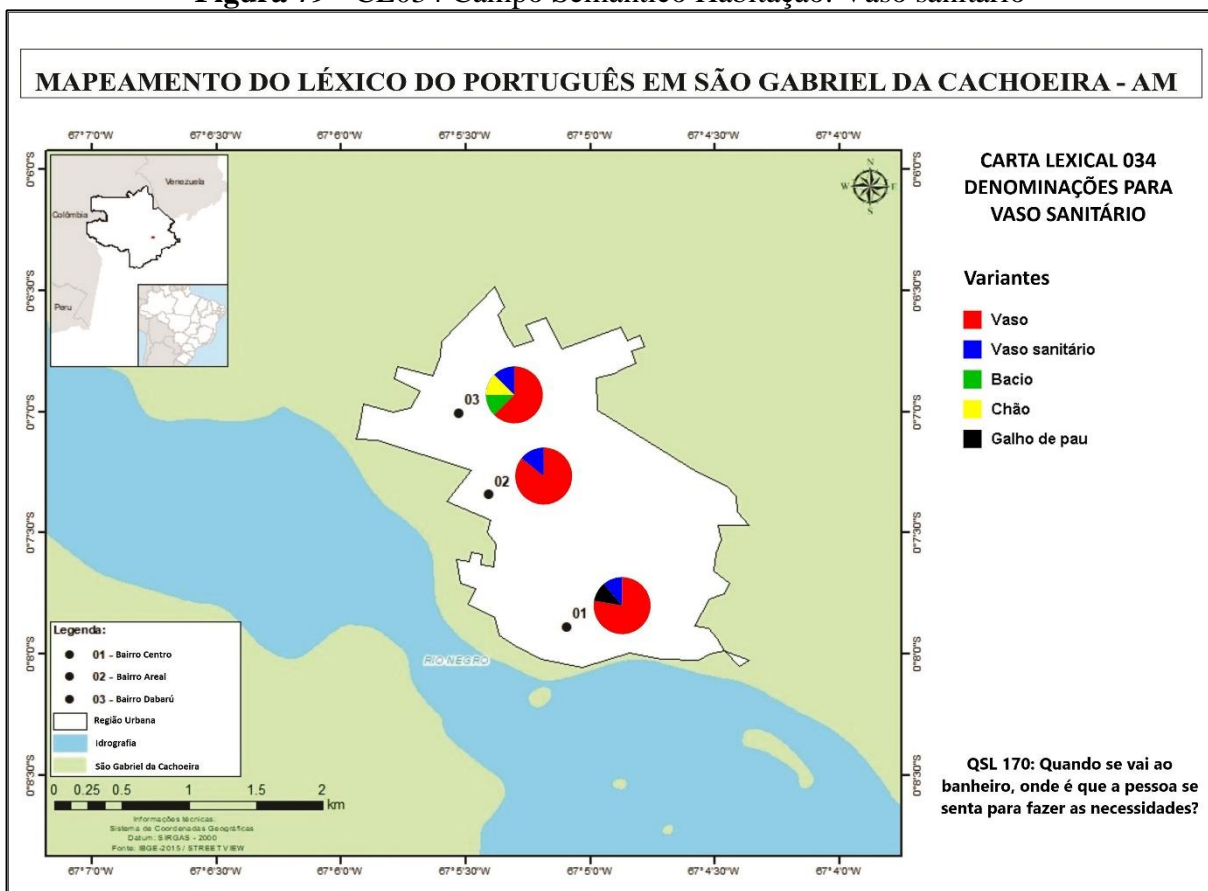
Figura 78 - Veneziana



Fonte: <https://www.google.com/search?q=veneziana+janela>

5.34 Item lexical Vaso Sanitário

Figura 79 - CL034 Campo Semântico Habitação: Vaso sanitário



Fonte: Felix (2018).

5.34.1 Dimensão Diatópica

Observam-se dados diatópicos na carta 034: *vaso sanitário*, cuja variante *vaso* tem predominância nos três pontos. A ocorrência por ponto de inquérito foi: Bairro Centro: 77.78%; Bairro Areal: 85.71% e Bairro Dabarú: 62.50%. Os dados apontam que o Bairro 01, Centro, a predominância é da lexia *vaso* e das quatro outras variantes mais produtivas, só não ocorreram *bacio* e *chão*. No Bairro 02, Areal, a predominância é também da lexia *vaso* e das quatro variantes mais produtivas, só foi proferida uma delas: *vaso sanitário*. No Bairro 03, Dabarú, a predominância é igualmente *vaso* e das demais lexias produtivas só não apresenta *galho de pau*. Nenhum dos pontos apresentou lexias para *outras variantes*.

5.34.2 Dimensão Diageracional

Tabela 100 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Vaso sanitário

FATOR DIAGERACIONAL				
Variantes	1ª faixa etária		2ª faixa etária	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Vaso	10	100.00%	8	57.14%
Vaso sanitário	-	0.00%	3	21.43%
Bacio	-	0.00%	1	7.14%
Chão	-	0.00%	1	7.14%
Galho de pau	-	0.00%	1	7.14%
Outras	-	0.00%	-	0.00%
Total	10	100%	14	100%

Fonte: Felix (2018).

Os dados revelam que, na dimensão idade, a variante *vaso* foi mais frequente com um percentual determinante de produtividade, na primeira faixa etária, de 100%. Na segunda faixa etária, a variante *vaso* foi a mais frequente e *lexia vaso sanitário* foi a segunda mais produtiva. As demais variantes só foram proferidas pelos mais velhos. Os percentuais mostram o quanto o fator idade contribui para a variação deste item lexical.

5.34.3 Dimensão Diassexual

Tabela 101 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Vaso sanitário

FATOR DIASSEXUAL				
Variantes	Feminino		Masculino	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Vaso	9	75.00%	9	75.00%
Vaso sanitário	1	8.33%	2	16.67%
Bacio	1	8.33%	-	0.00%
Chão	-	0.00%	1	8.33%
Galho de pau	1	8.33%	-	0.00%
Outras	-	0.00%	-	0.00%
Total	42	100%	31	100%

Fonte: Felix (2018).

A dimensão diassexual é evidenciada na carta 034, acerca da variável *vaso sanitário*, cujos resultados mostram que a variante *vaso* é a mais produtiva tanto na fala feminina quanto na fala masculina equilibradamente, sendo registrado o percentual de 75% para ambos os sexos.

As demais variantes apresentaram apenas uma ocorrência entre as mulheres, exceto a lexia *chão* que não foi proferida entre elas. E entre os homens ocorreu, como segunda frequência, a lexia *vaso sanitário* e entre as demais variantes só foi registrada a lexia *chão*. Não houve registro de lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator diasssexual não foi significativo para a variação deste item lexical.

5.34.4 Dimensão Diastrática

Tabela 102 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Vaso sanitário

Variantes	FATOR DIASTRÁTICO			
	Fundamental		Médio	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Vaso	10	83.00%	8	66.67%
Vaso sanitário	1	8.33%	2	16.67%
Bacio	1	8.33%	-	0.00%
Chão	-	0.00%	1	9.52%
Galho de pau	-	0.00%	1	9.52%
Outras	-	0.00%	-	0.00%
Total	12	100%	12	100%

Fonte: Felix (2018).

No que se refere à escolaridade, verifica-se que a variante *vaso* foi a mais frequente entre os dois níveis de ensino, sendo mais produtiva no Ensino Fundamental com o percentual de diferença a mais de 16.33%. A lexia *vaso sanitário* ocorreu nos dois níveis de instrução sendo mais frequente entre os mais escolarizados com o percentual de diferença de 8.34%. A lexia *bacio* apresentou-se somente no Ensino Fundamental, assim como as variantes *chão* e *galho de pau* só ocorreram no Ensino Médio. O mesmo ocorreu com a lexia *pé inchado*, que se apresentou nos dois níveis de ensino, com maior produtividade no Ensino Médio. Os dados mostram que o fator diastrático não foi representativo para a variação deste item lexical.

5.34.5 As variantes de Vaso sanitário nos Atlas Linguísticos e Dicionários

Quadro 77- Variantes de Vaso sanitário – ALiB, ALAM, ALSAM

SGC	ALiB	ALAM	ALSAM
Vaso	X	X	X
Vaso sanitário	X	X	X
Bacio	0	0	X
Chão	0	0	0
Galho de pau	0	0	0

Fonte: Felix (2018).

Carta 034 (*vaso sanitário*). Como é possível verificar no quadro 77 as variantes *vaso*, *vaso sanitário* são registradas pelo ALAM (carta 062), e o ALSAM (L110) confirma as formas *vaso*, *vaso sanitário* e *bacio*, bem como a primeira como mais incidente na mesorregião. O ALAM registra ainda *bacia* e *vazio*. O ALSAM registra também as formas *bacio/bacio sanitário*, *privada* e *cagador*, não registradas no ALAM para o Sul Amazonense. No ALiB, as variantes mais frequentes, para o item em estudo, foram: *vaso*, *vaso sanitário*, *privada* e *bacia*. A partir do que é visto no quadro acima, pode-se inferir que os dados pertencentes aos três Atlas, ora se aproximam das variantes registradas em São Gabriel, ora se distanciam, porém observa-se proximidade, neste item lexical, com o ALSAM em relação às variantes mais frequentes em SGC.

Quadro 78- Variantes de Vaso sanitário nos Dicionários

VARIANTES	DICIONÁRIO Língua Portuguesa Aurélio	DICIONÁRIO Nheengatu Stradelli (1921)	DICIONÁRIO Línguas Indígenas Barbosa Rodrigues (1894)	DICIONÁRIO Tupi Lemos Barbosa (1951)	DICIONÁRIO Histórico Geraldo da Cunha (1976)
Vaso sanitário	0	0	0	0	0
Vaso	X	0	0	0	0
Bacio	X	0	0	0	0
Chão	0	0	0	0	0
Galho de pau	0	0	0	0	0

Fonte: Felix (2018).

O quadro acima que registrou a presença/ausência das variantes de *vaso sanitário* nos dicionários consultados revela que o Aurélio registra apenas duas das variantes proferidas em SGC: *vaso* e *bacio*, as demais estão registradas nesse dicionário, porém não com a mesma

acepção desta pesquisa. Quanto ao Stradelli registra, em Nheengatú, o vocábulo caáá-pauá significando urinol, bacio, bispote. Barbosa Rodrigues, Lemos Barbosa e Geraldo da Cunha não apresentam a entrada deste item lexical. Portanto, como a predominância nas respostas de nossos colaboradores foi a variante *vaso*, registra-se a evidência da influência da língua oficial do país sobre esse uso linguístico em SGC.

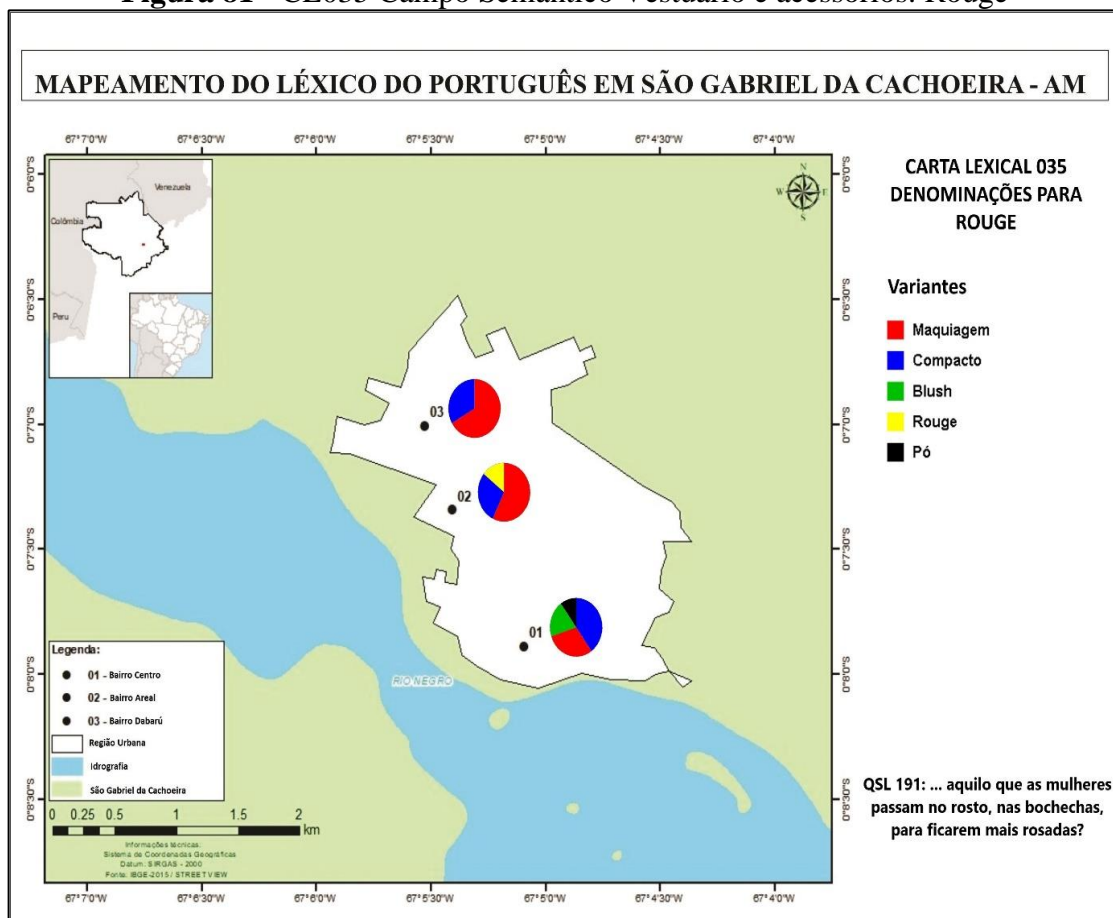
Figura 80 - Vaso



Fonte: <https://www.google.com/search?q=vaso+sanitário>

5.35 Item lexical Rouge

Figura 81 - CL035 Campo Semântico Vestuário e acessórios: Rouge



Fonte: Felix (2018).

5.35.1 Dimensão Diatópica

Observam-se dados diatópicos na carta 035: *rouge*, cuja variante *maquiagem* tem predominância em dois dos três pontos. A ocorrência por ponto de inquérito foi: Bairro Centro: 30.00%; Bairro Areal: 57.14% e Bairro Dabarú: 66.67%. Os dados apontam que o Bairro 01, Centro, a predominância é da lexia *compacto* e das quatro outras variantes mais produtivas, só não ocorreu *rouge* e não apresentou lexias para *outras variantes*. No Bairro 02, Areal, a predominância é da lexia *maquiagem* e das quatro variantes mais produtivas, não foram proferidas duas delas: *blush* e *pó*, e também não apresentou lexias para *outras variantes*. No Bairro 03, Dabarú, a predominância também é de *maquiagem* e das quatro lexias mais frequentes, não apresenta três delas: *rouge*, *blush* e *pó*. Nenhum dos pontos apresentou lexias para *outras variantes*.

5.35.2 Dimensão Diageracional

Tabela 103 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Rouge

FATOR DIAGERACIONAL				
Variantes	1ª faixa etária		2ª faixa etária	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Maquiagem	8	61.54%	5	38.46%
Compacto	3	23.08%	6	46.15%
Rouge	-	0.00%	1	7.69%
Blush	1	7.69%	1	7.69%
Pó	1	7.69%	-	0.00%
Outras	-	0.00%	-	0.00%
Total	13	100%	13	100%

Fonte: Felix (2018).

Os dados revelam que, na dimensão idade, a variante *maquiagem* foi a mais frequente com um percentual representativo de produtividade a mais de 23.08% na primeira faixa etária. Na segunda faixa etária, a variante *compacto* foi a mais frequente. A variante *rouge* não foi proferida entre os mais jovens e a variante *pó* não foi registrada entre os mais velhos. As demais variantes apresentaram apenas uma ocorrência nas duas faixas etárias. Os percentuais mostram que o fator idade não foi significativo para a variação deste item lexical.

5.35.3 Dimensão Diassexual

Tabela 104 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Rouge

FATOR DIASSEXUAL				
Variantes	Feminino		Masculino	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Maquiagem	4	28.57%	9	75.00%
Compacto	6	42.86%	3	25.00%
Rouge	1	7.14%	-	0.00%
Blush	2	14.29%	-	0.00%
Pó	1	7.14%	-	0.00%
Outras	-	0.00%	-	0.00%
Total	14	100%	12	100%

Fonte: Felix (2018).

A dimensão diassexual é evidenciada na carta 035, acerca da variável *rouge*, cujos resultados mostram que a variante *compacto* foi a mais produtiva na fala feminina sendo

registrados a mais o percentual de 17,86% em relação aos homens. A variante *maquiagem* foi a segunda maior frequência entre as mulheres. Entre os homens, a lexia mais frequente, com o alto percentual de 75%, foi *maquiagem* e a segunda mais produtiva foi a variante *compacto*. As mulheres ainda proferiram mais três variantes, e entre os homens foram registradas somente duas variantes. Os homens não proferiram lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator diasssexual não foi significativo para a variação deste item lexical.

5.35.4 Dimensão Diastrática

Tabela 105 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Rouge

Variantes	FATOR DIASTRÁTICO			
	Fundamental		Médio	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Maquiagem	6	61.54%	5	38.46%
Compacto	5	38.46%	4	30.77%
Rouge	-	0.00%	1	7.69%
Blush	-	0.00%	2	15.38%
Pó	-	0.00%	1	7.69%
Outras	-	0.00%	-	0.00%
Total	13	100%	13	100%

Fonte: Felix (2018).

No que se refere à escolaridade, verifica-se que a variante *maquiagem* foi a mais frequente entre os dois níveis de ensino, com o percentual de diferença a mais no Ensino Fundamental de 23.08%. A lexia *compacto* ocorreu nos dois níveis de instrução sendo igualmente mais frequente no Ensino Fundamental com o percentual de diferença de 7.69%. As lexias *rouge*, *blush* e *pó* ocorreram somente no Ensino Médio. Somente os colaboradores mais escolarizados apresentaram lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator diastrático não foi significativo para a variação deste item lexical.

5.35.5 As variantes de Rouge nos Atlas Linguísticos e Dicionários

Quadro 79- Variantes de Rouge – ALiB, ALAM, ALSAM

SGC	ALiB	ALAM	ALSAM
Maquiagem	X	-	-
Compacto	-	-	-
Rouge	X	-	-
Blush	X	-	-
Pó	-	-	-

Fonte: Felix (2018).

Carta 035 (rouge). Como é possível verificar no quadro 79 a variante *rouge* não é registrada nem pelo ALAM e nem pelo ALSAM, visto que esses Atlas não analisaram este item lexical, portanto as comparações serão feitas com o ALiB, que apresenta, para o item em estudo, as seguintes variantes: *ruge*, *blush* (as mais frequentes nas capitais brasileiras), *carmin*, *maquiagem*, *pó de arroz e creme*. A partir do que é visto no quadro acima, pode-se inferir que os dados pertencentes ao ALiB aproximam-se em parte das variantes registradas em São Gabriel, porém distanciam-se em relação à variante predominante.

Quadro 80- Variantes de Rouge nos Dicionários

VARIANTES	DICIONÁRIO Língua Portuguesa Aurélio	DICIONÁRIO Nheengatu Stradelli (1921)	DICIONÁRIO Línguas Indígenas Barbosa Rodrigues (1894)	DICIONÁRIO Tupi Lemos Barbosa (1951)	DICIONÁRIO Histórico Geraldo da Cunha (1976)
Maquiagem	X	0	0	0	0
Compacto	-	0	0	0	0
Rouge	-	0	0	0	0
Blush	X	0	0	0	0
Pó	X	0	0	0	0

Fonte: Felix (2018).

O quadro acima que registrou a presença/ausência das variantes de rouge nos dicionários consultados revela que o Aurélio registra três das variantes proferidas em SGC: *maquiagem*, *blush* e *pó*, as demais estão registradas nesse dicionário, porém não com a mesma acepção desta pesquisa. Quanto ao Stradelli, Barbosa Rodrigues, Lemos Barbosa e Geraldo da Cunha não apresentam a entrada deste item lexical. Portanto, como a predominância nas respostas de nossos colaboradores foi a variante *maquiagem*, registra-se a evidência da influência da língua oficial do país sobre esse uso linguístico em SGC.

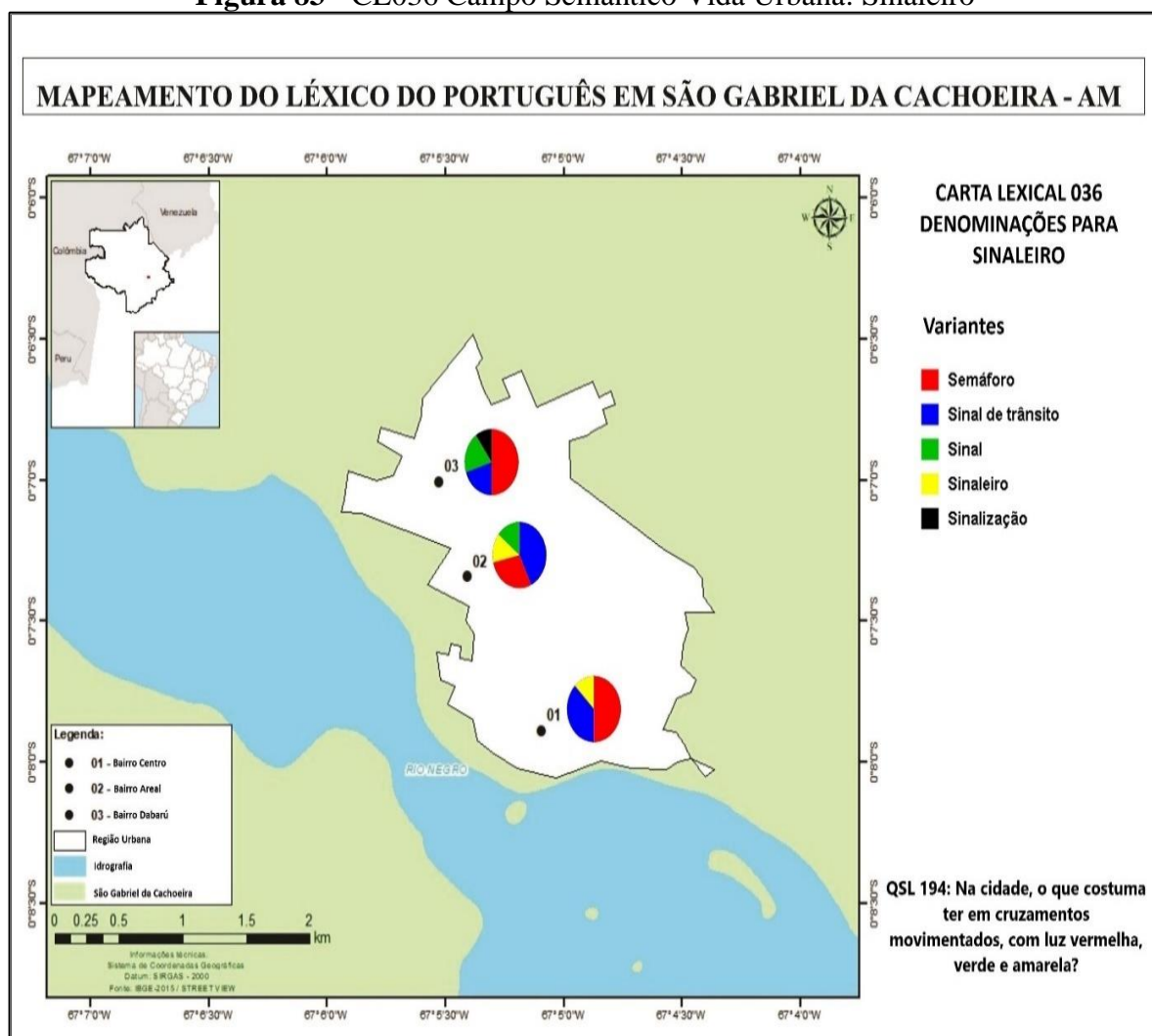
Figura 82 - Rouge/Maquagem



Fonte: <https://www.google.com/search?biw=1366&bih>

5.36 Item lexical Sinaleiro

Figura 83 - CL036 Campo Semântico Vida Urbana: Sinaleiro



Fonte: Felix (2018).

5.36.1 Dimensão Diatópica

Observam-se dados diatópicos na carta 036: *sinaleiro*, cuja variante *semáforo* tem predominância em dois dos três pontos. A ocorrência por ponto de inquérito foi: Bairro Centro: 50.00; Bairro Areial: 28.57% e Bairro Dabarú: 50.00%. Os dados apontam que o Bairro 01, Centro, a predominância é da lexia *semáforo* e das quatro outras variantes mais produtivas, não ocorreram *senal e sinalização* e também não apresentou lexias para *outras variantes*. No Bairro 02, Areial, a predominância é da lexia *senal de trânsito* e das quatro variantes mais produtivas, só não foi proferida uma delas: *sinalização*, e não apresentou *outras variantes*. No Bairro 03, Dabarú, a predominância também é de *semáforo* e das quatro outras variantes mais produtivas, só não ocorreu *sinalização* e não apresentou lexias para *outras variantes*.

5.36.2 Dimensão Diageracional

Tabela 106 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical *Sinaleiro*

FATOR DIAGERACIONAL				
Variantes	1ª faixa etária		2ª faixa etária	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Semáforo	7	58.33%	4	50.00%
Senal de trânsito	3	25.00%	5	30.77%
Senal	1	8.33%	2	15.38%
Sinaleiro	1	8.33%	1	7.69%
Sinalização	-	0.00%	1	7.69%
Outras	-	0.00%	-	0.00%
Total	12	100%	13	100%

Fonte: Felix (2018).

Os dados revelam que, na dimensão idade, a variante *semáforo* foi a mais frequente com um percentual de produtividade a mais de 8.33% na primeira faixa etária. Na segunda faixa etária, a variante *senal de trânsito* foi a mais frequente. Como segunda lexia mais produtiva entre os mais jovens, ocorreu *semáforo*. E *senal de trânsito* foi a segunda mais produtiva na primeira faixa. A variante *sinalização* não foi proferida entre os mais jovens. As demais variantes apresentaram baixa ocorrência nas duas faixas etárias. Os percentuais mostram que o fator diageracional não foi significativo para a variação deste item lexical.

5.36.3 Dimensão Diassexual

Tabela 107 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Sinaleiro

FATOR DIASSEXUAL				
Variantes	Feminino		Masculino	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Semáforo	5	38.46%	6	50.00%
Sinal de trânsito	5	38.46%	3	25.00%
Sinal	2	15.38%	1	8.33%
Sinaleiro	1	7.79%	1	8.33%
Sinalização	-	0.00%	1	8.33%
Outras	-	0.00%	-	0.00%
Total	13	100%	12	100%

Fonte: Felix (2018).

A dimensão diassexual é evidenciada na carta 036, acerca da variável *sinaleiro*, cujos resultados mostram que a variante *semáforo* foi a mais produtiva entre ambos os sexos, com o percentual de diferença a mais de 11.54% na fala dos homens. A lexia *sinal de trânsito* foi também a segunda mais frequente entre os dois sexos e apresentou o percentual de diferença a mais de 13.46% entre as mulheres. As demais variantes apresentaram baixa frequência. Os percentuais mostram que o fator diassexual não contribui para a variação deste item lexical.

5.36.4 Dimensão Diastrática

Tabela 108 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Sinaleiro

FATOR DIASTRÁTICO				
Variantes	Fundamental		Médio	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Semáforo	5	38.46%	6	50.00%
Sinal de trânsito	2	15.38%	6	50.00%
Sinal	3	23.08%	-	0.00%
Sinaleiro	2	15.38%	-	0.00%
Sinalização	1	7.69%	-	0.00%
Outras	-	0.00%	-	0.00%
Total	13	100%	12	100%

Fonte: Felix (2018).

No que se refere à escolaridade, verifica-se que a variante *semáforo* foi a mais frequente entre os dois níveis de ensino, sendo mais produtiva no Ensino Médio com o percentual de

diferença a mais de 11.54%. A lexia *senal de trânsito* ocorreu nos dois níveis de instrução sendo mais frequente entre os mais escolarizados com o percentual representativo a mais de 34.62%. As demais lexias só ocorreram no Ensino Fundamental. Os colaboradores do nível Fundamental proferiram várias lexias e os mais escolarizados proferiram apenas duas variantes. Os dados mostram que o fator diastrático não foi significativo para a variação deste item lexical.

5.36.5 As variantes de Sinaleiro nos Atlas Linguísticos e Dicionários

Quadro 81- Variantes de Sinaleiro – ALiB, ALAM, ALSAM

SGC	ALiB	ALAM	ALSAM
Semáforo	X	0	X
Sinal de trânsito	0	0	X
Sinal	X	0	X
Sinaleiro	0	0	0
Sinalização	0	0	0

Fonte: Felix (2018).

Carta 036 (*sinaleiro*). Como é possível verificar no quadro 81, o ALAM não apresenta cartas linguísticas para esse campo semântico. O ALSAM (L177) confirma em todas as localidades a predominância da variante *senal* e a variante *semáforo* não sendo observada nenhuma ocorrência de *senal de trânsito*, *sinaleiro* e *sinalização*. O ALiB publicou a carta L27 – Semáforo, na qual registra as variantes *senal* e *semáforo* em Manaus, Porto Velho e Rio Branco, sendo a primeira mais recorrente nas três capitais, além da variante *sinaleiro* em Rio Branco. A partir do que é visto no quadro acima, pode-se inferir que os dados pertencentes aos dois Atlas, ora se aproximam das variantes registradas em São Gabriel, ora se distanciam, porém observa-se proximidade, neste item lexical, com o ALSAM em relação às variantes registradas.

Quadro 82- Variantes de Sinaleiro nos Dicionários

VARIANTES	DICIONÁRIO Língua Portuguesa Aurélio	DICIONÁRIO Nheengatu Stradelli (1921)	DICIONÁRIO Líguas Indígenas Barbosa Rodrigues (1894)	DICIONÁRIO Tupi Lemos Barbosa (1951)	DICIONÁRIO Histórico Geraldo da Cunha (1976)
Semáforo	X	0	0	0	0
Sinal de trânsito	X	0	0	0	0
Sinal	X	0	0	0	0
Sinaleiro	X	0	0	0	0
Sinalização	X	0	0	0	0

Fonte: Felix (2018).

O quadro acima que registrou a presença/ausência das variantes de *sinaleiro* nos dicionários consultados revela que o Aurélio registra todas as variantes proferidas em SGC, embora, nem sempre com a mesma acepção semântica desta pesquisa. Quanto ao Stradelli, a Barbosa Rodrigues, a Lemos Barbosa e a Geraldo da Cunha não registram a entrada deste item lexical. Cabe aqui, um registro acerca da vida urbana em SGC sobre a lexia *semáforo*:

O município de São Gabriel embora possa ser, segundo Leiner (2014)

facilmente detectado como um cenário urbano em uma rápida olhada: avenidas, ruas, calçadas (ainda que na maior parte das vezes tomadas pelo mato), placas, ginásios, escolas, igrejas, campos de futebol, uma praia que funciona 6 meses por ano (quando rio que atravessa a cidade está baixo), prédios públicos; carros, motos, táxis (lotações), alguns caminhões e três ou quatro ônibus, além de um ou dois tratores, podem ser vistos com alguma regularidade (LEINER, 2014, pág. 204).

Possui apenas dois semáforos e desligados, ainda que se reconheça, pelos próprios habitantes, como um “município indígena” a integração tecnológica com o resto do país é inevitável e bastante intensa, então a dinâmica de troca linguística é natural. Portanto, como a predominância nas respostas de nossos colaboradores foi a variante *semáforo*, registra-se a evidência da influência da língua oficial do país sobre esse uso linguístico em SGC.

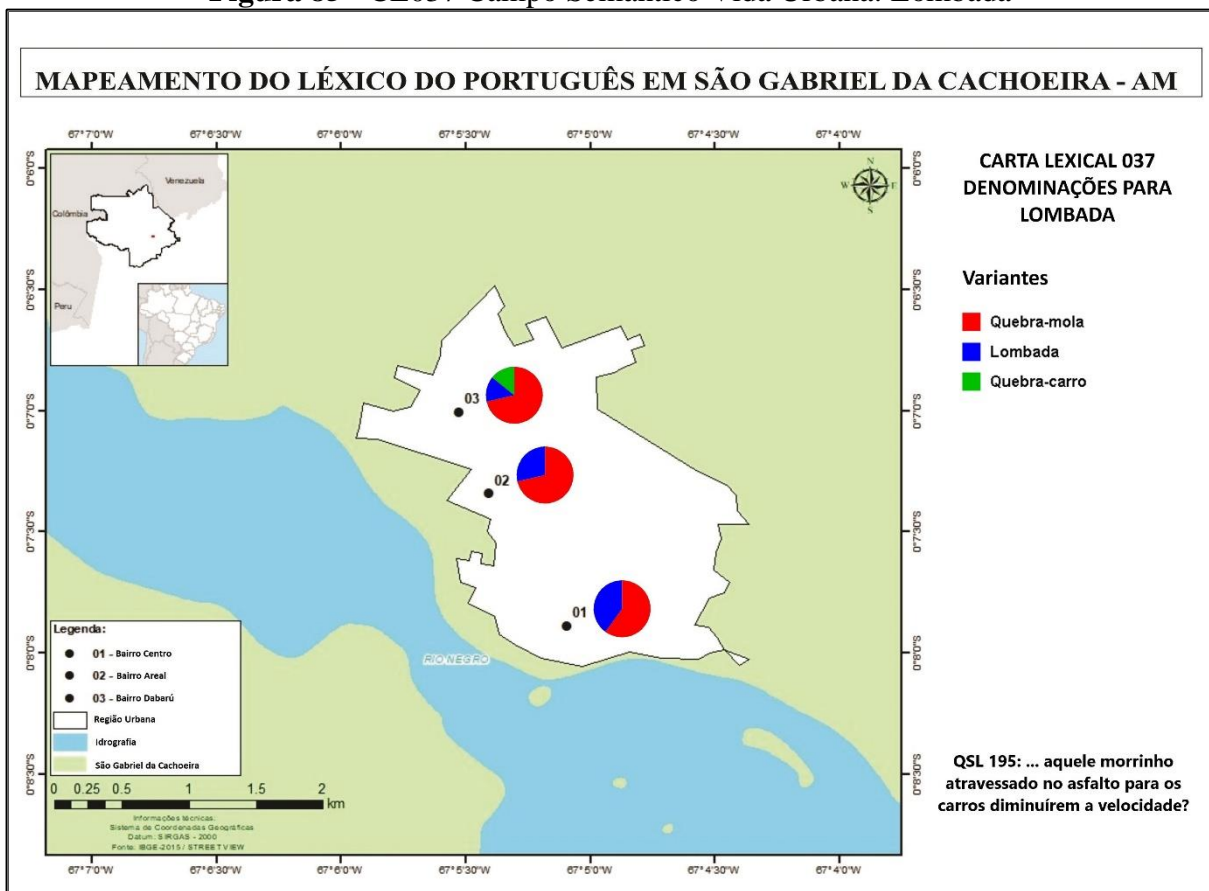
Figura 84 - Semáforo



Fonte: <https://www.google.com/search?q=semáforo&source>

5.37 Item lexical Lombada

Figura 85 - CL037 Campo Semântico Vida Urbana: Lombada



Fonte: Felix (2018).

5.37.1 Dimensão Diatópica

Observam-se dados diatópicos na carta 037: *lombada*, cuja variante *quebra-mola* tem predominância nos três pontos. A ocorrência por ponto de inquérito foi: Bairro Centro: 60.00%; Bairro Areial: 71.43% e Bairro Dabarú: 71.43%. Os dados apontam que o Bairro 01, Centro, a predominância é da lexia *quebra-mola* e das duas outras variantes mais produtivas, não foi proferida *quebra-carro* e também não apresentou lexias para *outras variantes*. No Bairro 02, Areial, a predominância é igualmente da lexia *quebra-mola* e das duas variantes mais produtivas, não foi proferida *quebra-carro*, e também não apresentou lexias para *outras variantes*. No Bairro 03, Dabarú, a predominância também é de *quebra-mola* e é o único ponto a apresentar a ocorrência da variante *quebra-carro*.

5.37.2 Dimensão Diageracional

Tabela 109 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical *Lombada*

FATOR DIAGERACIONAL				
Variantes	1ª faixa etária		2ª faixa etária	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Quebra-mola	6	75.00%	7	63.64%
Lombada	2	25.00%	3	27.27%
Quebra-carro	-	0.00%	1	9.09%
Outras	-	0.00%	-	0.00%
Total	08	100%	11	100%

Fonte: Felix (2018).

Os dados revelam que, na dimensão idade, a variante *quebra-mola* foi a mais frequente com um percentual representativo de produtividade nas duas faixas etárias, com uma diferença a mais de 11.36% para a segunda faixa etária. A lexia *lombada* apresentou o sutil percentual de diferença a mais de 2.27% também para a segunda faixa etária. faixas. A variante *quebra-carro* somente foi proferida entre os mais velhos. Os percentuais mostram quanto o fator idade não foi significativo para a variação deste item lexical.

5.37.3 Dimensão Dياسsexual

Tabela 110 - Resultados quanto ao fator dياسsexual para o item lexical Lombada

FATOR DIASSEXUAL				
Variantes	Feminino		Masculino	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Quebra-mola	5	71.46%	8	66.67%
Lombada	2	28.57%	3	25.00%
Quebra-carro	-	0.00%	1	8.33%
Outras	-	0.00%	-	0.00%
Total	07	100%	12	100%

Fonte: Felix (2018).

A dimensão dياسsexual é evidenciada na carta 037, acerca da variável *lombada*, cujos resultados mostram que a variante *quebra-mola* é a mais produtiva tanto na fala feminina quanto na fala masculina, sendo registrado o percentual de ocorrência a mais entre os homens. A variante *lombada* foi a segunda maior frequência entre as mulheres e homens, também com maior percentual de ocorrência entre os homens. E somente os homens ocorreu preferiram a variante *quebra-carro*. Não houve registro entre homens e mulheres de lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator sexo não foi significativo para a variação deste item lexical.

5.37.4 Dimensão Diastrática

Tabela 111 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Lombada

FATOR DIASTRÁTICO				
Variantes	Fundamental		Médio	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Quebra-mola	8	88.89%	5	50.00%
Lombada	1	11.11%	4	40.00%
Quebra-carro	-	0.00%	1	10.00%
Outras	-	0.00%	-	0.00%
Total	09	100%	10	100%

Fonte: Felix (2018).

No que se refere à escolaridade, verifica-se que a variante *quebra-mola* foi a mais frequente entre os dois níveis de ensino, sendo mais produtiva no Ensino Fundamental com o percentual de diferença de 38.89%. A lexia *lombada* ocorreu nos dois níveis de instrução sendo

mais frequente entre os mais escolarizados com o percentual de 28.89%. A lexia *quebra-carro* foi proferida somente entre os colaboradores do Ensino Médio. Os percentuais mostram quanto o fator diastrático foi significativo para a variação deste item lexical.

5.37.5 As variantes de Lombada nos Atlas Linguísticos e Dicionários

Quadro 83- Variantes de Lombada – ALiB, ALAM, ALSAM

SGC	ALiB	ALAM	ALSAM
Quebra-mola	X	-	X
Lombada	X	-	X
Quebra-carro	0	-	0

Fonte: Felix (2018).

Carta 037 (*lombada*). Como é possível verificar no quadro 83 as variantes. O ALAM não apresenta cartas linguísticas para esse campo semântico. Portanto, faremos as comparações com o ALSAM. O ALSAM (L178), para esse item em estudo, apresentou as seguintes variantes: *quebra-mola*, *lombada* e *lombo* para essa região. A partir do que é visto no quadro acima, pode-se inferir que os dados pertencentes aos dois Atlas, ora se aproximam das variantes registradas em São Gabriel, ora se distanciam, porém observa-se proximidade, neste item lexical, na região, com o ALSAM em relação às variantes registradas.

Quadro 84- Variantes de Lombada nos Dicionários

VARIANTES	DICIONÁRIO Língua Portuguesa Aurélio	DICIONÁRIO Nheengatu Stradelli (1921)	DICIONÁRIO Línguas Indígenas Barbosa Rodrigues (1894)	DICIONÁRIO Tupi Lemos Barbosa (1951)	DICIONÁRIO Histórico Geraldo da Cunha (1976)
Quebra-mola	X	0	0	0	0
Lombada	X	0	0	0	0
Quebra-carro	0	0	0	0	0

Fonte: Felix (2018).

O quadro acima que registrou a presença/ausência das variantes de *lombada* nos dicionários consultados revela que o Aurélio registra duas das variantes proferidas em SGC. Quanto ao Stradelli, a Barbosa Rodrigues, a Lemos Barbosa e a Geraldo da Cunha não registram a entrada deste item lexical. Portanto, como a predominância nas respostas de nossos

colaboradores foi a variante *quebra-mola*, registra-se a evidência da influência da língua oficial do país sobre esse uso linguístico em SGC.

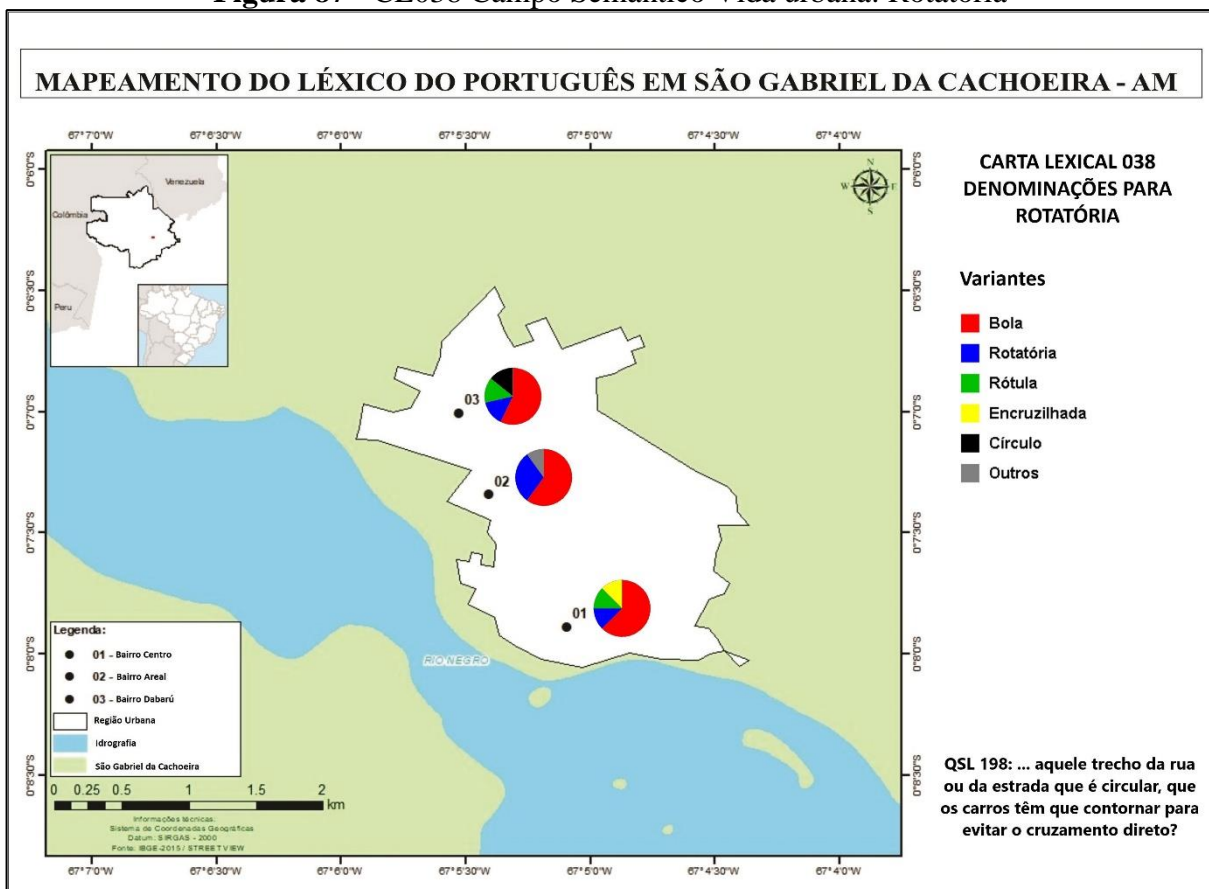
Figura 86 - Quebra-mola



Fonte: <https://www.google.com/search?q=lombada&sour>

5.38 Item lexical Rotatória

Figura 87 - CL038 Campo Semântico Vida urbana: Rotatória



Fonte: Felix (2018).

5.38.1 Dimensão Diatópica

Observam-se dados diatópicos na carta 038: *rotatória*, cuja variante *bola* tem predominância nos três pontos. A ocorrência por ponto de inquérito foi: Bairro Centro: 62.50%; Bairro Areial: 60.00% e Bairro Dabarú: 54.14%. Os dados apontam que o Bairro 01, Centro, a predominância é da lexia *bola* e das quatro outras variantes mais produtivas, só não ocorreu *círculo* e não apresentou lexias para *outras variantes*. No Bairro 02, Areial, a predominância é também da lexia *bola* e das quatro variantes mais produtivas, somente foi proferida uma delas: *rotatória*, e foi o único ponto a apresentar lexias para *outras variantes*. No Bairro 03, Dabarú, a predominância também é de *bola* e apresenta a ocorrência de todas as lexias mais produtivas, exceto a variante *encruzilhada*.

5.38.2 Dimensão Diageracional

Tabela 112 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Rotatória

FATOR DIAGERACIONAL				
Variantes	1ª faixa etária		2ª faixa etária	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Bola	6	60.00%	9	60.00%
Rotatória	1	10.00%	4	26.67%
Rótula	1	10.00%	1	6.67%
Encruzilhada	1	10.00%	-	0.00%
Círculo	1	10.00%	-	0.00%
Outras	-	0.00%	1	6.67%
Total	10	100%	14	100%

Fonte: Felix (2018).

Os dados revelam que, na dimensão idade, a variante *bola* foi a mais frequente com igual percentual representativo de produtividade nas duas faixas etárias, porém apresentando maior número de ocorrência na segunda faixa. Na primeira faixa etária, a variante *rotatória* foi a segunda mais frequente entre os mais velhos. As lexias *encruzilhada* e *círculo* só ocorreram na primeira faixa etária. Os percentuais mostram que o fator idade foi significativo para a variação deste item lexical.

5.38.3 Dimensão Diassexual

Tabela 113 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Rotatória

FATOR DIASSEXUAL				
Variantes	Feminino		Masculino	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Bola	8	57.14%	7	63.64%
Rotatória	2	14.29%	3	22.27%
Rótula	1	7.14%	1	9.09%
Encruzilhada	1	7.14%	-	0.00%
Círculo	1	7.14%	-	0.00%
Outras	1	7.14%	-	0.00%
Total	14	100%	11	100%

Fonte: Felix (2018).

A dimensão diassexual é evidenciada na carta 038, acerca da variável *rotatória*, cujos resultados mostram que a variante *bola* é a mais produtiva tanto na fala feminina quanto na fala masculina, sendo registrados o percentual a mais de 6.5% entre os homens. A variante *rotatória* foi a segunda maior frequência entre os dois sexos, e também foi mais proferida entre os homens. As variantes *encruzilhada* e *círculo* ocorreram somente entre as mulheres. Os percentuais mostram quanto o fator sexo contribui para a variação deste item lexical.

5.38.4 Dimensão Diastrática

Tabela 114 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Rotatória

FATOR DIASTRÁTICO				
Variantes	Fundamental		Médio	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Bola	9	81.82%	6	42.86%
Rotatória	-	0.00%	5	35.71%
Rótula	2	18.18%	-	0.00%
Encruzilhada	-	0.00%	1	7.14%
Círculo	-	0.00%	1	7.14%
Outras	-	0.00%	1	7.14%
Total	11	100%	14	100%

Fonte: Felix (2018).

No que se refere à escolaridade, verifica-se que a variante *bola* foi a mais frequente entre os dois níveis de ensino, sendo mais produtiva, significativamente, no Ensino Fundamental com o percentual de diferença de 38.96%. A lexia *rótula* ocorreu somente no Ensino Fundamental.

As lexias *rotatória*, *encruzilhada* e *círculo* só foram proferidas no Ensino Médio. Somente os colaboradores do Ensino Médio apresentaram lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram quanto o Ensino Fundamental contribui para a variação deste item lexical.

5.38.5 As variantes de Rotatória nos Atlas Linguísticos e Dicionários

Quadro 85- Variantes de Rotatória – ALiB, ALAM, ALSAM

SGC	ALiB	ALAM	ALSAM
Bola	0	-	X
Rotatória	X	-	X
Rótula	X	-	0
Encruzilhada	0	-	0
Círculo	0	-	0

Fonte: Felix (2018).

Carta 038 (*rotatória*). Como é possível verificar no quadro 85, o ALAM não apresenta cartas linguísticas para esse campo semântico e o ALSAM (L181) confirma duas variantes ocorridas em SGC: *bola* e *rotatória*, e ainda registrou para a região sul amazonense: *retorno*, *roda*, *triângulo* e *trevo*. O ALiB publicou as variantes: *rotatória* e *rótula*. A partir do que é visto no quadro acima, pode-se inferir que os dados pertencentes aos dois Atlas, ora se aproximam das variantes registradas em São Gabriel, ora se distanciam, porém observa-se proximidade, neste item lexical, com o ALSAM em relação às variantes registradas em SGC.

Quadro 86- Variantes de Rotatória nos Dicionários

VARIANTES	DICIONÁRIO Língua Portuguesa Aurélio	DICIONÁRIO Nheengatu Stradelli (1921)	DICIONÁRIO Línguas Indígenas Barbosa Rodrigues (1894)	DICIONÁRIO Tupi Lemos Barbosa (1951)	DICIONÁRIO Histórico Geraldo da Cunha (1976)
Bola	X	0	0	0	0
Rotatória	X	0	0	0	0
Rótula	X	0	0	0	0
Encruzilhada	X	0	0	0	0
Círculo	X	0	0	0	0

Fonte: Felix (2018).

O quadro acima que registrou a presença/ausência das variantes de rotatória nos dicionários consultados revela que o Aurélio registra todas as variantes proferidas em SGC,

embora, nem sempre com a mesma acepção semântica desta pesquisa. Quanto ao Stradelli, a Barbosa Rodrigues, a Lemos Barbosa e a Geraldo da Cunha eles não registram a entrada deste item lexical. Portanto, como a predominância nas respostas de nossos colaboradores foi a variante *bola*, registra-se a evidência da influência da língua oficial do país sobre esse uso linguístico em SGC.

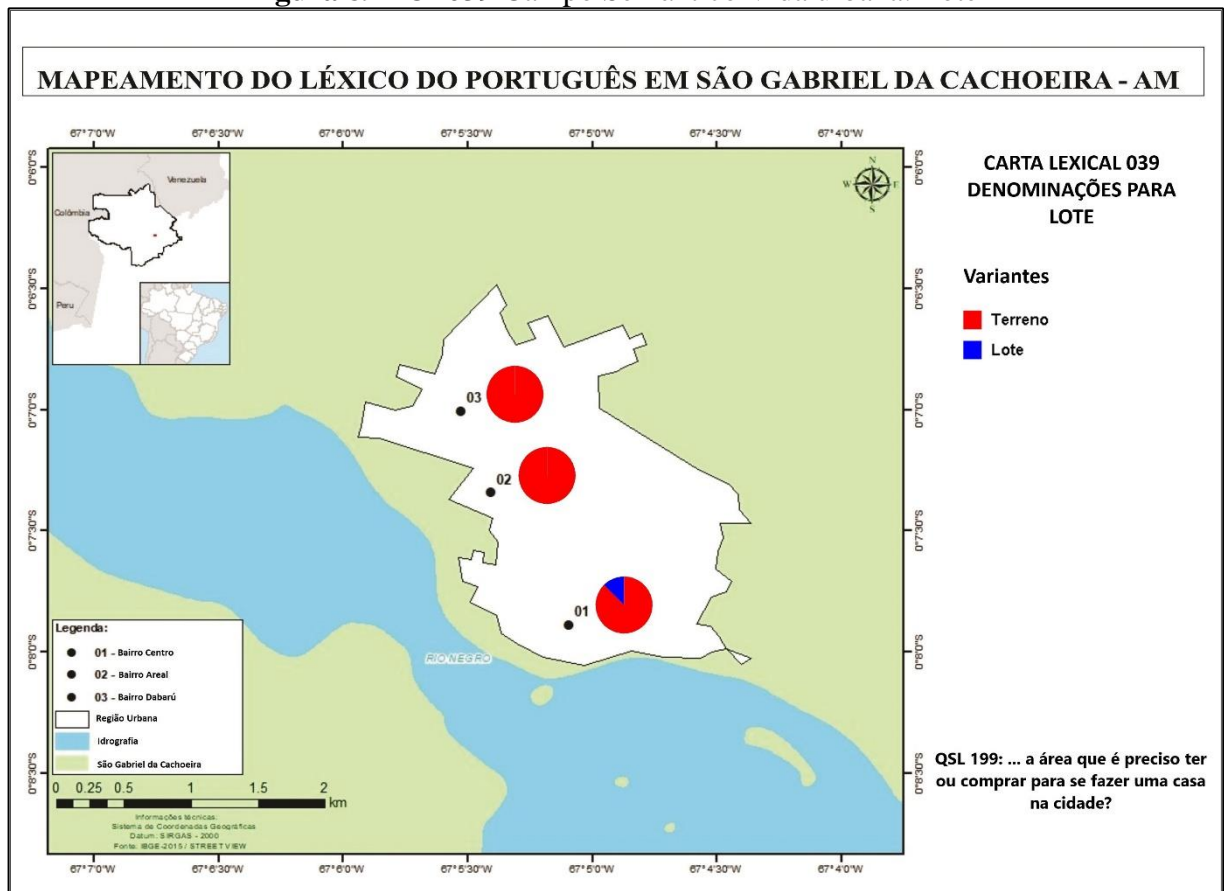
Figura 88 - Bola (Rotatória)



Fonte: <https://www.google.com/search?q=rotatória&source>

5.39 Item lexical Lote

Figura 89 - CL039 Campo Semântico Vida urbana: Lote



Fonte: Felix (2018).

5.39.1 Dimensão Diatópica

Observam-se dados diatópicos na carta 039: *lote*, cuja variante *terreno* tem predominância nos três pontos. A ocorrência por ponto de inquérito foi: Bairro Centro: 87.50%; Bairro Areal: 100.00% e Bairro Dabarú: 100.00%. Os dados apontam que no Bairro 01, Centro, a predominância é da lexia *terreno*, e foi o único ponto a apresentar uma segunda variante, *lote*. No Bairro 02, Areal, a predominância é 100.00% da lexia *terreno*. No Bairro 03, Dabarú, a predominância também é igualmente de 100.00% da lexia *terreno*. Não foram proferidas, por nenhum dos três pontos, lexias para *outras variantes*.

5.39.2 Dimensão Diageracional

Tabela 115 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Lote.

FATOR DIAGERACIONAL				
Variantes	1ª faixa etária		2ª faixa etária	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Terreno	9	100.00%	11	91.67%
Lote	-	0.00%	1	8.33%
Outras	-	0.00%	-	0.00%
Total	09	100%	12	100%

Fonte: Felix (2018).

Os dados revelam que, na dimensão idade, a variante *terreno* foi a mais frequente com um percentual representativo de produtividade, acima de 90.00%, nas duas faixas etárias, sendo a diferença de 8.33% a mais para a primeira faixa etária. A variante *lote* foi proferida somente na segunda faixa. Os percentuais mostram quanto o fator idade contribui para a variação deste item lexical.

5.39.3 Dimensão Diassexual

Tabela 116 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Lote.

FATOR DIASSEXUAL				
Variantes	Feminino		Masculino	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Terreno	10	100.00%	10	90.91%
Lote	-	0.00%	1	9.09%
Outras	-	0.00%	-	0.00%
Total	10	100%	11	100%

Fonte: Felix (2018).

A dimensão diassexual é evidenciada na carta 039, acerca da variável *lote*, cujos resultados mostram que a variante *terreno* é bastante produtiva tanto na fala feminina quanto na fala masculina, sendo registrados os percentuais acima de 90%. A variante *lote* foi proferida somente entre os homens. Ambos os sexos não proferiram lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram quanto o fator sexo contribui para a variação deste item lexical.

5.39.4 Dimensão Diastrática

Tabela 117 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Lote

FATOR DIASTRÁTICO				
Variantes	Fundamental		Médio	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Terreno	9	100.00%	11	91.67%
Lote	-	0.00%	1	8.33%
Outras	-	0.00%	-	0.00%
Total	09	100%	12	100%

Fonte: Felix (2018).

No que se refere à escolaridade, verifica-se que a variante *terreno* foi bastante produtiva entre os dois níveis de ensino, sendo mais frequente no Ensino Fundamental com o percentual de diferença de 8.33%. A lexia *lote* ocorreu somente entre os mais escolarizados. Os colaboradores de ambos os níveis de escolaridade não apresentaram lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram quanto o fator diastrático contribui para a variação deste item lexical.

5.39.5 As variantes de Lote nos Atlas Linguísticos e Dicionários

Quadro 87- Variantes de Lote – ALiB, ALAM, ALSAM

SGC	ALiB	ALAM	ALSAM
Terreno	X	-	X
Lote	X	-	X

Fonte: Felix (2018).

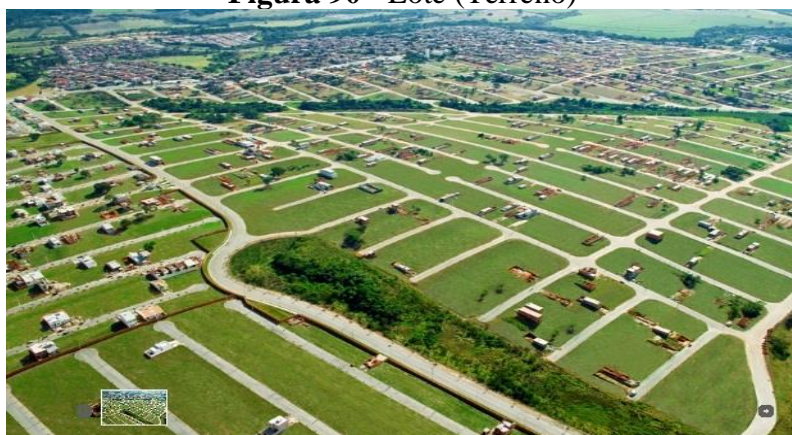
Carta 039 (lote). Como é possível verificar no quadro 87, o ALAM não apresenta cartas linguísticas para esse campo semântico e o ALSAM (L180) confirma as duas variantes ocorridas em SGC: *terreno e lote*, e ainda registrou para a região sul amazonense a lexia *quintal*. O ALiB publicou as variantes: *terreno, lote e data*. A partir do que é visto no quadro acima, pode-se inferir que os dados pertencentes aos dois Atlas, aproximam-se das variantes registradas em São Gabriel, observa-se, então, proximidade, neste item lexical na região, com o ALSAM em relação às variantes registradas em SGC.

Quadro 88- Variantes de Lote nos Dicionários

VARIANTES	DICIONÁRIO Língua Portuguesa Aurélio	DICIONÁRIO Nheengatu Stradelli (1921)	DICIONÁRIO Líguas Indígenas Barbosa Rodrigues (1894)	DICIONÁRIO Tupi Lemos Barbosa (1951)	DICIONÁRIO Histórico Geraldo da Cunha (1976)
Terreno	X	0	0	0	0
Lote	X	0	0	0	0

Fonte: Felix (2018).

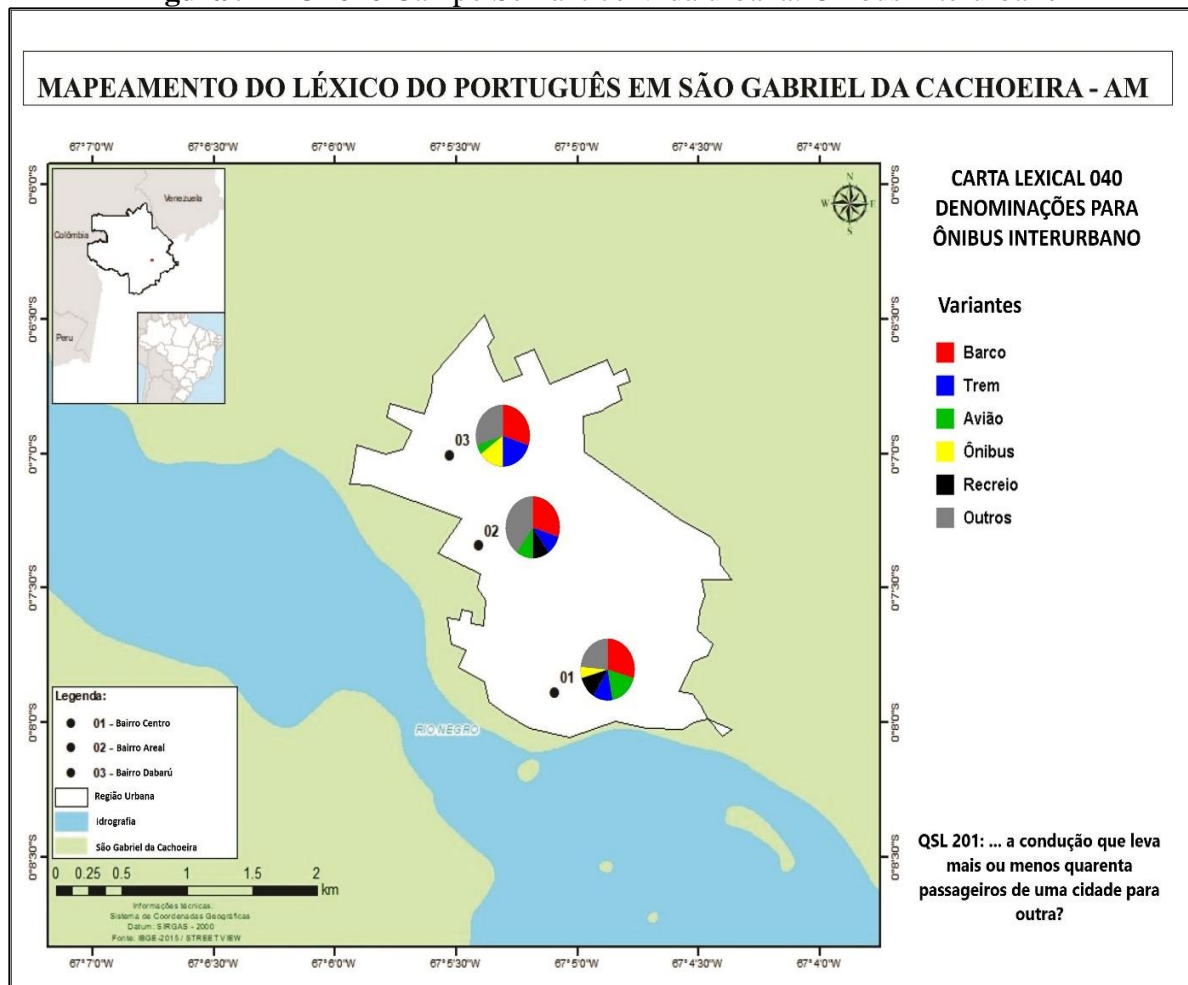
O quadro acima que registrou a presença/ausência das variantes de lote nos dicionários consultados revela que o Aurélio registra as variantes proferidas em SGC, embora, nem sempre com a mesma acepção semântica desta pesquisa. Quanto ao Stradelli, a Barbosa Rodrigues, a Lemos Barbosa e a Geraldo da Cunha eles não registram a entrada deste item lexical. Portanto, como a predominância nas respostas de nossos colaboradores foi a variante *terreno*, registra-se a evidência da influência da língua oficial do país sobre esse uso linguístico em SGC.

Figura 90 - Lote (Terreno)

Fonte: <https://www.google.com/search?q=lote,+terreno&source>

5.40 Item lexical Ônibus Interurbano

Figura 91 - CL040 Campo Semântico Vida urbana: Ônibus Interurbano



Fonte: Felix (2018).

5.40.1 Dimensão Diatópica

Observam-se dados diatópicos na carta 040: *ônibus interurbano*, cuja variante *barco* tem predominância nos três pontos. A ocorrência por ponto de inquérito foi: Bairro Centro: 29.41%; Bairro Areal: 30.00% e Bairro Dabarú: 30.00%. Os dados apontam que o Bairro 01, Centro, a predominância é da lexia *barco* e das quatro outras variantes mais produtivas, todas foram proferidas por este ponto, e também apresentou várias lexias para *outras variantes*. No Bairro 02, Areal, a predominância é da lexia *barco* e das quatro variantes mais produtivas, não foi proferida uma delas: *ônibus*, porém apresentou várias lexias para *outras variantes*. No Bairro 03, Dabarú, a predominância também é de *barco* e das quatro outras variantes mais produtivas, só não apresentou a lexia *recreio*. Os três pontos proferiram várias lexias para *outras variantes*.

5.40.2 Dimensão Diageracional

Tabela 118 - Resultados quanto ao fator diageracional para o item lexical Ônibus Interestadual

FATOR DIAGERACIONAL				
Variantes	1ª faixa etária		2ª faixa etária	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Barco	5	22.73%	9	36.00%
Trem	4	18.18%	3	12.00%
Avião	2	9.09%	3	12.00%
Ônibus	2	9.09%	2	8.00%
Recreio	2	9.09%	1	4.00%
Outras	7	31.82%	7	28.00%
Total	22	100%	25	100%

Fonte: Felix (2018).

Os dados revelam que, na dimensão idade, a variante *barco* foi a mais frequente nas duas faixas etárias, com um percentual representativo de produtividade a mais de 13.27% na segunda faixa. A variante *trem* foi segunda mais frequente e também ocorreu nas duas faixas etárias, sendo mais produtiva na primeira. As demais lexias foram proferidas em ambas faixas etárias, que também proferiram várias lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator idade não contribui para a variação deste item lexical.

5.40.3 Dimensão Diassexual

Tabela 119 - Resultados quanto ao fator diassexual para o item lexical Ônibus Interestadual

FATOR DIASSEXUAL				
Variantes	Feminino		Masculino	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Barco	9	42.86%	5	19.23%
Trem	4	19.05%	3	11.54%
Avião	3	14.29%	2	7.69%
Ônibus	1	4.76%	4	15.38%
Recreio	1	4.76%	2	7.69%
Outras	3	14.29%	10	38.46%
Total	21	100%	26	100%

Fonte: Felix (2018).

A dimensão diassexual é evidenciada na carta 040, acerca da variável *ônibus interestadual*, cujos resultados mostram que a variante *barco* é a mais produtiva tanto na fala

feminina quanto na fala masculina, apresentando maior ocorrência entre as mulheres com o percentual de diferença de 23.63%. A variante *trem* foi a segunda maior frequência entre as mulheres, e terceira entre os homens. E entre os homens, a segunda maior frequência foi a variante *ônibus*. A terceira lexia mais recorrente entre as mulheres foi *avião*, que, entre os homens, ficou em quarta posição. Ambos os sexos proferiram várias lexias para *outras variantes*; esse número foi bastante superior entre os homens, 24.17% de diferença. Os percentuais mostram o que o fator sexo não foi significativo para a variação deste item lexical.

5.40.4 Dimensão Diastrática

Tabela 120 - Resultados quanto ao fator diastrático para o item lexical Ônibus Interestadual

Variantes	FATOR DIASTRÁTICO			
	Fundamental		Médio	
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Barco	8	32.00%	6	27.27%
Trem	3	12.00%	4	18.18%
Avião	3	12.00%	2	9.09%
Ônibus	3	12.00%	3	13.64%
Recreio	1	4.00%	-	0.00%
Outras	7	28.00%	7	38.11%
Total	25	100%	22	100%

Fonte: Felix (2018).

No que se refere à escolaridade, verifica-se que a variante *barco* foi a mais frequente entre os dois níveis de ensino, sendo mais produtiva no Ensino Fundamental com o percentual a mais de 4.73%. A lexia *trem* ocorreu nos dois níveis de instrução sendo mais frequente entre os mais escolarizados com o percentual de diferença de 5.82%. As demais lexias ocorreram nos dois níveis de instrução, exceto a variante *recreio* que foi proferida somente no Ensino Fundamental. Os colaboradores de ambos os níveis de escolaridade apresentaram várias lexias para *outras variantes*. Os percentuais mostram que o fator sexo não foi significativo para a variação deste item lexical.

5.40.5 As variantes de Ônibus Interestadual nos Atlas Linguísticos e Dicionários

Quadro 89- Variantes de Ônibus Interestadual – ALiB, ALAM, ALSAM

SGC	ALiB	ALAM	ALSAM
Barco	0	-	-
Trem	0	-	-
Avião	0	-	-
Ônibus	0	-	-
Recreio	0	-	-

Fonte: Felix (2018).

Carta 040 (*ônibus interestadual*). Como é possível verificar no quadro 89, o ALAM não apresenta cartas linguísticas para esse campo semântico, e o ALSAM apresentou esse campo semântico, porém não este item lexical. Portanto, a comparação será feita com o ALiB que publicou as seguintes variantes: *ônibus interurbano* e *ônibus rodoviário*. A partir do que é visto no quadro acima, pode-se inferir que os dados pertencentes ao ALiB não se aproximam das variantes registradas em São Gabriel, ficando o município com o uso linguístico exclusivo.

Quadro 90- Variantes de Ônibus Interestadual nos Dicionários

VARIANTES	DICIONÁRIO Língua Portuguesa Aurélio	DICIONÁRIO Nheengatu Stradelli (1921)	DICIONÁRIO Línguas Indígenas Barbosa Rodrigues (1894)	DICIONÁRIO Tupi Lemos Barbosa (1951)	DICIONÁRIO Histórico Geraldo da Cunha (1976)
Barco	X	0	0	0	0
Trem	X	0	0	0	0
Avião	X	0	0	0	0
Ônibus	X	0	0	0	0
Recreio	X	0	0	0	0

Fonte: Felix (2018).

O quadro acima que registrou a presença/ausência das variantes de *ônibus interestadual* nos dicionários consultados revela que o Aurélio registra as variantes proferidas em SGC, porém não com a mesma acepção semântica desta pesquisa. Quanto ao Stradelli, a Barbosa Rodrigues, a Lemos Barbosa e a Geraldo da Cunha não registram a entrada deste item lexical. Cabe aqui, um registro acerca da vida urbana em SGC sobre a lexia *ônibus interestadual*:

Como foi anunciado na introdução, SGC é a sede do município e está localizada às margens do Rio Negro, e o contato com as demais localidades, dentro do terceiro maior município em extensão do Brasil, é feito pelos veios dos rios e igarapés em barcos, rabetas,

canoas, etc. E as duas maiores fontes de renda da cidade são feitas por meio de escambo de produtos retirados da floresta, dos rios, de comércio de produtos locais, e a renda vinda da previdência e do governo federal. E visto que muitos dos habitantes indígenas têm ou são parentes de alguém que possui uma roça, dentro ou fora da cidade, a flutuação demográfica se torna diariamente intensa. E por não haver estradas ligando SGC aos demais municípios da região, a variante *ônibus interestadual* não faz sentido para a maioria dos nossos entrevistados.

Portanto, como a predominância nas respostas de nossos colaboradores foi a variante *barco*, pode configurar uma propriedade característica de uso linguístico do espaço geográfico ligado aos hábitos e aos costumes da cultura indígena. E registra-se também a evidência da influência da língua oficial do país sobre esse uso linguístico em SGC.

Figura 92 - Barco



Fonte: <https://www.google.com/search?biw=1366&bih>

Figura 93 – Ônibus Interestadual



Fonte: <https://www.google.com/search?q=onibus+interestadual&source>

5.41 Síntese dos Resultados das Variantes Lexicais mais frequentes em SGC

Quadro 91- Resultados apresentados em SGC comparados aos resultados do ALAM

CAMPO SEMÂNTICO	ITEM LEXICAL	SGC	ORIGEM ETIMOLÓGICA	ALAM
ACIDENTES GEOGRÁFICOS	Onda de Rio	Banzeiro	Português regional	Banzeiro
ASTROS E TEMPO	Via Láctea/ Caminho de Santiago	Constelação	Português	Constelação
ATIVIDADES AGROPASTORIS	Jacá/Balaio	Aturá	Nheengatu	Paneiro, Aturá, Caçuá, Balaio
CORPO HUMANO	Perneta	Aleijada	Português	Aleijado
CONVÍVIO E COMPORTAMENTO SOCIAL	Cigarro de palha	Porronca	Nheengatu	Porronca
RELIGIÃO E CRENÇAS	Feitiço	Macumba	Português	Macumba
JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS	Cambalhota	Cambalhota	Português	Carambola, Calambota, Cambalhota, etc.

Fonte: Elaboração da autora a partir dos dados de Cruz (2004).

Quadro 92- Resultados apresentados em SGC comparados aos resultados do ALSAM

CAMPO SEMÂNTICO	ITEM LEXICAL	SGC	ORIGEM ETIMOLÓGICA	ALSAM
ACIDENTES GEOGRÁFICOS	Pinguela	Ponte	Português	Ponte
FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS	Onda de Rio	Banzeiro	Português	Banzeiro
ASTROS E TEMPO	Garoa	Chuvisco	Português	Chuvisco
ATIVIDADES AGROPASTORIS	Jaca/Balaio	Aturá	Nheengatu	Aturá
FAUNA	Pernilongo	Carapanã	Nheengatu	Carapanã
CICLOS DA VIDA	Ama-de-leite	Mãe-de-leite	Português	Mãe-de-leite
	Menina	Menina	Português	Menina
CONVÍVIO E COMPORTAMENTO SOCIAL	Prostituta	Prostituta	Português	Prostituta
RELIGIÃO E CRENÇAS	Diabo	Diabo	Português	Diabo
	Feitiço	Macumba	Português	Macumba
	Benedeira	Macumbeira	Português	Macumbeira
JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS	Cambalhota	Cambalhota	Português	Cambalhota
	Bolinha de Gude	Peteca	Português	Peteca
	Estilíngue/Setra/Bodogue	Baladeira	Português	Baladeira
HABITAÇÃO	Tramela	Tramela	Português	Tramela
	Vaso Sanitário/Patente	Vaso	Português	Vaso
VIDA URBANA	Sinaleiro/Semáforo/Sinal	Semáforo	Português	Semáforo
	Lombada/Quebra-molas	Quebra-mola	Português	Quebra-mola
	Rotatória/Rótula	Bola	Português	Bola
	Lote/Terreno/Data	Terreno	Português	Terreno

Fonte: Elaboração da autora a partir dos dados de Maia (2018).

Quadro 93 - Resultados apresentados em SGC comparados aos resultados do ALiB

CAMPO SEMÂNTICO	ITEM LEXICAL	SGC	ORIGEM ETIMOLÓGICA	ALiB
FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS	Chuva de Pedra	Granizo	Português	Granizo
ATIVIDADES AGROPASTORIS	Banana Dupla/Felipe/Gêmeas	Gêmeas	Português	Gêmeas
	Mandioca	Mandioca	Nheengatu	Mandioca (ALiB Norte)
	Picada/Atalho estreito	Caminho	Português	Caminho
FAUNA	Cotó	Cotó	Português	Cotó
	Gambá	Mucura	Nheengatu	Gambá/Mucura
	Libélula	Iacina	Português	Iacina (ALiB Norte)
CONVÍVIO E COMPORTAMENTO SOCIAL	Xará	Xará	Incerta	Xará
	Bêbado (Designações)	Pinguço	Português	Pinguço
RELIGIÃO E CRENÇAS	Amuleto	Amuleto	Português	Amuleto
	Curandeiro	Curandeira/Pajé	Português/Tupí+Nheengatu	Curandeiro
HABITAÇÃO	Veneziana	Veneziana	Português	Veneziana
VESTUÁRIO E ACESSÓRIOS	Rouge	Maquiagem	Português	Rouge/Maquiagem

Fonte: Elaboração da autora a partir dos dados do ALiB-Norte (2014).

Quadro 94- Origem etimológica dos itens lexicais investigados em SGC

CAMPO SEMÂNTICO	ITEM LEXICAL	SGC	ORIGEM ETIMOLÓGICA
ACIDENTES GEOGRÁFICOS	Pinguela	Ponte	Português
	Redemoinho (de água)	Panelão	Português
	Onda de Rio	Banzeiro	Português (regional)
FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS	Chuva de Pedra	Granizo	Português
	Garoa	Chuvisco	Português
ASTROS E TEMPO	Via Láctea/ Caminho de Santiago	Constelação	Português
ATIVIDADES AGROPASTORIS	Banana Dupla/ Felipe/ Gêmeas	Gêmeas	Português
	Parte Terminal da Inflorescência da Bananeira/ Umbigo/ Coração	Mamadeira	Português
	Mandioca / Aipim	Mandioca	Tupí+Nheengatu
	Jacá/ Balaio	Aturá	Nheengatu
	Bolsa / Bruaca	Lata	Português
	Picada / Atalho Estreito	Caminho	Português
FAUNA	Cotó	Cotó	Português
	Gambá	Mucura	Nheengatu
	Libélula	Iacina	Português
	Pernilongo	Carapanã	Tupí+Nheengatu
CORPO HUMANO	Perneta	Aleijada	Português
CONVÍVIO E COMPORTAMENTO SOCIAL	Ama-de-leite	Mãe de Leite	Português
	Menina	Menina	Português
	Prostituta	Prostituta	Português
	Xará	Xará	Incerta
	Bêbado (Designações)	Pinguço	Português
	Cigarro de Palha	Porronca	Nheengatu

Quadro 94- Origem etimológica dos itens lexicais investigados em SGC
(conclusão)

CAMPO SEMÂNTICO	ITEM LEXICAL	SGC	ORIGEM ETIMOLÓGICA
RELIGIÃO E CRENÇAS	Diabo	Diabo	Português
	Feitiço	Macumba	Português
	Amuleto	Amuleto	Português
	Benzedeira	Macumbeira	Português
	Curandeiro	Curandeira/Pajé	Português/Tupí+Nheengatu
JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS	Cambalhota	Cambalhota	Português
	Bolinha de Gude	Peteca	Português
	Estilingue/ Setra / Bodge	Baladeira	Português
HABITAÇÃO	Tramela	Tramela	Português
	Veneziana	Veneziana	Português
	Vaso Sanitário / Patente	Vaso	Português
VESTUÁRIO E ACESSÓRIOS	Rouge	Maquiagem	Português
VIDA URBANA	Sinaleiro / Semáforo/ Sinal	Semáforo	Português
	Lombada / Quebra-molas	Quebra-mola	Português
	Rotatória/ Rótula	Bola	Português
	Lote / Terreno/ Data	Terreno	Português
	Ônibus Interurbano	Barco	Português

Fonte: Elaboração da autora partir dos dados dos pontos de inquérito em estudo.

Quadro 95 - Itens Lexicais registrados somente em SGC

CAMPO SEMÂNTICO	ITEM LEXICAL	SGC	ORIGEM ETIMOLÓGICA
ACIDENTES GEOGRÁFICOS	Redemoinho (de água)	Panelão	Português
ATIVIDADES AGROPASTORIS	Parte Terminal da Inflorescência da Bananeira/Umbigo/Coração	Mamadeira	Português
	Bolsa/Bruaca	Lata	Português
VESTUÁRIO E ACESSÓRIOS	Rouge	Maquiagem	Português
VIDA URBANA	Ônibus Interestadual	Barco	Português

Fonte: Elaboração da autora a partir dos dados registrados em SGC (2017).

A análise geossociolinguística dos itens lexicais, de modo geral, demonstra que a configuração linguística de SGC apresenta aproximações e distanciamentos dos Atlas amazônicos comparados e, sobretudo, expõe também um numeroso repertório de ocorrências de variantes em língua indígena a despeito de uma longa história de relacionamento opressivo com o não-índio. É importante chamar atenção para o fato de que, na análise dos itens lexicais mais frequentes, o Português assume o papel de língua franca. E nas relações cotidianas diversas, cada língua indígena assume igual papel, não há, entre as línguas oficiais de São Gabriel, disputa, competição ou rivalidade. E é essa própria diversidade linguística, uma das maiores características do lugar, que se encarrega desse uso espontâneo nas relações cotidianas, isto é, na organização social e na ocupação dos territórios nos quais cada uma das quatro línguas oficiais assume o papel de língua franca.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa em São Gabriel da Cachoeira, no Estado do Amazonas, representou uma amostra da realidade linguística, sob o ponto de vista lexical, do Português atual usado pelos falantes das línguas Nheengatu, Tukano e Baniwa, línguas cooficializadas ao lado do Português no município. Inicialmente, com esta pesquisa, assegurou-se a complementação dos estudos amazônicos no âmbito lexical do Português, aspecto ainda não pesquisado em SGC até a finalização desta tese. Em segundo momento, este trabalho dialetológico aponta rumos para investigações posteriores, auxiliando em pesquisas não somente no Estado do Amazonas, mas também para o estudo do Português em área indígena.

Os resultados aqui alcançados tiveram como base comparativa os dois importantes trabalhos envolvendo a Dialetologia na região Amazônica, o Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM) e o Atlas Linguístico do Sul Amazonense (ALSAM), os quais foram cruciais para responder às questões apresentadas na introdução desta tese, além do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB-Norte), na ausência de análise do item lexical em estudo. Para dar prosseguimento a essa investigação, foram selecionados cinco Dicionários de diferentes acepções: um em Língua Portuguesa atual; um na Língua Nheengatu; um em Língua Tupí; outro em Línguas Indígenas diversas; e, o último dicionário Histórico de palavras portuguesas de origem Tupí, com o objetivo de se verificar a origem etimológica e a vitalidade dos itens lexicais para reconhecimento de especificidades léxicas que caracterizem o espaço investigado.

O percurso inicial traçado para responder nossas perguntas de pesquisa encontra-se no conjunto de 160 cartas linguísticas analisadas que abordam fenômenos lexicais (ver Tomo II), das quais quarenta cartas diatópicas foram selecionadas para compor este estudo e as análises das demais dimensões diageracional, diassexual e diastrática.

Dando continuidade, iniciaremos respondendo o que foi visto a partir das análises das quarenta cartas linguísticas. Vamos, portanto, aos questionamentos que conduziram inicialmente esta pesquisa e as respostas a eles:

- a. Como se processou a influência das dimensões diatópica (geográfico), diageracional (faixa etária), diassexual (sexo) e diastrático (escolaridade) na concepção do falar do são-gabrielense?

No que se refere aos fatores sociais (sexo, idade, escolaridade), a variação não foi significativa, estando a análise pautada principalmente em parâmetros diatópicos, segundo os quais se constata haver bastante variação no que concerne, por exemplo, ao número de variantes proferidas em cada ponto de inquérito. As variedades de Português oriundas dessas relações, na análise diatópica, apresentam um repertório de elementos semântico-lexicais que são espontaneamente percebidos por alguns falantes da microrregião e por nós, pesquisadores, como ora associados a línguas indígenas e ora a não indígenas. Para realização de nossa pesquisa, levamos em conta o fato de que, na hipótese da manutenção de certos traços característicos oriundos da relação do Português com as três línguas indígenas, não interagem apenas aspectos relacionados às línguas em si, mas também fatores extralinguísticos e o contexto histórico-social em que se dá a interação. Entretanto, verificamos que, dentre as dimensões analisadas, somente a dimensão diatópica foi expressiva, assim como os contextos linguísticos interacionais e os fatores históricos justificaram o uso de diversas variantes na região, não confirmando, na totalidade, nossa hipótese inicial.

b.1 Como foi conduzido o estudo comparativo das variantes lexicais dos treze campos semânticos com os dados do Atlas regional do Amazonas, ALAM?

Conforme o quadro 91, no âmbito lexical, dos quarenta itens comparados, em se tratando da variante mais frequente, somente sete variantes foram confirmadas pelo ALAM. A distância entre as nove localidades representativas de cada uma das microrregiões do Estado pesquisadas por esse Atlas: Barcelos (Microrregião do Alto Rio Negro), Benjamin Constant (Microrregião do Alto Solimões), Eirunepé (Microrregião do Juruá), Humaitá (Microrregião do Madeira), Itacoatiara (Microrregião do Médio Amazonas), Lábrea (Microrregião do Purus), Manacapuru (Microrregião do Rio Negro-Solimões), Parintins (Microrregião do Baixo Amazonas) e Tefé (Microrregião do Juruá-Solimões) são pontos bastante distantes do município de SGC, e a história da colonização desses municípios, embora apresente pontos em comum, como a presença de línguas indígenas, expressam, na maioria, diferenciados aspectos sócio-histórico-culturais. Consequentemente, a construção do uso linguístico, no que se refere à variação linguística em seu aspecto semântico-lexical, apresenta, seguramente, distanciamento também.

b.2 Como foi conduzido o estudo comparativo das variantes lexicais dos treze campos semânticos com os dados do Atlas regional do Amazonas, ALSAM?

Conforme o quadro 92, no âmbito lexical, dos quarenta itens lexicais comparados, em se tratando da lexia mais frequente, vinte variantes foram confirmadas pelo ALSAM. Esse Atlas investiga seis dos dez municípios representativos da mesorregião do Sul Amazonense, que é constituída por três microrregiões, a microrregião de Boca do Acre, a microrregião do Purus e a microrregião do Madeira. São eles: Boca do Acre, Lábrea, Tapauá, Humaitá, Manicoré e Borba. Entre os três atlas comparados, ocorreu com o ALSAM a maior identificação das variantes lexicais encontradas em SGC. Embora as distâncias entre as regiões investigadas e o município de SGC sejam consideráveis, essa demonstração maior de homogeneidade lexical entre os atlas comparados pode-se atribuir à diferença de abrangência de uma região para outra entre os Atlas amazônicos. Enquanto as investigações no ALSAM compreendem seis localidades, mas com três microrregiões, as do ALAM compreendem nove localidades com nove microrregiões. As aproximações se fizeram, principalmente, em relação aos campos semânticos Religião e Crenças; Jogos e Diversões Infantis e Vida Urbana. Foi considerável o percentual de respostas que coincidem com as localidades do ALSAM, senão pela proximidade geográfica com essas cidades, pelas relações comerciais, e, provavelmente, pelas variantes mais frequentes desses campos semânticos serem comuns em cidades de passados socio-históricos semelhantes.

b.3 Como foi conduzido o estudo comparativo das variantes lexicais dos treze campos semânticos com os dados do ALiB-Norte/ALiB-Nacional?

Conforme o quadro 93, no âmbito lexical, dos quarenta itens comparados, em se tratando da lexia mais frequente, treze variantes foram confirmadas pelo ALiB, representando 32,5% do total de itens investigados. É importante ressaltar que os dados do ALiB-Norte (2014) foram também usados na ausência de análise pelos atlas ALAM e ALSAM em relação aos itens lexicais selecionados em SGC. As tabelas sobre os Atlas nas quarenta análises, no decorrer deste trabalho, expõem essa ressalva. A maioria das semelhanças observadas, no quadro acima, entre essas variantes lexicais, é creditada à influência da língua oficial do país naquela região.

c. Quais conclusões foram alcançadas a partir da verificação da entrada dos itens lexicais selecionados em dicionários para verificação da origem etimológica e da vitalidade deles na perspectiva de encontrar especificidades léxicas que caracterizem o espaço investigado?

Conforme os quadros 94 e 95, dos quarenta itens comparados, em se tratando da lexia mais frequente, afirmamos que, no âmbito lexical, foi possível confirmar a influência do Português (Latim) com um percentual representativo de 80% em todos os campos semânticos, contrapondo-se a 20% em Nheengatu (Tupí), do total de itens investigados.

Devido à forte relação de dominância do PB, pouco se verifica, nos resultados das análises dos dados coletados, a influência, isto é, a identificação de traços lexicais linguísticos específicos das línguas Tukano e Baniwa sobre o léxico do Português. Porém, foi constatada a exclusividade do uso de uma delas, a Nheengatu, refletida nas respostas da maioria dos colaboradores das três línguas em diversos itens lexicais, como sendo (descrita pelos próprios entrevistados) língua portuguesa e não uma língua indígena, embora a nós parecesse língua indígena. Esse foi o caso, por exemplo, do item lexical “aturá”, julgado como língua portuguesa por todos os colaboradores entrevistados, entretanto a origem etimológica desse item aponta para a língua Tupi=Nheengatu, confirmada por fatores histórico-sociais.

Segundo o quadro 97 (ver Apêndice B), observaram-se, nos três pontos de inquérito (importante salientar que se vai agora para além das variantes mais frequentes), numerosas respostas, espontâneas, em língua indígena, proferidas por quase todos os colaboradores das três línguas. Dentre os quarenta itens selecionados para análise, foram registradas 198 respostas em língua indígena, representando um elevado número de ocorrências do total de itens investigados. Essa ocorrência configura, portanto, a presença de um léxico característico dessa microárea geográfica. Em conformidade com nossa hipótese inicial, concluímos que o município apresenta suficientes variantes que permitam caracterizar o espaço geográfico, no que diz respeito ao léxico, diferenciado em relação aos demais municípios do Estado do Amazonas.

Vale ressaltar o que foi afirmado na Introdução desta tese sobre a característica multilinguística de SGC, que as relações sociais nessa área plurilíngue são otimizadas pelo intenso fluxo diário de migrações internas em busca de resolução de problemas pessoais, relações comerciais etc., em que cada indivíduo faz seu uso linguístico conforme a situação contextual, isto é, a escolha da(s) língua(s) que cada um fala e em que se exprime socialmente assume uma importância capital no processo de identidade coletiva, nesse âmbito, as línguas indígenas são correntemente faladas.

Nesse sentido, São Gabriel da Cachoeira possui um ambiente linguístico diferenciado, município de maioria indígena motivada pela estrutura espacial e histórica, e, excetuando-se os não indígenas, todos entendem que vivem e são resultado de transformações que envolvem

dimensões no tempo e no espaço. Nesse sentido, a sede, as cidades e as comunidades, os rios e a floresta, são todos parte de um processo que integra esse continente etnológico.

No aspecto linguístico, pode-se até não se perceber muitas diferenças em São Gabriel, quando se fala somente o Português; talvez a maior diferença em relação aos demais municípios amazônicos seja, de fato, o grau de integração entre as relações sociais dessa multirrelação etnológica: todas as etnias se reconhecem enquanto sujeitos e agentes de processos transformacionais suscitados por um mesmo conjunto de necessidades sociais e isso coincidiu com a extensão do município.

Essa relação multilíngue natural é decorrente desse compartilhamento histórico muito presente, muito vivo entre os são-gabrielenses, independentemente da partição entre as mais de vinte cinco línguas que lá são faladas em todo o município.

Para finalizar, as cartas linguísticas resultantes desta pesquisa poderão ser utilizadas por outros pesquisadores do espaço amazônico e do Brasil, pois elas apresentam uma amostra da variação lexical do Português atual falado em um espaço indígena bastante representativo por meio das diferentes dimensões pluridimensionais que refletem com clareza a realidade linguística da Sede de SGC-AM.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, V. A. **Atlas Linguístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado do Paraná, 1994.

ALMEIDA, A. W. B. de. *et al.* **Mobilizações étnicas e transformações sociais no Rio Negro**. Manaus: UEA Edições, 2010.

ALTENHOFEN, Cleo V. O “território de uma língua”: ocupação do espaço pluridimensional por variedades em contato na Bacia do Prata. *In*: FERNÁNDEZ, A. L. da R. N. B.; MOZZILLO, I.; SCHNEIDER, M. N. & URUGUAY, C. G. (org.). **Línguas em contato: onde estão as fronteiras?** Pelotas: Editora UFPel, 2014.

ALTINO, F. C. Atlas Linguístico do Paraná II: elaboração, dados e considerações. *In*: AGUILERA, V. A.; ROMANO, V. P. (org.). **A Geolinguística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados**. 1.ed. Londrina: Eduel, 2016, v.1, p. 159-174.

ALVES, E. C. **São Gabriel da Cachoeira, sua Saga, sua História**. 2. ed. Goiânia: Kelps, 2015.

AMORIM, A. B. de. **Lendas em Nheengatu e em Português**. Manaus: Fundo Editorial-ACA, 1987.

ARAGÃO, M. do S. S. de; BEZERRA DE MENEZES, C. **Atlas Linguístico da Paraíba**. Brasília: UFPB; CNPq, Coordenação Editorial, 1984.

ARAGÃO, M. do S. S. de. Atlas Linguístico do Ceará. *In*: AGUILERA, V. A.; ROMANO, V. P. R. (org.). **A Geolinguística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados**. 1. ed. Londrina: Eduel, 2016, p. 101-112.

_____. Atlas Linguístico do Brasil: Regional Ceará. *In*: CARDOSO, S. A. *et al.* (org.). **ALiB: 20 anos de história**. 1. ed. Salvador: Quarteto, 2017, v. 1, p. 49-56.

AYROSA, P. **Dicionário Portuguez-Brasiliiano e Brasiliiano-Portuguez**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1934 [1795].

_____. **Os nomes das partes do corpo humano pella lingua do Brasil de Pero de Castilho**. São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1937.

_____. **Prefácio ao Vocabulário na Língua Brasília**. Manuscrito Português-Tupi do século XVII. São Paulo: Departamento de Cultura, 1938a, pp. 7-74.

_____. **Vocabulário na Língua Brasília**. Manuscrito português-tupí do século XVII, coordenado e prefaciado por Plínio Ayrosa. São Paulo: Departamento de Cultura, 1938b [1622].

AZEVEDO, J. L. **Os Jesuítas no Grão-Pará: Suas missões e a colonização**. Belém: SECULT, 1999.

- BARBOSA, P. L. **Pequeno Vocabulário Tupi-Português**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1951.
- BARROS, L. A. **Curso Básico de Terminologia**. São Paulo: EDUSP, 2004.
- BARROS, L. C. S. **Repertórios Musicais em trânsito: Música e Identidade Indígena em São Gabriel da Cachoeira, AM**. Belém: ADUFPA, 2009.
- BASÍLIO, M. **Teoria Lexical**. São Paulo: Editora Ática., 2003.
- BENTO, C. M. **Amazônia Brasileira: Conquista, Consolidação e Manutenção - História Militar Terrestre da Amazônia de 1616 a 2003**. Porto Alegre: Ed. Gênese, 2003.
- BIBLIOTECA DIGITAL CURT NIMUENDAJÚ. (Brasil). **Catálogo de línguas indígenas sul-americanas**, 2009. [online]. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/linguas>. Acesso em 03 de fev. de 2018.
- BIDERMAN, M. T. C. **Teoria lingüística: lingüística quantitativa e computacional**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- _____. **Teoria lingüística: teoria lexical e lingüística computacional**. 2 ed. São Paulo: Editora Martins Pontes, 2001.
- BRANDÃO, S. F. **A Geografia Linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.
- BRITO, R. de M. **Atlas dos Falares do Baixo Amazonas – AFBAM**. 2011. v. I. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, 2011.
- BUCHILLET, D. Los poderes del hablar: terapia y agresión chamánica entre los indios Desana del Vaupes brasileiro. *In*: BASSO, E.; SHERZER, J. (Coord.). **Las culturas nativas latinoamericanas através de su discurso**. Quito: Abya Yala, 1990. p. 319-354. (Col. 500 años).
- CABALZAR, A.; RICARDO, C. A. **Povos indígenas do Alto e Médio Rio Negro**. São Paulo: Instituto socioambiental de São Gabriel da Cachoeira: FOIRN (Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro), 1998.
- _____. **Povos indígenas do Alto e Médio Rio Negro: uma introdução à diversidade cultural e ambiental do noroeste da Amazônia brasileira**. 2. ed. São Paulo; Amazonas (São Gabriel da Cachoeira): Instituto socioambiental; FOIRN – Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, 2000.
- CABRAL, A. S. A. C. **Asuriní do Tocantins: notas de trabalho de campo (manuscritos)**.
- CABRAL, Ana Suelly A. C.; RODRIGUES, A. D. **Dicionário Asuriní do Tocantins-Português**. Belém: UFPA/IFNOPAP; Brasília: UnB/IL/LALI, 2003.
- CABRÉ, M. T. **La terminologia**. Teoria, metodología, aplicaciones. Barcelona: Editora Antártida/Empúries, 1993.

CALDAS, R. B. C. **Aspecto, Modo de Ação e Modalidade em Ka'apór**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-graduação em Linguística. Universidade Federal do Pará, Belém. 2001.

CALLOU, D. **Quando dialetologia e sociolinguística se encontram**. Estudos Linguísticos e Literários. Salvador, n. 41, p. 33- 35, jan./jun, 2010.

CALVET, L. J. **As Políticas Linguísticas**. São Paulo: Parábola Editorial, IPOL, 2007.

_____. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMPOY, J. M. H. **Dialectología Tradicional, Sociolingüística Laboviana y Geolingüística Trudgilliana: Tres Aproximaciones al Estudio de la Variación**. Estudios de Lingüística de la Universidad de Alicante, p. 151-181, 1993.

CARDOSO, S. A.; FERREIRA, C. **Um panorama da dialetologia no Brasil**. Revista Internacional de Língua Portuguesa, Lisboa, n. 14, p. 91-105, 1995.

CARDOSO, S. A. M. **A dialetologia no Brasil: perspectivas**. Delta. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 15, p. 233-255, 1999.

_____. **Dialetologia: trilhas seguidas, caminhos a perseguir**. Revista Delta: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada. v. 17. 2001.

_____. **Geolingüística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

_____. *et al.* **Atlas Linguístico do Brasil: Introdução**. v. 1. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2014a.

_____. *et al.* **Atlas Linguístico do Brasil: Cartas Linguísticas I**. v. 2. Londrina: Eduel, 2014b.

CARDOSO, S. A.; MOTA, J. A. Do século XX ao XXI: caminhos do Atlas Linguístico do Brasil. *In*: AGUILERA, V. A.; ROMANO, V. P. R. (org.). **A Geolingüística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados**. Londrina: Eduel, 2016, p. 21-33.

CARDOSO, S. A. *et al.* **Documento 7: ALiB: 20 anos de história**. Salvador: Quarteto, 2017a.

_____. O Projeto ALiB: balanço de 20 anos. *In*: CARDOSO, S. A. *et al.* **Documento 7: ALiB: 20 anos de história**. Salvador: Quarteto, 2017b, p. 11-18.

COIMBRA, D. **Variação léxico-semântica do item cambalhota no Atlas Léxico Sonoro do Pará (ALeSPA): uma abordagem geossociolinguística**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará. Belém, 2018.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. **Projeto Atlas Lingüístico do Brasil: Questionários**. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2001.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. Projeto Atlas Linguístico do Brasil. *In*: CARDOSO, S. A. *et al* (org.). **Documento 4**: Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador, Vento Leste, 2013, p. 9-54.

CORREIA, M. Neologia e terminologia. *In*: MATEUS, M. H.; CORREIA, M. (org.). **Terminologia**: Questões teóricas, métodos e projectos. Lisboa: Publicações Europa-América, 1998.

COSERIU, E. **La geografía lingüística**. Cuaderno del Instituto Lingüístico Latino-americano. Motevideo, n. 11, 1965.

COSTA, E. O. **Estudo Geossociolinguístico do Léxico do Português falado em áreas indígenas de língua Tupí-Guaraní nos Estados do Pará e Maranhão**. 2018. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

COSTA, D. S. S. **Vocabulário Dialectal do Centro-Oeste**: interfaces entre a Lexicografia e a Dialectologia. 2018. 353 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina/PR, 2018.

COUTO, H. H. do. **Linguística, ecologia e ecolinguística**: contato de línguas. São Paulo: Contexto, 2009.

CRUZ, M. L. C. **Atlas Linguístico do Amazonas - ALAM**. 2004. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

CRUZ, M. L. C. O Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM. *In*: AGUILERA, V. A.; ROMANO, V. P. R. (org.). **A Geolinguística no Brasil**: caminhos percorridos, horizontes alcançados. Londrina: Eduel, 2016, p. 37-45.

CUNHA, A. G. **Dicionário Histórico das palavras portuguesas de origem Tupi**. São Paulo: Melhoramentos: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1976.

CUNHA, C.& CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.

DOIRON, M. P. B. Atlas Linguístico do Estado de Alagoas: um trabalho conjunto entre a Universidade Estadual de Londrina e a Université Grenoble Alpes. *In*: AGUILERA, V. de A.; ROMANO, V. P. R. (org.). **A Geolinguística no Brasil**: caminhos percorridos, horizontes alcançados. Londrina: Eduel, 2016, p. 113-125.

EDELWEISS, F. G. **Estudos tupis e tupi-guarani**: Confrontos e Revisões. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Brasileira, 1969. Digitalizado pela Biblioteca Digital Curt Nimuendajú. Disponível para download no endereço:
http://biblio.etnolinguistica.org/edelweiss_1969_estudos. Acesso em 8 de fev. de 2017.

ENCICLOPÉDIA DOS POVOS INDÍGENAS NO BRASIL - Instituto Socioambiental. Equipe do Programa Rio Negro do Instituto Socioambiental (ISA), Fonte: Instituto Socioambiental | Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org>. Acessado em 03 de fev. de 2018.

FAULSTICH, E. L. de J. **Lexicologia: a linguagem do noticiário policial para uma análise estrutural de campos semânticos**. Brasília: Editora Horizonte, 1980.

_____. **Da Linguística Histórica à Terminologia**. Revista Investigações, Linguística e teoria literária. Recife: EDUFPE. 1997. v. 7, p.71-101.

FELIX, M. I. S. **A Língua Geral Amazônica: contribuição para o estudo de suas variedades dialetais faladas ao longo do rio Amazonas e seus tributários, nos séculos XIX e XX**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Pará, Belém. Orientadora: Ana Suely Arruda Câmara Cabral. 2002.

FERREIRA, A. B. de H. **Dicionário de Língua Portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FREIRE, J. R. B. **Da fala boa ao português na Amazônia brasileira**. Ameríndia, Paris, v. 8, p.39-83, 1983.

_____. **Da Língua Geral ao Português: para uma história dos usos sociais das línguas na Amazônia**. 239f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Instituto de Letras, UERJ, Rio de Janeiro, 2003.

FOIRN-ISA. **Mapa livro: Povos Indígenas do Alto e Médio Rio Negro**. 2. ed. Brasília, DF: MEC/SEF, 2000.

_____. **Levantamento socioeconômico, demográfico e sanitário da cidade de São Gabriel da Cachoeira**. São Gabriel da Cachoeira: FOIRN/ISA, 2006.

FOIRN. **Relatório Anual de Atividades 2016**. Instituto Socioambiental. [S. l.: s. n.], fev. 2016. Disponível em: http://www.saude.df.gov.br/wp-content/uploads/2017/11/Relatorio_Anual_de_atividades__2016.pdf. Acesso em: 11 fev. 2017.

GUEDES, R. J. C. **Perfil geossociolinguístico do português em contato com línguas Tupí-Guaraní em áreas indígenas dos Estados do Pará e Maranhão**. 2017. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

GUY, G. R.; ZILLER, A. **Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HEYE, J. W. B.; VANDRESEN, P. Línguas em contato. In: CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A.; SILVA, R. V. M. (org.). **Quinhentos anos de história linguística do Brasil**. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006, v. 1, p. 381-411.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico de 2000: Migração e deslocamentos - resultados da amostra**. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

_____. **Censo Demográfico 2010: Características da população e dos domicílios: resultados do universo**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/>. Acesso em 03 de ago. de 2016.

IORDAN, I. **Lingüística românica**: evolución corrientes métodos. Reel. parcial y notas de M. Alvar, Madrid: Alcalá, 1967.

ISQUERDO, A. N. Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul: um olhar crítico-descritivo. *In*: AGUILERA, V. A.; ROMANO, V. P. (org.). **A Geolinguística no Brasil**: caminhos percorridos, horizontes alcançados. 1. ed. Londrina-PR: EDUEL, 2016, p. 141-157.

JUSTINIANO, J. S. **Atlas Linguístico dos Falares do Alto Rio Negro - ALFARiN**. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2012.

KIEMEN, M. **The Indians Policy of Portugal in the Amazon Region-1614-1693**. Washington: The Catholic University of America Press, 1954.

KURATH, H. *et al.* **Linguistic Atlas of New England (LANE)**. Brown University Press, v. 3, 1939.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LARAIA, R. B.; MATTA, R. **Índios e Castanheiros**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

LASMAR, C. **De Volta ao Lago do Leite**: Gênero e Transformação no Alto Rio Negro. São Paulo: UNESP, 2005.

LEINER, Piero C. **Abertura para o Interior**: transformações da hierarquia no alto rio Negro. Texto apresentado nas Quartas Indomáveis. PPGAS/UFSCar. Msc. 2014.

LEIRIA, I. **Léxico**: aquisição e ensino do Português Europeu Língua Não Materna. 2001. Dissertação de Doutorado (Doutoramento em Linguística) – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2001.

LEITE, Y.; FRANCHETTO, B. 500 Anos de Línguas Indígenas no Brasil. *In*: CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A.; SILVA, R. V. M. (org.). **Quinhentos Anos de História Linguística no Brasil**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo da Bahia, 2006.

LIMA, A. F.; OLIVEIRA, M. B.; RAZKY, A. 20 anos do ALiB no Norte do Brasil. *In*: CARDOSO, S. A. M. *et al.* (org.). **Documento 7: ALiB: 20 anos de história**. 1. ed. Salvador: Quarteto, 2017, p. 39-48.

LOLLI, P. **A Plasticidade Maku**. ILHA – REVISTA DE ANTROPOLOGIA, v. 18, p. 177-198, 2016.

MAGALHÃES, J. V. Couto *et al.* **Parecer acerca da Obra do sr. dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 39 (53):379-386. Rio de Janeiro, 1876.

MAIA, E. G. **Atlas Linguístico do Sul Amazonense – ALSAM**. Tese de Doutorado (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, UEL, 2018.

MARGOTTI, F. W. Contribuições da Região Sul ao Atlas Linguístico do Brasil: um percurso de 20 anos. *In*: CARDOSO, S. A. *et al.* **Documento 7: ALiB: 20 anos de história**. 1. ed. Salvador: Quarteto, 2017, v.1, p. 139-156.

MEIRA, M. **O tempo dos padrões: extrativismo da piaçava entre os índios do rio Xié (Alto Rio Negro)**. 1993. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

MELLO, O. **Topônimos Amazonenses: nome das cidades amazonenses, sua origem e significação**. Série Torquato Tapajós. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas, 1967.

NASCENTE, A. **Études dialectologiques du Brésil**. ORBIS – Bulletin International de Domumentation Linguistique, Louvain, t. 1, n. 1, p. 181-184, p. 1952.

_____. **Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil**. Rio de Janeiro: MEC, Casa de Rui Barbosa, vol. 1, 1958; vol. 2, 1961.

NOLL, V.; DIETRICH, W. (org.). **O Português e o tupi no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.

OLIVEIRA, G. M. A cooficialização de línguas em nível municipal no Brasil: direitos linguísticos, inclusão e cidadania. *In*: MORELLO, R. **Leis e Línguas no Brasil: o processo de cooficialização e suas potencialidades**. Florianópolis: IPOL, 2015. p. 23—31.

_____. Oficialização de Línguas Indígenas em Nível Municipal no Brasil – Algumas Considerações Político-Linguísticas e Jurídicas Preliminares. *In*: ALMEIDA, Alfredo W. B. (org.). **Terra das Línguas**. São Gabriel da Cachoeira; Manaus: UFAM/PNCSA, 2007, p. 37-49.

POP, S. **La dialectologie**. Aperçu historique et méthodes d'enquêtes linguistiques, vol. 1 e 2. Louvain: Chez l'Auteur; Gembloux, Doculot, 1950.

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL. **Quadro Geral dos Povos**. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/c/quadro-geral>. Acesso em: 11 de fev. de 2017.

RADLER, J. **Alto Rio Negro em Estado de Alerta Devido à Intensa Estiagem**. Socioambiental, [S. l.: s. n.], 20 mar. 2018. Disponível em: <https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/alto-rio-negro-em-estado-de-alerta-devido-a-intensa-estiagem>. Acesso em: 23 ago. 2018.

RADTKE, E.; THUN, H. Nuevos caminos de la geolinguística románica. Un balance. *In*: RADTKE, E.; THUN, H. **Neue Wege der Romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie**. Kiel: Westensee-Verl., 1996. p. 25-49.

RAMANZINI, H. **Introdução à Linguística Moderna**. São Paulo: Ícone, 1990.

RAMOS, A. R. Padrões e clientes: relações intertribais no Alto Rio Negro. *In*: RAMOS, A. R. (org.). **Hierarquia e simbiose: relações intertribais no Brasil**. São Paulo: Hucitec; INL; MEC, 1980.

RAZKY, A. O Atlas Geossociolinguístico do Pará: abordagem metodológica. *In*: AGUILERA, V. A. (org.). **A Geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas**. Londrina: EDUEL, 1996, p. 155-164.

_____. O Atlas geossociolinguístico do Pará: Abordagem metodológica. *In*: AGUILERA (Org.). **A Geolinguística no Brasil: Caminhos e perspectivas**. Londrina: UEL, 1998.

_____. Procedimentos Metodológicos Para o ALISPA. *In*: RAZKY, A. (org.). **Estudos Geossociolinguísticos no Estado do Pará**. Belém: Gráfica, 2003, v., p. 190-198.

_____. **Atlas Linguístico Sonoro do Estado do Pará (ALiSPA)**, v. 1.1. Belém: s/ed. 2004. (Programa em CD-ROM).

_____. Uma perspectiva geossociolinguística para a análise do status da variável (s) em contexto pós-vocálico no nordeste do estado do Pará. *In*: **Estudos Linguísticos e Literários**. n. 41, Salvador: Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura, UFBA, 2010.

_____. **A dimensão sociodialetoal do léxico no projeto Atlas Linguístico do Brasil**. SIGNUM. Londrina: Estud. Ling., v. 16, p. 247-270, 2013.

RAZKY, A.; GUEDES, R. Le continuum des regroupements lexicaux dans l'Atlas Geossociolinguístico do Pará (ALiPA). *In*: CONTINI, M.; LAI, J. P. **La géographie linguistique au Brésil**. Geolinguistique. Grenoble: ELLUG, 2015, p. 149-162.

RAZKY, A.; OLIVEIRA, M. B.; GUEDES, R. J. C.; COSTA, E. O. Estado da Arte do Atlas Geossociolinguístico do Pará. *In*: AGUILERA, V. A.; ROMANO, V. P. R. (org.). **A Geolinguística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados**. 1. ed. Londrina: Eduel, 2016, v. 1, p. 47-59.

RAZKY, A.; RIBEIRO, C. M. R.; SANCHES, R. D. O Projeto Atlas Linguístico do Amapá – ALAP: trajetória e primeiros resultados. *In*: AGUILERA, V. A.; ROMANO, V. P. R. (org.). **A Geolinguística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados**. 1. ed. Londrina: Eduel, 2016, v.1, p. 61-74.

RAZKY, A.; RIBEIRO, C. M. R.; SANCHES, R. D. **Atlas Linguístico do Amapá**. 1. ed. São Paulo: Labrador, 2017.

RAZKY, A.; COIMBRA, D.; MAGNO, A. P.; PEREIRA, D. A visibilidade Nacional e internacional do ALiB: uma política de documentação e difusão do português brasileiro. *In*: **VII SEMINÁRIO REGIONAL DE GEOSOCIOLINGUÍSTICA**. Cadernos de resumos do VII SERGEL. Belém, 2017.

RICARDO, C. A.; MARTINELLI, P. **Arte Baniwa: cestaria de arumã**. 2a. ed. revisada. São Paulo: ISA; São Gabriel da Cachoeira: Foirn, 2000. 64 p.

RODRIGUES, J. B. **Vocabulário Indígena**. Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro. Leuzinger - Rua do Ouvidor, 31 a 36 .1894.

RODRIGUES, A. D. **Os estudos de lingüística indígena no Brasil**. Revista de Antropologia. São Paulo, v. 11, p. 9-21, 1963.

_____. **Grammatical Affinity among Tupí, Karíb, and Macro-Jê**. Unpublished manuscript. Brasília: Universidade de Brasília, 1984.

_____. Evidence For Tupi-Carib Relationships. *In*: HARRIET, M. Klein; Luisa, R. Stark (org.). **South American Indian Languages: Retrospect and Prospect**. 1. ed. Austin: University of Texas Press, 1985, v. , p. 371-404.

_____. **Línguas brasileiras: Para o Conhecimento das Línguas Indígenas**. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

_____. **Línguas brasileiras: Para o Conhecimento das Línguas Indígenas**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1994.

_____. **As Línguas Gerais Sul-americanas**. Papiá. Revista de Crioulos de Base Ibérica. Brasília: Thesaurus Editora/UNB, v. 4, p. 6-18, 1996.

_____. **O conceito de língua indígena no Brasil: Os primeiros cem anos (1550-1650) na Costa Leste**. Línguas e Instrumentos Linguísticos, Campinas: Pontes, v. 1, p. 59-78, 1998.

RODRIGUES, A. D.; CABRAL, A. S. A. C. Revendo a classificação interna da família Tupi-Guarani. *In*: **Atas do I Encontro Internacional do GTLI da ANPOLL**, v. 1, Belém: EDUFPA, 2002.

RODRIGUES, A. D.; CABRAL, A. S. A. C. (org.). **Novos estudos sobre línguas indígenas**. 1. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005.

RODRIGUES, A. D. As Outras Línguas da Colonização do Brasil. *In*: CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A.; SILVA, R. V. M. (org.). **Quinhentos anos de história lingüística do Brasil**. 1. ed. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006, v.1, p. 143-161.

ROMANO, V. P. **Percorso historiográfico e metodológico da Geolinguística**. Papéis: Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens – UFMS. Campo Grande, v. 18, n. 35, p. 135-153. 2014.

_____. **Em busca de falares a partir de áreas lexicais no Centro-sul do Brasil**. 2015. v. 2. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

SÁ, E. J. Atlas Linguístico de Pernambuco: Descrição Metodológica e Síntese dos Resultados. *In*: AGUILERA, V. A.; ROMANO, V. P. (org.). **A Geolinguística do Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados**. 1. ed. Londrina: Eduel, , 2016, v. 1, p. 127-139.

SANTOS, I. **No Amazonas, Alto e Médio Rio Negro registram mais de 20 línguas indígenas**. Portal Amazônia, [S. l.: s. n.], 15 abr. 2014. Disponível em: <http://portalamazonia.com/noticias/no-amazonas-alto-e-medio-rio-negro-registram-mais-de-20-linguas-indigenas>. Acesso em: maio/2016.

SILVA NETO, S. da. **Guia para estudos dialetológicos**. 2. ed. Belém: Conselho Nacional de Pesquisa: Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia. CNPq, 1957.

SILVA, H. **O /r/ caipira no triângulo mineiro: um estudo dialetológico e de atitudes linguística**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Londrina, 2012.

SILVA-PORTELI; G. A.; AGUILERA, V. A. Primeiras considerações sobre o Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins (ALiTTETO). In: AGUILERA, V. A.; ROMANO, V. P. (org.). **A Geolinguística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados**. Londrina: Eduel, 2016, v.1, p. 85-100.

SORENSEN, A. **Multilingualism in the Northwest Amazon**. *American Anthropologist*, [S.I.], v.69, 1967.

STENZEL, K. Multilingualism: Northwest Amazonia Revisited. In: **II Congress on Indigenous Languages of Latin America CILLA**. Austin: University of Texas, 2005.

STENZEL, K.; GOMEZ-IMBERT, E. **Contato Linguístico e Mudança Linguística no Noroeste Amazônico: O Caso do Kotiria (Wanano)**. *Revista da ABRALIN*, v.8, n.2, p.71-100, jul/dez. 2009.

STRADELLI, E. **Vocabularios da lingua geral portuguez-nheêngatú e nheêngatú-portuguez, precedidos de um esboço de Grammatica nheênga-umbuê-sáua mirî e seguidos de contos em lingua geral nheêngatú poranduua**. Rio de Janeiro: Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, Tomo 104, Volume 158, p. 9-768, 1921.

SWEET, D. G. **A Rich Realm of Nature Destroyed: the Middle Amazon Valley, 1640-1750**. 1974. Thesis (PhD) – University of Wisconsin, Madison, 1974.

TELES, I. M. Contribuições à elaboração do Atlas Linguístico de Rondônia (ALiRO): cartas fonéticas – estado atual da pesquisa. In: **Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística – CIDS, 2., Anais**, Belém, PA: UFPA, 2012, p. 1562-1569.

TELES, M. T. Atlas Linguístico de Rondônia – ALiRO: primeiras considerações fonéticas. In: AGUILERA, V. A.; ROMANO, V. P. R. (org.). **A Geolinguística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados**. Londrina: Eduel, 2016, p. 75-84.

THUN, H. Movilidad demográfica y dimensión topodinámica. Los montevidianos en Rivera, In: RADTKE, E.; THUN, H. (org.). **Neue wege der Romanischen Geolinguistik : Akten des Symposiums zur Empirischen Dialektologie**. Kiel : Westensee, 1996, p. 210-269.

_____. La géographie linguistique romane à la fin du XX^e. Scèle. In: **CONGRÈS INTERNACIONAL DE LINGUISTIQUE ET DE PHILOGIE ROMANES**, 22., 1998,

Bruxelles. Actes... Vivacité et diversité de la variation linguistique. Tübingen: Niemeyer, 2000, v. 3, p. 367-388.

_____. O português americano fora do Brasil. *In*: GÄRTNER, E.; HUNDT, C.; SCHÖNBERGER, A. (org.). **Estudos de geolinguística do português americano**. 1. ed. Frankfurt a M: TFM, 2000.

_____. A Dialetoлогия pluridimensional no Rio da Prata. *In*: STAHLZIWS, A. M. **Estudos de Variação Linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: UFGRS, 2005, p.63-92.

_____. A geolinguística pluridimensional, a história social e a história das línguas. *In*: AGUILERA, V. A (org.). **Para a história do português brasileiro**. Londrina: EDUEL, 2009.

WEINREICH, U. **Language in contact**. New York, Linguistic Circle & The Hague, Mouton, 1953.

WELKER, H. A. **Dicionários – Uma pequena introdução à Lexicografia**. 2. ed. Brasília: Thesaurus, 2005.

WRIGHT, R. M. **Demons with no heads**. NTM and the Baniwa of Brazil. ARC BULLETIN, Boston, MA, EUA, v. 9, p. 9-13, 1981.

_____. **História indígena e do indigenismo no Alto Rio Negro**. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras/Instituto Socioambiental, 2005.

ZÁGARI, M. R. L. *et al.* **Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.

WEBGRAFIA

<http://comet.fflch.usp.br/projeto>
<http://corpusbrasileiro.pucsp.br/cb/Inicial.html>
http://pt.wikipedia.org/wiki/Maria_Teresa_Camargo_Biderman
<http://www.academia.org.br/>
<http://www.clul.ul.pt/index.php>
<http://www.cnrtl.fr/dictionnaires>
<http://www.edtl.com.pt>
<http://www.euophras.org>
<http://www.fflch.usp.br/dlc/neo/>
<http://www.ibilce.unesp.br/#!/pesquisa/grupos-de-pesquisa/gample/>
<http://www.letras.ufmg.br/gtlexNovo/>
<http://www.linguateca.pt/>
<http://www.oplop.uff.br/>
<http://www.persee.fr/>
<http://www.portaldalinguaportuguesa.org/>
<http://www.ufrgs.br/termi>

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUADRO VARIAÇÃO LEXICAL EM SGC

Quadro 96 - Variação Lexical: item mais frequente em SGC

Variação Lexical em SGC	
Itens Lexicais	São Gabriel da Cachoeira
Pinguela	Ponte
Redemoinho (de água)	Panelão
Onda de Rio	Banzeiro
Chuva de Pedra	Granizo
Garoa	Chuvisco
Via Láctea/ Caminho de Santiago	Constelação
Banana Dupla/ Felipe/ Gêmeas	Gêmeas
Parte Terminal do Inflorescência da Bananeira/ Umbigo/ Coração	Mamadeira
Mandioca/ Aipim	Mandioca
Jacá/ Balaio	Aturá
Bolsa/ Bruaca	Lata
Picada/Atalho estreito	Caminho
Cotó	Cotó
Gambá	Mucura
Libélula	Iacina
Pernilongo	Carapanã
Perneta	Aleijada
Ama-de-leite	Mãe de leite
Menina	Menina
Prostituta	Prostituta
Xará	Xará
Bêbado (Designações)	Pinguço
Cigarro de Palha	Porronca
Diabo	Diabo
Feitiço	Macumba
Amuleto	Amuleto
Benedeira	Macumbeira
Curandeiro	Curandeira
Cambalhota	Cambalhota
Bolinha de Gude	Peteca
Estilingue/ Setra/ Bodge	Baladeira
Tramela	Tramela
Veneziana	Veneziana
Vaso Sanitário/ Patente	Vaso
Rouge	Maquiagem
Sinaleiro/ Semáforo/ Sinal	Semáforo
Lombada/ Quebra-molas	Quebra-mola
Rotatória/ Rótula	Bola
Lote/ Terreno/ Data	Terreno
Ônibus Interurbano	Barco

Fonte: Félix (2017)

APÊNDICE B – ITENS LEXICAIS COM RESPOSTAS EM LÍNGUA INDÍGENA

Quadro 97 - Itens lexicais com respostas em língua indígena

CAMPO SEMÂNTICO	ITEM LEXICAL	TUKANO		BANIWA		NHEENGATU		
		Variante	Ocorr.	Variante	Ocorr.	Variante	Ocorr.	
ACIDENTES GEOGRÁFICOS	PINGUELA			Giral	2			
	REDEMOINHO DE ÁGUA			Moretá	1			
	ONDA DE RIO			Gapenum Gapenon	1 1			
FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS	CHUVA DE PEDRA	Arcoró	1					
	GAROÁ	Chuvisco	4	Arú	1	Chuvisco	4	
		Arú	1	Amana muri	1	Arú	2	
	VIA LÁCTEA			Boiaçu	2	Arapari	3	
				Nheve	1	Buiacanga Siu-siu	1 1	
ATIVIDADES AGROPASTORIS	BANANA DUPLA/FELIPE/GÊMEAS			Curápa	2	Taku atayuia	1	
				Paku iariwa	1	Curápa Muruti	1 1	
				Linakapá	1	Taku wuacambi	1	
	PARTE TERMINAL DA INFLORESCÊNCIA DA BANANEIRA	Pacú putira	1					
		Mangará Roromionó	1 1					
	MANDIOCA	Arpenum	1	Pakú pasá	1	Muruã	1	
	Mandioca	8	Mandioca	8	Mandioca	8		
FAUNA	COTÓ					Tikuto	1	
	GAMBÁ	Mucura	6	Mucura	8	Mucura	8	
		Tamanduá	2	Tamanduá Kuandú	5 1	Tamanduaá Kuandú	2 1	
	LIBÉLULA			Inhêpuri	1			
	PERNILONGO	Carapanã	7					
Muté		1	Carapanã	8	Carapanã	7		
CICLOS DA VIDA	MENINA	Cunhântain	3	Cunhântain	1	Cunhantaim	2	
				Inarudá	1			
CONVÍVIO E COMPORTAMENTO SOCIAL	XARÁ	Xará	8	Xará	7	Xará	7	
		Serapixará	1	Tocaio	1	Xarapi		
	BÊBADO (DESIGNAÇÕES)	Kawera	3				Kauera	1
		Kiace burcu	1					
	CIGARRO DE PALHA	Tawari	2	Tawari	4	Porronca	4	
		Porronca	2	Porronca	4	Baruri	2	
		Baruri	1	Baruri	1	Tawari	1	
Barurê		1						
RELIGIÃO E CRENÇAS	DIABO	Mirupari	1			Irupari	1	
		Martin	1					
	AMULETO	Puçanga	3			Puçanga	2	
		Camutasé	1					
	BENZEDEIRA CURANDEIRO			Pajé	1	Pajé	2	
	Pajé	3	Pajé	3	Pajé	4		

ANEXOS

ANEXO A – FICHA DO INFORMANTE

FICHA DO INFORMANTE

Nº DO PONTO:

Nº DO INFORMANTE:

DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE

1. NOME:		2. ALCUNHA:	
3. DATA DE NASCIMENTO:		4. SEXO: A. M <input type="checkbox"/> B. F <input type="checkbox"/>	5. IDADE:
6. ENDEREÇO:			
7. ESTADO CIVIL: A. SOLTEIRO <input type="checkbox"/> B. CASADO <input type="checkbox"/> C. VIÚVO <input type="checkbox"/> D. OUTRO <input type="checkbox"/>			
8. NATURALIDADE:		9. COM QUE IDADE CHEGOU A ESTA CIDADE? (CASO NÃO SEJA NATURAL DA LOCALIDADE)	
10. DOMÍLIOS E TEMPO DE PERMANÊNCIA FORA DA LOCALIDADE:			
11. ESCOLARIDADE:		12. OUTROS CURSOS A. ESPECIALIZAÇÃO <input type="checkbox"/> B. PROFISSIONALIZANTE <input type="checkbox"/> C. OUTROS <input type="checkbox"/>	
13. NATURALIDADE: A. DA MÃE: B. DO PAI: C. DO CÔNJUGE:		14. FOI CRIADO PELOS PRÓPRIOS PAIS: A. SIM <input type="checkbox"/> B. NÃO <input type="checkbox"/>	
15. EM CASO NEGATIVO, POR QUEM FOI CRIADO? NATURALIDADE: A. DA MÃE ADOTIVA: B. DO PAI ADOTIVO:			
16. ONDE EXERCE SUA PROFISSÃO (CARACTERÍSTICAS SÓCIO-ECONÔMICAS SUMÁRIA DO BAIRRO, CIDADE):			
17. OUTRAS PROFISSÕES/OCUPAÇÕES:		18. PROFISSÃO: A. DO PAI: B. DA MÃE: C. DO CÔNJUGE:	

RENDA

19. TIPO DE RENDA: A. INDIVIDUAL <input type="checkbox"/> B. FAMILIAR <input type="checkbox"/>
--

CONTATO COM OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

20. ASSISTE TV? A. <input type="checkbox"/> TODOS OS DIAS B. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES C. <input type="checkbox"/> NUNCA	21. PROGRAMAS PREFERIDOS: A. <input type="checkbox"/> NOVELAS B. <input type="checkbox"/> ESPORTES C. <input type="checkbox"/> PR. DE AUDITÓRIO D. <input type="checkbox"/> NOTICIÁRIOS E. <input type="checkbox"/> PR. RELIGIOSO F. <input type="checkbox"/> FILMES G. <input type="checkbox"/> OUTRO
22. TIPO DE TRANSMISSÃO: A. <input type="checkbox"/> REDE GRATUITA B. <input type="checkbox"/> PARABÓLICA C. <input type="checkbox"/> TV POR ASSINATURA	23. OUVI RÁDIO? A. <input type="checkbox"/> TODOS OS DIAS B. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES C. <input type="checkbox"/> NUNCA D. <input type="checkbox"/> PARTE DO DIA E. <input type="checkbox"/> O DIA INTEIRO F. <input type="checkbox"/> ENQUANTO VIAJA G. <input type="checkbox"/> ENQUANTO TRABALHA
24. PROGRAMAS PREFERIDOS: A. <input type="checkbox"/> NOTÍCIA DE JORNAL B. <input type="checkbox"/> ESPORTES C. <input type="checkbox"/> PR. RELIGIOSO D. <input type="checkbox"/> NOTICIÁRIO POLICIAL E. <input type="checkbox"/> MÚSICA F. <input type="checkbox"/> PR. C/ PARTICIPAÇÃO DO OUVINTE G. <input type="checkbox"/> OUTRO	25. LÊ JORNAL? A. <input type="checkbox"/> TODOS OS DIAS B. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES C. <input type="checkbox"/> NUNCA D. <input type="checkbox"/> SEMANALMENTE E. <input type="checkbox"/> RARAMENTE
26. NOME DO JORNAL: A. <input type="checkbox"/> LOCAL B. <input type="checkbox"/> ESTADUAL C. <input type="checkbox"/> NACIONAL	27. SEÇÕES DO JORNAL QUE GOSTA DE LER: A. <input type="checkbox"/> EDITORIAL B. <input type="checkbox"/> ESPORTES C. <input type="checkbox"/> VARIEDADES D. <input type="checkbox"/> PR. CULTURAL E. <input type="checkbox"/> POLÍTICA F. <input type="checkbox"/> PÁGINA POLICIAL G. <input type="checkbox"/> CLASSIFICADOS H. <input type="checkbox"/> OUTRA

28. LÊ REVISTA: A. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES B. <input type="checkbox"/> SEMANALMENTE C. <input type="checkbox"/> RARAMENTE D. <input type="checkbox"/> NUNCA
29. NOME/TIPO DE REVISTA:

PARTICIPAÇÃO EM DIVERSÕES		
30. CINEMA A. <input type="checkbox"/> FREQUENTEMENTE B. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES C. <input type="checkbox"/> RARAMENTE D. <input type="checkbox"/> NUNCA	31. TEATRO A. <input type="checkbox"/> FREQUENTEMENTE B. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES C. <input type="checkbox"/> RARAMENTE D. <input type="checkbox"/> NUNCA	32. SHOWS A. <input type="checkbox"/> FREQUENTEMENTE B. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES C. <input type="checkbox"/> RARAMENTE D. <input type="checkbox"/> NUNCA
33. MAN. FOLCLÓRICAS A. <input type="checkbox"/> FREQUENTEMENTE B. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES C. <input type="checkbox"/> RARAMENTE D. <input type="checkbox"/> NUNCA	34. FUTRBOL A. <input type="checkbox"/> FREQUENTEMENTE B. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES C. <input type="checkbox"/> RARAMENTE D. <input type="checkbox"/> NUNCA	35. OUTROS ESPORTES A. <input type="checkbox"/> FREQUENTEMENTE B. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES C. <input type="checkbox"/> RARAMENTE D. <input type="checkbox"/> NUNCA
36. OUTROS: A. <input type="checkbox"/> FREQUENTEMENTE B. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES C. <input type="checkbox"/> RARAMENTE D. <input type="checkbox"/> NUNCA		
37. QUE RELIGIÃO OU CULTO PRÁTICA?		

PARA PREENCHIMENTO APÓS A ENTREVISTA		
38. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DO INFORMANTE: A. <input type="checkbox"/> TÍMIDO B. <input type="checkbox"/> VIVO C. <input type="checkbox"/> PERPISCAZ D. <input type="checkbox"/> SARCÁSTICO		
39. ESPONTANEIDADE DA ELOCUÇÃO: A. <input type="checkbox"/> TOTAL B. <input type="checkbox"/> GRANDE C. <input type="checkbox"/> MÉDIA D. <input type="checkbox"/> FRACA		
40. POSTURA DO INFORMANTE DURANTE O INQUÉRITO: A. <input type="checkbox"/> COOPERATIVA B. <input type="checkbox"/> NÃO COOPERATIVA C. <input type="checkbox"/> AGRESSIVA D. <input type="checkbox"/> INDIFERENTE		
41. CATEGORIA SOCIAL DO INFORMANTE: A. <input type="checkbox"/> "A" B. <input type="checkbox"/> "B" C. <input type="checkbox"/> "C" D. <input type="checkbox"/> "D"		
42. GRAU DE CONHECIMENTO ENTRE INFORMANTE E INQUIRIDOR: A. <input type="checkbox"/> GRANDE B. <input type="checkbox"/> MÉDIO C. <input type="checkbox"/> PEQUENO D. <input type="checkbox"/> NENHUM		
43. INTERFERÊNCIA OCASIONAL DE CIRCUNSTANTES: A. <input type="checkbox"/> SIM B. <input type="checkbox"/> NÃO		
44. CARACTERIZAÇÃO SUMÁRIA DO(S) INFORMANTE(S):		
45. AMBIENTE DO INQUÉRITO:		
46. OBSERVAÇÕES:		
47. NOME DO ENTREVISTADOR:	48. LOCAL DA ENTREVISTA: CIDADE: UF:	49. DATA DA ENTREVISTA:
		50. DURAÇÃO:

ANEXO B – QUESTIONÁRIO SOCIOLINGUÍSTICO**QUESTIONÁRIO SOCIOLINGUÍSTICO**

1. Quais línguas o senhor(a) fala?
2. Quais línguas o senhor(a) escreve?
3. O senhor(a) entende outra língua que não fala? Quais?
4. O senhor(a) entende outra língua que não escreve? Quais?
5. Qual língua o senhor(a) aprendeu primeiro?
6. Em quais situações o senhor(a) utiliza a língua portuguesa?
7. Em quais situações o senhor(a) utiliza a língua_____. (*Dizer o nome da língua indígena*)?
8. Em quais situações o senhor(a) utiliza outra língua diferente do português e do _____. (*Dizer o nome da língua indígena*)?
9. Quais línguas são faladas em sua família?

ANEXO C – QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL

ACIDENTES GEOGRÁFICOS

1. CÓRREGO/ RIACHO
... um rio pequeno, de uns dois metros de largura?
2. PINGUELA
... tronco, pedaço de pau ou tábua que serve para passar por cima de um _____ (cf. item 1)?
3. FOZ
... o lugar onde o rio termina ou encontra com outro rio?
4. REDEMOINHO (DE ÁGUA)
Muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco, na água, que puxa para baixo. Como se chama isto?
5. ONDA DEMAR
... o movimento da água do mar? *imitar o balanço das águas.*
6. ONDA DE RIO
... o movimento da água do rio? *idem item 5.*

FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS

7. REDEMOINHO (DO VENTO)
... o vento que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves?
8. RELÂMPAGO
... um clarão que surge no céu em dias de chuva?
9. RAIOS
... uma luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore, matar pessoas e animais, em dias de mau tempo?
10. TROVÃO
... o barulho forte que se escuta logo depois de um_(cf. item 9)?
11. TEMPORAL/ TEMPESTADE/ VENDAVAL
... uma chuva com vento forte que vem de repente?
12. NOMES ESPECÍFICOS PARA TEMPORAL
Existem outros nomes específicos para_(cf. item 11)?

13. TROMBAD'AGUA

... uma chuva de pouca duração, muito forte e pesada?

14. CHUVA FORTE

... uma chuva forte e contínua?

15. CHUVA DEPEDRA

Durante uma chuva, podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?

16. ESTIAR/COMPOR O TEMPO

Como dizem aqui quando termina a chuva e o sol começa a aparecer?

17. ARCO-ÍRIS

Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (*mímica*). Que nome dão a essa faixa?

18. GAROA

... uma chuva bem fininha?

19. TERRA UMEDECIDA PELA CHUVA

Depois de uma chuva bem fininha, quando a terra não fica nem seca e nem molhada, como é que se diz que a terra fica?

20. ORVALHO /SERENO

De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama?

21. NEVOEIRO /CERRAÇÃO/NEBLINA

Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como chamam isso?

22. AMANHACER

... a parte do dia quando começa a clarear?

ASTROS E TEMPO

23. NASCER (DOSOL)

O que é que acontece no céu de manhã cedo quando começa a clarear?

24. ALVORADA

... a claridade avermelhada do céu antes de _____ (*cf. item 23*)?

25. PÔR (DOSOL)

E o que acontece no céu no final da tarde

26. CREPÚSCULO
... a claridade avermelhada que fica no céu depois do (*cf. item 25*)?
27. ENTARDECER
E quando o sol se põe?
28. ANOITECER
... o começo da noite?
29. ESTRELA MATUTINA / VÊNUS / ESTRELA DA MANHÃ / ESTRELA-D'ALVA
De manhã cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer. Como chamam esta estrela?
30. ESTRELA VESPERTINA / VÊNUS / ESTRELA DA TARDE
De tardezinha, uma estrela aparece antes das outras, perto do horizonte, e brilha mais. Como chamam esta estrela?
31. ESTRELA CADENTE / ESTRELA FILANTE / METEORO / ZELAÇÃO
De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu, assim, (*mímica*) e faz um risco de luz. Como chamam isso?
32. MUDAR / CORRER UMA ESTRELA
E quando se vê uma (*cf. item 31*), como é que se diz?
IDENTIFICAR OS VERBOS PARA EXPRESSAR O MOVIMENTO DA ESTRELA CADENTE.
33. VIA LÁCTEA / CAMINHO DE SANTIAGO
Numa noite bem estrelada, aparece uma banda ou faixa que fica no céu de fora a fora, onde tem muitas estrelas muito perto uma das outras. Como chamam essa banda ou faixa?
34. MESES DO ANO
Quais são os meses do ano?
35. MESES COM NOMES ESPECIAIS
Alguns desses meses têm outro nome, por exemplo, junho, julho, etc.?
36. ONTEM
Hoje é segunda-feira. E domingo, que dia foi?
37. ANTEONTEM
... o dia que foi antes desse dia? [E um dia para trás?]
38. ... o dia que foi antes de _____ (*cf. item 37*)?

ATIVIDADES AGROPASTORIS

39. TANGERINA / MEXERICA

... as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão, e, normalmente, deixam um cheiro na mão? Como elas são?

PEDIR PARA DESCREVER, PARA APURAR AS DIFERENÇAS ENTRE AS DESIGNAÇÕES CITADAS PELO INFORMANTE.

40. AMENDOIN

... o grão coberto por uma casquinha dura, que se come assado, cozido, torrado ou moído?

41. CAMOMILA

... umas florezinhas brancas com miolo amarelinho, ou florezinhas secas que se compram na farmácia ou no supermercado e servem para fazer chá amarelinho, cheiroso, bom para dor de barriga de nenê/bebê e até de adulto e também para acalmar? *Mostrar.*

42. PENCA

... cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para madurar/amadurecer?

43. BANANA DUPLA / FELIPE / GÊMEAS

... duas bananas que nascem grudadas?

44. PARTE TERMINAL DO INFLORECÊNCIA DA BANANEIRA / UMBIGO / CORAÇÃO

... a ponta roxa no cacho da banana?

45. ESPIGA

Quando se vai colher o milho, o que é que se tira do pé? [Quando se vai à feira comprar milho, compra-se o quê?]

46. SABUGO

Quando se tira da (*cf. item 45*) todos os grãos de milho, o que sobra?

47. SOCA / TOUCEIRA

Depois que se corta o pé de arroz ou de fumo, ainda fica uma pequena parte no chão. Como se chama essa parte?

48. GIRASSOL

... flor grande, amarela, redonda, com uma rodela de sementes no meio?

49. VAGEM DO FEIJÃO / BAINHA

Onde é que ficam os grãos de feijão, no pé, antes de serem colhidos?

50. MANDIOCA / AIPIM
... aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer?
51. MANDIOCA
... uma raiz parecida com a (cf. item 50) que não serve para comer e se rala para fazer farinha (polvilho, goma)?
52. CARRINHO DE MÃO / CARRIOLA
... um veículo de uma roda, empurrado por uma pessoa, para pequenas cargas em trechos curtos?
53. HASTES DO CARRINHO DE MÃO
... as duas partes em que a pessoa segura para empurrar o (a) _____ (cf. item 52)?
54. CANGALHA / FORQUILHA
... a armação de madeira, que se coloca no pescoço de animais (porco, carneiro / bezerro, vaca), para não atravessarem a cerca?
55. CANGALHA
... a armação de madeira que se coloca no lombo do cavalo ou do burro para levar cestos ou cargas? *Mostrar gravura.*
56. CANGA
... a peça de madeira que vai no pescoço do boi, para puxar o carro ou o arado?
Mostrar gravura.
57. JACÁ / BALAIO
... aqueles objetos de vime, de taquara, de cipós, trançado(s), para levar batatas (mandioca, macaxeira, aipim, etc.), no lombo do cavalo ou do burro?
58. BOLSA / BRUACA
E quando se usam objetos de couro, com tampa, para levar farinha, no lombo do cavalo ou do burro? *Mostrar gravura.*
59. BORREGO (DO NASCERATÉ...)
... a cria da ovelha logo que nasce? E até que idade se dá esse nome?
60. PERDA DA CRIA
Como se diz quando a fêmea de um animal perde a cria?
61. TRABALHADOR DE ENXADA EM ROÇA ALHEIA
... o homem que é contratado para trabalhar na roça de outro, que recebe por dia de trabalho?
62. PICADA / ATALHO ESTREITO

O que é que se abre com o facão, a foice para passar por um mato fechado?

63. TRILHO / CAMINHO / VEREDA / TRILHA

... o caminho, no pasto, onde não cresce mais grama, de tanto o animal ou o homem passarem por ali?

FAUNA

64. URUBU

... a ave preta que come animal morto, podre?

65. COLIBRI / BEIJA-FLOR

... o passarinho bem pequeno, que bate muito rápido as asas, tem o bico comprido e fica parado no ar?

66. JOÃO-DE-BARRO

... a ave que faz a casa com terra, nos postes, nas árvores e até nos cantos da casa?

67. GALINHA-D'ANGOLA / GUINÉ / COCAR

... a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?

68. PAPAGAIO

... a ave de penas coloridas que, quando presa, pode aprender a falar?

69. SURA

... uma galinha sem rabo?

70. COTÓ

... um cachorro sem rabo?

71. GAMBÁ

... o bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado?

72. PATAS DIANTEIRAS DO CAVALO

... as patas dianteiras do cavalo?

73. CRINA DO PESCOÇO

... o cabelo em cima do pescoço do cavalo?

74. CRINA DA CAUDA

... o cabelo comprido na traseira do cavalo?

75. LOMBO

... a parte do cavalo onde vai a sela?

76. ANCA / GARUPA / CADEIRA
... a parte larga atrás do _____ (cf. item 75)?
77. CHIFRE
O que o boi tem na cabeça?
78. BOI SEM CHIFRE
... o boi sem _____ (cf. item 77)?
79. CABRA SEM CHIFRE
... a cabra que não tem _____ (cf. item 77)?
80. ÚBERE
Em que parte da vaca fica o leite?
81. RABO
... a parte com que o boi espanta as moscas?
82. MANCO
... o animal que tem uma perna mais curta e que puxa de uma perna?
83. MOSCA VAREJEIRA
... um tipo de mosca grande, esverdeada, que faz um barulhão quando voa?
84. SANGUESSUGA
... um bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num córrego ou banhado?
85. LIBÉLULA
... o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?
86. BICHO DE FRUTA
... aquele bichinho branco, enrugadinho, que dá em goiaba, em coco?
87. CORÓ
... aquele bicho que dá em esterco, em pau podre?
88. PERNILONGO
... aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite? *imitar o zumbido.*

CORPO HUMANO

89. PÁLPEBRAS / CAPELA DOS OLHOS
... esta parte que cobre o olho? *Apontar.*

90. CISCO
... alguma coisinha que cai no olho e fica incomodando?
91. CEGO DE UMOLHO
... a pessoa que só enxerga de um olho?
92. VESGO
... a pessoa que tem olhos voltados para direções diferentes? *Completar com um gesto de dedos.*
93. MÍOPE
... a pessoa que não enxerga longe, e tem que usar óculos?
94. TERÇOL / VIÚVA
... a bolinha que nasce na _____ (cf. item 89), fica vermelha e incha?
95. CONJUNTIVITE / DOR D'ÓLHOS
... a inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho e amanheça grudado?
96. CATARATA
... aquela pele branca no olho que dá em pessoas mais idosas?
97. DENTES CANINOS / PRESAS
... esses dois dentes pontudos? *Apontar.*
98. DENTES DO SISO / DO JUÍZO
... os últimos dentes, que nascem depois de todos os outros, em geral quando a pessoa já é adulta?
99. DENTES MOLARES / DENTE QUEIRO
... esses dentes grandes no fundo da boca, vizinhos dos

(cf. item 98)? Apontar.
100. DESDENTADO / BANGUELA
... a pessoa que não tem dentes?
101. FANHOSO / FANHO
... a pessoa que parece falar pelo nariz?
102. MELECA / TATU
... a sujeirinha dura que se tira do nariz com o dedo?
103. SOLUÇO

- ... este barulhinho que se faz? *Soluçar*.
104. NUCA
... isto? *Apontar*.
105. POMO-DE-ADÃO / GOGÓ
... esta parte alta do pescoço do homem? *Apontar*.
106. CLAVÍCULA
... o osso que vai do pescoço até o ombro? *Apontar*.
107. CORCUNDA
... a pessoa que tem um calombo grande nas costas e fica assim (*mímica*)?
108. AXILA
... esta parte aqui? *Apontar*.
109. CHEIRO NAS AXILAS
... o mau cheiro embaixo dos braços?
110. CANHOTO
... a pessoa que come com a mão esquerda, faz tudo com essa mão? *Completar com o gesto*.
111. SEIOS / PEITO
... a parte do corpo da mulher com que ela amamenta os filhos?
112. VOMITAR
Se uma pessoa come muito e sente que vai pôr/botar para fora o que comeu, se diz que vai o que?
113. ÚTERO
... a parte do corpo da mãe onde fica o nenê/bebê antes de nascer?
114. PERENETA
... a pessoa que não tem uma perna?
115. MANCO
... a pessoa que puxa de uma perna?
116. PESSOA DE PERNAS ARQUEADAS
... a pessoa de pernas curvas? *Mímica*.
117. RÓTULA / PATACA
... o osso redondo que fica na frente do joelho?

118. TORNOZELO

... isto? *Apontar.*

119. CALCANHAR

... isto? *Apontar.*

120. CÓCEGAS

Que sente uma criança quando se passa o dedo na sola do pé? *Mímica.*

CICLOS DA VIDA

121. MENSTRUACÃO

As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?

122. ENTRAR NAMENOPAUSA

Numa certa idade acaba a / o _____ (*cf. item 121*). Quando isso acontece, se diz que a mulher _____.

123. PARTEIRA

... a mulher que ajuda a criança a nascer?

124. DAR ÀLUZ

Chama-se a _____ (*cf. item 123*) quando a mulher está pronta para _
_____.

125. GÊMEOS

... duas crianças que nasceram no mesmo parto?

126. ABORTO

Quando a mulher grávida perde o filho, se diz que ela teve _____.

127. ABORTAR

Quando a mulher fica grávida e, por algum motivo, não chega a ter a criança, se diz que ela _____?

128. AMA-DE-LEITE

Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher?

129. IRMÃO DE LEITE

O próprio filho da _____ (*cf. item 128*) e a criança que ela amamenta são o quê um do outro?

130. FILHO ADOTIVO

... a criança que não é filho verdadeiro do casal, mas que é criada por ele como se fosse?

131. FILHO MAIS MOÇO / CAÇULA

... o filho que nasceu por último?

132. MENINO / GURI / PIÁ

Criança pequenininha, a gente diz que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexomascuino?

133. MENINA

E se for do sexo feminino, como se chama?

134. MADRASTA

Quando um homem fica viúvo e casa de novo, o que a segunda mulher é dos filhos que ele já tinha?

135. FINADO / FALECIDO

Numa conversa, para falar de uma pessoa que já morreu, geralmente as pessoas não tratam pelo nome que tinha em vida. Como é que se referem a ela?

CONVÍVIO E COMPORTAMENTO SOCIAL**136. PESSOA TAGARELA**

... a pessoa que fala demais?

137. PESSOA POUCO INTELIGENTE

... a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas?

138. PESSOA SOVINA

... a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?

139. MAU PAGADOR

... a pessoa que deixa suas contas penduradas?

140. ASSASSINO PAGO

... a pessoa que é paga para matar alguém?

141. MARIDO ENGANADO

... o marido que a mulher passa para trás com outro homem?

142. PROSTITUTA

... a mulher que se vende para qualquer homem?

143. XARÁ

... a pessoa que tem o mesmo nome da gente?

144. BÊBADO (DESIGNAÇÕES)

Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais?

145. CIGARRO DE PALHA

Que nome dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão?

146. TOCO DE CIGARRO

... o resto de cigarro que se joga fora?

RELIGIÃO E CRENÇAS

147. DIABO

Deus está no céu e no inferno está _____?

148. FANTASMA

O que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou em casas, que se diz que é do outro mundo?

149. FEITIÇO

O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?

150. AMULETO

... o objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males?

151. BENZEDEIRA

... uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta?

152. CURANDEIRO

... a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas?

153. MEDALHA

... a chapinha de metal com um desenho de santo que as pessoas usam, geralmente no pescoço, presa numa corrente?

154. PRESÉPIO

No natal, monta-se um grupo de figuras representando o nascimento do menino Jesus. Como chamamisso?

JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS

155. CAMBALHOTA

... a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado?
Mímica.

156. BOLINHA DE GUDE

... as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?

157. ESTILINGUE / SETRA / BODOGUE

... o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (*mímica*), que os meninos usam para matar passarinhos?

158. PAPAGAIO DE PAPEL / PIPA

... aquele brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?

159. PIPA / ARRAIA

É um brinquedo parecido com o (a) _____ (*cf. item 158*), também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha?

160. ESCONDE-ESCONDE

... a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras?

161. CABRA-CEGA

... a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?

162. PEGA-PEGA

... uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado?

163. FERROLHO / SALVA / PICULA / PIQUE

... esse pontocombinado?

164. CHICOTE-QUEIMADO / LENÇO ATRÁS

... uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com uma pedrinha, uma varinha, um lenço que deixa cair atrás de uma delas e esta pega a pedrinha, a varinha, o lenço e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair?

165. GANGORRA

... uma tábua no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce? *Mímica*.

166. BALANÇO

... uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás? *Mímica*.

167. AMARELINHA

... a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (*mímica*) e vão pulando com uma perna só?

SOLICITAR DESCRIÇÃO DETALHADA.

HABITAÇÃO

168. TRAMELA

... aquela pecinha de madeira, que gira ao redor de um prego, para fechar porta, janela...?

169. VENEZIANA

Quando uma janela tem duas partes, como se chama a parte de fora que é formada de tirinhas horizontais que permitem a ventilação e a claridade? *Mostrar gravura.*

170. VASO SANITÁRIO / PATENTE

Quando se vai ao banheiro, onde é que a pessoa se senta para fazer as necessidades?

171. FULIGEM

... aquilo, preto, que se forma na chaminé, na parede ou no teto da cozinha, acima do fogão a lenha?

172. BORRALHO

... a cinza quente que fica dentro do fogão a lenha?

173. ISQUEIRO / BINGA

Para acender um cigarro, se usa fósforo ou _____?

174. LANTERNA

... aquele objeto que se usa para clarear no escuro e se leva na mão assim (*mímica*)?

175. INTERRUPTOR DE LUZ

Como se chama o objeto que fica nas paredes e serve para acender a lâmpada?

ALIMENTAÇÃO E COZINHA

176. CAFÉ DA MANHÃ

... a primeira refeição do dia, feita pela manhã?

177. GELÉIA

... a pasta feita de frutas para passar no pão, biscoito?

178. CARNE MOÍDA

... a carne depois de triturada na máquina?

179. CURAU / CANJICA

... uma papa cremosa feita com coco e milho verde ralado, polvilhada com canela?

180. CURAU

E essa mesma papa, com milho verde ralado, sem coco, como é que chama?
PEDIR PARA DESCREVER COMO SE FAZ.

181. MUNGUNZÁ
... aquele alimento feito com grãos de milho branco, coco e canela?
182. AGURADENTE
... a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar?
183. EMPANTURRADO
Quando uma pessoa acha que comeu demais, ela diz: comi tanto que estou _____?
184. GLUTÃO
... uma pessoa que normalmente come demais?
185. BALA / CONFEITO / BOMBOM
... aquilo embrulhado em papel colorido que se chupa? *Mostrar.*
186. PÃO FRANCÊS
... isto? *Mostrar.*
187. PÃO BENGALA
... isto? *Mostrar.*

VESTUÁRIO E ACESSÓRIOS

188. SUTIÃ
... a peça do vestuário que serve para segurar os seios?
189. CUECA
... roupa que o homem usa debaixo da calça?
190. CALCINHA
... a roupa que a mulher usa debaixo da saia?
191. ROUGE
... aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas?
192. GRAMPO (COM PRESSÃO) / ROMANA / MISSE
... um objeto fino de metal, para prender o cabelo? *Mostrar.*
193. DIADEMA / ARCO / TIARA
... o objeto de metal ou de plástico que pega de um lado e de outro da cabeça e serve para prender os cabelos? *Mímica.*

VIDA URBANA

194. SINALEIRO / SEMÁFARO / SINAL

Na cidade, o que costuma ter em cruzamentos movimentados, com luz vermelha, verde e amarela?

195. LOMBADA / QUEBRA-MOLAS

... aquele morrinho atravessado no asfalto para os carros diminuïrem a velocidade?

196. CALÇADA / PASSEIO

Na cidade, os automóveis andam no meio da rua e as pessoas nos dois lados, num caminho revestido de lajes ou ladrilhos. Como se chama este caminho?

197. MEIO-FIO

... o que separa o _____ (cf. item 196) da rua?

198. ROTATÓRIA / RÓTULA

... aquele trecho da rua ou da estrada que é circular, que os carros têm que contornar para evitar o cruzamento direto?

199. LOTE / TERRENO / DATA

... a área que é preciso ter ou comprar para se fazer uma casa na cidade?

200. ÔNIBUS URBANO

... a condução que leva mais ou menos quarenta passageiros e faz o percurso dentro da cidade?

201. ÔNIBUS INTERURBANO

... a condução que leva mais ou menos quarenta passageiros de uma cidade para outra?

202. BODEGA / BAR / BOTEÇO

... um lugar pequeno, com um balcão, onde os homens costumam ir beber _____ (cf. item 182) e onde também se pode comprar alguma outra coisa?

ANEXO D - LEI DE CO-OFICIALIZAÇÃO EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA

Lei nº. 145 de 11 de dezembro de 2002.

Dispõe sobre a co-oficialização das Línguas Nheengatu, Tukano e Baniwa, à Língua Portuguesa, no município de São Gabriel da Cachoeira/Estado do Amazonas

O Presidente da Câmara Municipal de São Gabriel da Cachoeira/AM

FAÇO saber a todos que a Câmara Municipal de São Gabriel da Cachoeira/Estado do Amazonas decretou a seguinte:

LEI:

Art. 1º. A língua portuguesa e o idioma oficial da República Federal do Brasil

Parágrafo Único - Fica estabelecido que o município de São Gabriel da Cachoeira/Estado do Amazonas, passa a ter como línguas co-oficiais, as Nheengatu, Tukano e Baniwa.

Art. 2º. O *status* de língua co-oficial concedido por esse objeto, obriga o município:

§1º. A prestar os serviços públicos básicos de atendimento ao público nas repartições públicas na língua oficial e nas três línguas co-oficiais, oralmente e por escrito:

§2º. A produzir a documentação pública, bem como as campanhas publicitárias institucionais na língua oficial e nas três línguas co-oficiais.

§3º. A incentivar a apoiar o aprendizado e o uso das línguas co-oficiais nas escolas e nos meios de comunicações.

Art. 3º. São válidas e eficazes todas as atuações administrativas feitas na língua oficial ou em qualquer das co-oficiais.

Art. 4º. Em nenhum caso alguém pode ser discriminado por razão da língua oficial ou co-oficial que use.

Art. 5º. As pessoas jurídicas devem ter também um corpo de tradutores no município, o estabelecido no *caput* do artigo anterior, sob pena da lei.

Art. 6º. O uso das demais línguas indígenas faladas no município será assegurado nas escolas indígenas, conforme a legislação federal e estadual

Art. 7º. Revogadas as disposições em contrário.

Art. 8º. Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Sala de Sessões da Câmara Municipal de São Gabriel da Cachoeira/Estado do Amazonas, em 11 de dezembro de 2002.

DIEGO MOTA SALES DE SOUZA

Presidente da Câmara Municipal

A person is standing in shallow, rippling water on a sandy beach. They are wearing blue jeans and brown boots. The water is clear, and the sand is visible at the bottom. The text "TOMO II" is overlaid in the center of the image in a stylized, reddish-orange font.

TOMO II



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGL

MARIA IVANETE DE SANTANA FELIX

**ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS FALADO PELOS BARÉ, TUKANO E BANIWA EM SÃO
GABRIEL DA CACHOEIRA (AM)
TOMO II**

BELÉM/PARÁ

2019

MARIA IVANETE DE SANTANA FELIX

**ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS FALADO PELOS BARÉ, TUKANO E BANIWA EM SÃO
GABRIEL DA CACHOEIRA (AM)
TOMO II**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará como requisito para a obtenção do título de Doutor em Linguística.

Linha de Pesquisa: Análise, descrição e documentação das línguas naturais.

Orientador: Prof. Dr. Abdelhak Razky

Co-orientadora: Profa. Dra. Eliete de Jesus Bararuá Solano.

BELÉM/PARÁ

2019

NOTAS PRÉVIAS

O volume elevado de dados para se organizar um trabalho pluridimensional resulta em uma quantidade imensa de cartas linguísticas. Sendo assim, a fim de se considerar também os resultados advindos das cartas sociolinguísticas inviáveis de serem apresentados e discutidos no capítulo de análise, compomos o TOMO II.

Compõem essa segunda parte, 160 cartas sendo 40 diatópicas; 40 diageracionais; 40 diassexuais e 40 diastráticas todas com dados apresentados em formato de pizza, realçando que as diatópicas foram todas analisadas.

As cartas linguísticas estão dispostas na mesma ordem em que foram apresentadas no capítulo das análises; e a ordem em relação às dimensões seguem a seguinte sequência: a primeira, Diatópica, relacionada à distribuição geográfica dos pontos de inquérito; a segunda, Diageracional, pertinente à faixa etária dos colaboradores; a terceira, Diassexual, referente ao sexo dos colaboradores; e a quarta, Diastrática, referente ao nível de escolaridade dos colaboradores.

As variantes são relacionadas automaticamente pelo SGVCLin da variante mais frequente para a menos frequente. Nas cartas de natureza social, com relação ao sexo, o F refere-se às mulheres; e o M aos homens; quanto à idade, o A refere-se aos mais jovens e o B aos mais velhos; e em relação à escolaridade, o 1 refere-se aos colaboradores menos escolarizados, e o 2 aos mais escolarizados. Seguem-se mais algumas informações necessárias sobre a disposição das cartas lexicais:

- Na parte superior, à direita, apresenta-se o número da carta lexical;
- No lado direito, em primeiro lugar, é colocada a designação para determinado item lexical;
- No lado direito, abaixo da designação, é disposto o quadro de variantes que foram elencadas das mais frequente para as menos frequente, dentro desse mesmo quadro é disposta a frequência de cada variante. Também foram colocados os itens “outras” para explicitar as variantes que excederam a capacidade do registro;
- No lado direito, na parte inferior, está disposto o número da questão que se refere ao item lexical analisado e à transcrição da pergunta.

Julgamos importante a apresentação dos dados de forma integral para aqueles que necessitarem de informações completas e atuais sobre o estudo do léxico em SGC.

CARTAS DIATÓPICAS, DIASSEXUAIS, DIAGERACIONAIS E DIASTRÁTICAS

1. PINGUELA

CARTA LEXICAL 001 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

CARTA LEXICAL 001a – DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL

CARTA LEXICAL 001b – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

CARTA LEXICAL 001c – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

2. REDEMOINHO (DE ÁGUA)

CARTA LEXICAL 002 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

CARTA LEXICAL 002a – DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL

CARTA LEXICAL 002b – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

CARTA LEXICAL 002c – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

3. ONDA DE RIO

CARTA LEXICAL 003 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

CARTA LEXICAL 003a – DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL

CARTA LEXICAL 003b – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

CARTA LEXICAL 003c – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

4. CHUVA DE PEDRA

CARTA LEXICAL 004 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

CARTA LEXICAL 004a – DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL

CARTA LEXICAL 004b – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

CARTA LEXICAL 004c – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

5. GAROA

CARTA LEXICAL 005 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

CARTA LEXICAL 005a – DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL

CARTA LEXICAL 005b – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

CARTA LEXICAL 005c – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

6. VIA LÁCTEA

CARTA LEXICAL 006 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

CARTA LEXICAL 006a – DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL

CARTA LEXICAL 006b – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

CARTA LEXICAL 006c – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

7. BANANA DUPLA

CARTA LEXICAL 007 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

CARTA LEXICAL 007a – DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL

CARTA LEXICAL 007b – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

CARTA LEXICAL 007c – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

8. PARTE TERMINAL DA INFLORESCÊNCIA DA BANANEIRA

CARTA LEXICAL 008 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

CARTA LEXICAL 008a – DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL

CARTA LEXICAL 008b – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

CARTA LEXICAL 008c – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

9. MANDIOCA

CARTA LEXICAL 009 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

CARTA LEXICAL 009a – DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL

CARTA LEXICAL 009b – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

CARTA LEXICAL 009c – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

10. JACÁ

CARTA LEXICAL 010 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

CARTA LEXICAL 010a – DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL

CARTA LEXICAL 010b – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

CARTA LEXICAL 010c – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

11. BOLSA

CARTA LEXICAL 011 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

CARTA LEXICAL 011a – DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL

CARTA LEXICAL 011b – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

CARTA LEXICAL 011c – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

12. PICADA

CARTA LEXICAL 012 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

CARTA LEXICAL 012a – DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL

CARTA LEXICAL 012b – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

CARTA LEXICAL 012c – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

13. COTÓ

CARTA LEXICAL 013 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA
CARTA LEXICAL 013a – DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL
CARTA LEXICAL 013b – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL
CARTA LEXICAL 013c – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

14. GAMBÁ

CARTA LEXICAL 014 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA
CARTA LEXICAL 014a – DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL
CARTA LEXICAL 014b – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL
CARTA LEXICAL 014c – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

15. LIBÉLULA

CARTA LEXICAL 015 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA
CARTA LEXICAL 015a – DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL
CARTA LEXICAL 015b – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL
CARTA LEXICAL 015c – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

16. PERNILONGO

CARTA LEXICAL 016 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA
CARTA LEXICAL 016a – DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL
CARTA LEXICAL 016b – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL
CARTA LEXICAL 016c – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

17. PERNETA

CARTA LEXICAL 017 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

CARTA LEXICAL 017a – DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL
CARTA LEXICAL 017b – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL
CARTA LEXICAL 017c – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

18. AMA DE LEITE

CARTA LEXICAL 018 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA
CARTA LEXICAL 018a – DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL
CARTA LEXICAL 018b – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL
CARTA LEXICAL 018c – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

19. MENINA

CARTA LEXICAL 019 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA
CARTA LEXICAL 019a – DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL
CARTA LEXICAL 019b – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL
CARTA LEXICAL 019c – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

20. PROSTITUTA

CARTA LEXICAL 020 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA
CARTA LEXICAL 020a – DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL
CARTA LEXICAL 020b – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL
CARTA LEXICAL 020c – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

21. XARÁ

CARTA LEXICAL 021 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA
CARTA LEXICAL 021a – DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL

CARTA LEXICAL 021b – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

CARTA LEXICAL 021c – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

22. BÊBADO

CARTA LEXICAL 022 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

CARTA LEXICAL 022a – DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL

CARTA LEXICAL 022b – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

CARTA LEXICAL 022c – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

23. CIGARRO DE PALHA

CARTA LEXICAL 023 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

CARTA LEXICAL 023a – DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL

CARTA LEXICAL 023b – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

CARTA LEXICAL 023c – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

24. DIABO

CARTA LEXICAL 024 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

CARTA LEXICAL 024a – DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL

CARTA LEXICAL 024b – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

CARTA LEXICAL 024c – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

25. FEITIÇO

CARTA LEXICAL 025 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

CARTA LEXICAL 025a – DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL

CARTA LEXICAL 025b – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

CARTA LEXICAL 025c – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

26. AMULETO

CARTA LEXICAL 026 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

CARTA LEXICAL 026a – DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL

CARTA LEXICAL 026b – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

CARTA LEXICAL 026c – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

27. BENZEDEIRA

CARTA LEXICAL 027 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

CARTA LEXICAL 027a – DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL

CARTA LEXICAL 027b – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

CARTA LEXICAL 027c – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

28. CURANDEIRO

CARTA LEXICAL 028 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

CARTA LEXICAL 028a – DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL

CARTA LEXICAL 028b – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

CARTA LEXICAL 028c – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

29. CAMBALHOTA

CARTA LEXICAL 029 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

CARTA LEXICAL 029a – DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL

CARTA LEXICAL 029b – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

CARTA LEXICAL 029c – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

30. BOLINHA DE GUDE

CARTA LEXICAL 030 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

CARTA LEXICAL 030a – DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL

CARTA LEXICAL 030b – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

CARTA LEXICAL 030c – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

31. ESTILINGUE

CARTA LEXICAL 031 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

CARTA LEXICAL 031a – DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL

CARTA LEXICAL 031b – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

CARTA LEXICAL 031c – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

32. TRAMELA

CARTA LEXICAL 032 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

CARTA LEXICAL 032a – DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL

CARTA LEXICAL 032b – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

CARTA LEXICAL 032c – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

33. VENEZIANA

CARTA LEXICAL 033 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

CARTA LEXICAL 033a – DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL

CARTA LEXICAL 033b – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

CARTA LEXICAL 033c – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

34. VASO SANITÁRIO

CARTA LEXICAL 034 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA
CARTA LEXICAL 034a – DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL
CARTA LEXICAL 034b – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL
CARTA LEXICAL 034c – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

35. ROUGE

CARTA LEXICAL 035 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA
CARTA LEXICAL 035a – DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL
CARTA LEXICAL 035b – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL
CARTA LEXICAL 035c – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

36. SINALEIRO

CARTA LEXICAL 036 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA
CARTA LEXICAL 036a – DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL
CARTA LEXICAL 036b – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL
CARTA LEXICAL 036c – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

37. LOMBADA

CARTA LEXICAL 037 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA
CARTA LEXICAL 037a – DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL
CARTA LEXICAL 037b – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL
CARTA LEXICAL 037c – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

38. ROTATÓRIA

CARTA LEXICAL 038 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

CARTA LEXICAL 038a – DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL

CARTA LEXICAL 038b – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

CARTA LEXICAL 038c – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

39. LOTE

CARTA LEXICAL 039 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

CARTA LEXICAL 039a – DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL

CARTA LEXICAL 039b – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

CARTA LEXICAL 039c – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

40. ÔNIBUS INTERURBANO

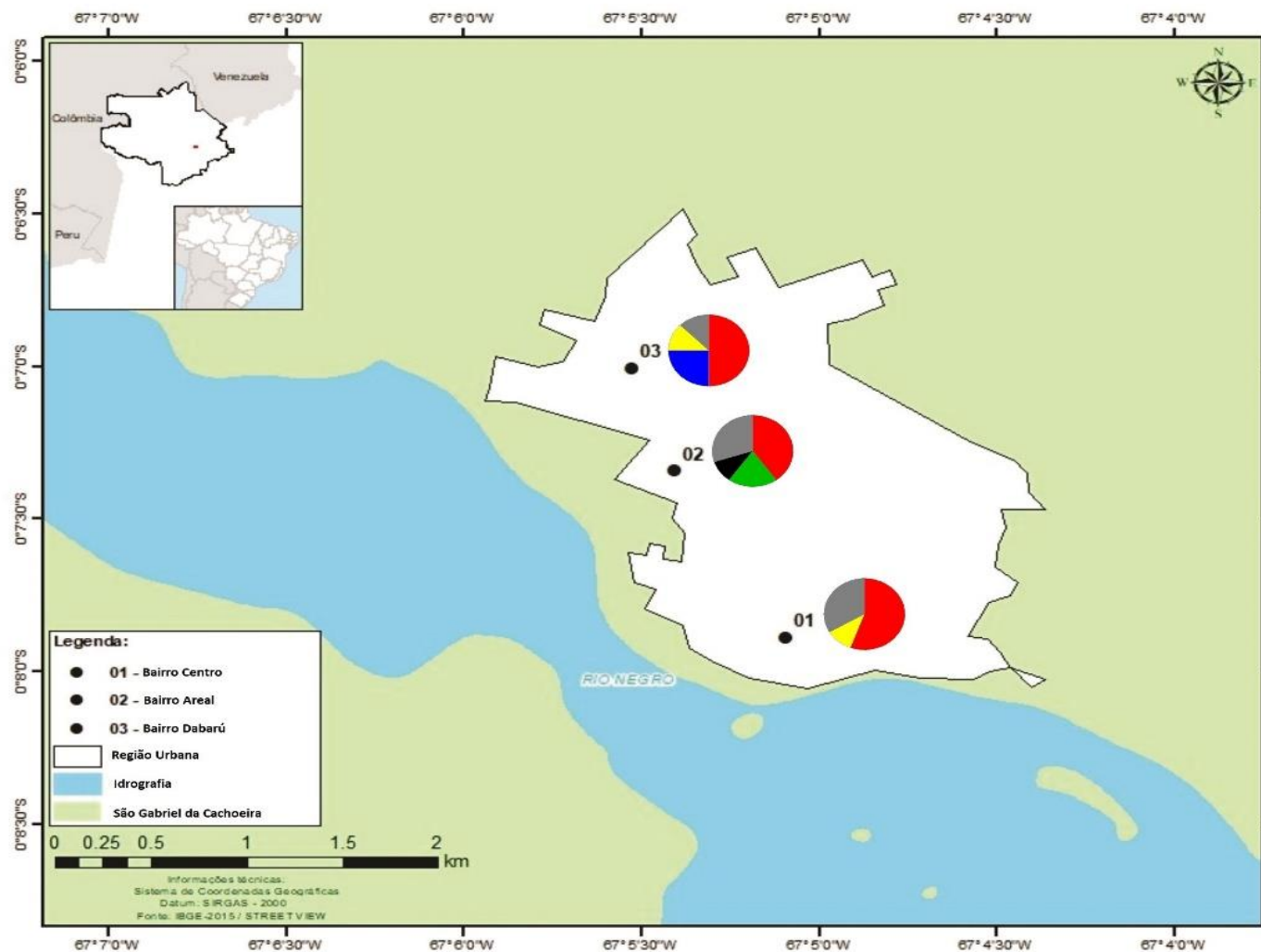
CARTA LEXICAL 040 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

CARTA LEXICAL 040a – DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL

CARTA LEXICAL 040b – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

CARTA LEXICAL 040c – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



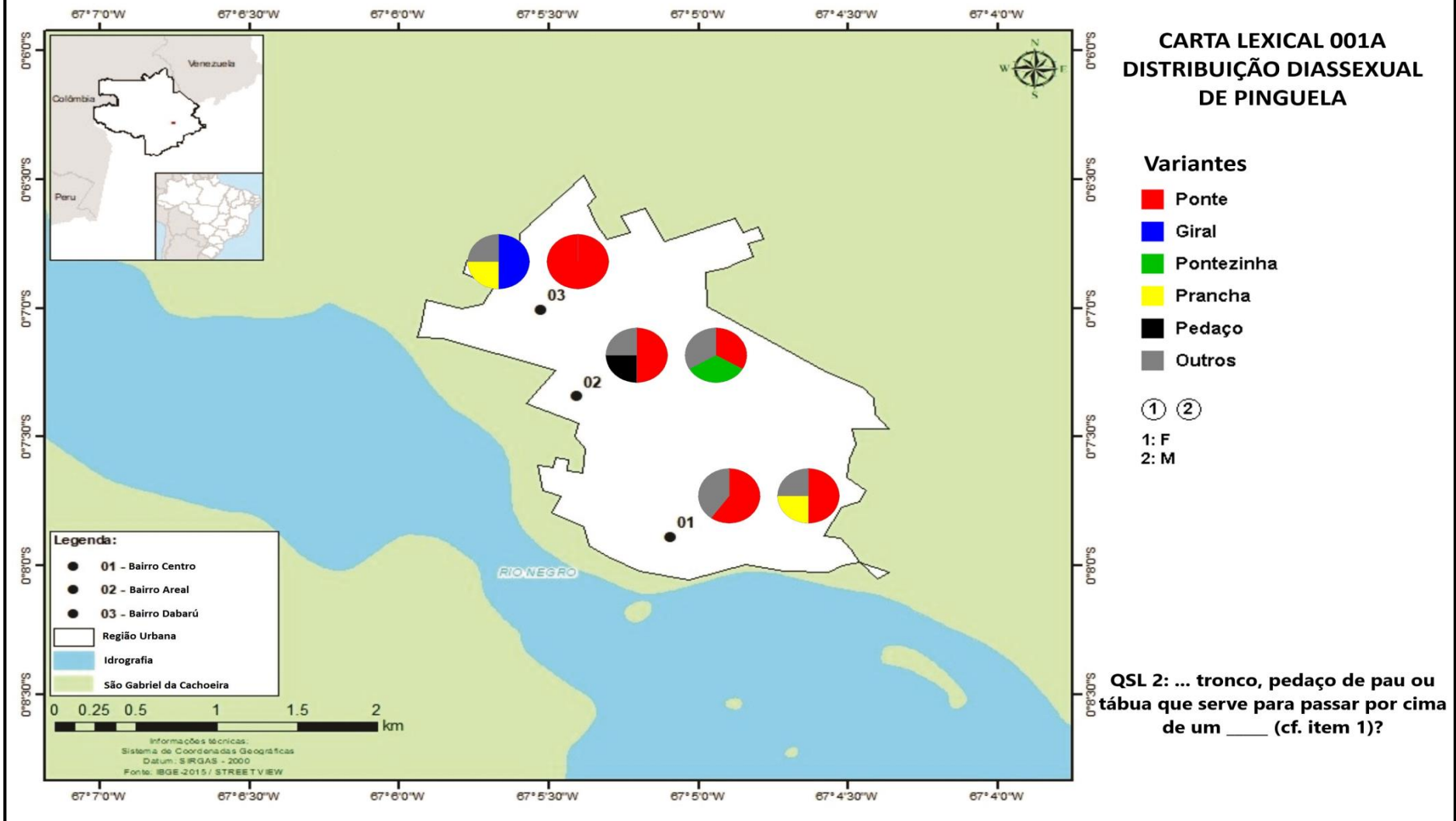
CARTA LEXICAL 001 DENOMINAÇÕES PARA PINGUELA

Variantes

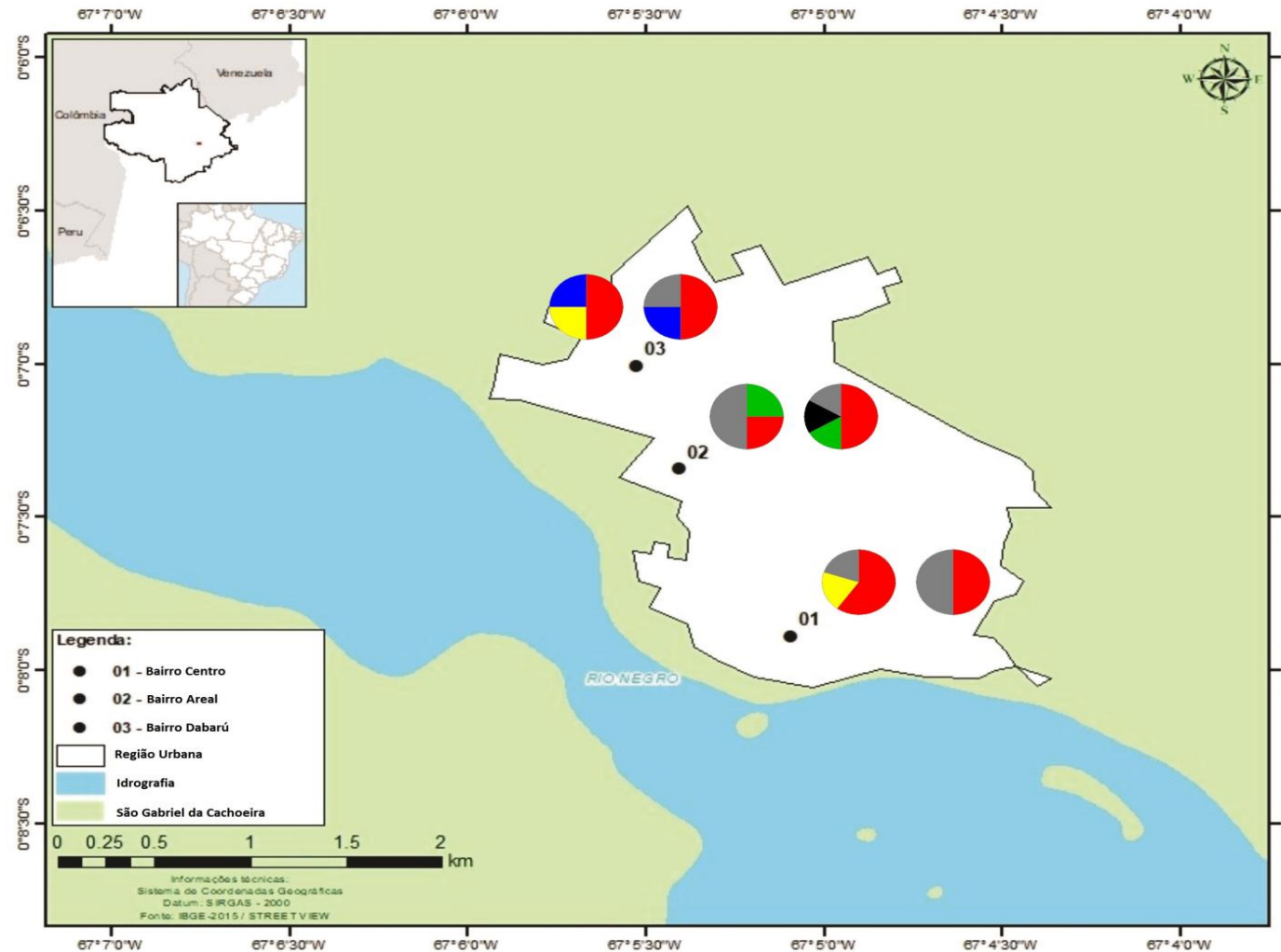
- Ponte
- Giral
- Pontezinha
- Prancha
- Peçaço
- Outros

QSL 2: ... tronco, pedaço de pau ou tábuas que serve para passar por cima de um ____ (cf. item 1)?

MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



CARTA LEXICAL 001B DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL DE PINGUELA

Variantes

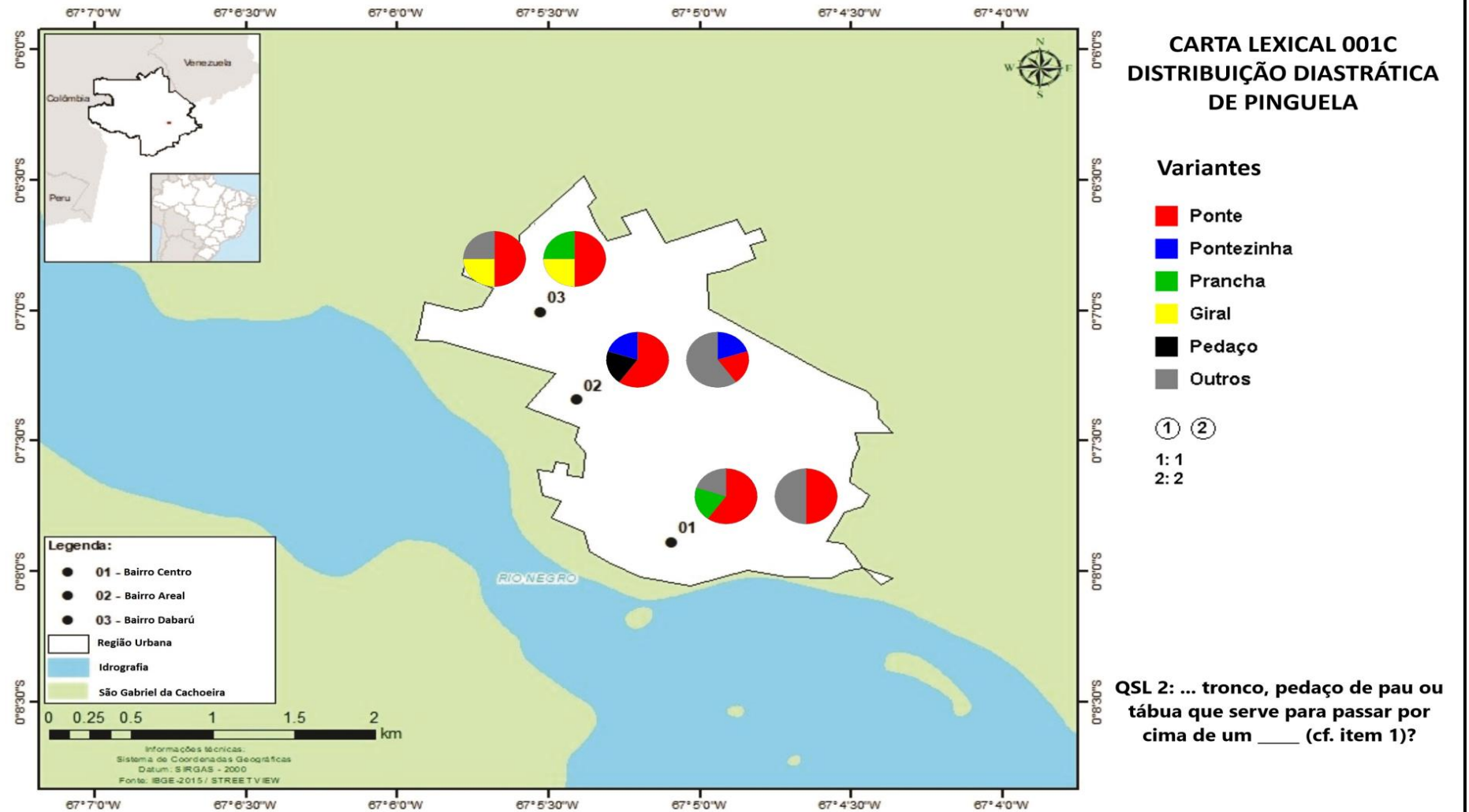
- Ponte
- Giral
- Pontezinha
- Prancha
- Pedaco
- Outros

① ②

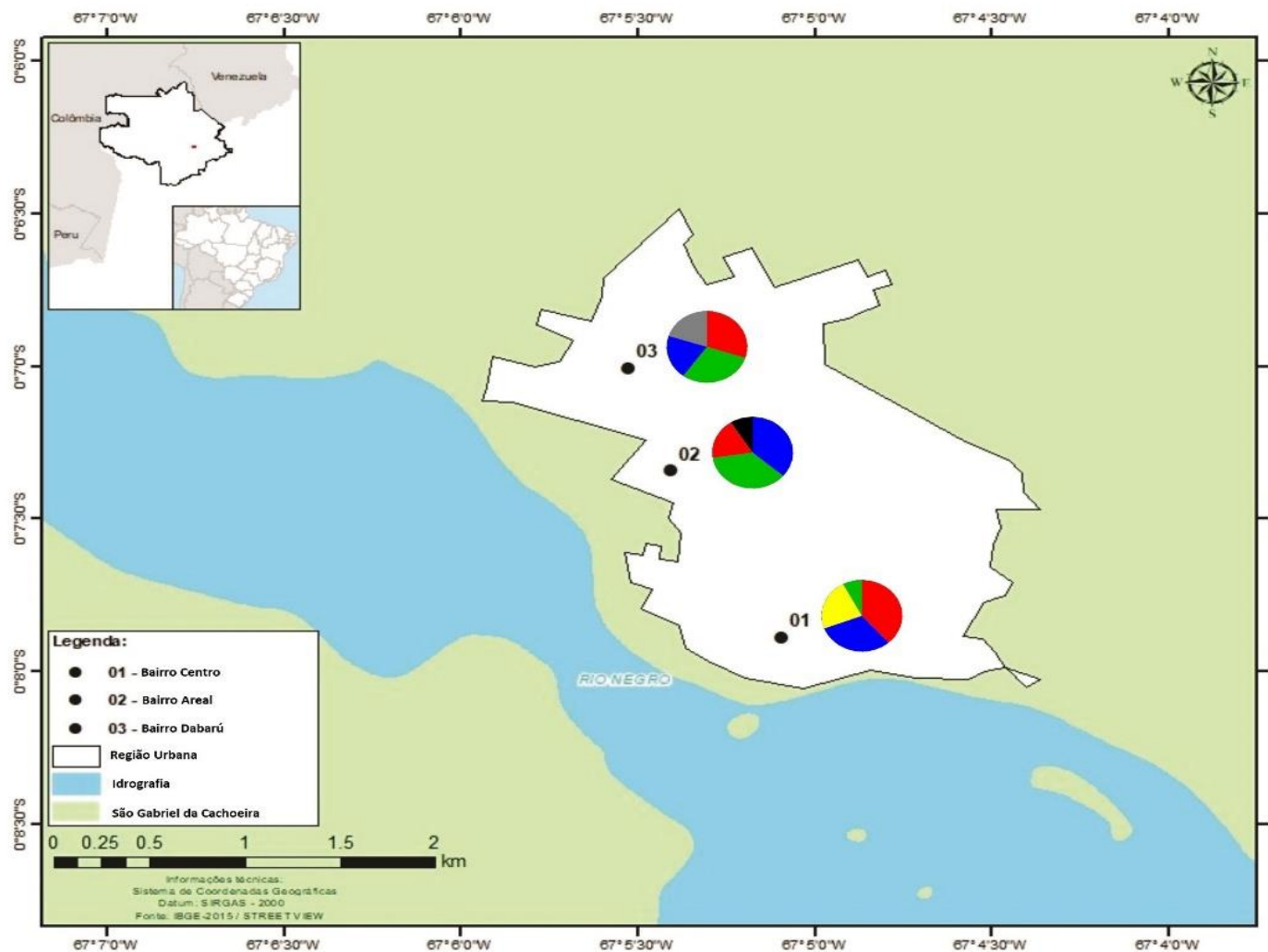
1: A
2: B

QSL 2: ... tronco, pedaço de pau ou tábuas que serve para passar por cima de um ____ (cf. item 1)?

MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



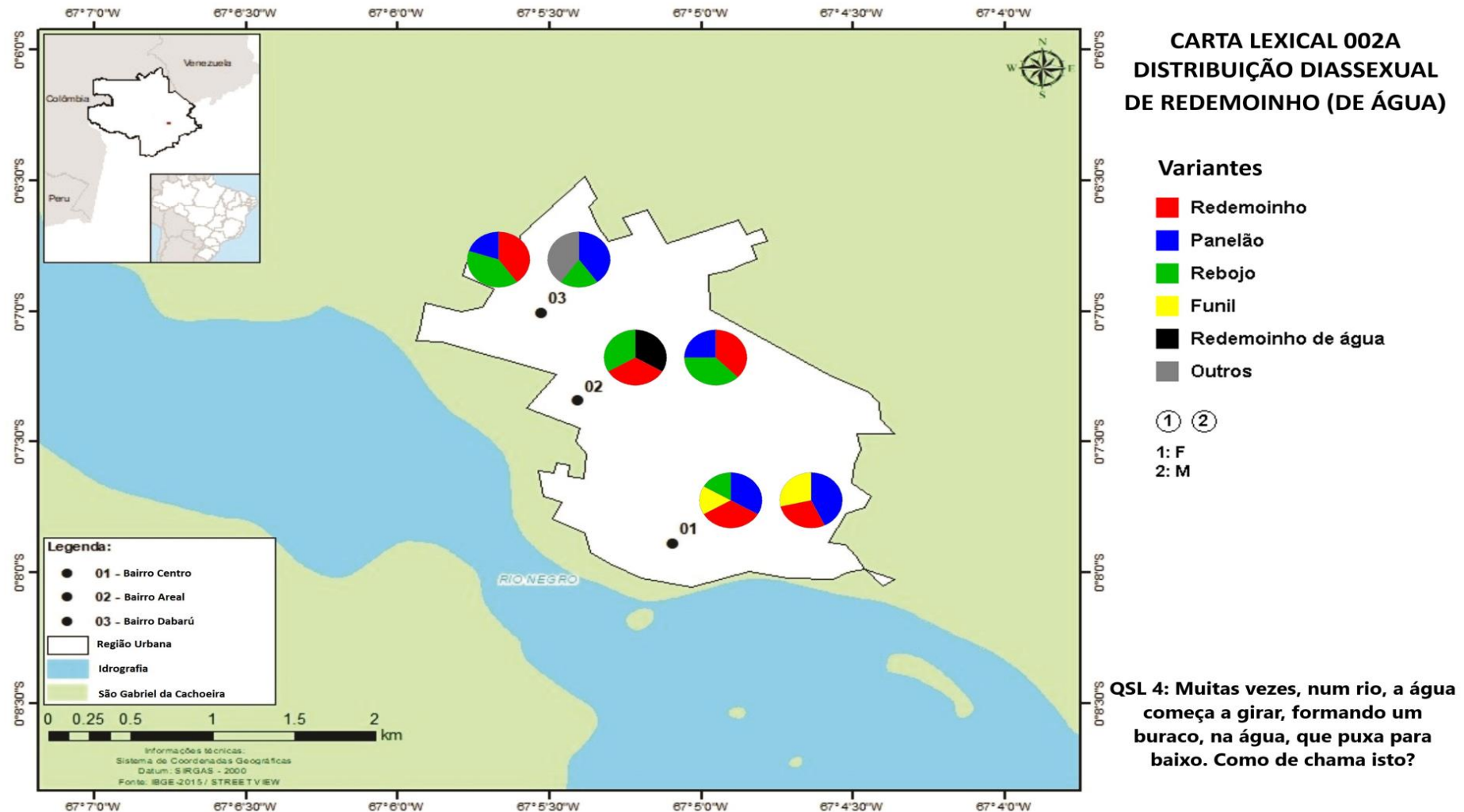
CARTA LEXICAL 002 DENOMINAÇÕES PARA REDEMOINHO (DE ÁGUA)

Variantes

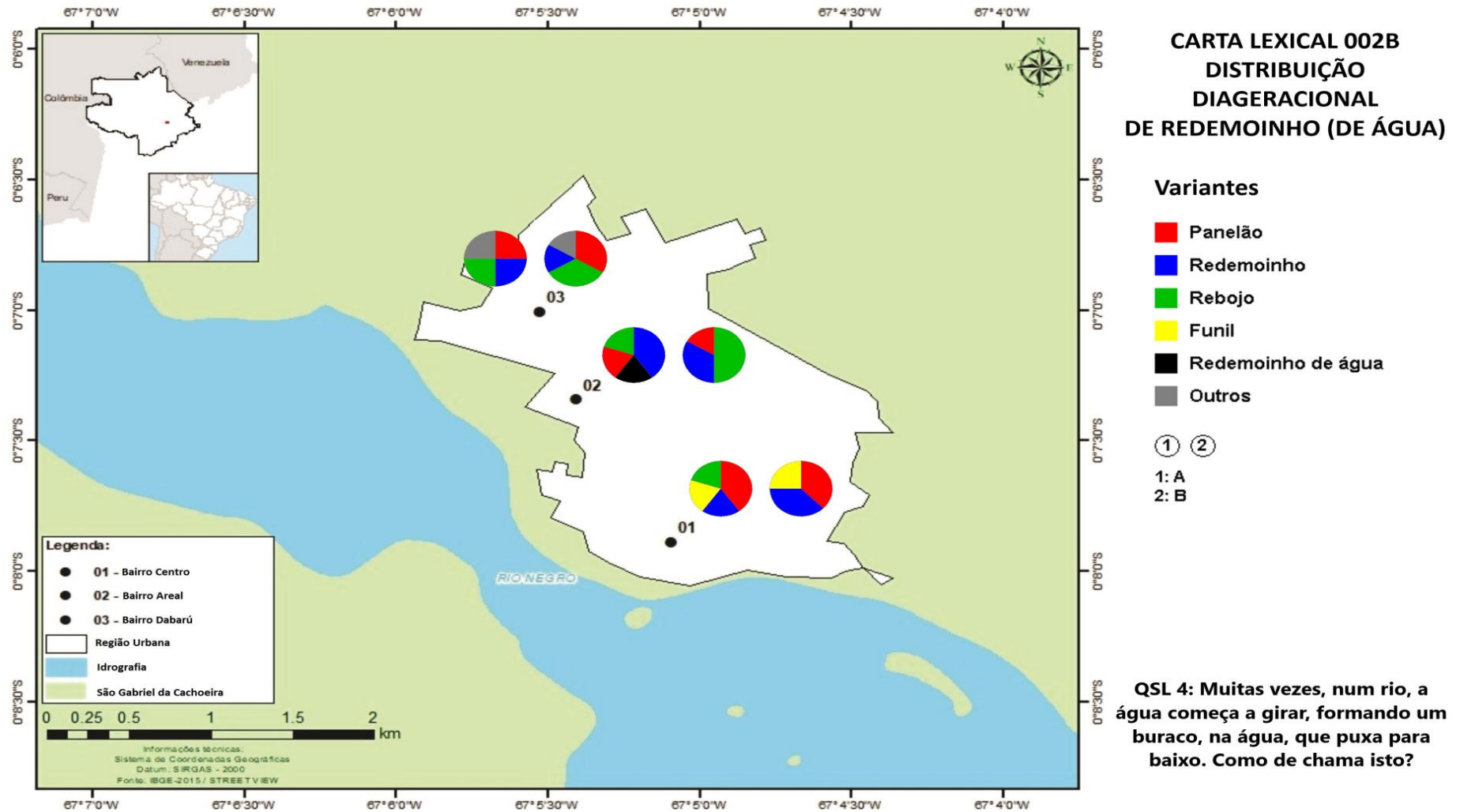
- Panelão
- Redemoinho
- Rebojo
- Funil
- Redomoinho da água
- Outros

QSL 4: Muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco, na água, que puxa para baixo. Como de chama isto?

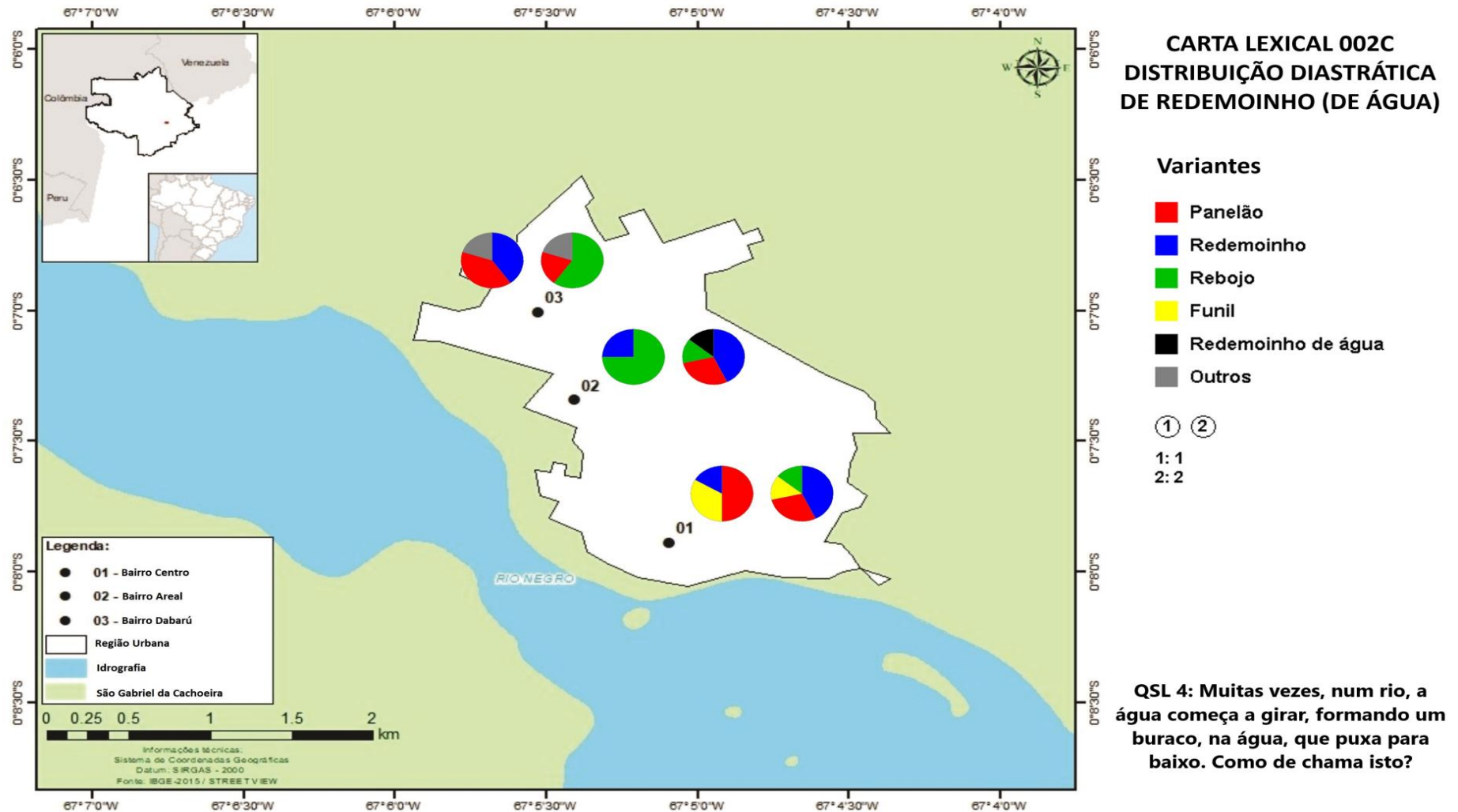
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



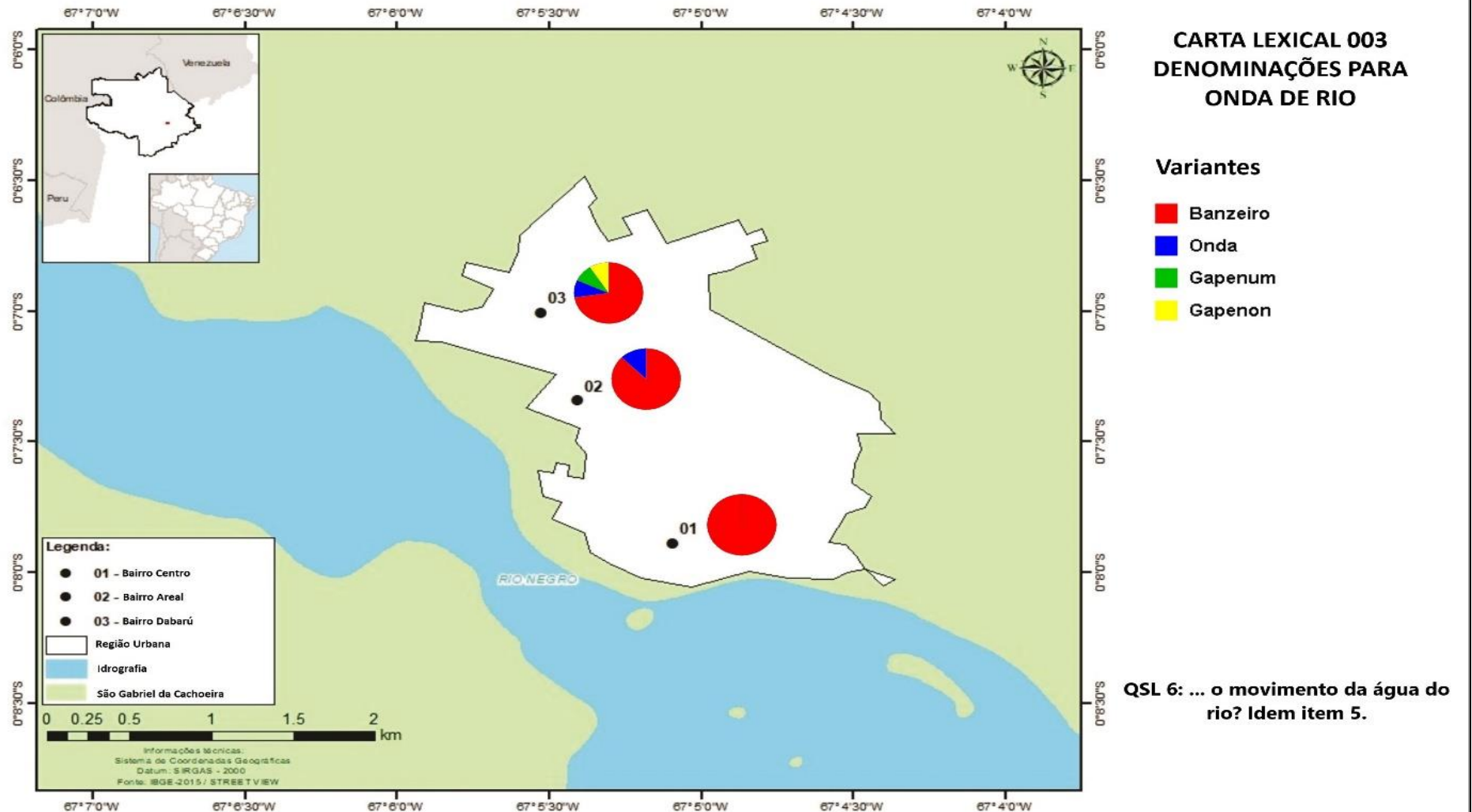
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



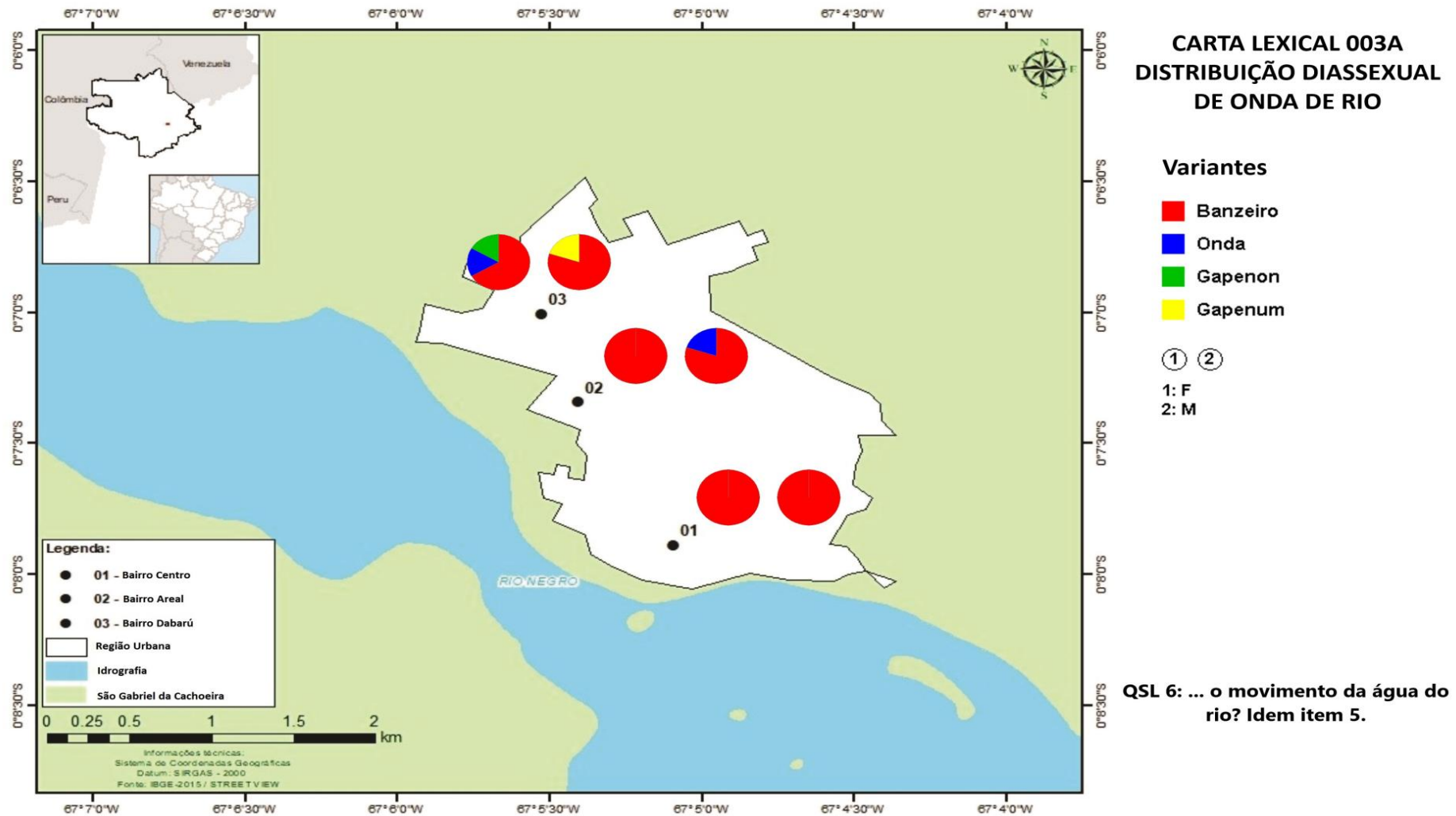
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



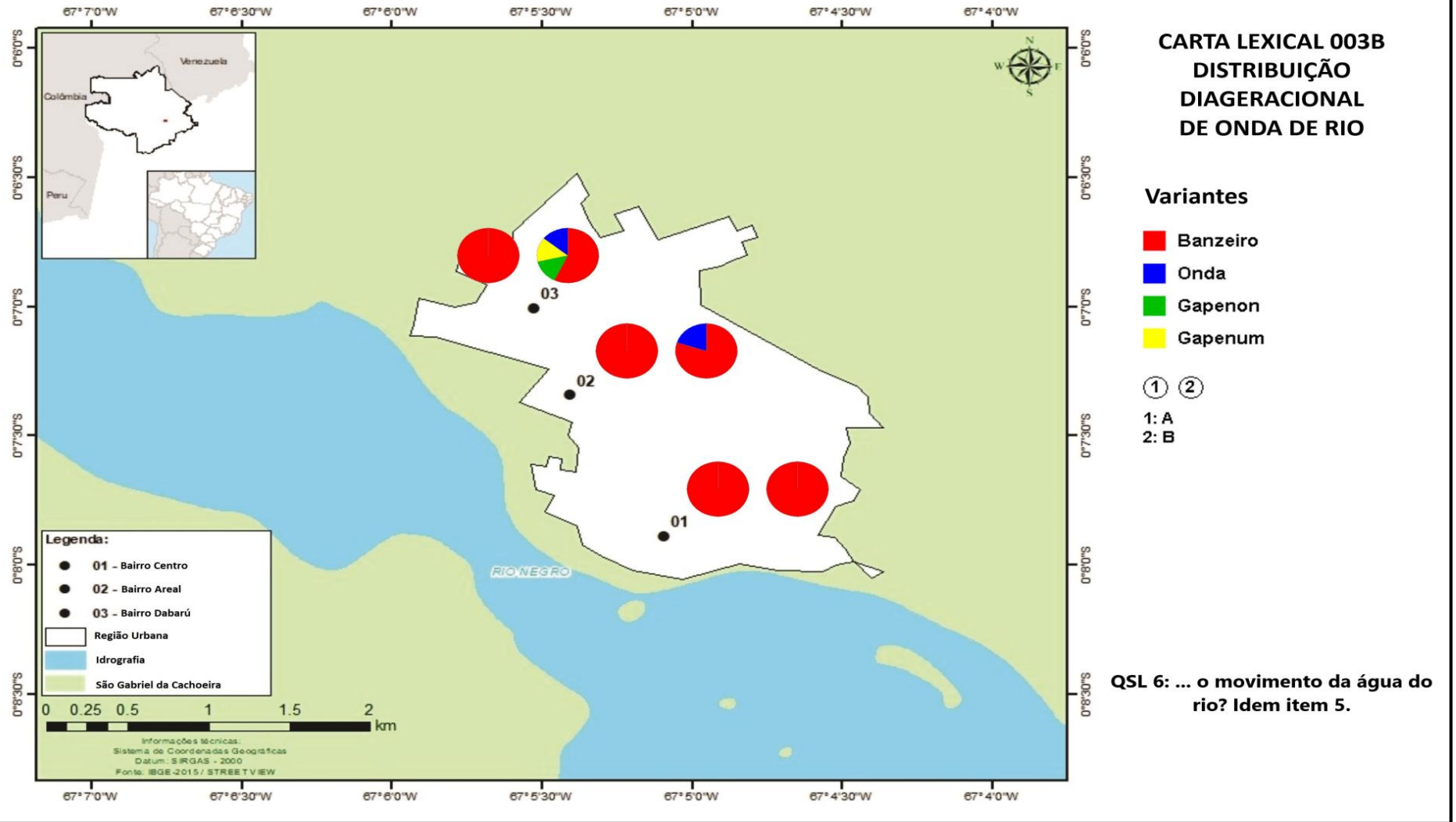
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



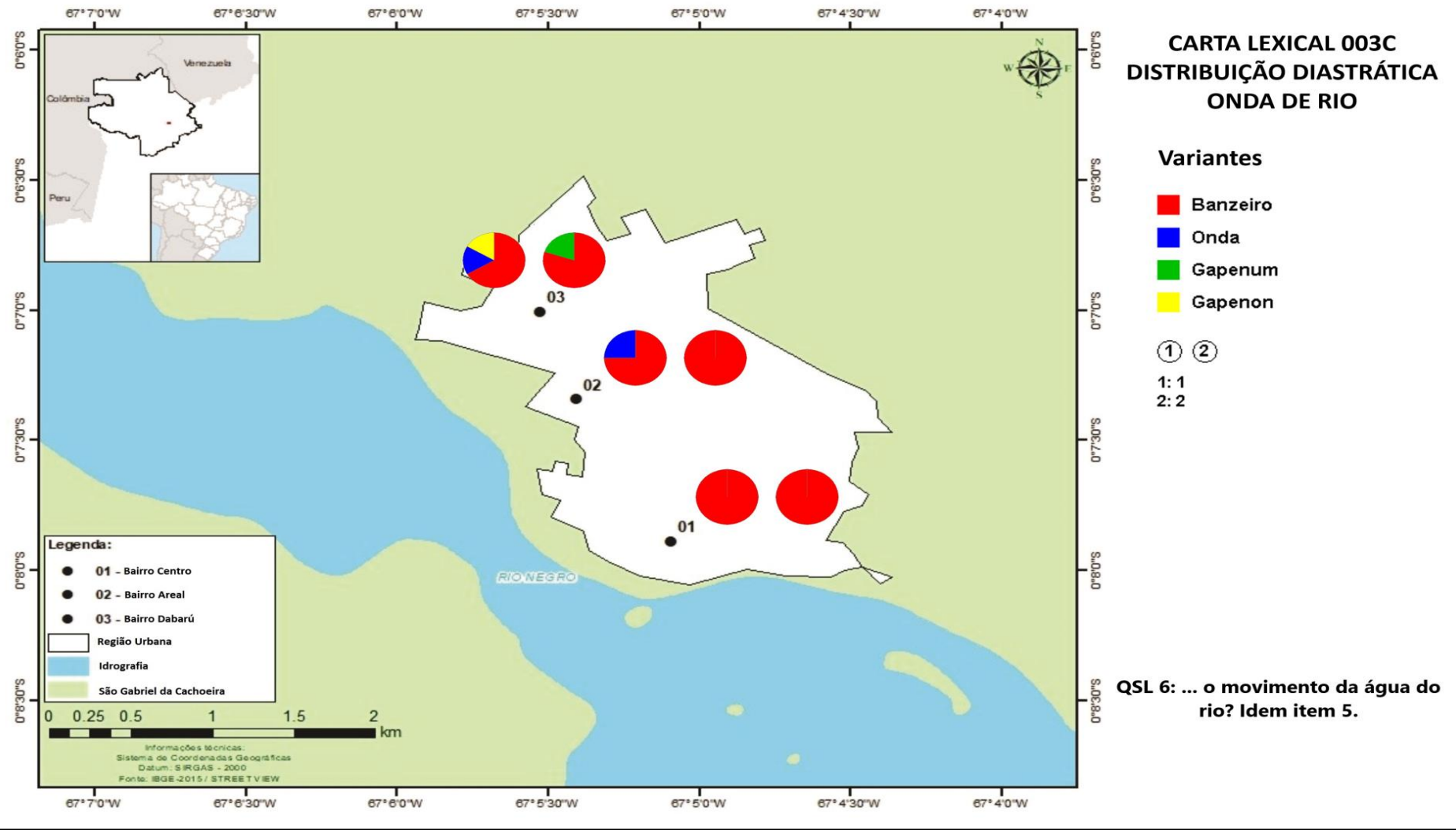
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



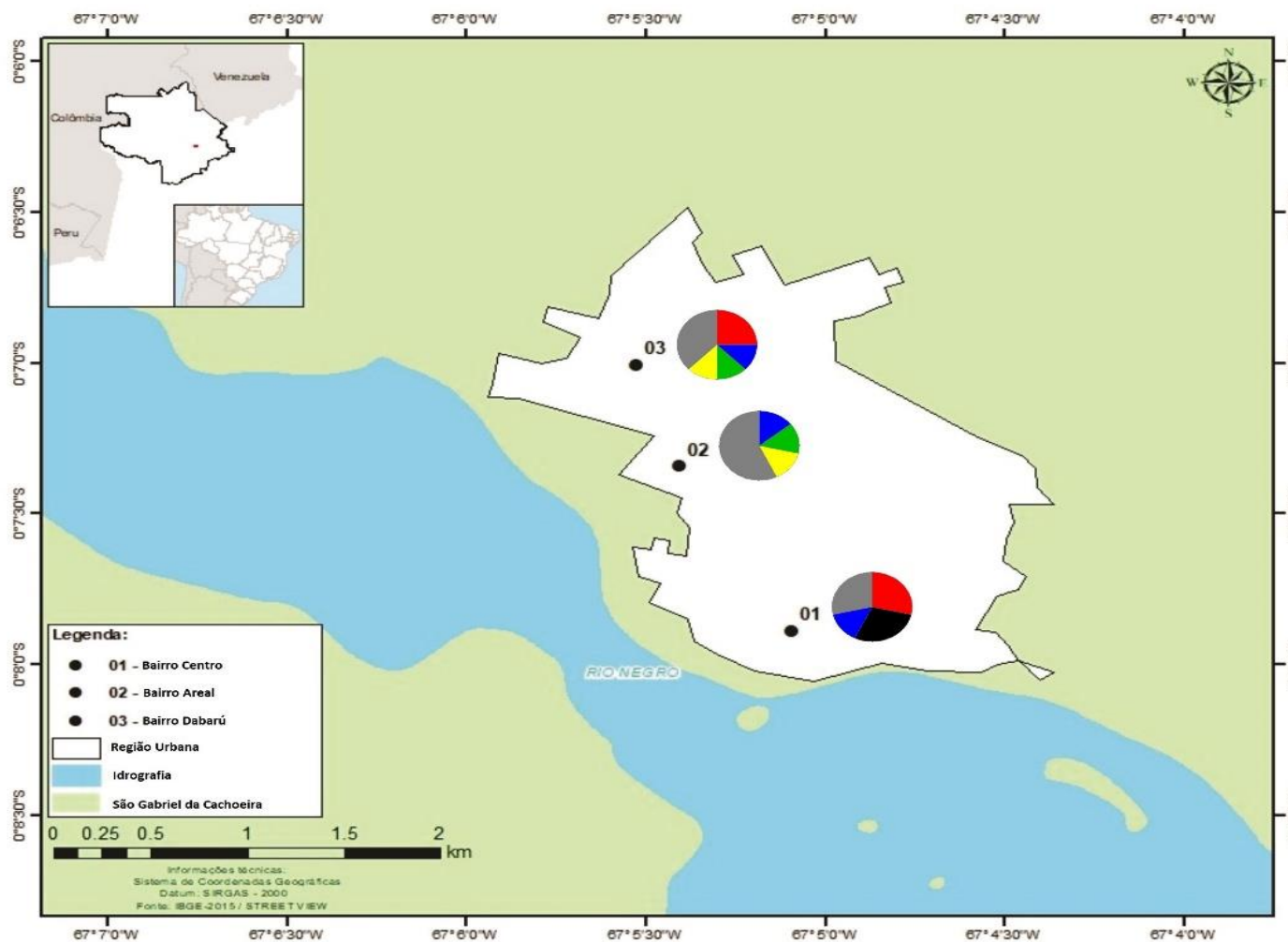
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



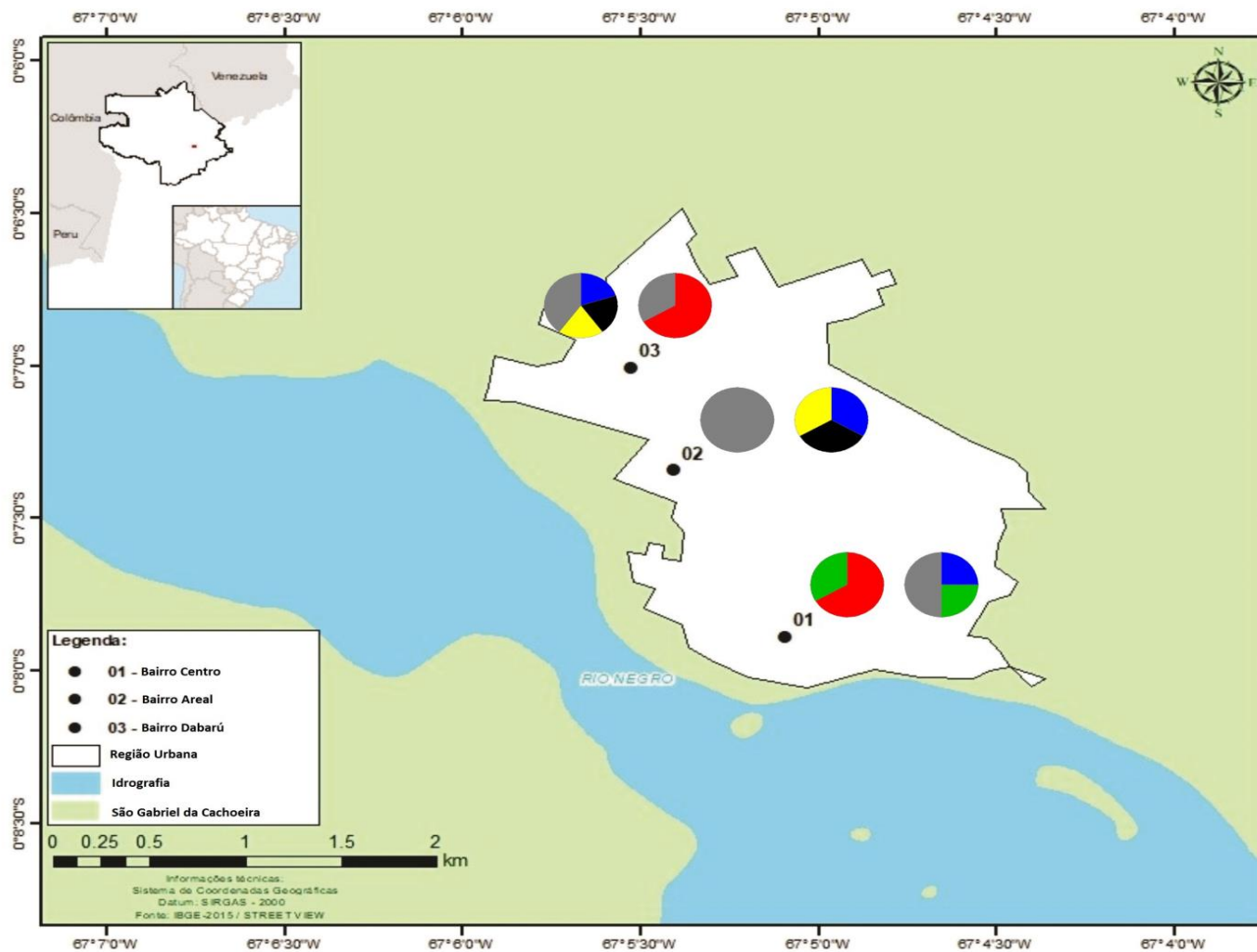
CARTA LEXICAL 004 DENOMINAÇÕES PARA CHUVA DE PEDRA

Variantes

- Granizo
- Neve
- Chuva de gelo
- Chuva de pedra
- Chuva de granizo
- Outros

QSL 15: Durante uma chuva, podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?

MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



CARTA LEXICAL 004A DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL DE CHUVA DE PEDRA

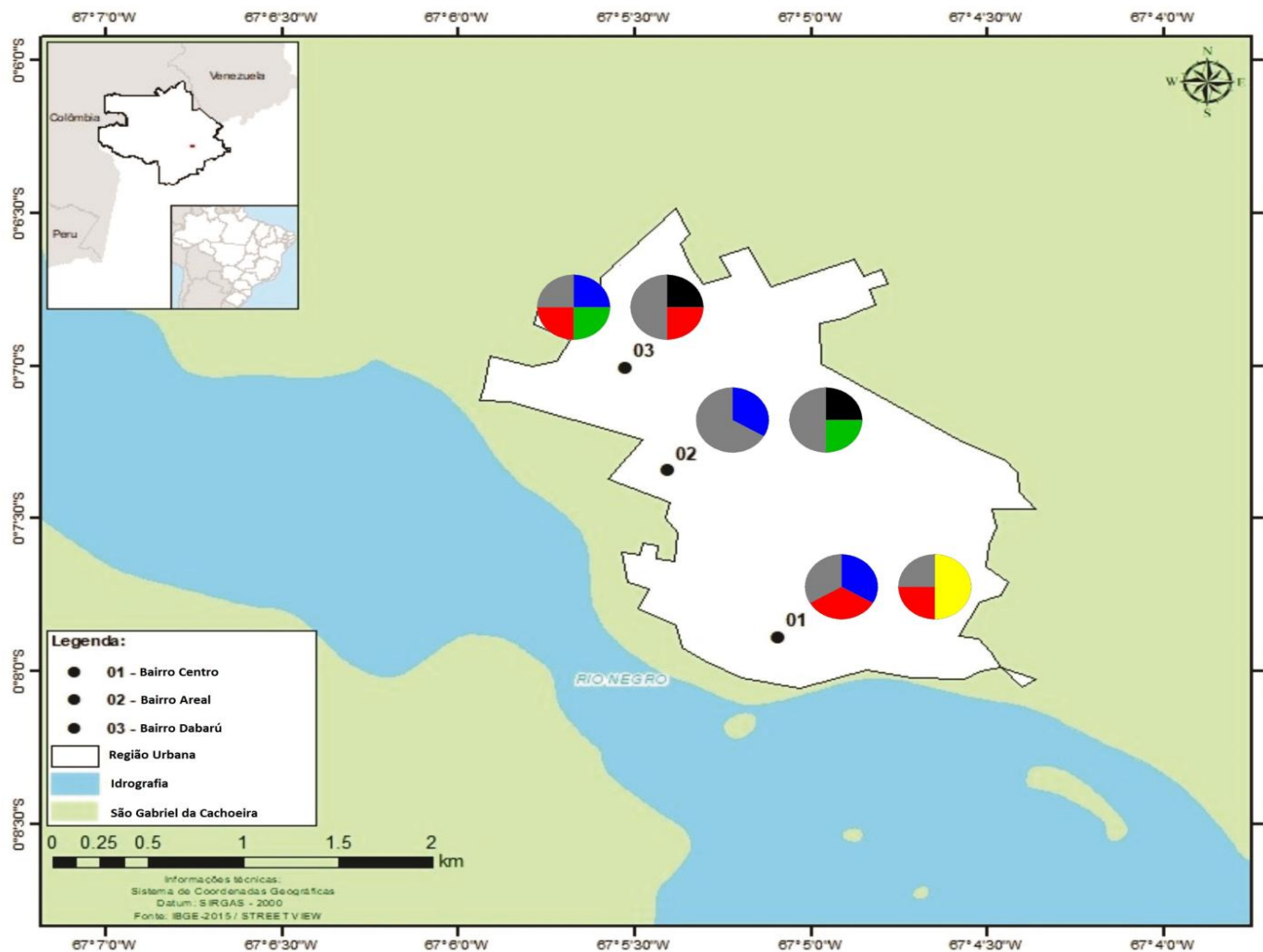
Variantes

- Granizo
- Neve
- Chuva de granizo
- Chuva de pedra
- Chuva de gelo
- Outros

- ① ②
- 1: F
- 2: M

QSL 15: Durante uma chuva, podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?

MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



CARTA LEXICAL 004B DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL DE CHUVA DE PEDRA

Variantes

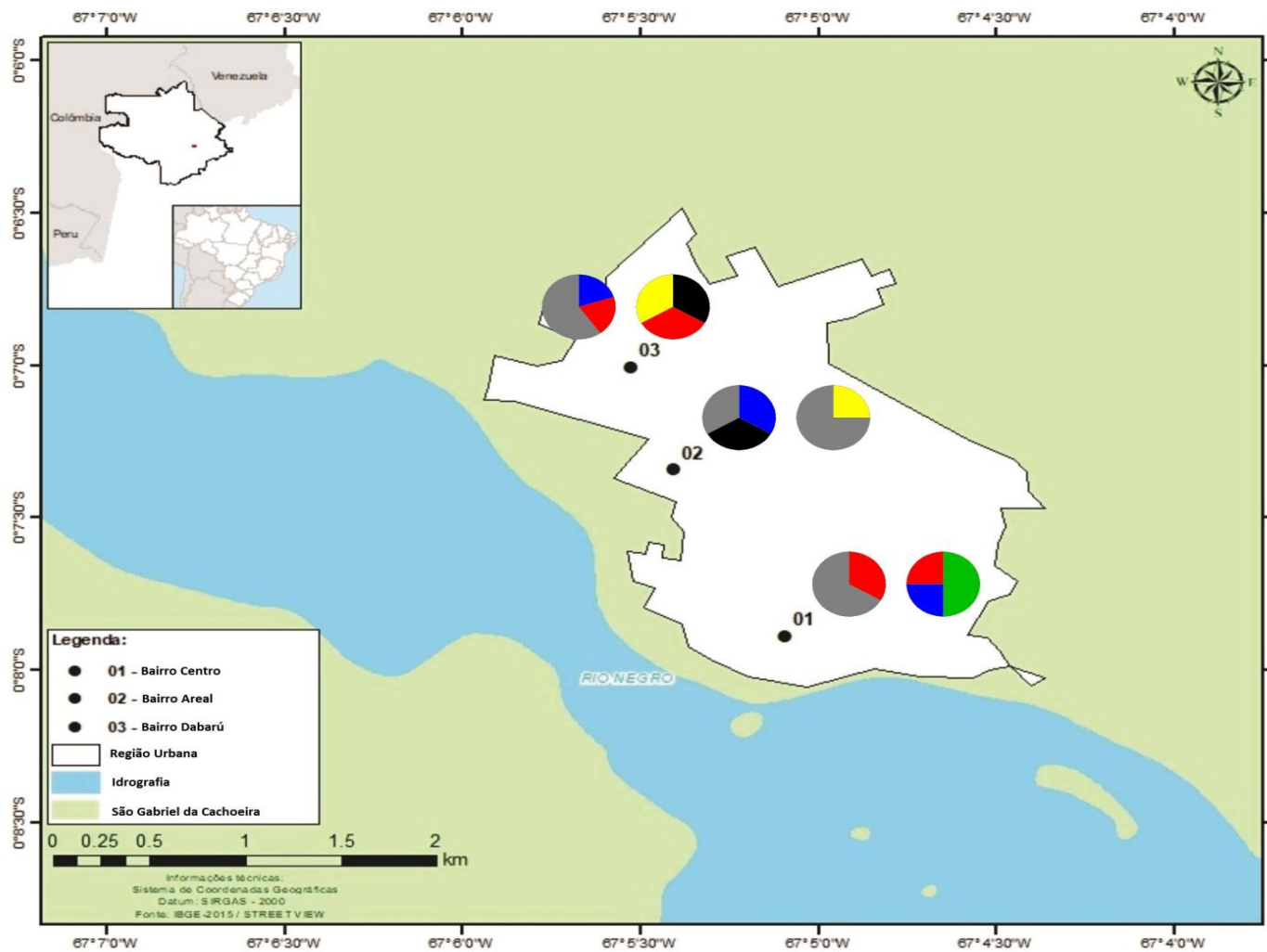
- Granizo
- Neve
- Chuva de gelo
- Chuva de granizo
- Chuva de pedra
- Outros

① ②

1: A
2: B

QSL 15: Durante uma chuva, podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?

MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



CARTA LEXICAL 004C DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA DE CHUVA DE PEDRA

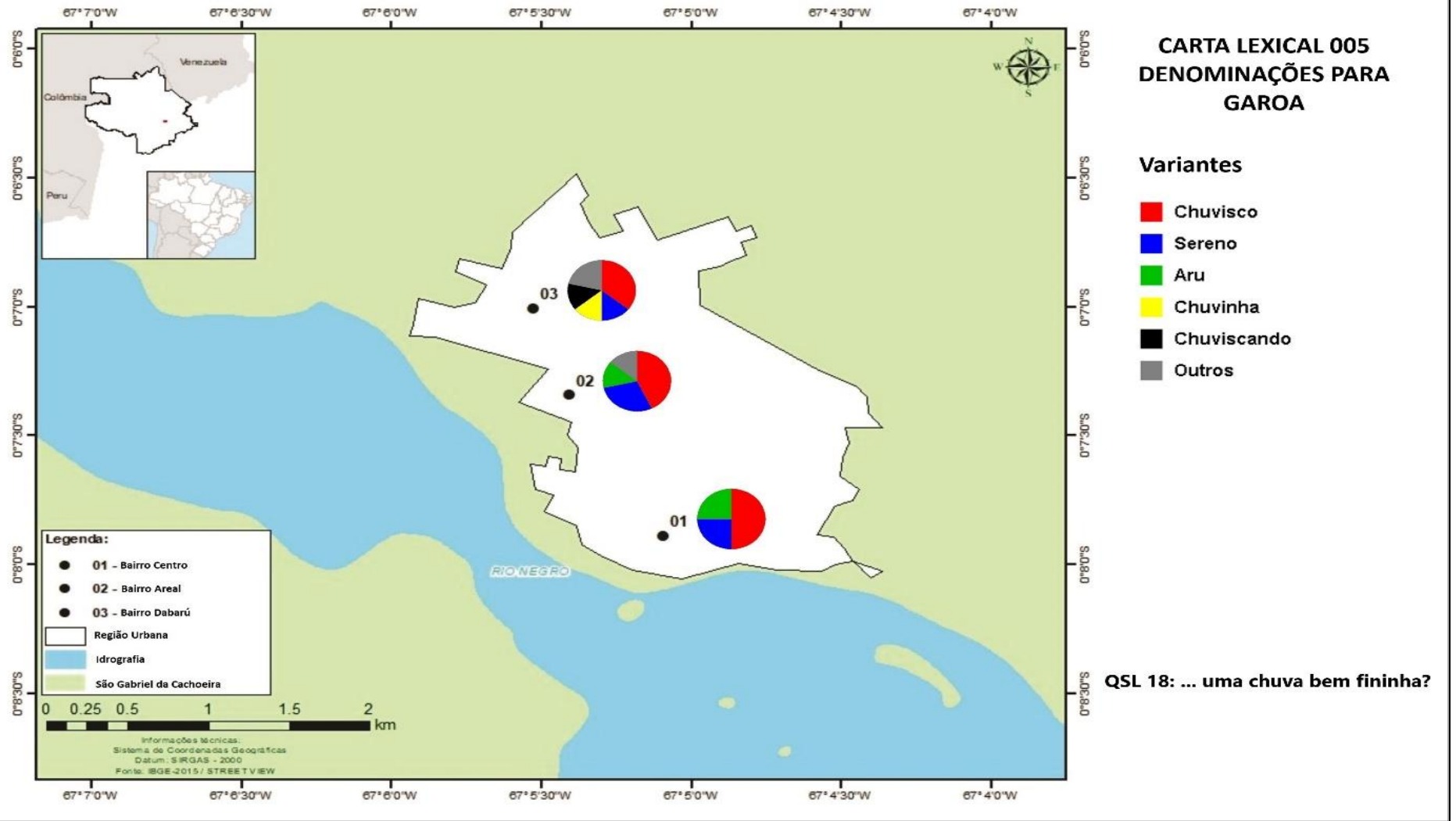
Variantes

- Granizo
- Neve
- Chuva de granizo
- Chuva de gelo
- Chuva de pedra
- Outros

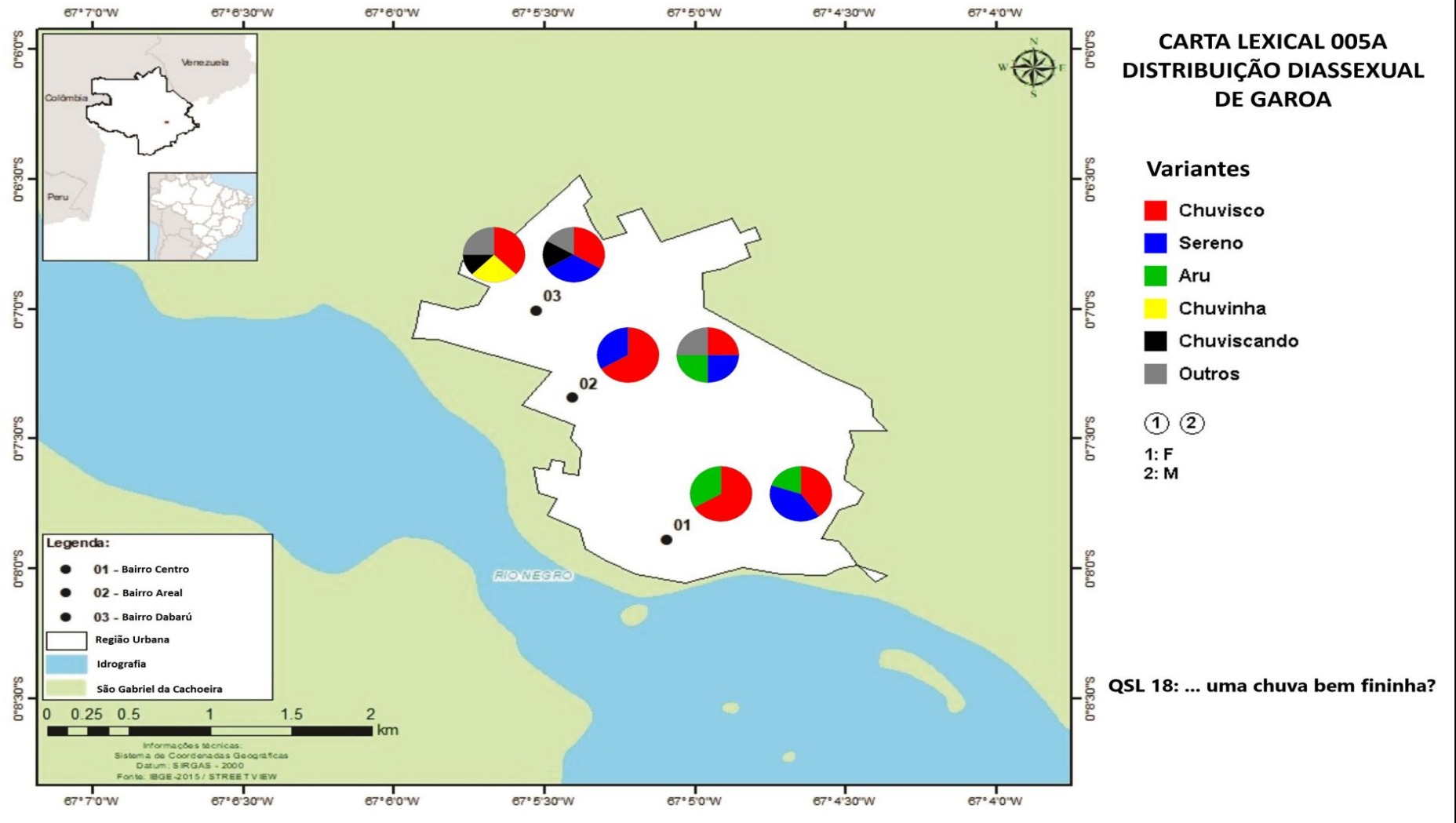
- ① ②
 1: 1
 2: 2

QSL 15: Durante uma chuva, podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?

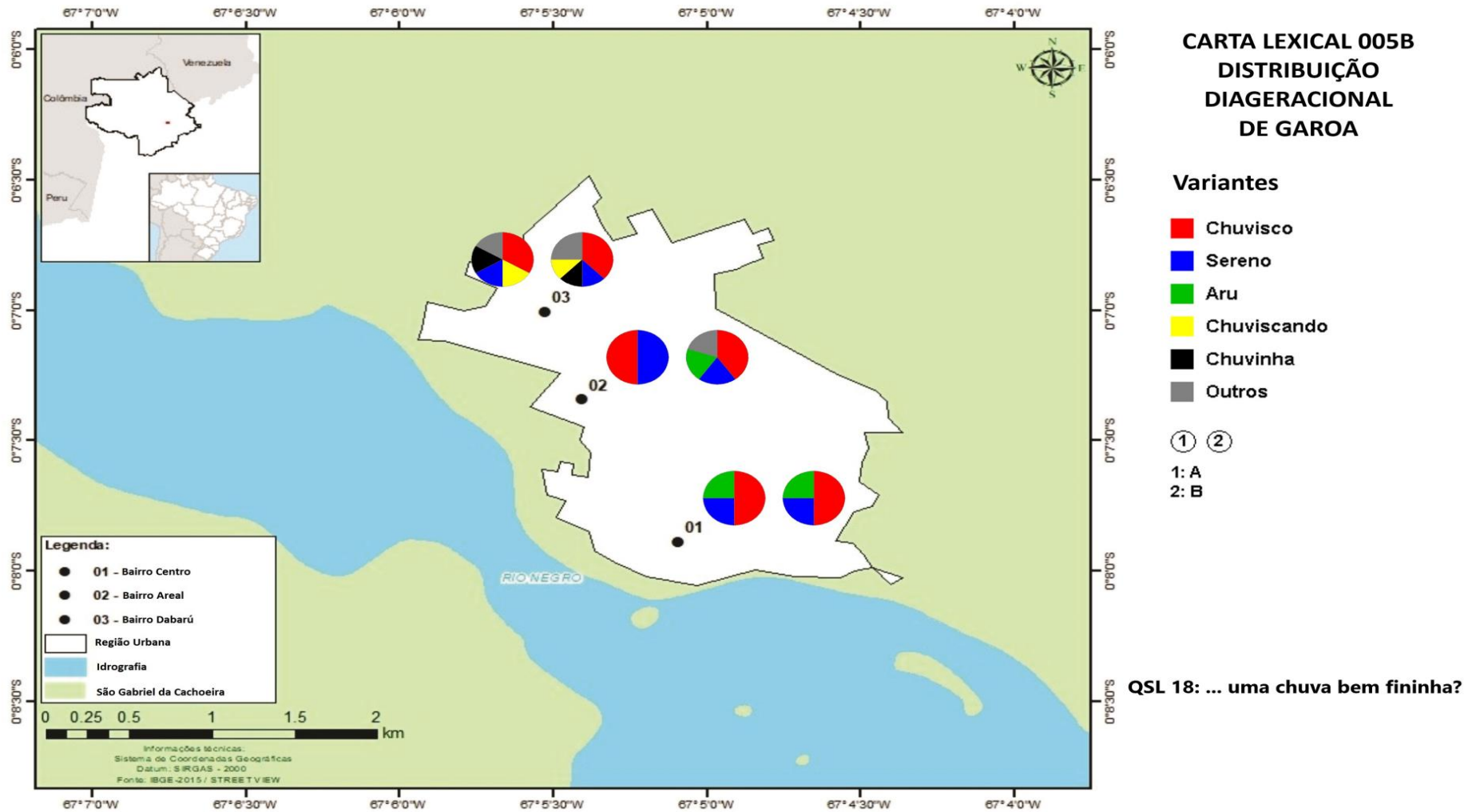
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



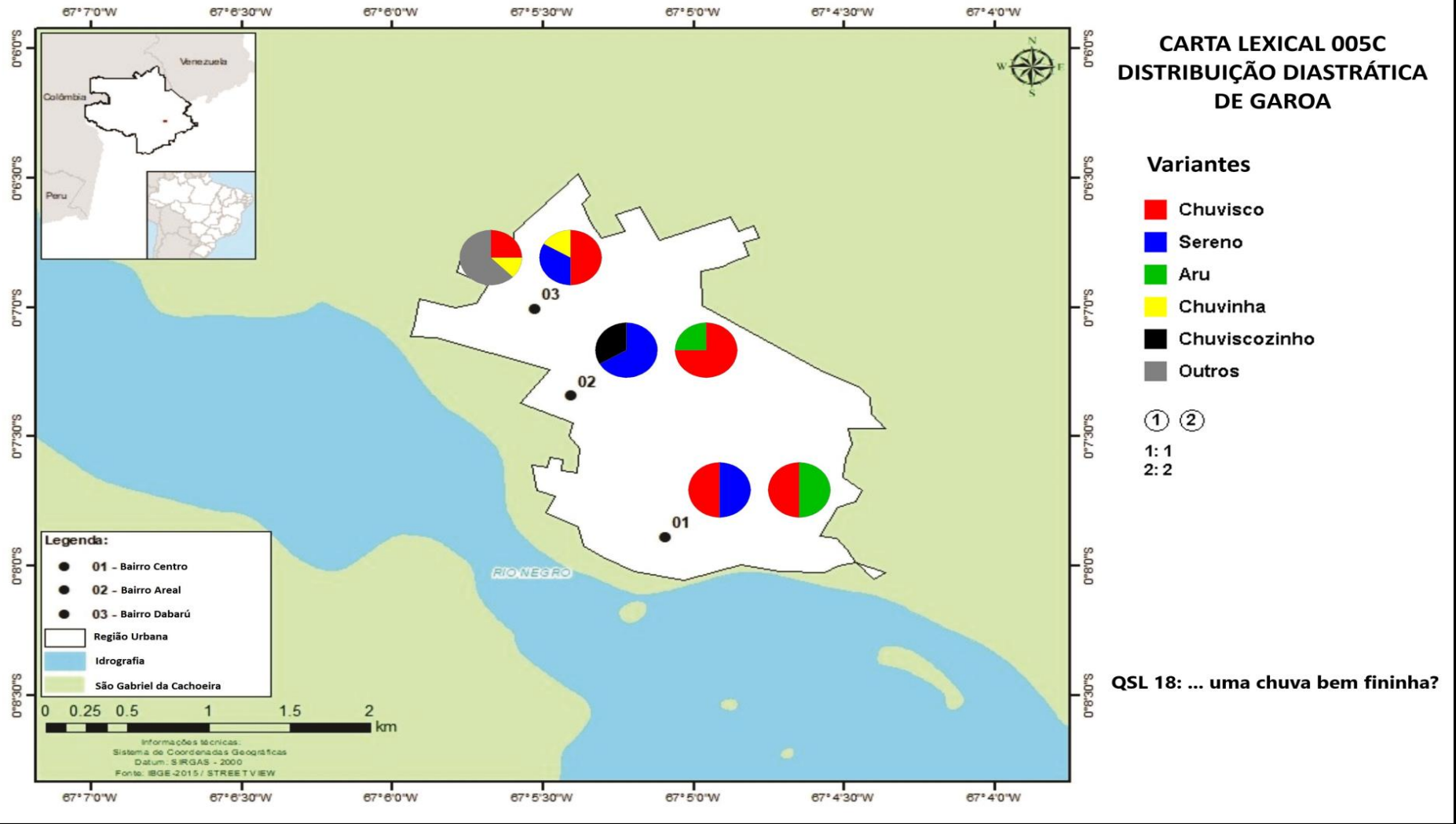
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



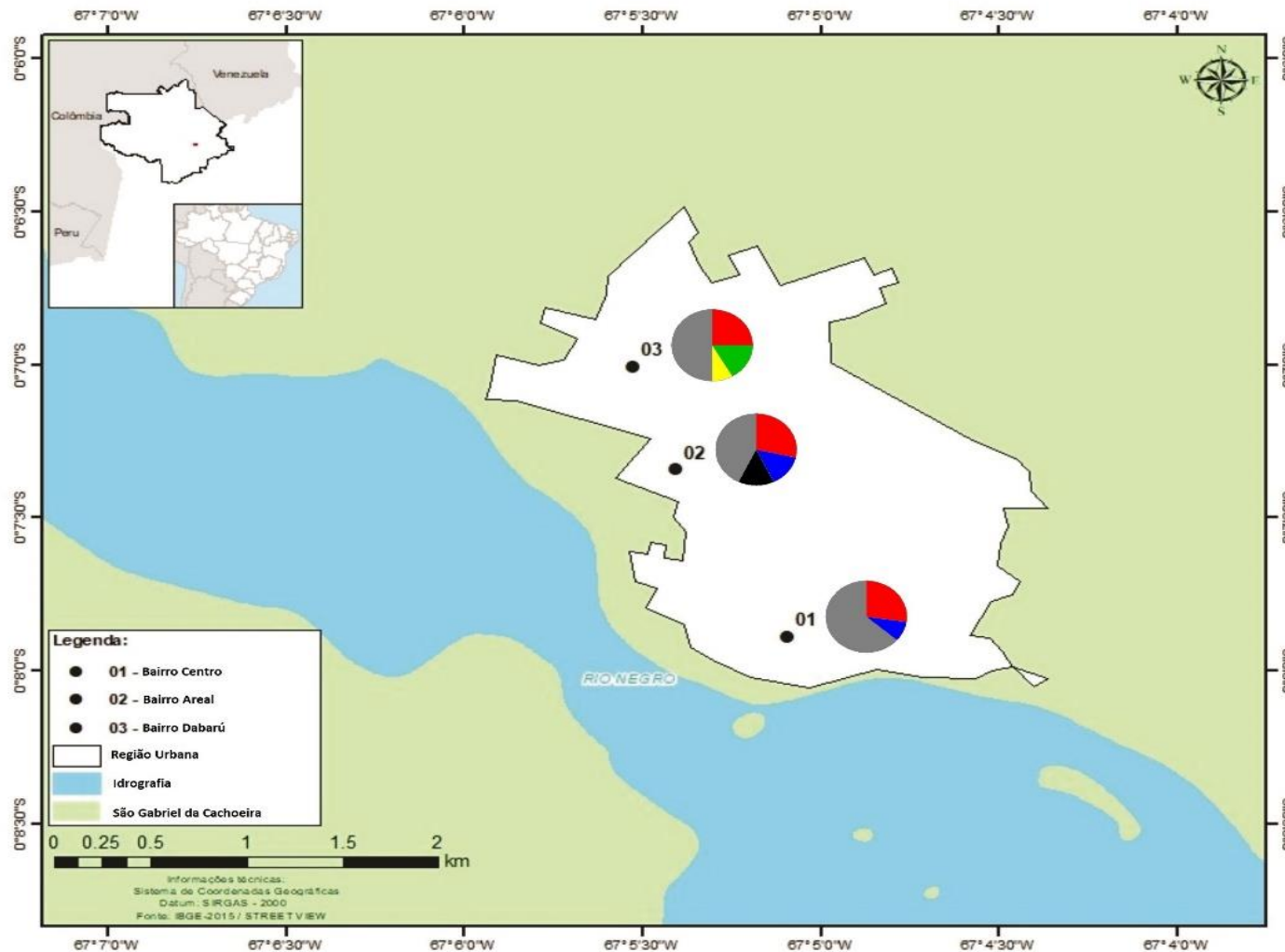
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



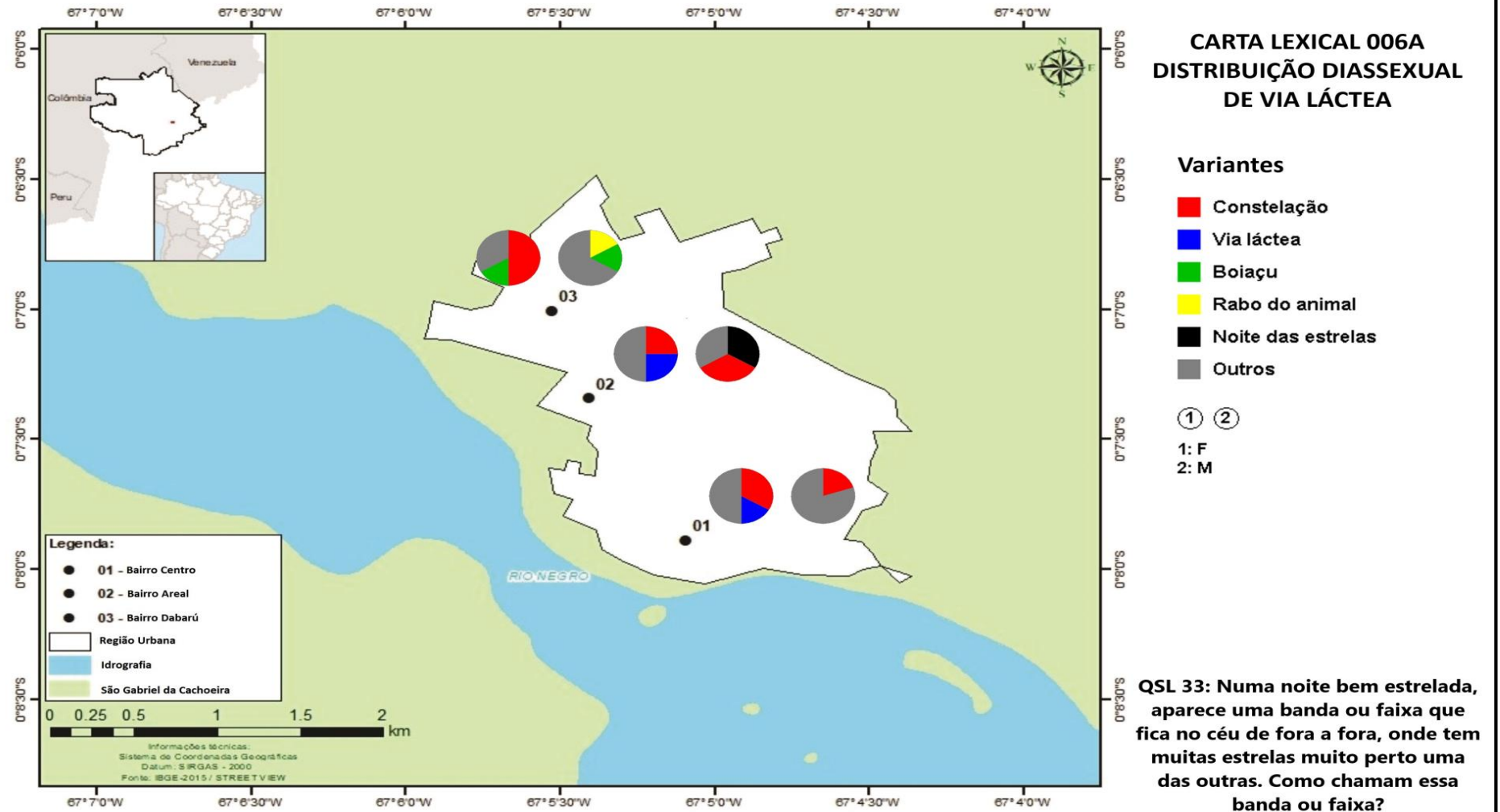
CARTA LEXICAL 006 DENOMINAÇÕES PARA VIA LÁCTEA

Variantes

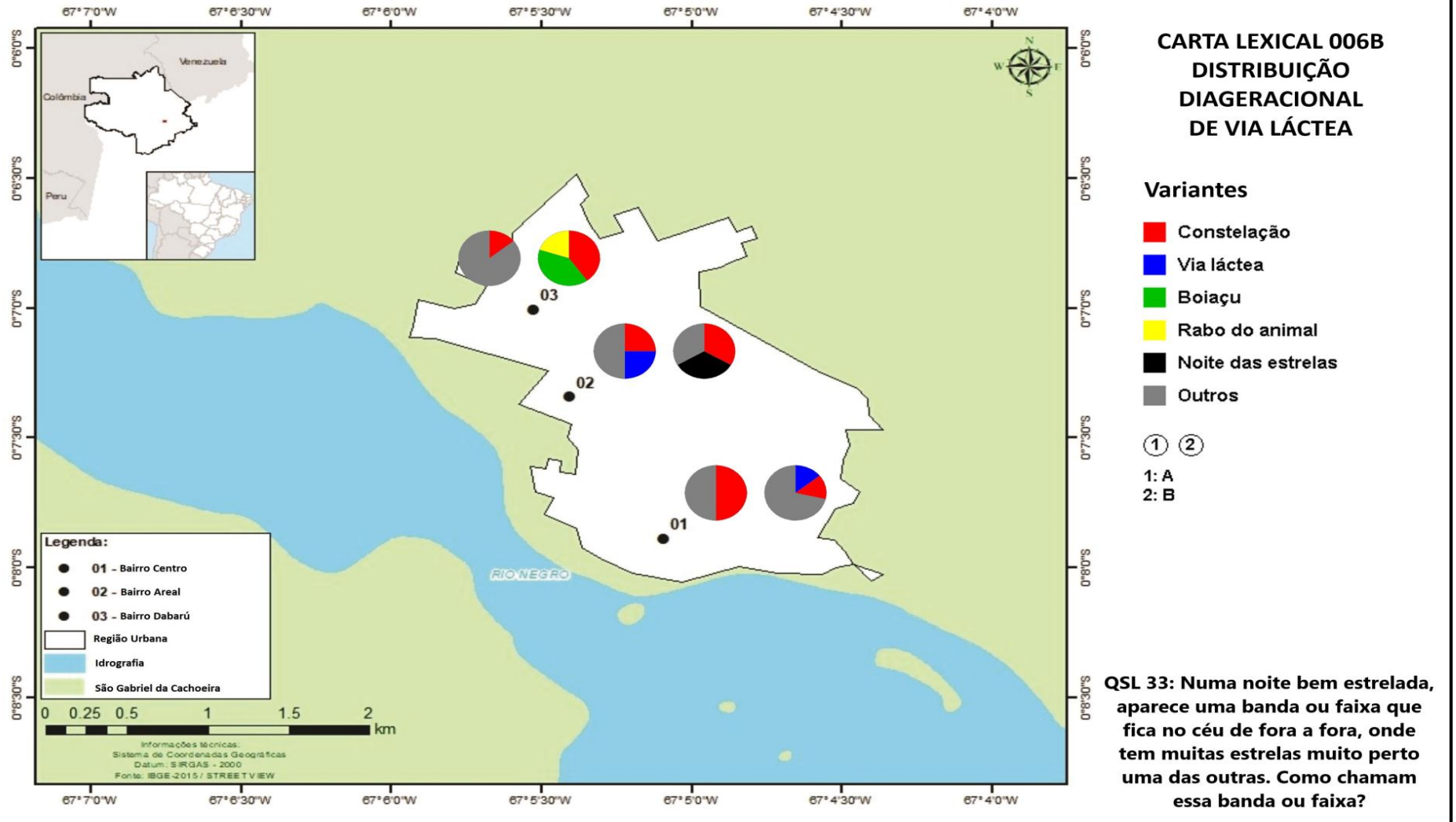
- Constelação
- Via láctea
- Boiaçu
- Rabo do animal
- Noite das estrelas
- Outros

QSL 33: Numa noite bem estrelada, aparece uma banda ou faixa que fica no céu de fora a fora, onde tem muitas estrelas muito perto uma das outras. Como chamam essa banda ou faixa?

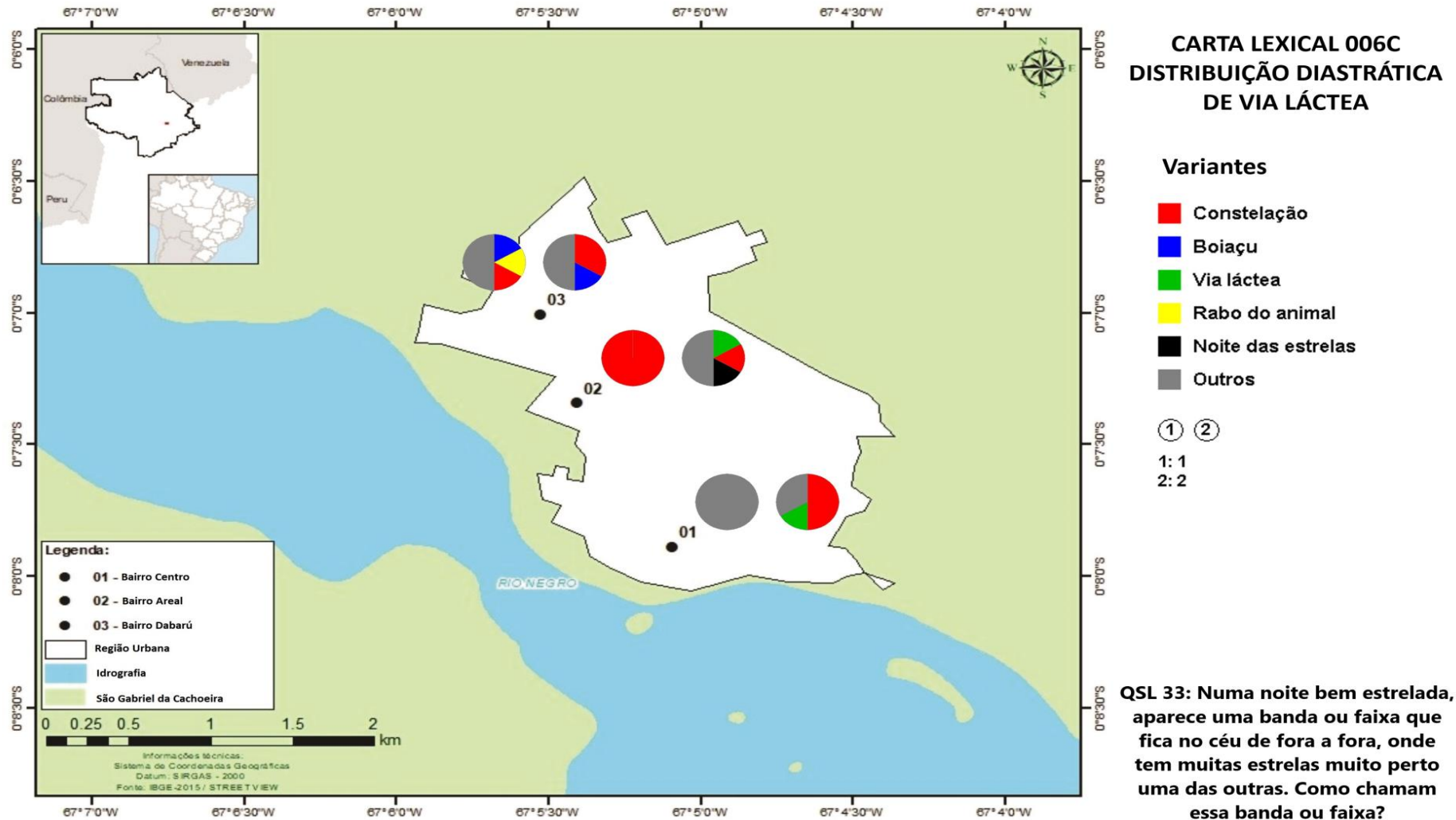
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



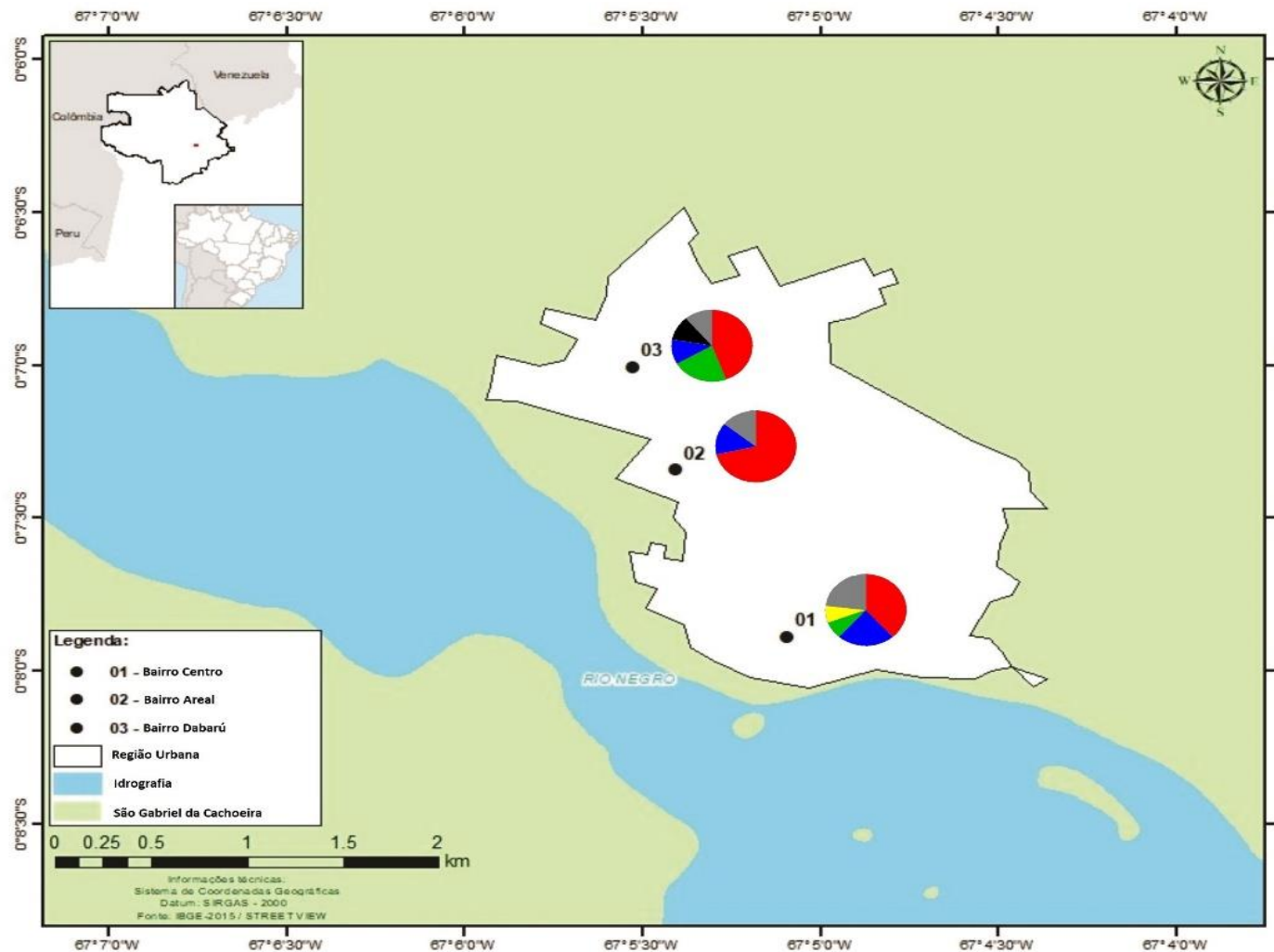
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



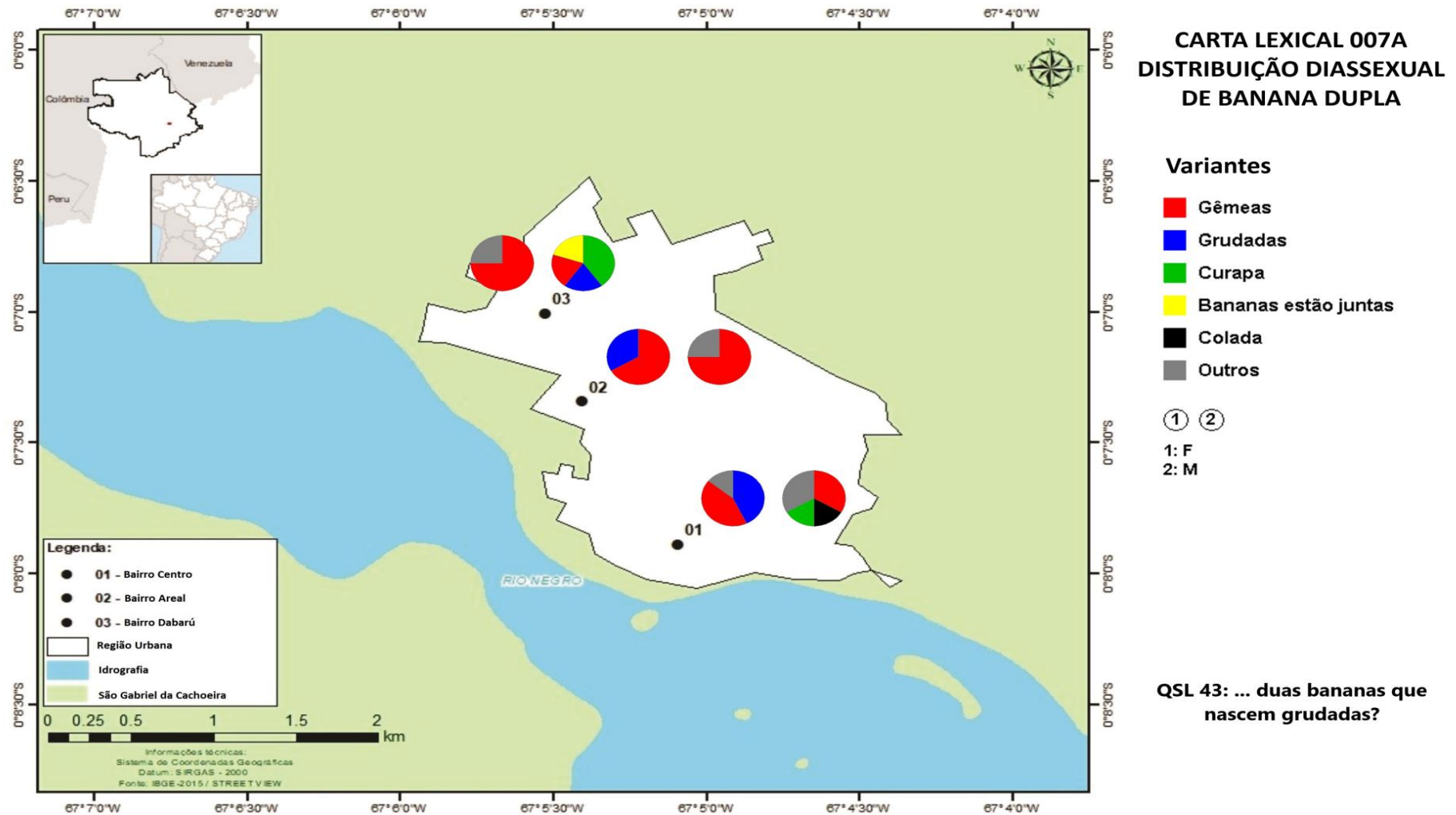
CARTA LEXICAL 007 DENOMINAÇÕES PARA BANANA DUPLA

Variantes

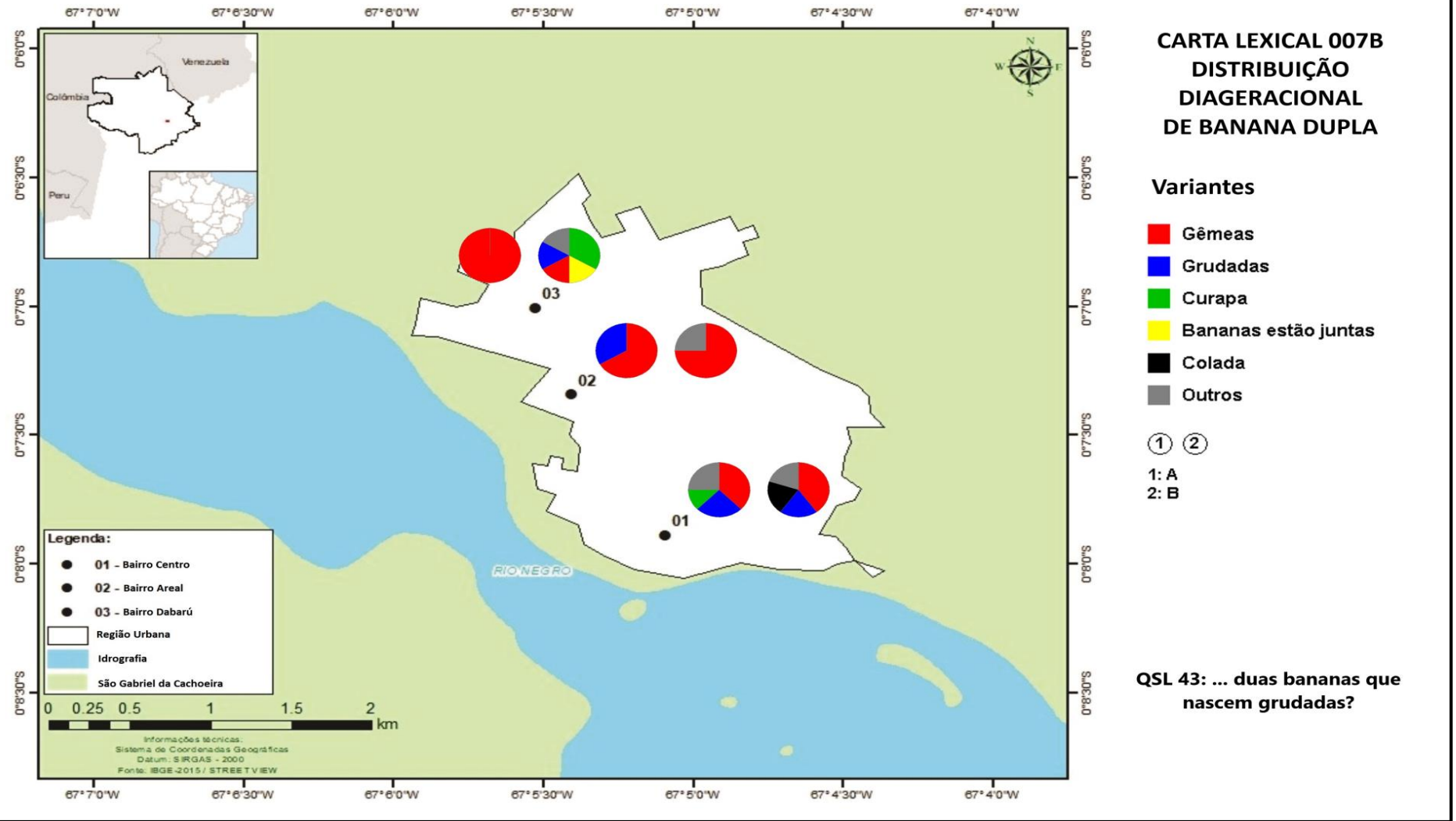
- Gêmeas
- Grudadas
- Curapa
- Colada
- Bananas estão juntas
- Outros

QSL 43: ... duas bananas que nascem grudadas?

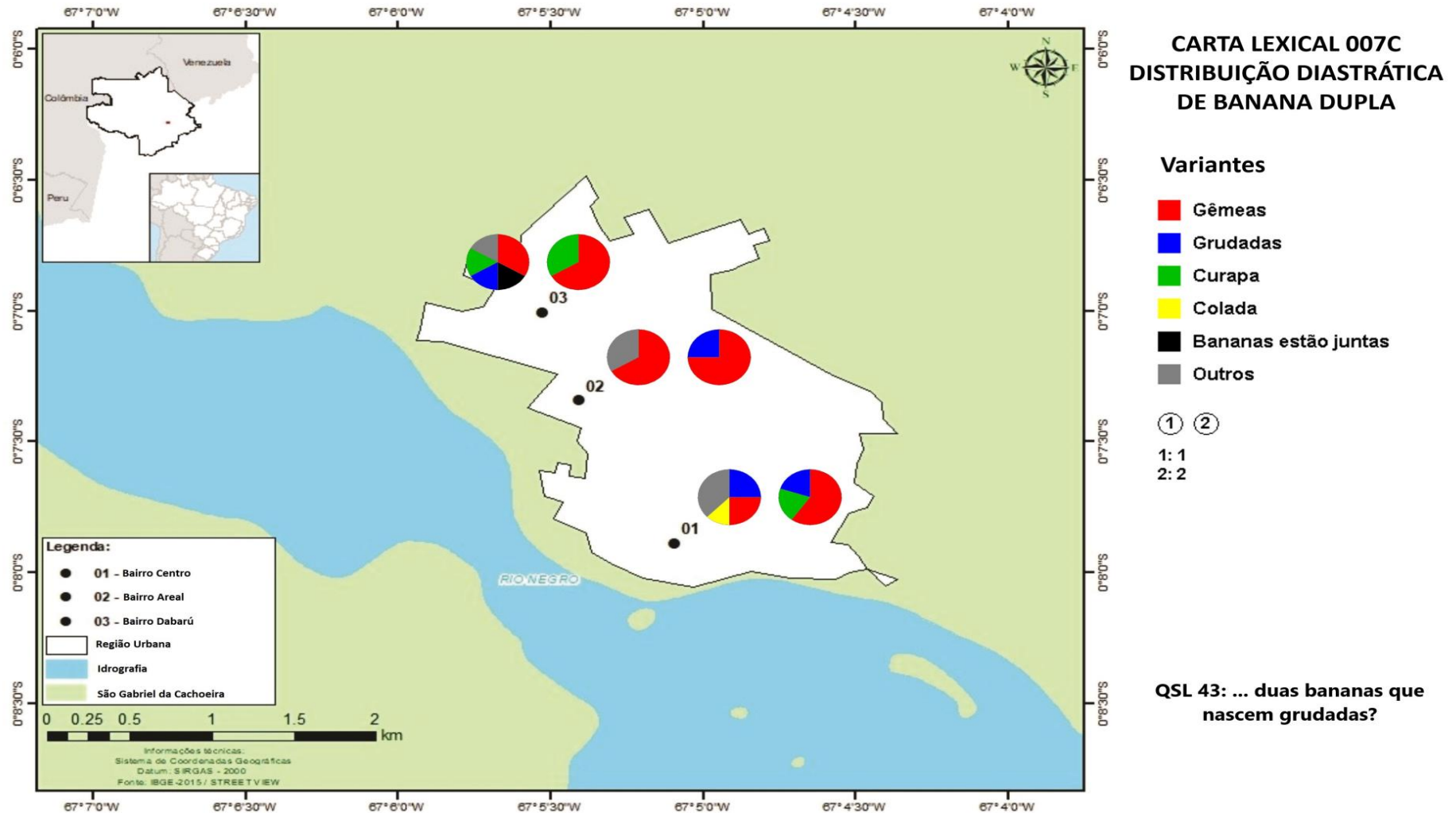
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



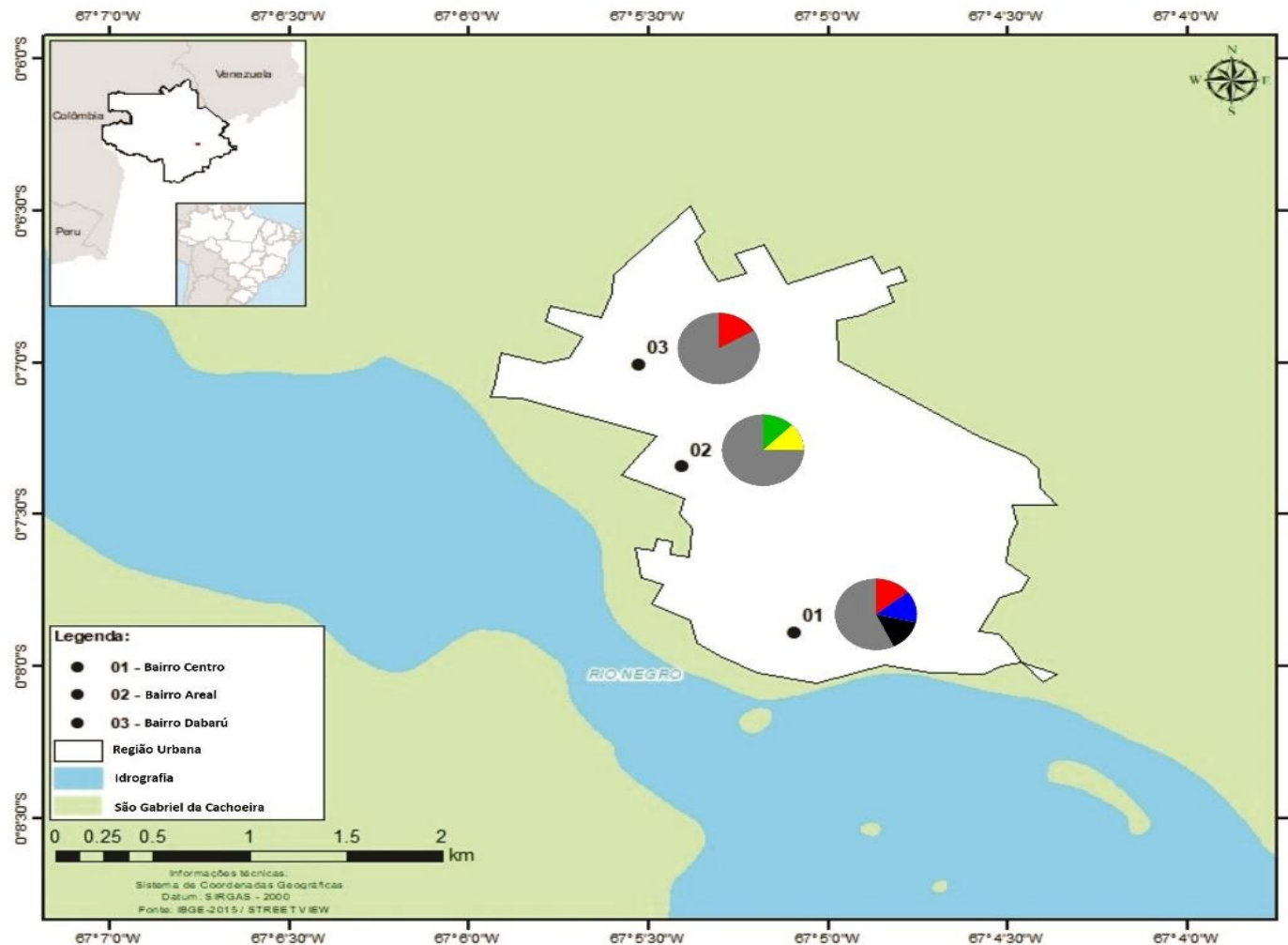
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



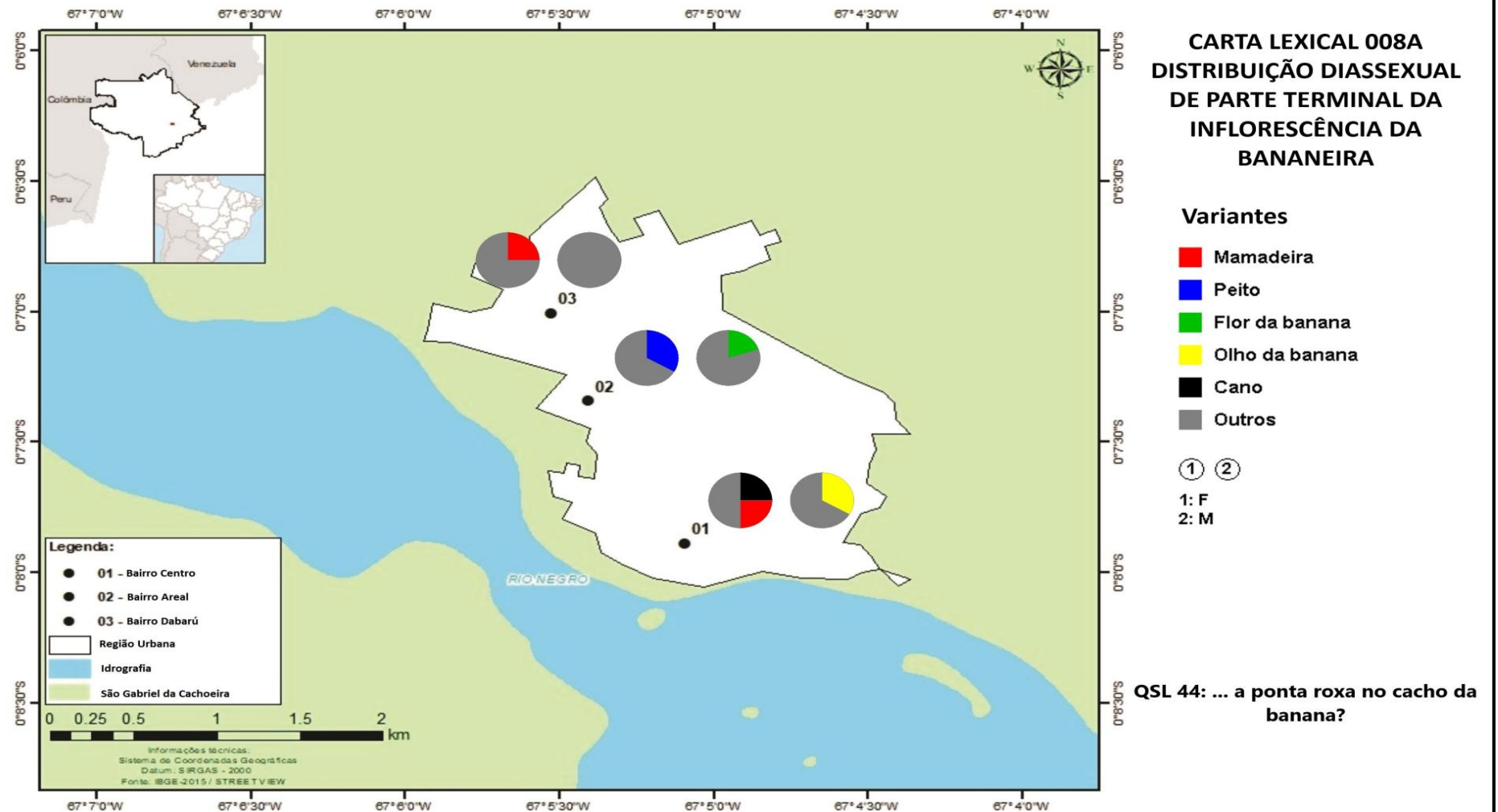
CARTA LEXICAL 008 DENOMINAÇÕES PARA PARTE TERMINAL DA INFLORESCÊNCIA DA BANANEIRA

Variantes

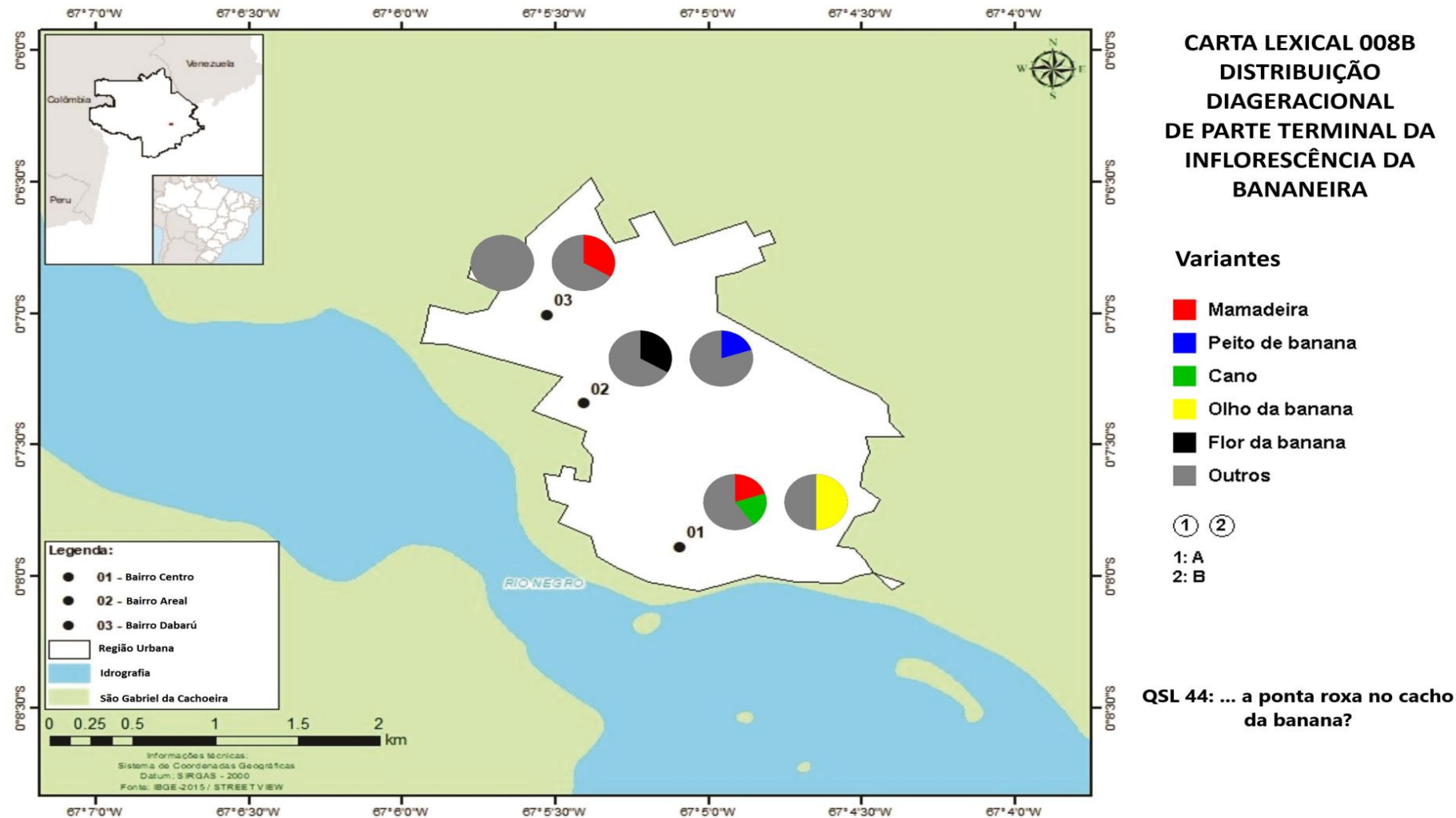
- Mamadeira
- Olho da banana
- Flor da banana
- Peito
- Cano
- Outros

QSL 44: ... a ponta roxa no cacho da banana?

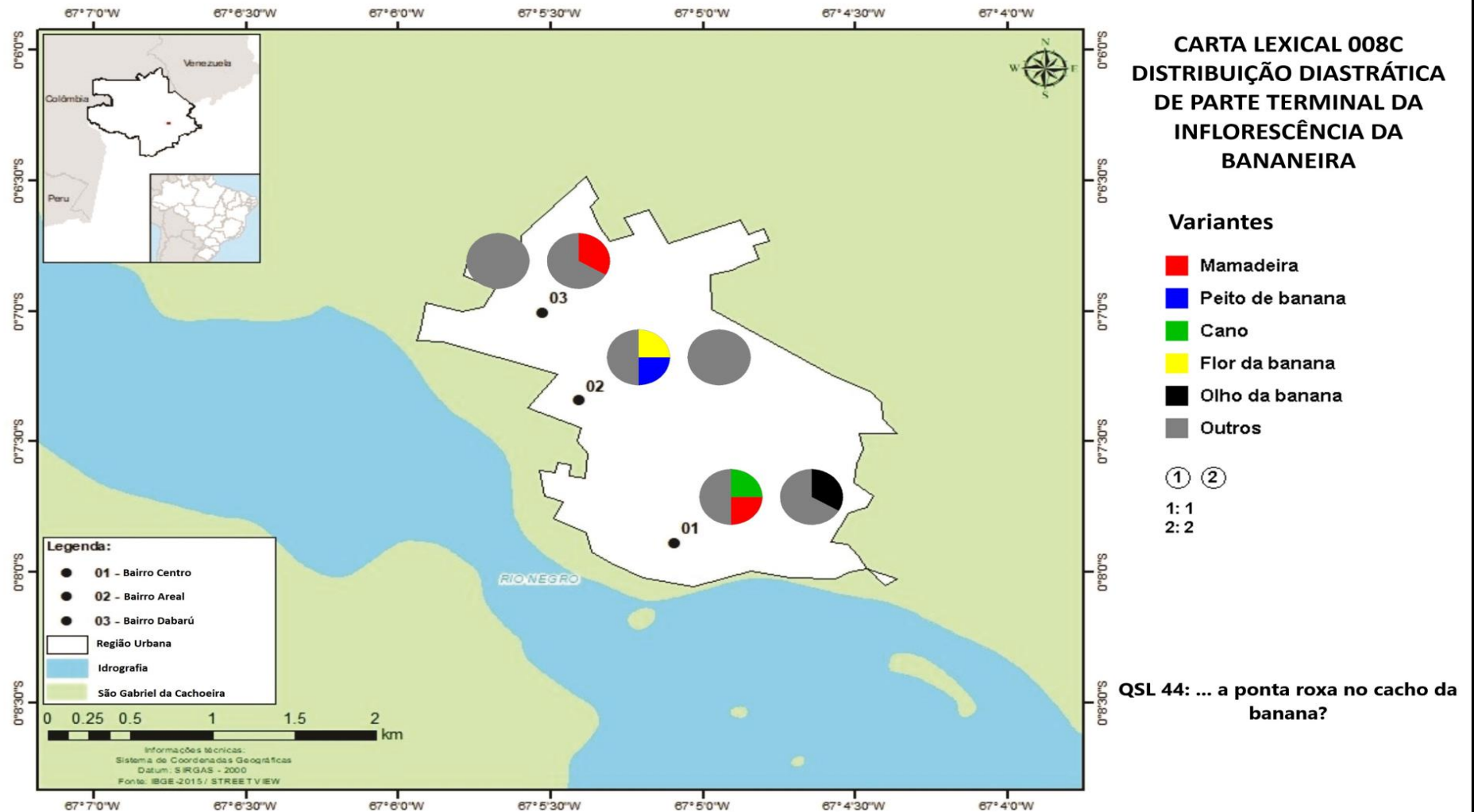
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



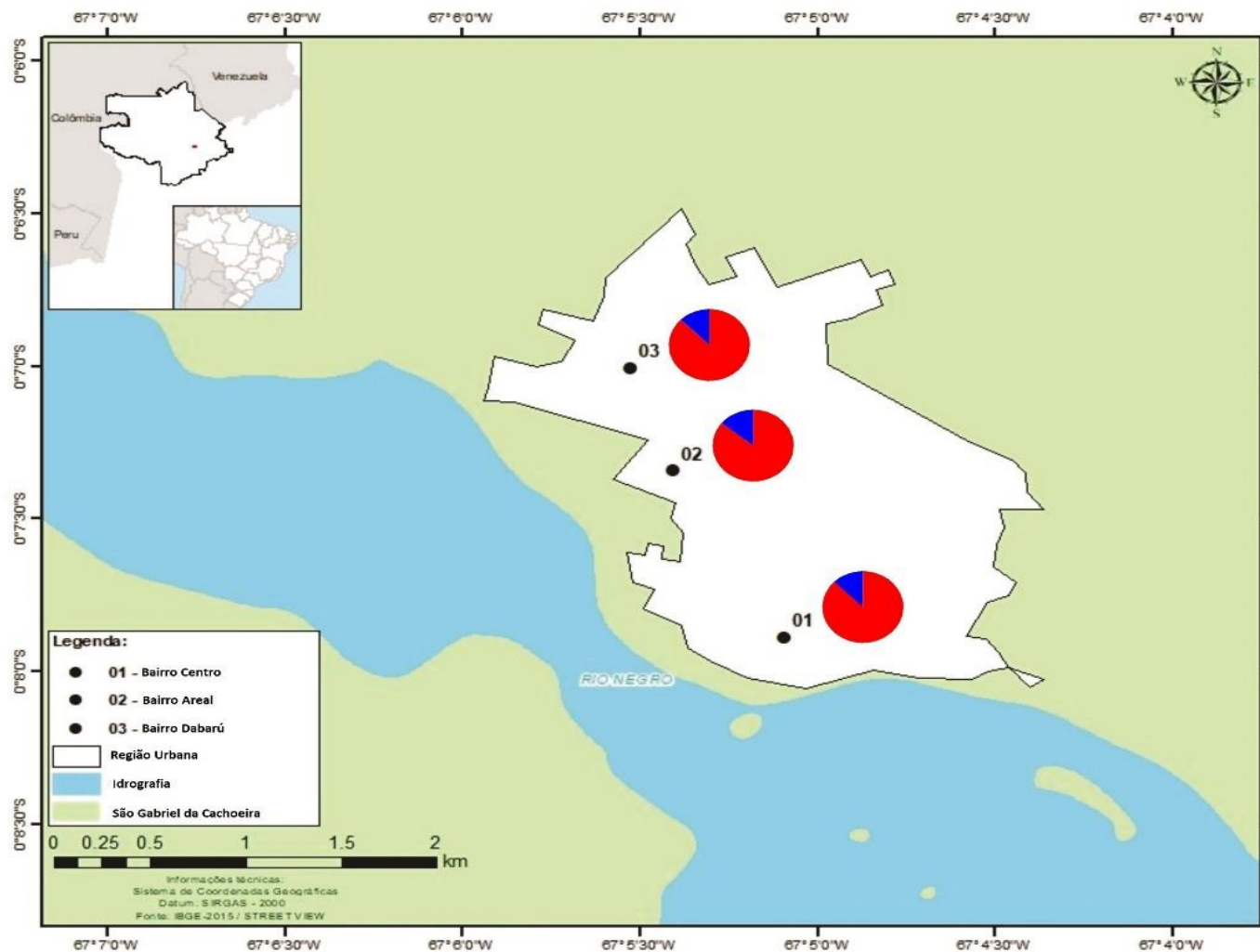
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



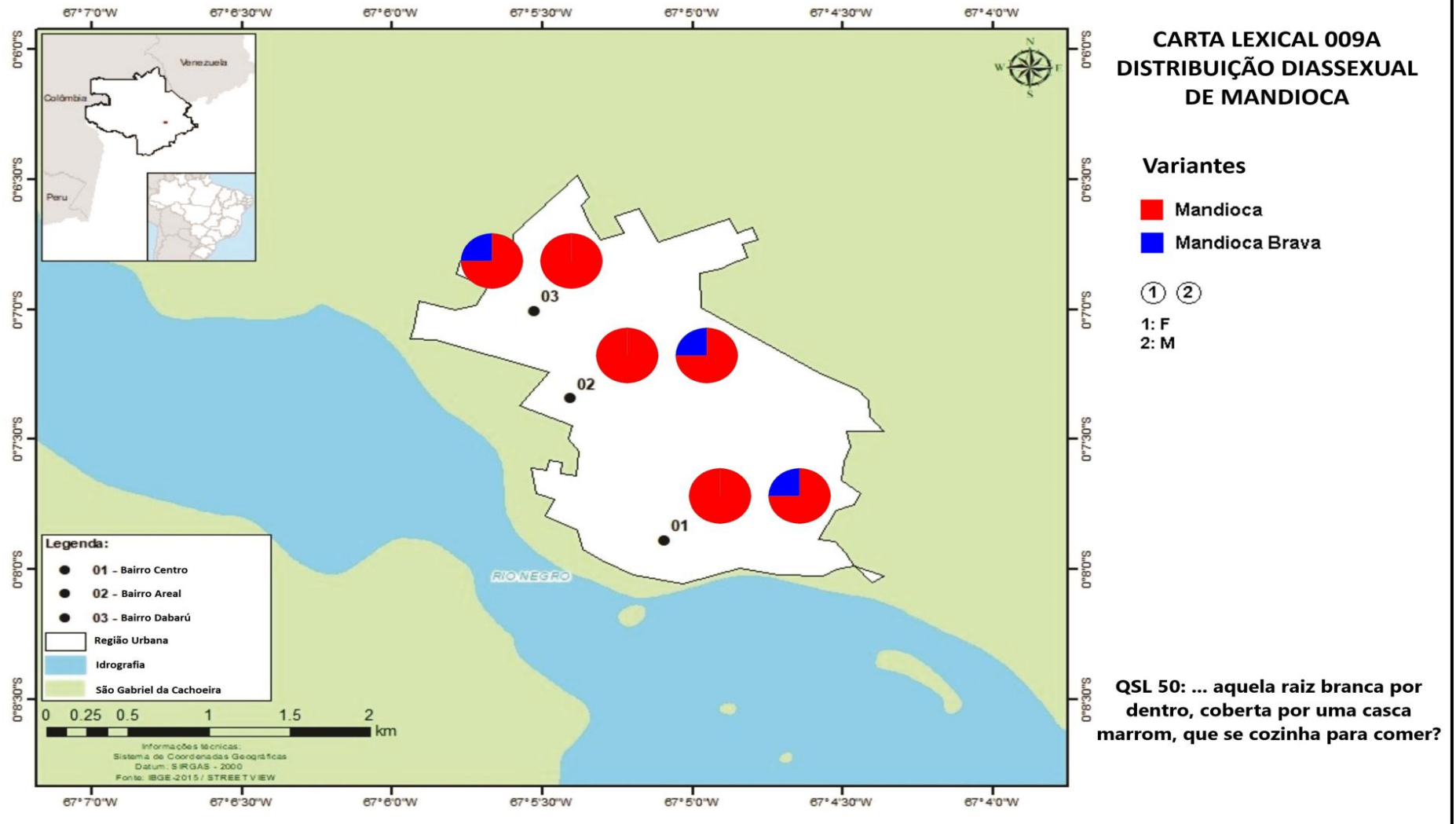
CARTA LEXICAL 009 DENOMINAÇÕES PARA MANDIOCA

Variantes

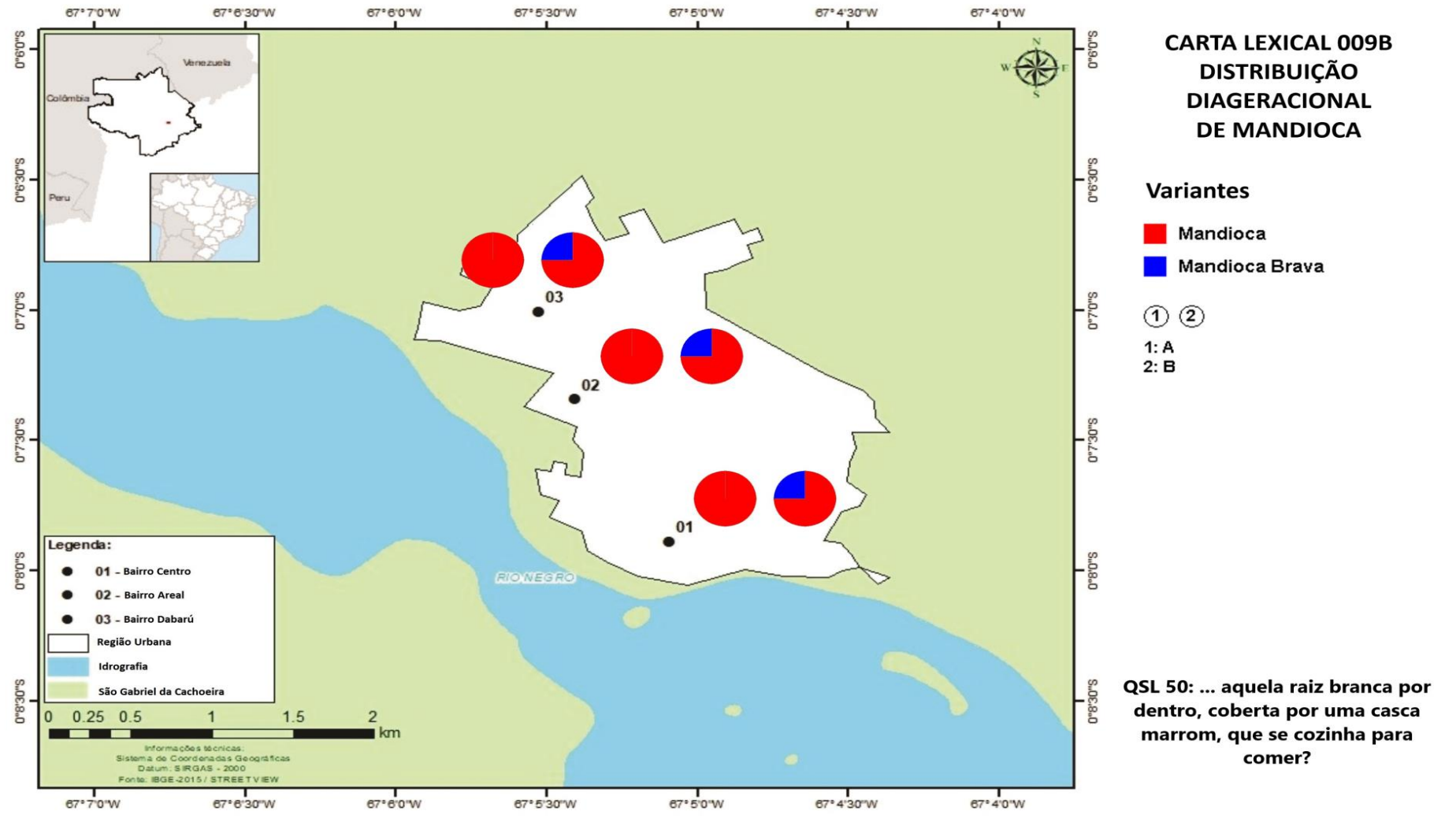
- Mandioca
- Mandioca Brava

QSL 50: ... aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer?

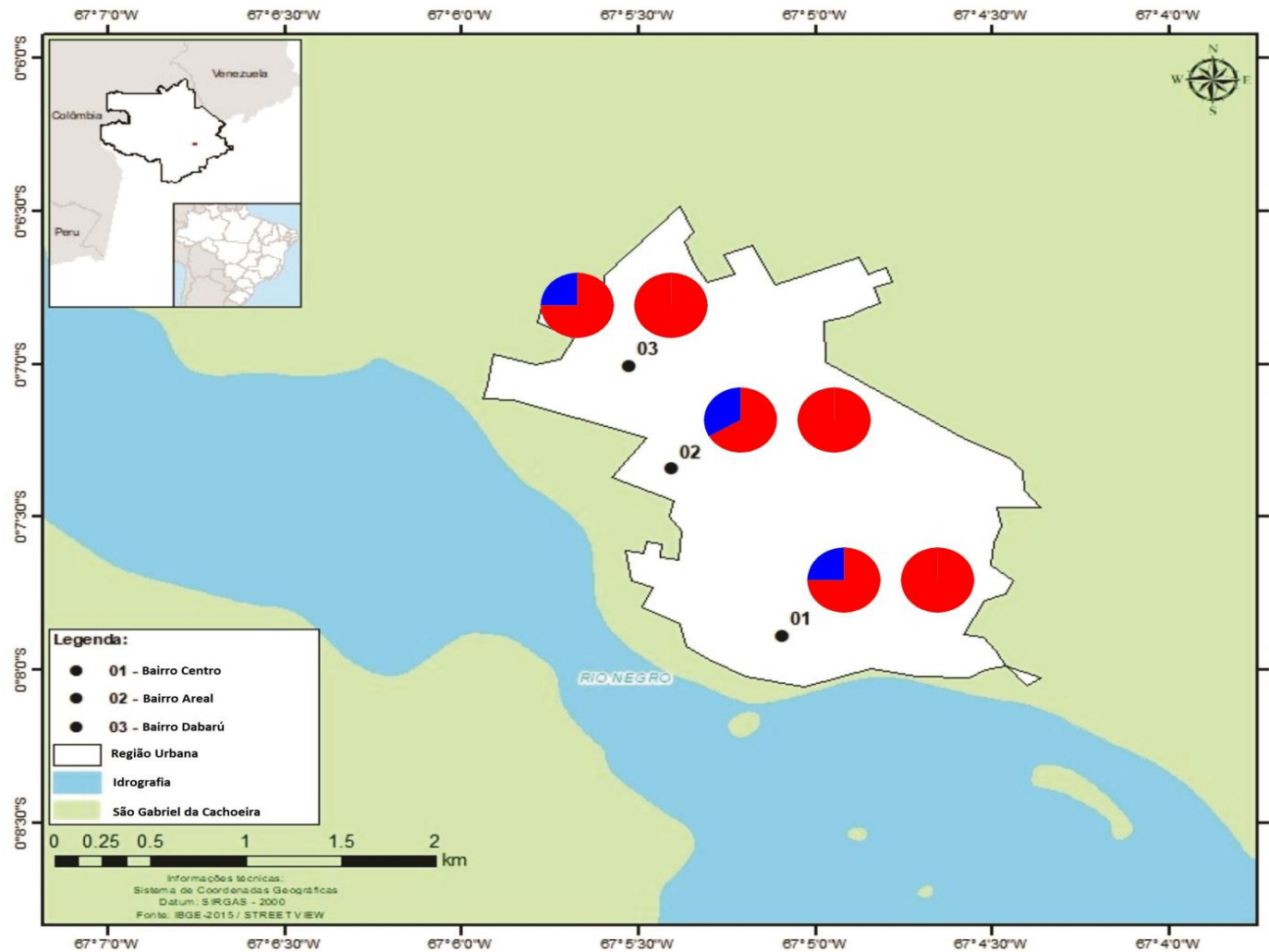
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



CARTA LEXICAL 009C DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA DE MANDIOCA

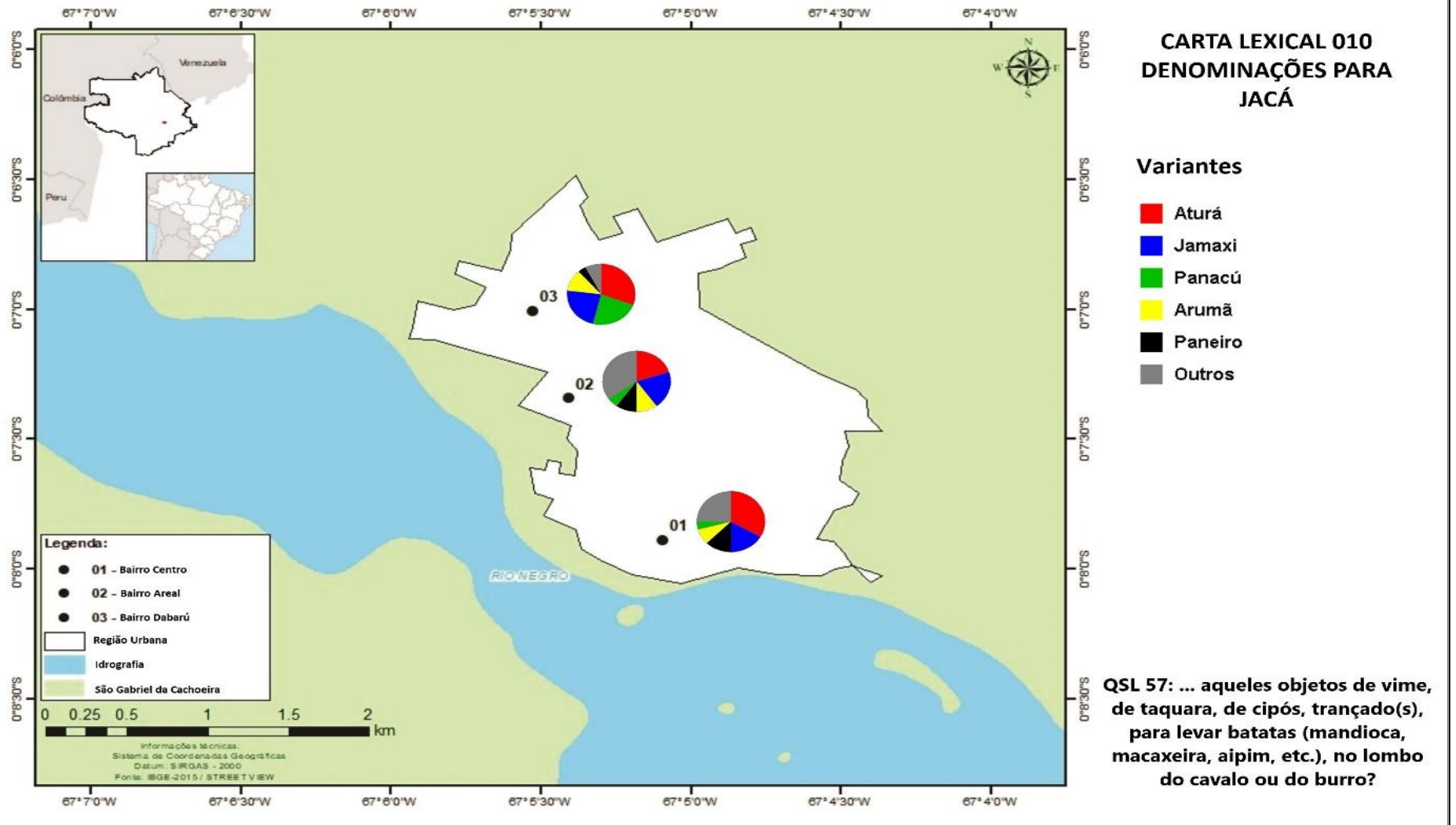
Variantes

- Mandioca
- Mandioca Brava

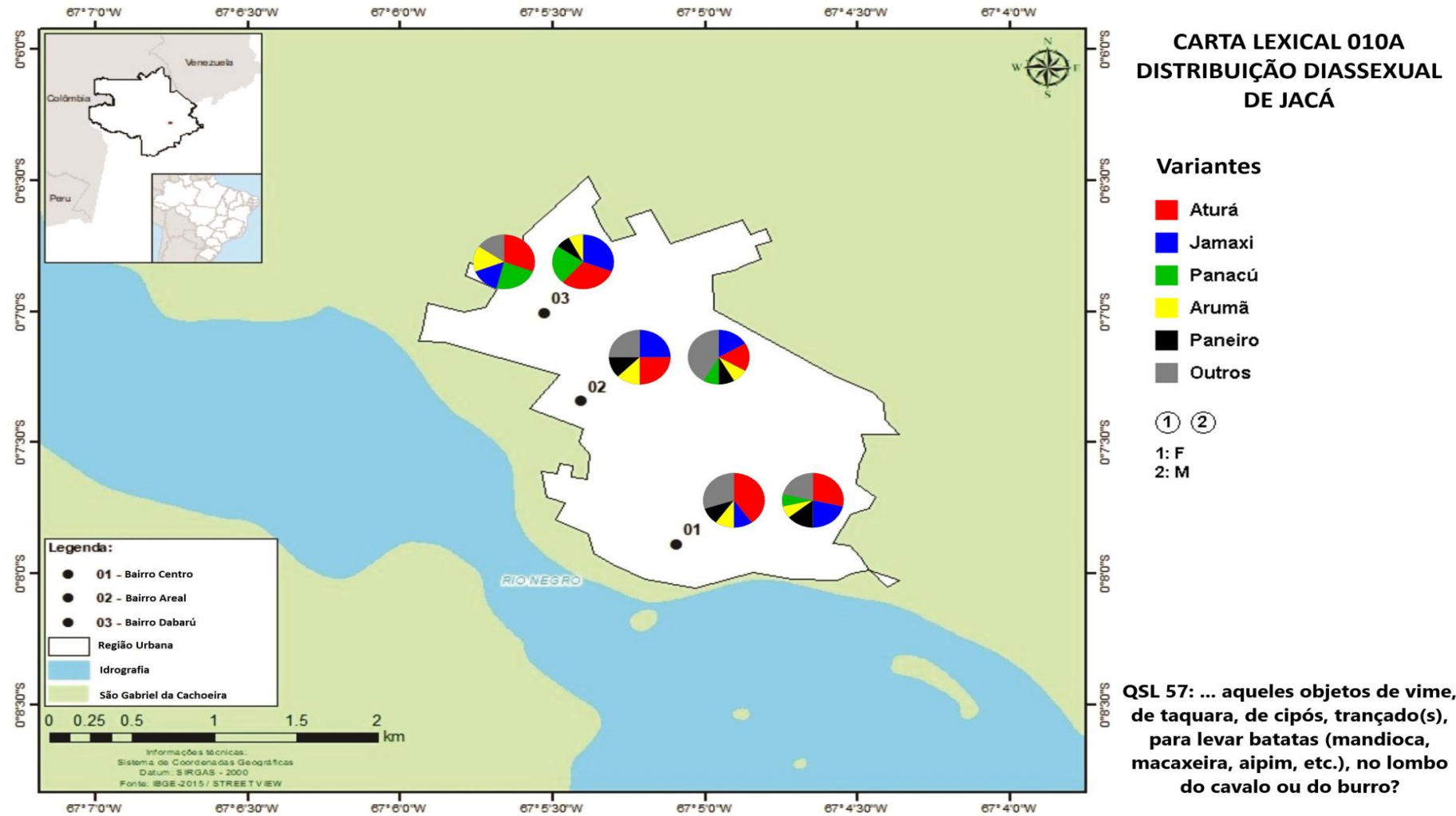
- ① ②
 1: 1
 2: 2

QSL 50: ... aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer?

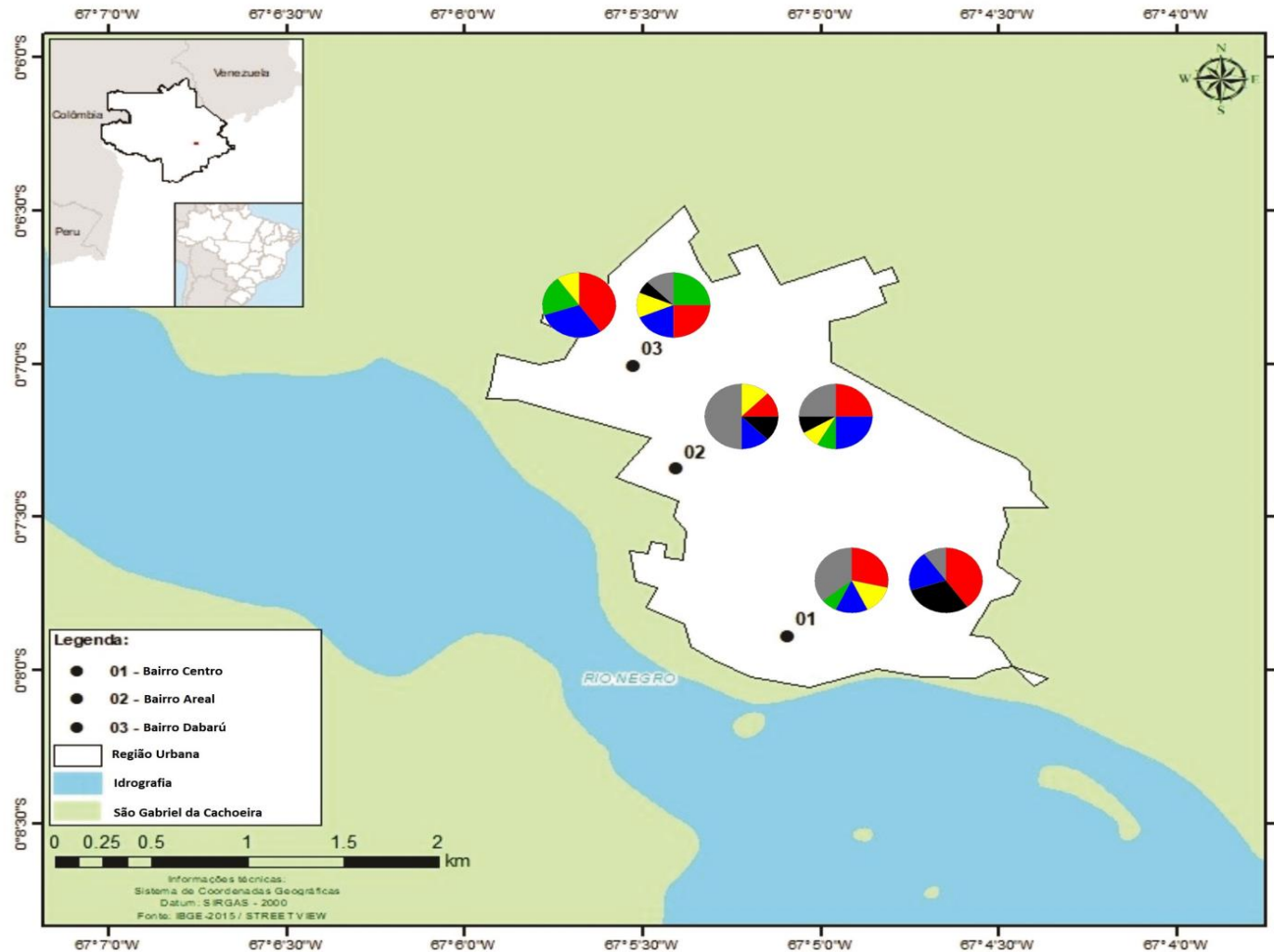
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



CARTA LEXICAL 010B DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL DE JACÁ

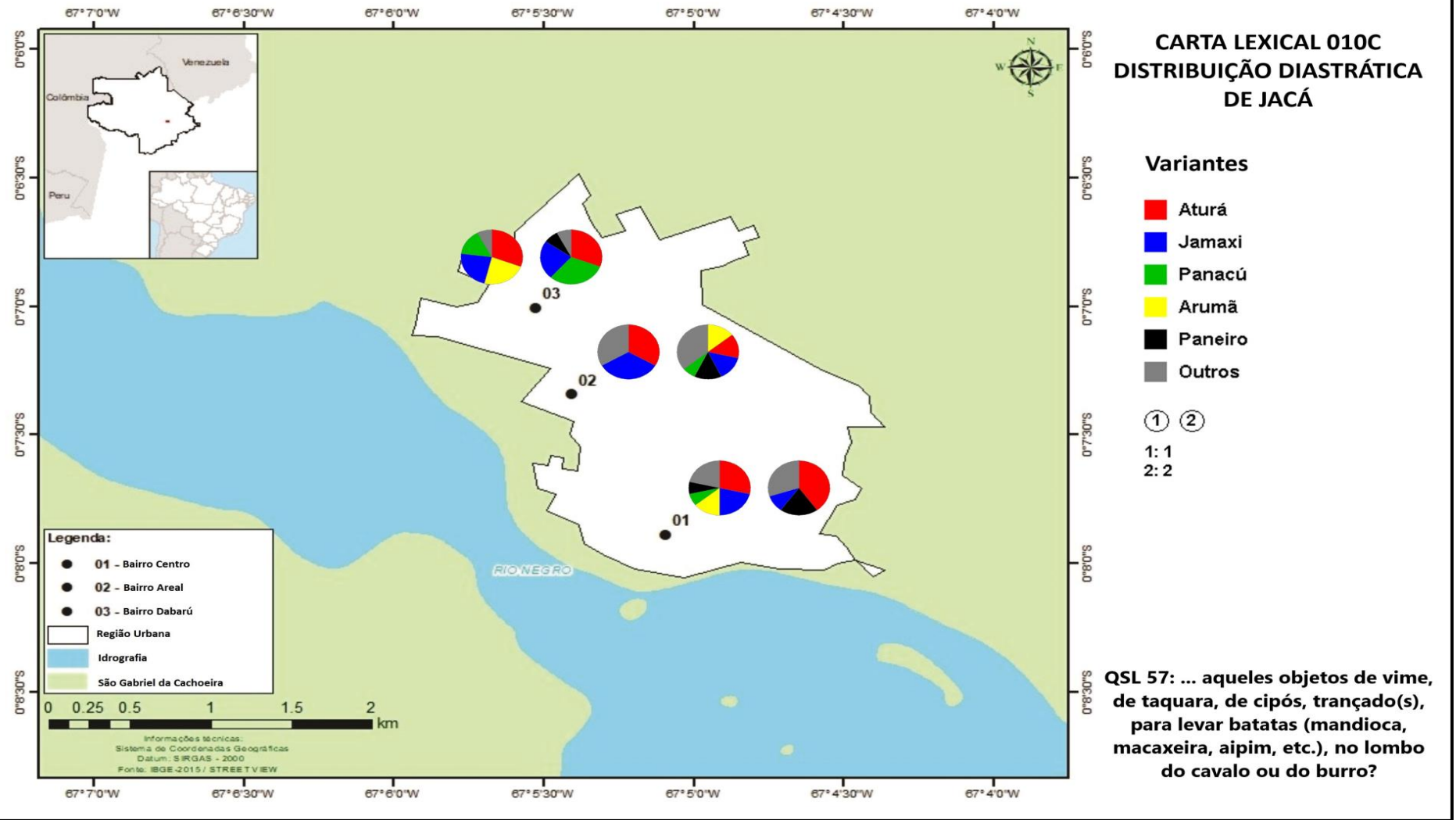
Variantes

- Aturá
- Jamaxi
- Panacú
- Arumã
- Paneiro
- Outros

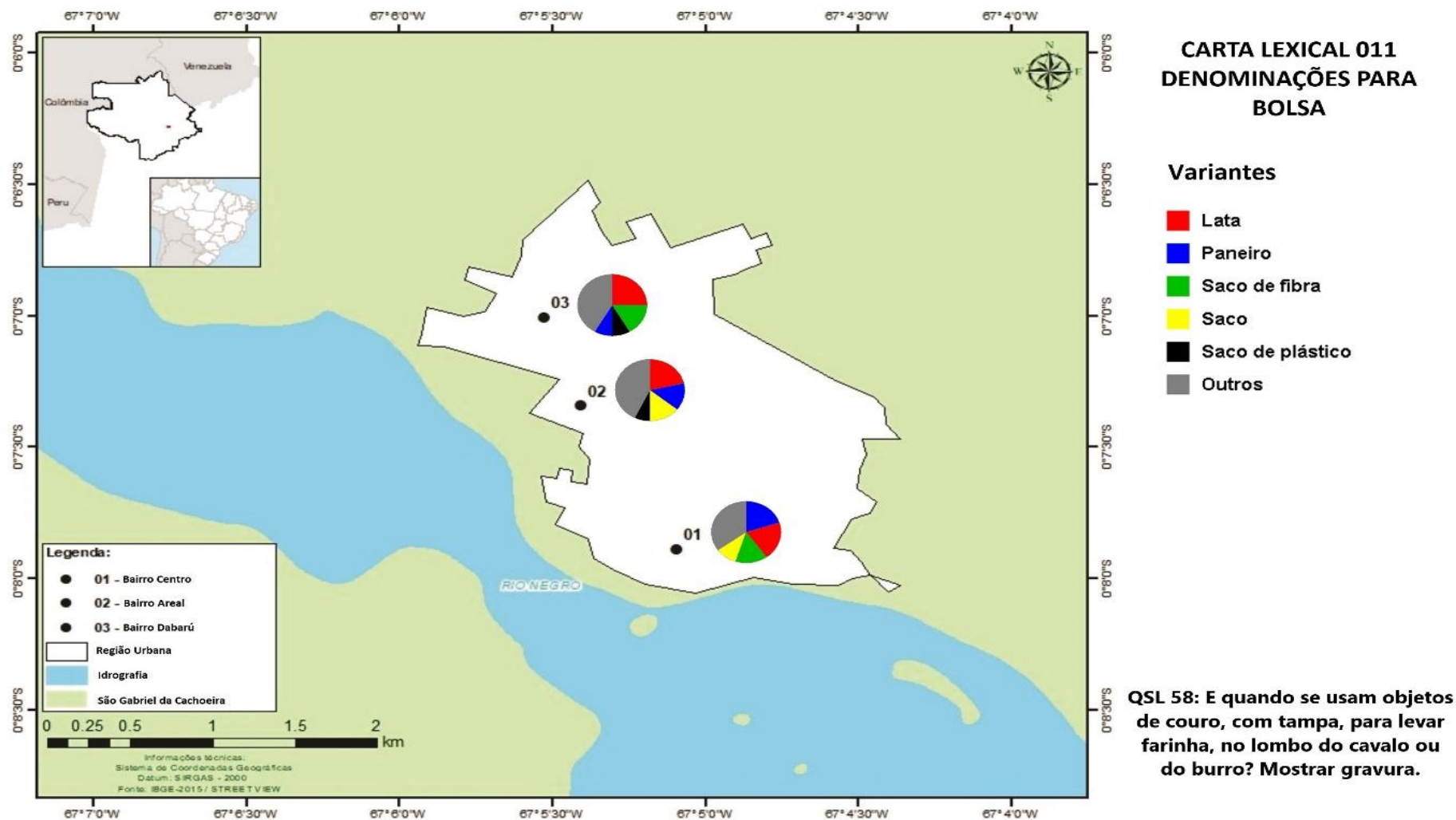
- ① ②
 1: A
 2: B

QSL 57: ... aqueles objetos de vime, de taquara, de cipós, trançado(s), para levar batatas (mandioca, macaxeira, aipim, etc.), no lombo do cavalo ou do burro?

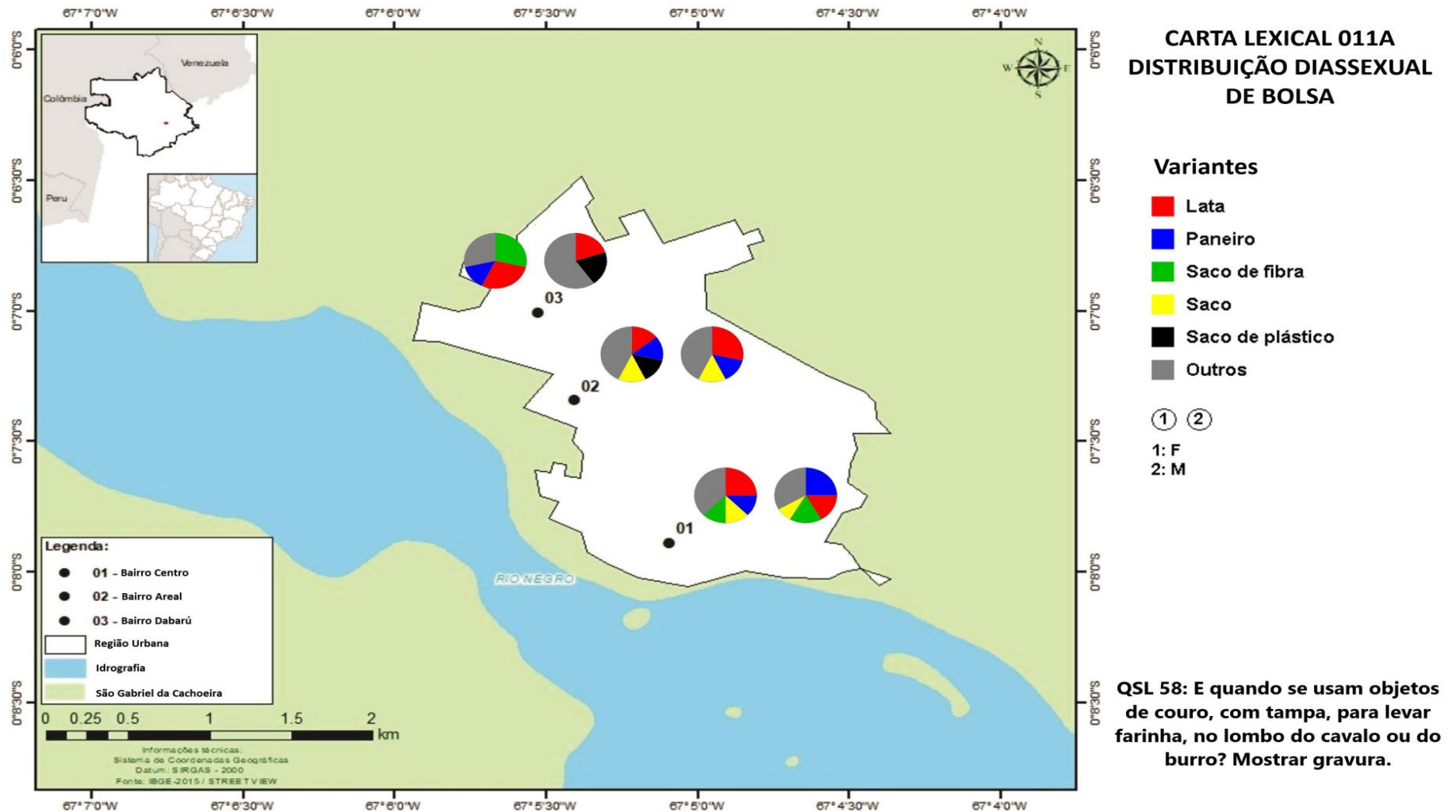
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



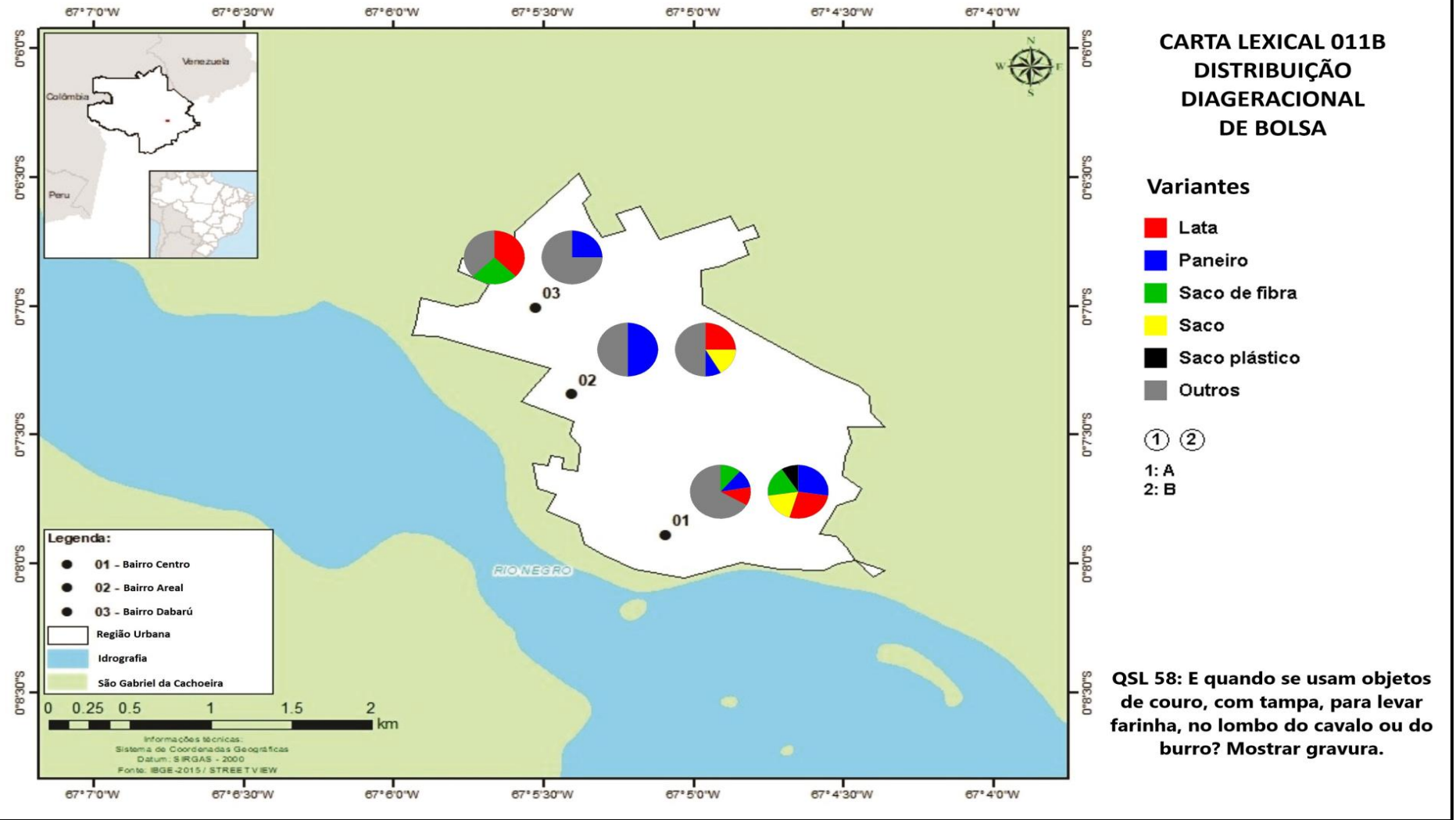
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



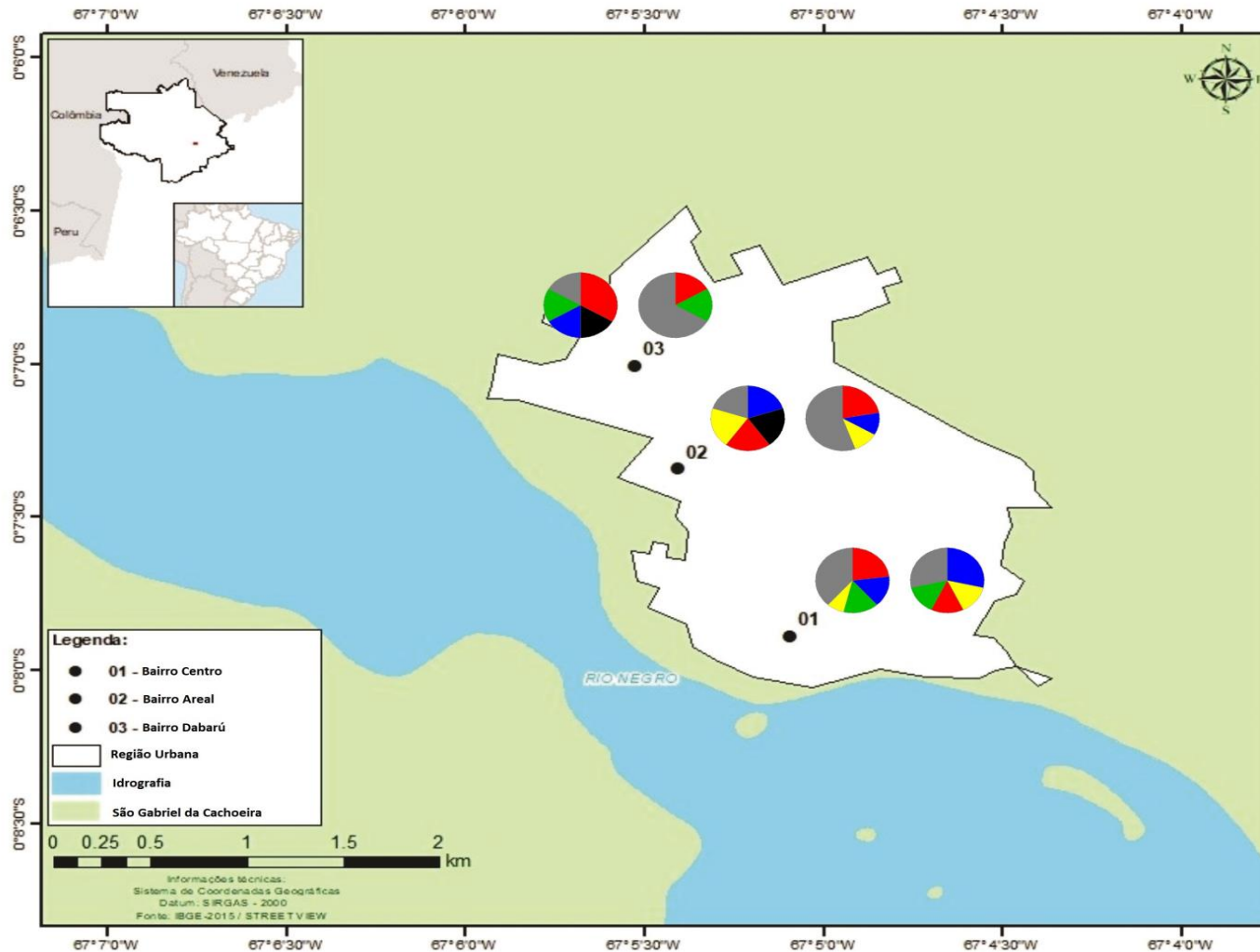
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



CARTA LEXICAL 011C DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA DE BOLSA

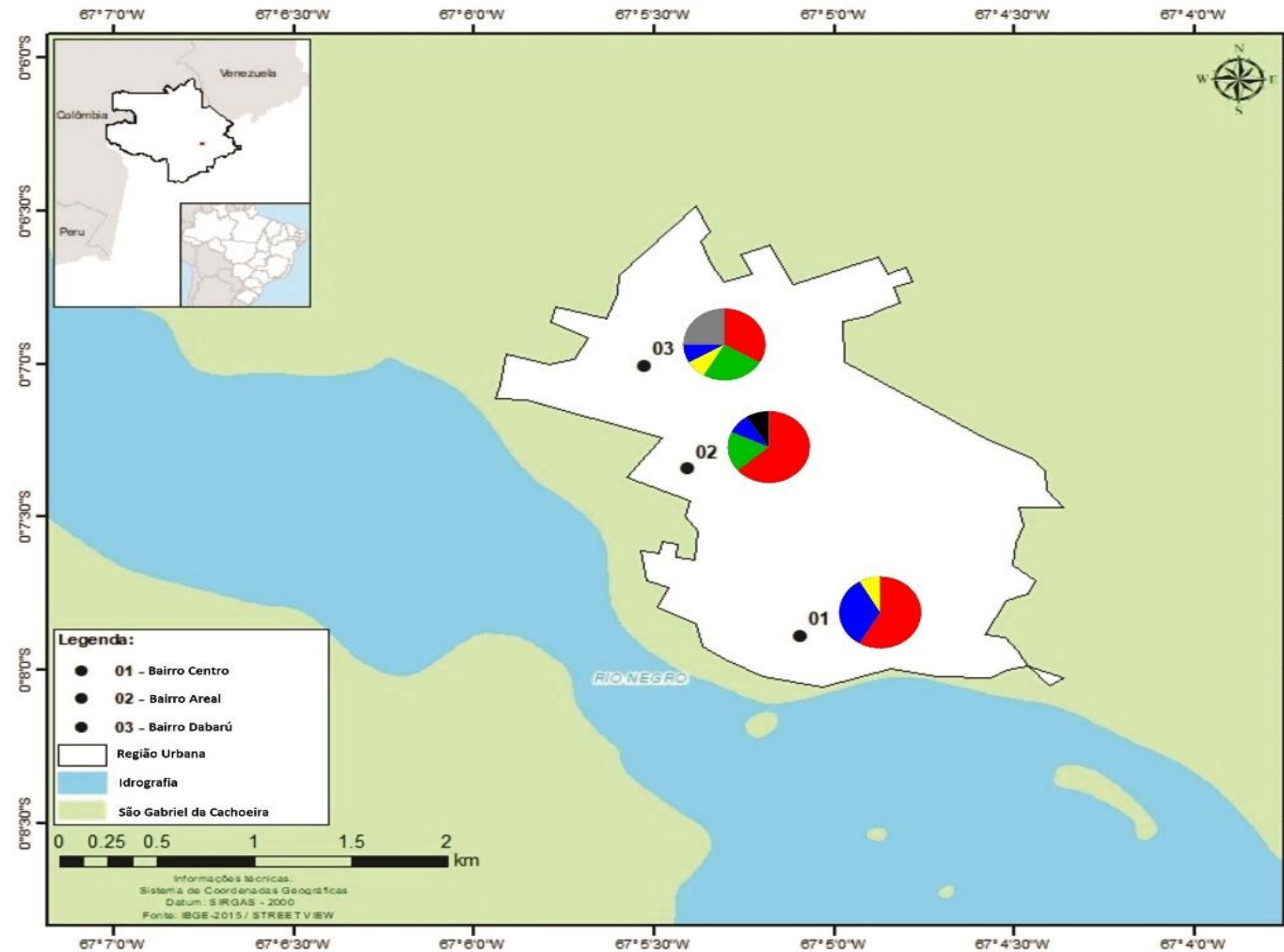
Variantes

- Lata
- Paneiro
- Saco de fibra
- Saco
- Saco de plástico
- Outros

- ① ②
 1: 1
 2: 2

QSL 58: E quando se usam objetos de couro, com tampa, para levar farinha, no lombo do cavalo ou do burro? Mostrar gravura.

MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



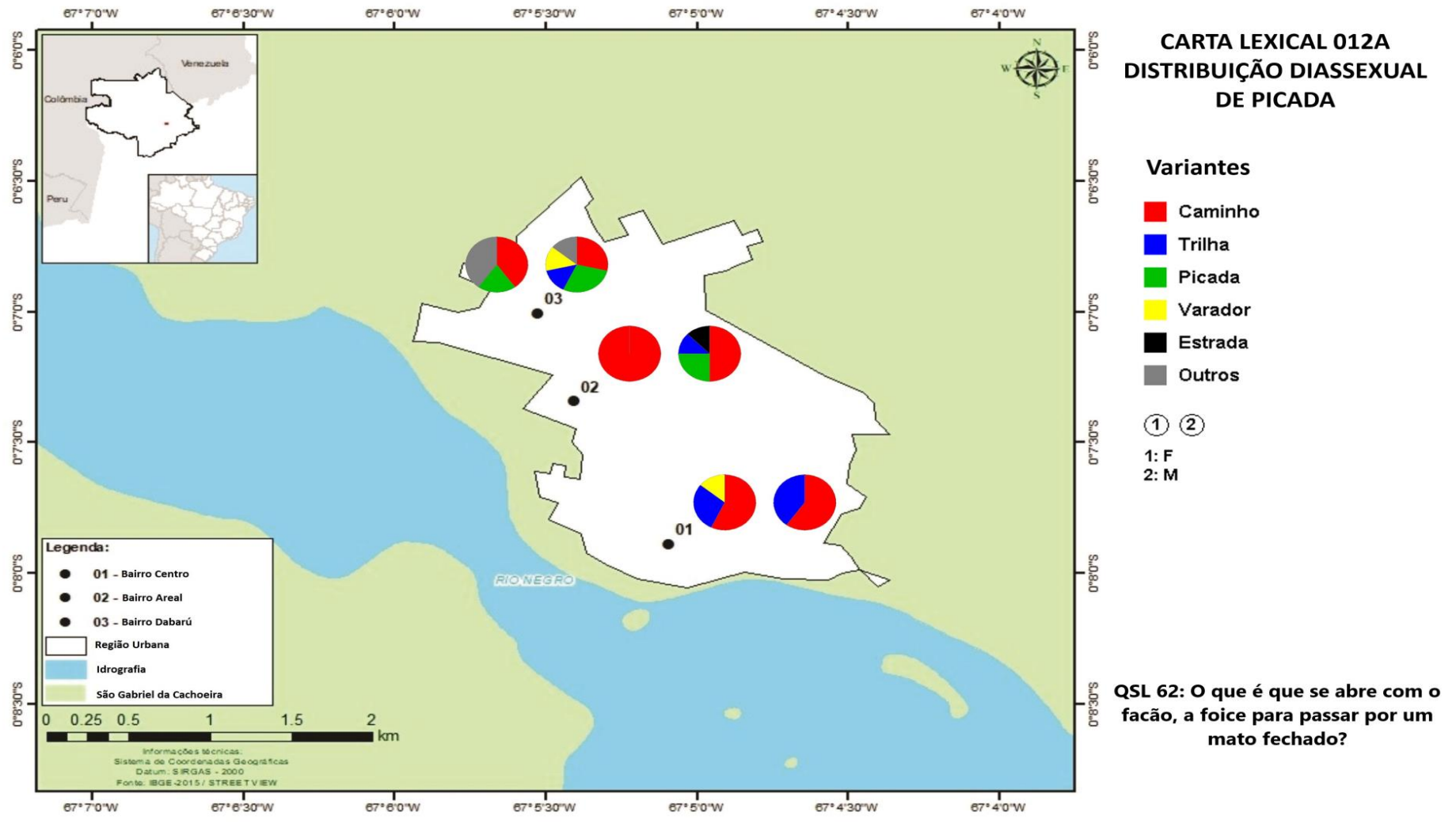
CARTA LEXICAL 012 DENOMINAÇÕES PARA PICADA

Variantes

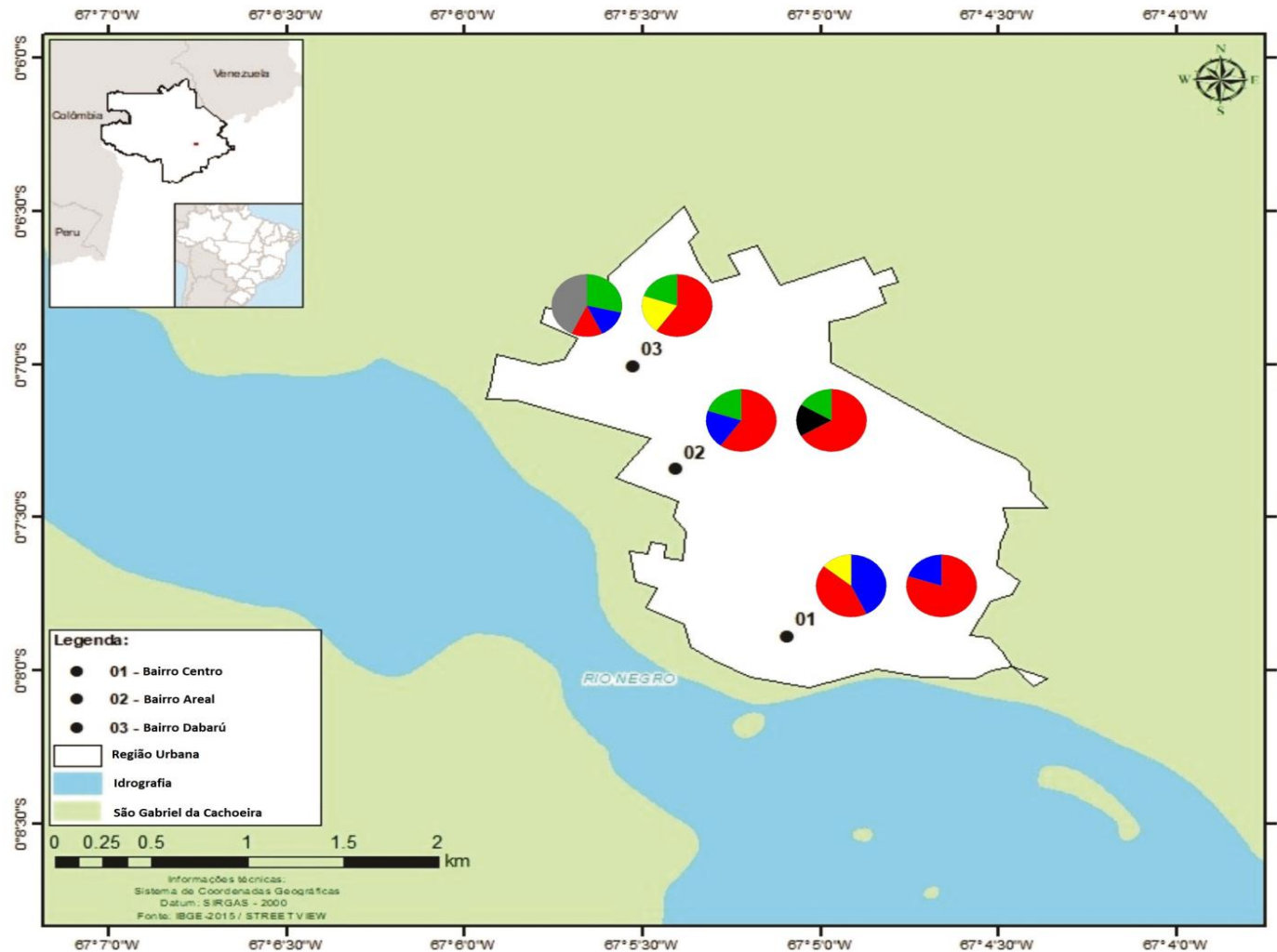
- Caminho
- Trilha
- Picada
- Varador
- Estrada
- Outros

QSL 62: O que é que se abre com o facão, a foice para passar por um mato fechado?

MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



CARTA LEXICAL 012B DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL DE PICADA

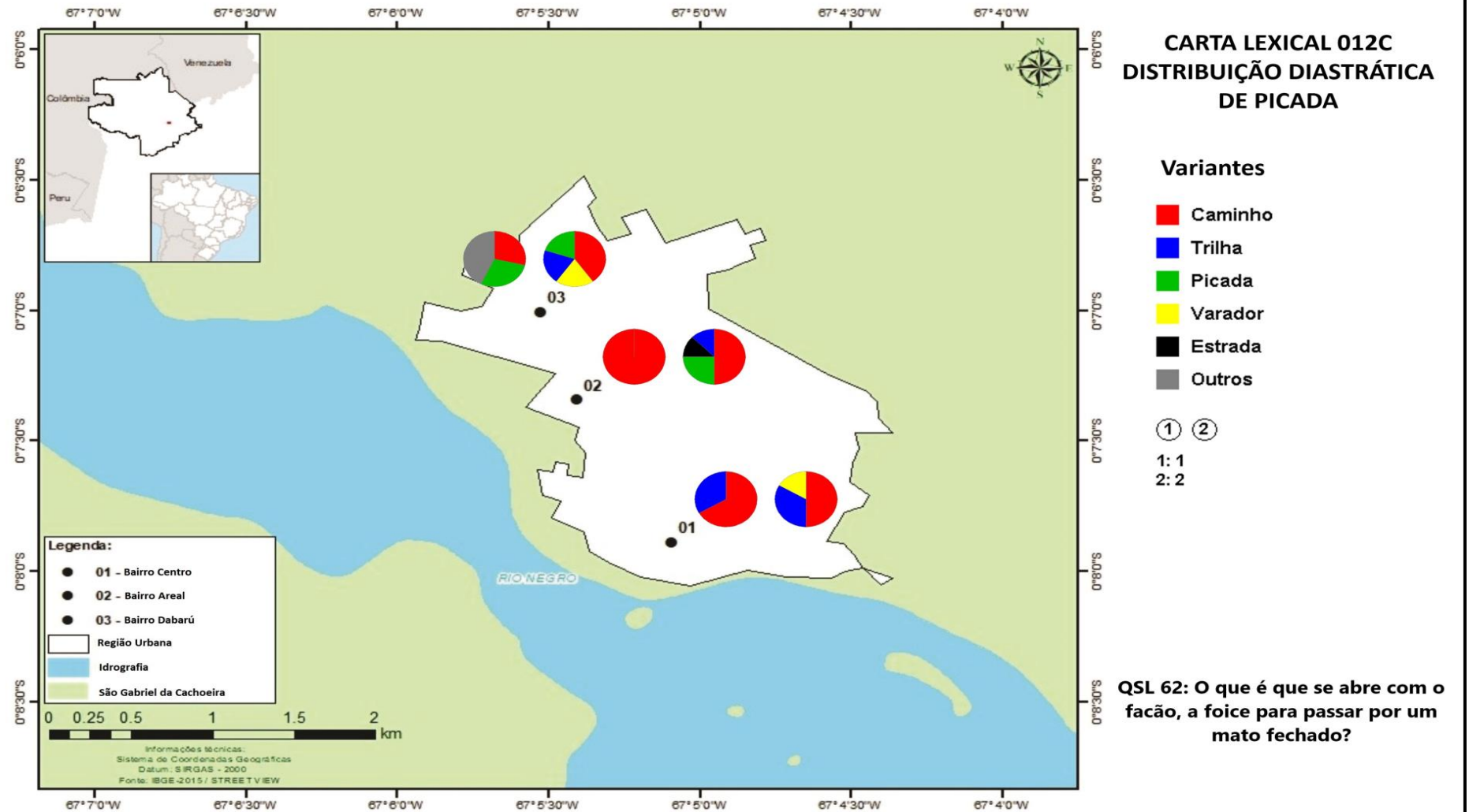
Variantes

- Caminho
- Trilha
- Picada
- Varador
- Estrada
- Outros

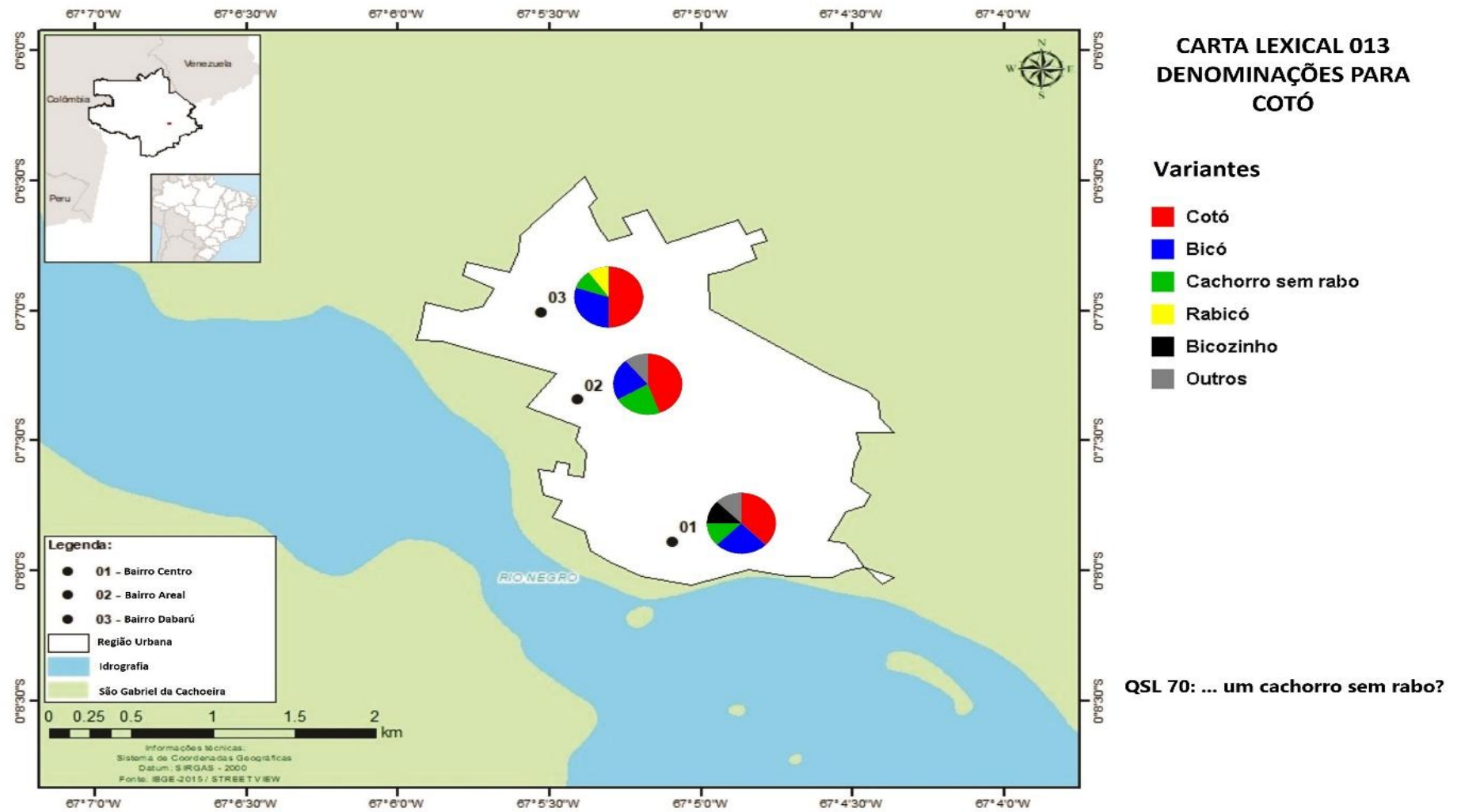
- ① ②
 1: A
 2: B

QSL 62: O que é que se abre com o facão, a foice para passar por um mato fechado?

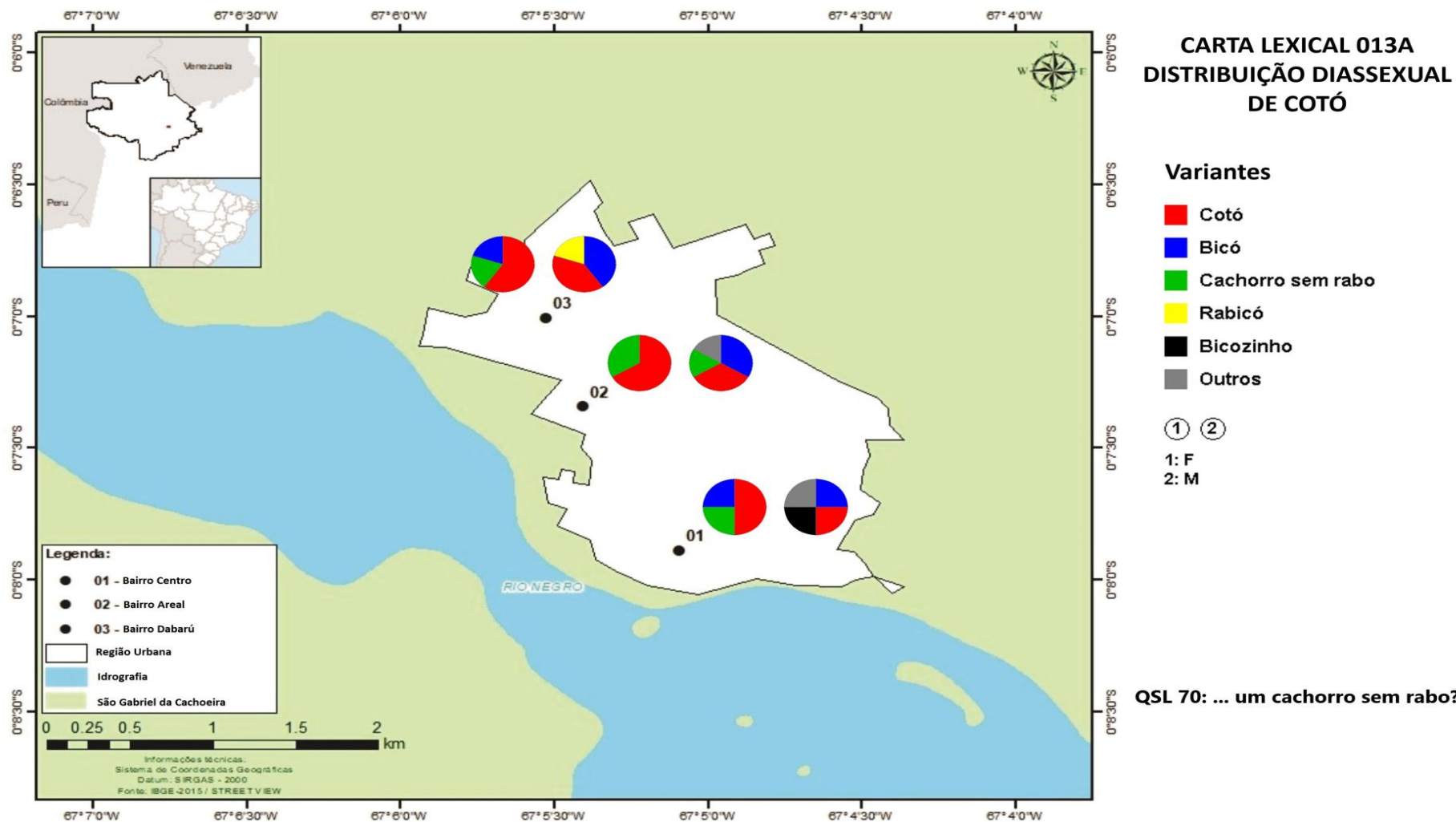
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



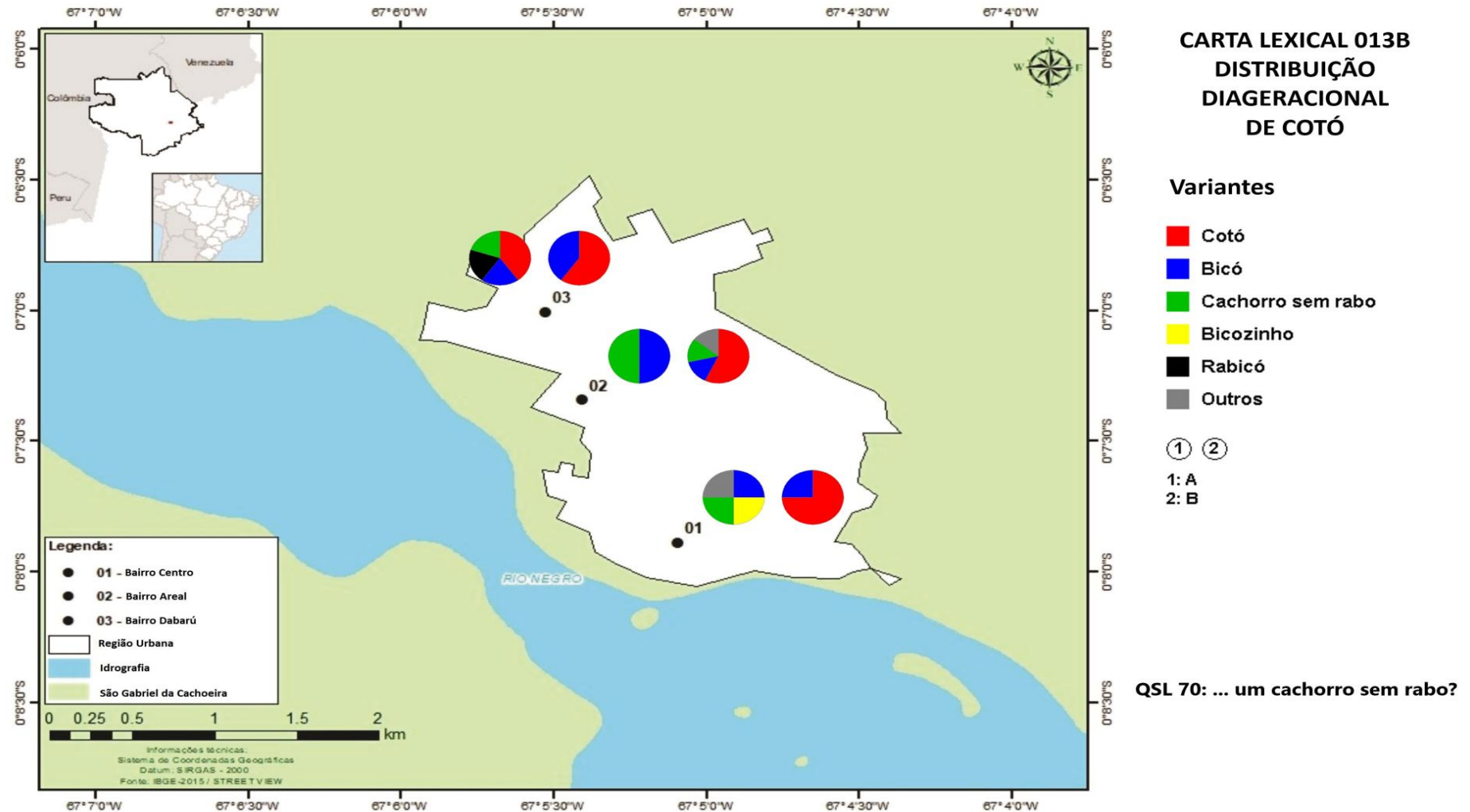
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



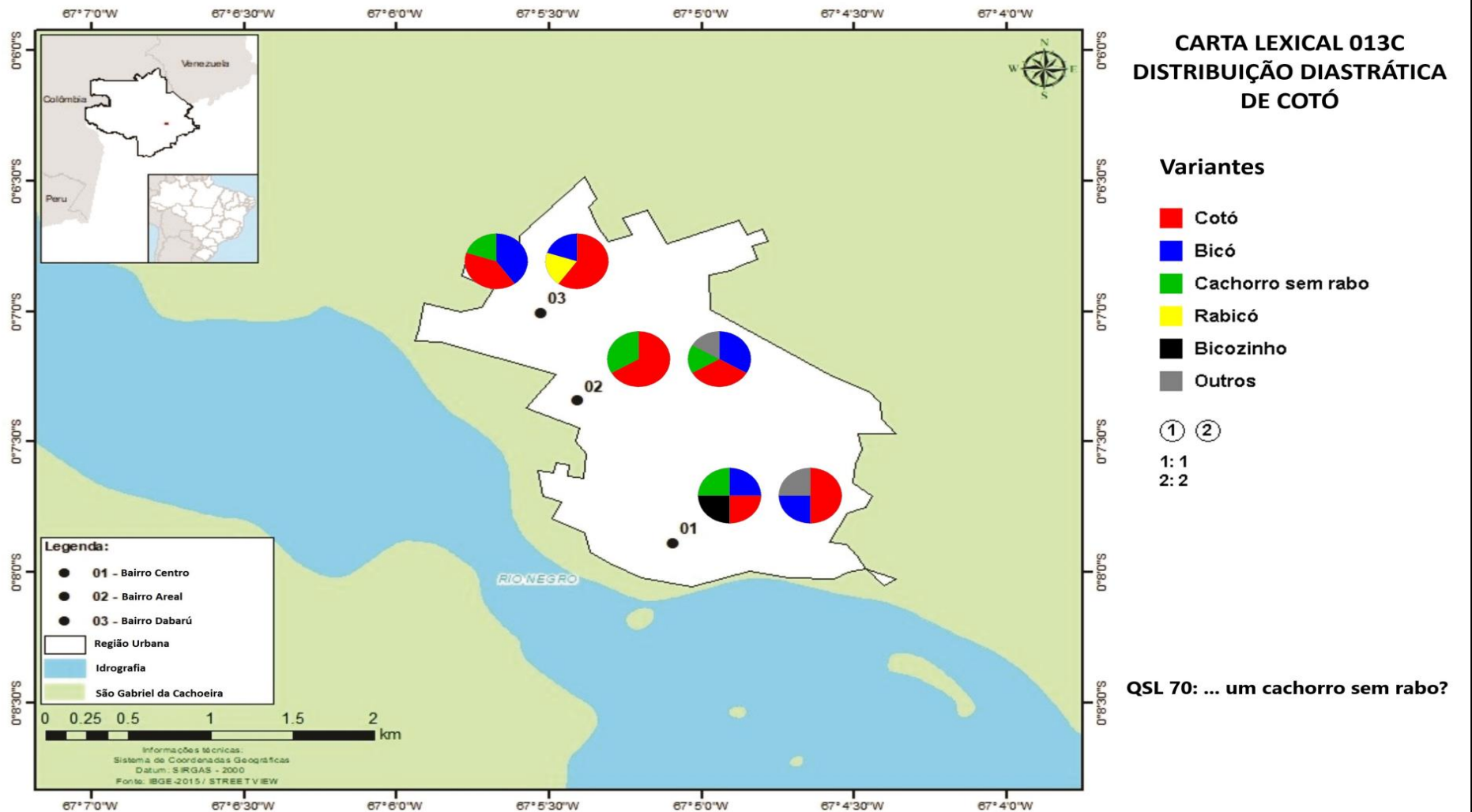
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



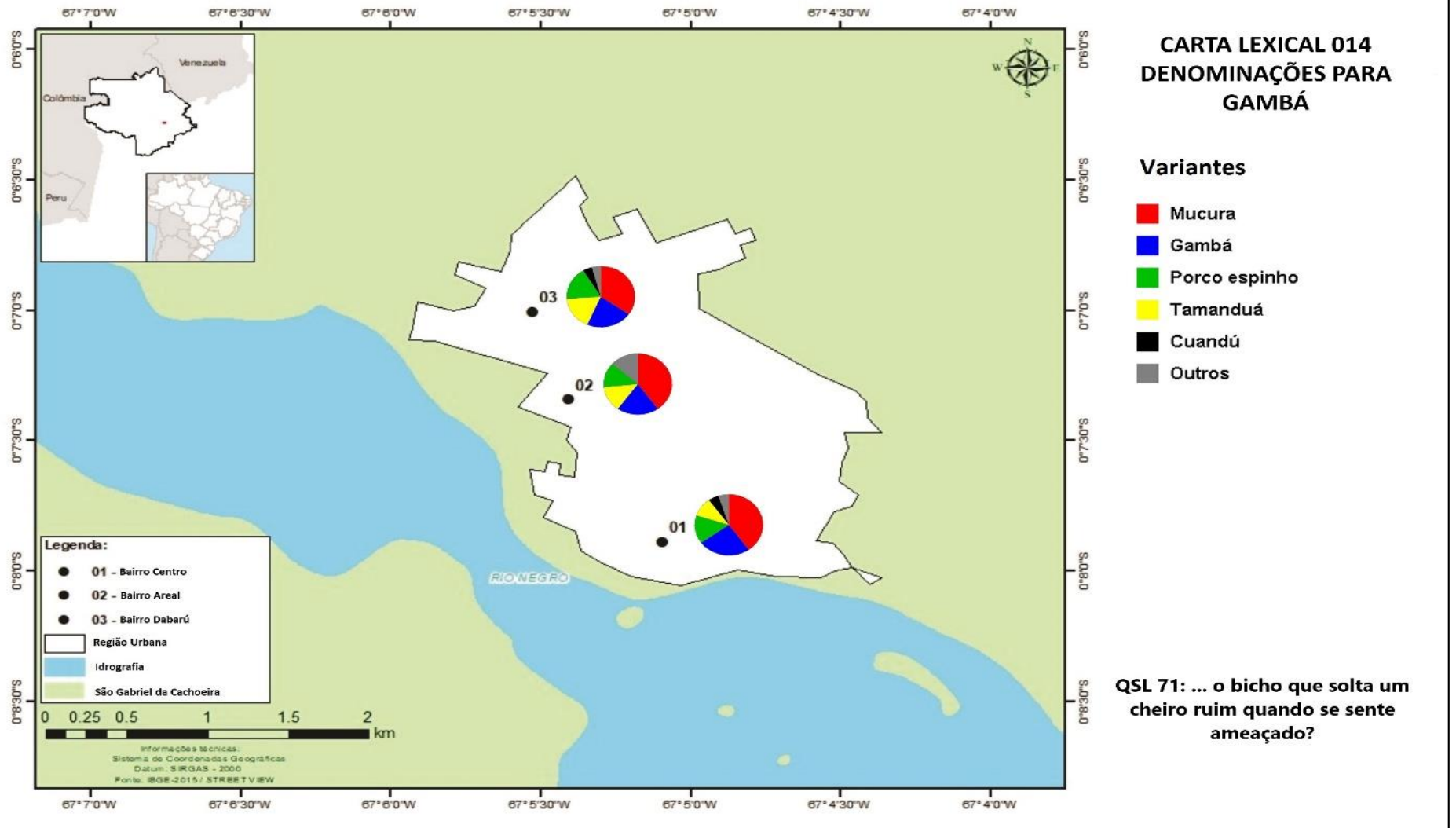
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



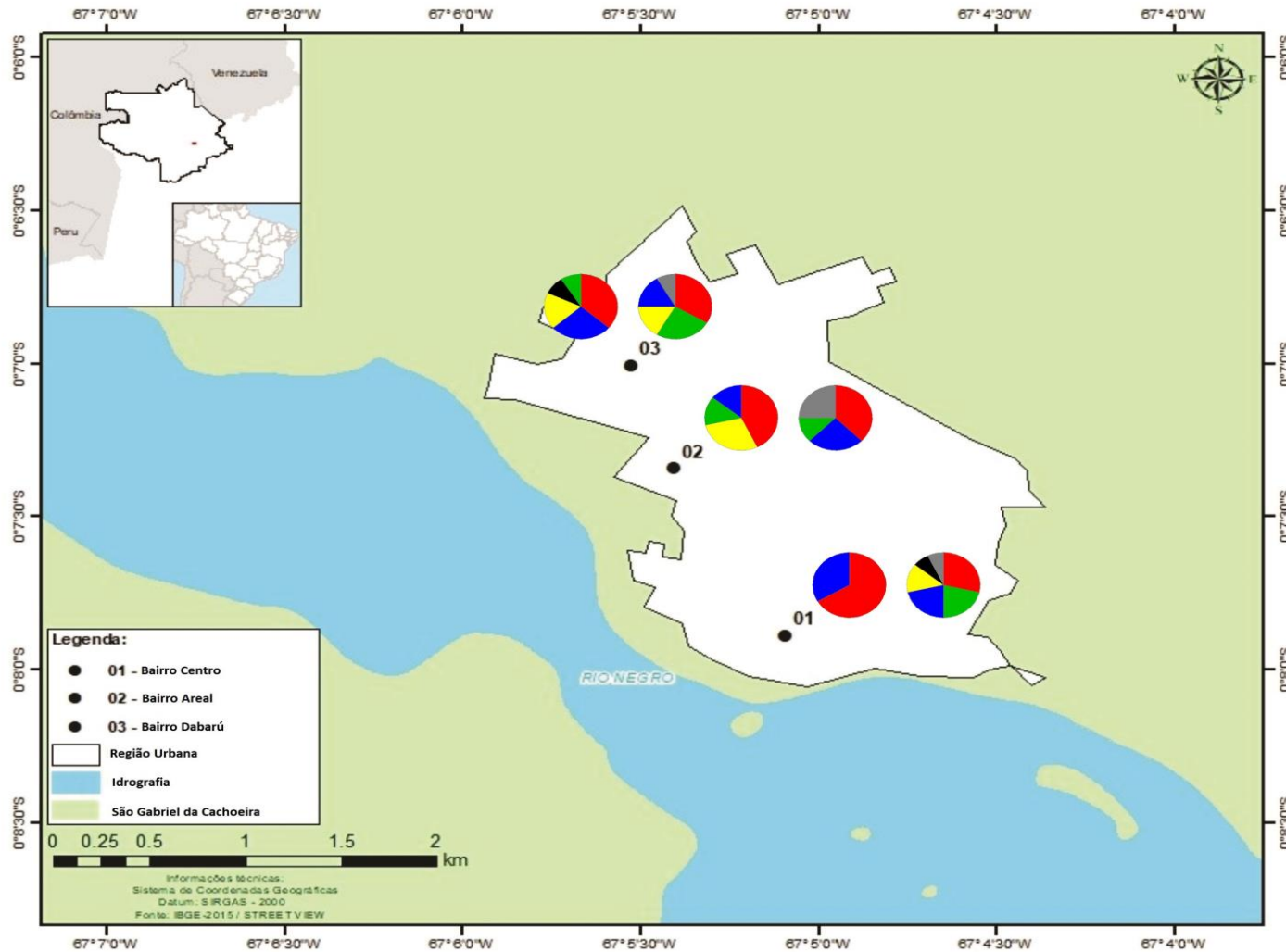
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



CARTA LEXICAL 014A DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL DE GAMBÁ

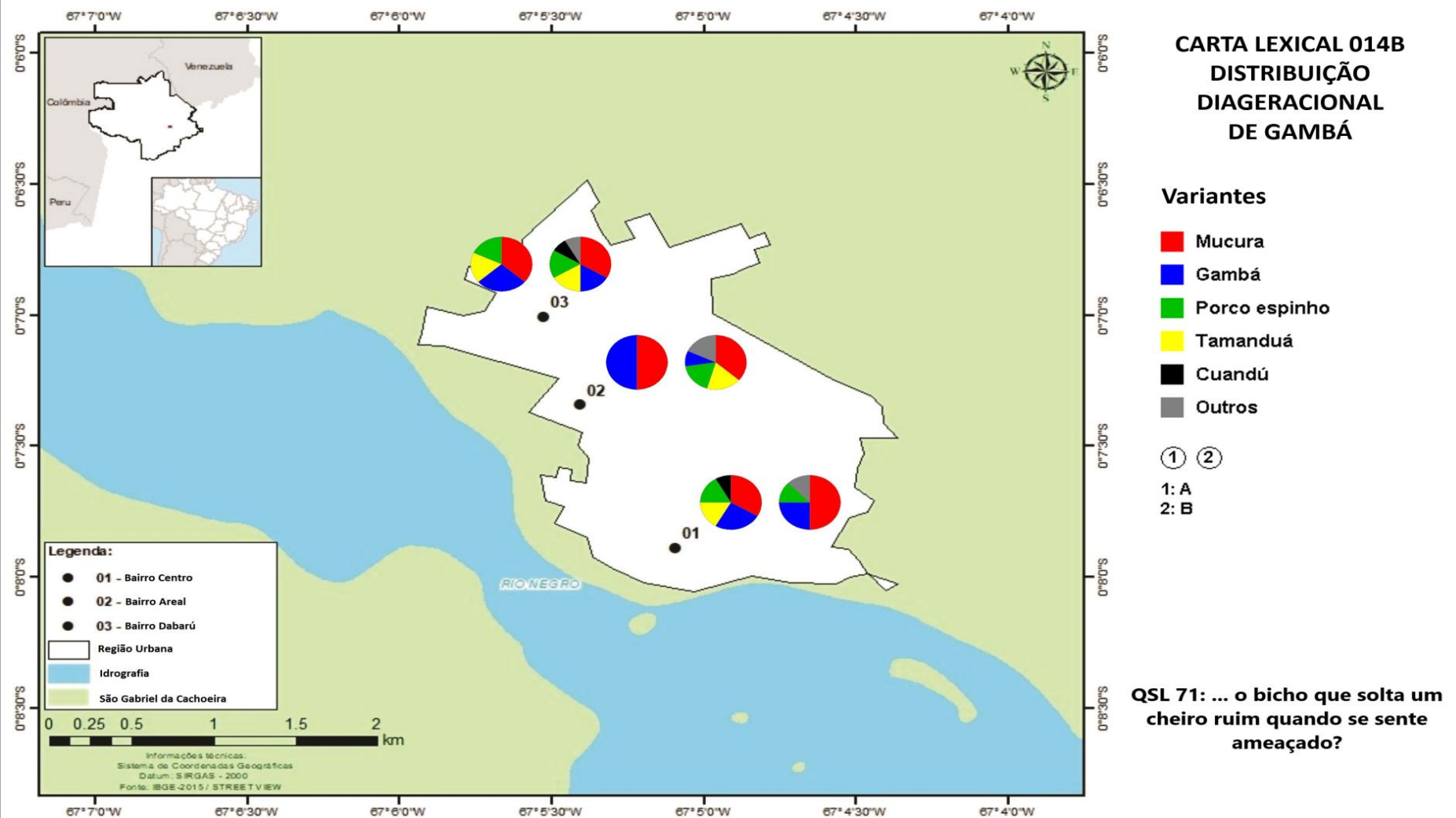
Variantes

- Mucura
- Gambá
- Porco espinho
- Tamanduá
- Cuandú
- Outros

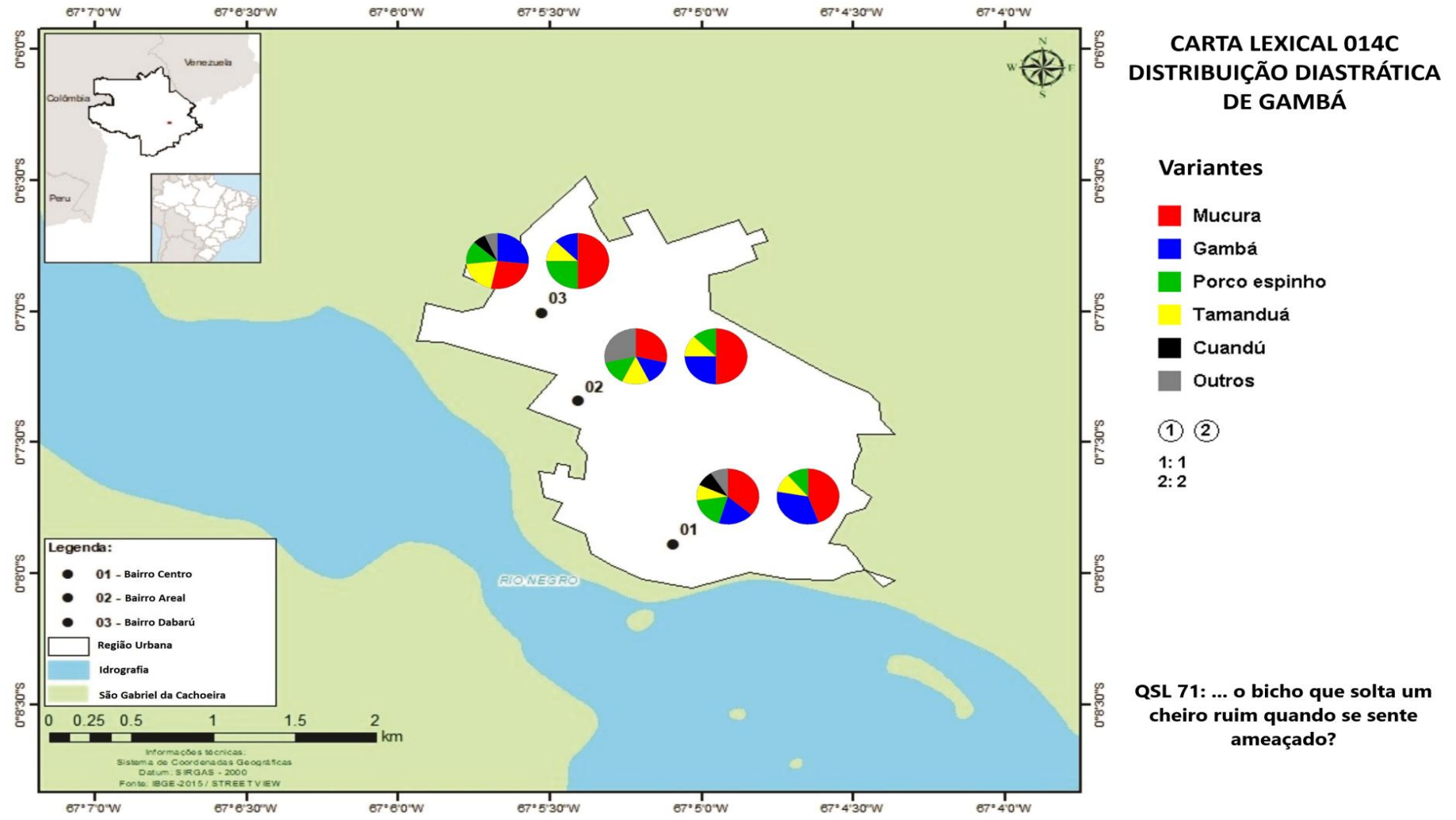
- ① ②
1: F
2: M

QSL 71: ... o bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado?

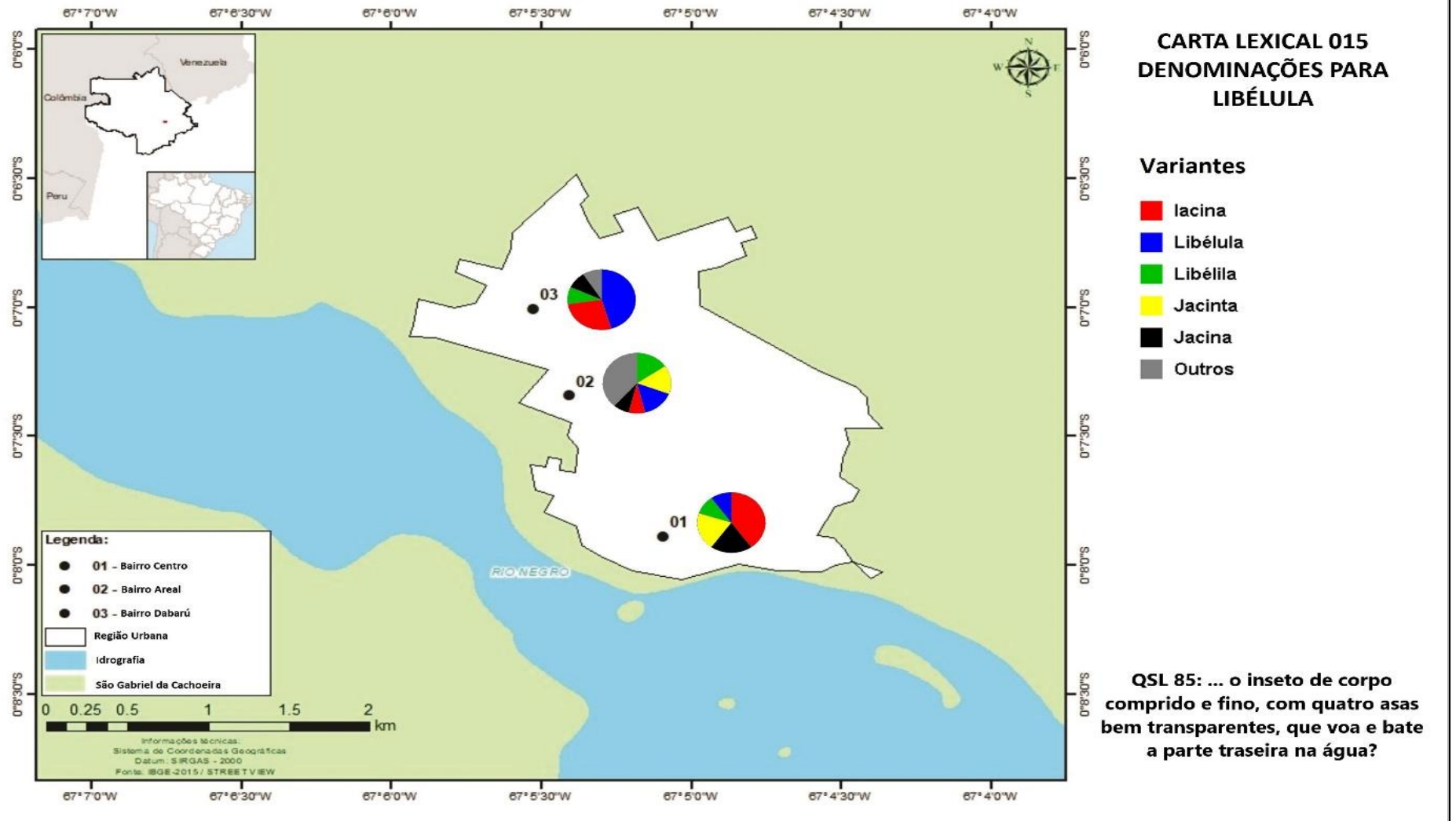
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



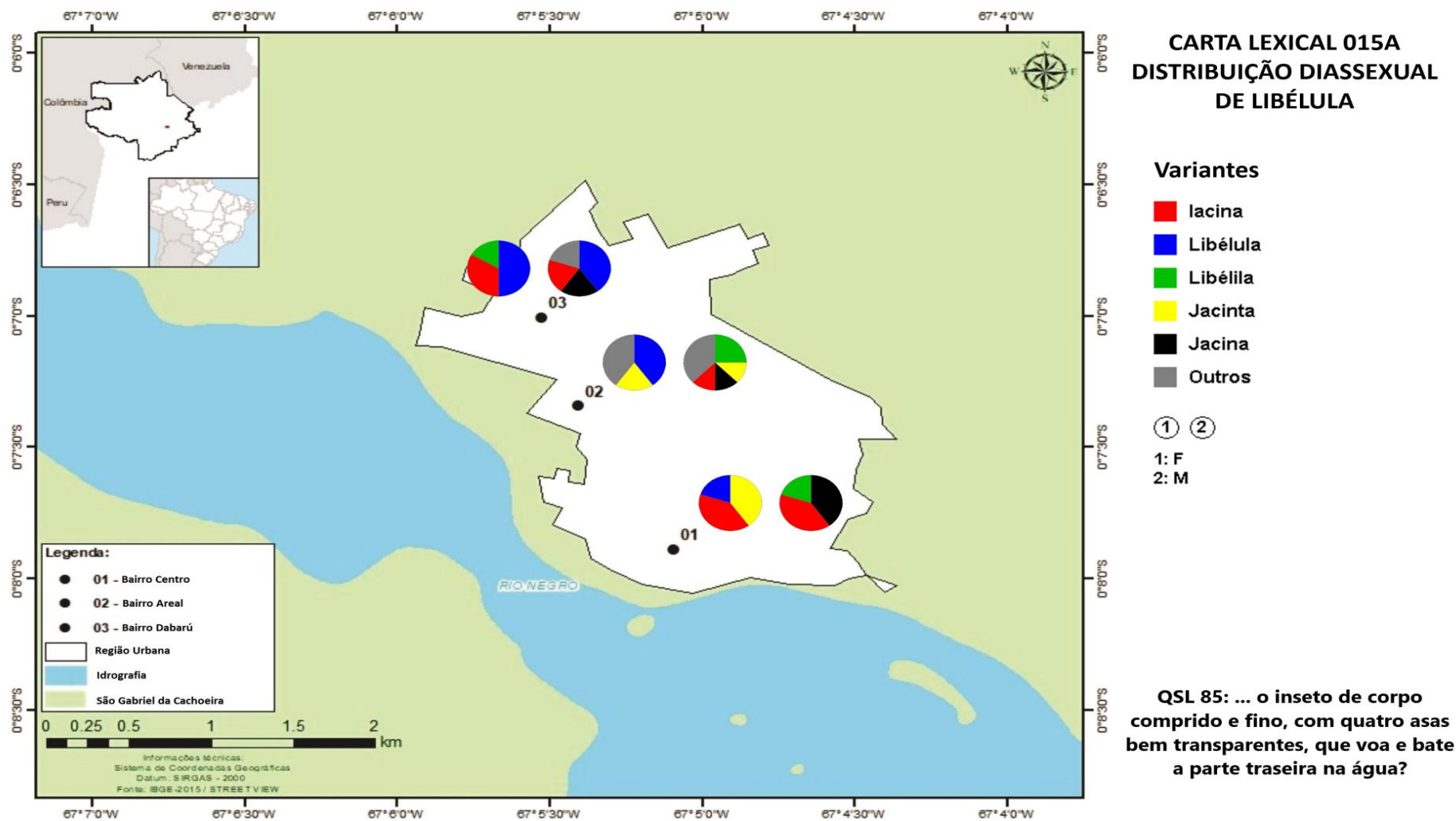
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



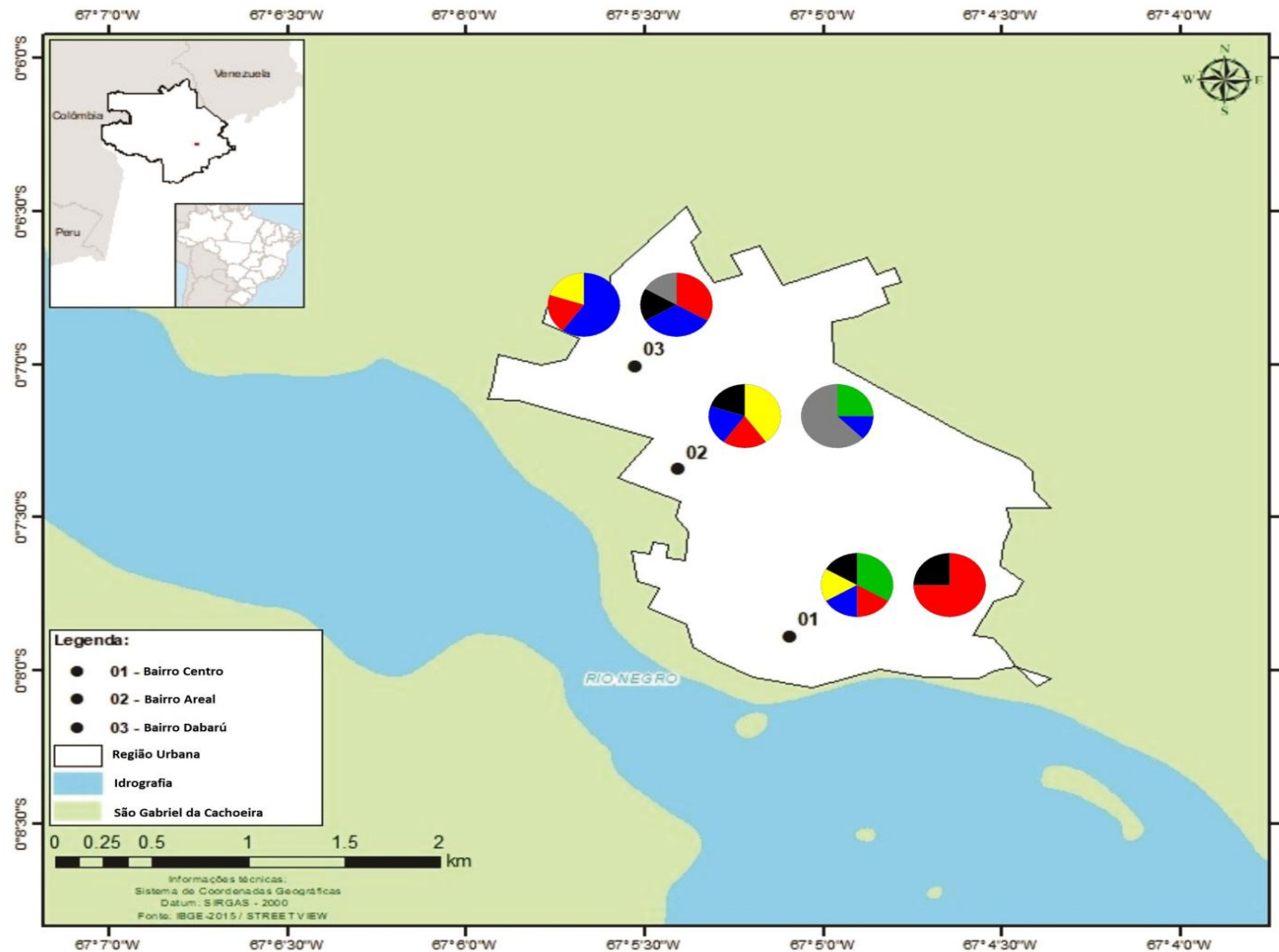
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



CARTA LEXICAL 015B DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL DE LIBÉLULA

Variantes

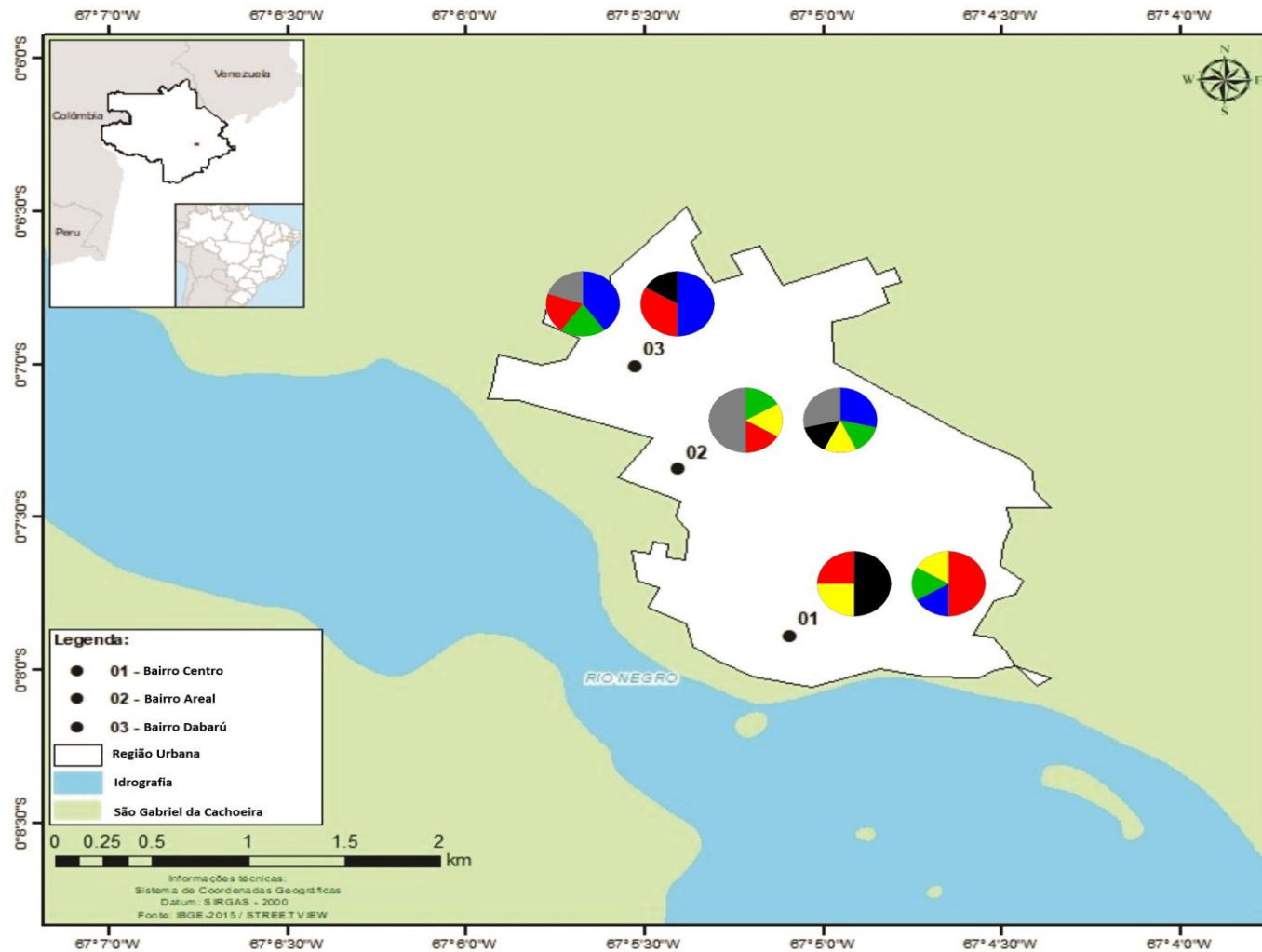
- lacina
- Libélula
- Jacinta
- Libélila
- Jacina
- Outros

① ②

- 1: A
- 2: B

QSL 85: ... o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?

MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



CARTA LEXICAL 015C DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA DE LIBÉLULA

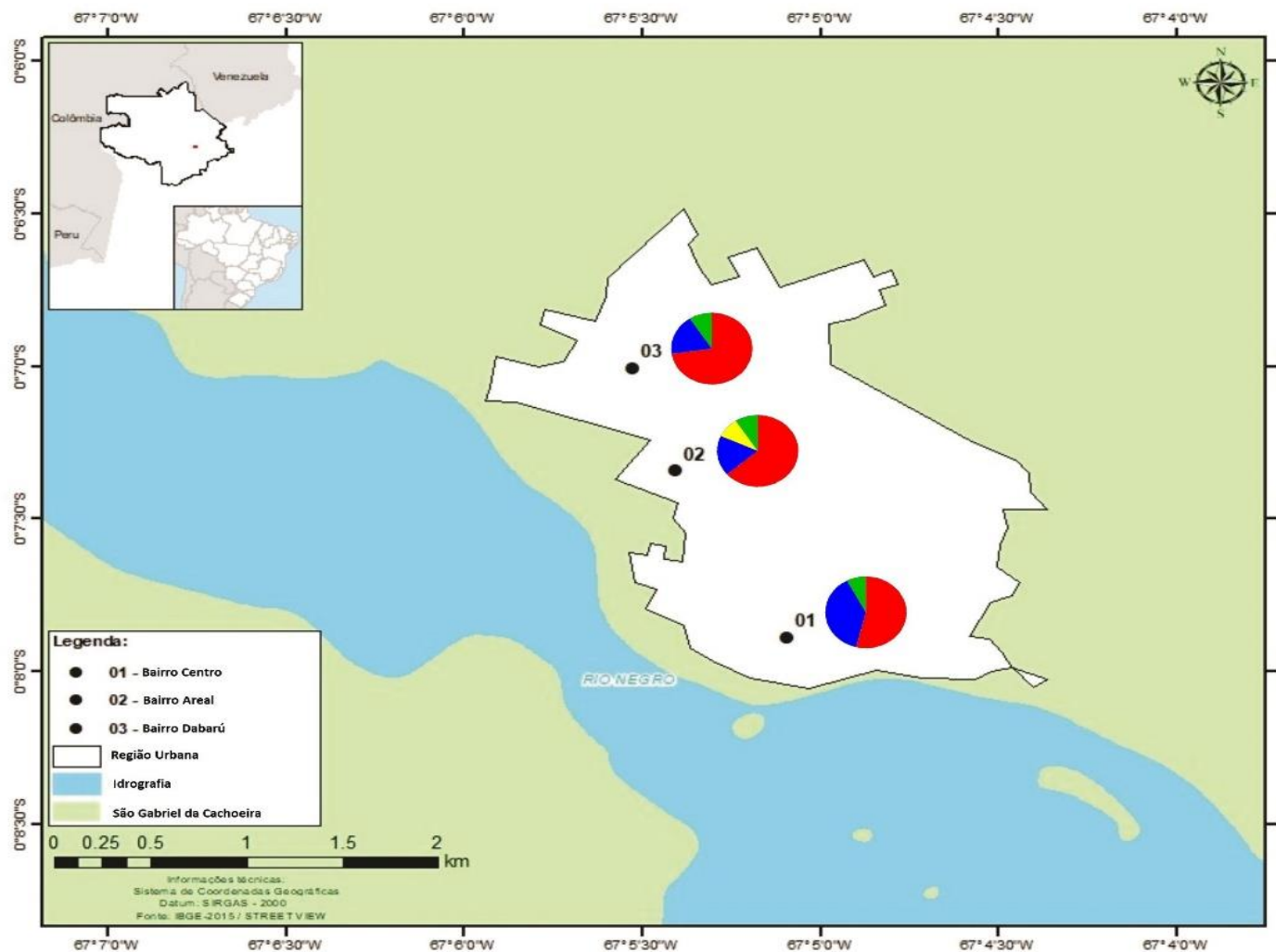
Variantes

- Iacina
- Libélula
- Libélila
- Jacinta
- Jacina
- Outros

- ① ②
 1: 1
 2: 2

QSL 85: ... o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?

MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



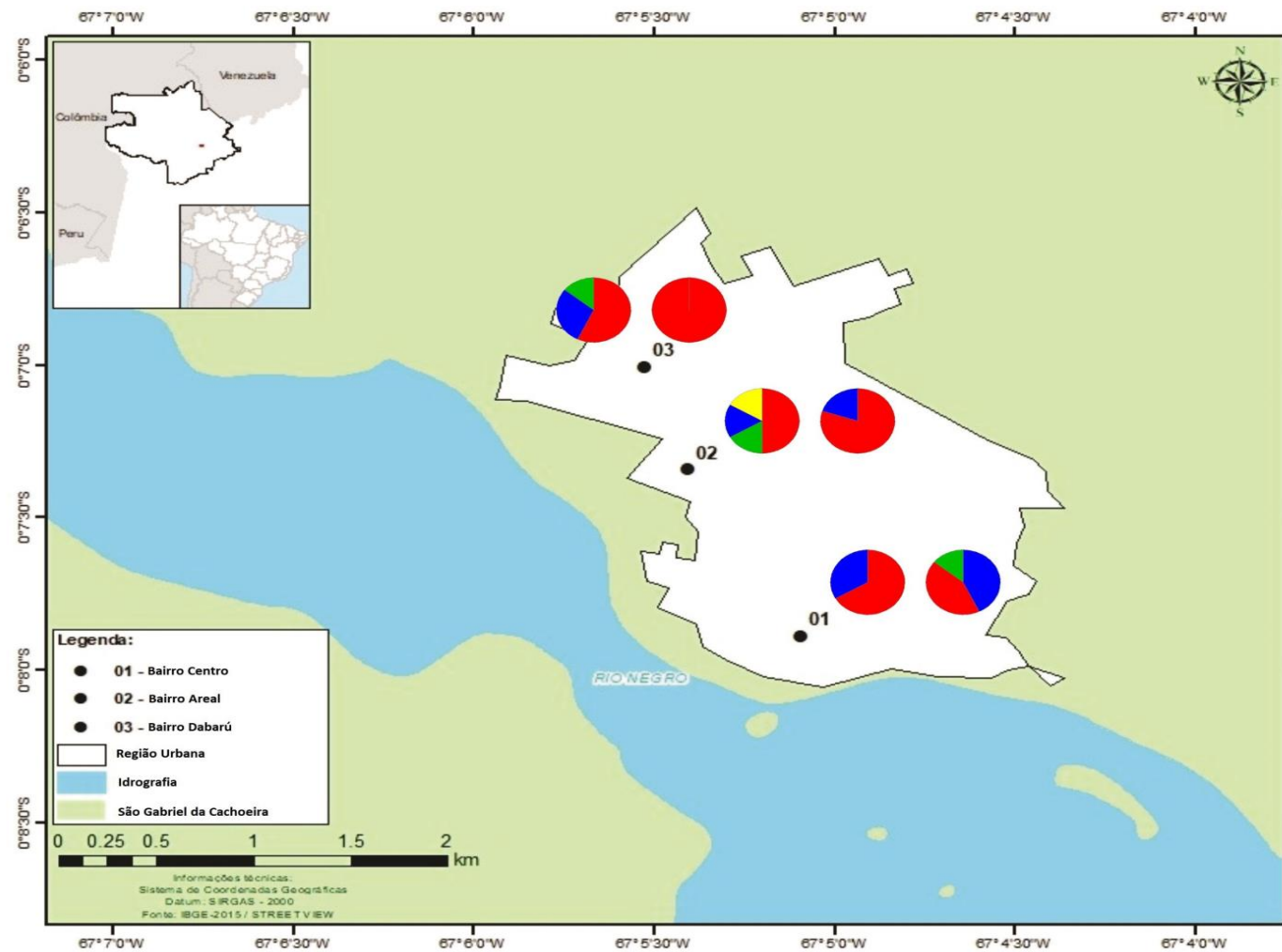
CARTA LEXICAL 016 DENOMINAÇÕES PARA PERNILONGO

Variantes

- Carapanã
- Muriçoca
- Pernilongo
- Mutê

QSL 88: ... aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite? Imitar o zumbido.

MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



CARTA LEXICAL 016A DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL DE PERNILONGO

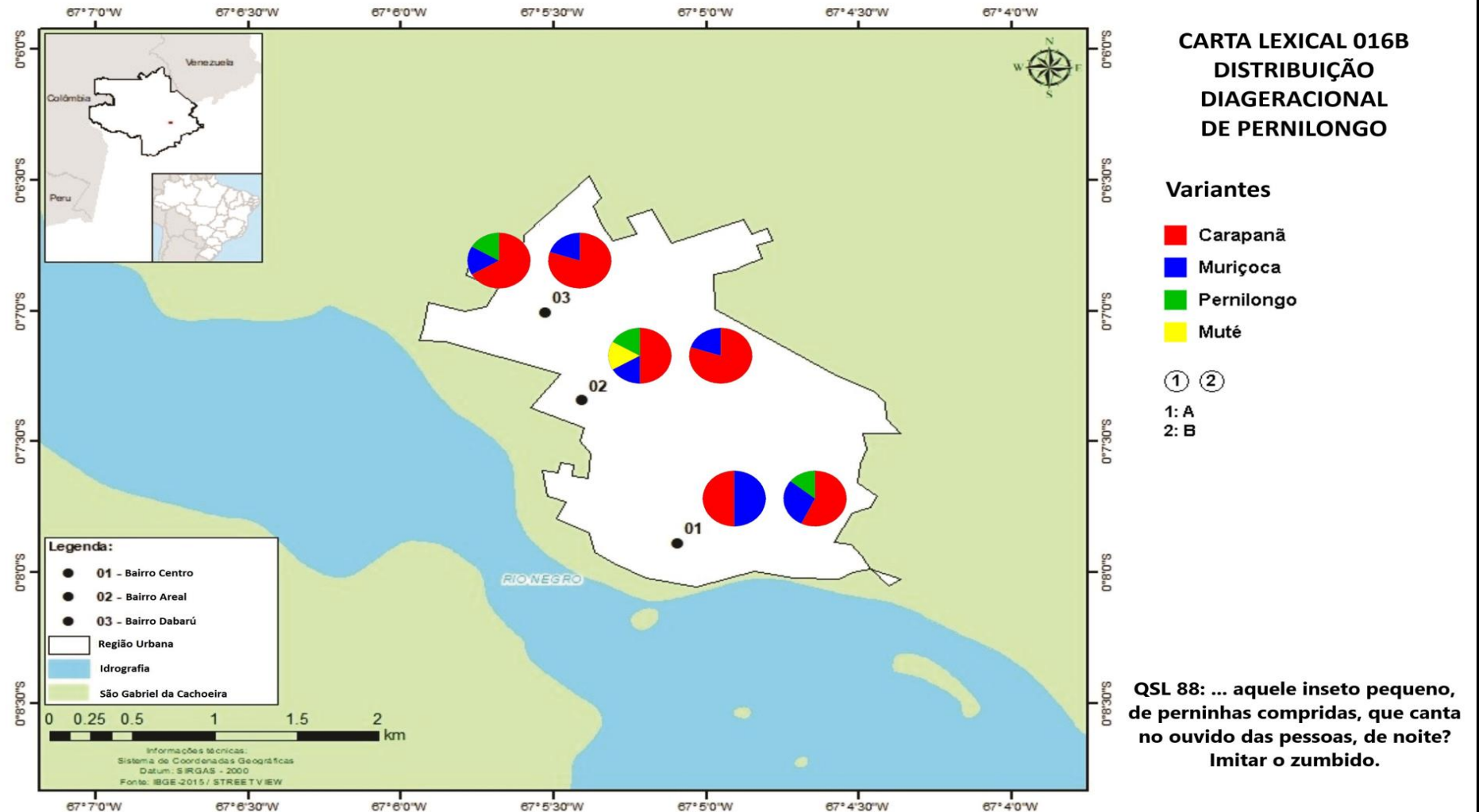
Variantes

- Carapanã
- Muriçoca
- Pernilongo
- Muté

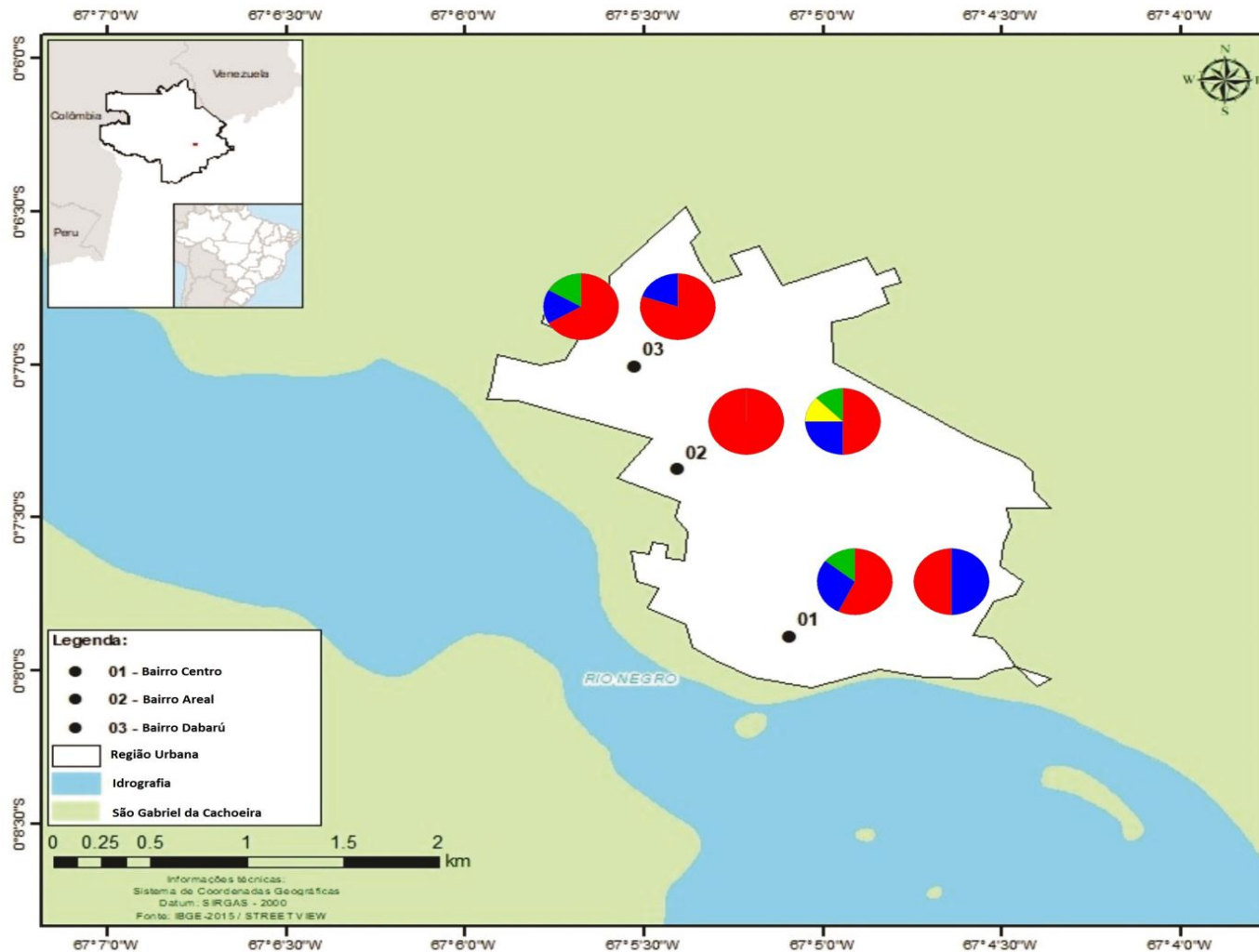
- ① ②
 1: F
 2: M

**QSL 88: ... aquele inseto pequeno,
de perninhas compridas, que canta
no ouvido das pessoas, de noite?
Imitar o zumbido.**

MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



CARTA LEXICAL 016C DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA DE PERNILONGO

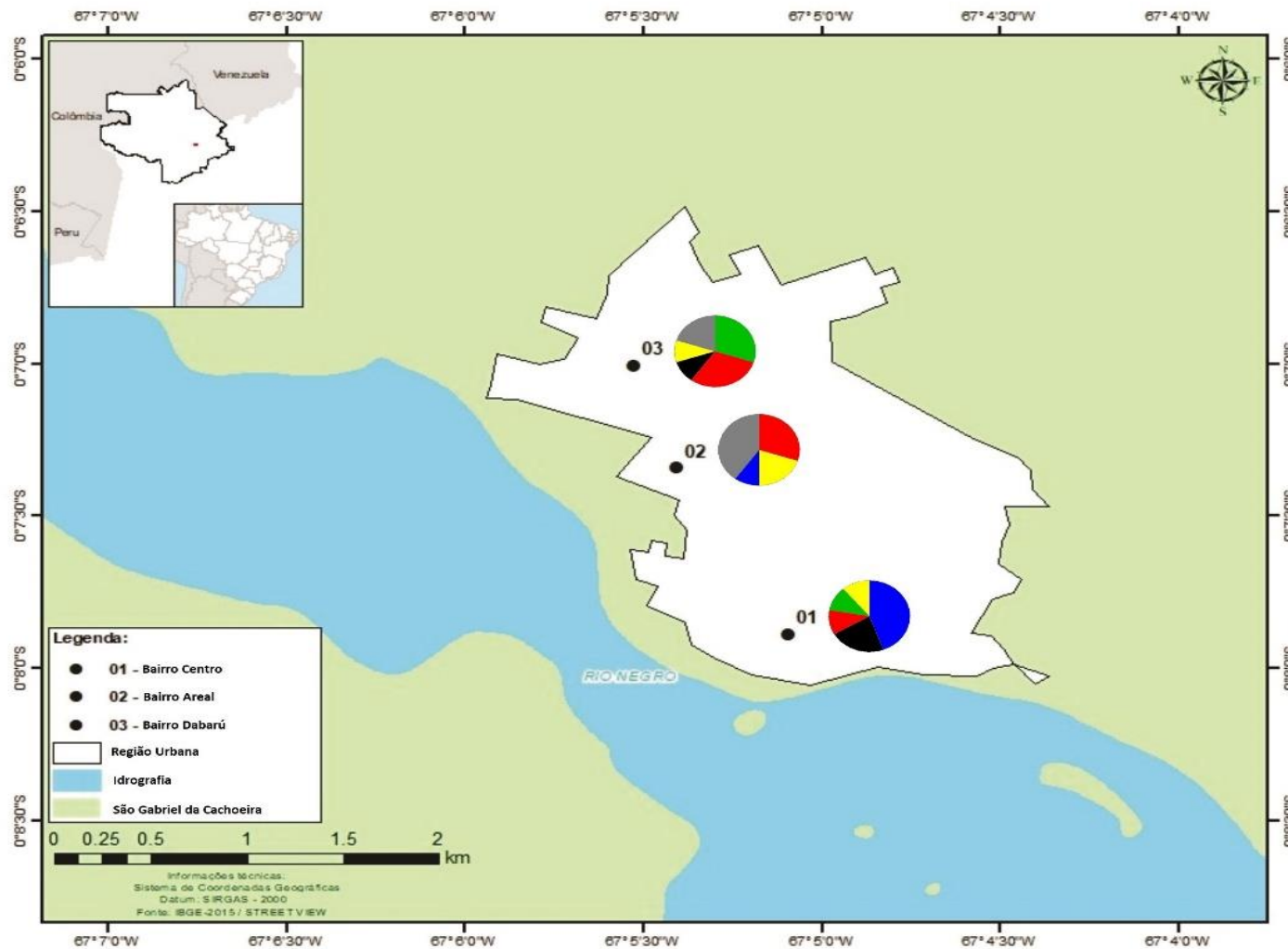
Variantes

- Carapanã
- Muriçoca
- Pernilongo
- Muté

- ① ②
 1: 1
 2: 2

**QSL 88: ... aquele inseto pequeno,
de perninhas compridas, que canta
no ouvido das pessoas, de noite?
Imitar o zumbido.**

MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



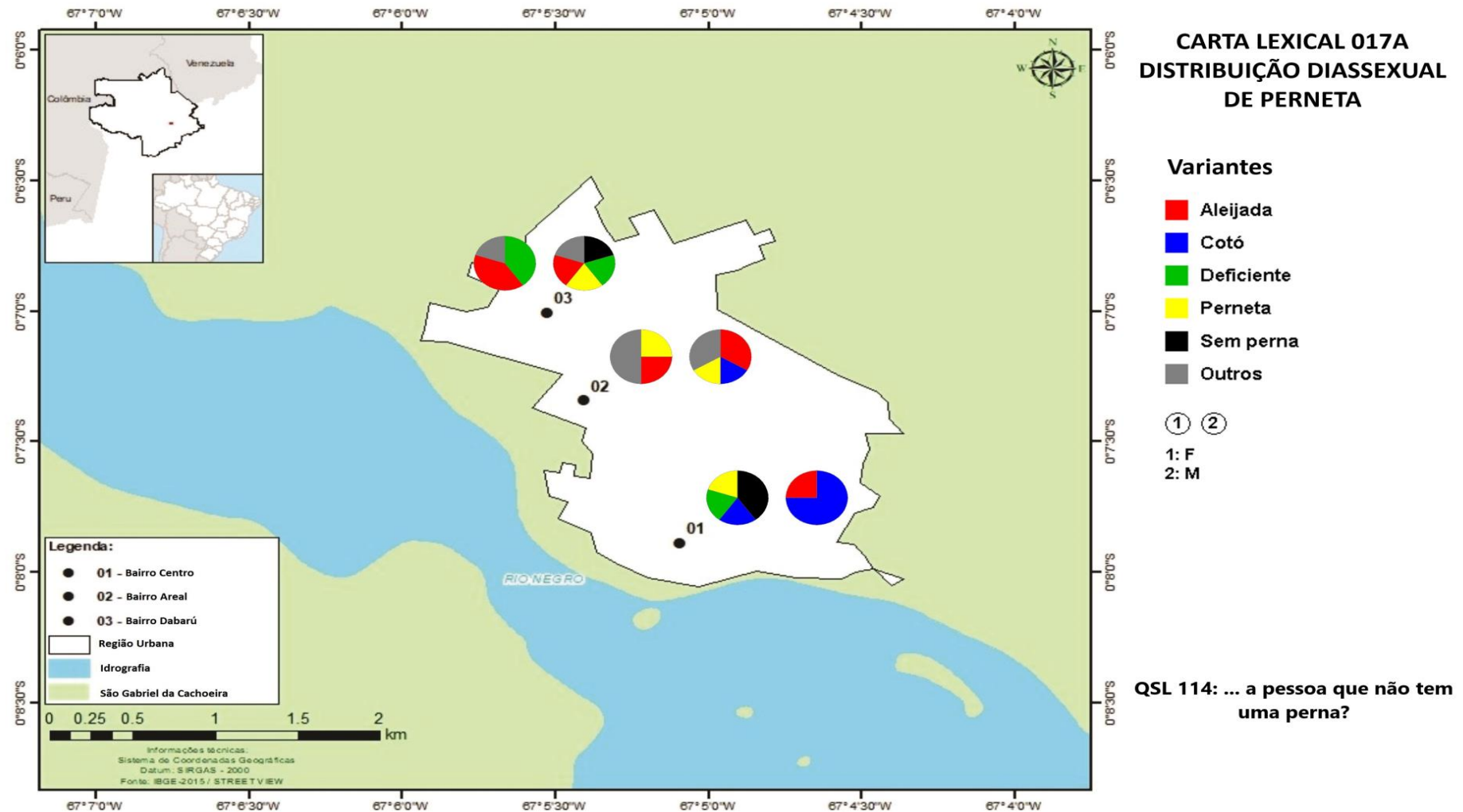
CARTA LEXICAL 017 DENOMINAÇÕES PARA PERNETA

Variantes

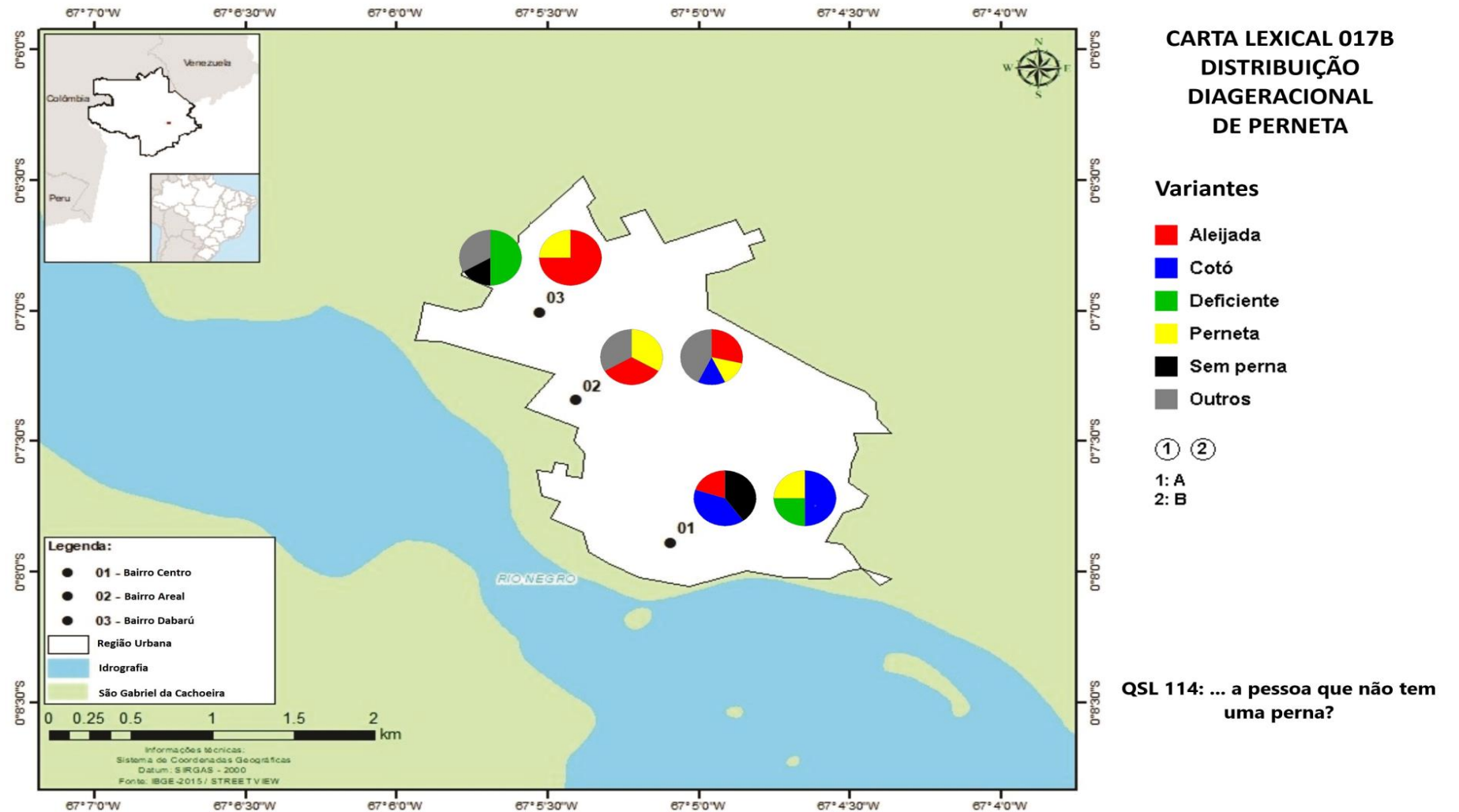
- Aleijada
- Cotó
- Deficiente
- Perneta
- Sem perna
- Outros

QSL 114: ... a pessoa que não tem uma perna?

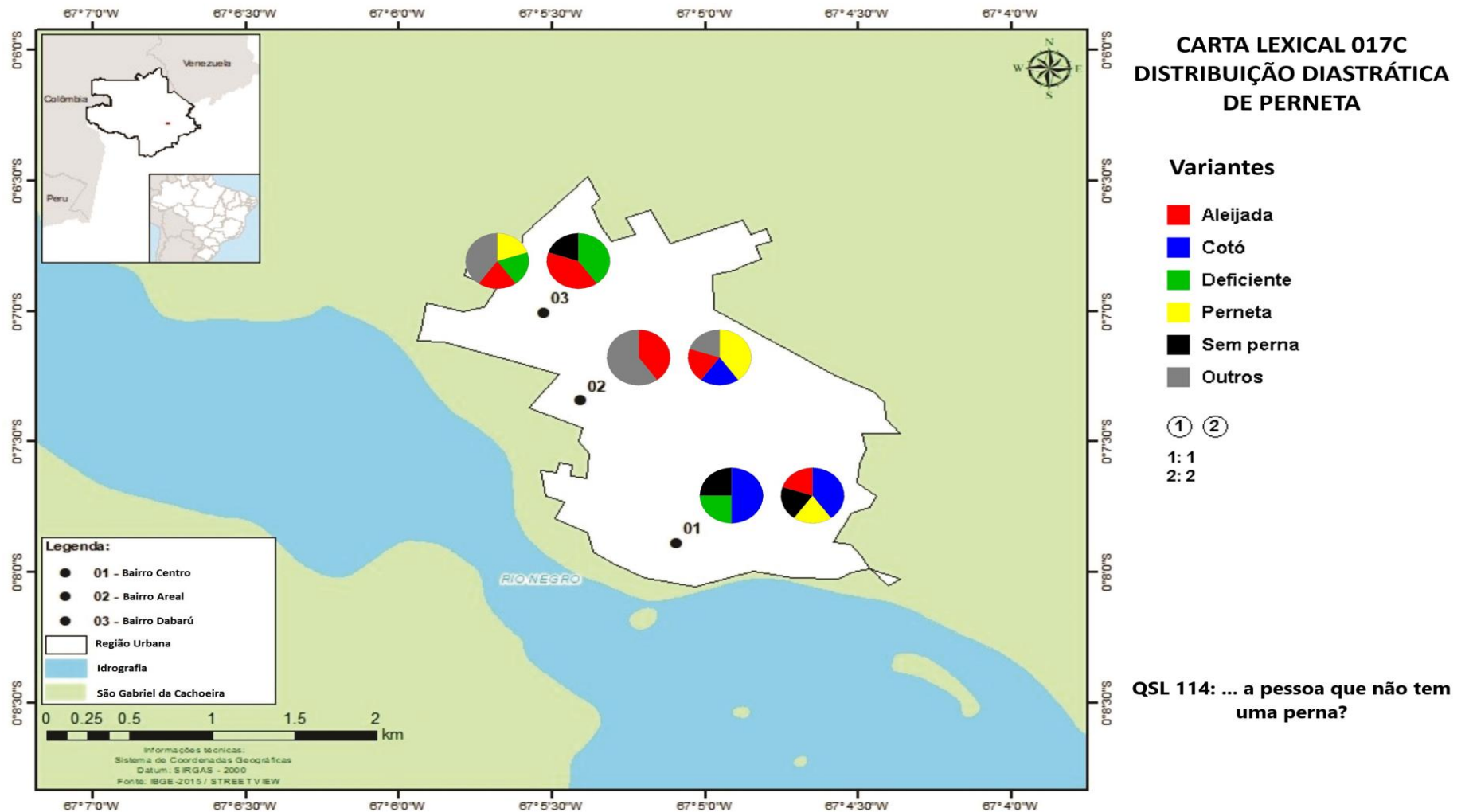
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



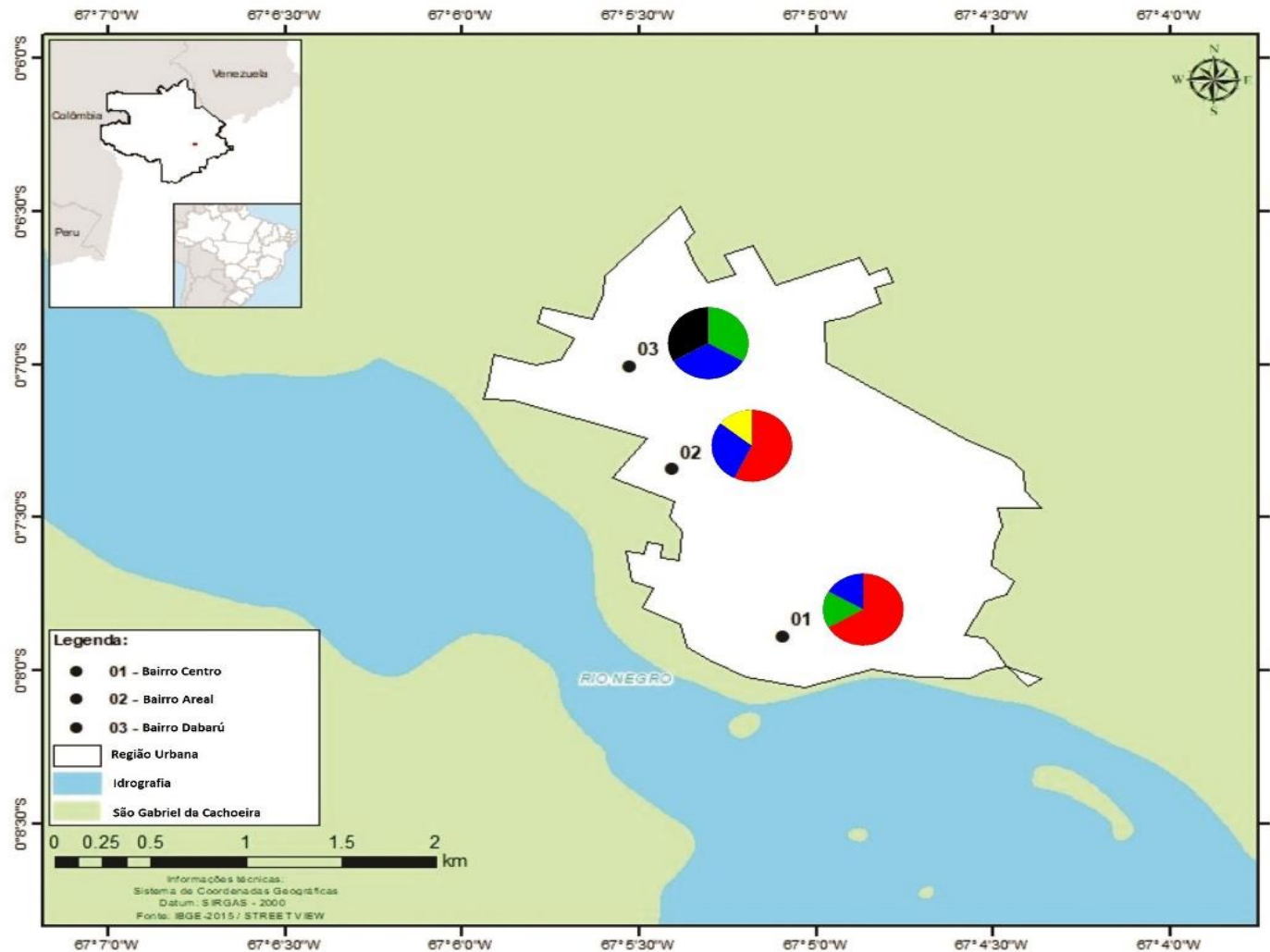
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



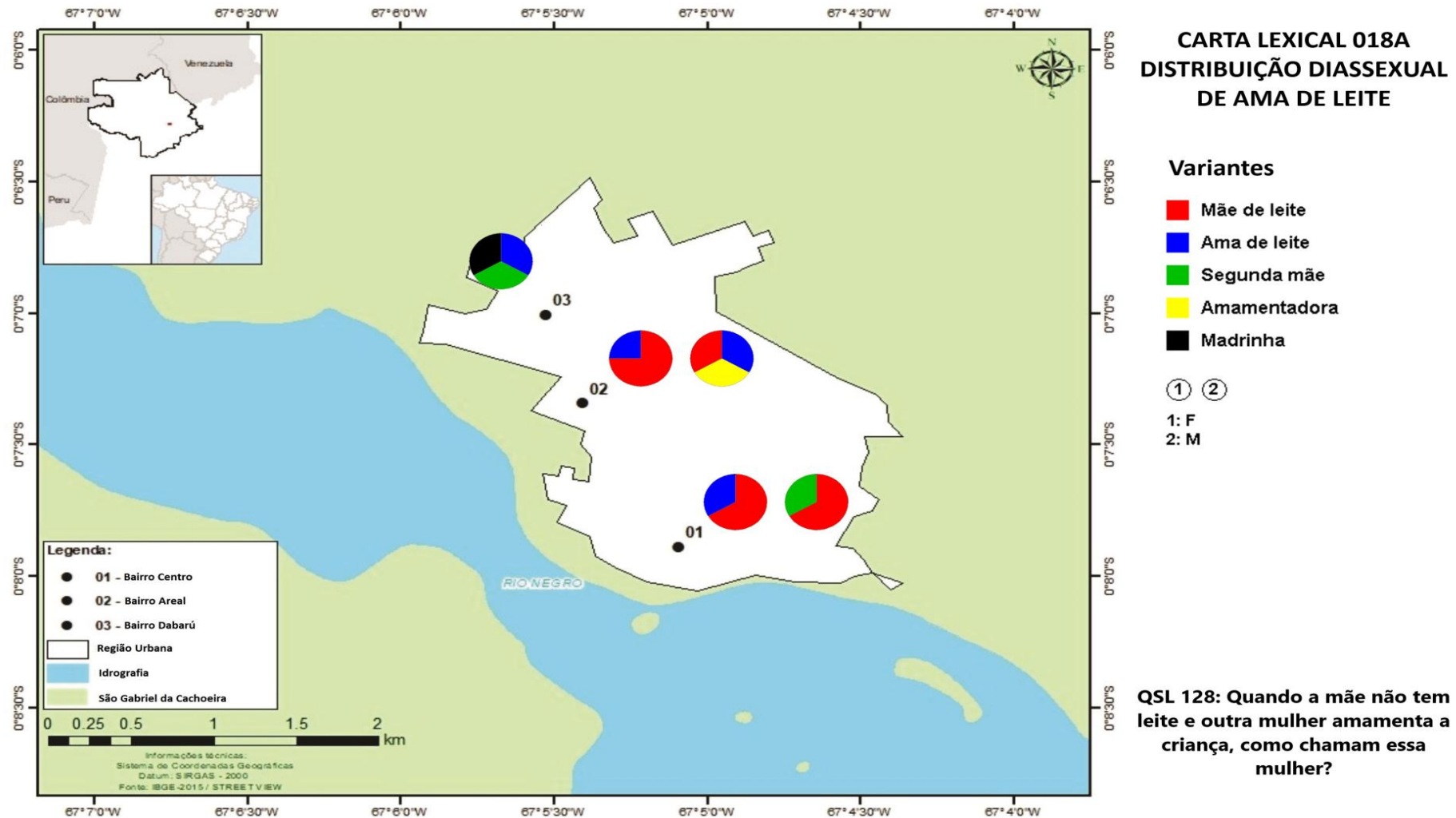
CARTA LEXICAL 018 DENOMINAÇÕES PARA AMA DE LEITE

Variantes

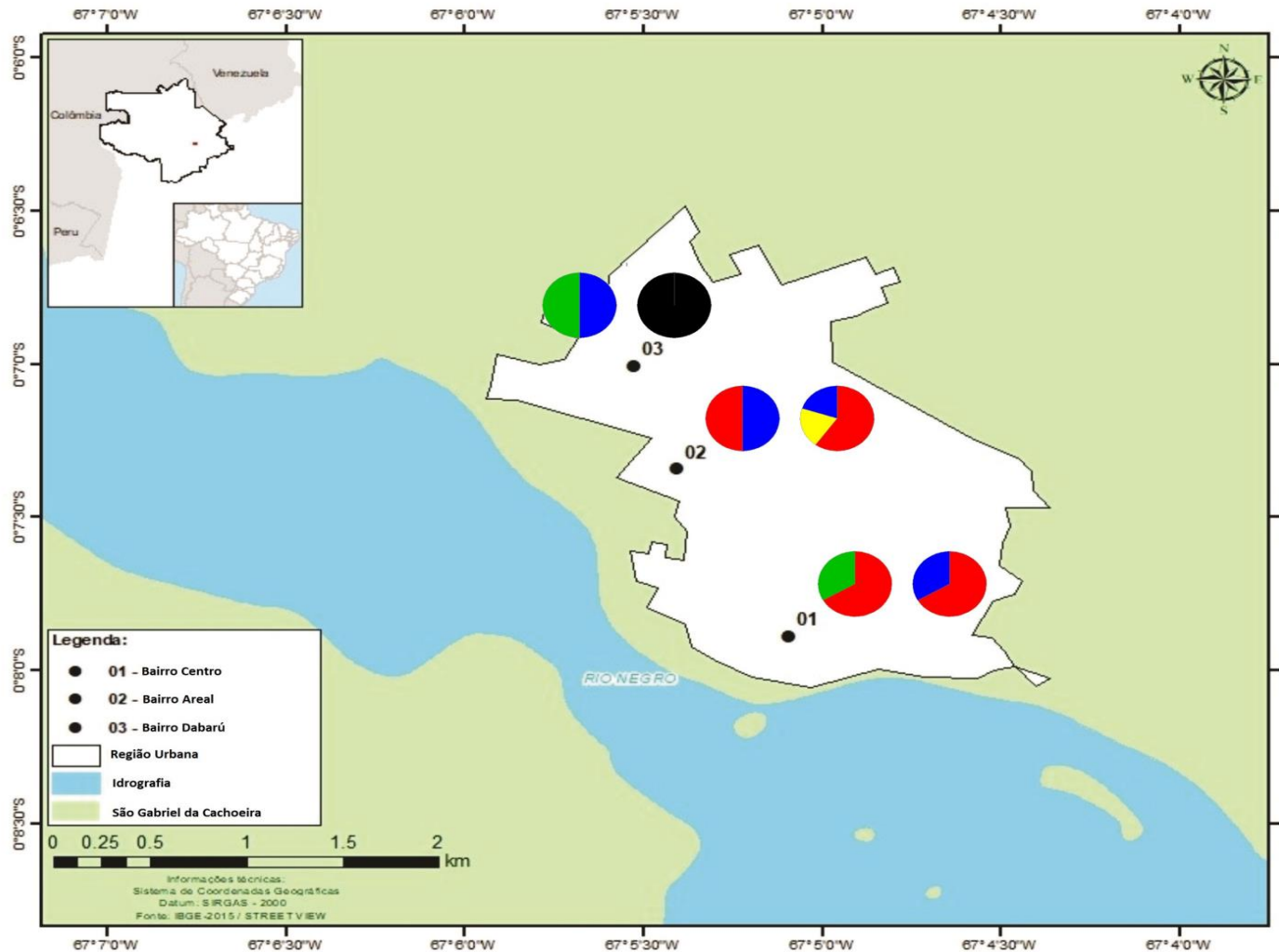
- Mãe de leite
- Ama de leite
- Segunda mãe
- Amamentadora
- Madrinha

QSL 128: Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher?

MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



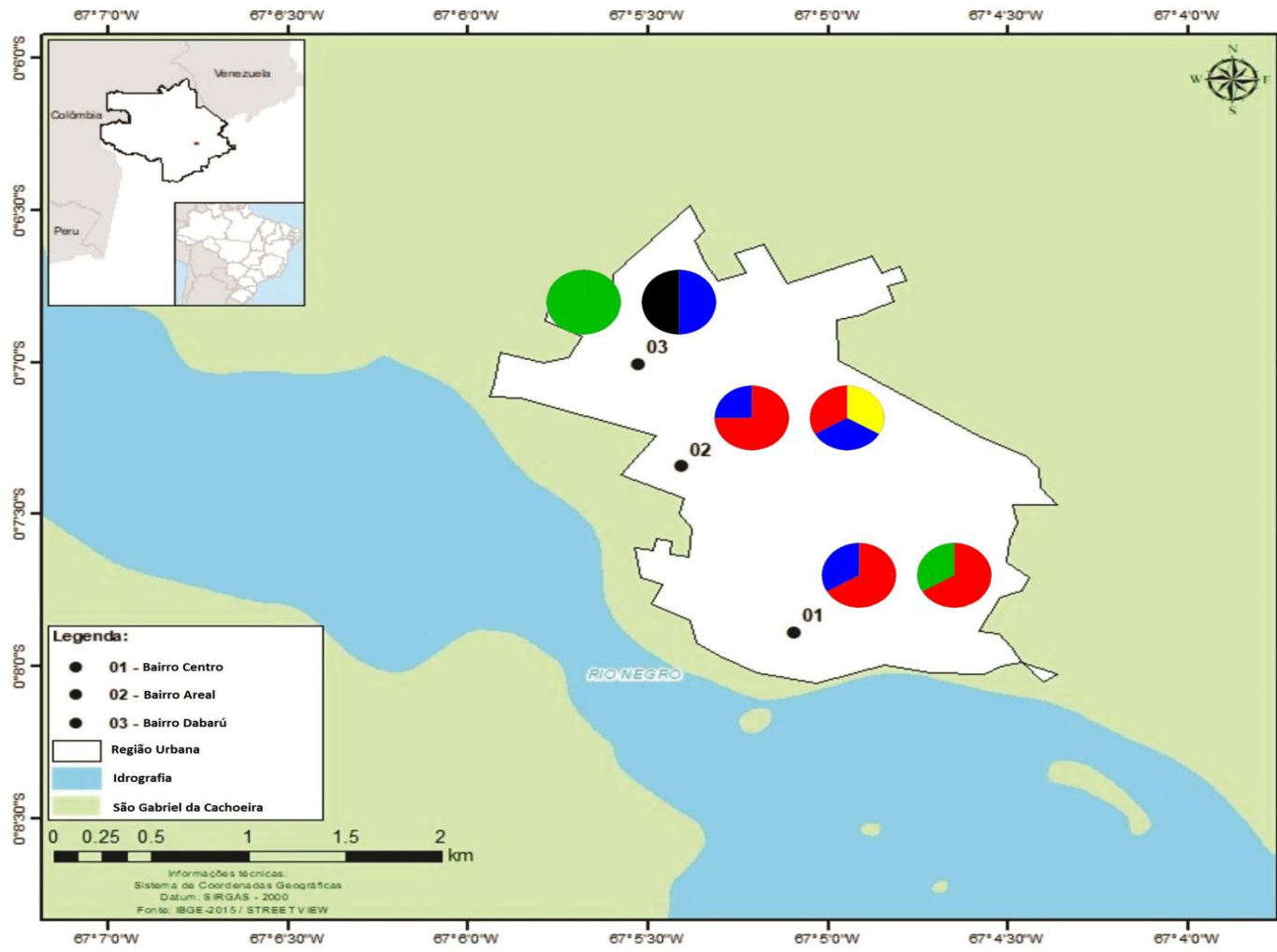
CARTA LEXICAL 018B DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL DE AMA DE LEITE

Variantes

- Mãe de leite
- Ama de leite
- Segunda mãe
- Amamentadora
- Madrinha

QSL 128: Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher?

MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



CARTA LEXICAL 018C DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA DE AMA DE LEITE

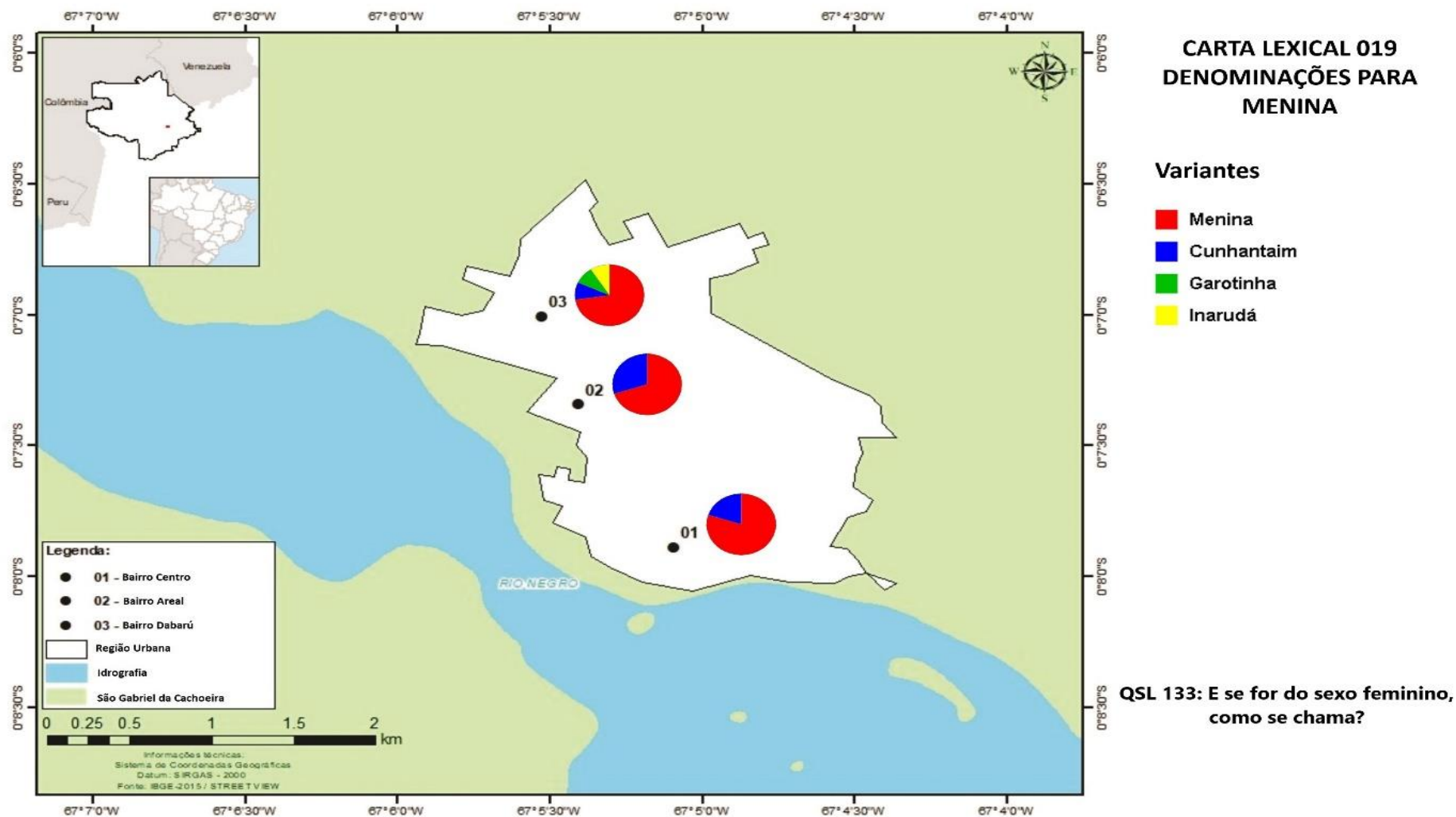
Variantes

- Mãe de leite
- Ama de leite
- Segunda mãe
- Amamentadora
- Madrinha

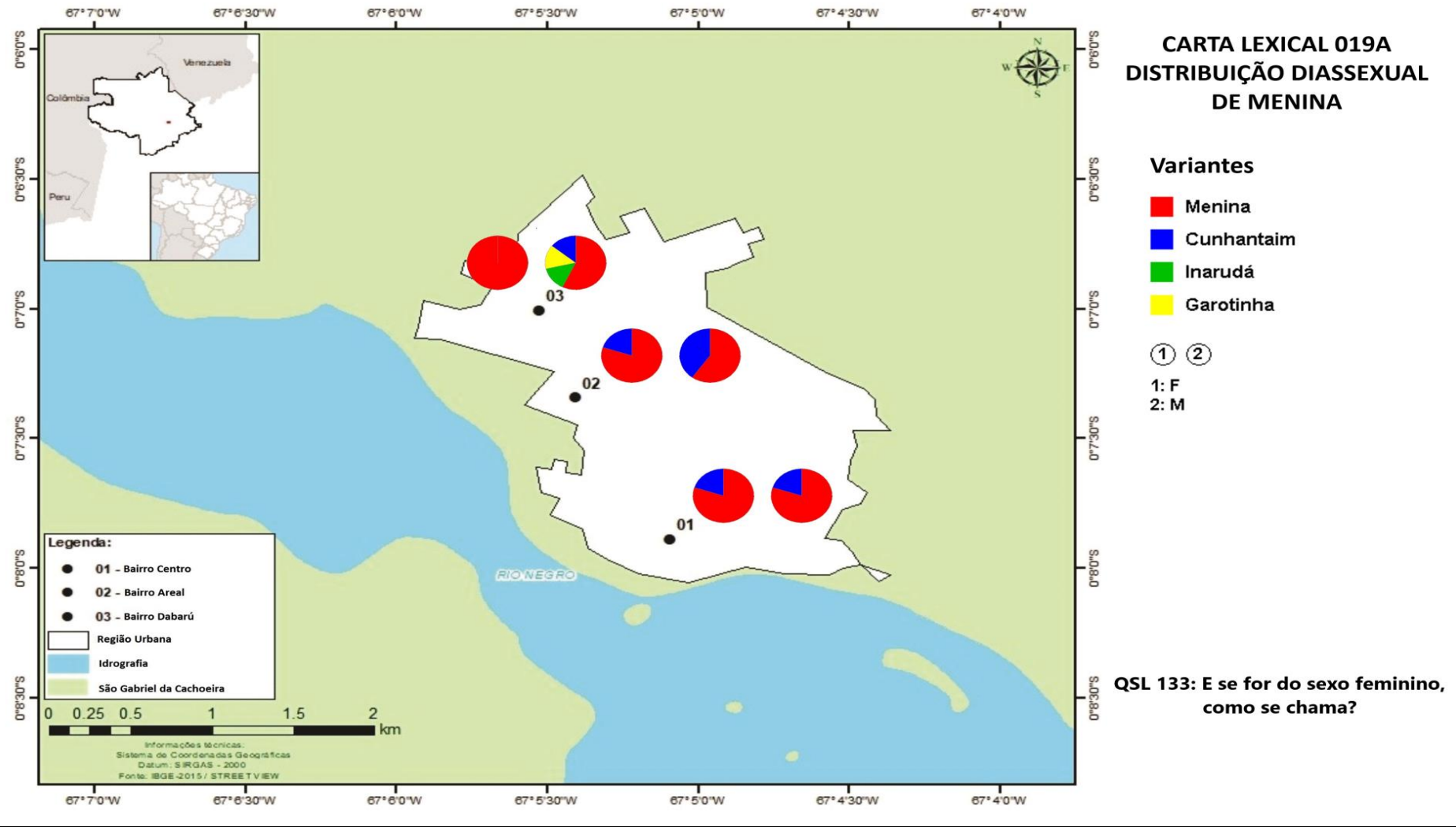
- ① ②
 1: 1
 2: 2

QSL 128: Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher?

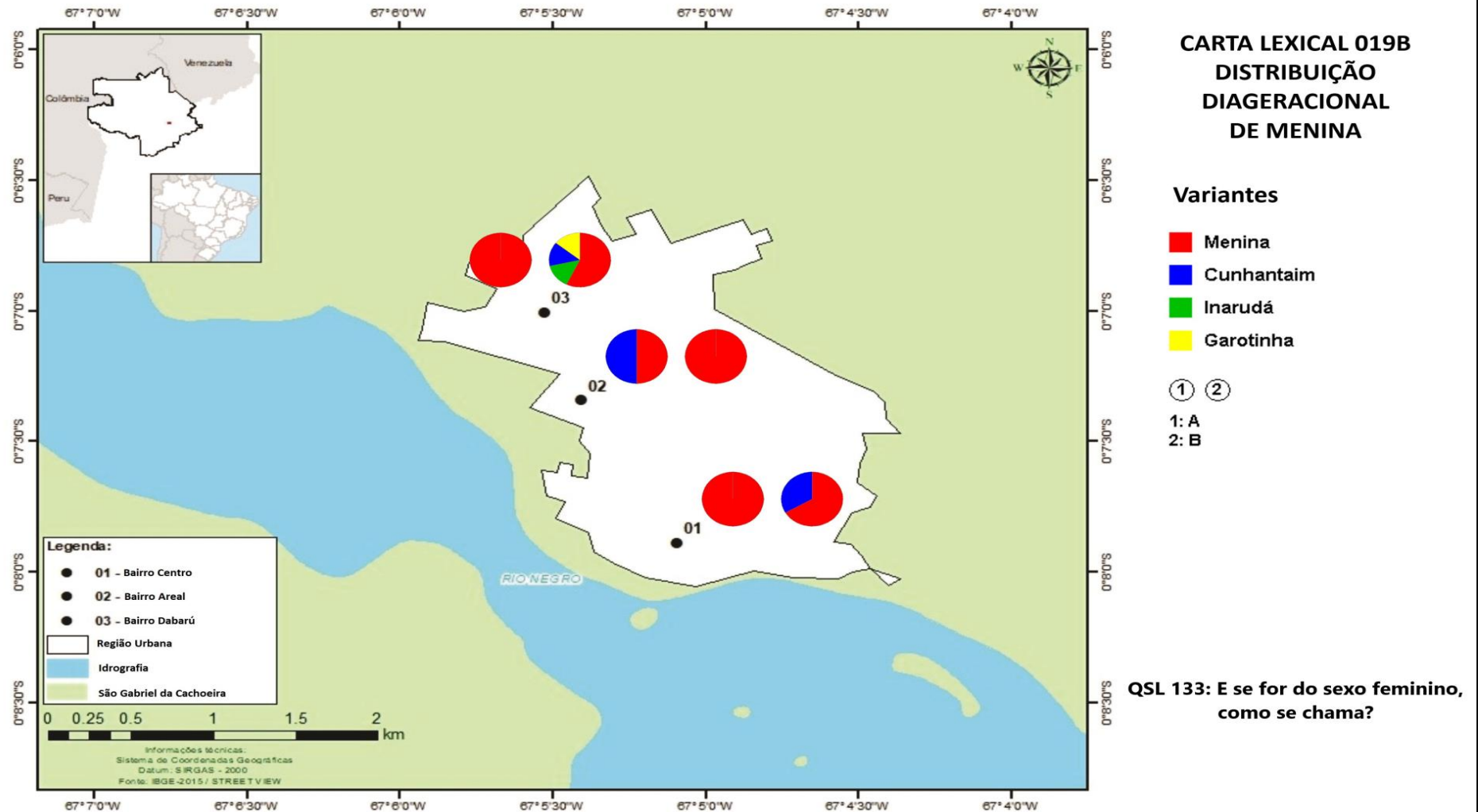
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



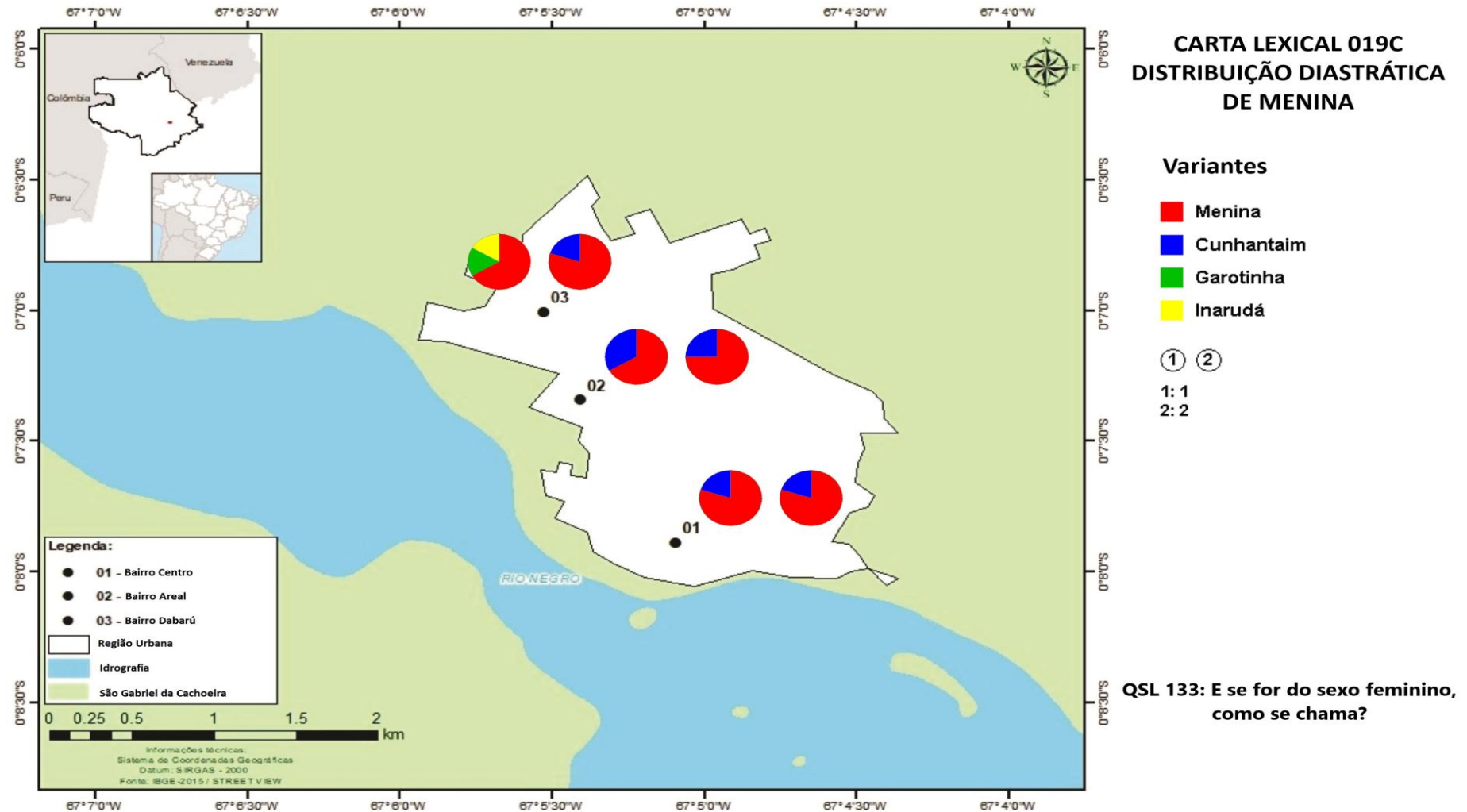
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



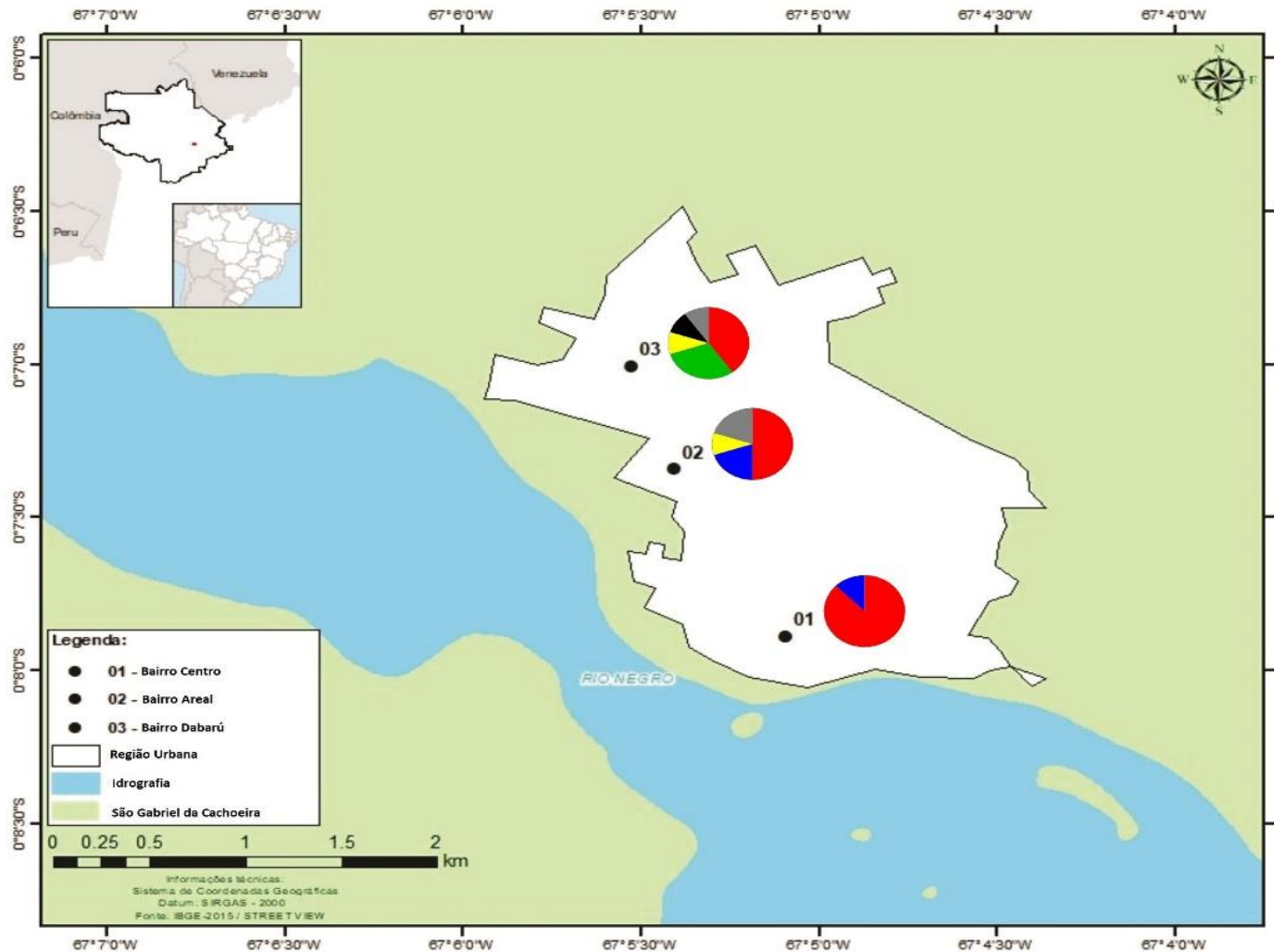
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



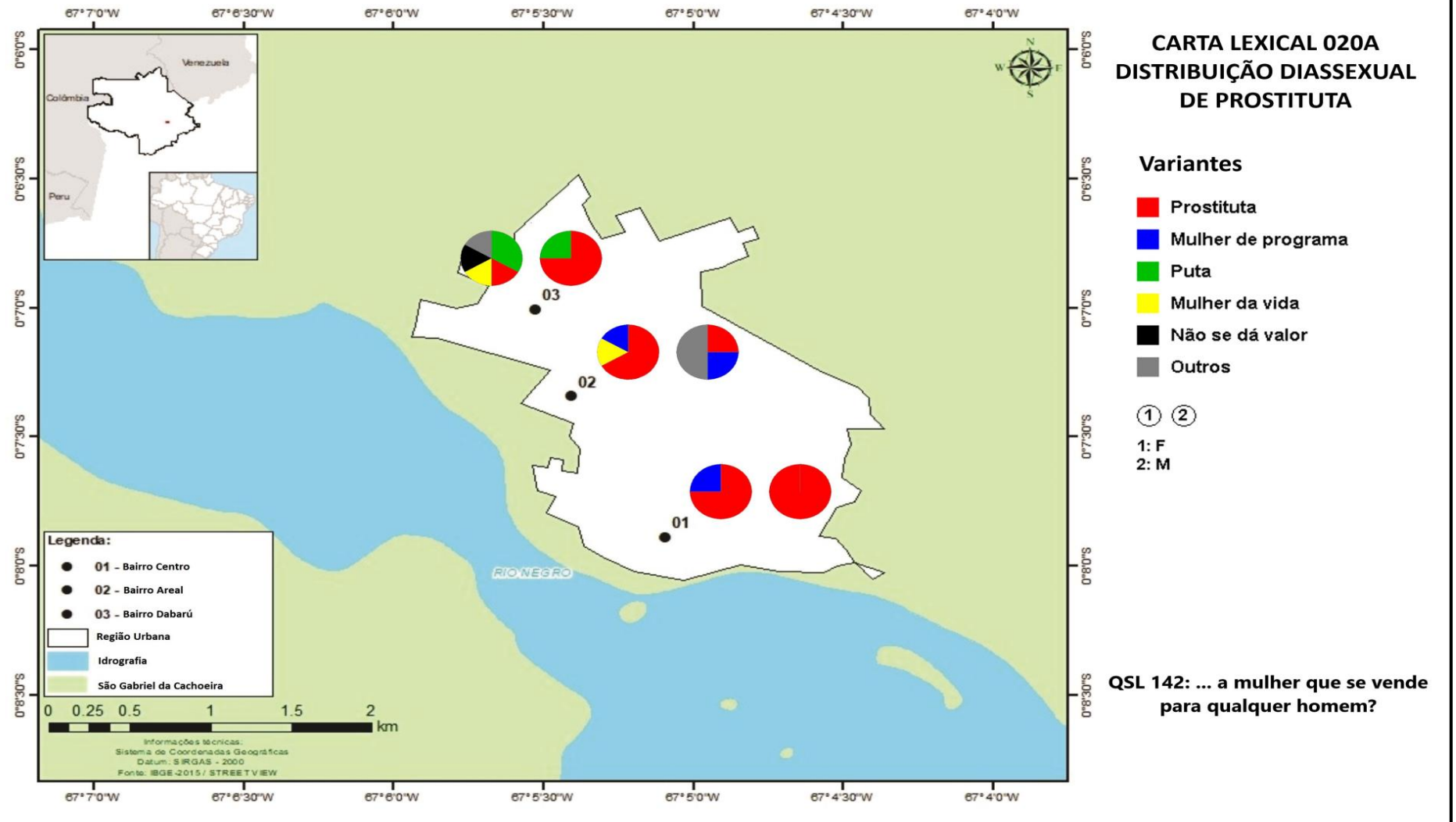
CARTA LEXICAL 020 DENOMINAÇÕES PARA PROSTITUTA

Variantes

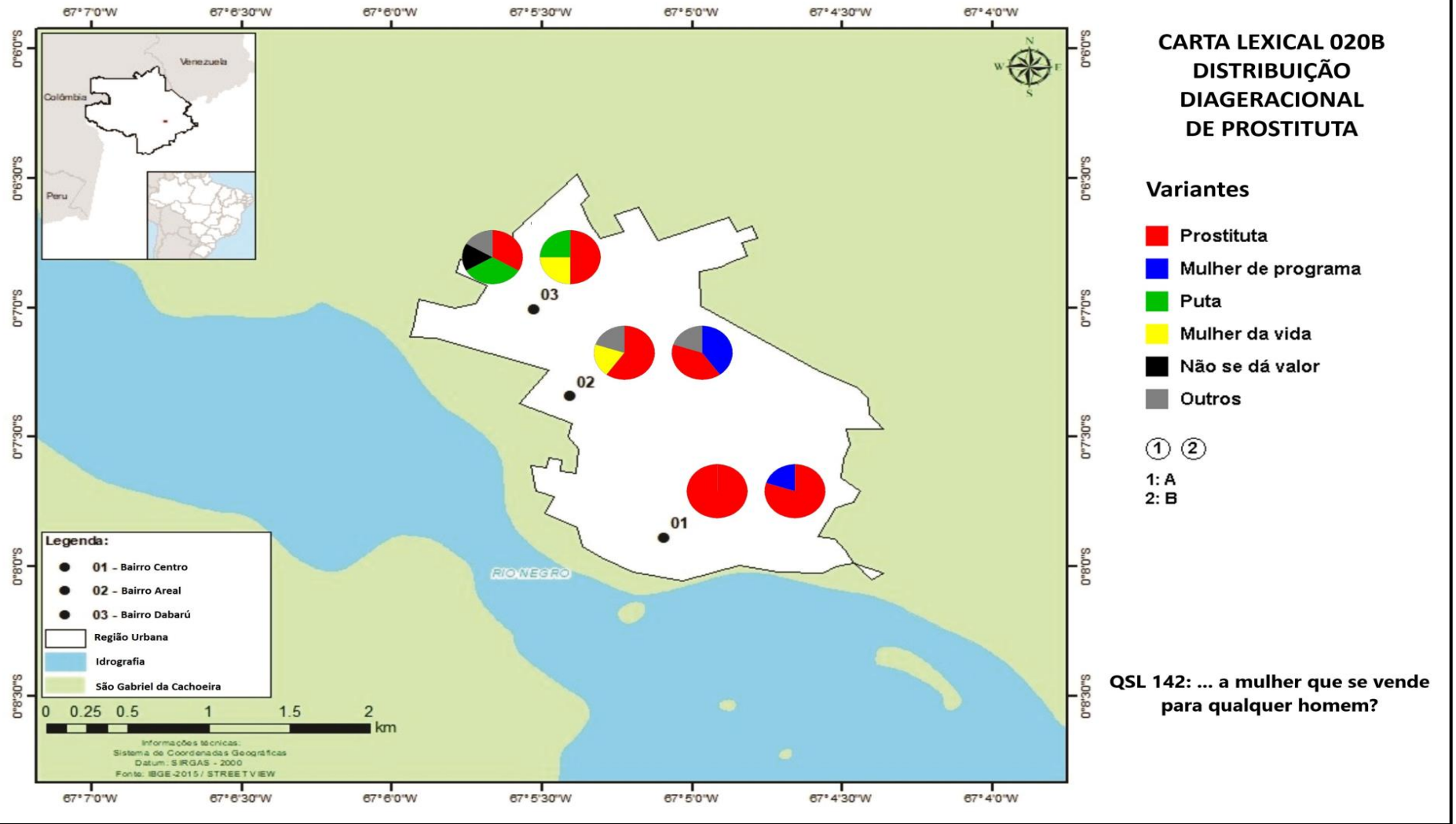
- Prostituta
- Mulher de programa
- Puta
- Mulher da vida
- Não se dá valor
- Outros

QSL 142: ... a mulher que se vende para qualquer homem?

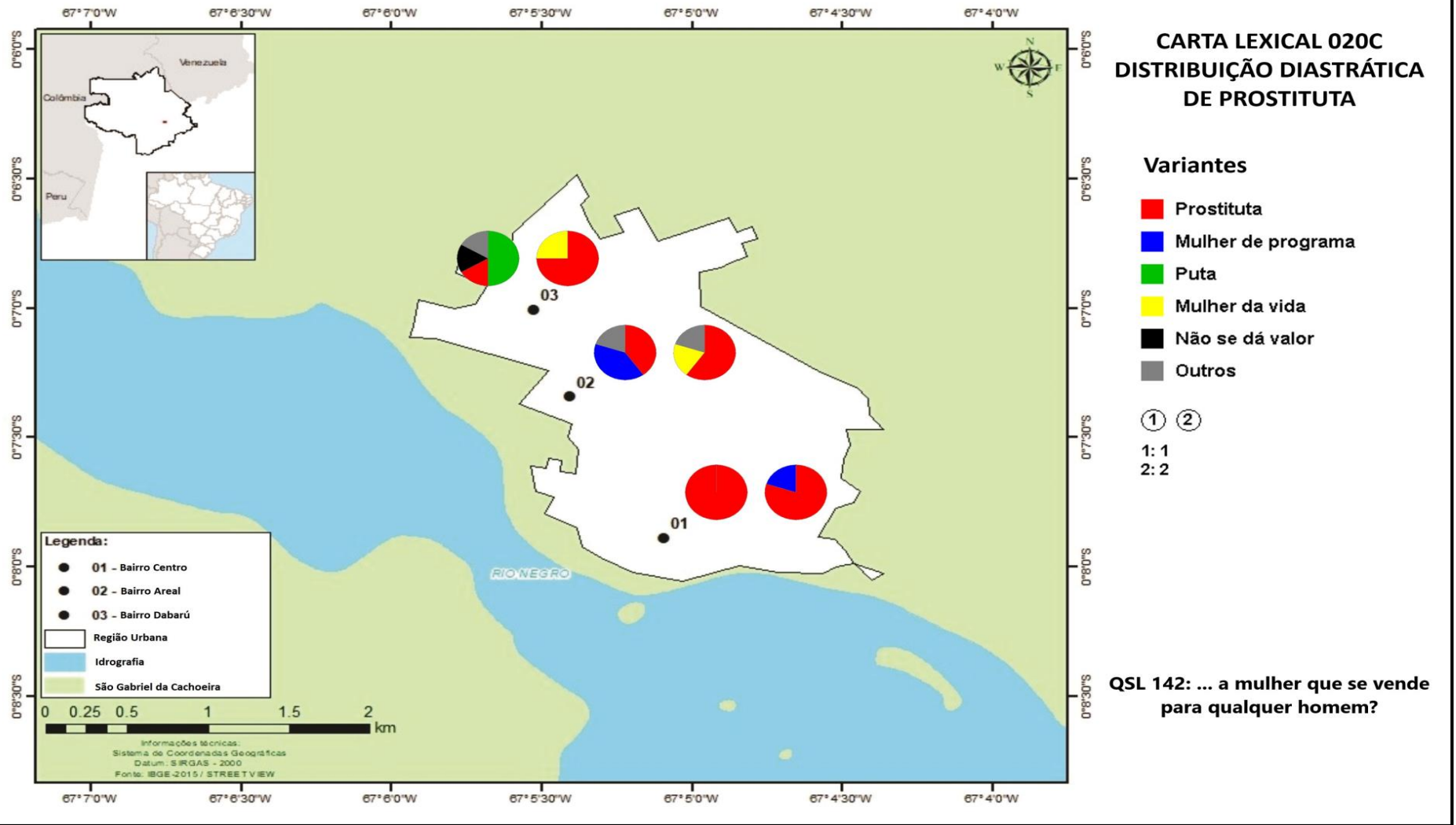
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



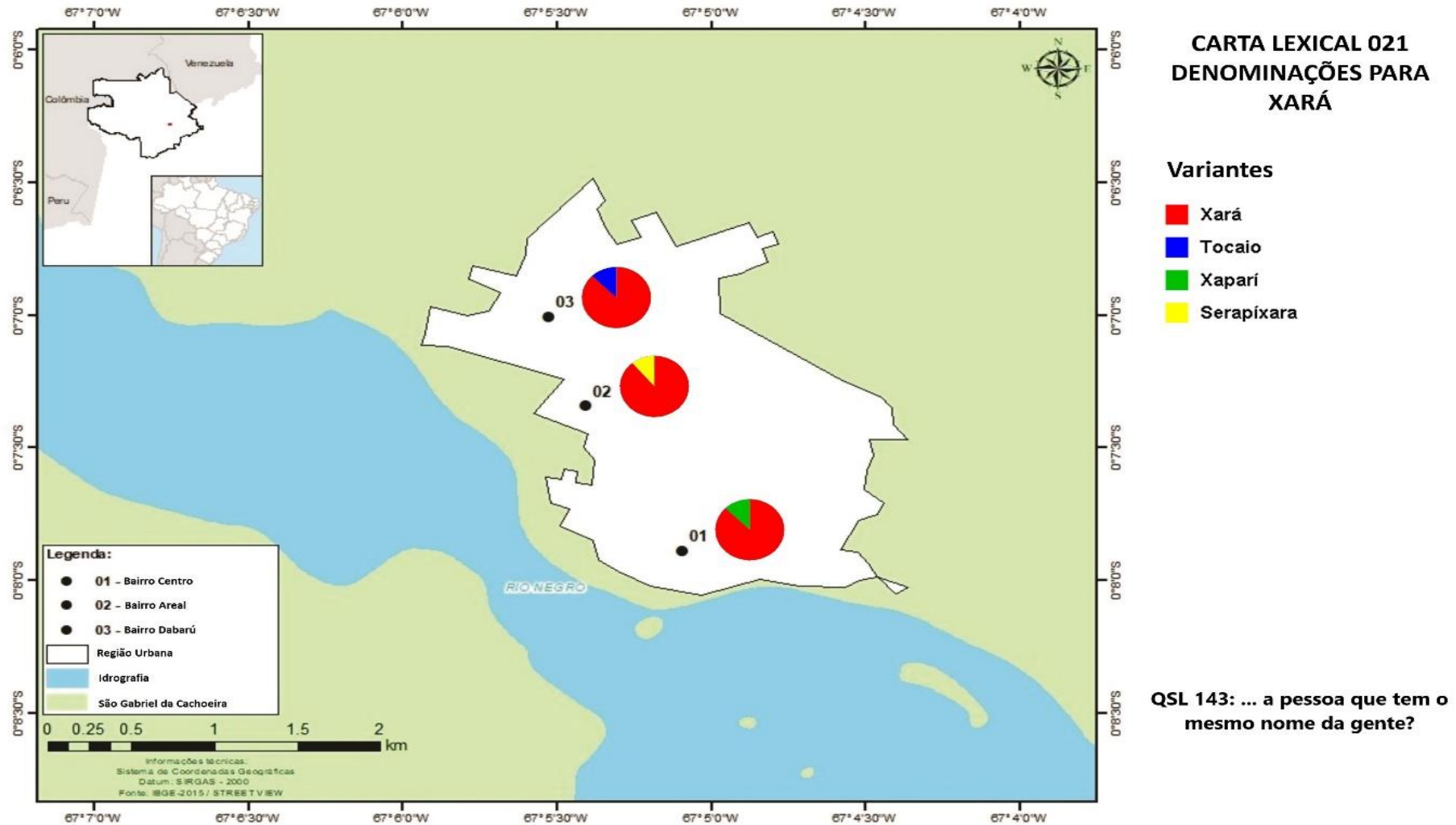
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



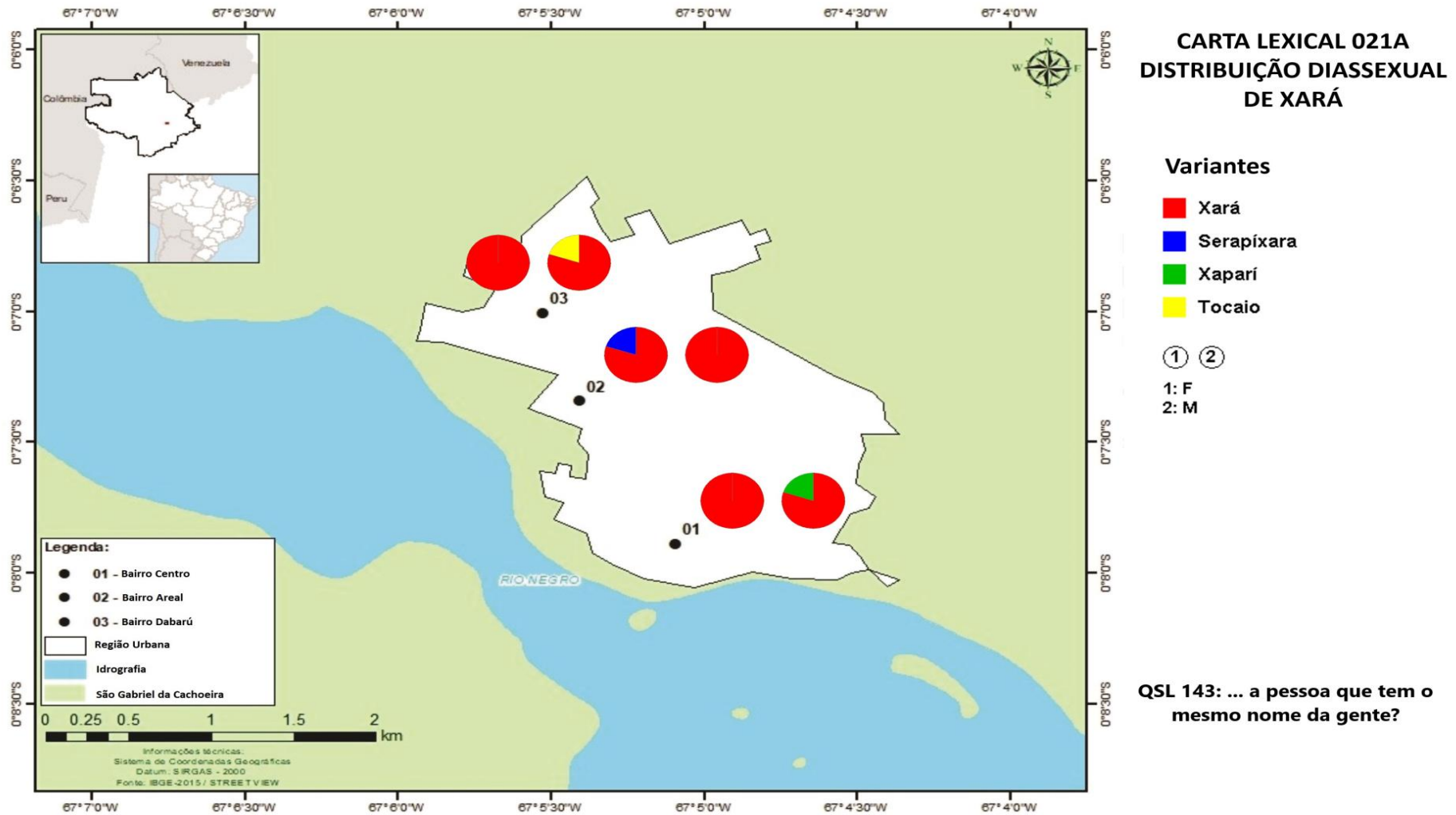
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



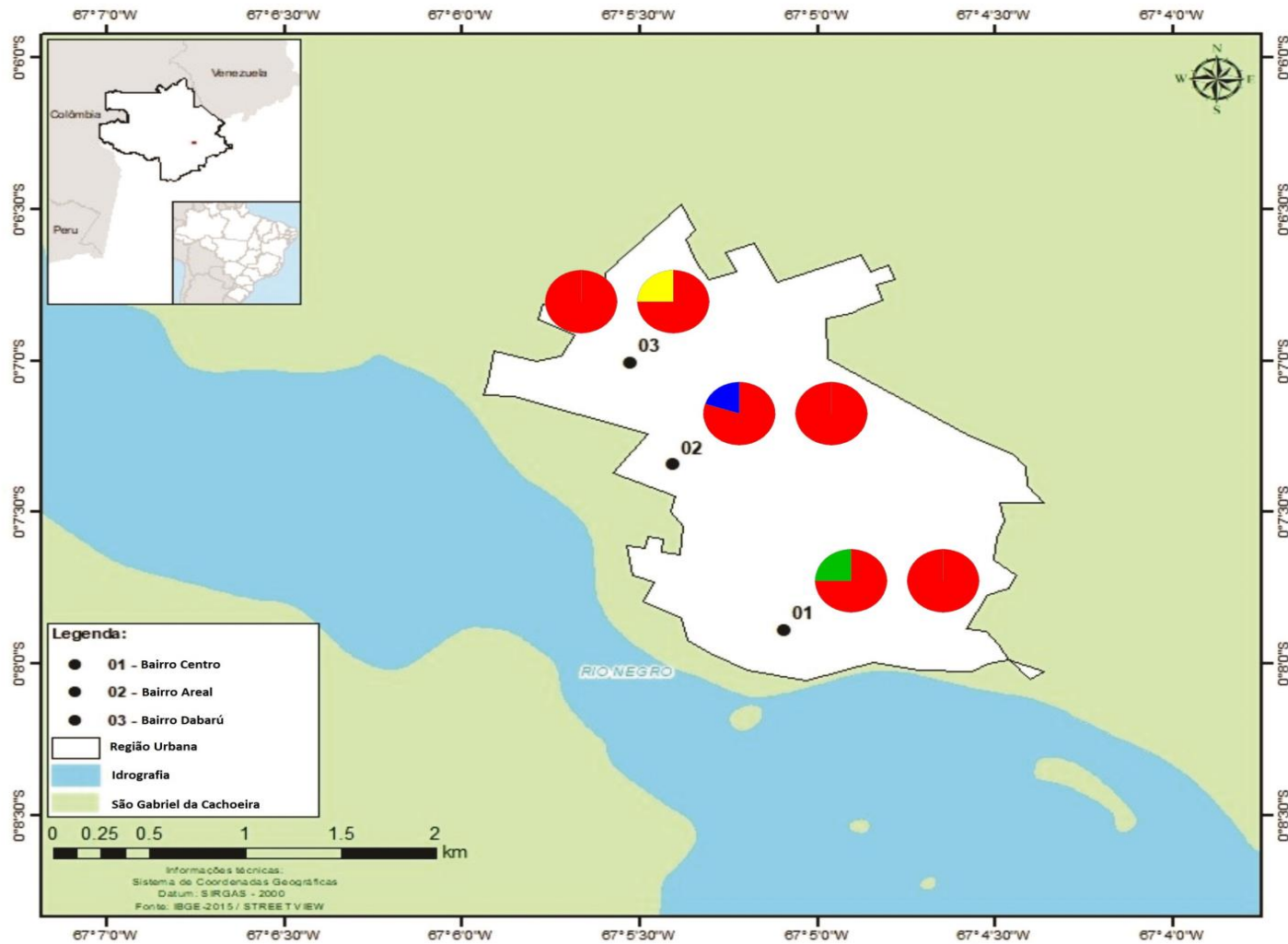
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



CARTA LEXICAL 021B DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL DE XARÁ

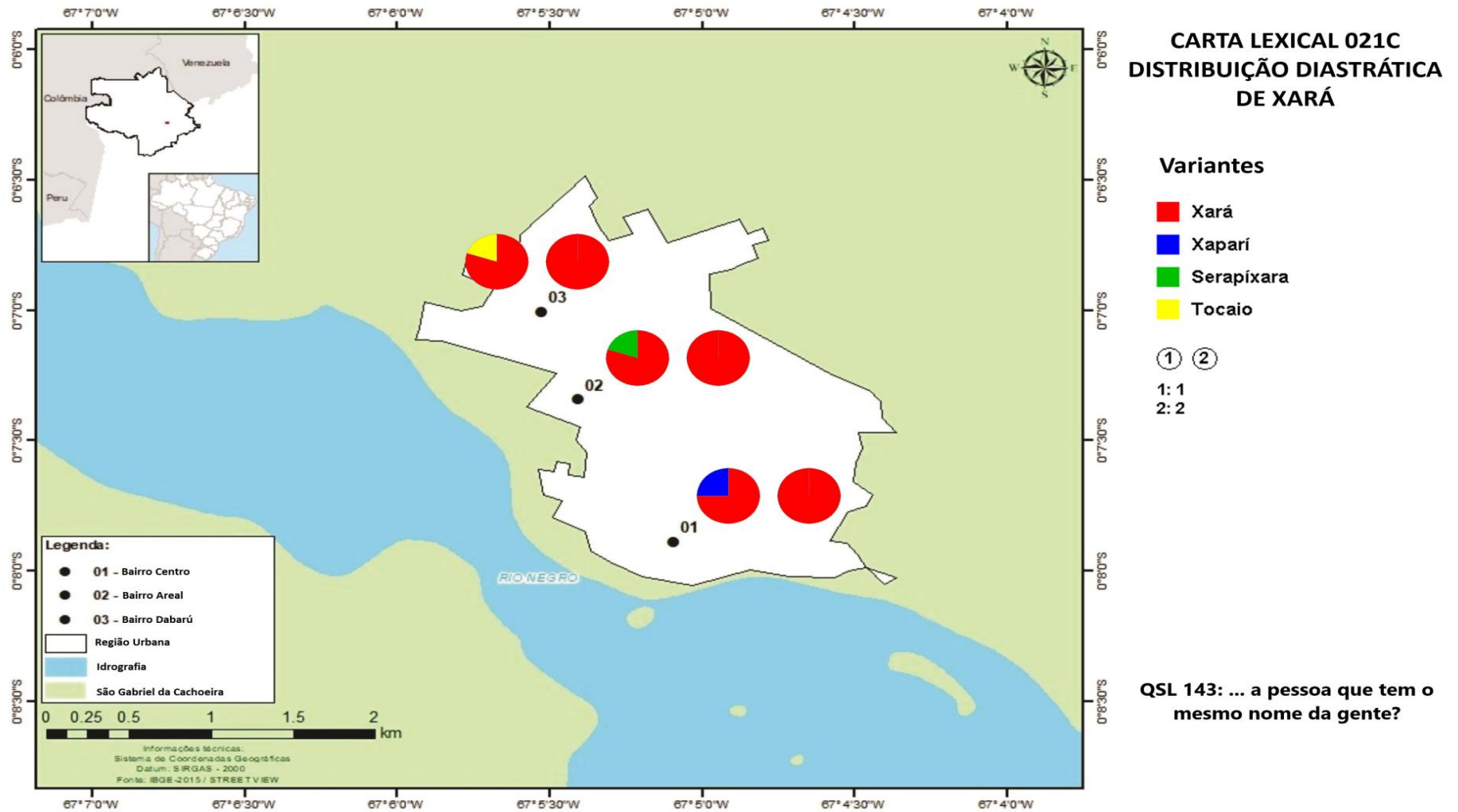
Variantes

- Xará
- Serapixara
- Xapari
- Tocaio

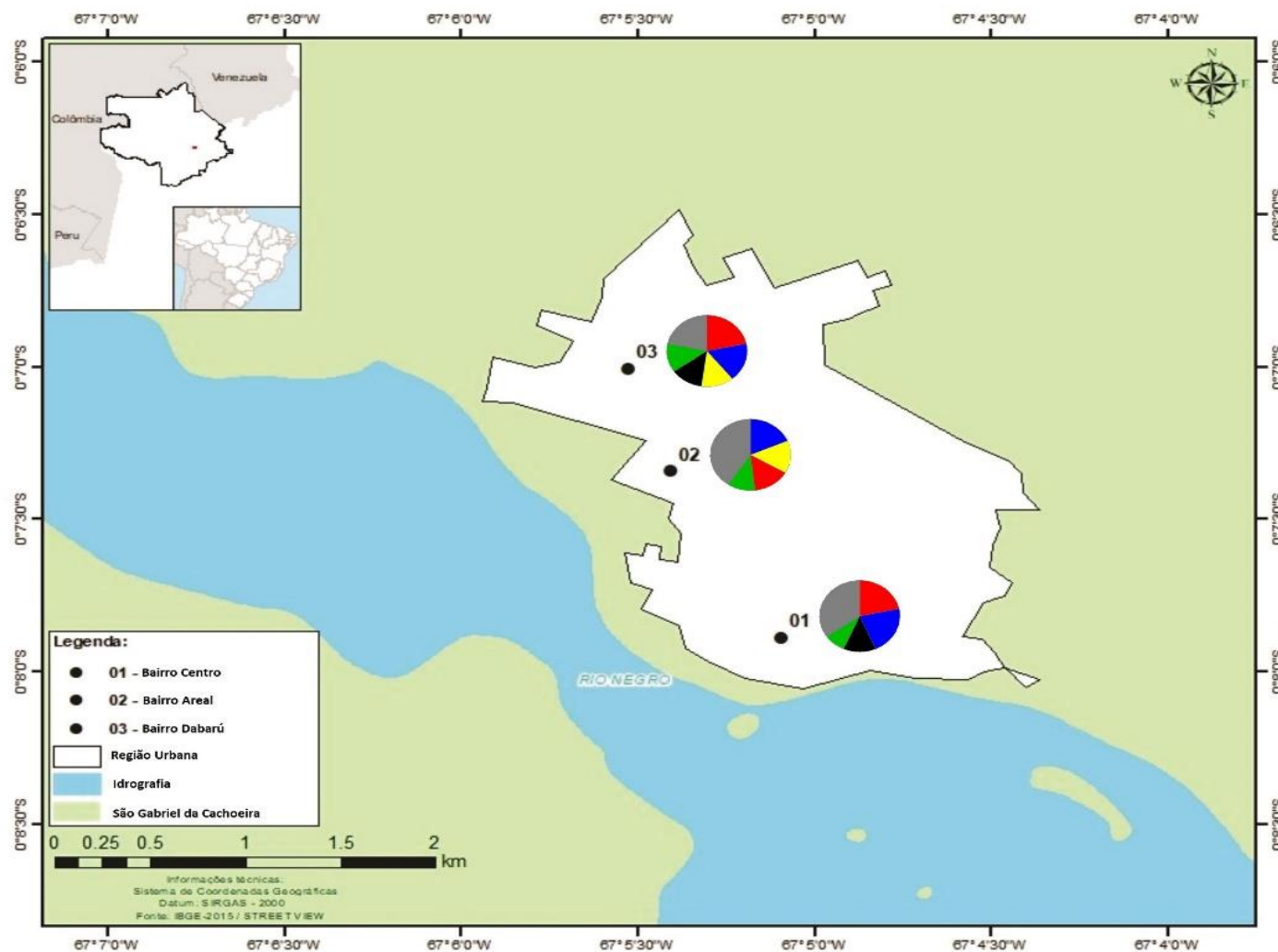
- ① ②
 1: A
 2: B

QSL 143: ... a pessoa que tem o mesmo nome da gente?

MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



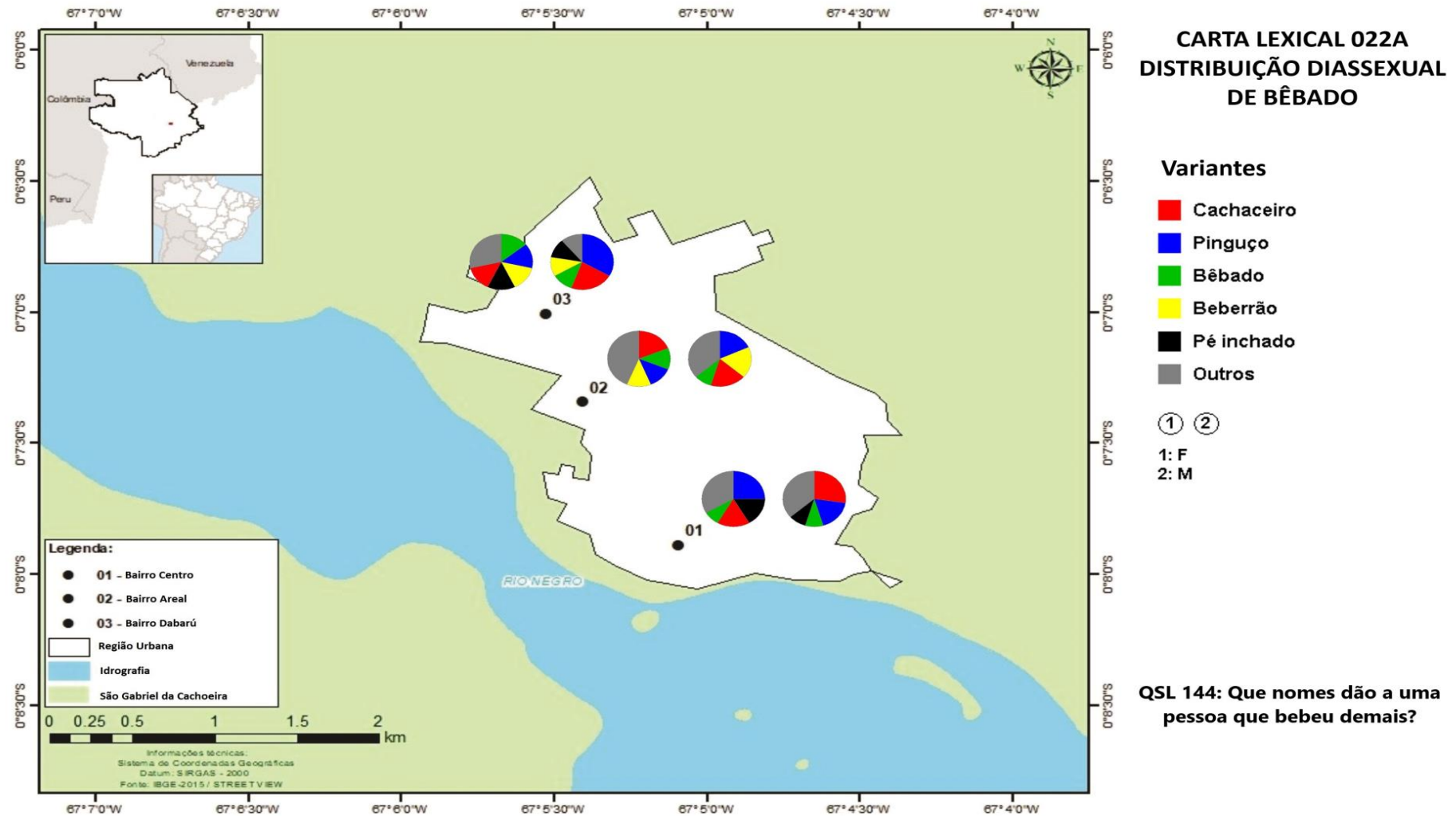
CARTA LEXICAL 022 DENOMINAÇÕES PARA BÊBADO

Variantes

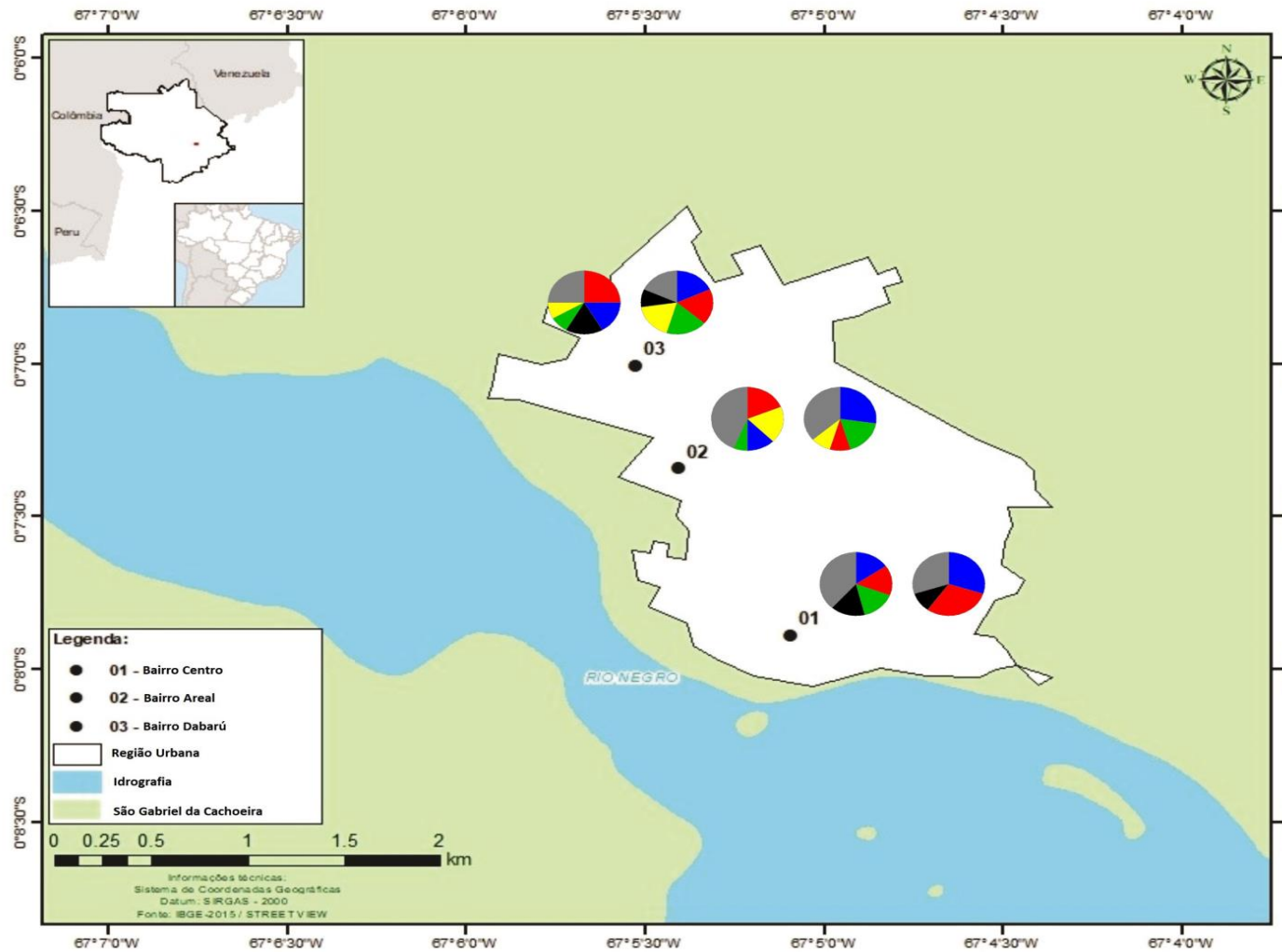
- Pinguço
- Cachaceiro
- Bêbado
- Beberrão
- Pé inchado
- Outros

QSL 144: Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais?

MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



CARTA LEXICAL 022B DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL DE BÊBADO

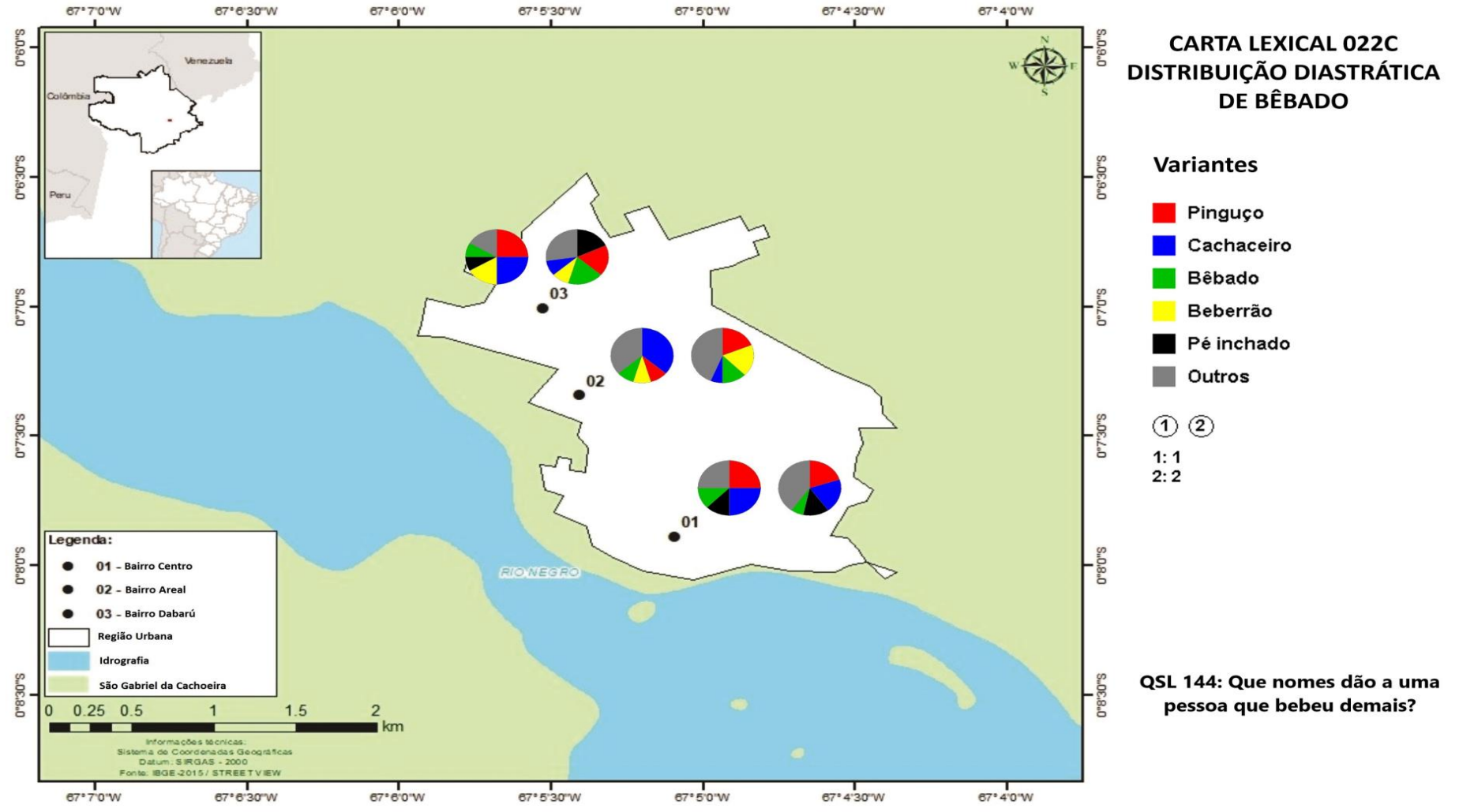
Variantes

- Pinguço
- Cachaceiro
- Bêbado
- Beberrão
- Pé inchado
- Outros

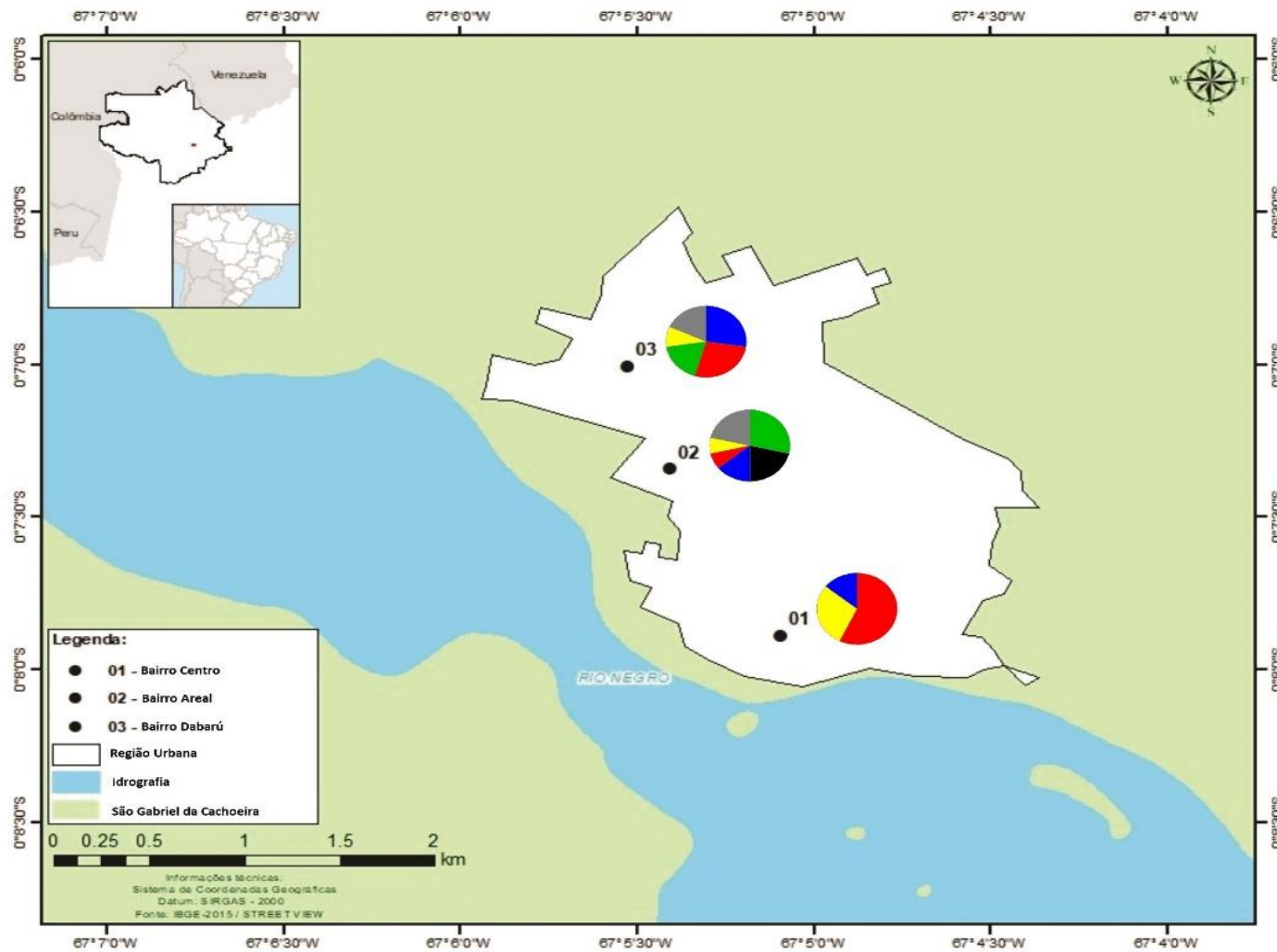
- ① ②
 1: A
 2: B

**QSL 144: Que nomes dão a uma
 pessoa que bebeu demais?**

MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



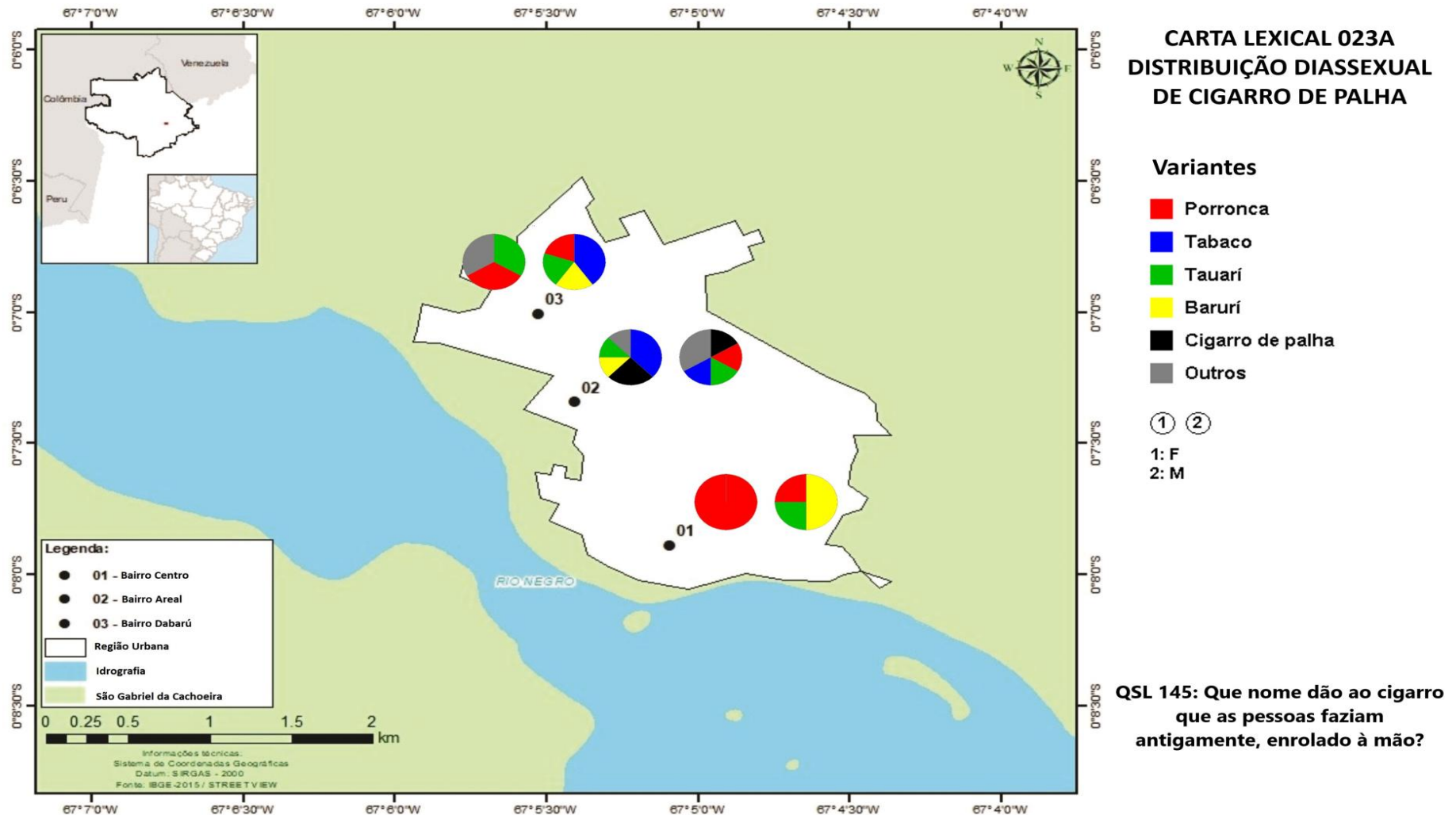
CARTA LEXICAL 023 DENOMINAÇÕES PARA CIGARRO DE PALHA

Variantes

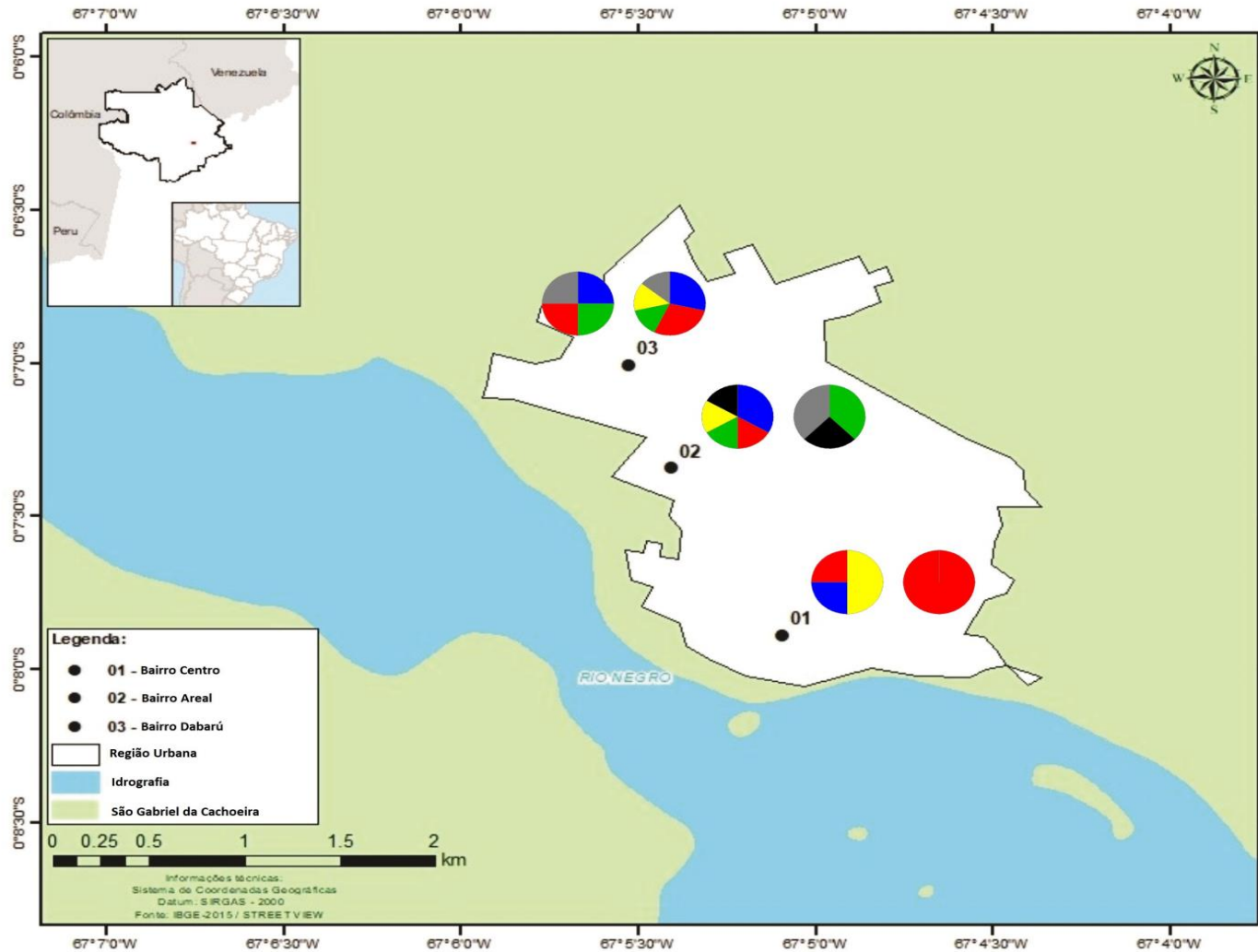
- Porronca
- Tauari
- Tabaco
- Baruri
- Cigarro de palha
- Outros

QSL 145: Que nome dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão?

MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



CARTA LEXICAL 023B DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL DE CIGARRO DE PALHA

Variantes

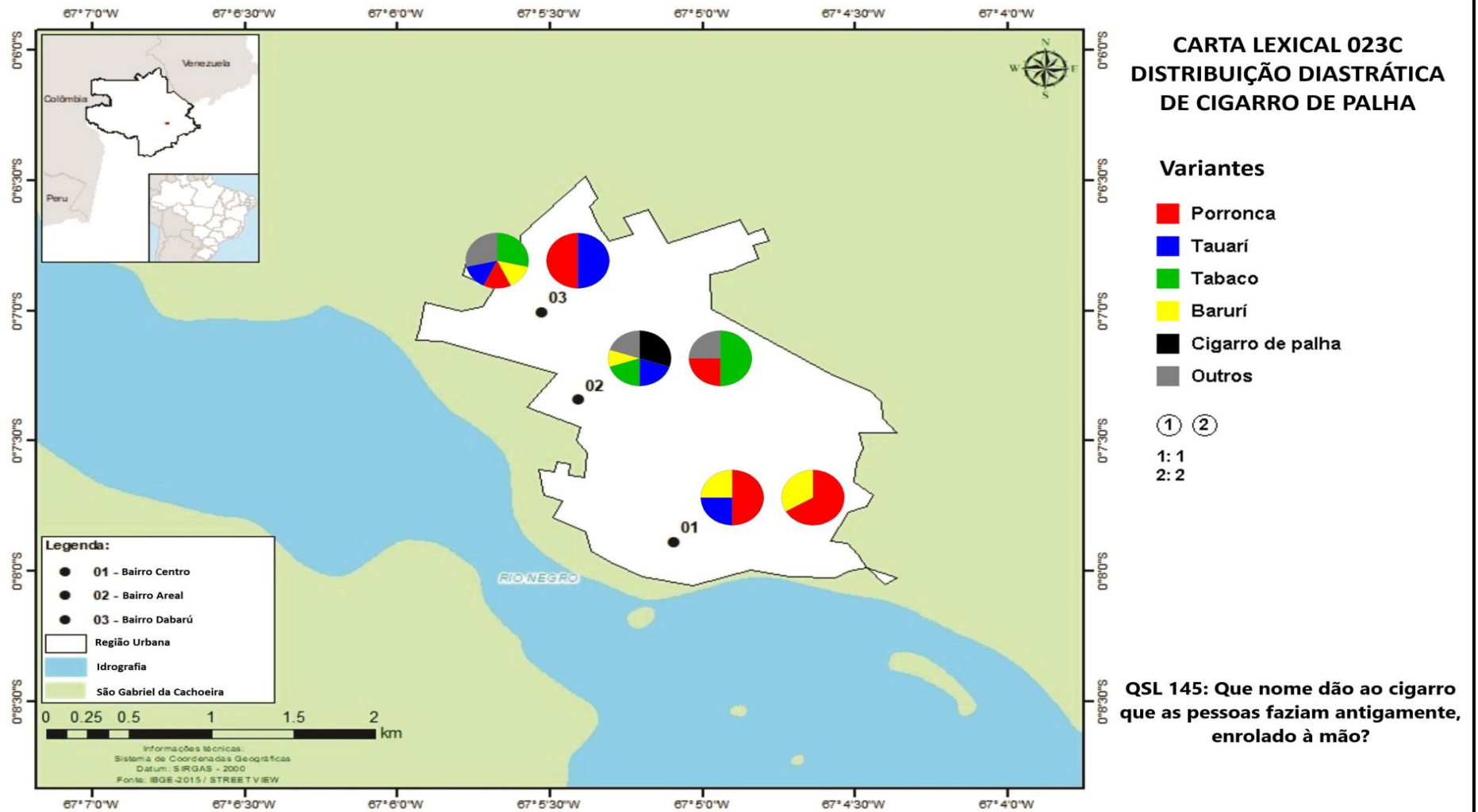
- Porronca
- Tauari
- Tabaco
- Baruri
- Cigarro de palha
- Outros

① ②

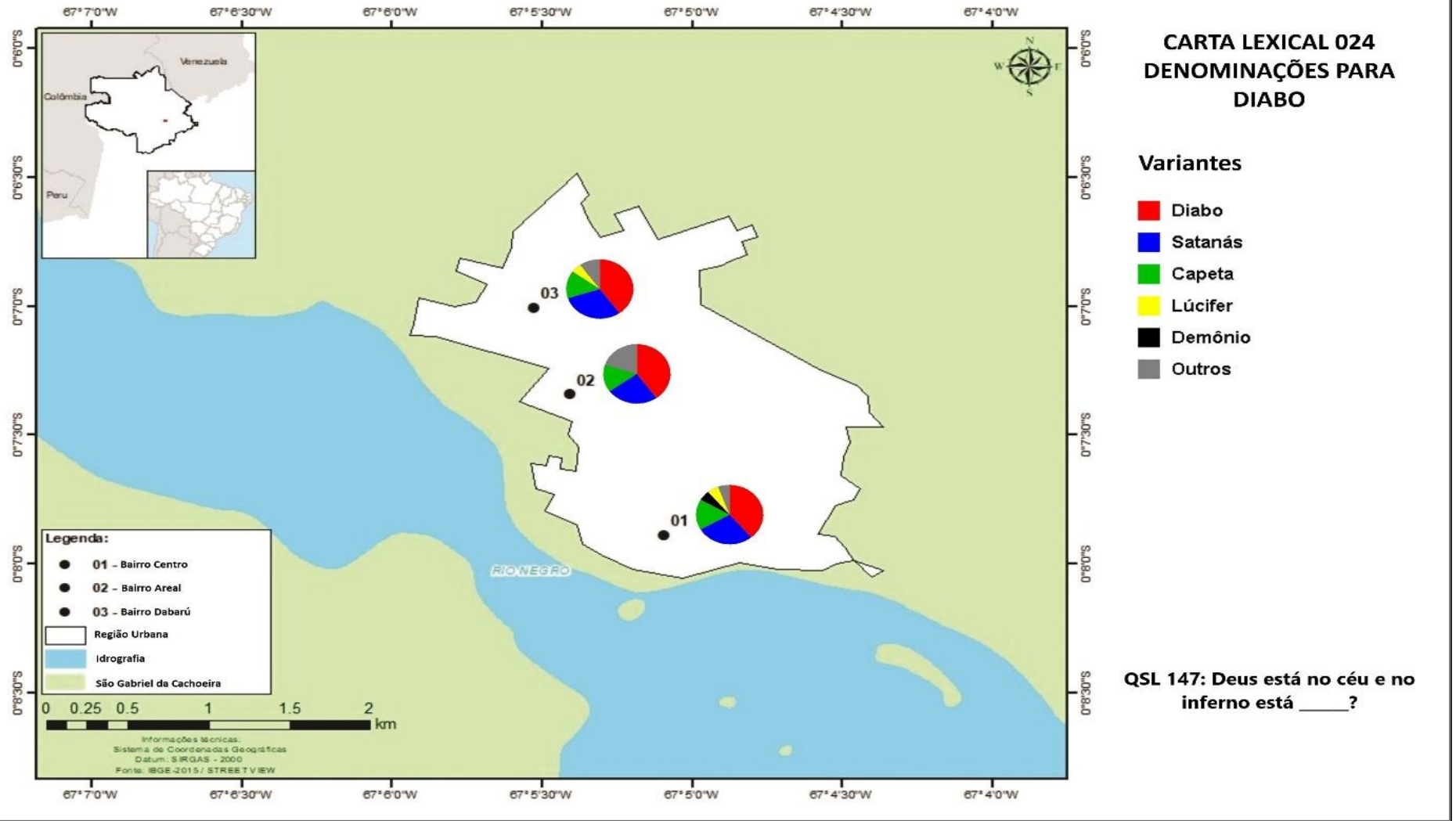
1: A
2: B

QSL 145: Que nome dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão?

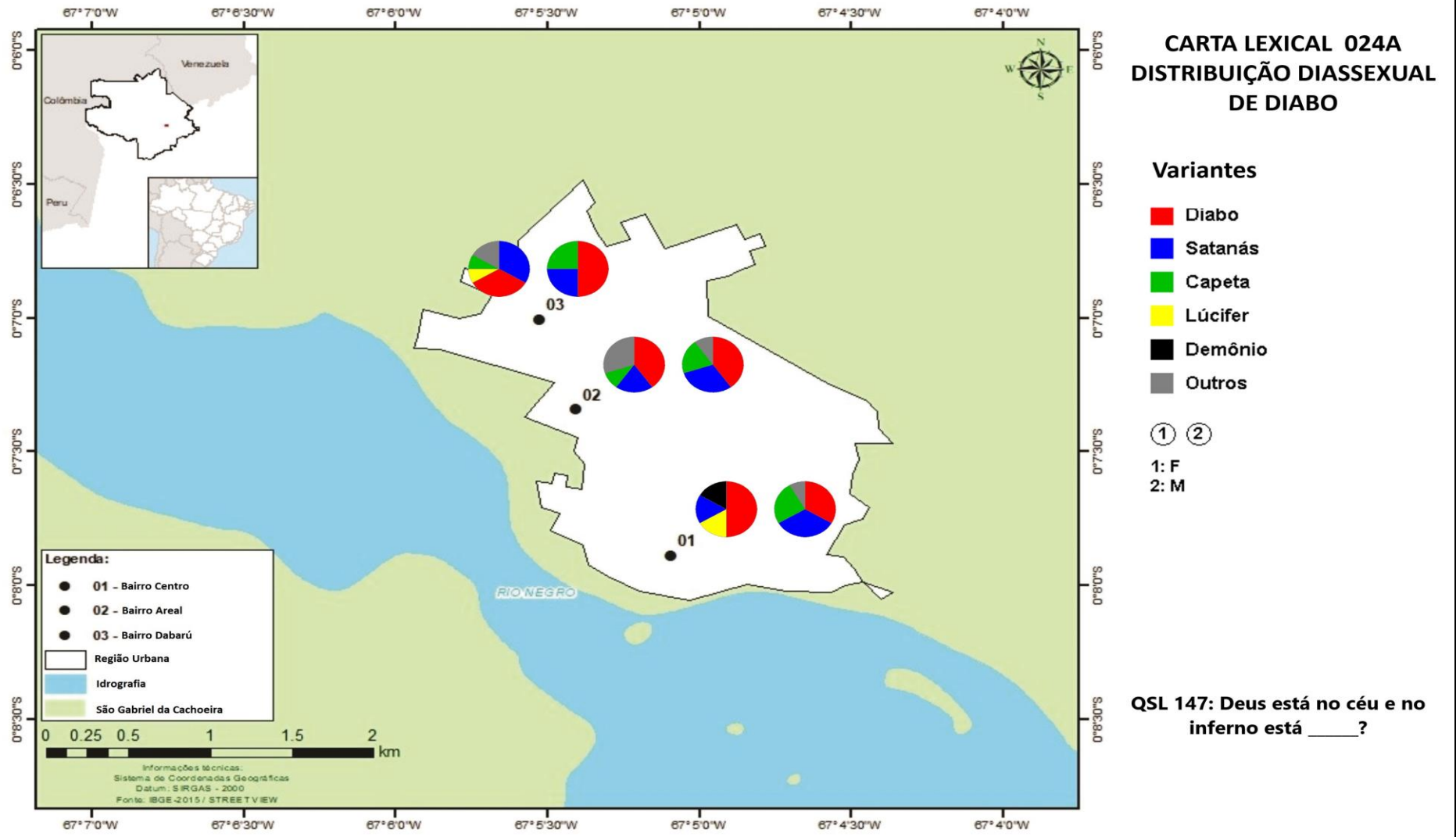
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



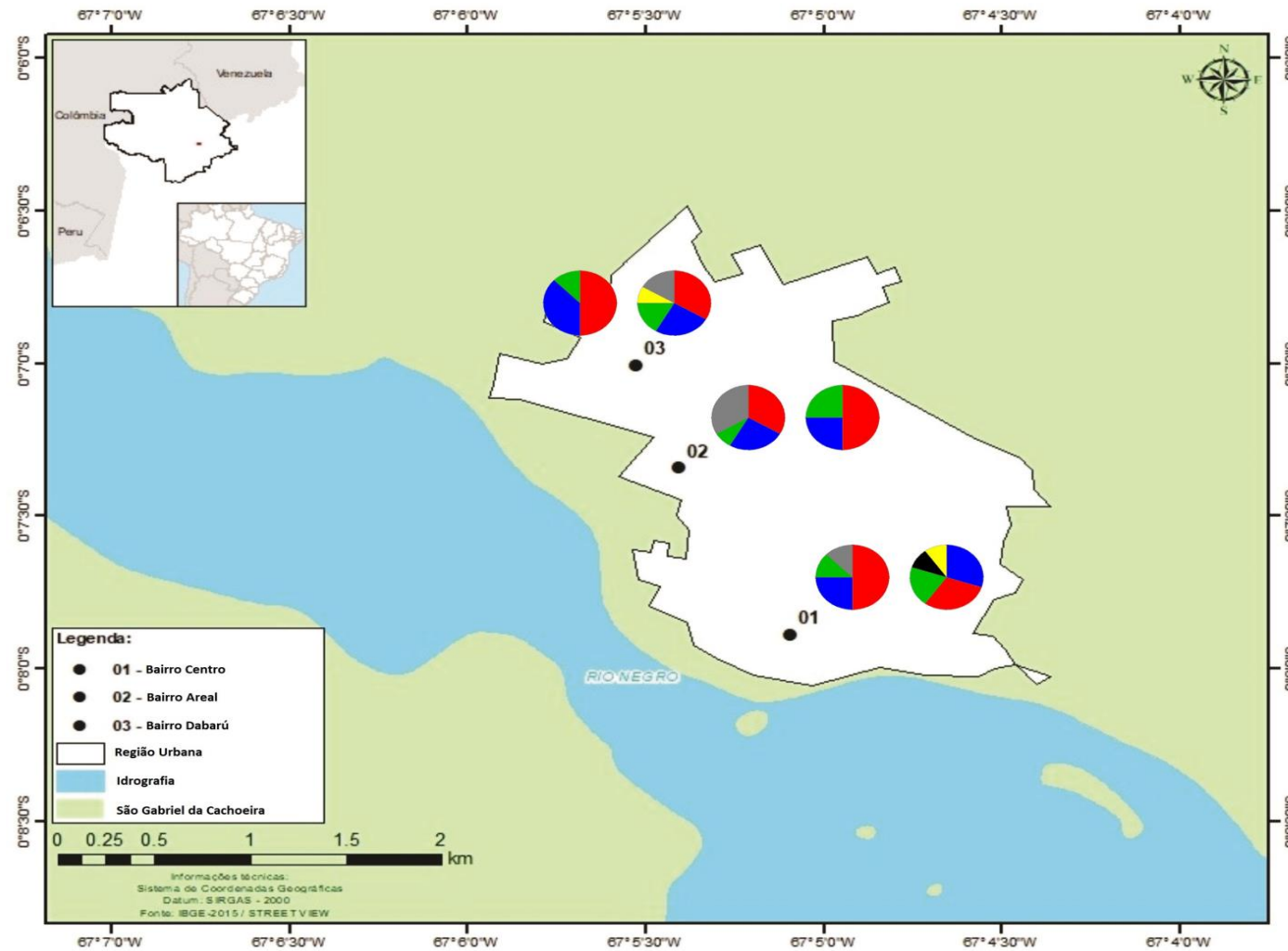
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



CARTA LEXICAL 024B DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL DE DIABO

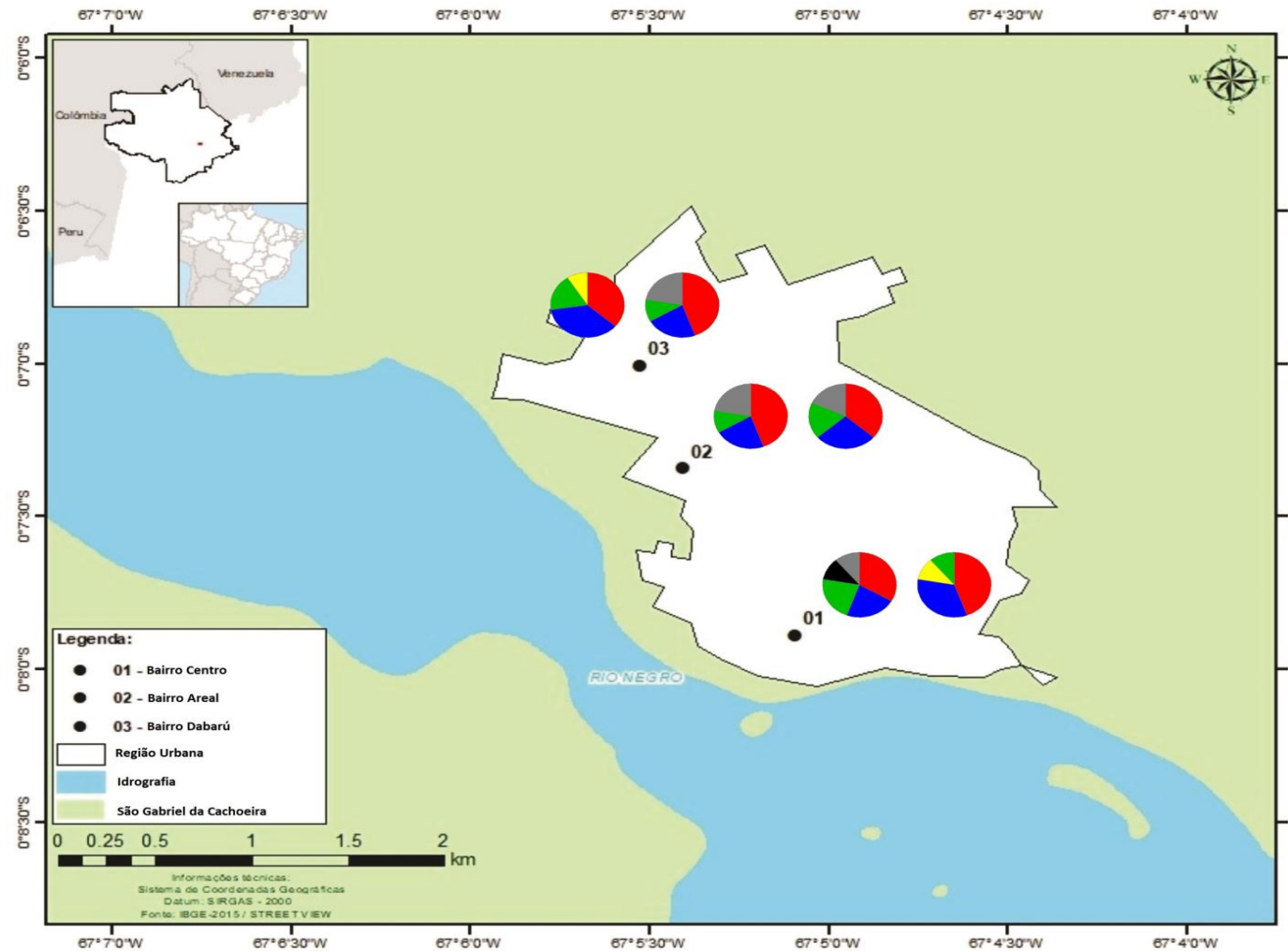
Variantes

- Diabo
- Satanás
- Capeta
- Lúcifer
- Demônio
- Outros

- ① ②
 1: A
 2: B

QSL 147: Deus está no céu e no inferno está ____?

MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



CARTA LEXICAL 024C DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA DE DIABO

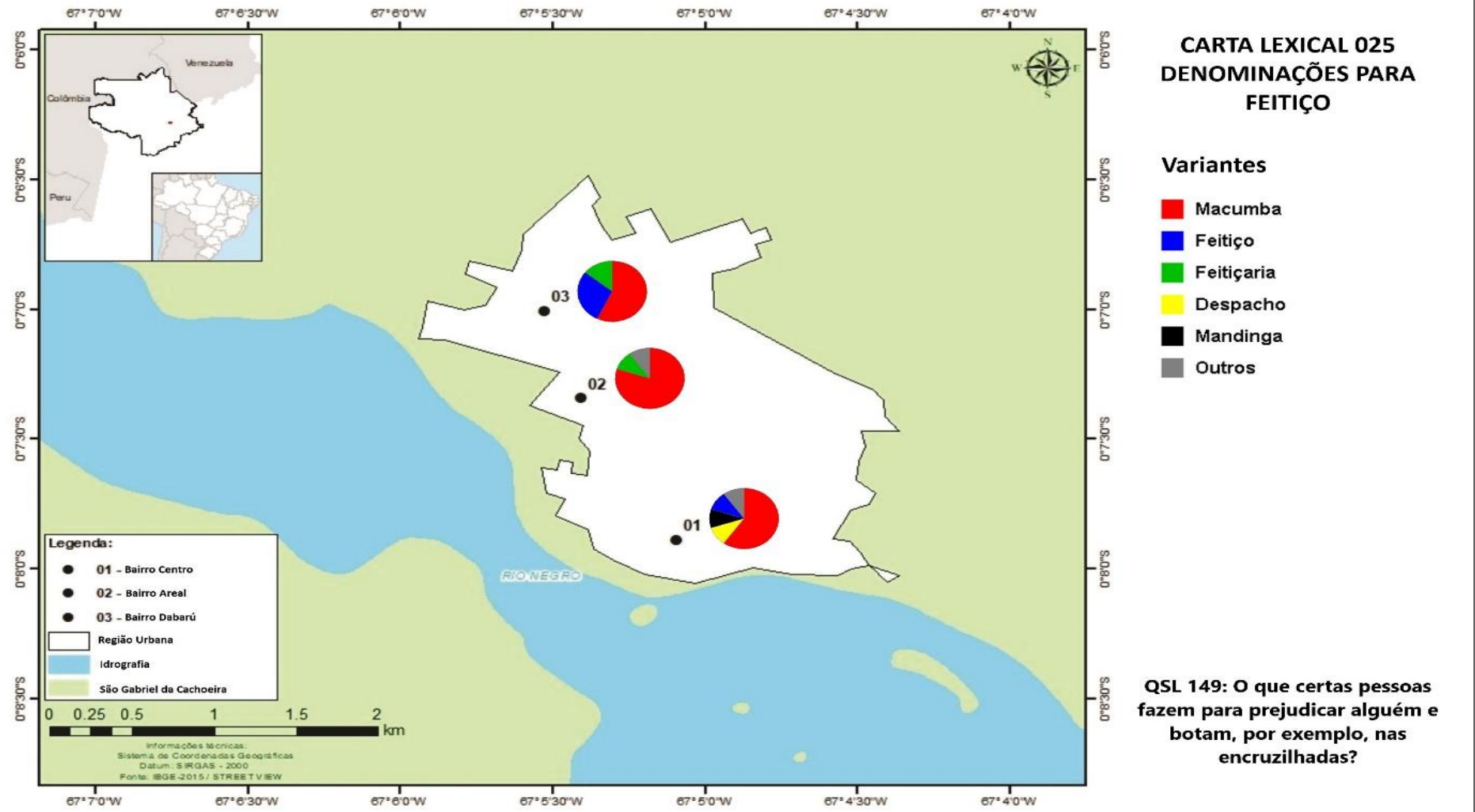
Variantes

- Diabo
- Satanás
- Capeta
- Lúcifer
- Demônio
- Outros

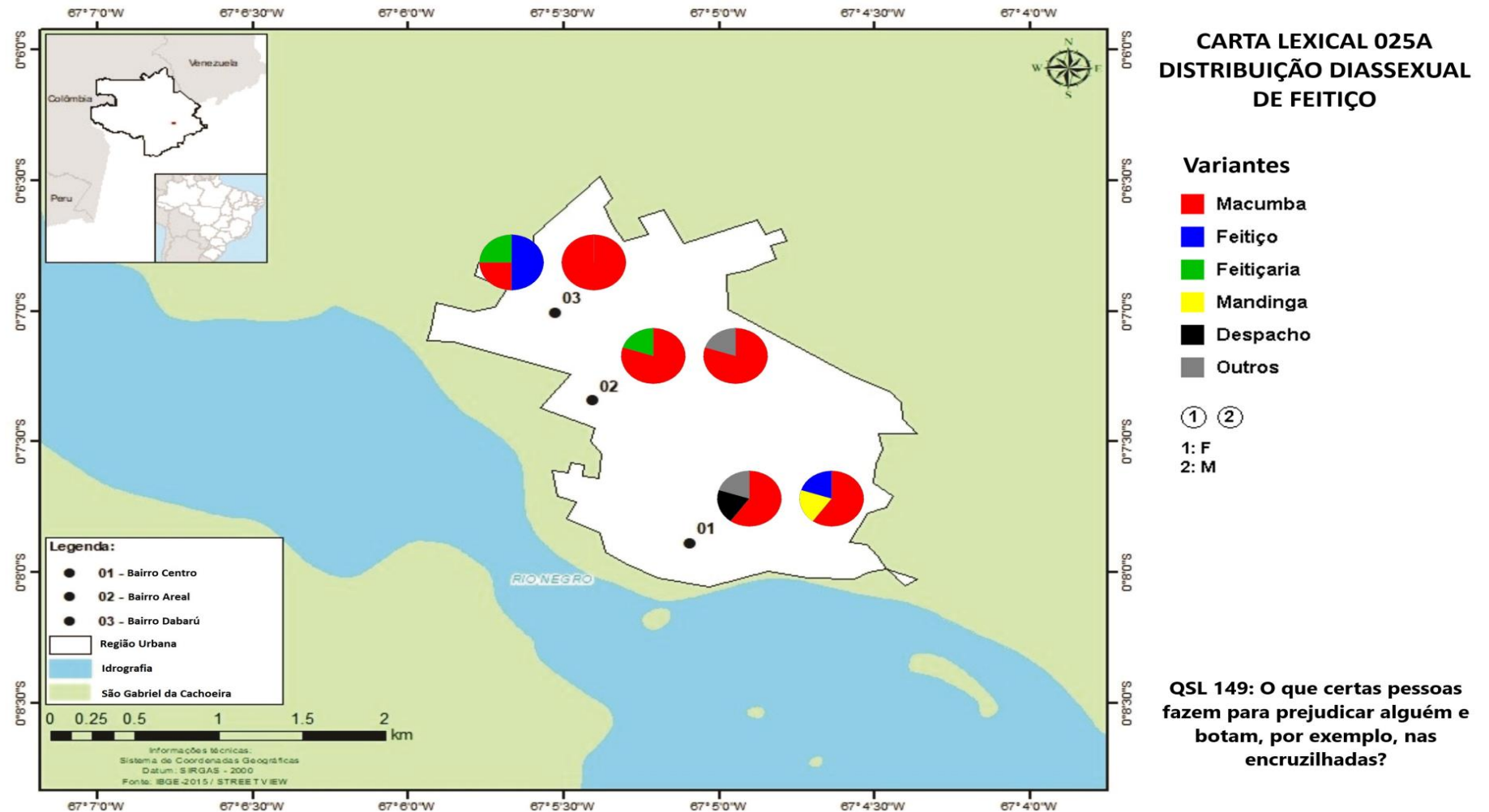
- ① ②
 1: 1
 2: 2

QSL 147: Deus está no céu e no inferno está ____?

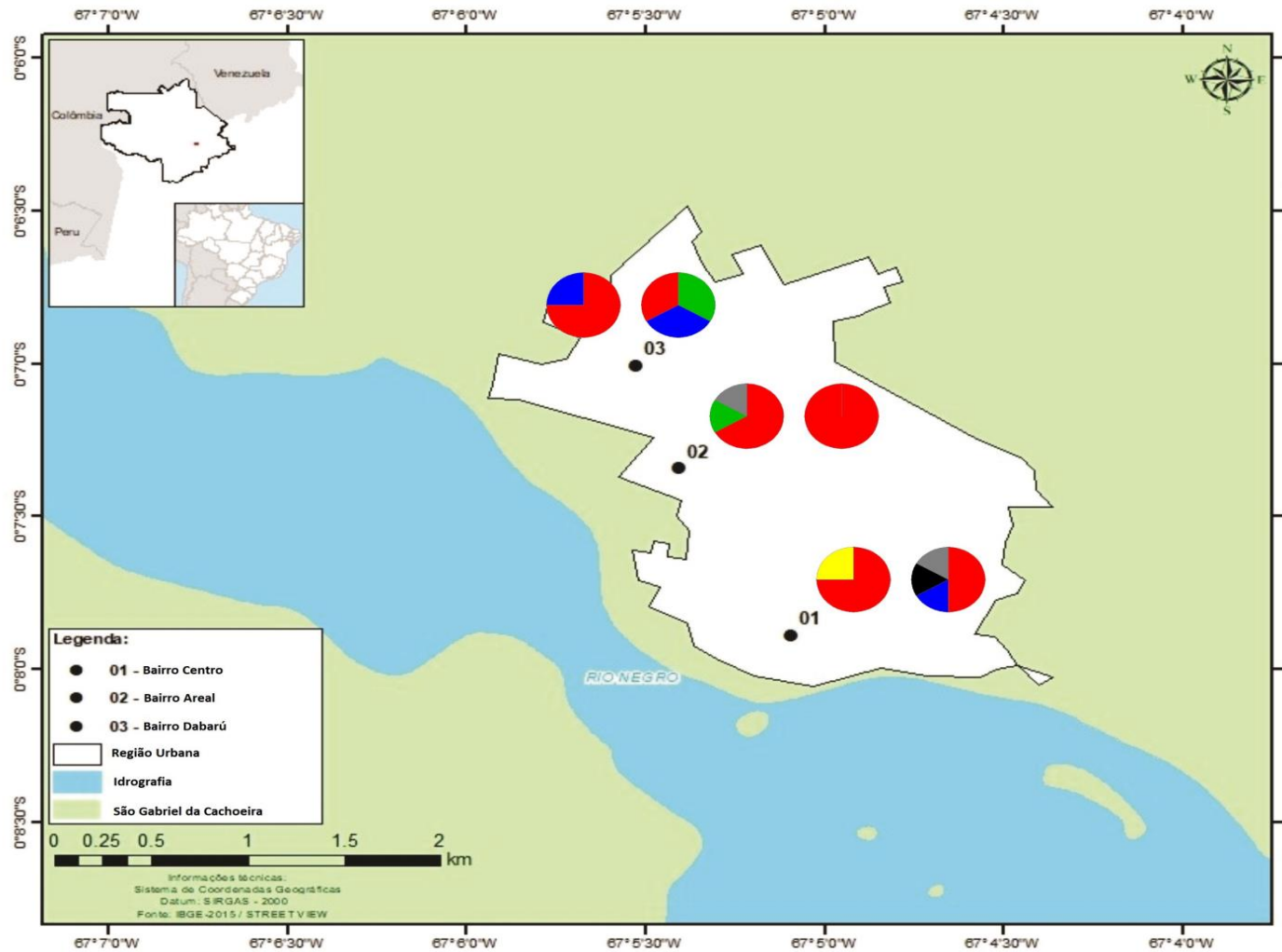
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



CARTA LEXICAL 025B DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL DE FEITIÇO

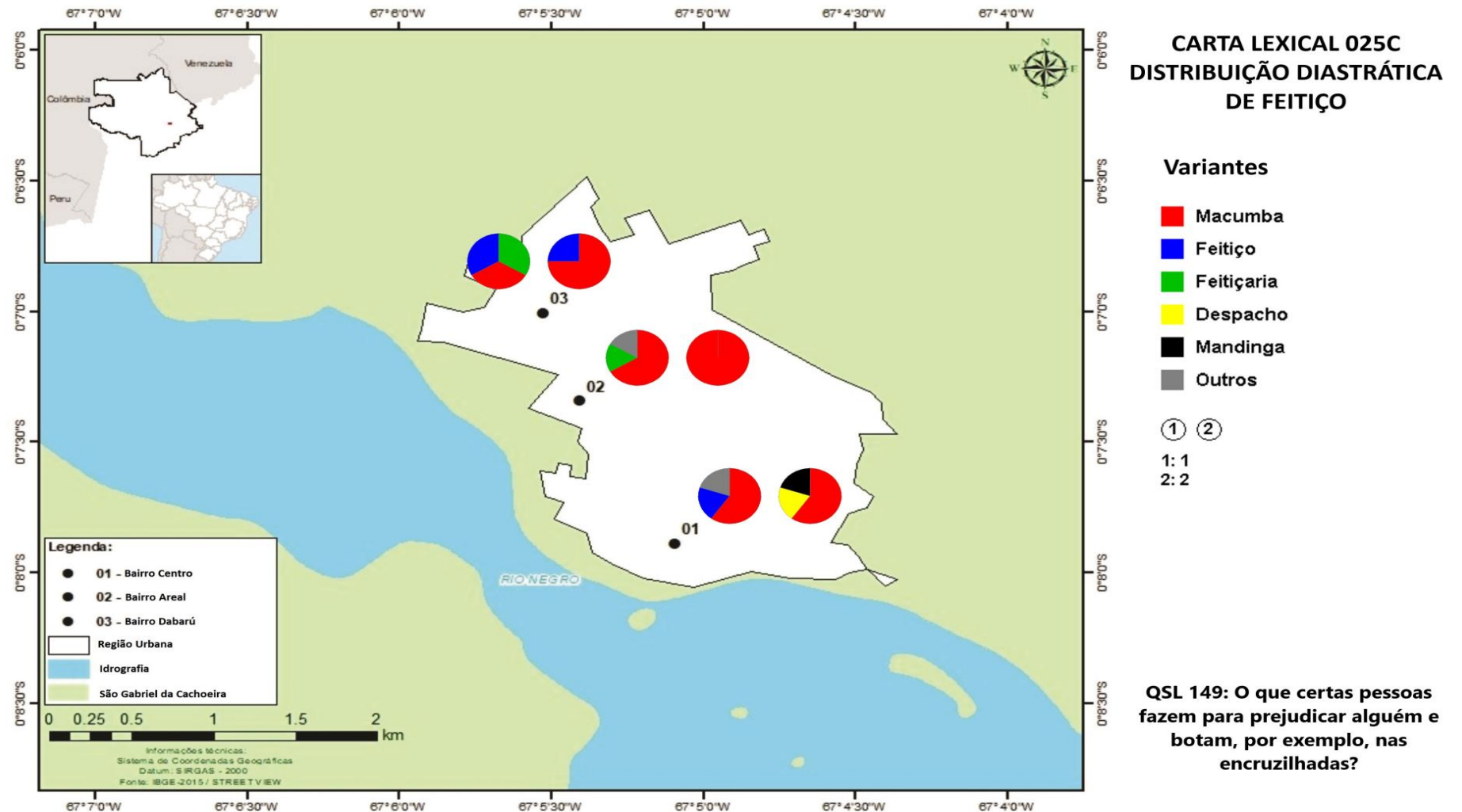
Variantes

- Macumba
- Feitiço
- Feitiçaria
- Despacho
- Mandinga
- Outros

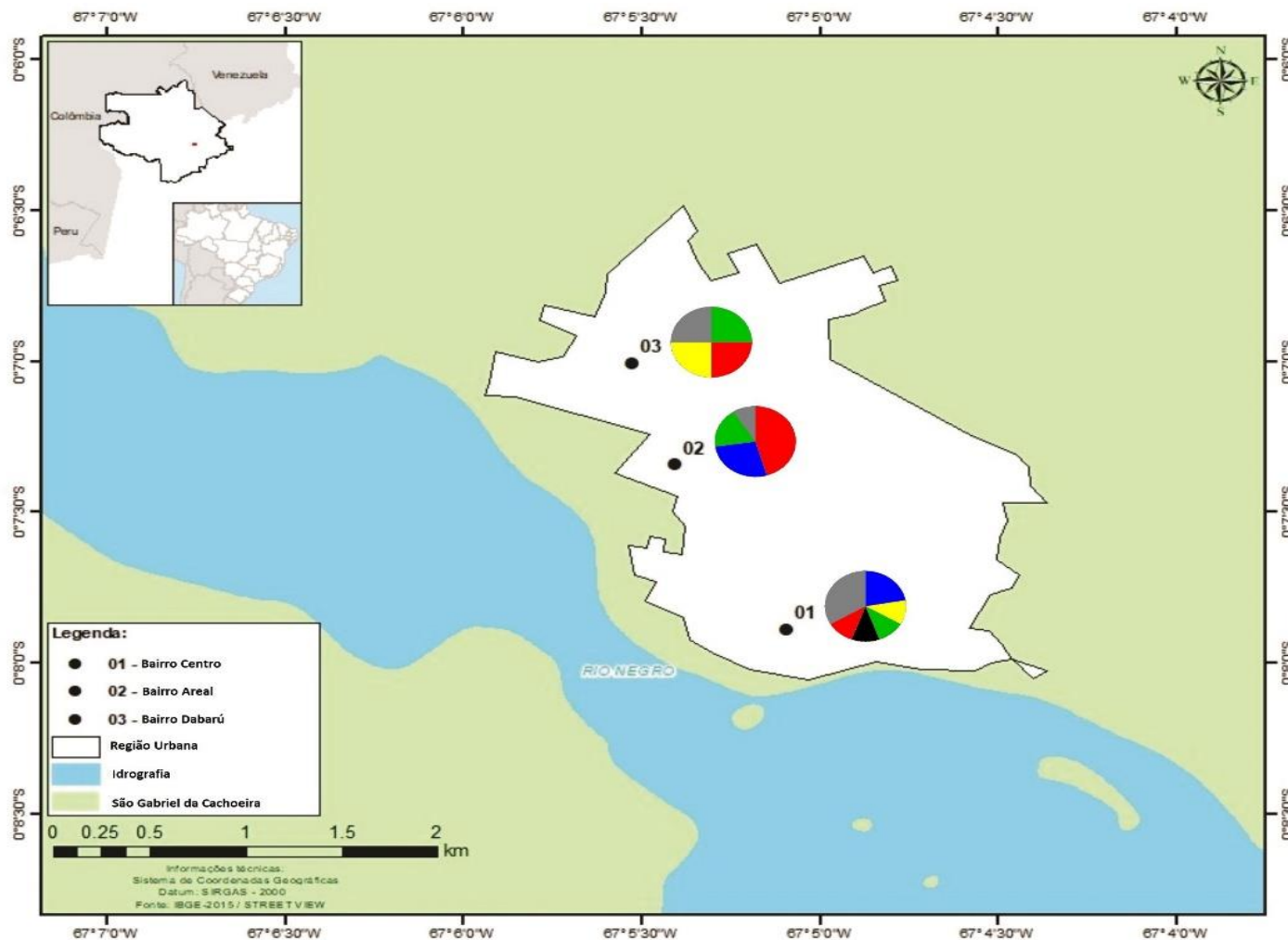
- ① ②
 1: A
 2: B

QSL 149: O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?

MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



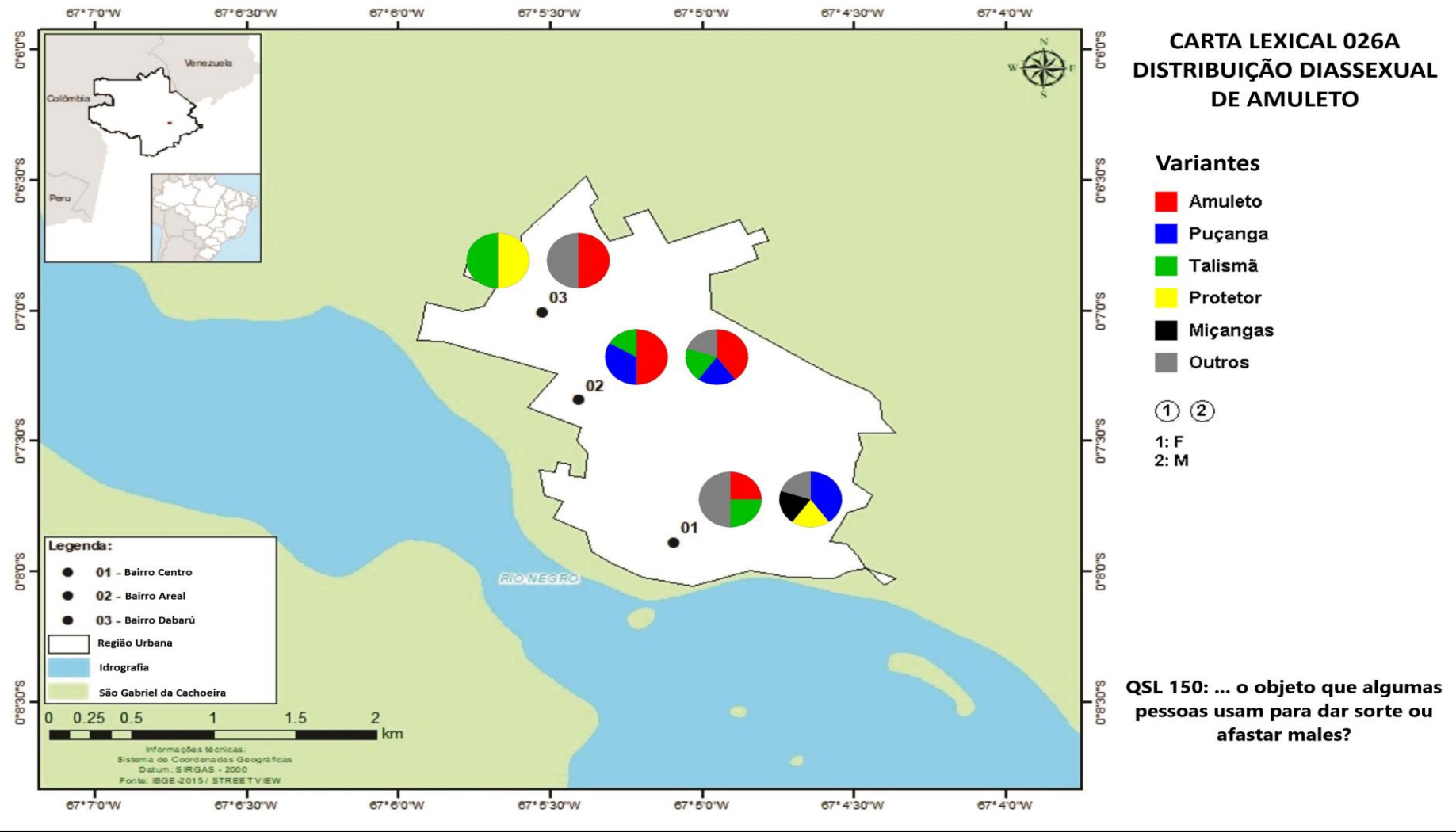
CARTA LEXICAL 026 DENOMINAÇÕES PARA AMULETO

Variantes

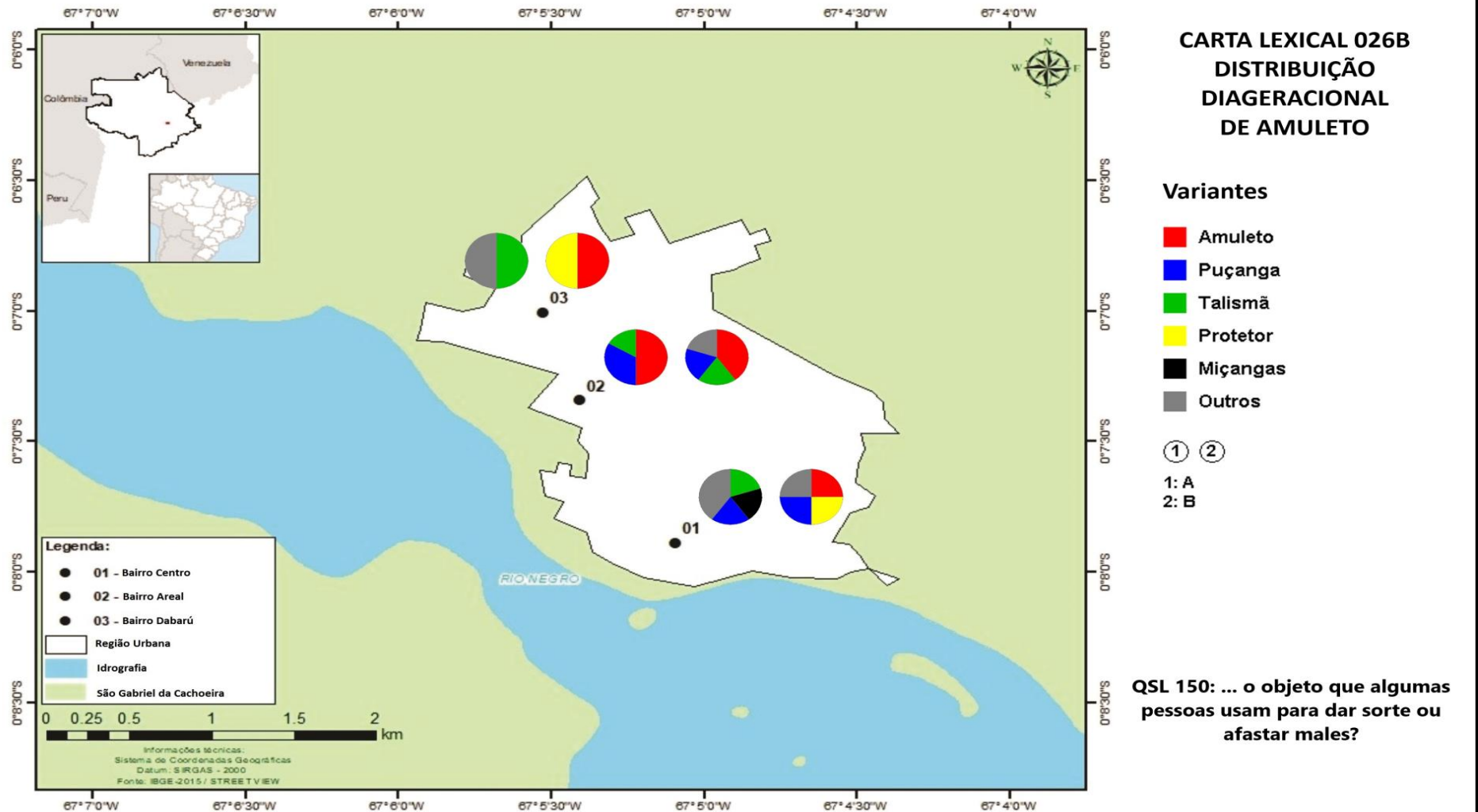
- Amuleto
- Puçanga
- Talismã
- Protetor
- Miçangas
- Outros

QSL 150: ... o objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males?

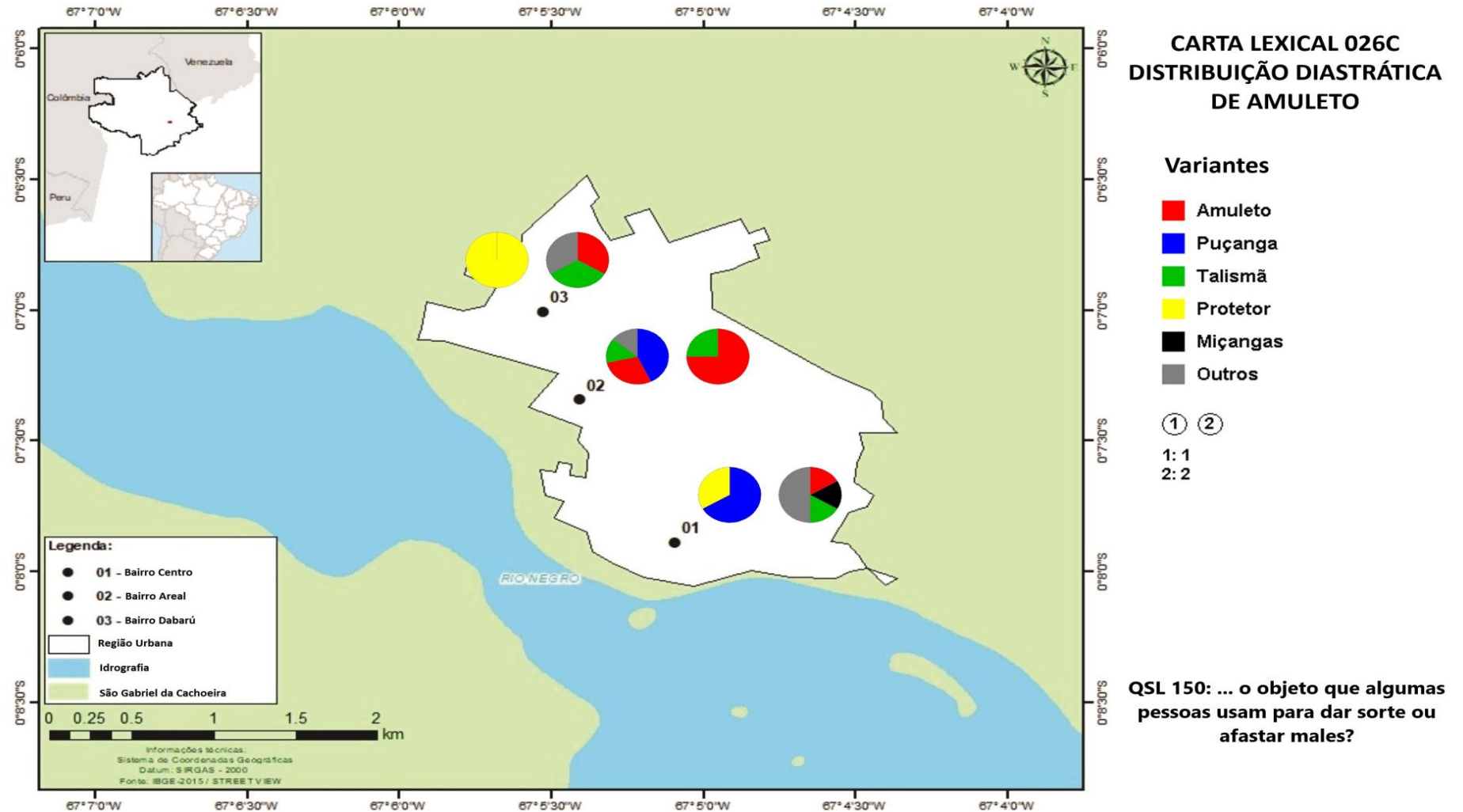
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



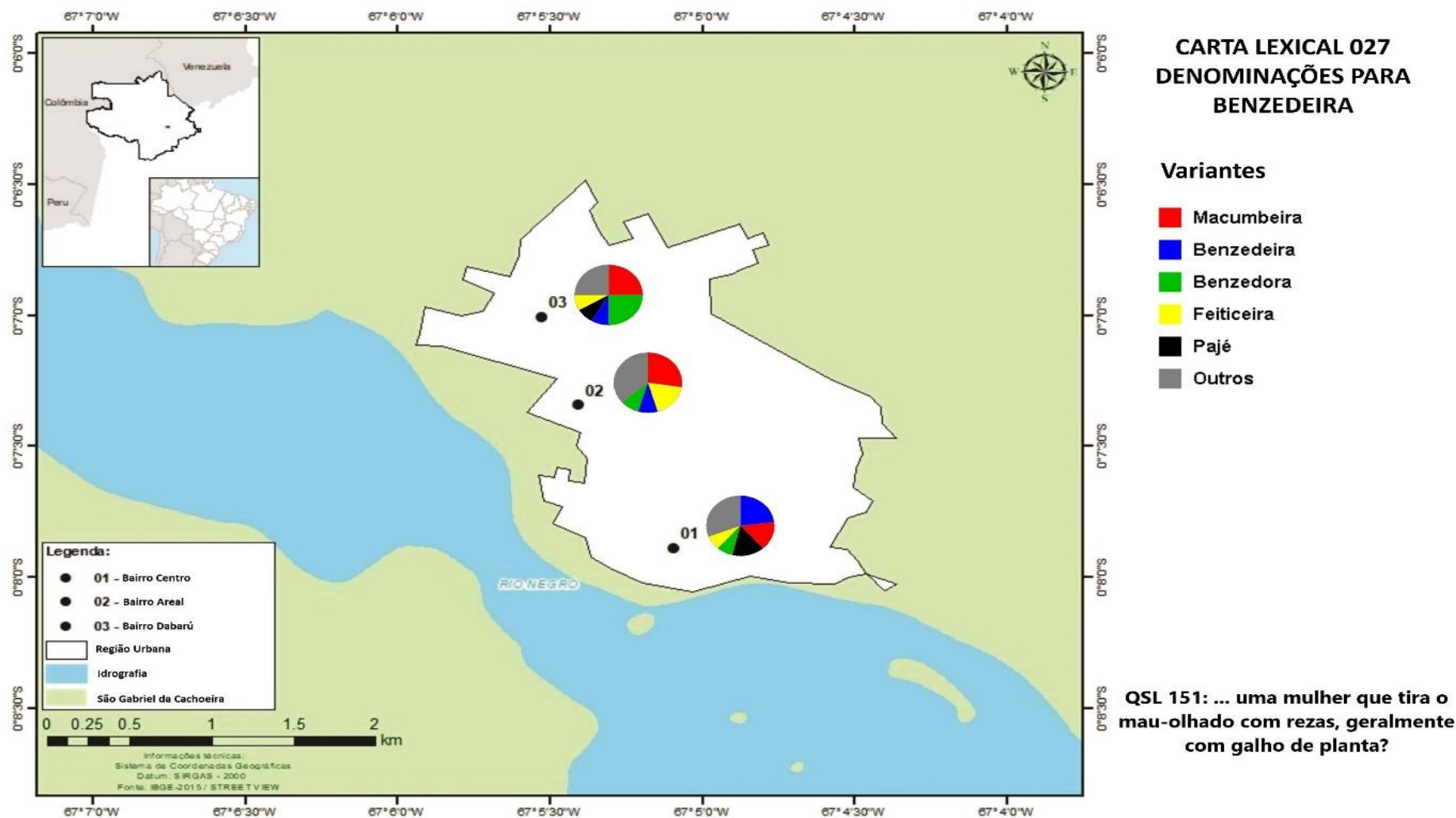
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



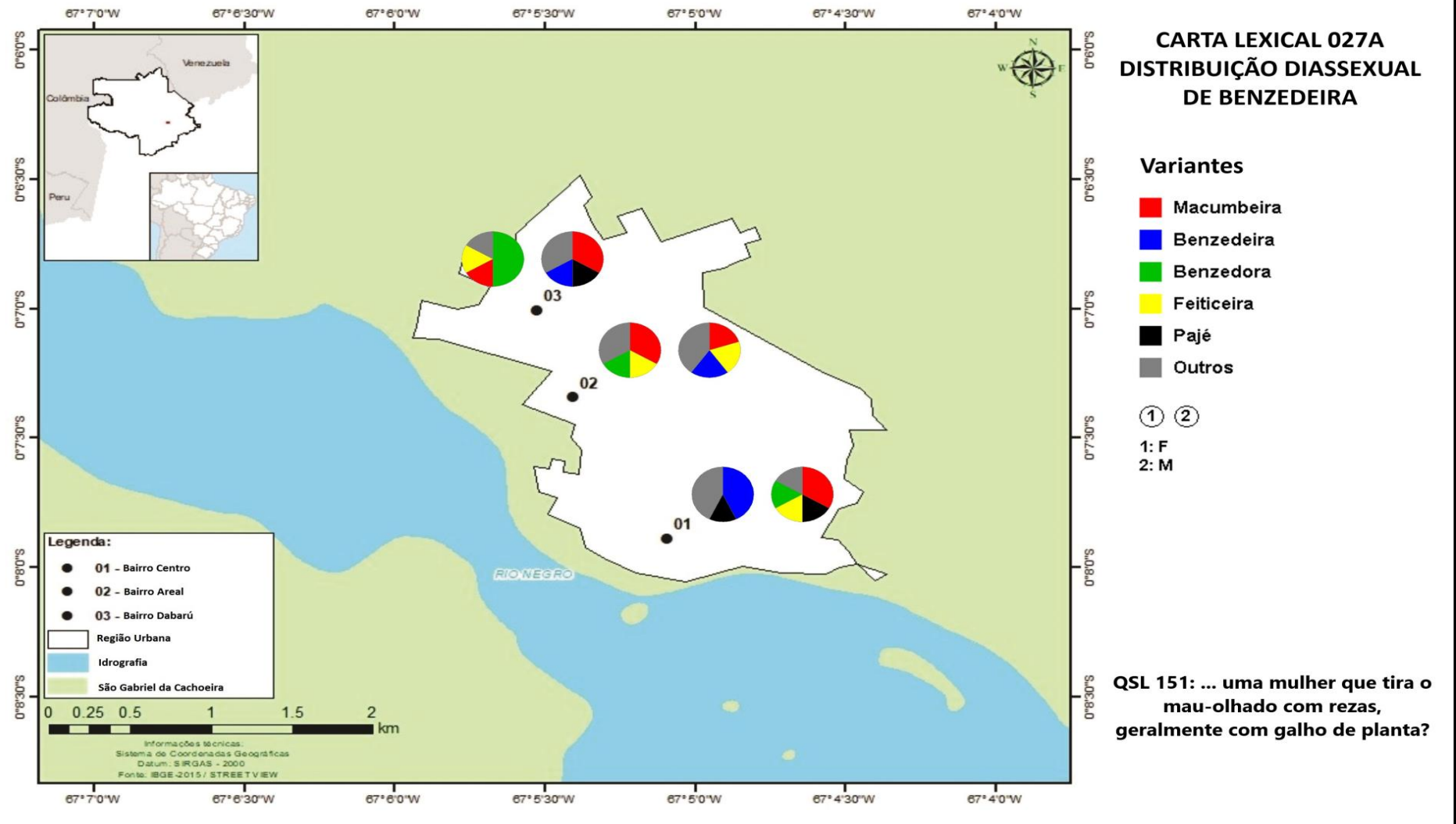
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



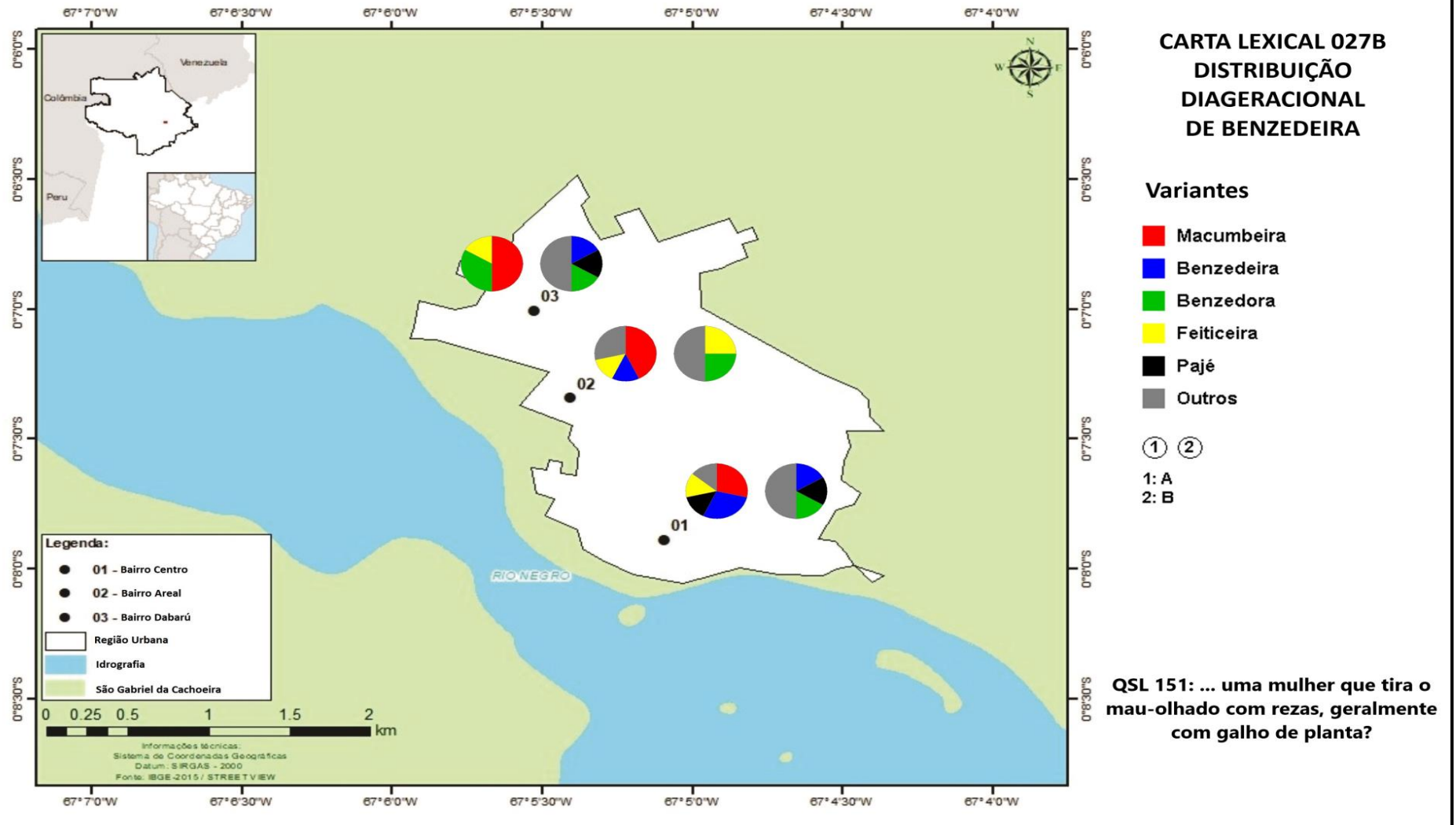
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



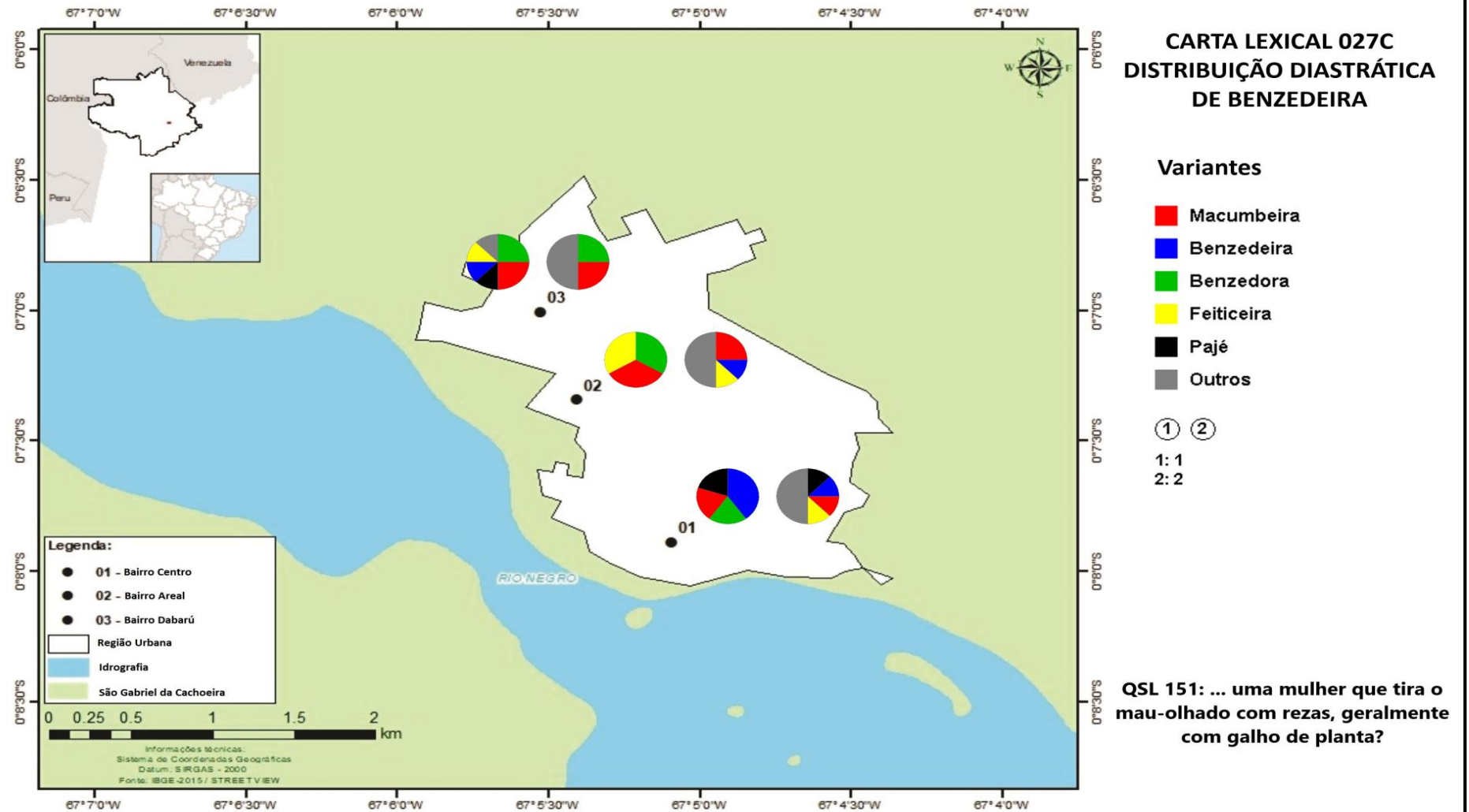
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



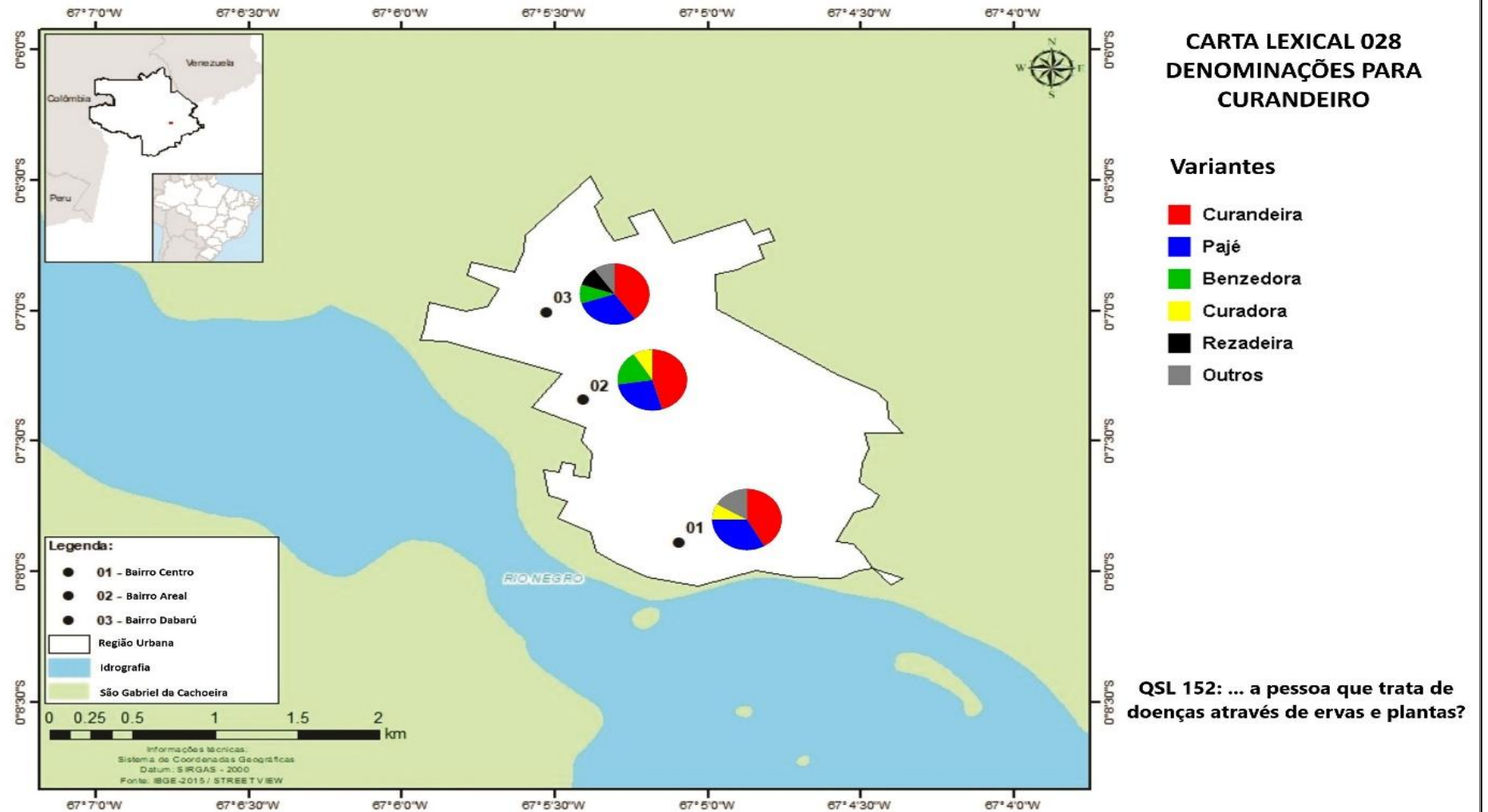
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



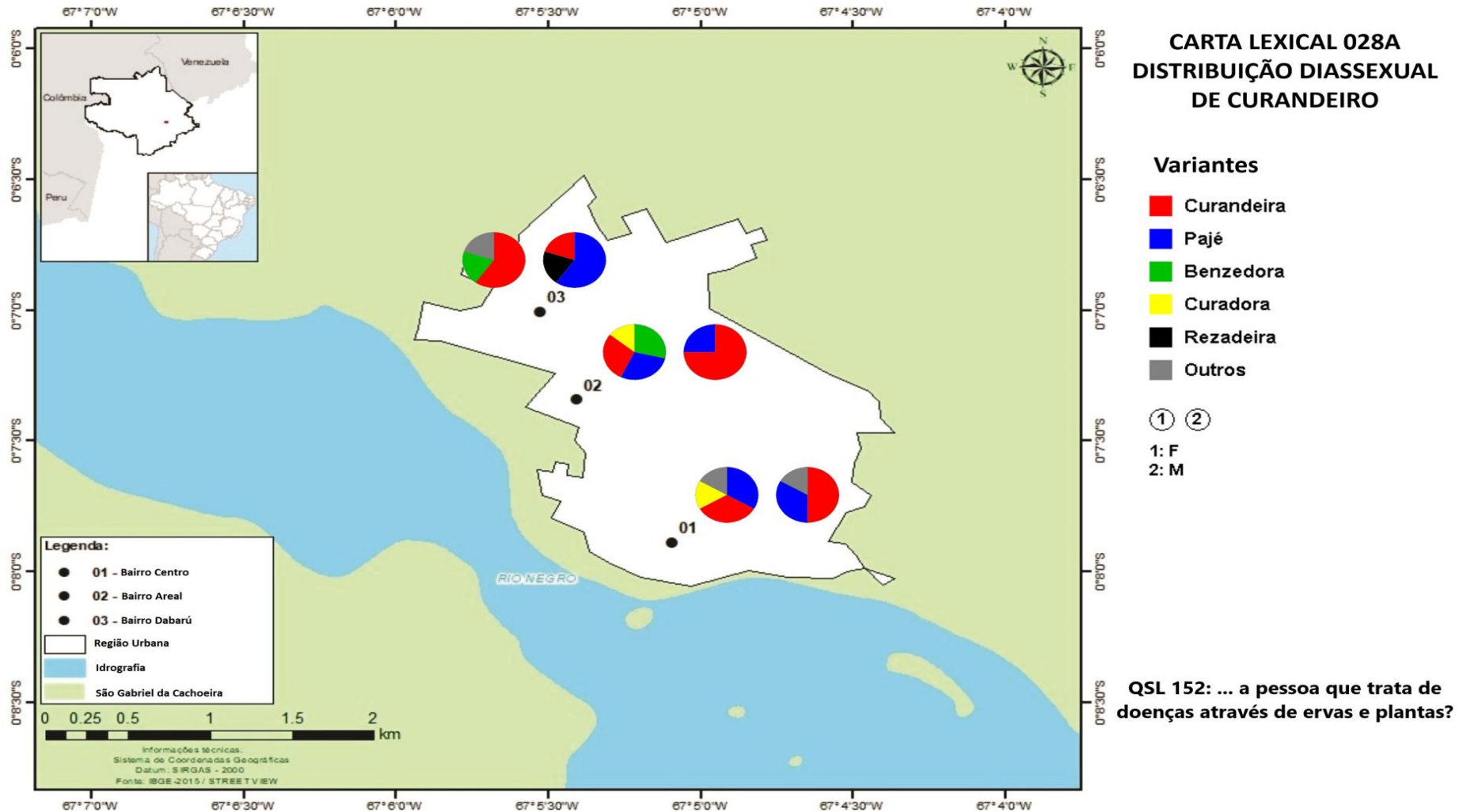
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



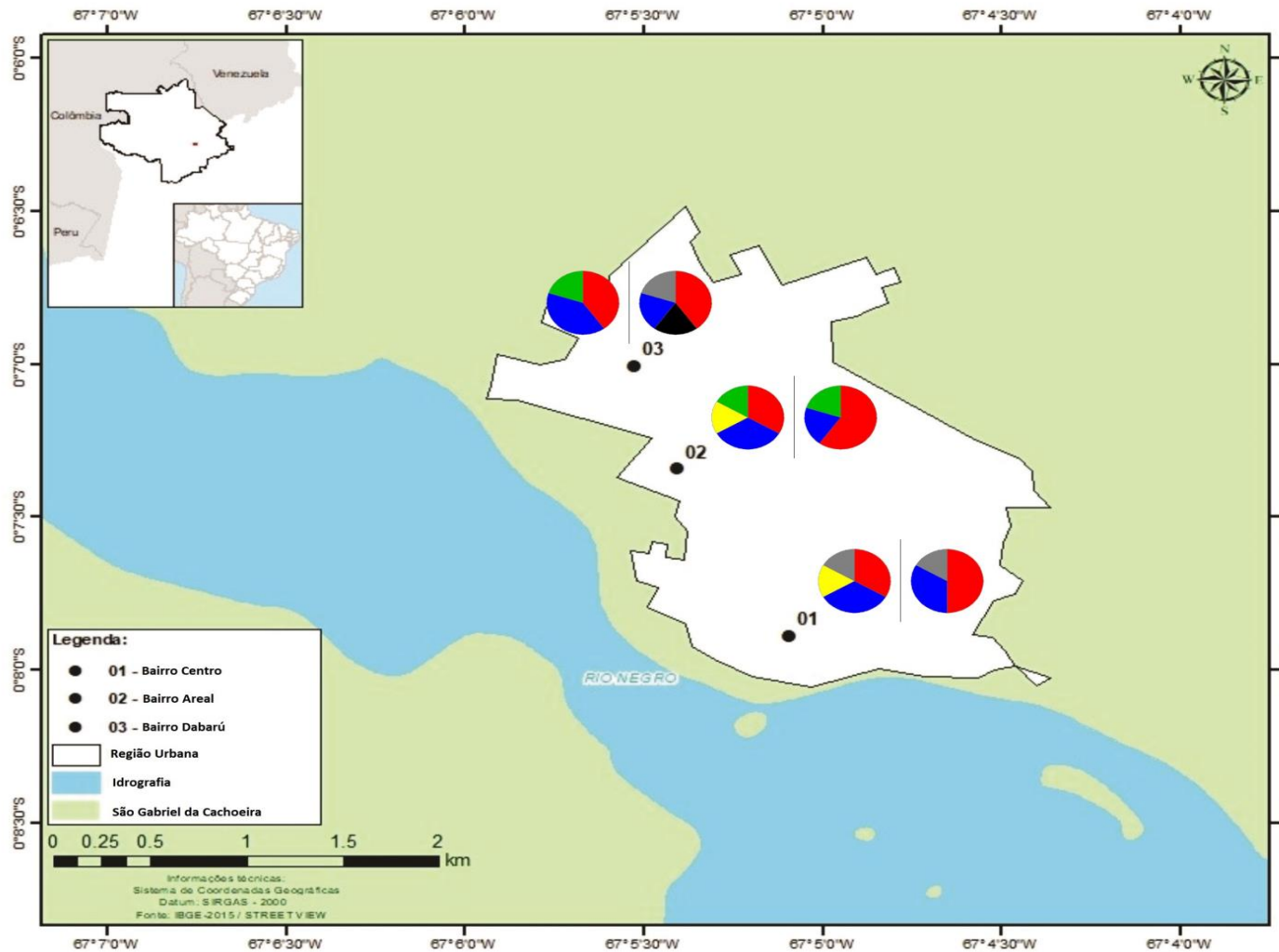
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



CARTA LEXICAL 028B DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL DE CURANDEIRO

Variantes

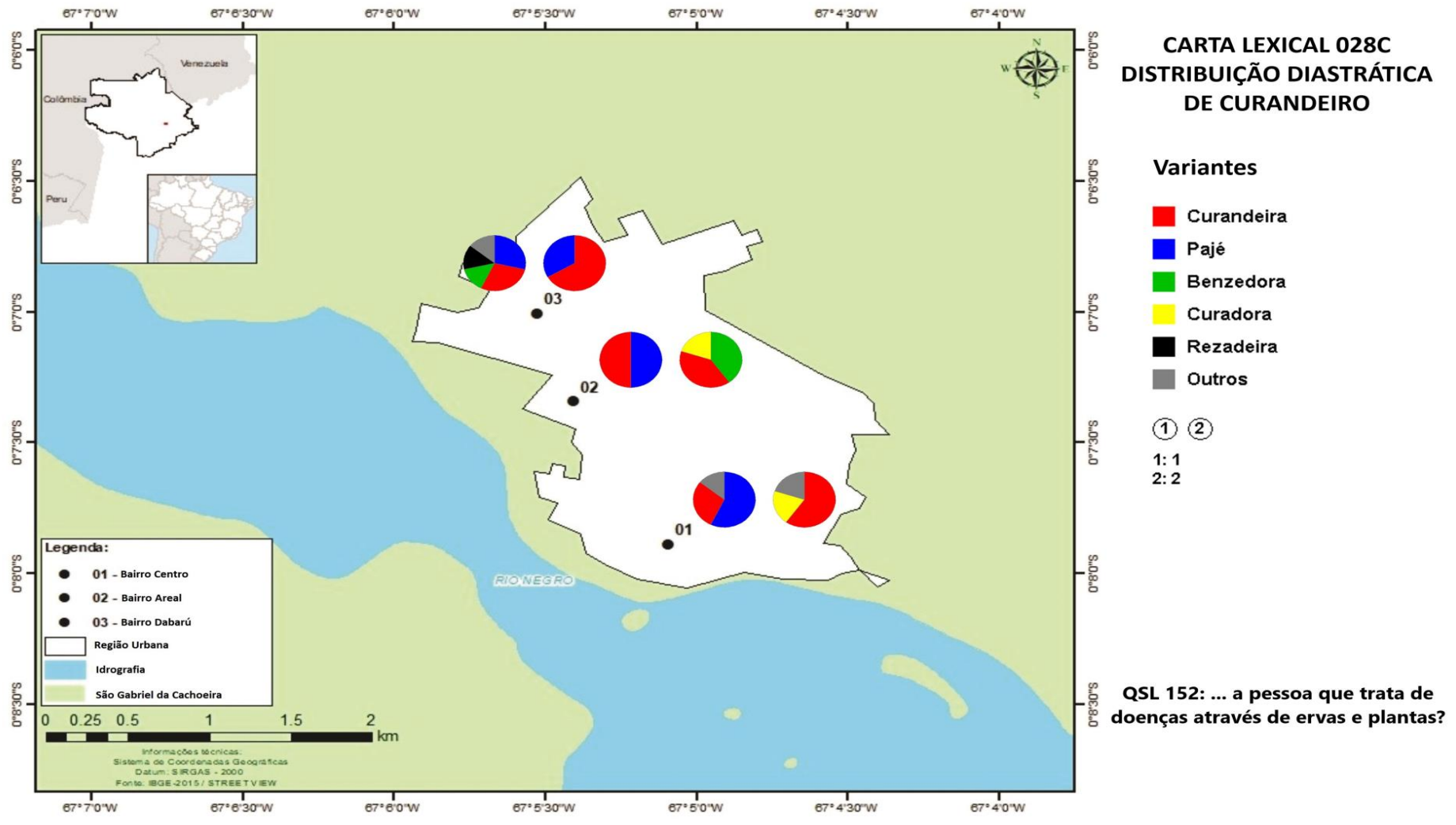
- Curandeira
- Pajé
- Benzedora
- Curadora
- Rezadeira
- Outros

① ②

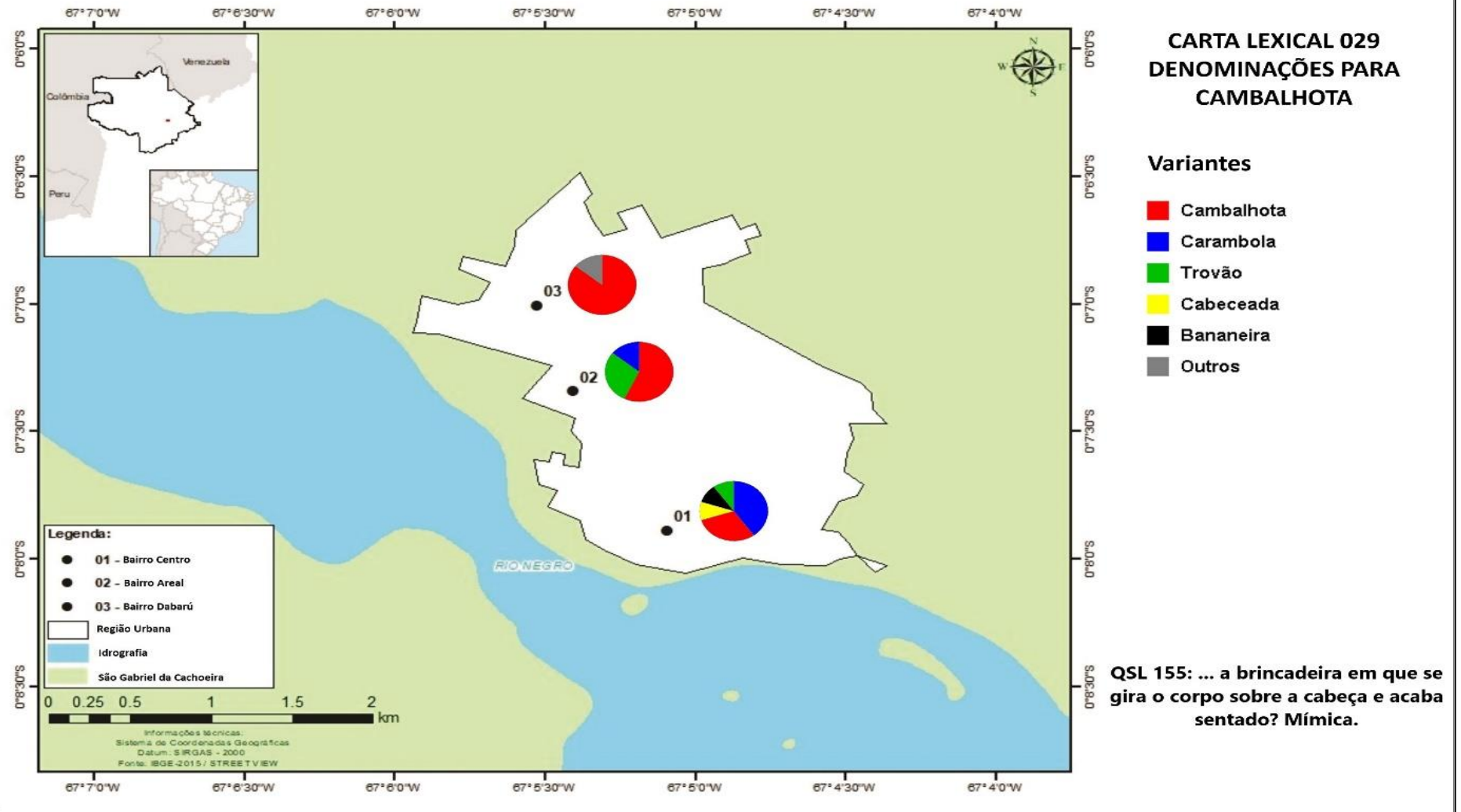
1: A
2: B

QSL 152: ... a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas?

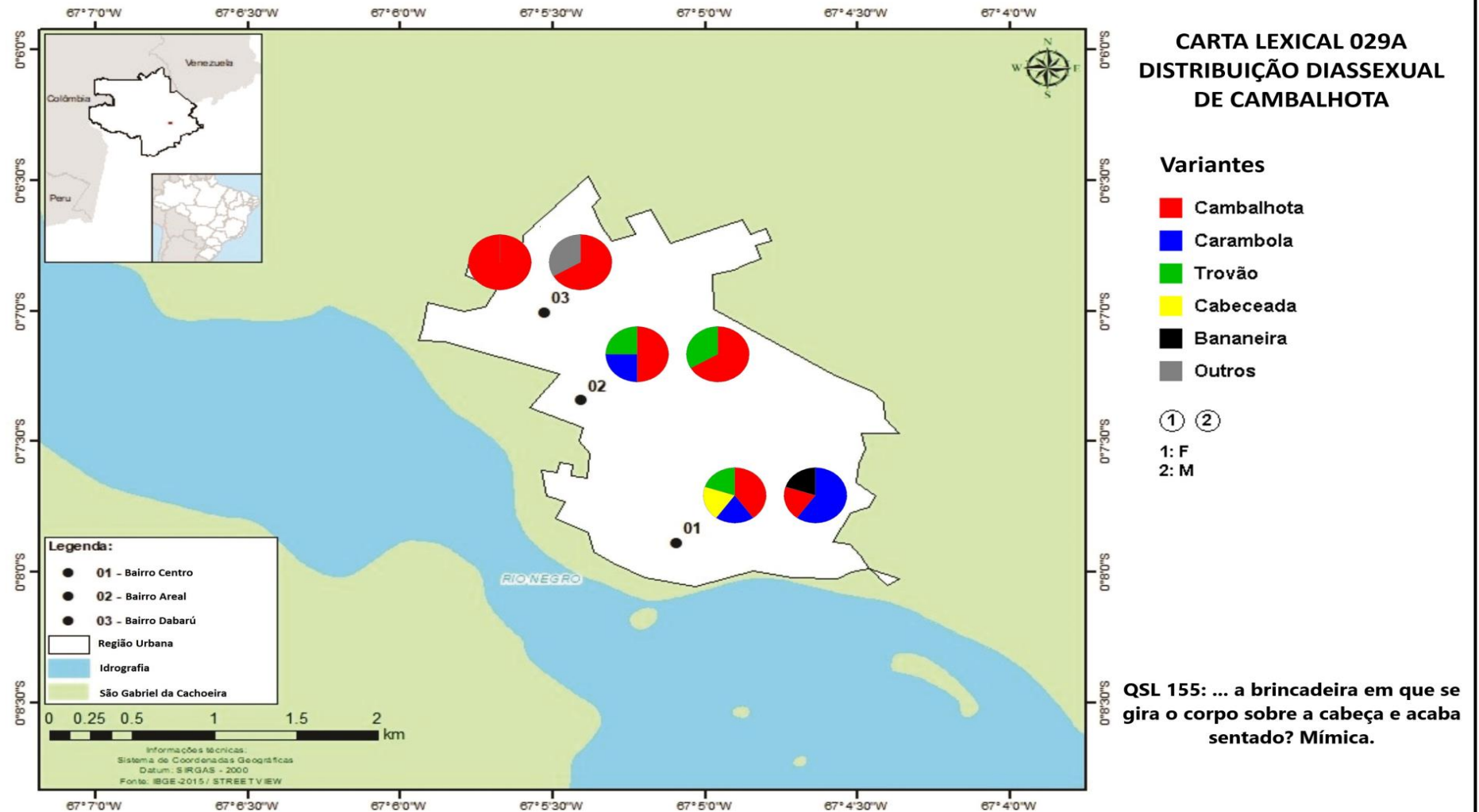
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



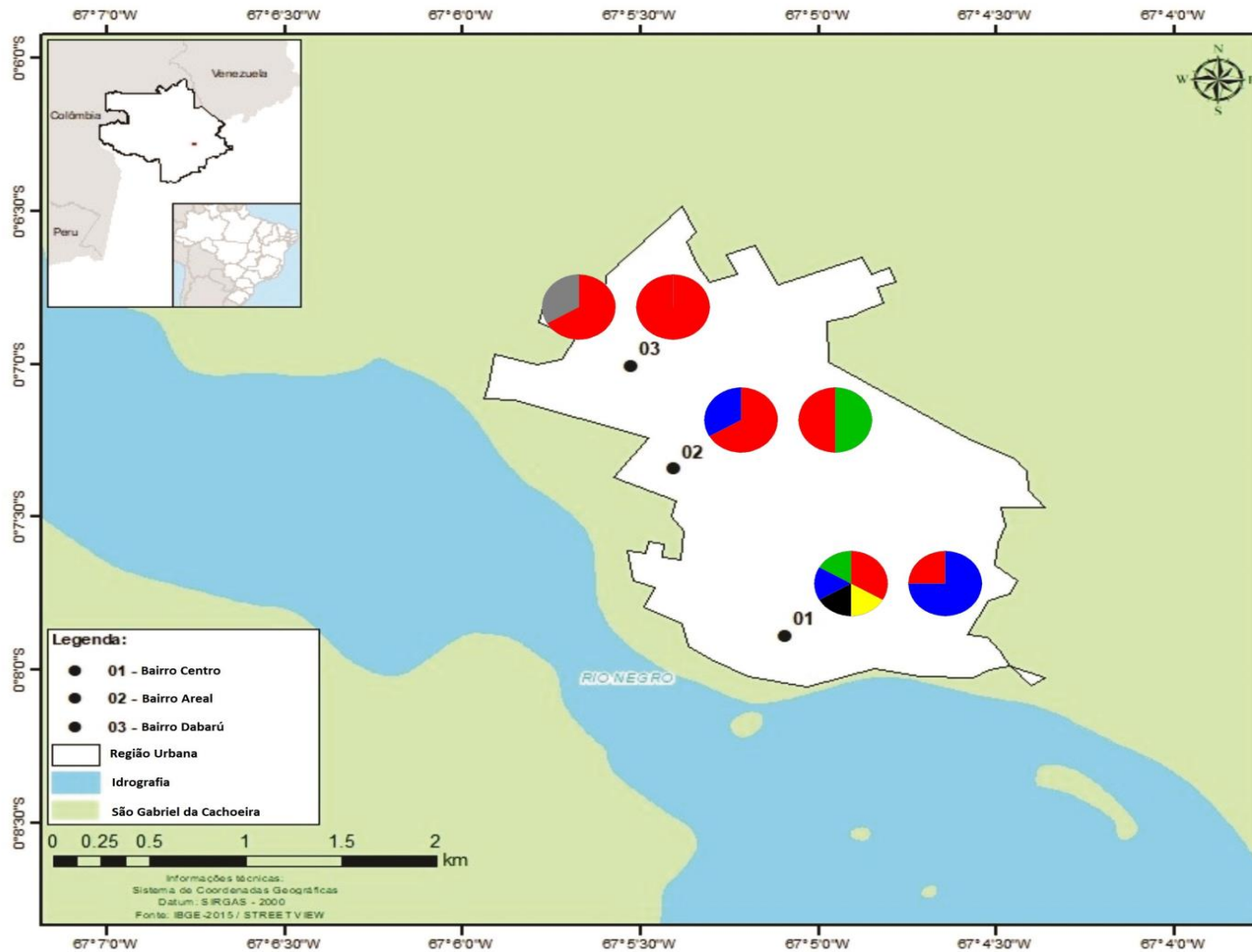
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



CARTA LEXICAL 029B DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL DE CAMBALHOTA

Variantes

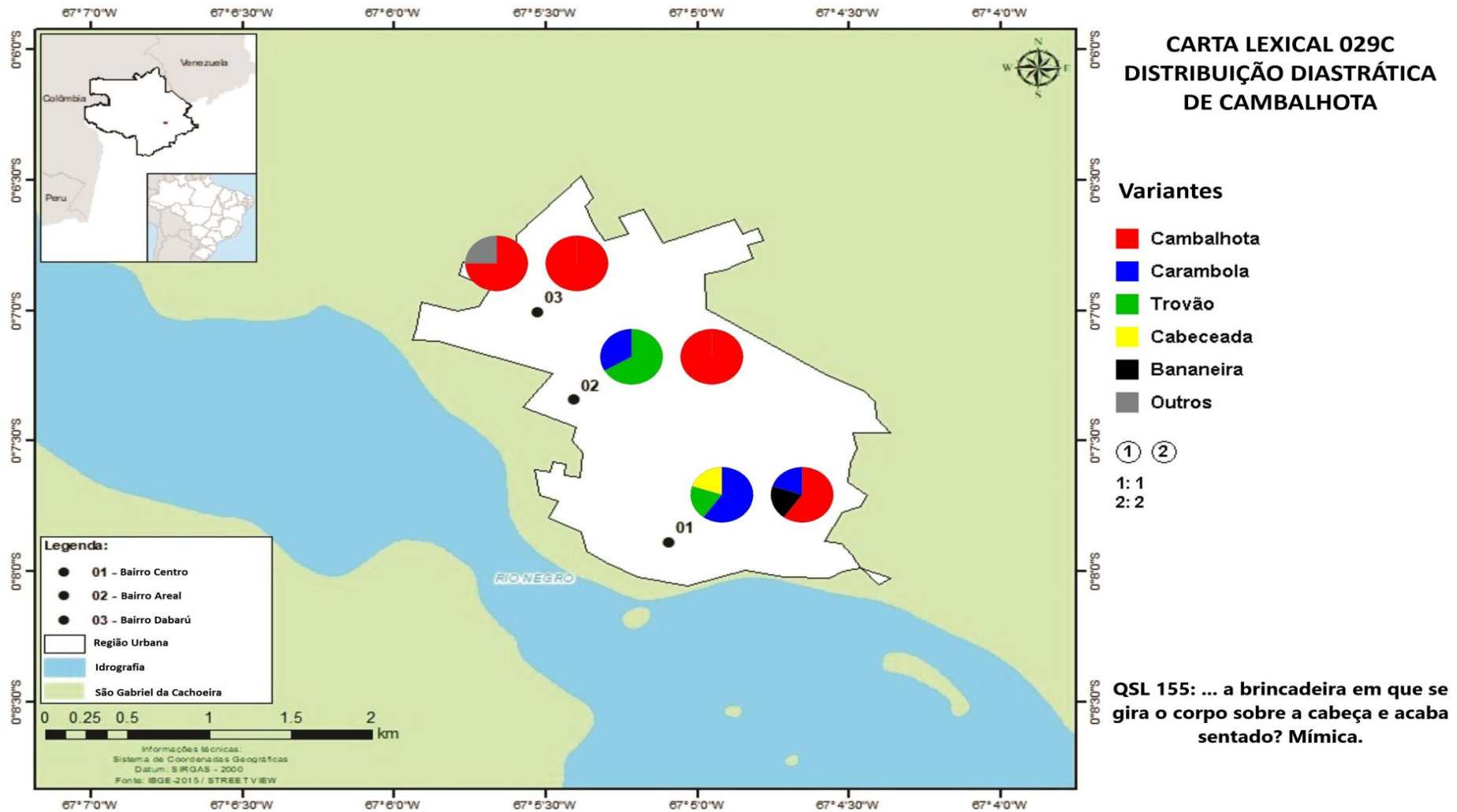
- Cambalhota
- Carambola
- Trovão
- Cabeceada
- Bananeira
- Outros

① ②

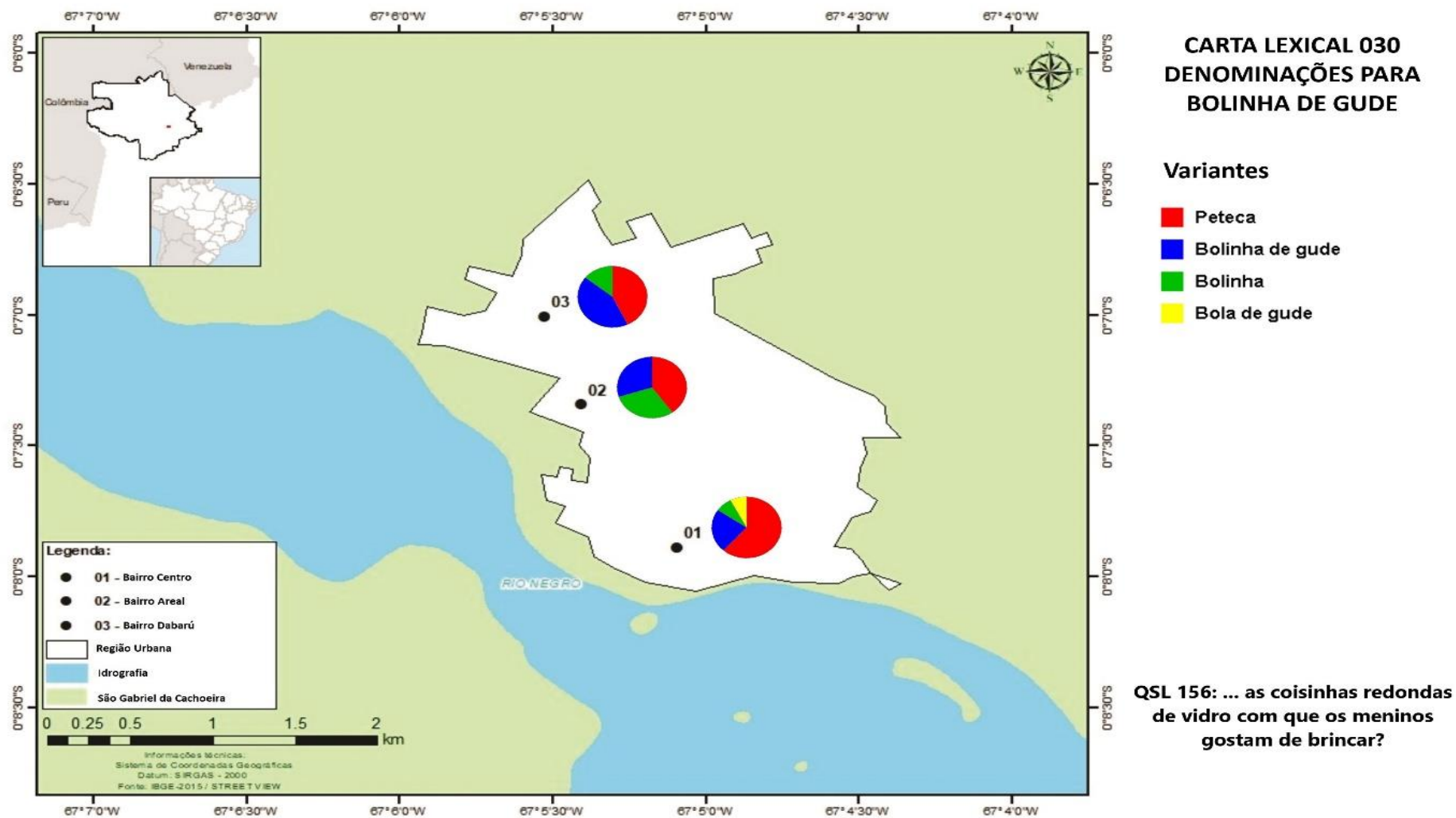
1: A
2: B

QSL 155: ... a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado? Mímica.

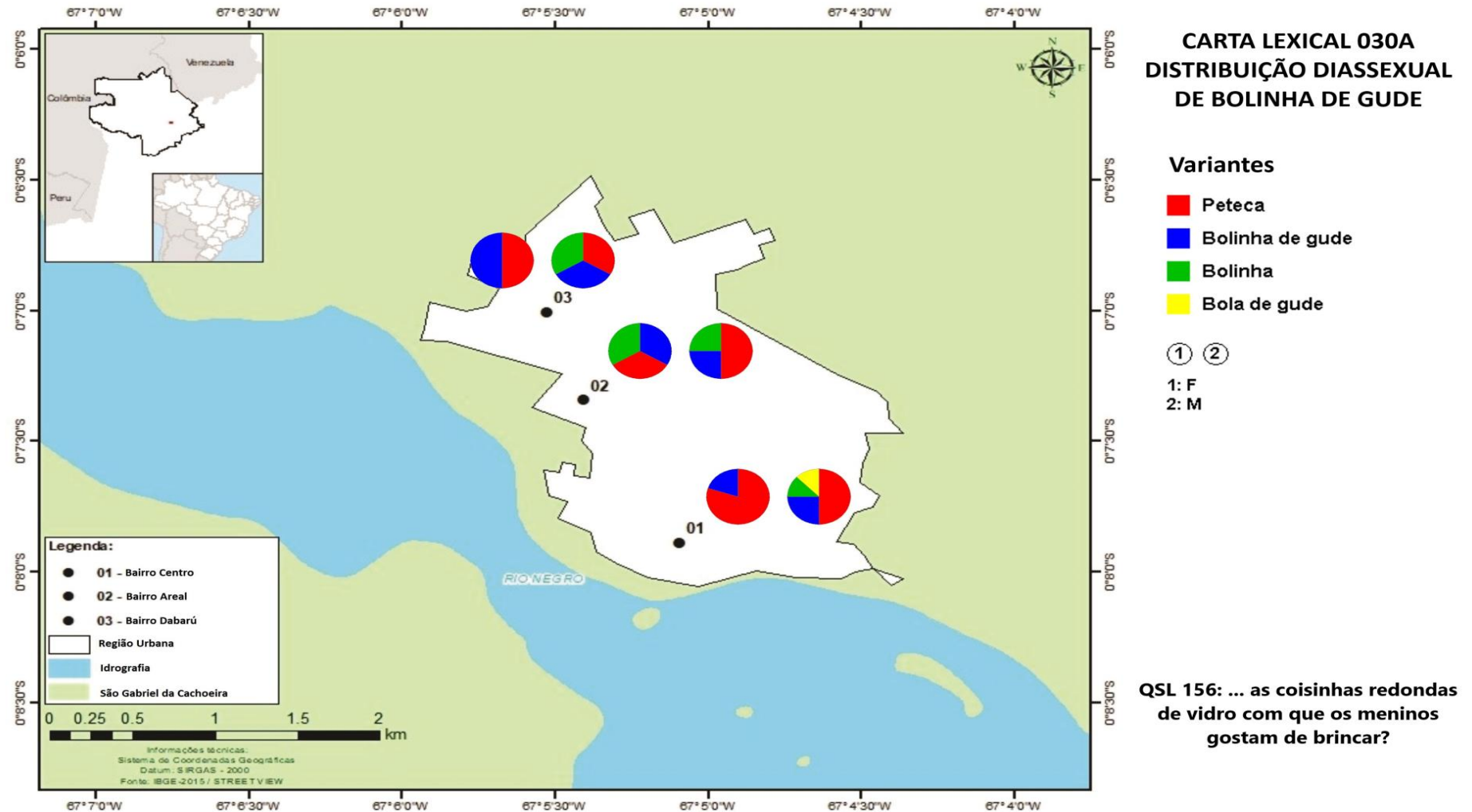
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



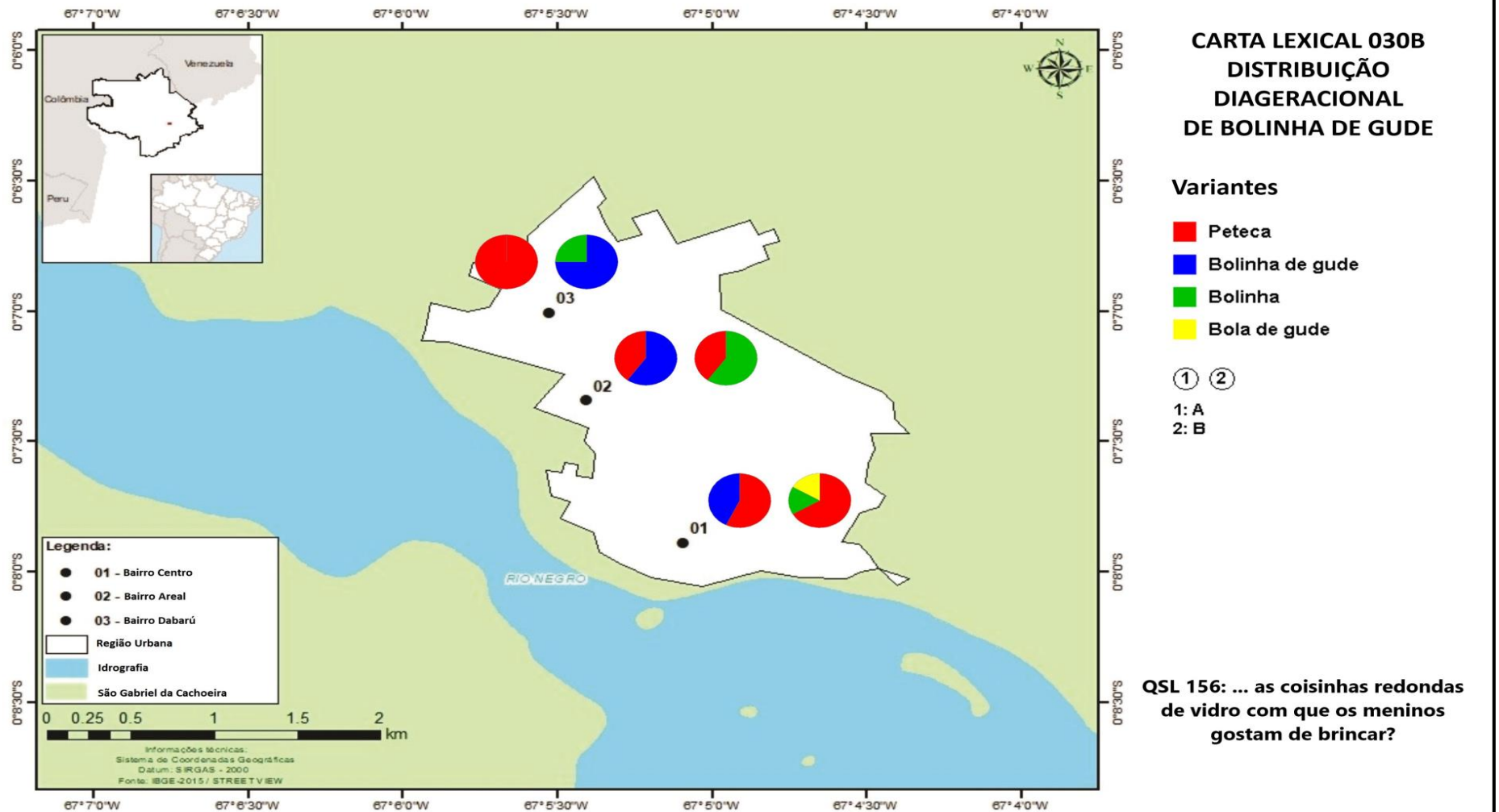
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



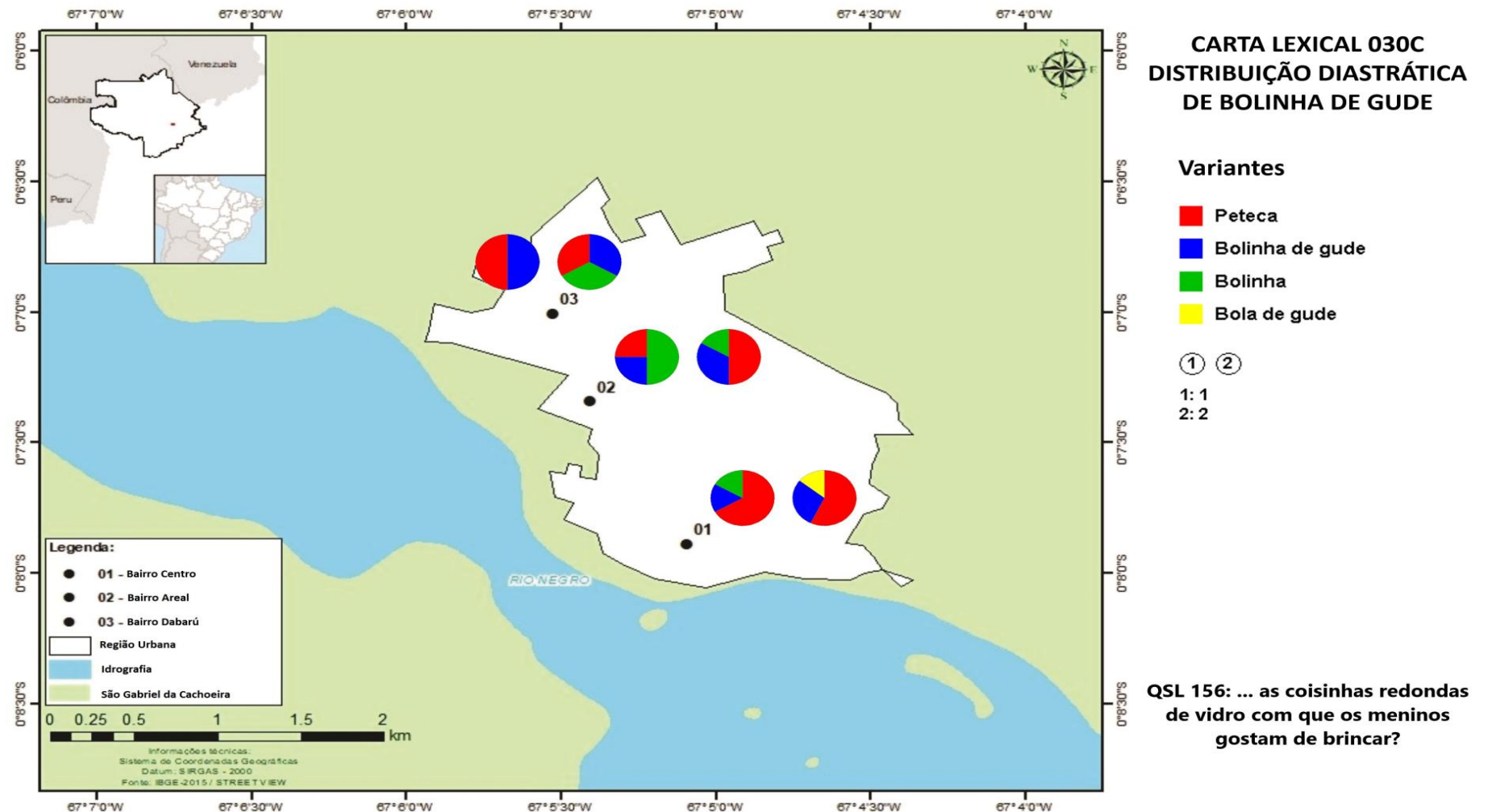
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



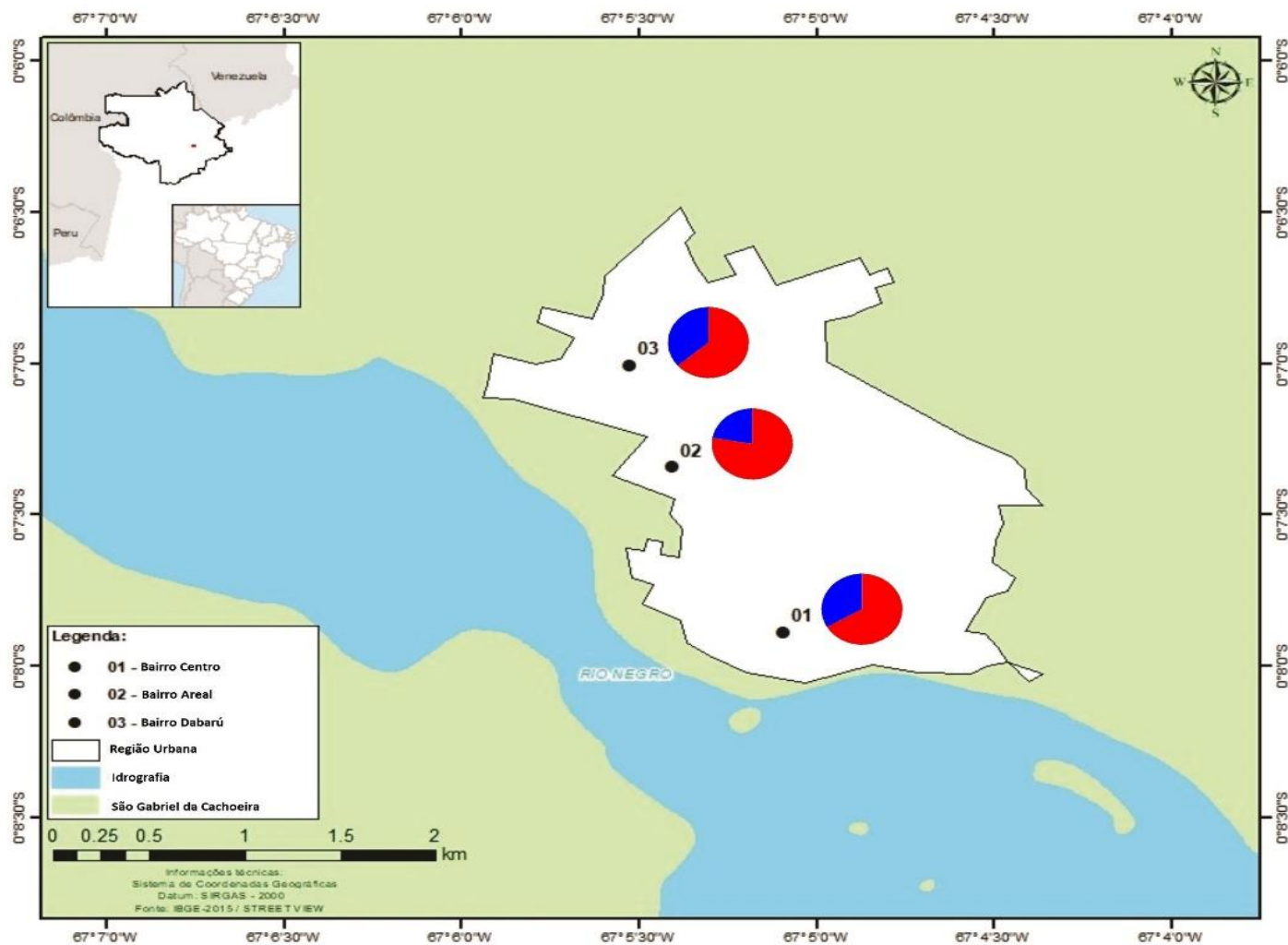
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



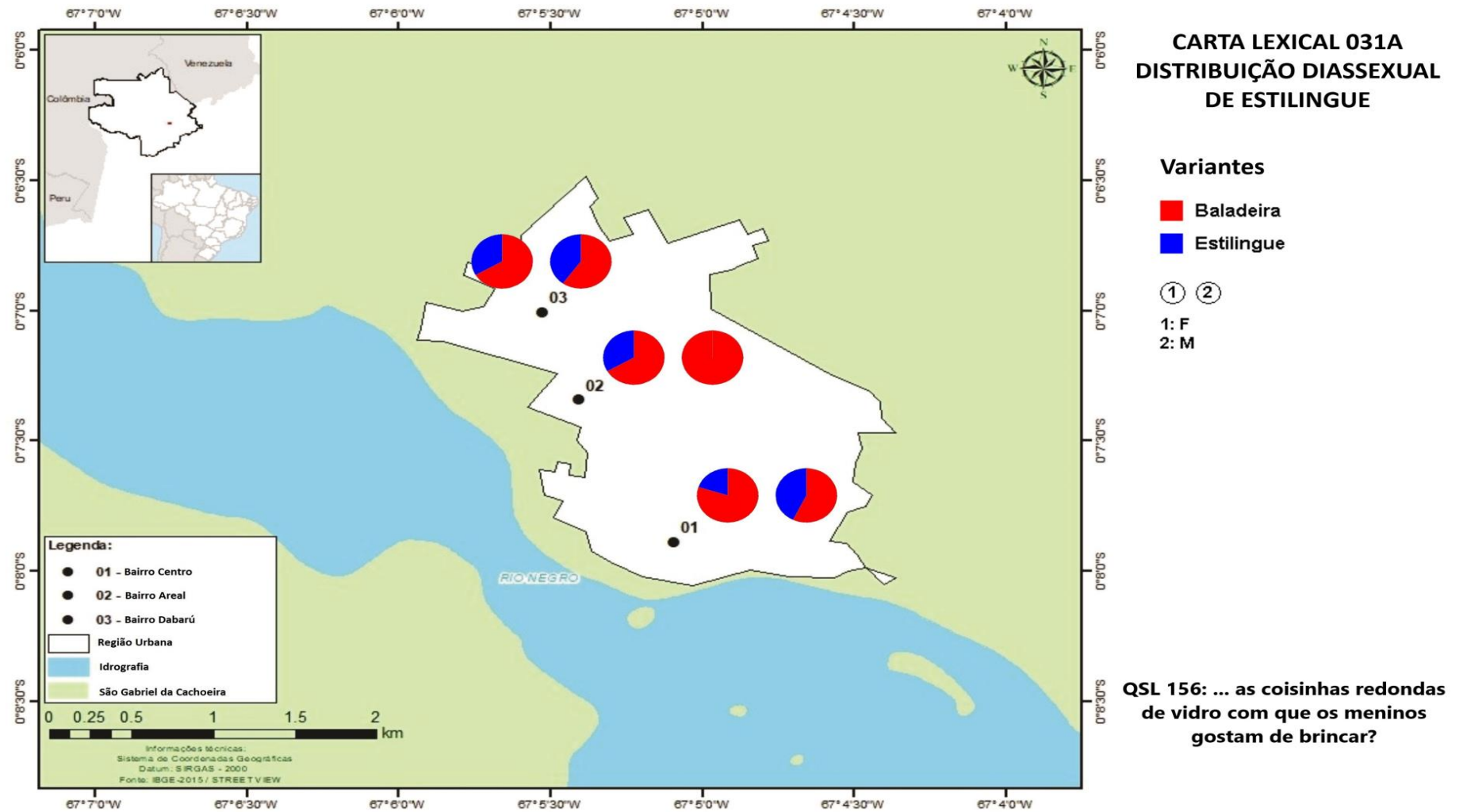
CARTA LEXICAL 031 DENOMINAÇÕES PARA ESTILINGUE

Variantes

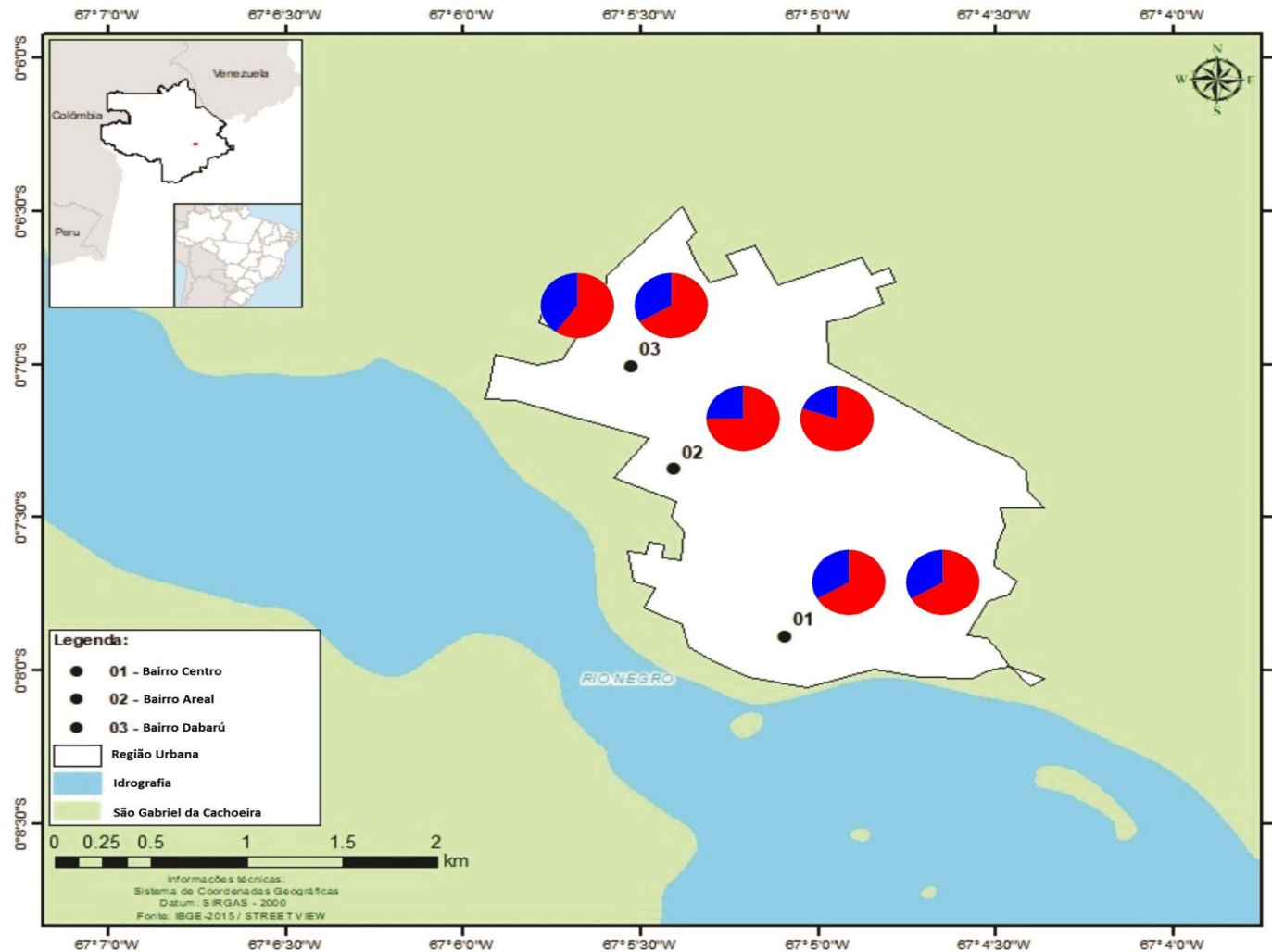
- Baladeira
- Estilingue

QSL 157: ... o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (mímica), que os meninos usam para matar passarinhos?

MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



CARTA LEXICAL 031B DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL DE ESTILINGUE

Variantes

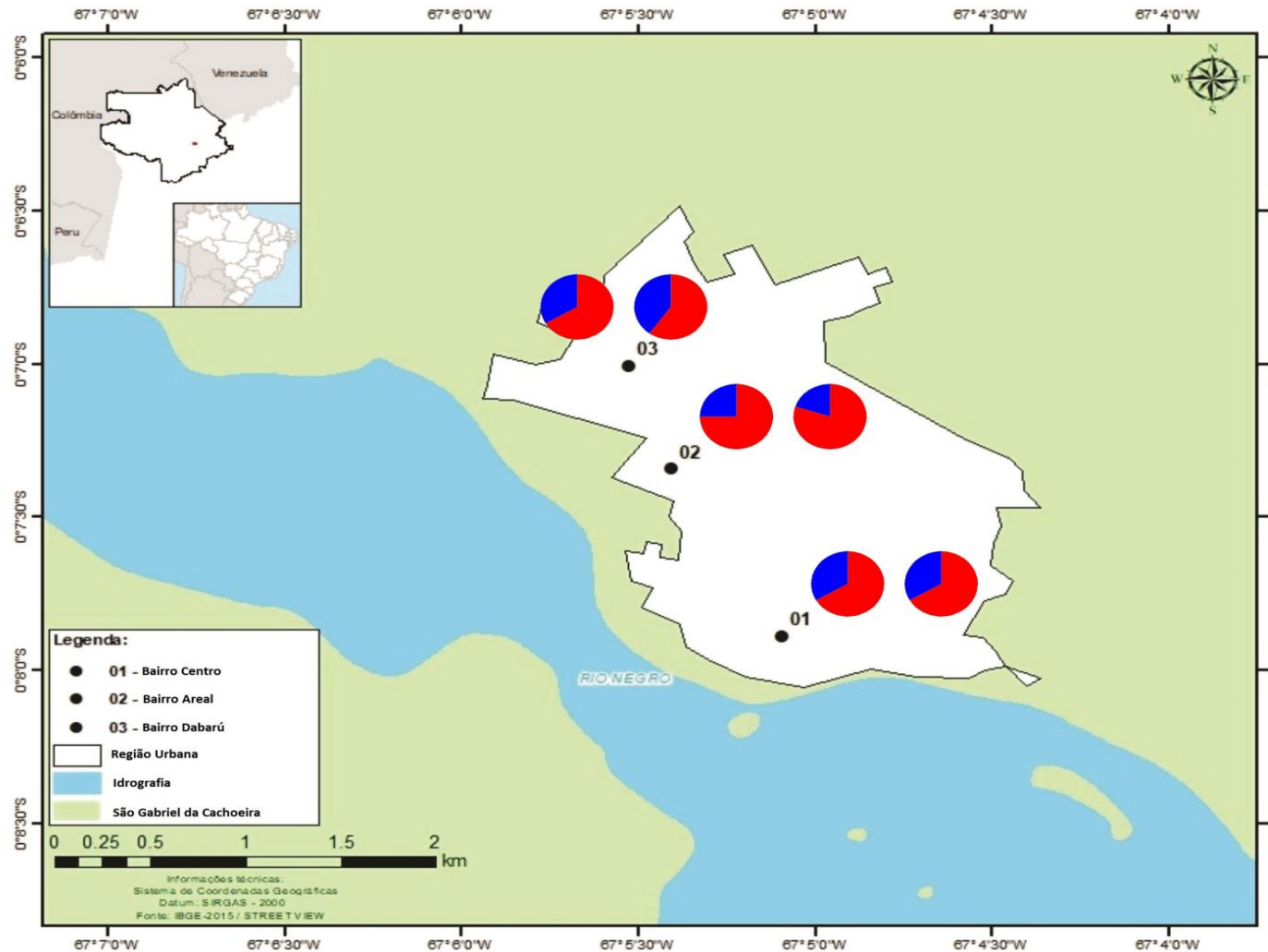
- Baladeira
- Estilingue

① ②

- 1: A
- 2: B

QSL 157: ... o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (mímica), que os meninos usam para matar passarinhos?

MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



CARTA LEXICAL 031C DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA DE ESTILINGUE

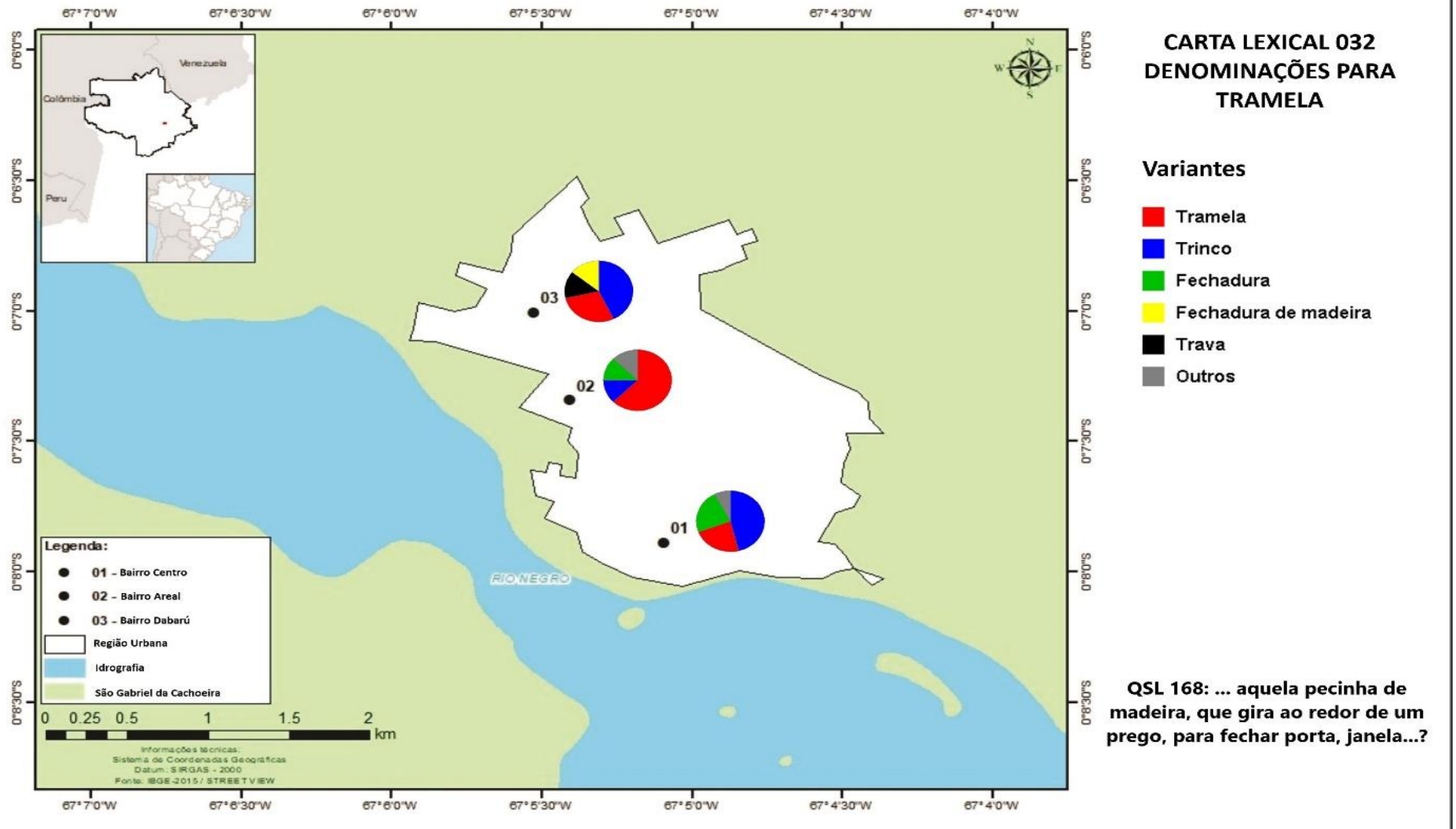
Variantes

- Baladeira
- Estilingue

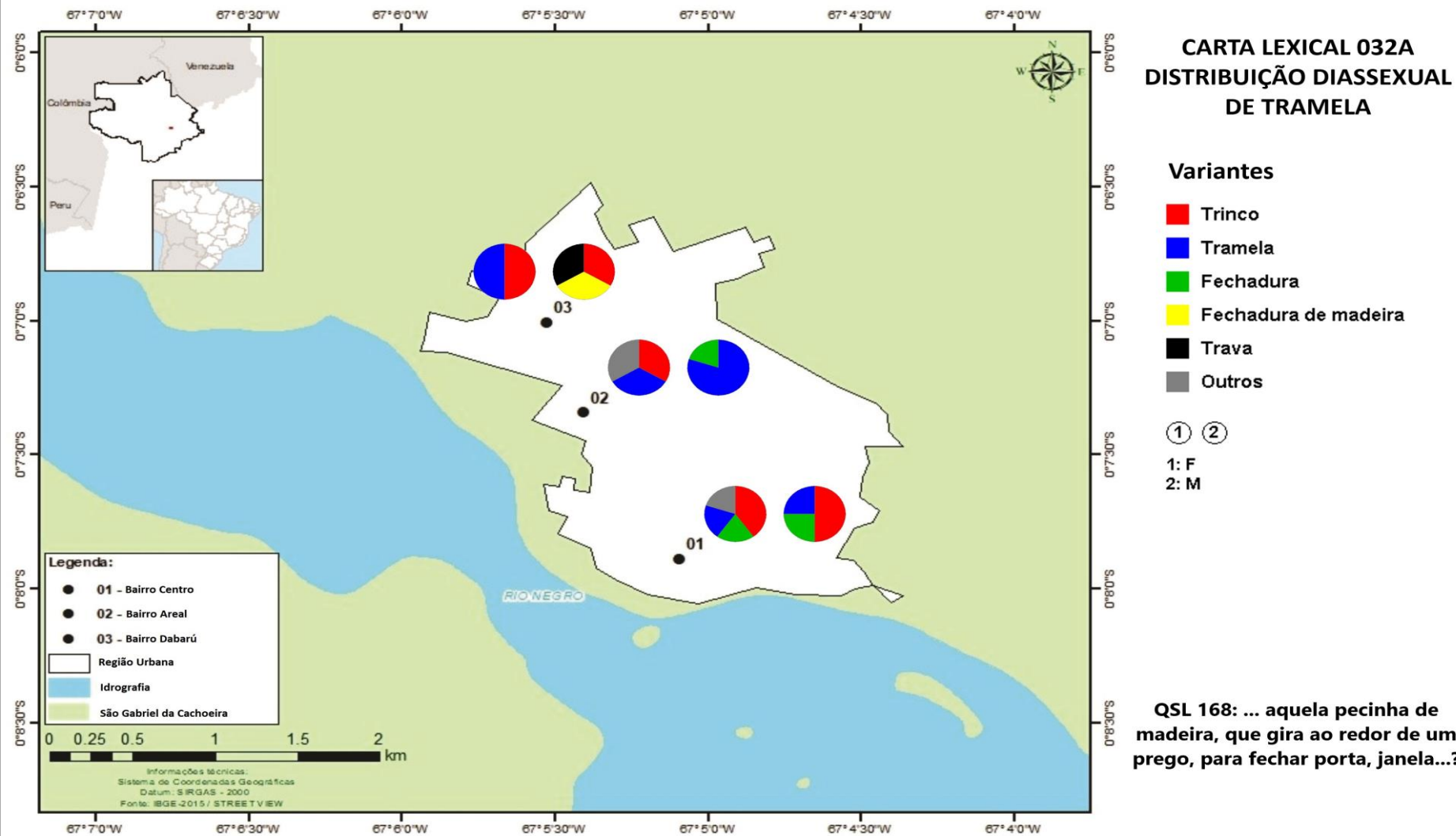
- ① ②
 1: 1
 2: 2

QSL 157: ... o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (mímica), que os meninos usam para matar passarinhos?

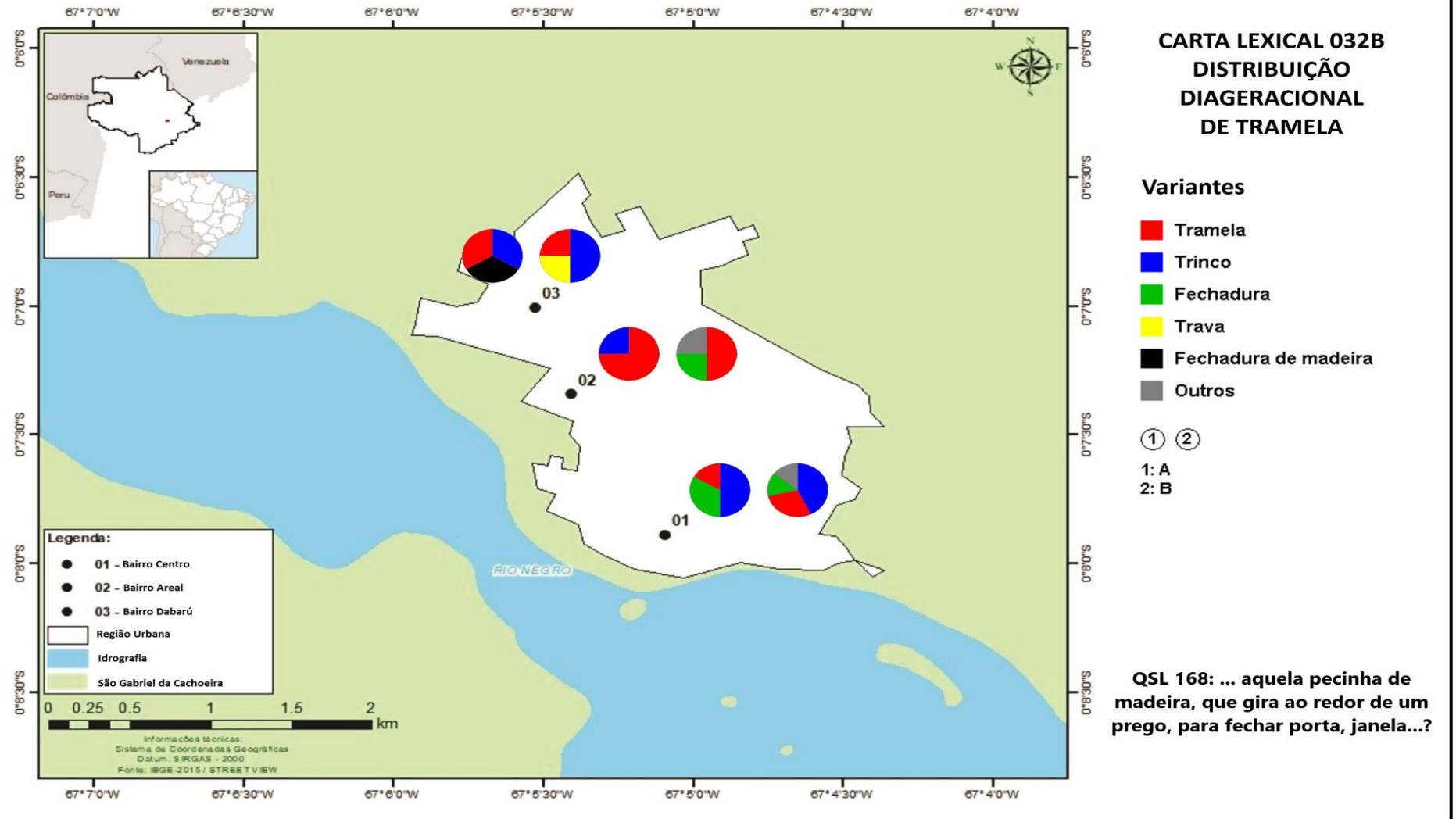
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



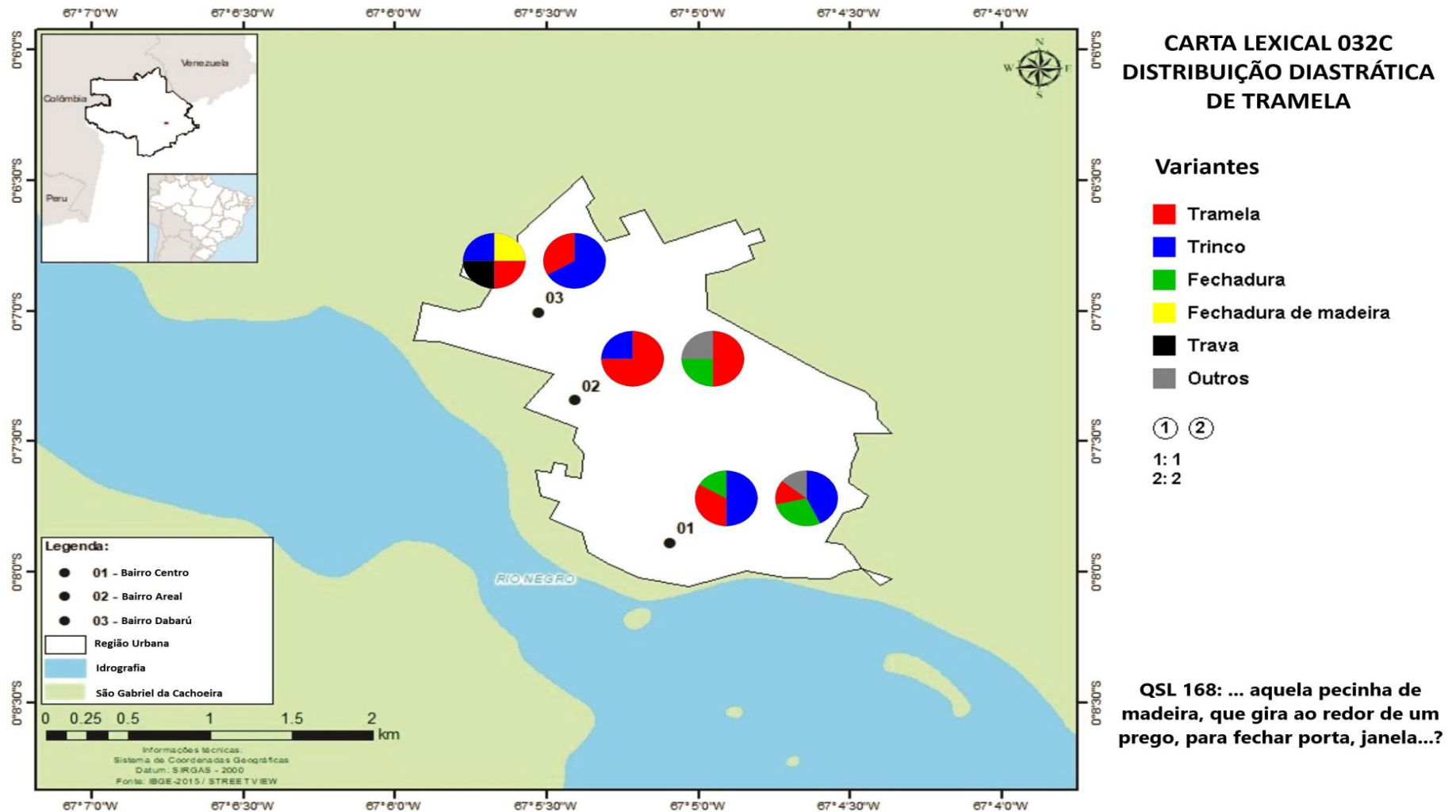
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



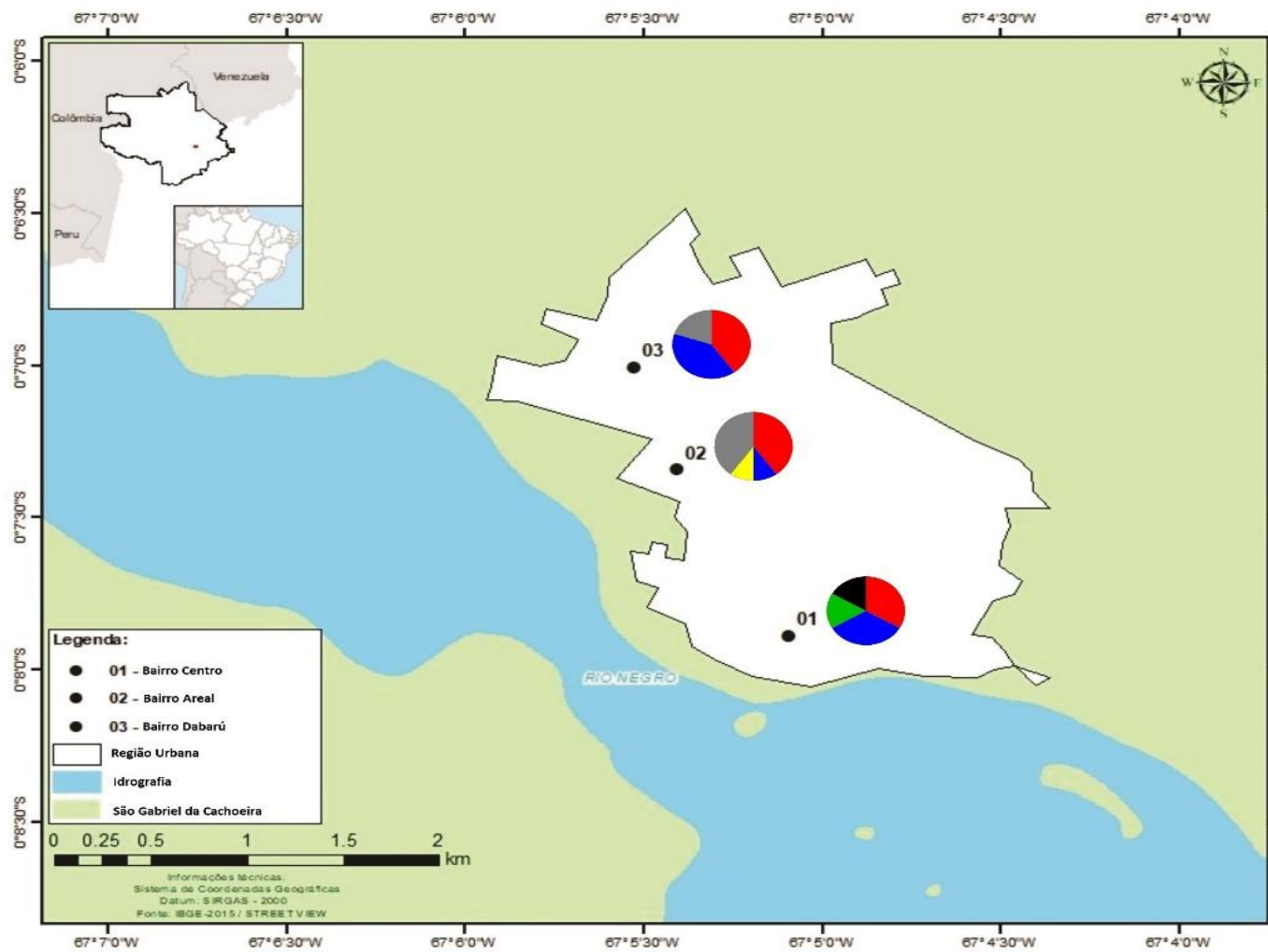
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



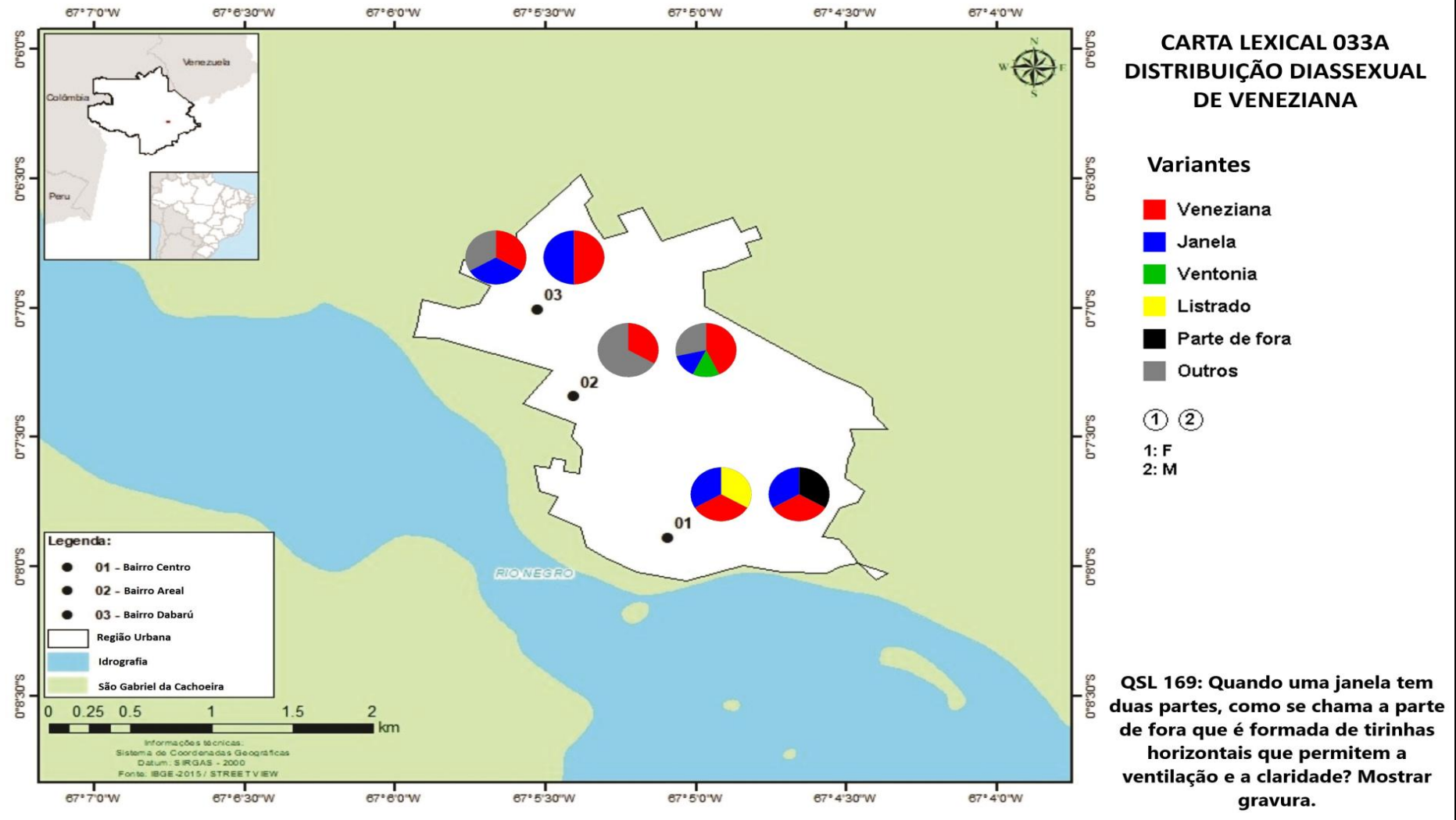
CARTA LEXICAL 033 DENOMINAÇÕES PARA VENEZIANA

Variantes

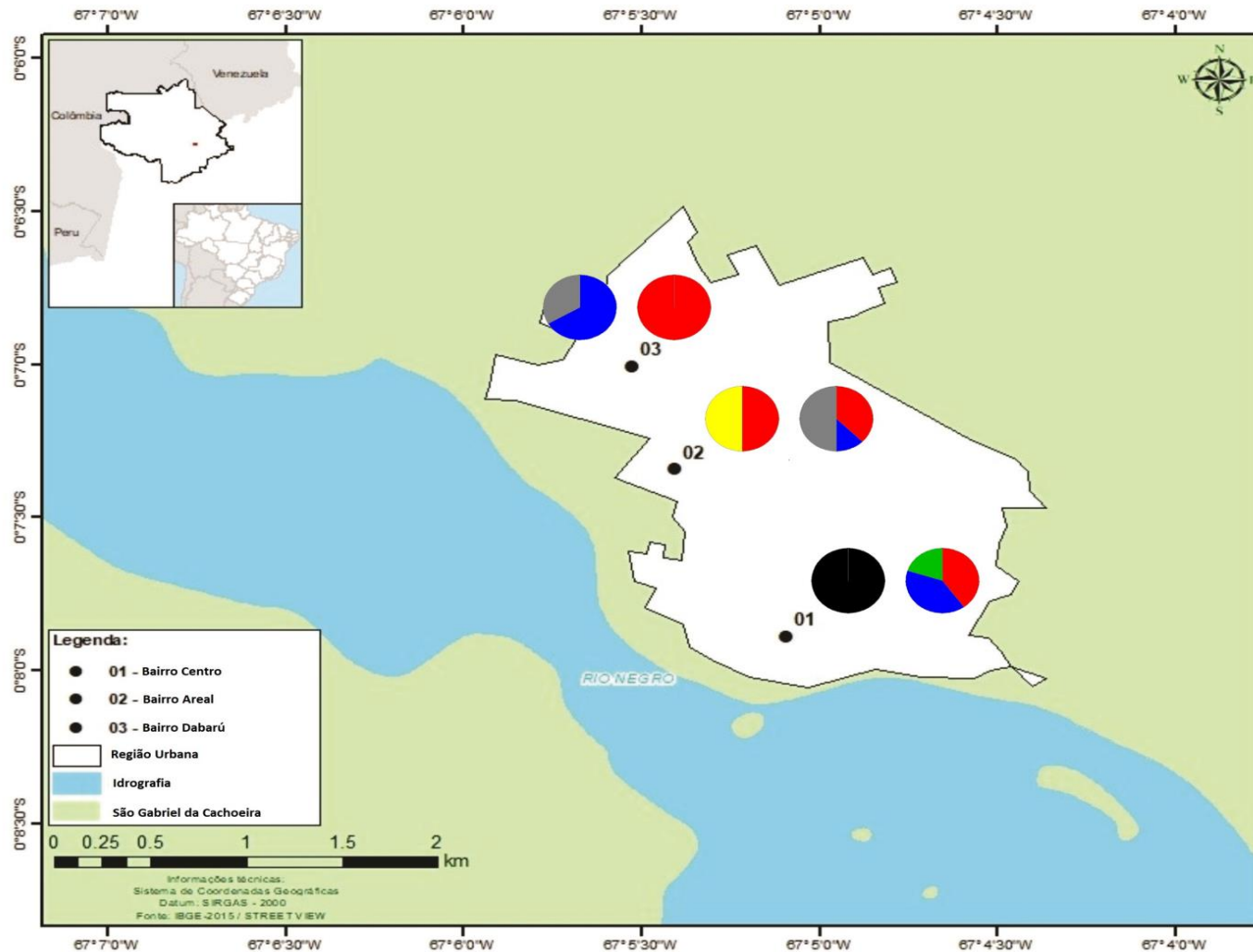
- Veneziana
- Janela
- Parte de fora
- Ventonia
- Listrado
- Outros

QSL 169: Quando uma janela tem duas partes, como se chama a parte de fora que é formada de tirinhas horizontais que permitem a ventilação e a claridade? Mostrar gravura.

MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



CARTA LEXICAL 033B DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL DE VENEZIANA

Variantes

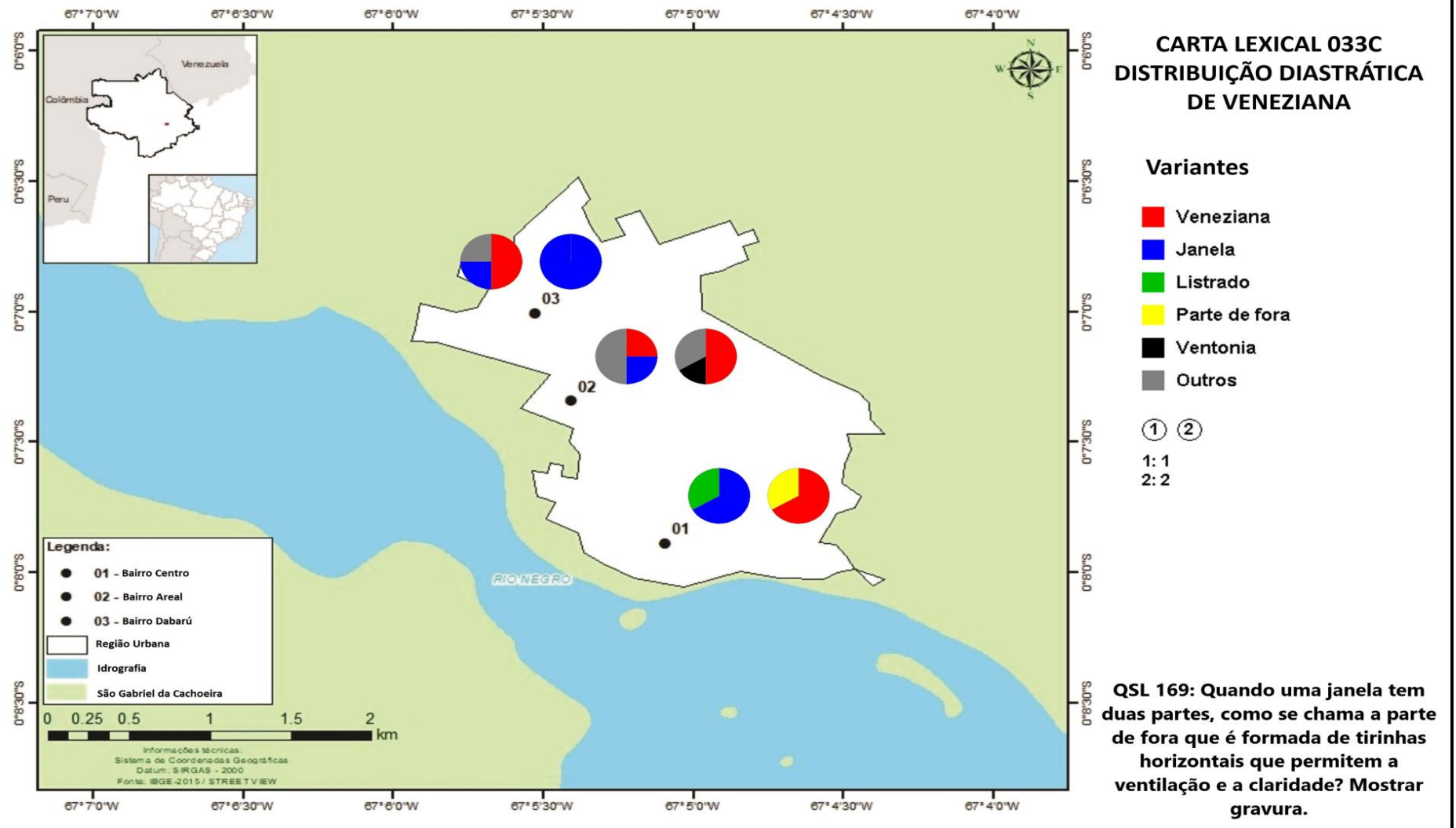
- Veneziana
- Janela
- Parte de fora
- Ventonia
- Listrado
- Outros

① ②

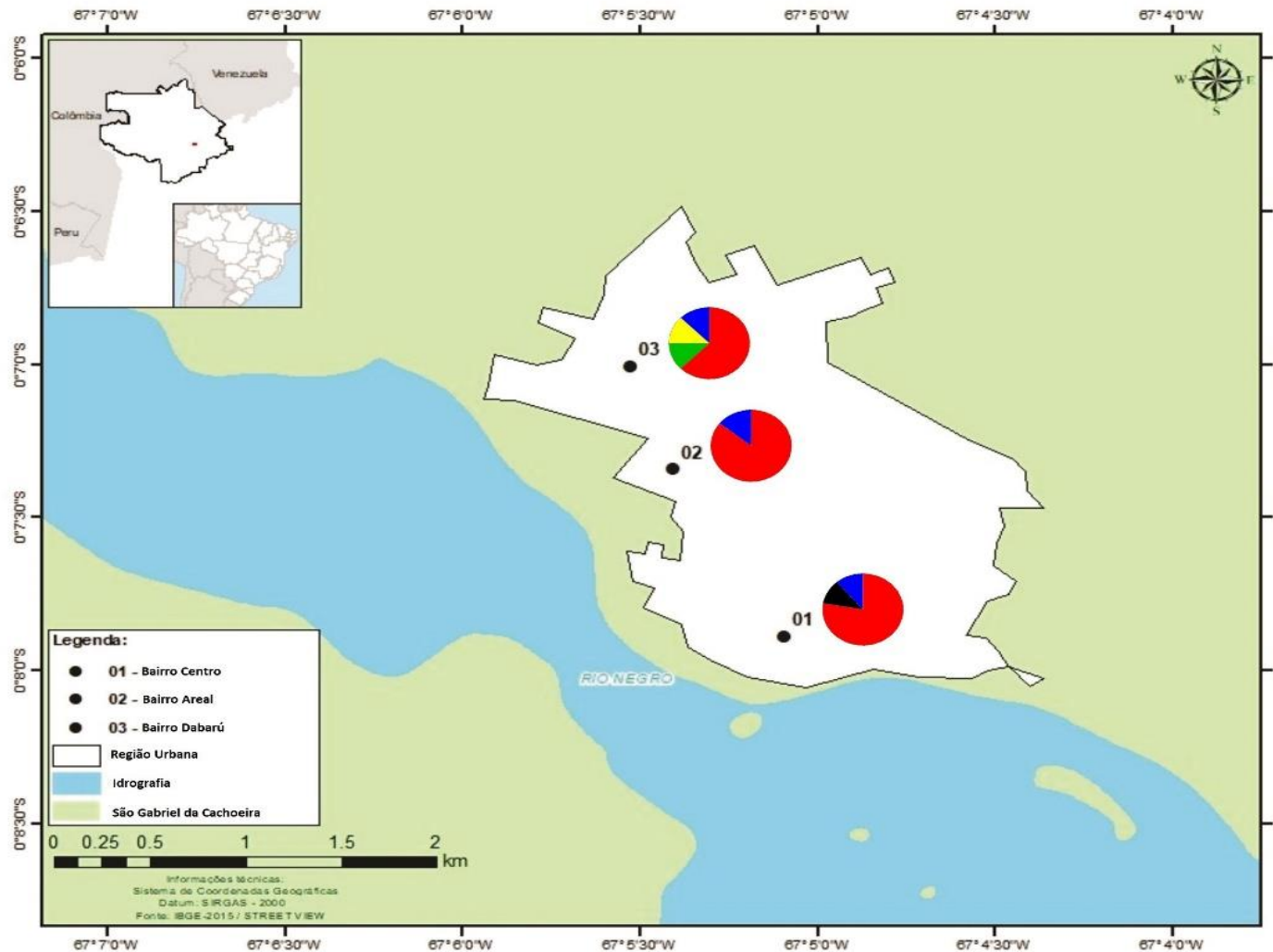
1: A
2: B

QSL 169: Quando uma janela tem duas partes, como se chama a parte de fora que é formada de tirinhas horizontais que permitem a ventilação e a claridade? Mostrar gravura.

MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



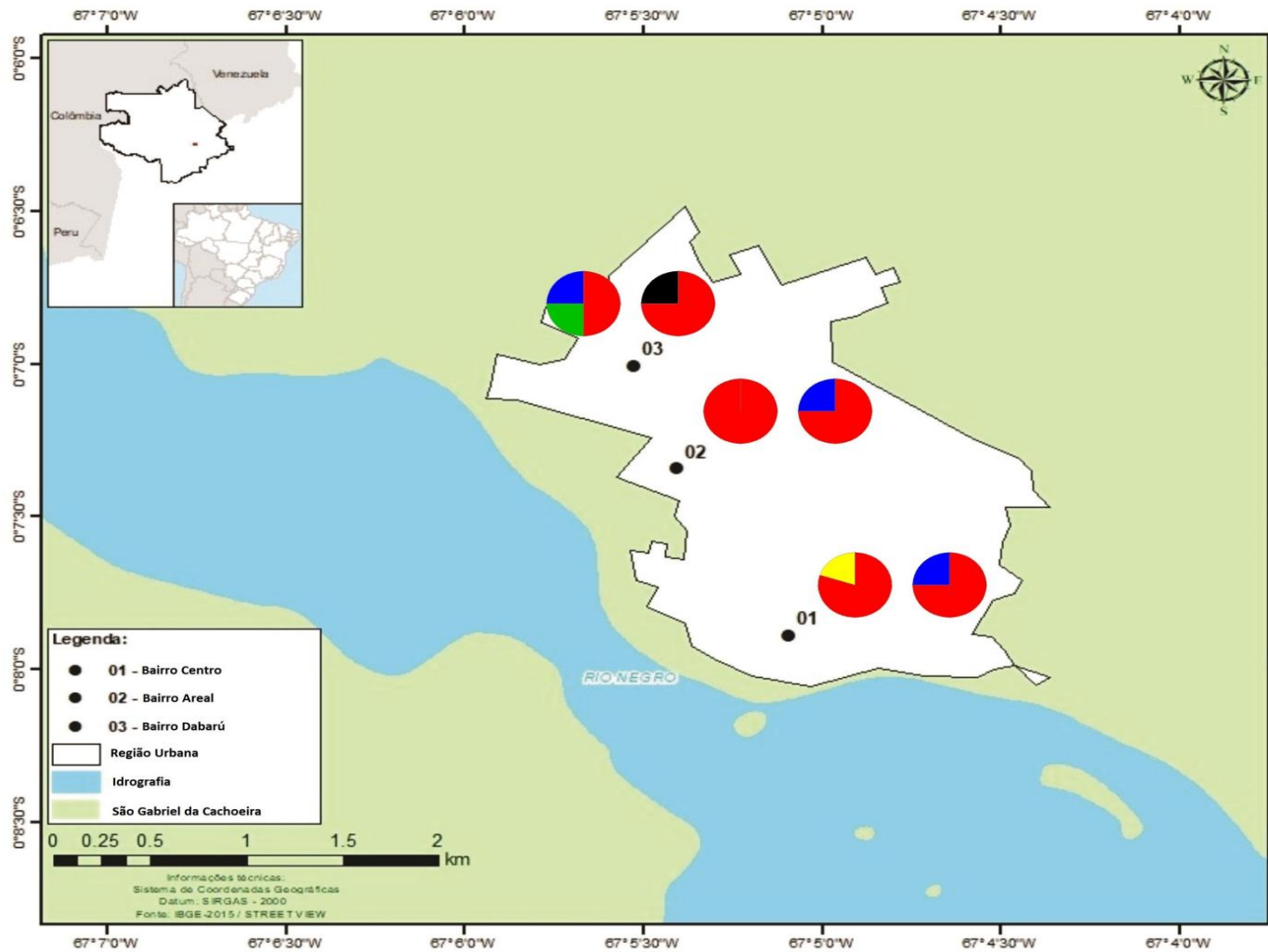
CARTA LEXICAL 034 DENOMINAÇÕES PARA VASO SANITÁRIO

Variantes

- Vaso
- Vaso sanitário
- Bacio
- Chão
- Galho de pau

QSL 170: Quando se vai ao banheiro, onde é que a pessoa se senta para fazer as necessidades?

MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



CARTA LEXICAL 034A DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL DE VASO SANITÁRIO

Variantes

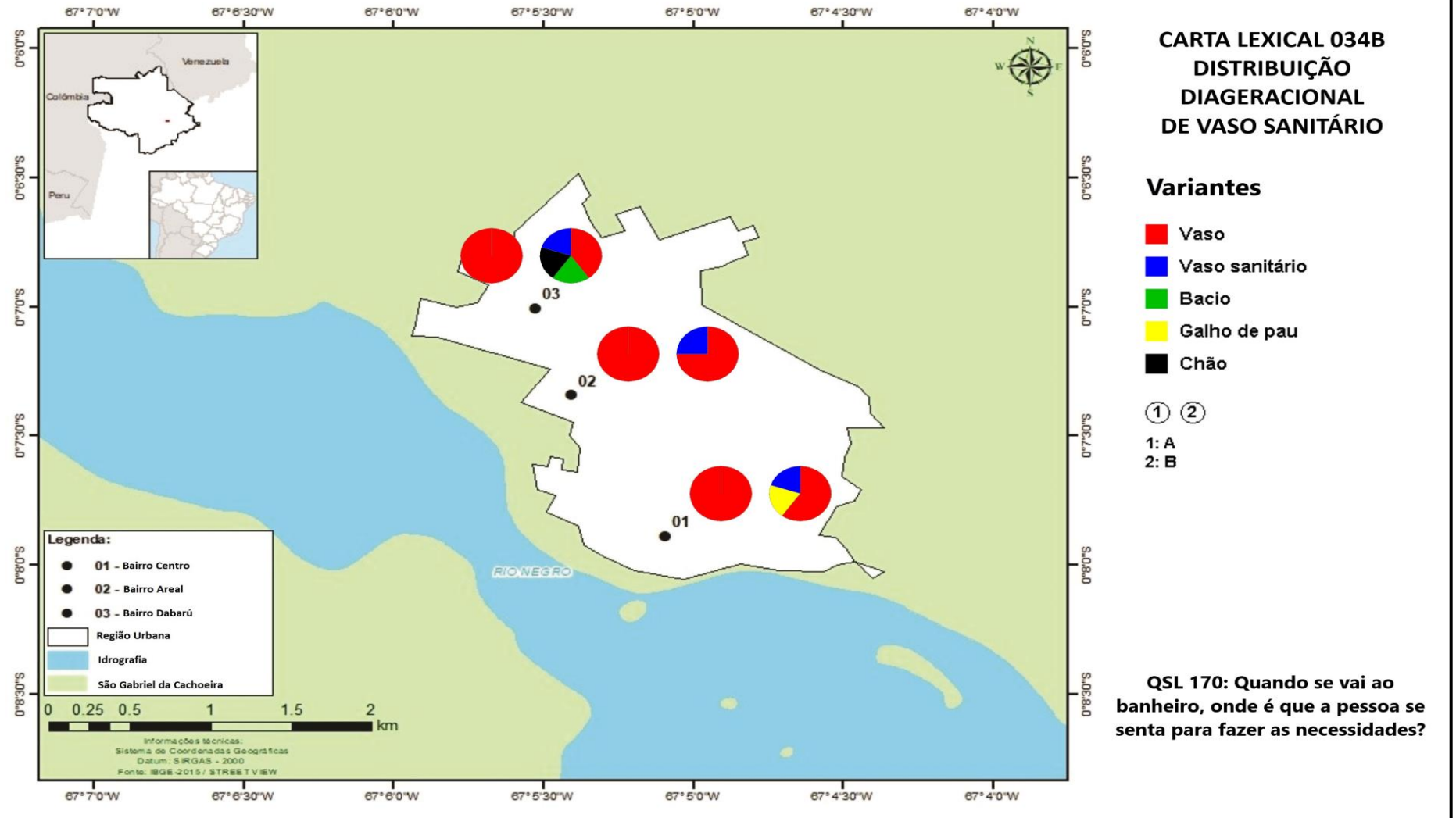
- Vaso
- Vaso sanitário
- Bacio
- Galho de pau
- Chão

① ②

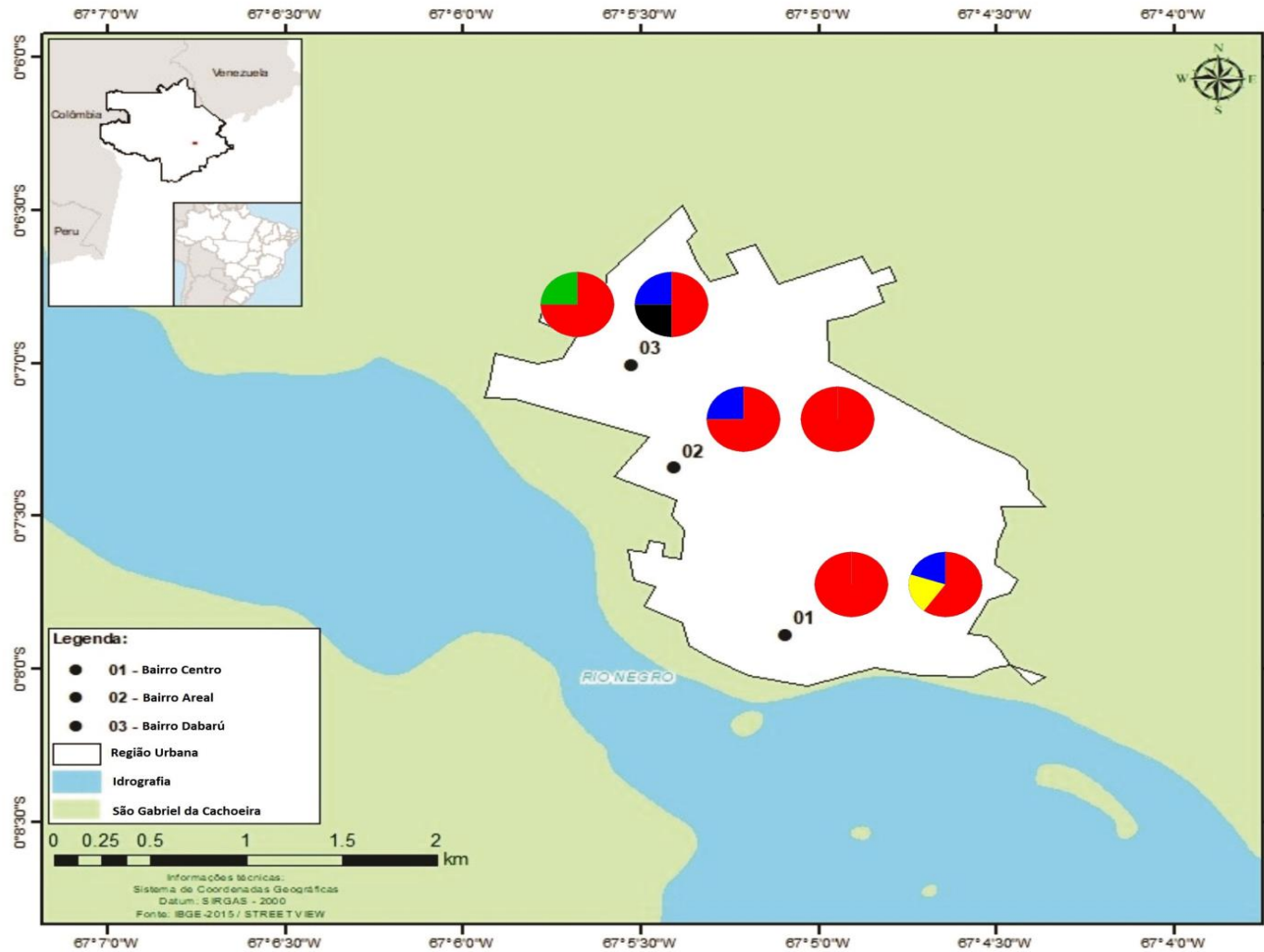
1: F
2: M

QSL 170: Quando se vai ao banheiro, onde é que a pessoa se senta para fazer as necessidades?

MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



CARTA LEXICAL 034C DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA DE VASO SANITÁRIO

Variantes

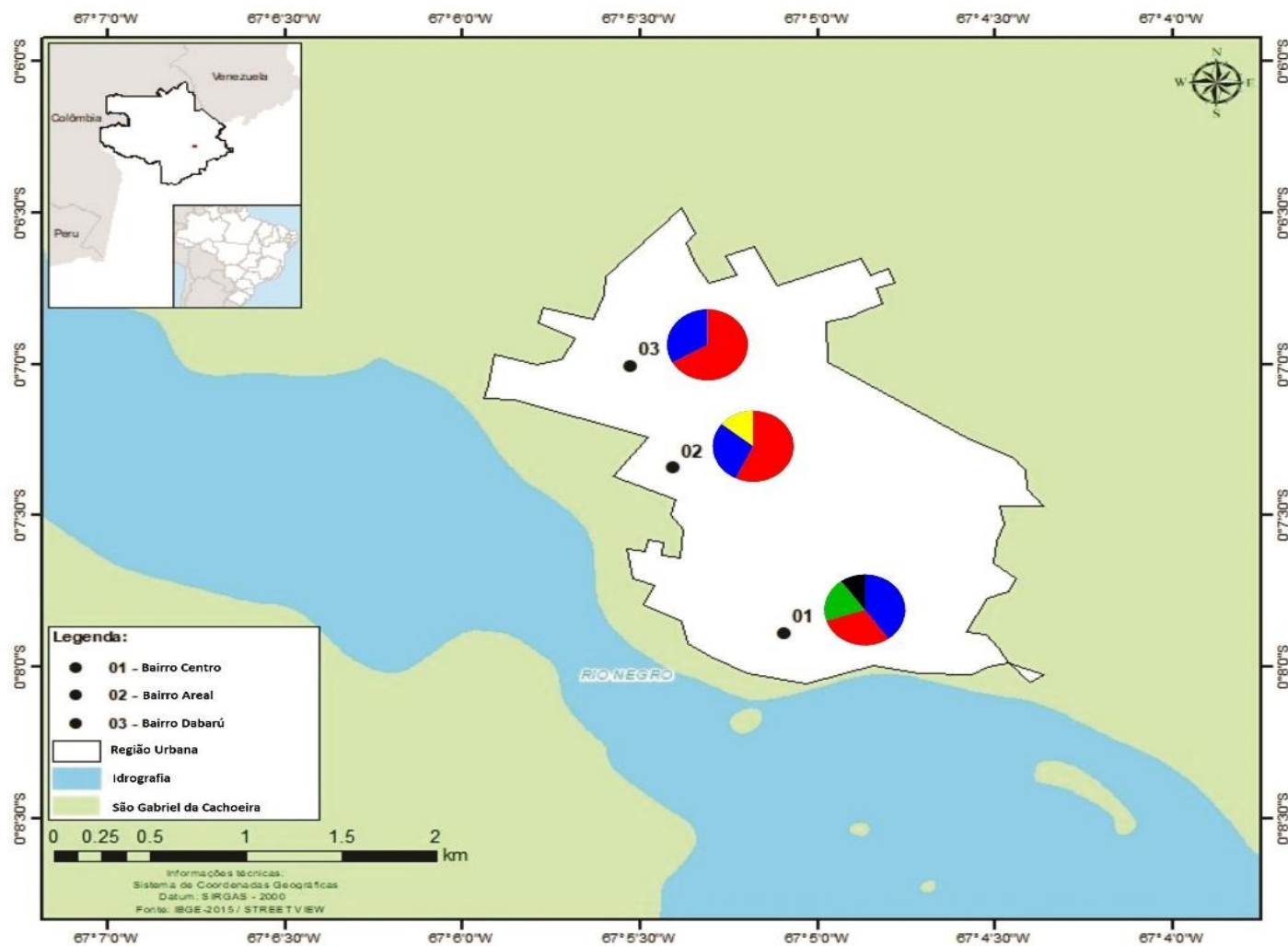
- Vaso
- Vaso sanitário
- Bacio
- Galho de pau
- Chão

① ②

1: 1
2: 2

QSL 170: Quando se vai ao banheiro, onde é que a pessoa se senta para fazer as necessidades?

MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



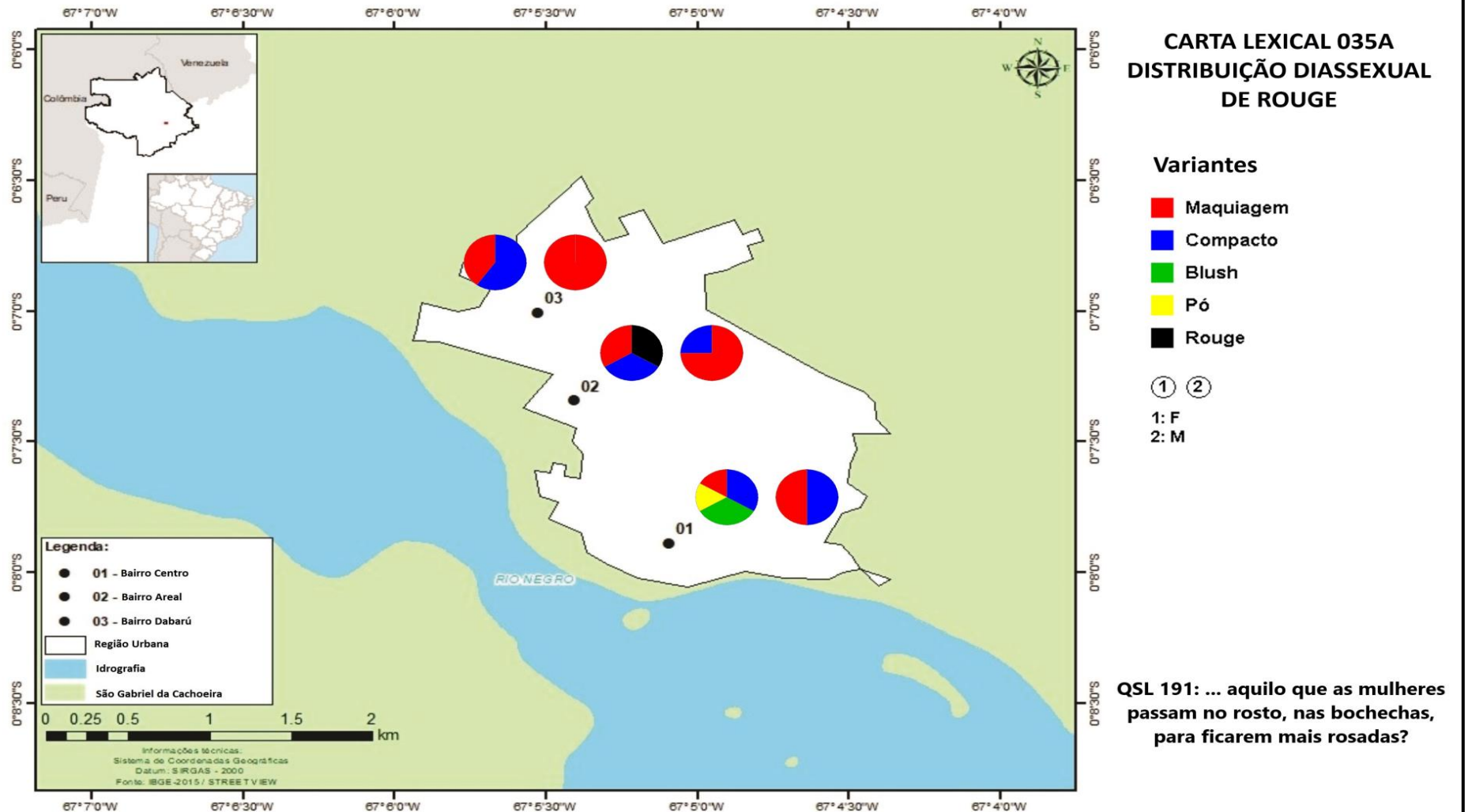
CARTA LEXICAL 035 DENOMINAÇÕES PARA ROUGE

Variantes

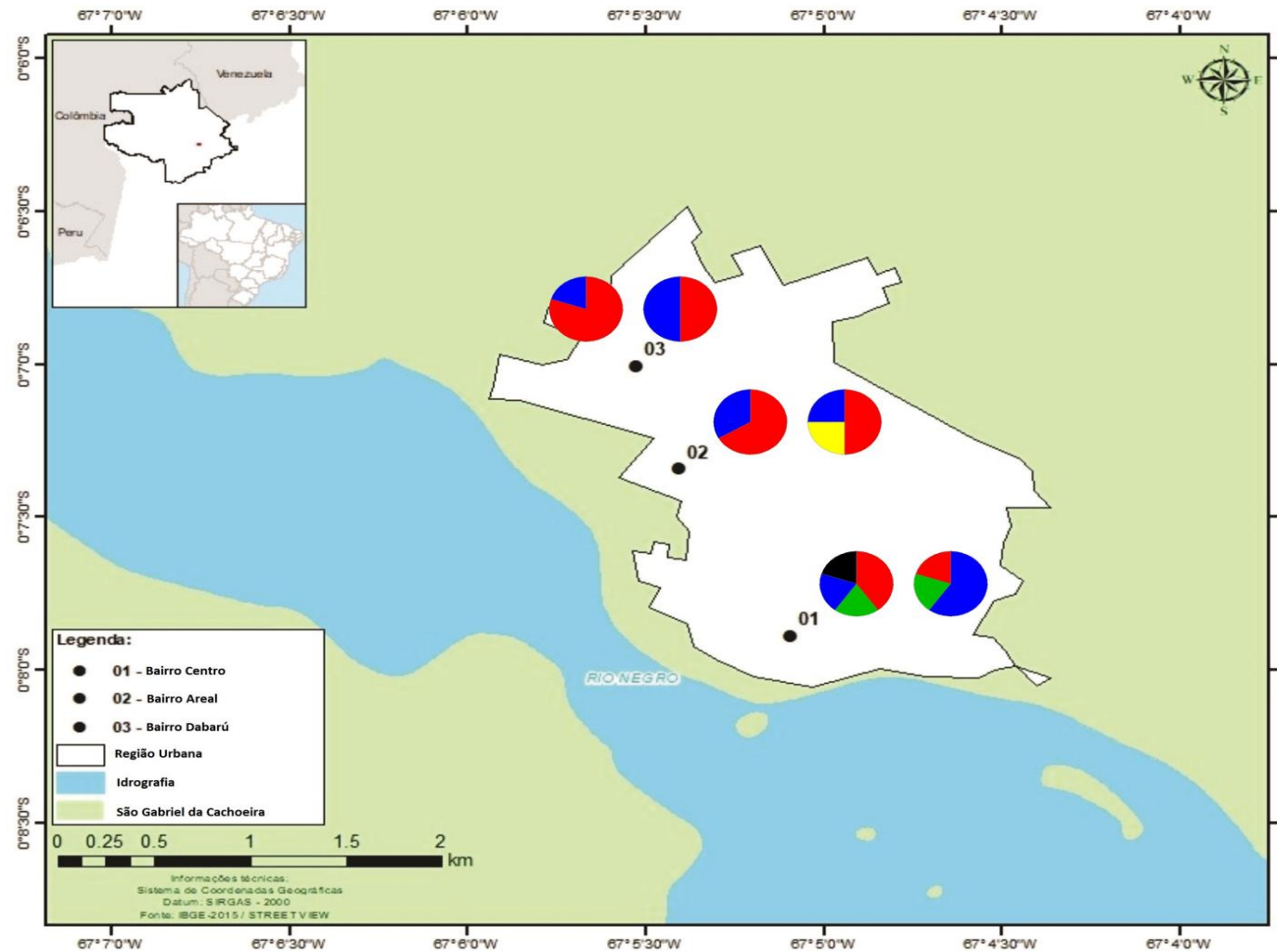
- Maquiagem
- Compacto
- Blush
- Rouge
- Pó

**QSL 191: ... aquilo que as mulheres
passam no rosto, nas bochechas,
para ficarem mais rosadas?**

MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



CARTA LEXICAL 035B DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL DE ROUGE

Variantes

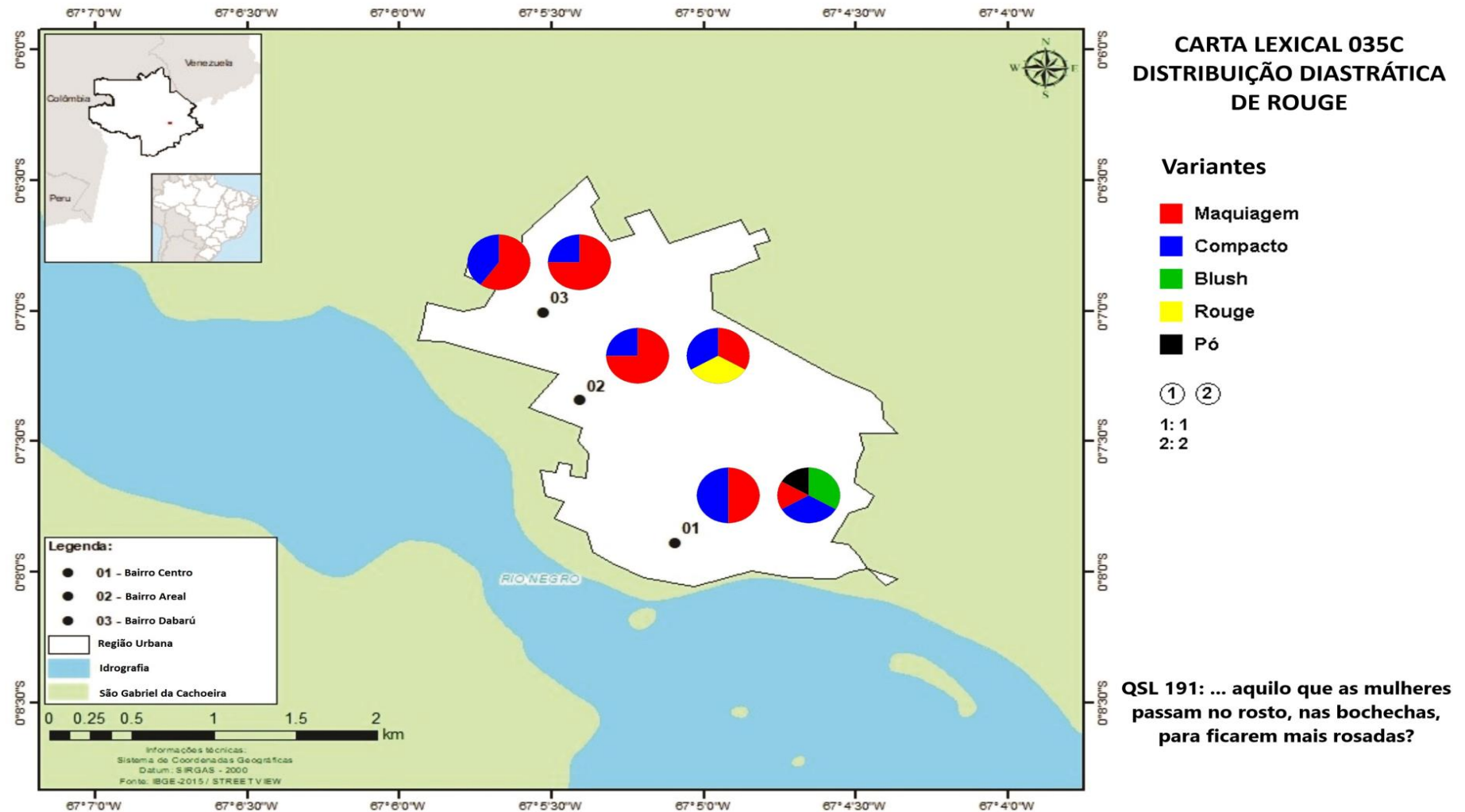
- Maquiagem
- Compacto
- Blush
- Rouge
- Pó

① ②

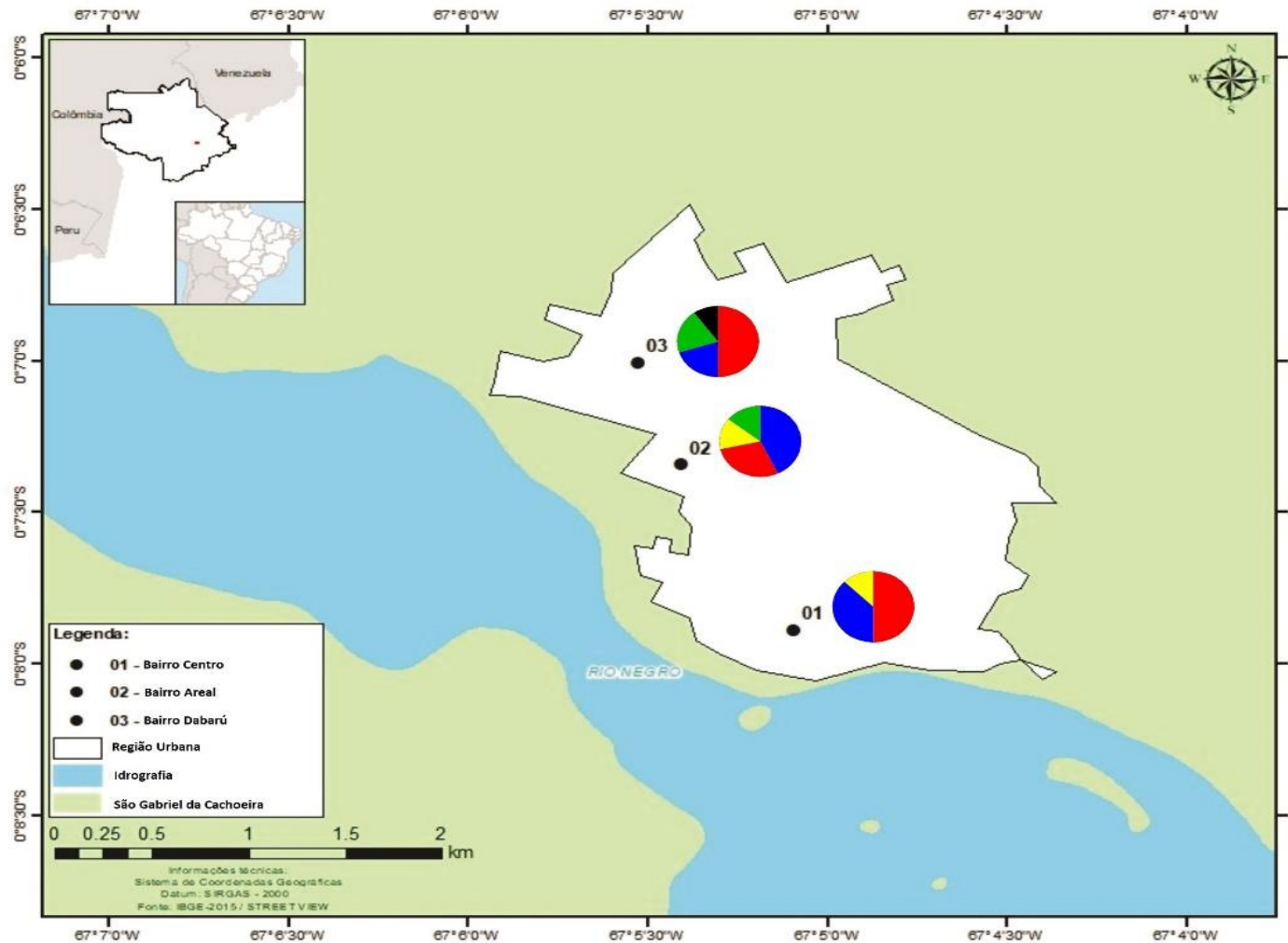
1: A
2: B

QSL 191: ... aquilo que as mulheres
passam no rosto, nas bochechas,
para ficarem mais rosadas?

MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



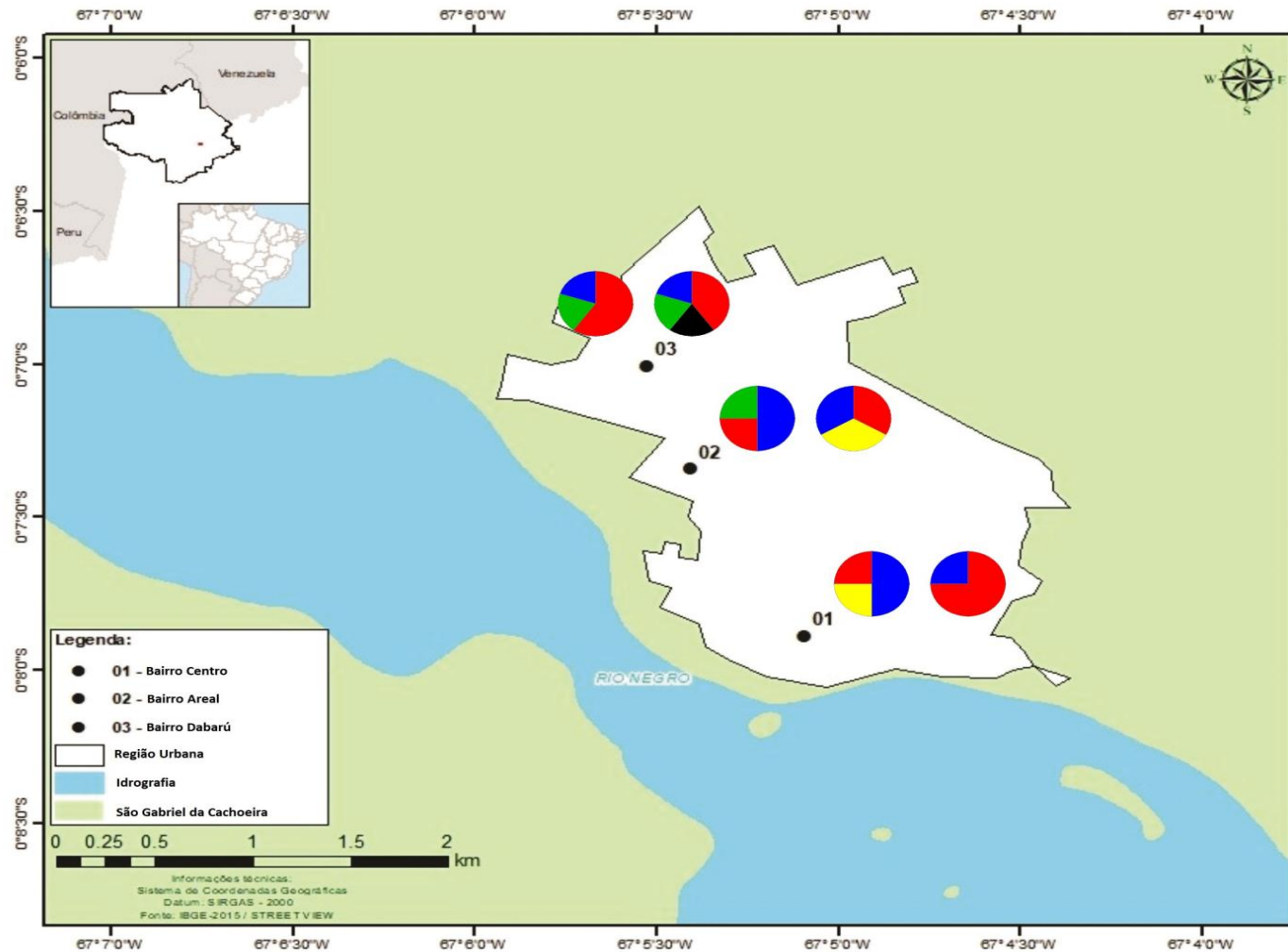
CARTA LEXICAL 036 DENOMINAÇÕES PARA SINALEIRO

Variantes

- Semáforo
- Sinal de trânsito
- Sinal
- Sinaleiro
- Sinalização

QSL 194: Na cidade, o que costuma ter em cruzamentos movimentados, com luz vermelha, verde e amarela?

MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



CARTA LEXICAL 036A DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL DE SINALEIRO

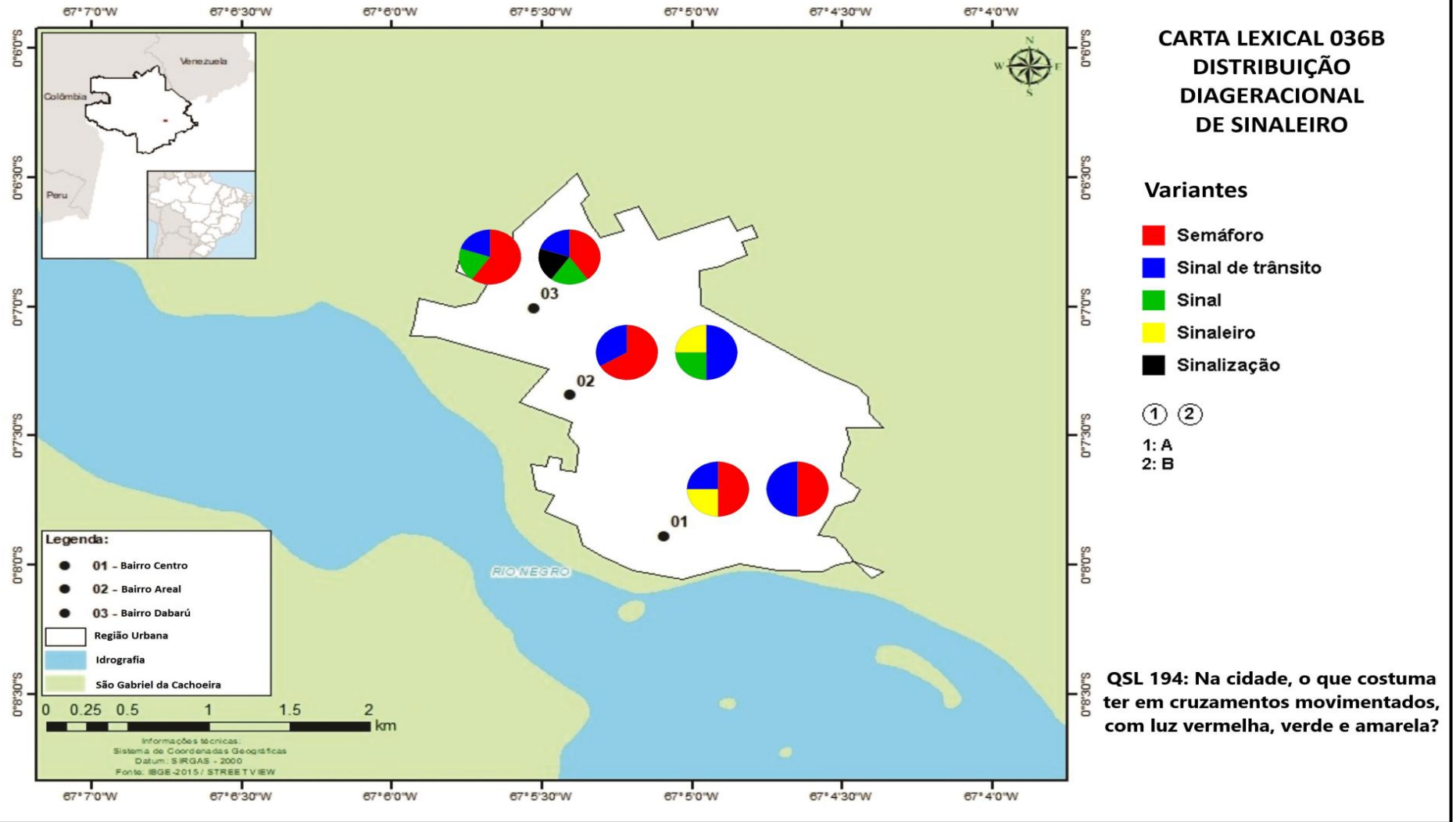
Variantes

- Semáforo
- Sinal de trânsito
- Sinal
- Sinaletiro
- Sinalização

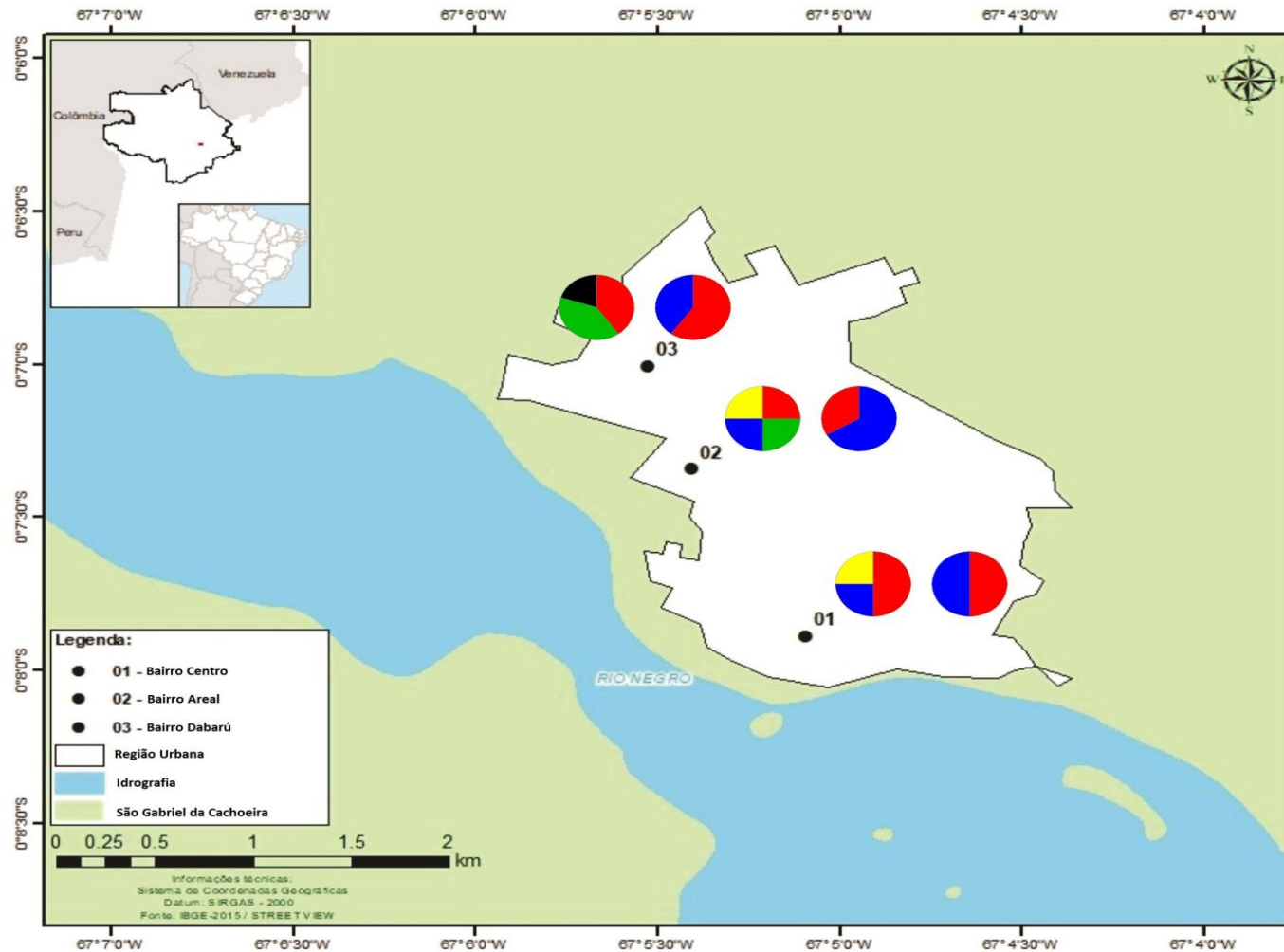
- ① ②
 1: F
 2: M

QSL 194: Na cidade, o que costuma ter em cruzamentos movimentados, com luz vermelha, verde e amarela?

MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



CARTA LEXICAL 036C DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA DE SINALEIRO

Variantes

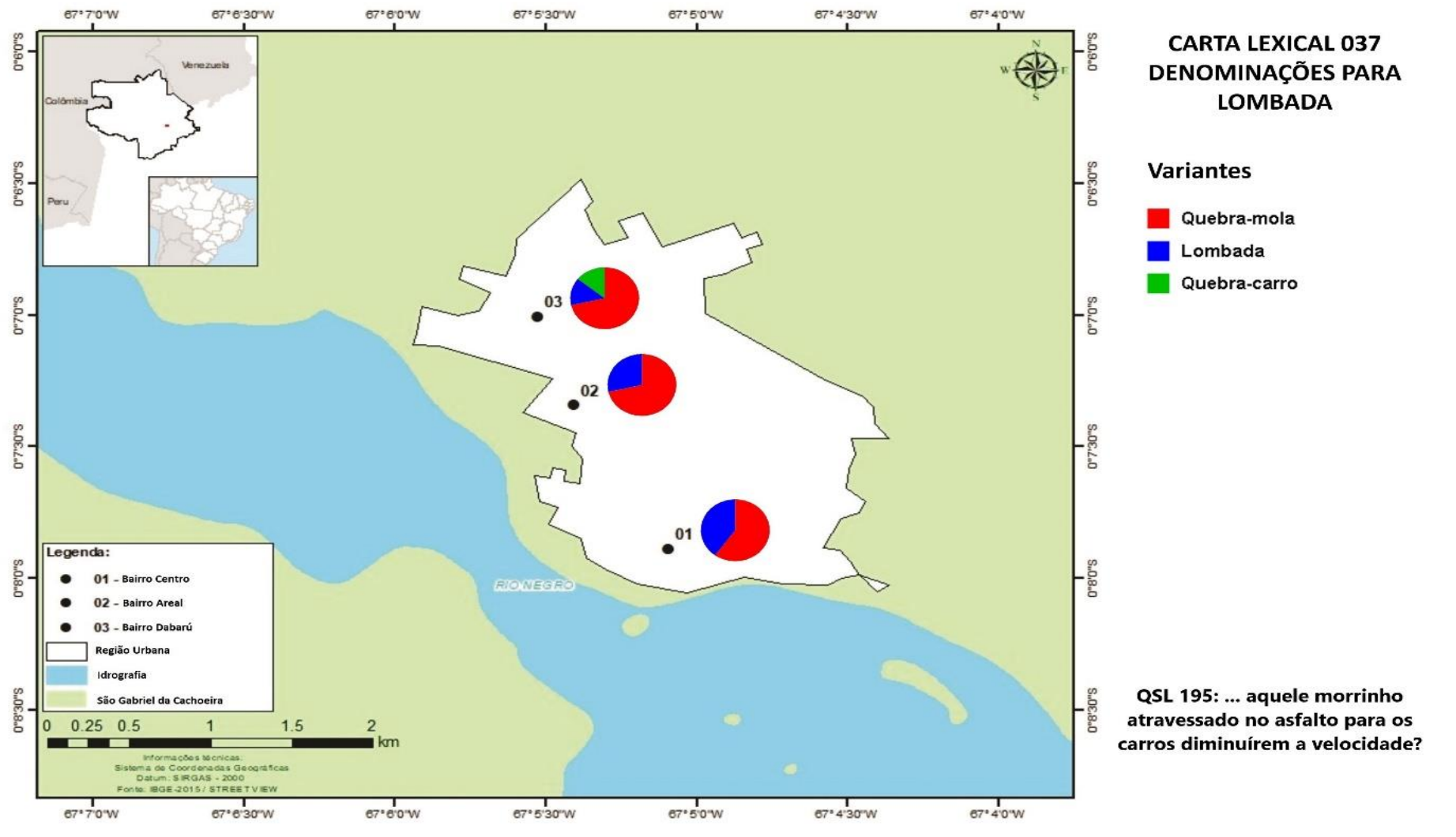
- Semáforo
- Sinal de trânsito
- Sinal
- Sinaleiro
- Sinalização

① ②

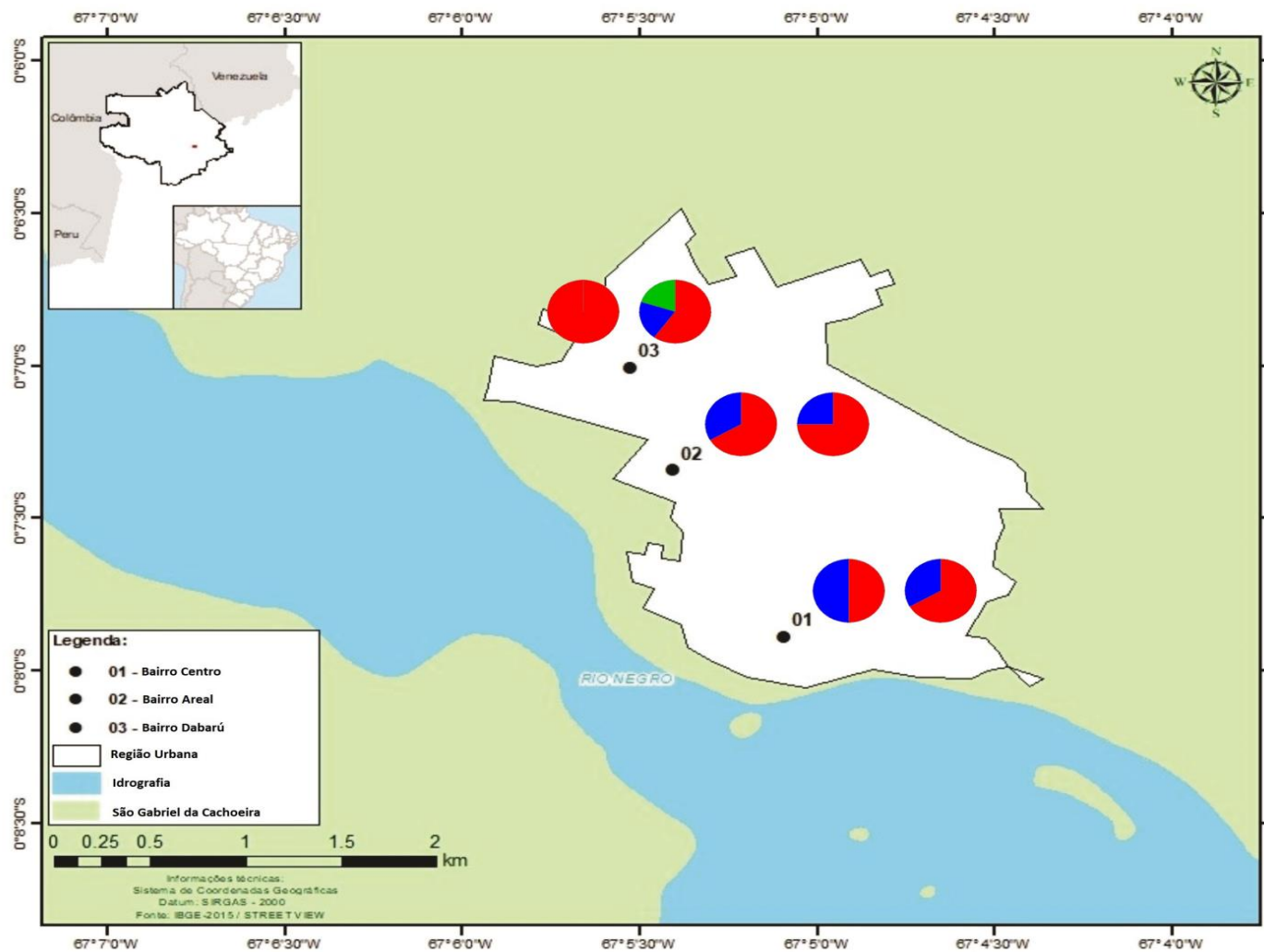
1: 1
2: 2

QSL 194: Na cidade, o que costuma ter em cruzamentos movimentados, com luz vermelha, verde e amarela?

MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



CARTA LEXICAL 037A DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL DE LOMBADA

Variantes

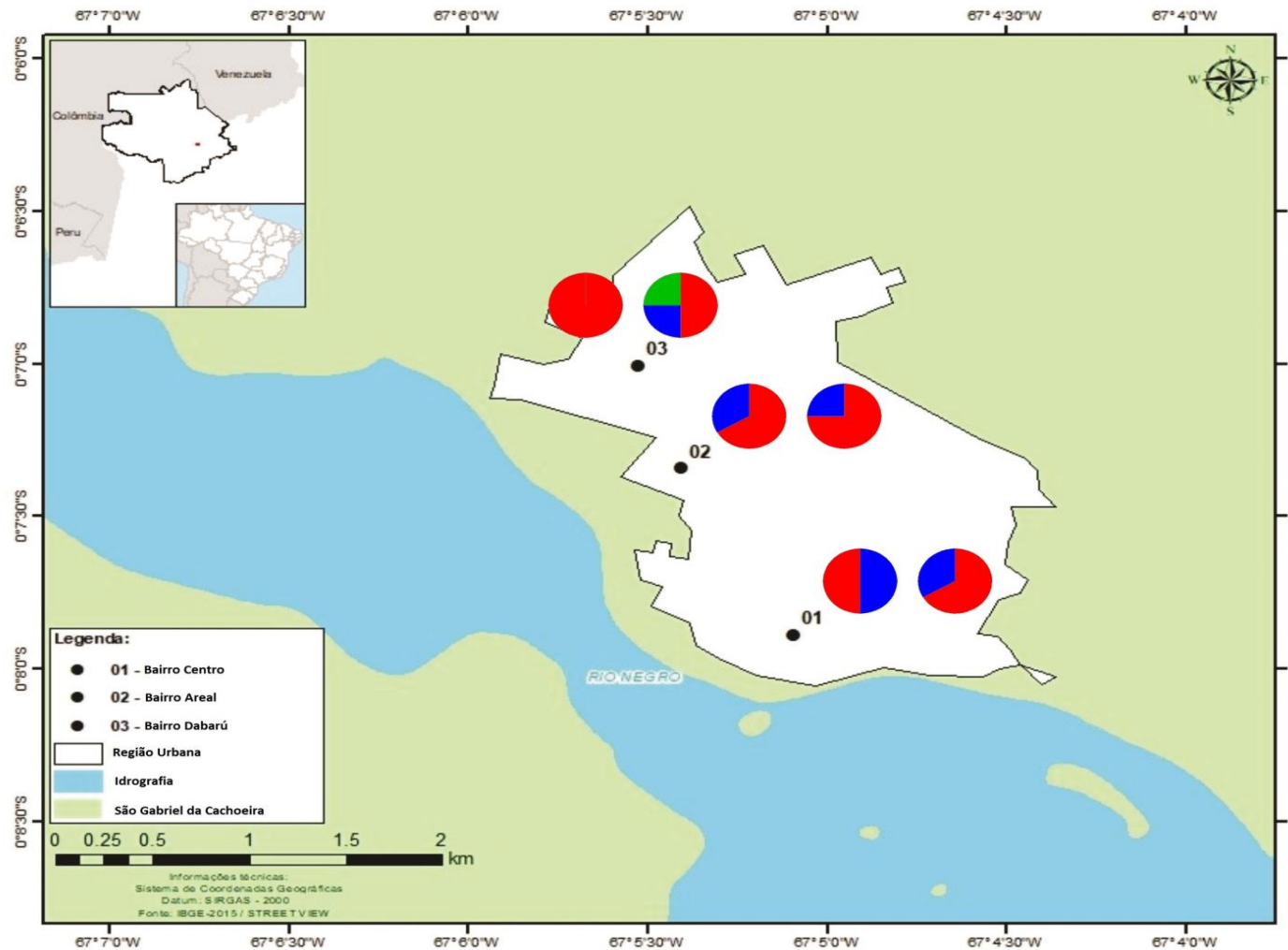
- Quebra-mola
- Lombada
- Quebra-carro

① ②

1: F
2: M

**QSL 195: ... aquele morrinho
atravessado no asfalto para os
carros diminuïrem a velocidade?**

MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



CARTA LEXICAL 037B DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL DE LOMBADA

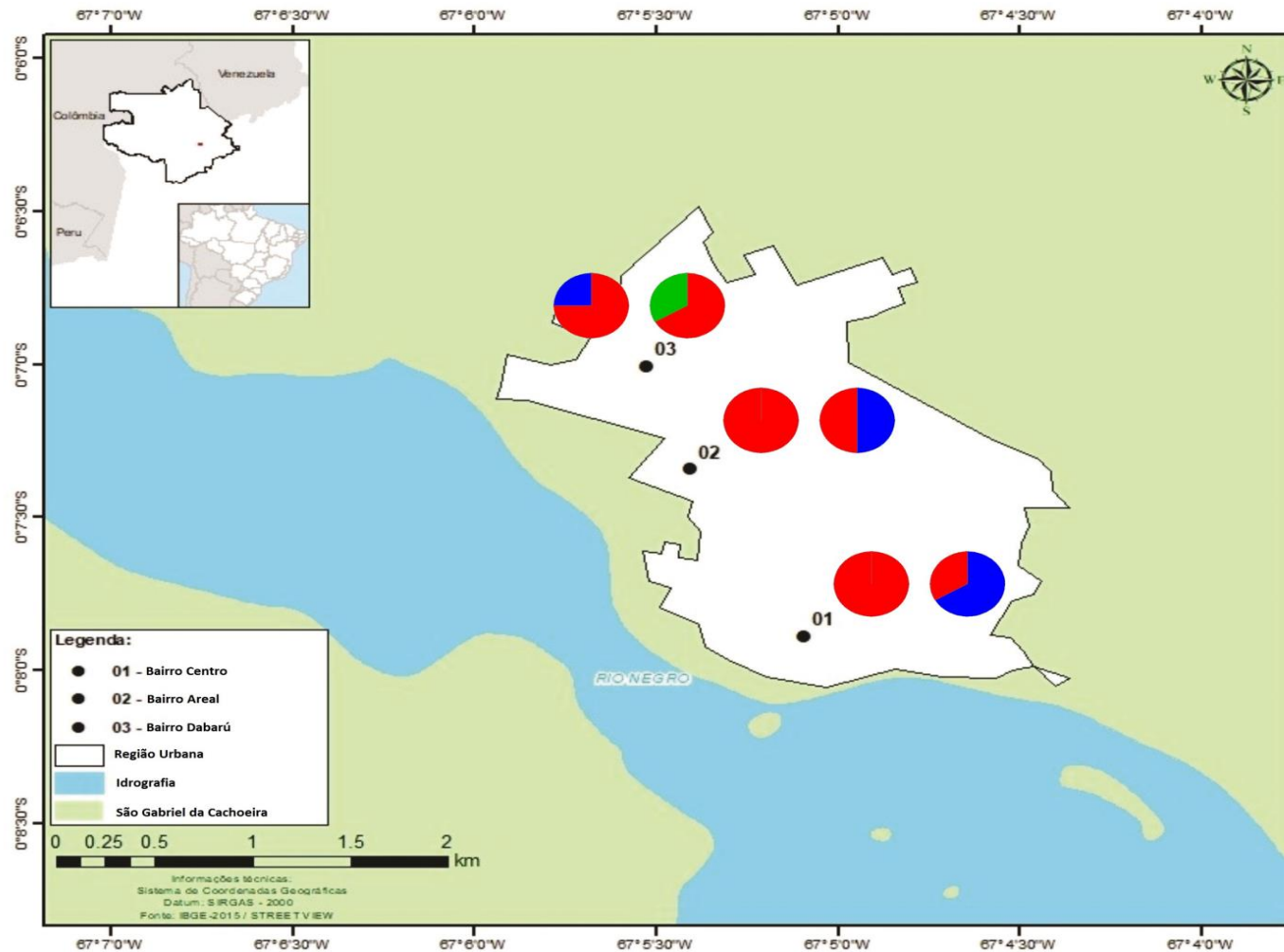
Variantes

- Quebra-mola
- Lombada
- Quebra-carro

- ① ②
1: A
2: B

QSL 195: ... aquele morrinho
atravessado no asfalto para os
carros diminuírem a velocidade?

MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



CARTA LEXICAL 037C DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA DE LOMBADA

Variantes

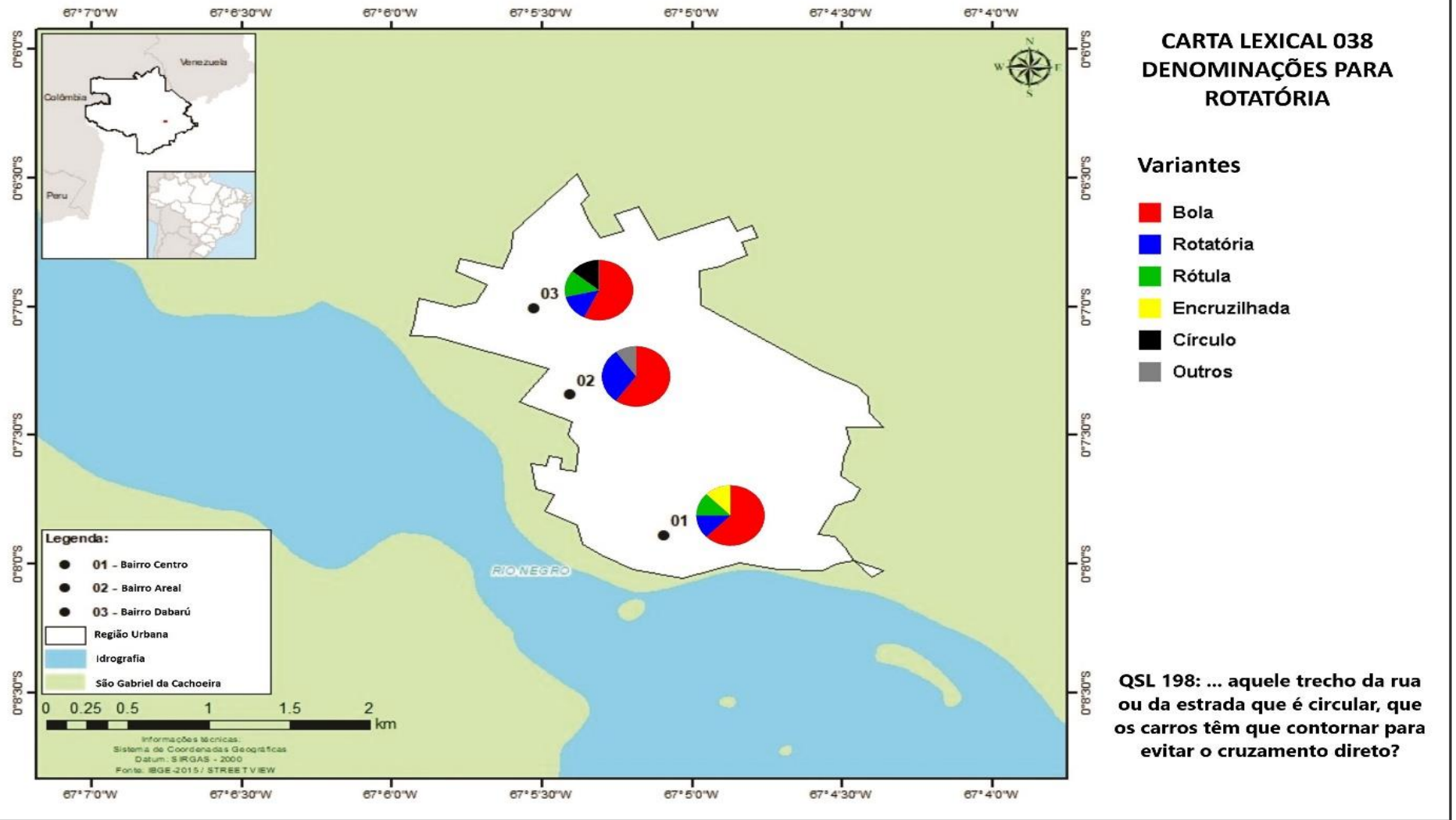
- Quebra-mola
- Lombada
- Quebra-carro

① ②

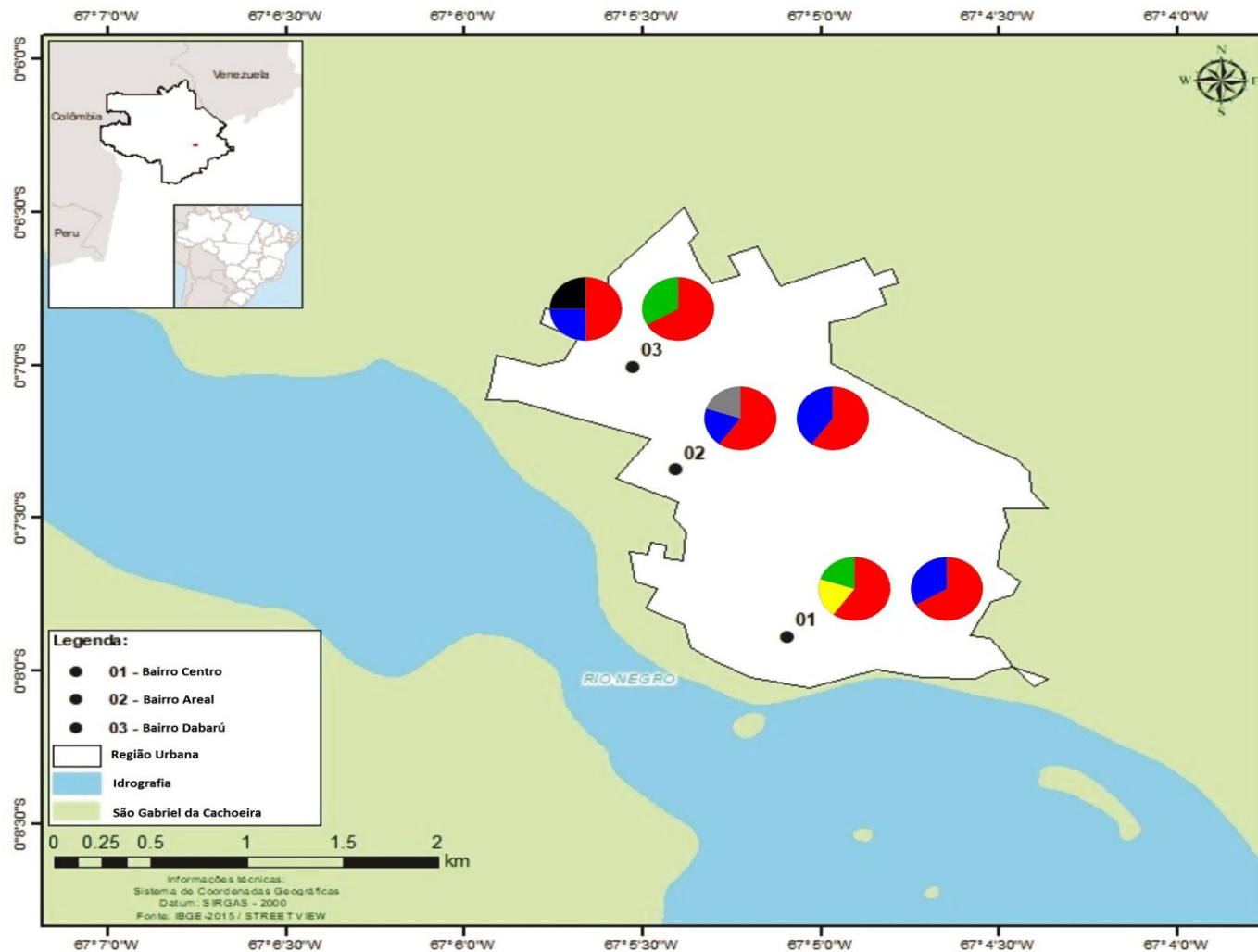
1: 1
2: 2

**QSL 195: ... aquele morrinho
atravessado no asfalto para os
carros diminuírem a velocidade?**

MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



CARTA LEXICAL 038A DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL DE ROTATÓRIA

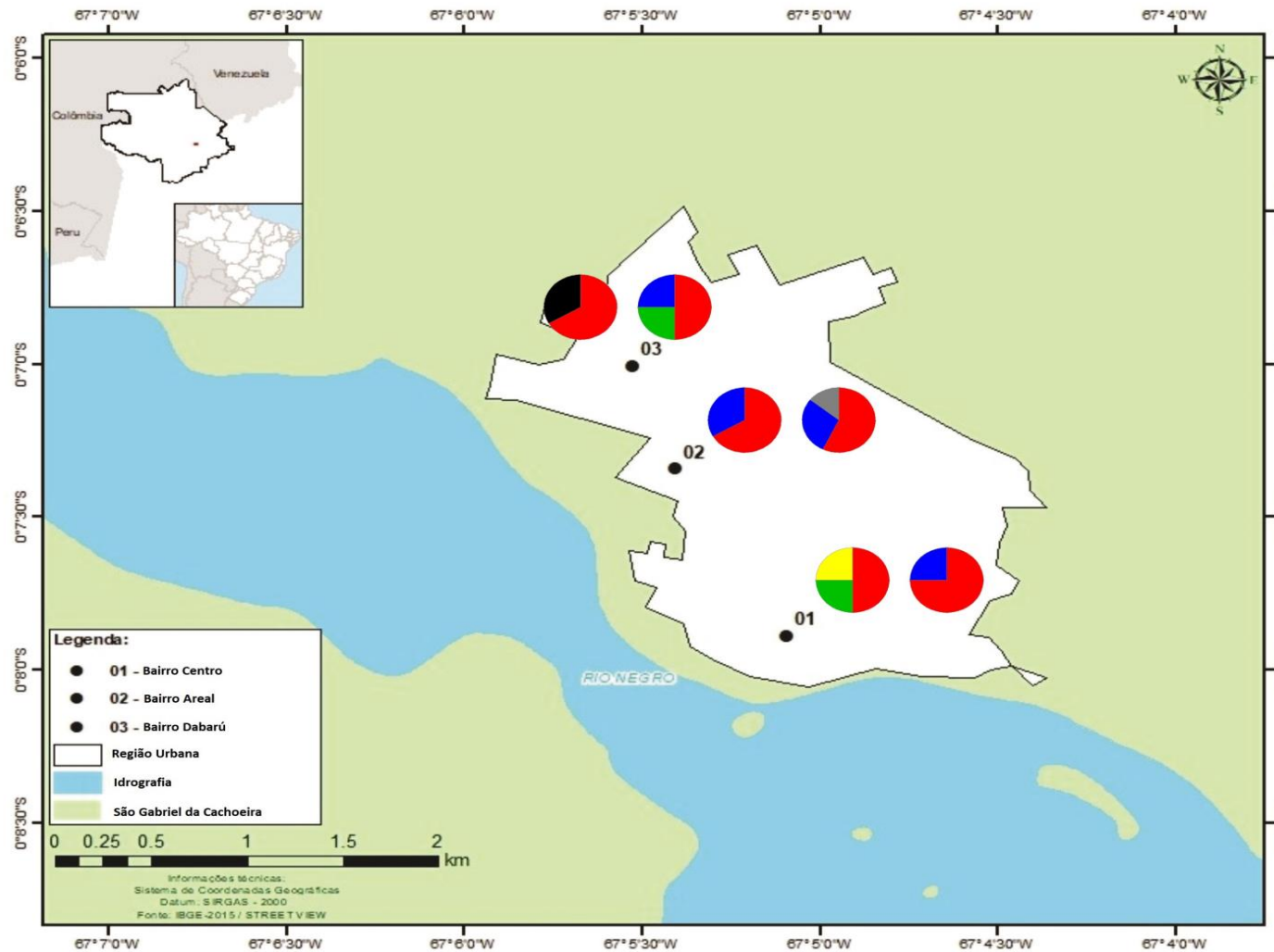
Variantes

- Bola
- Rotatória
- Rótula
- Encruzilhada
- Círculo
- Outros

- ① ②
 1: F
 2: M

QSL 198: ... aquele trecho da rua ou da estrada que é circular, que os carros têm que contornar para evitar o cruzamento direto?

MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



CARTA LEXICAL 038B DISTRIBUIÇÃO DIAGRAMACIONAL DE ROTATÓRIA

Variantes

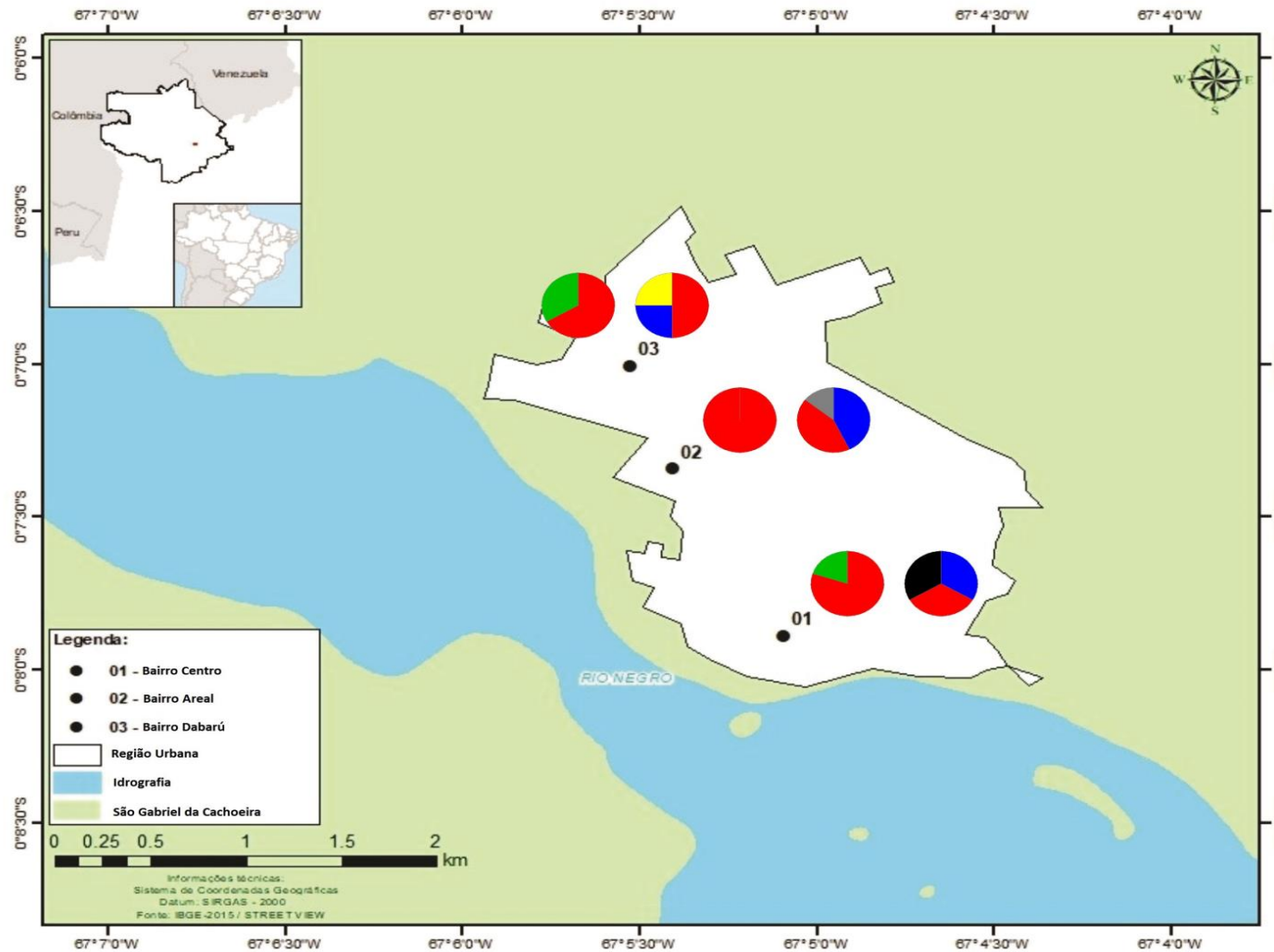
- Bola
- Rotatória
- Rótula
- Encruzilhada
- Círculo
- Outros

① ②

1: A
2: B

QSL 198: ... aquele trecho da rua ou da estrada que é circular, que os carros têm que contornar para evitar o cruzamento direto?

MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



CARTA LEXICAL 038C DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA DE ROTATÓRIA

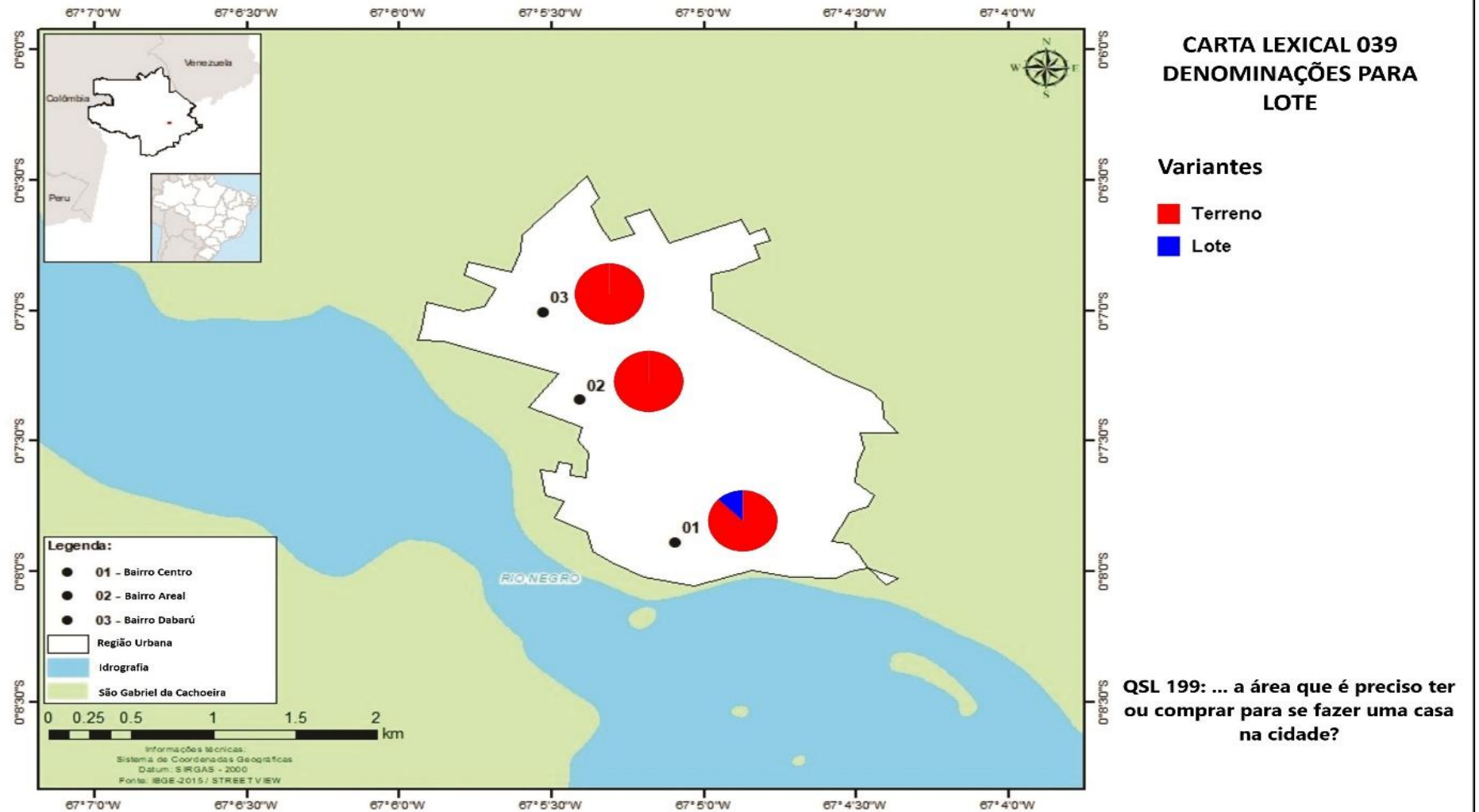
Variantes

- Bola
- Rotatória
- Rótula
- Círculo
- Encruzilhada
- Outros

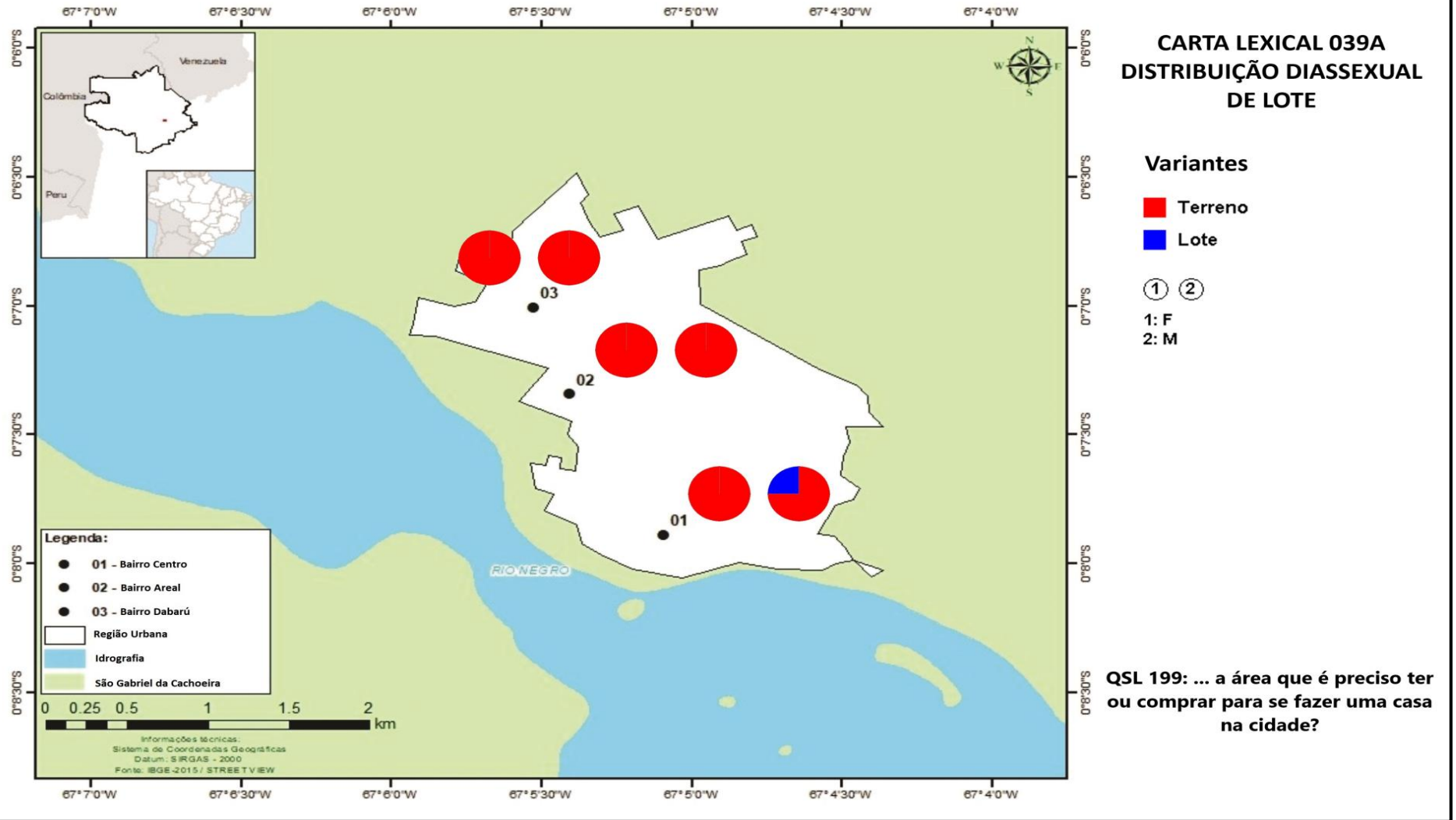
- ① ②
 1: 1
 2: 2

QSL 198: ... aquele trecho da rua ou da estrada que é circular, que os carros têm que contornar para evitar o cruzamento direto?

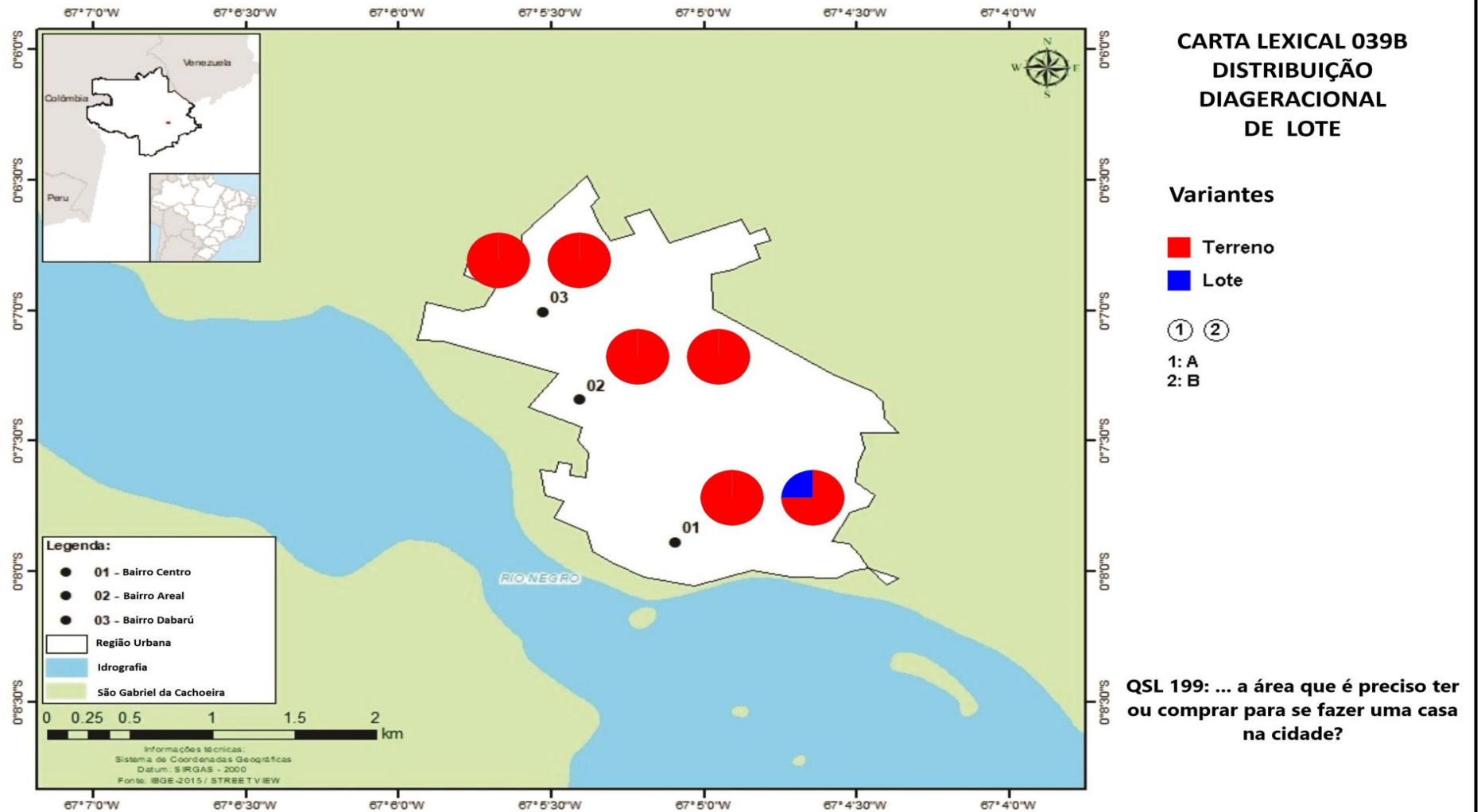
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



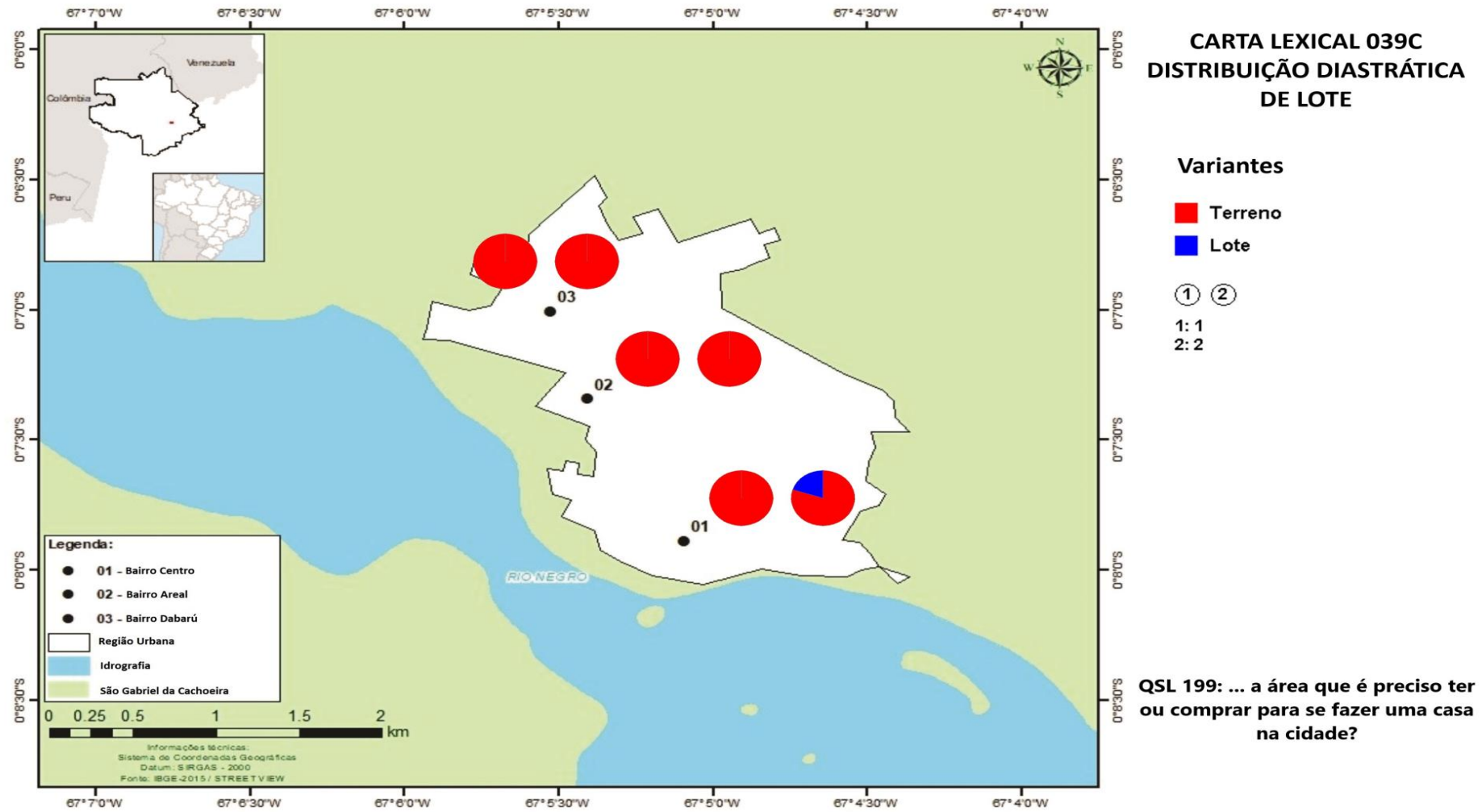
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



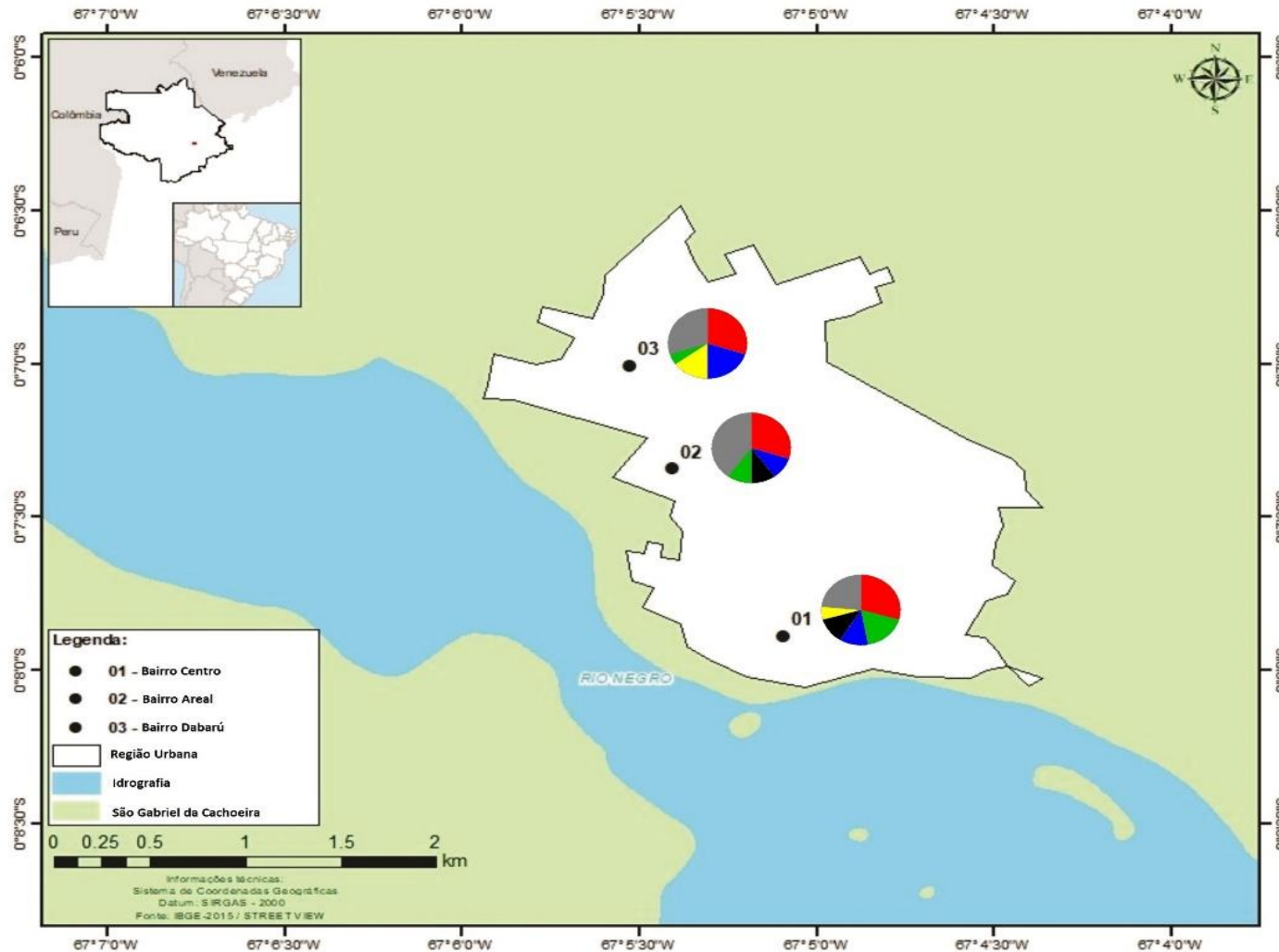
MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



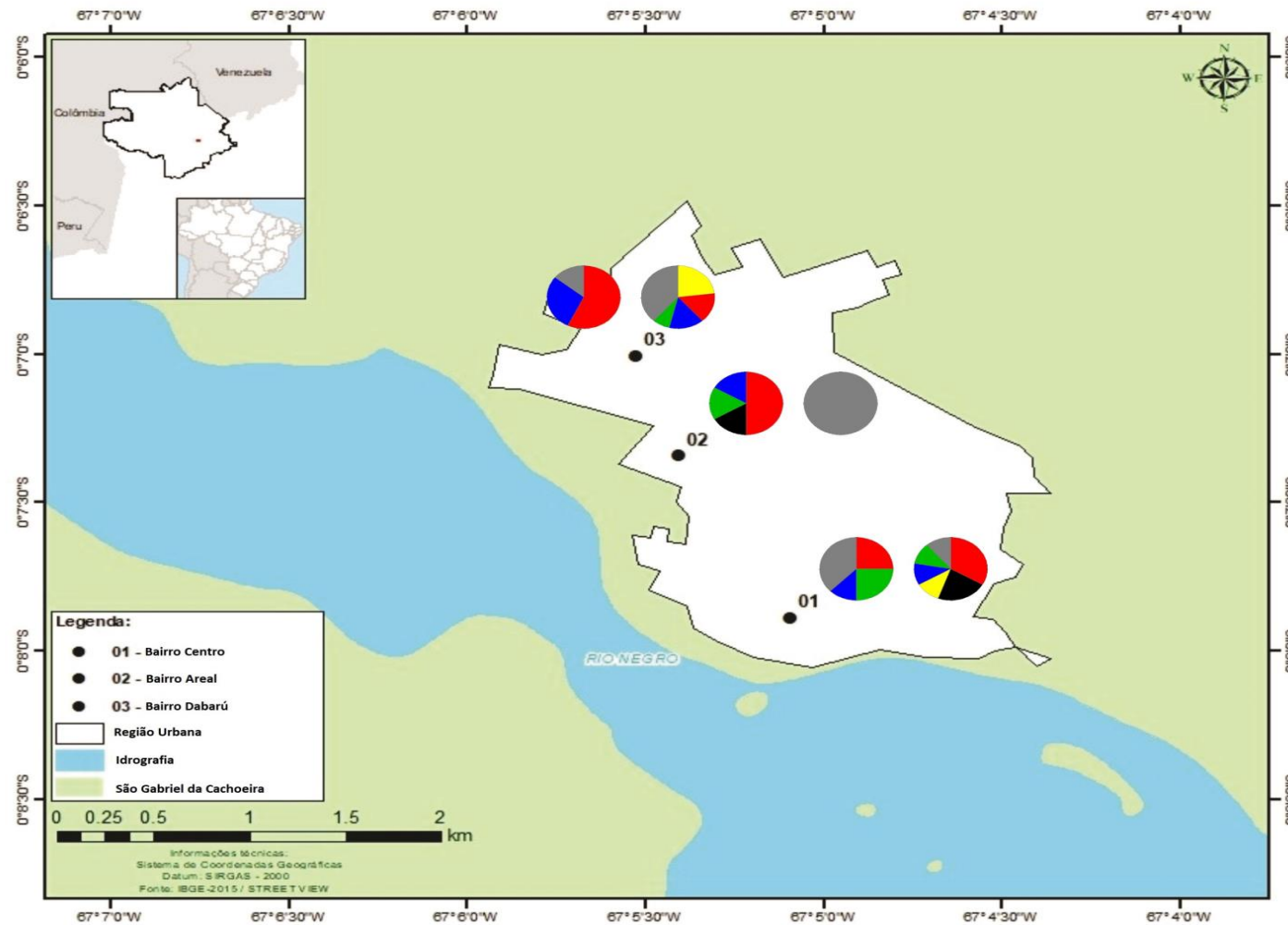
CARTA LEXICAL 040 DENOMINAÇÕES PARA ÔNIBUS INTERURBANO

Variantes

- Barco
- Trem
- Avião
- Ônibus
- Recreio
- Outros

QSL 201: ... a condução que leva mais ou menos quarenta passageiros de uma cidade para outra?

MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



CARTA LEXICAL 040A DISTRIBUIÇÃO DIASSEXUAL DE ÔNIBUS INTERURBANO

Variantes

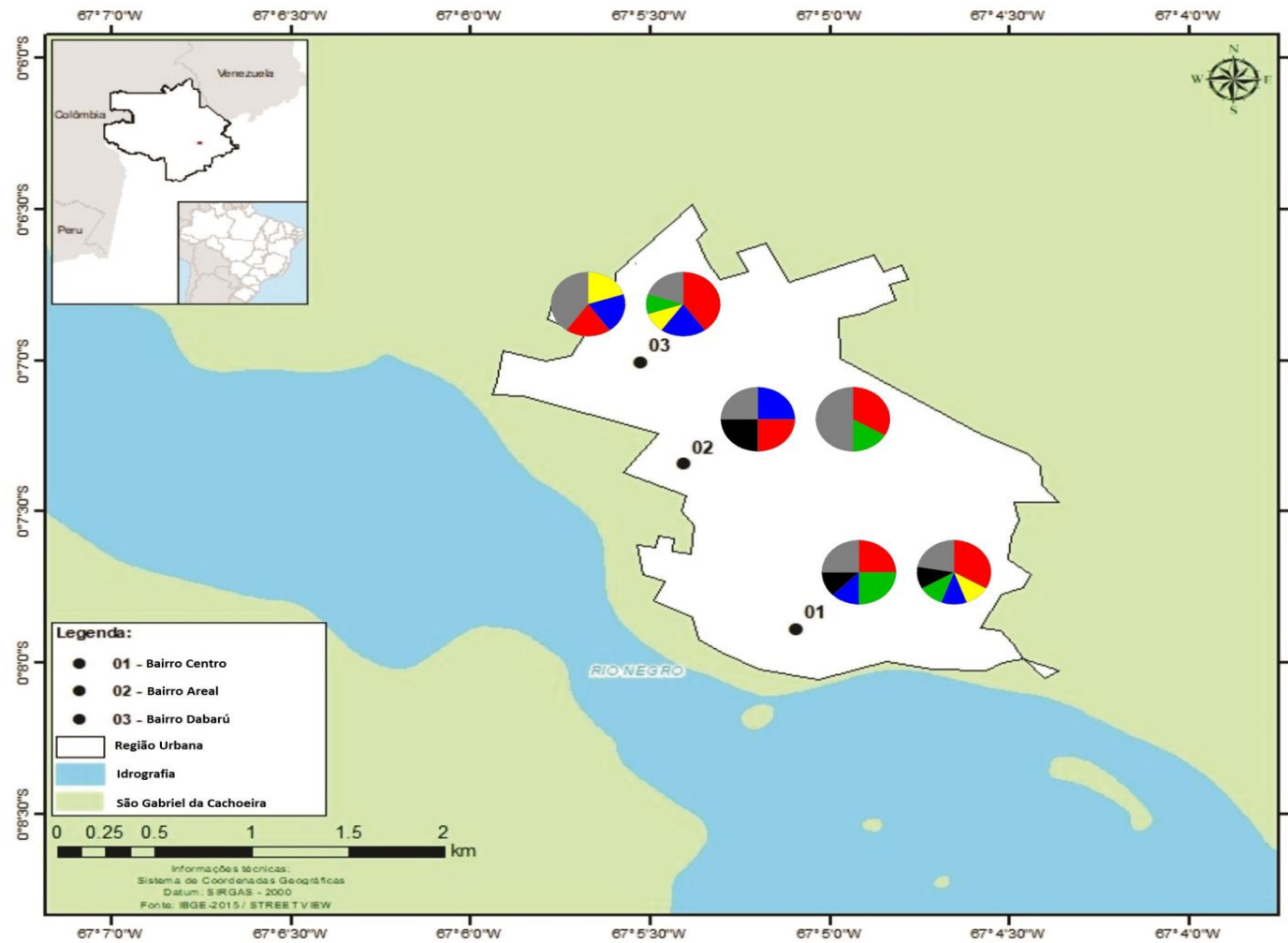
- Barco
- Trem
- Avião
- Ônibus
- Recreio
- Outros

① ②

- 1: F
- 2: M

QSL 201: ... a condução que leva mais ou menos quarenta passageiros de uma cidade para outra?

MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



CARTA LEXICAL 040B DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL DE ÔNIBUS INTERURBANO

Variantes

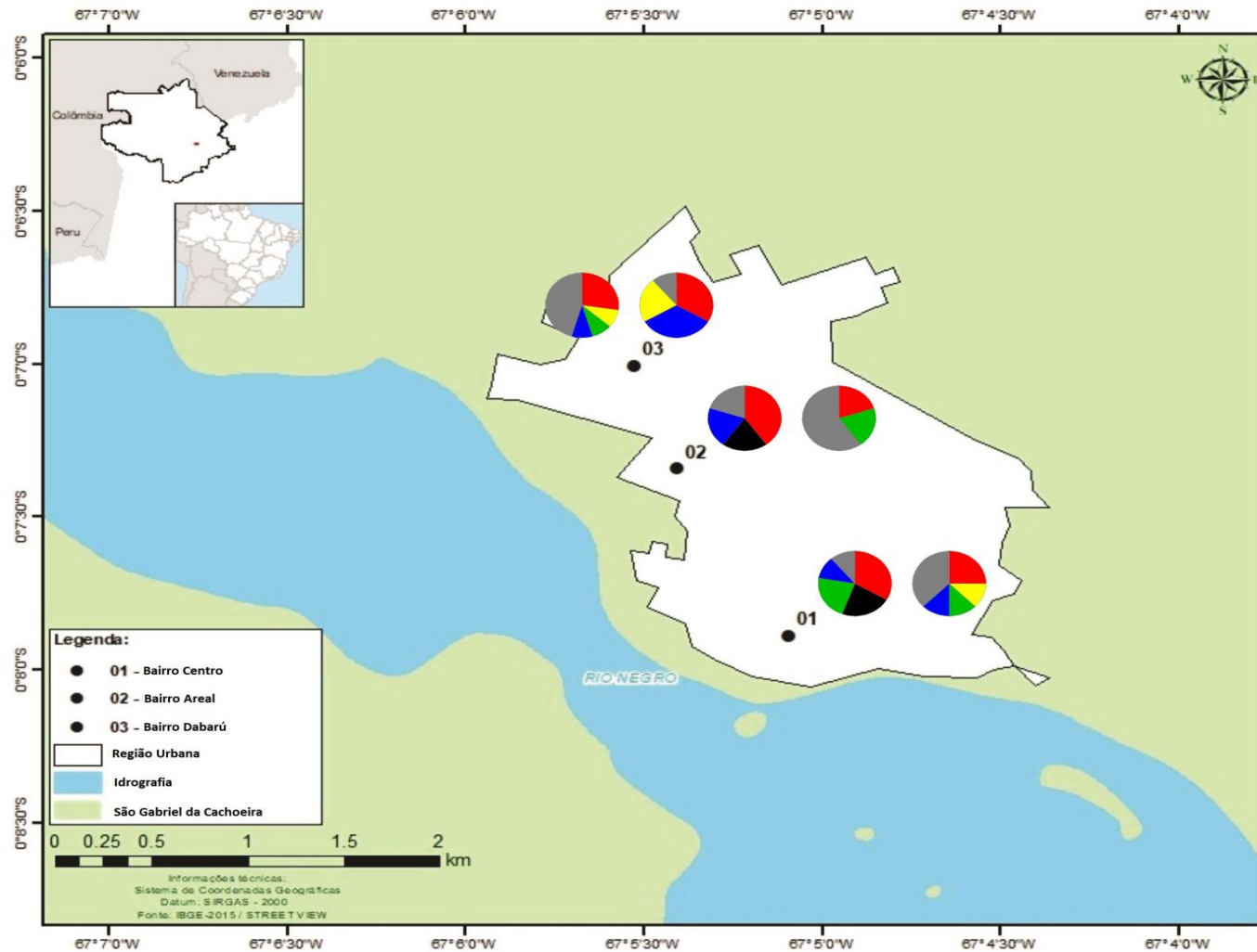
- Barco
- Trem
- Avião
- Ônibus
- Recreio
- Outros

① ②

1: A
2: B

**QSL 201: ... a condução que leva
mais ou menos quarenta
passageiros de uma cidade para
outra?**

MAPEAMENTO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM



CARTA LEXICAL 040C DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA DE ÔNIBUS INTERURBANO

Variantes

- Barco
- Trem
- Avião
- Ônibus
- Recreio
- Outros

① ②

1: 1
2: 2

**QSL 201: ... a condução que leva
mais ou menos quarenta
passageiros de uma cidade para
outra?**

